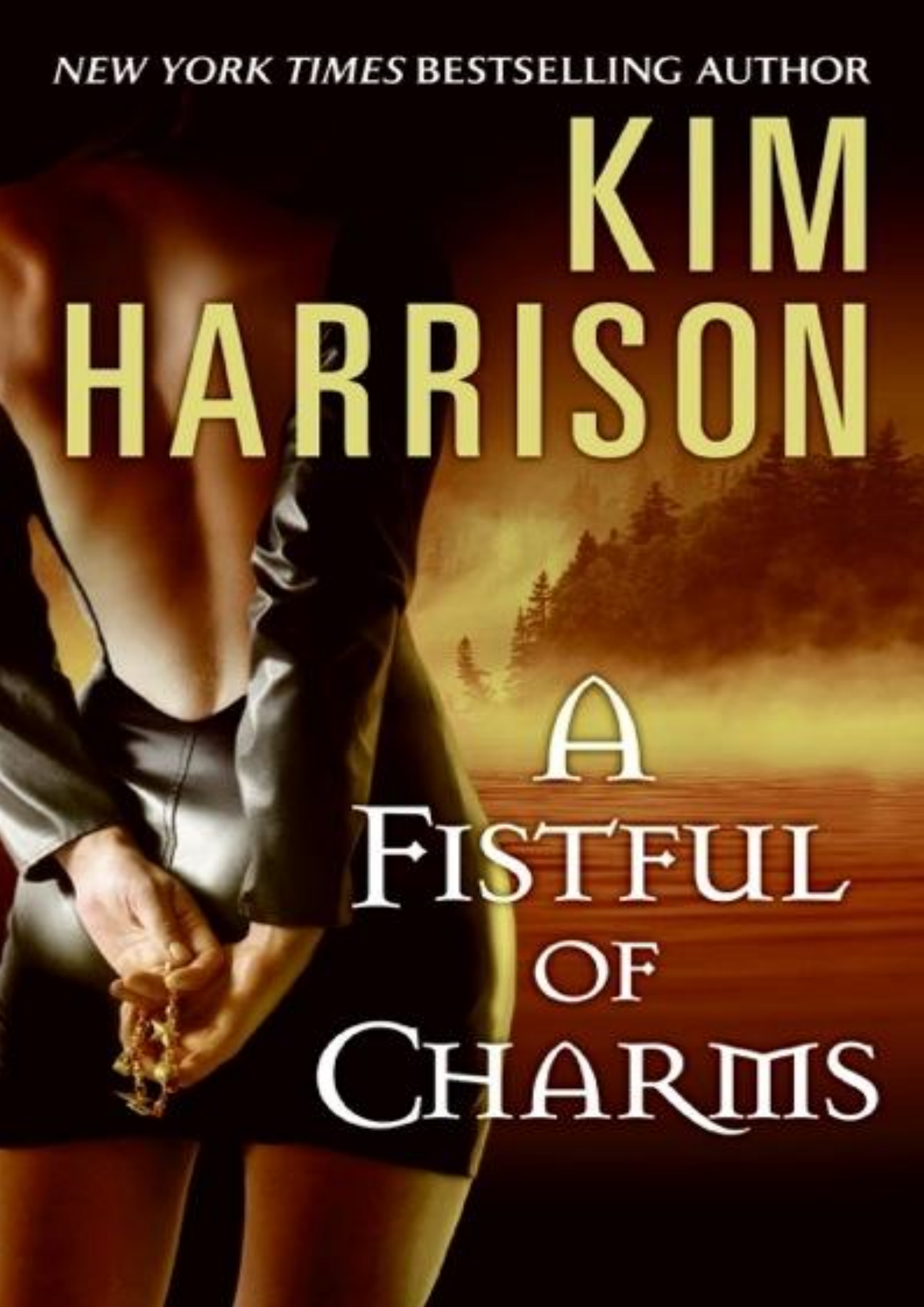


NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

KIM
HARRISON

A
FISTFUL
OF
CHARMS

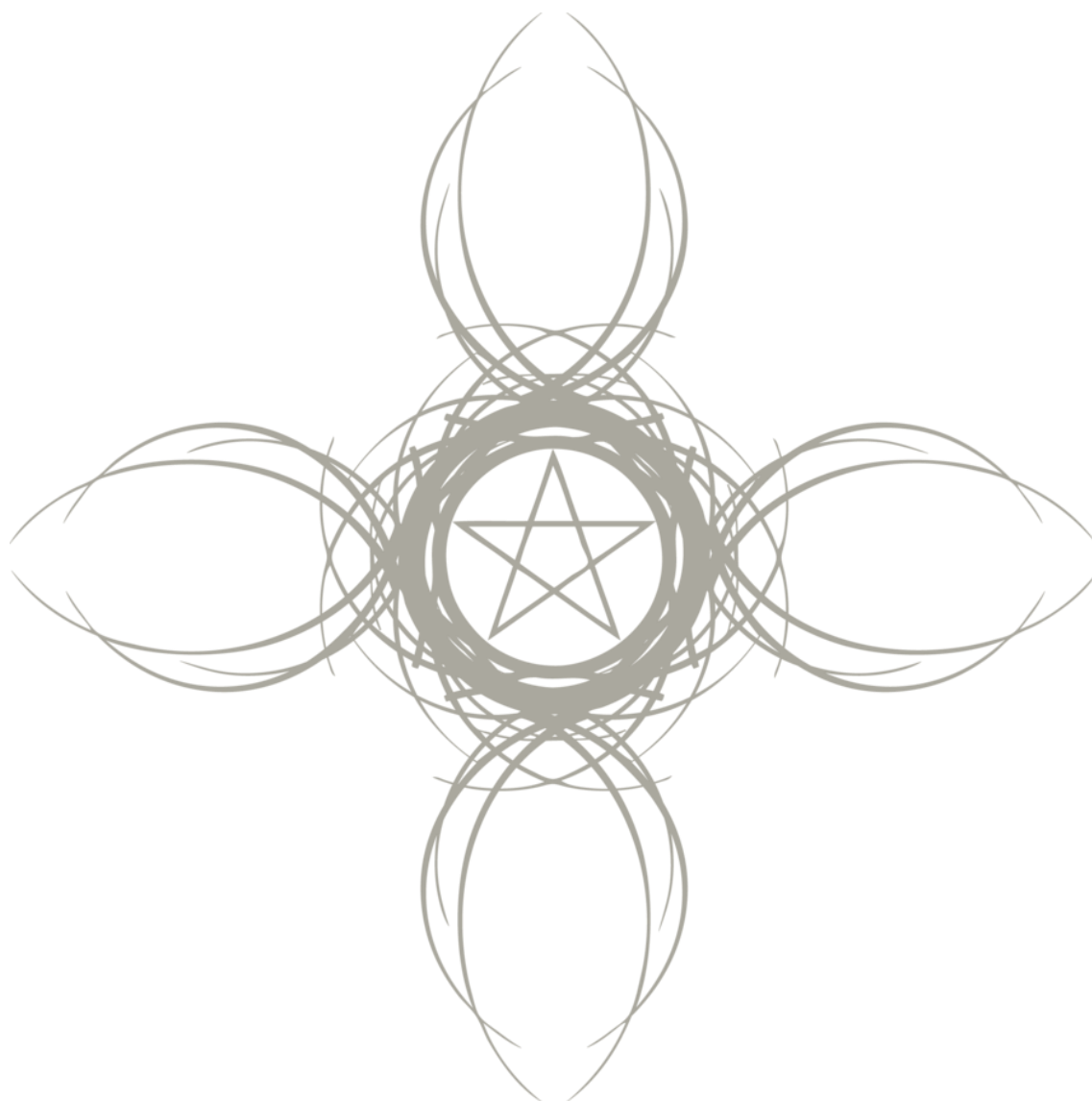


A FISTFUL OF CHARMS

The Hollows 04

KIM HARRISON

*Ao homem que me diz, invariavelmente,
“É sério? Tudo bem,” — em vez de “O que você quer
fazer!?”*





CAPÍTULO 1

O baque surdo da porta do carro do David quando se fechou, ecoou na fachada de pedra do edifício de oito andares ao lado do qual nós tínhamos estacionado. Me apoiando no carro esportivo cinzento, protegi os olhos com a mão e os ergui, semicerrados, para as colunas antigas e de uma bela arquitetura e para os parapeitos com caneluras¹ do prédio. O último andar parecia dourado sob o Sol que se punha, mas ao nível da rua nos mantinha sob a sombra fresca. Cincinnati tinha uma mão cheia de edifícios históricos, na sua maioria abandonados, como parecia ser o caso daquele.

— Tem certeza que é aqui? — perguntei, depois afastei os antebraços do teto do carro dele.

O rio estava próximo, podia sentir o cheiro da mistura de óleo e gasolina dos barcos. O último andar tinha, certamente, uma boa vista. Embora as ruas estivessem limpas, a zona estava sem dúvida, abandonada. Mas com alguma atenção — e muito dinheiro, — podia imaginá-la como um dos mais recentes, bairros residenciais finos da cidade.

¹ Caneluras: são estrias ou sulcos verticais de secção semicircular ao longo do fuste das colunas ou pilares antigos

David descansou a sua pasta de couro gasto, e levou a mão ao bolso de dentro do paletó. Retirando do seu interior algumas folhas de papel, percorreu-o até à última e, em seguida, olhou para a esquina distante e para a placa com o nome da rua.

— Sim, — respondeu, com a voz suave e tensa, mas não preocupada. Puxei as pontas do meu pequeno casaco de couro vermelho, ajeitei a bolsa no ombro e me dirigi para o seu lado do carro, os saltos ressoando no pavimento. Gostava de dizer que tinha calçado as minhas botas de luta por se tratar de um trabalho, mas a verdade é que eu gostava delas. Ficavam bem com os jeans e com a T-shirt preta que eu vestia; além disso, com o boné combinando eu parecia e me sentia, atrevida.

David franziu sobrelanceira perante o meu andar saltitante — ou talvez a minha escolha de vestuário, — assumindo uma expressão de aceitação terna, quando viu que eu sorria silenciosamente. Ele vestia as suas respeitáveis roupas de trabalho, conseguindo, de alguma forma, que o fato das três peças combinasse com o cabelo negro e ondulado, pelos ombros, que tinha prendido com um elástico de cabelo. Já tinha visto algumas vezes ele usar as calças de correr justas que revelavam o seu físico muitíssimo bem cuidado para alguém na casa dos trinta — hum, — bem como de casaco comprido e chapéu de cowboy — Van Helsing, morra de inveja, — mas a sua estatura era algo pequeno, e não perdia em nada da sua presença quando ele se vestia como o perito de seguros que era. David era algo complexo para um animalomem.

Hesitei quando cheguei ao lado dele e, juntos, fitamos o edifício. Podia ouvir o som abafado do trânsito a três ruas de distância, mas ali não havia qualquer movimento.

— Está mesmo muito calmo — disse eu, segurando os cotovelos para me proteger do frio da tarde em meados de maio.

Com os olhos castanhos semicerrados, David passou a mão pelo rosto recentemente barbeado.

— Estamos no endereço certo, Rachel — disse ele, olhando de relance para o último andar. — Posso ligar e confirmar, se quiser.

— Não, está tudo bem — sorri, de lábios semicerrados, ajeitando a bolsa e sentindo o peso extra da minha arma de bolas explosivas.

Aquela missão era do David, não minha, e tão favorável quanto era possível: realizar a peritagem na parede rachada de uma bruxa da terra. Não ia precisar da poção “hora de dormir” com que tinha carregado a minha arma de paintball modificada; me limitei a carregá-la quando David me pediu que o acompanhasse. Ainda tinha o material da minha última missão: entrar de surpresa pelos fundos de um spammer ilegal. Deus, chutar-lhe o traseiro tinha sido gratificante.

David começou a andar, acenando como um cavaleiro para que eu fosse na frente. Ele era mais velho do que eu cerca de dez anos; algo difícil de se perceber a menos que olhássemos para os seus olhos.

— Provavelmente vive em um desses apartamentos novos que ficam em cima dos armazéns dedicados à bicharada — ele disse, se dirigindo aos degraus ornamentados.

Eu dei uma risadinha e David me fitou.

— O que foi? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas escuras. Entrei no edifício, na frente, empurrando a porta para que ele pudesse entrar logo atrás de mim.

— Estava pensando que se você vivesse em um, ele continuaria dedicado à bicharada. Animalomem, bicharada? Entendeu?

Ele suspirou e eu franzi a sobrancelha. Jenks, o meu antigo parceiro teria rido. A culpa se abateu sobre mim e os meus passos se tornaram hesitantes. Jenks estava ausente sem licença, escondido no porão de qualquer animalomem depois de eu ter feito besteira ao não confiar nele, mas com a chegada da primavera, eu podia retomar os meus esforços para lhe pedir desculpas e o convencer a voltar.

O saguão era espaçoso, repleto de mármore cinzento e um pouco mais. Os meus saltos ressoavam na divisão dos tetos altos. Sentindo algo me incomodar, parei de saltitar e comecei a andar para minimizar o som. Do outro lado do saguão, se encontravam dois elevadores de contornos negros e nos dirigimos para eles. David apertou o botão para subir e se inclinou para trás.

O fitei, os cantos dos meus lábios se erguendo. Embora David estivesse tentando esconder, eu sabia que ele estava ficando entusiasmado com aquela missão. Ser perito regulador de seguros, não era o trabalho de secretária que se poderia esperar. A maior



parte dos clientes da companhia para a qual trabalhava eram Inderlanders — bruxas, animalomens e um ou outro vampiro — e, como tal, chegar à verdade sobre como o carro de um cliente ficou completamente destruído era mais difícil do que parecia. Teria o filho adolescente feito marcha á ré contra a parede da garagem ou seria o bruxo que vivia no final da rua cansado de ouvir a buzina sempre que saía de casa? Um caso estava coberto, o outro não e, por vezes, era preciso, hum, técnicas de interrogatório criativas para chegar à verdade.

David reparou que eu sorria e as pontas das suas orelhas ficaram vermelhas sob a pele escura.

— Obrigado por ter vindo comigo — disse ele, avançando quando o elevador apitou e as portas se abriram. — Fico te devendo um jantar, tudo bem?

— Sem problemas.

Me juntei a ele no sombrio elevador espelhado e observei o meu reflexo sob a luz âmbar, enquanto as portas se fechavam. Tive que adiar uma entrevista com um possível cliente, mas David tinha me ajudado no passado e isso era muito mais importante.

O elegante animalomem estremeceu.

— A última vez que fiz a peritagem com uma bruxa da terra, descobrir, mais tarde, que ela tinha enganado a companhia. A minha ignorância custou a eles centenas e milhares de dólares. Agradeço por me dar a sua opinião sobre a possibilidade de ela ter causado os danos através da má utilização de magia.

Prendi atrás da orelha uma mecha encaracolada de cabelo ruivo que tinha escapado da minha trança, depois ajeitei o meu boné de couro. O elevador era velho e lento.

— Como eu disse, sem problemas.

David observou a evolução crescente dos números.

— Acho que o meu patrão está tentando me demitir — disse, baixinho.

— Este é o terceiro processo que chega para a minha secretária, só esta semana, sobre assuntos com o qual não estou familiarizado — a forma como agarrava a pasta mudou. — Ele está esperando que eu cometa um erro. Do que forçá-lo a acontecer.

Me encostei no vidro do fundo e sorri para ele tranquilamente.



— Lamento. Conheço a sensação.

Tinha desistido do meu antigo trabalho junto a Segurança Inderland, a SI, há quase um ano, para me tornar independente. Embora tivesse sido duro — e ainda fosse, de vez em quando, — foi a melhor decisão que alguma vez tomei.

— Ainda assim — ele insistiu, o odor almiscarado, nada desagradável, do seu corpo tornando-se mais intenso quando ele se virou para mim no espaço apertado. — O seu trabalho não é este. Estou em dívida com você.

— David, esquece — disse eu, exasperada. — Não me importo de vir com você e garantir que uma bruxa qualquer, não esteja te enganando. Não é nada de especial. Faço essas coisas todos os dias. Às escuras. Normalmente sozinha. E, se tiver sorte, implica correr, gritar e enfiar o pé no estômago de alguém.

O animalomem sorriu, revelando os seus dentes alinhados e quadrados.

— Gosta do seu trabalho, não gosta?

Eu respondi ao sorriso dele.

— Pode apostar que sim.

O piso oscilou e as portas se abriram. David esperou que eu saísse primeiro e eu fitei a enorme divisão do comprimento do edifício, que ocupava todo o último piso. O Sol que se punha jorrava pelas janelas do chão ao teto, refletindo-se nos materiais de construção espalhados pela divisão. Do outro lado das janelas, o rio Ohio cintilava cinzento. Quando estivesse terminado, seria um excelente apartamento. Senti uma coceira no nariz devido ao cheiro dos painéis de madeira e do teto lixado e espirrei.

Os olhos de David percorriam todo o espaço.

— Olá? Sra. Bryant? — perguntou, a voz profunda ecoando. — Sou David. David Hue da Seguradora Animalomem. Trouxe comigo uma assistente — dirigiu aos meus jeans, T-shirt e casaco de couro vermelho um olhar depreciativo. — Sra. Bryant?

O segui para o interior da divisão, torcendo o nariz.

— Acho que a abertura na parede pode ter sido provocada pela remoção de algumas dessas vigas de suporte — disse eu, calmamente. — Como eu disse, sem problemas.



— Sra. Bryant? — chamou David mais uma vez.

Os meus pensamentos regressaram para a rua deserta e ao quão longe nos encontrávamos de qualquer observador casual. Atrás de mim, as portas do elevador se fecharam, deslizando, e ele desceu. Um som abafado, vindo do lado oposto da sala lançou através de mim um jorro de adrenalina e eu me virei.

David também estava nervoso e ambos rimos de nós mesmos quando uma figura esguia se ergueu do sofá que se encontrava ao lado de uma cozinha moderna no final da sala comprida, os armários ainda envoltos em plástico.

— Sra. Bryant? Sou David Hue.

— Tão pontual como o relatório anual das suas peritagens — disse uma voz masculina, as suaves ressonâncias deslizando pelo ambiente que escurecia. — E foi muito bem pensado da sua parte trazer uma bruxa para avaliar o pedido do cliente. Me diz, desconta isso dos impostos anuais ou insere como despesa de trabalho?

Os olhos de David estavam muito abertos.

— É uma despesa de trabalho, senhor.

Os meus olhos saltaram de David para o desconhecido.

— Hum, David? Calculo que não se trate da Sra. Bryant.

Agarrando a bolsa com uma intensidade renovada, David abanou a cabeça.

— Creio que se trata do presidente da companhia.

— Oh! — pensei sobre aquilo. Depois pensei mais um pouco. Começava a ter um mau pressentimento sobre aquilo. — David?

Ele pousou uma mão no meu ombro e se inclinou na minha direção.

— Acho que você deve ir embora — disse ele, a preocupação nos seus olhos castanhos penetrando até ao fundo do meu ser.

Recordando o que me disse no elevador sobre o fato do patrão estar tentando armar para ele, a minha pulsação acelerou.

— David, se está em apuros, eu não vou embora — eu disse, as botas ruidosas enquanto ele me empurrava para o elevador.

O rosto dele estava sombrio.



— Eu consigo tratar disso.

Tentei escapar das suas mãos, me contorcendo.

— Então fico para te ajudar a voltar para o carro quando tudo tiver terminado.

Ele olhou para mim de relance.

— Não me parece, Rachel. Mas obrigado.

As portas do elevador se abriram. Ainda protestando, não estava esperando que David me empurrasse para trás. Ergui os olhos e senti o rosto gelar. Droga. O elevador estava repleto de animalomens de vários níveis de elegância, desde ternos Armani e conjuntos de saia e top, a jeans e blusas. Pior ainda, todos eles tinham a compostura e o orgulho confiante de lobos alfa. E estavam sorrindo.

Merda. David tinha um *grande* problema.

— Por favor, me diz que é o seu aniversário — alvitrei — e que se trata de uma festa surpresa.

Uma animalomem jovem, de vestido vermelho vibrante foi à última a sair do elevador. Agitando o cabelo espesso e negro, ela me olhou de cima a baixo. Embora segura de si, eu podia compreender pela sua postura, que pelo menos ela não era uma loba alfa. Aquilo estava ficando estranho. Os alfas nunca andam juntos. É algo que simplesmente não acontece. Em especial sem estarem acompanhados das suas respectivas matilhas.

— Não é o aniversário dele — disse a mulher, num tom malicioso. — Mas imagino que esteja surpreso.

A mão de David, que me segurava o ombro, estremeceu.

— Olá, Karen — disse ele, em tom mordaz.

A minha pele se arrepiou e os meus músculos ficaram tensos quando os animalomens nos rodearam. Pensei na arma de bolas explosivas que tinha na bolsa, depois procurei uma linha Ley, mas não a puxei. Agora, David não conseguiria que eu saísse nem que me pagasse. Aquilo parecia um linchamento.

— Olá, David — disse a mulher de vermelho, a sua satisfação óbvia tanto no tom da sua voz como na postura que havia assumido atrás dos machos alfa. — Nem imagina como fiquei feliz ao saber que tinha começado uma matilha.

O patrão de David se juntou aos restantes e, com passos rápidos e confiantes, se colocou entre nós e o elevador. A tensão na sala aumentou um pouco e Karen se esgueirou para trás dele.

Eu não conhecia David há muito tempo, mas nunca havia visto nele aquela mistura de raiva, orgulho e irritação. Não havia medo. David era um lobo solitário e, como tal, o poder pessoal de um alfa tinha nele pouca influência. Mas ali estavam oito alfas e um deles era o seu patrão.

— Isto não tem nada a ver com ela, senhor — disse David, num tom de fúria respeitosa. — Deixe ela ir.

O patrão de David ergueu uma sobrancelha.

— Na verdade, isto não tem nada que ver com você.

Me faltou ar. Tudo bem, talvez eu que tenha um problema.

— Obrigado por ter vindo, David. A sua presença já não é necessária — disse o animalomem educado. Virando-se para os restantes acrescentou:

— Levem ele daqui.

Enchi os pulmões de ar. Com a minha segunda visão, procurei a linha Ley, agarrando aquela que corria por baixo da universidade. A minha concentração se quebrou quando dois homens me agarraram nos braços.

— Hei! — gritei, quando um deles arrancou a bolsa do meu ombro e a lançou, contra uma pilha de madeira. — Me larguem! — exigi, incapaz de escapar facilmente das suas mãos.

David gemeu de dor e quando eu pisei no pé de alguém, me atiraram no chão. Pó de estuque² se ergueu no ar, me fazendo engasgar. Senti meus pulmões se esvaziarem quando alguém se sentou em cima de mim. Puxaram as minhas mãos para trás das costas e eu fiquei imóvel.

— Auch — me queixei. Soprando uma mecha do cabelo ruivo do rosto, voltei a me contorcer. Droga, David estava sendo arrastado para o elevador.

² Estuque: Pó de mármore amassado com cal, gesso e areia; obra de estuque.

O animalomem continuava lutando. Com o rosto vermelho e irritado, projetava os punhos que emitiam feios sons surdos quando atingiam alguém. Ele poderia ter se transformado, o que lhe permitiria lutar de forma mais valente, mas durante a transformação haveria uma janela de cinco minutos na qual ficaria indefeso.

— *Tirem-no daqui!* — gritou o patrão de David, impaciente, e as portas se fecharam. Se ouviu um estalo, quando alguém bateu no interior do elevador e, depois, a maquinaria começou a fazê-lo descer. Ouvi um grito e os sons de uma luta que, lentamente, iam se tornando abafados.

O medo deslizou através de mim e eu voltei a me contorcer. O patrão de David virou para me olhar.

— Prendam ela — disse, em um tom despreocupado.

Inspirei, sibilando. Em pânico, voltei a procurar a linha Ley, acedendo ela com um pensamento fugaz. A energia da eternidade fluiu através de mim, enchendo o meu chi³ e, depois, a bolha artificial que eu conseguia manter na minha cabeça. A dor cortou através de mim quando alguém puxou o meu braço direito demasiado para trás. O plástico frio de uma abraçadeira⁴ foi colocado sobre um dos pulsos, rapidamente apertado com um puxão e o familiar som da ponta a raspar pelo aro, ficando pendurada. Senti o rosto gelado quando cada grama de eternidade abandonou o meu corpo. Tinha nos lábios o gosto amargo dos dentes-de-leão. *Idiota, bruxa idiota!*

— Filho de uma cadela! — gritei e os animalomens sentados sobre mim se afastaram.

Me ergui, cambaleando, e tentei tirar a fita de plástico, sem qualquer efeito. O seu centro era de prata encantada, como as minhas velhas algemas emitidas pela SI. Não podia usar as linhas. Não podia fazer nada. Raramente usava as minhas recentes habilidades com as linhas Ley para me defender e não pensei em como seria fácil eliminá-la.

Completamente privada de magia, eu me erguia na luz âmbar que atravessava as janelas altas. Eu estava sozinha com uma matilha de alfas. Os meus pensamentos saltaram

³ Chi: é uma energia interior.

⁴ Abraçadeira: http://www.stiloplasticos.com.br/default.asp?page=3&area=2&cod_prod=491

para a matilha do Sr. Ray e para o peixe dos desejos que lhe roubei por acidente; depois para o fato de ter obrigado os donos da equipe de basebol Howlers a pagar pelo tempo que perdi. Oh... droga. Eu tinha de sair dali.

O chefe de David passou o seu peso para o outro pé. O sol se derramou sobre ele, fazendo brilhar o pó nos sapatos de couro.

— Menina Morgan, não é? — perguntou, amigavelmente.

Acenei, limpando as palmas das mãos nos jeans. O pó de estuque se agarrava a mim e eu tornei as coisas ainda piores. Nunca tirei os olhos dele, sabendo que se tratava de um óbvio sinal de domínio. Já tinha lidado com alguns animalomens e nenhum deles, com exceção de David, parecia gostar de mim. Eu não sabia o porquê.

— É um prazer conhecê-la — disse ele, se aproximando mais e retirando do bolso de dentro do casaco um par de óculos de aros metálicos.

— Sou o patrão do David. Pode me chamar de Sr. Finley.

Elevando os óculos do nariz estreito, agarrou os papéis grampeados que Karen, com uma expressão arrogante, lhe entregava.

— Me perdoe se pareço de vagar — disse ele, fitando-os. — Normalmente é a minha secretária que trata destes assuntos — ergueu os olhos dos papéis, para me encarar, abrindo a caneta com um estalo. — Qual é o seu número de matilha?

— Hã? — perguntei, tentando me manter racional, mas ficando rígida quando o círculo de animalomens pareceu se apertar à minha volta. Karen deu uma risadinha e senti o meu rosto aquecer.

As rugas ligeiras do Sr. Finley se juntaram quando ele franziu a sobrancelha.

— A menina Morgan é a alfa do David. A Karen a está desafiando para ficar em seu lugar. Há papéis para tratar. Qual é o seu número de matilha?

Fiquei de boca aberta. Aquilo não tinha nada a ver com os Rays ou os Howlers. Sim, eu era o único elemento da matilha de David. Mas se tratava de um relacionamento apenas no papel, concebido para que eu pudesse obter o meu seguro, demasiadamente inflacionado, baratinho, baratinho, baratinho e para que David pudesse manter o seu emprego e contornar o sistema de forma que continuasse trabalhando sozinho, sem um

parceiro. Sendo um lobo solitário, e muito bom como tal, não queria uma matilha de verdade, contudo a quase impossibilidade de despedir um alfa tinha feito com que ele me pedisse para começar uma matilha com ele.

O meu olhar saltou para Karen, sorridente como uma rainha do Nilo, tão morena e exótica como uma prostituta egípcia. Ela queria desafiar a minha posição? — Oh, não é isso! — eu disse e Karen fungou, pensando que eu estava com medo. — Não vou lutar com ela! O David nem sequer quer uma matilha de verdade!

— Como é óbvio — escarneceu Karen. — Reivindico ascensão. Reivindico perante as oito matilhas.

Ali já não se encontravam as oito matilhas, mas calculei que as cinco que restavam fossem mais do que suficientes para forçar a questão.

O Sr. Finley baixou a mão que segurava as folhas de papel.

— Alguém tem um catálogo? Ela não sabe o seu número de matilha.

— Eu tenho — ressoou uma mulher, fazendo girar a mala e vasculhando o seu interior em busca de algo que se parecia com uma pequena agenda de contatos. — É a nova edição — acrescentou, enquanto usava o polegar para a abrir.

— Não é nada pessoal — disse o Sr. Finley. — O seu status de alfa se tornou o tópico central das conversas ao redor da distribuidora de água e esta é a forma mais simples de colocar o David de novo no caminho certo, além de pôr um fim aos rumores perturbadores que têm chegado até a mim. Convidei os principais acionistas da companhia para servirem de testemunhas — sorriu, sem qualquer calor. — Será legalmente vinculativo.

— Isso é besteira! — eu disse, num tom desagradável, e os animalomens que me rodeavam riram ou ficaram de boca aberta com o meu atrevimento que eu revelava ao praguejar. De lábios apertados, olhei de relance para a minha bolsa e a arma de balas explosivas que se encontrava no meio da divisão. Levei a mão ao fundo das costas em busca de algumas algemas que não estavam lá, desaparecidas há muito, juntamente com o meu salário da SI. Deus, como sentia a falta das minhas algemas.

— Aqui está — disse a mulher, de cabeça baixa. — Rachel Morgan. O-C(H) 93 AF.

— Está registrada em Cincinnati? — perguntou, distraidamente, o patrão de David, enquanto escrevia. Dobrando as páginas, enquanto as virava, fixou os olhos nos meus. — O David não é o primeiro a começar uma matilha com alguém que não é, hum, de ascendência animalomem — acabou dizendo. — Mas é o primeiro nesta companhia a fazer isso com o único propósito de salvar o emprego. Não é uma boa tendência.

— Escolha do desafiador — disse Karen, levando a mão ao feixe do vestido. — Escolho me transformar primeiro.

O patrão de David fechou a caneta com um estalo.

— Então vamos começar.

Alguém agarrou meus braços, eu fiquei imóvel, sentindo o meu coração bater por três vezes. Escolha do desafiador, o inferno. Tinha cinco minutos para domina-la, enquanto ela se transformava ou eu iria perder o combate.

Me contorci, em silêncio, me deixando cair e girando. Ouviram-se vários gritos quando dei uma rasteira em quem quer que fosse que estava me segurando. Depois o ar foi expelido dos meus pulmões quando outra pessoa caiu em cima de mim. A adrenalina jorrava dolorosamente. Alguém prendeu minhas pernas. Outra pessoa me empurrou de cabeça contra as taboas cobertas com pó de estuque.

Eles não iam me matar, disse a eu mesma, enquanto cuspi o cabelo da boca e tentava inspirar em condições. Não passava de uma tolice animalomem relacionada com o domínio e eles não iriam me matar.

Era isso que eu me dizia, mas estava difícil convencer os meus músculos trêmulos.

Um rosnado baixo, muito mais profundo do que devia, ressoou fortemente através do andar vazio e os três homens que me agarravam deixaram que eu me levantasse.

Que diabo? Pensei, enquanto me levantava de forma atrapalhada, ficando de boca aberta. Karen tinha se transformado. Tinha se transformado em apenas trinta segundos!

— Como... — gaguejei, incrédula.

Karen se transformou em uma loba e tanto. Sob forma humana era pequena, com uns cinquenta quilos. Mas esses mesmos cinquenta quilos sob a forma de um animal de dentes arreganhados equivaliam a um lobo do tamanho de um pônei. Maldição.



Um firme rosnado de desprezo se erguia dela, os lábios afastados em um aviso mais antigo do que o pó. O pelo sedoso que recordava o seu cabelo negro cobria todo o seu corpo com exceção das orelhas que estavam abaixadas em branco. Fora do círculo, se encontravam as suas roupas, abandonadas em uma pilha sobre o chão de contraplacado⁵. Os rostos a minha volta apresentavam uma expressão solene. Não se tratava de uma briga de rua, mas de um assunto sério que seria tão vinculativo como um documento legal.

À minha volta, os animalomens se afastavam, alargando o círculo.

Dupla maldição.

O Sr. Finley me dirigiu um sorriso cúmplice e o meu olhar saltou dele para os alfas que me rodeavam, nas suas roupas finas e sapatos caros. O meu coração acelerou e percebi o que eu iria sofrer. Eu estava em uma grande confusão. Eles tinham se unido em um círculo.

Assustada, assumi uma posição de combate. Quando os animalomens se uniam, fora das suas matilhas normais, aconteciam coisas estranhas. Já tinha presenciado uma tal união num jogo dos Howlers, quando vários alfas se uniram para apoiar um jogador lesionado, absorvendo a dor do jogador e permitindo que ele permanecesse em campo e ganhasse o jogo.

Era ilegal, mas diabolicamente difícil de provar já que descobrir os alfas responsáveis, num estádio enorme, era quase impossível. O efeito era temporário já que os animalomens, em especial os alfas, pareciam incapazes de trabalhar sob as direções de alguém durante muito tempo. Mas seriam capazes de se manter unidos durante um período longo o suficiente para que Karen me ferisse seriamente.

Ajeitei os pés dentro das botas, sentindo as minhas mãos começarem a suar. Aquilo não era justo, inferno! Tinham me privado da minha magia, a única coisa que eu poderia fazer era tentar lhe bater, mas ela não ia sentir nada! Eu estava acabada. Era comida de cão. Ia estar muito dolorida de manhã. Mas não ia desistir sem lutar.

As orelhas de Karen se colaram no crânio. Foi o meu único aviso. O instinto superou o treino e eu recuei enquanto ela saltava. Os dentes dela bateram no local onde

⁵ Contraplacado: Madeira em lâminas delgadas coladas com as fibras opostas.

até a pouco estava o meu rosto, caímos as duas, as patas dela sobre o meu peito. Bati no chão e gemi. Sentindo o seu bafo canino quente, lhe dei uma joelhada, tentando deixá-la sem fôlego. Ela emitiu um latido de surpresa e as suas garras estúpidas me arranharam o flanco, ela se ergueu atrapalhada e se afastou.

Me deixei ficar no chão, me colocando de joelhos para que ela não conseguisse me derrubar de novo. Sem esperar, ela saltou.

Eu gritei, estendendo o braço na sua direção. Fui atingida pelo pânico, quando o meu punho entrou pela boca dela. As suas patas, do tamanho das minhas mãos, me empurravam, enquanto ela tentava, freneticamente, se afastar e eu caía para trás. Tive sorte por ela não ter rodado a cabeça e arrancado um pedaço ao meu braço. Ainda assim, um corte feio estava sangrando.

O som ecoante e rouco da tosse da Karen se transformou num rosnar agressivo.

— O que é vovózinha? — arquejei, afastando a minha trança do caminho. — Ficou com o Capuz Vermelho entalado?

Com as orelhas apertadas contra o crânio, os pelos das costas eriçados e os lábios afastados, revelando os dentes, ela atacou.

Tudo bem. Talvez não tivesse sido a melhor coisa para dizer. Karen chocou contra mim como uma porta lançada, me fazendo recuar e me lançando ao chão. Os seus dentes envolveram meu pescoço, me estrangulando. Agarrei a pata que me prendia, enterrando as unhas nela. Ela mordeu e eu arquejei.

Fechei o punho e a esmurrei nas costelas, duas vezes. O meu joelho se ergueu e lhe acertou em alguns lugares. Tinha na boca os seus pelos sedosos, ergui um braço e puxei uma de suas orelhas. Os dentes dela apertaram ainda mais o meu pescoço, impedindo a passagem do ar. A minha visão começou a escurecer. Em pânico, me atirei nos seus olhos.

Sem qualquer outro pensamento além da necessidade de sobreviver, enterrei as unhas nas suas pálpebras. Isso ela sentiu e, latindo, saltou de cima de mim. Inspirei, rouca, me erguendo sobre um cotovelo. Levei a outra mão ao pescoço. Ficou molhada de sangue.

— Isto não é justo! — gritei, mais do que furiosa, enquanto me levantava atrapalhada. Tinha os nós dos dedos sangrando, me doíam os flancos e estava tremendo devido à adrenalina e ao medo.

Podia ver a excitação do Sr. Finley, sentia o crescente cheiro a almíscar. Todos eles estavam entusiasmados com a possibilidade de verem um dos seus a degolar “legalmente” uma pessoa.

— Ninguém disse que seria justo — contra disse o homem, baixinho, depois fez um gesto a Karen.

Mas o seu repentino atacante hesitou perante a campainha do elevador. O desespero me invadiu. Com mais três alfas ela não ia sentir nada.

Nem que eu lhe arrancasse um pedaço.

As portas se abriram revelando David, encostado ao fundo do elevador. Tinha o rosto ferido e, provavelmente, ia ficar com um olho negro; além disso tinha o blazer rasgado e imundo. Lentamente, ergueu a cabeça, uma expressão assassina nos olhos castanhos.

— Sai! — disse o patrão, num tom cortante.

— Esqueci minha pasta — disse ele, cambaleando para frente. Com um olhar assimilou a situação; ainda tinha a respiração pesada devido ao esforço de escapar aos três animalomens que o tinham arrastado dali. — Se desafiam a minha alfa, podem ter a certeza de que vou garantir que se trata de um combate justo — arrastando os pés até junto da pasta, agarrou ela, limpou o pó e se virou para mim. — Rachel, está bem?

Senti uma onda de gratidão. Ele não vinha me salvar, queria garantir que eles não estavam trapaceando.

— Estou bem — disse eu, com a voz quebrada. — Mas esta cadela não está sentindo qualquer dor e eles tiraram a minha magia.

Ia perder o confronto. Ia perder feio. *Lamento, David.*

Os animalomens que nos rodeavam olharam uns para os outros, inquietos, agora que tinham uma testemunha, e a expressão do Sr. Finley tornou-se mais sombria.

— Acaba com isto — disse, com rudeza, e Karen se lançou a mim.



As unhas dela arranhavam o chão de contraplacado, enquanto procuravam um ponto de apoio. Arquejando, me deixei cair de costas, antes que ela pudesse me empurrar. Puxando os joelhos para o peito, ergui os pés e, quando ela desceu sobre eles, a lancei por cima da cabeça.

Ouvi um rosnado sobressaltado e um estrondo; David gritou qualquer coisa. Estavam a ocorrendo duas lutas.

Girei sobre o traseiro para me virar para ela. Abri os olhos e levantei um braço.

Karen se lançou sobre mim, me prendendo no chão. Ela me cobria e senti o medo cortar através de mim. Tinha que impedir que ela voltasse a me agarrar pelo pescoço e gritei quando ela me mordeu no braço.

Já estava farta.

Fechando o punho lhe bati na cabeça. Ela ergueu o focinho, arranhando o meu braço e me lançando uma onda de dor. Imediatamente, voltou com toda adrenalina, rosnando e ainda mais feroz. Mas, dentro de mim, se erguia uma lufada de esperança e eu cerrei os dentes. Ela tinha sentido aquilo.

Podia ouvir estrondos e gritos atrás de nós. David estava interferindo, quebrando a concentração do grupo. O círculo estava desvanecendo. Não podia vencer Karen, mas ela não ia se esquecer de mim, isso era mais do que certo.

A raiva e a adrenalina em excesso eram inegáveis.

— Cão estúpido! — gritei, voltando a esmurrá-la na zona da orelha e fazendo ela ganir. — Não passa de uma baixinha malcheirosa de um caniche⁶ da cidade! O que é que acha disso? Hum? — bati outra vez, incapaz de ver através das lágrimas que enchia meus olhos. — Quer mais? Então é assim?

Ela me agarrou pelo ombro e me ergueu, com a intenção de me sacudir. Uma orelha sedosa caiu na minha boca e, depois de ter sido incapaz de cuspir, mordi ela, com força.

Karen latiu e me soltou. Inspirando fundo, rodei, me coloquei de quatro.

— Rachel! — gritou David e a minha arma de bolas explosivas deslizou, ficando ao meu alcance.

⁶ Caniche: raça de cão.

Peguei na arma vermelho-cereja e me coloquei de joelhos, aponte para Karen. Ela se sentou sobre as patas traseiras, tentando parar o seu próprio movimento. Com os braços tremendo, cuspi um tufo de pelo branco.

— Acabou, cadela — disse, depois disparei.

O estalo da pressão de ar emitido pela minha arma foi quase abafado por completo por um grito de frustração.

Acertei no nariz, cobrindo o focinho com a poção “hora de dormir”, a coisa mais agressiva que uma bruxa branca estava disposta a usar. Karen caiu, como uma marionete como se tivessem cortado os fios, deslizando e se imobilizando a cerca de um metro de mim.

Levantei trêmula e cheia de adrenalina de tal forma que quase não conseguia me manter de pé. Com os braços rígidos, aponte a arma ao Sr. Finley. O Sol se escondeu atrás dos montes do outro lado do rio e o seu rosto estava envolta das sombras. A sua postura, por outro lado, era fácil de ler.

— Ganhei — disse eu, depois bati em David, quando ele pousou uma mão no meu ombro.

— Calma, Rachel — disse David, num tom calmante.

— Estou ótima! — gritei, voltando a apontar a arma ao patrão dele, antes que ele conseguisse se mexer — se querem desafiar o meu título, façam! Mas eu lutarei como bruxa, não depois de terem sido retiradas todas as minhas forças! Isto não foi justo e vocês sabem disso!

— Anda, Rachel. Vamos embora.

Eu ainda estava apontando para o patrão de David. Estava com muita, muita vontade de disparar sobre ele. Mas, no que achei ser uma extraordinária demonstração de classe, baixei a arma, arrancando a minha bolsa das mãos de David, quando ele me entregou. Senti, à minha volta, um aliviar da tensão por parte dos alfas que nos observavam.

Com a pasta na mão, David me acompanhou até o elevador. Eu ainda estava tremendo, mas virei às costas, sabendo que esse gesto diria, melhor do que qualquer palavra, que eu não tinha medo.

Contudo, estava assustada. Se Karen quisesse me matar, não apenas me submeter, tudo teria terminado nos primeiros trinta segundos.

David apertou o botão para descer e nos viramos ao mesmo tempo.

— Não foi um desafio justo — ele disse, depois limpou a mão, que estava suja de sangue. — Eu tinha o direito de estar presente.

O Sr. Finley abanou a cabeça.

— O alfa da fêmea deve estar presente mas, no caso da sua ausência, seis alfas podem servir de testemunhas para impedir qualquer... — sorriu.

— ... trapaça.

— Não estavam seis alfas presentes naquela altura do confronto — disse David. — Espero que o desafio seja registrado como uma vitória para a Rachel. Aquela mulher não é a minha alfa.

Seguiu o seu olhar até Karen, que jazia esquecida no chão, e me perguntei se alguém ia lavar ela com água salgada para quebrar o feitiço ou iam se limitar a deixá-la à porta da sua matilha, inconsciente. Eu não queria saber e não ia perguntar.

— Errado ou não, é a lei — disse o Sr. Finley, enquanto os alfas se reuniam para apoiá-lo. — E existe para permitir um suave corretivo quando um alfa se desvia — inspirou fundo, limpando as ideias. — Isto será registrado como uma vitória para a sua alfa — disse ele, como se não quisesse saber, — desde que não apresente queixa. Mas David, ela não é um animalomem. Se ela não consegue vencer um animalomem recorrendo às suas capacidades físicas, não merece o título de alfa e será derrubada.

Senti um indício de medo ao me recordar de Karen sobre mim.

— Uma pessoa não pode derrotar um lobo — disse o Sr. Finley. — Ela teria de ser capaz de se transformar para ter a mínima hipótese e as bruxas não conseguem se transformar.

Os olhos do homem pousaram nos meus e, ainda que eu não tenha afastado o olhar, o medo deslizou até ao meu estômago. O elevador tocou e eu recuei para o seu interior, não querendo saber se eles percebiam que eu estava com medo. David se juntou a mim e eu agarrei a minha bolsa e a minha arma como se, sem elas, eu fosse despedaçar.

O patrão de David avançou, a sua presença ameaçadora e o rosto completamente obscurecido pela noite que acabara de cair.

— É um alfa — disse, como se estivesse repreender uma criança. — Para de brincar com bruxas e comece a cumprir os seus deveres.

As portas se fecharam, deslizando, e eu me deixei cair contra o espelho. *A cumprir os seus deveres? O que é que isso queria dizer?*

Lentamente, o elevador desceu, a minha tensão se desvanecendo com cada piso que era deixado entre nós. Podia sentir o cheiro de um animalomem furioso e olhei de relance para David. Um dos espelhos estava rachado e o meu reflexo era horrendo: a trança meio desfeita e coberta de pó de estuque; a marca de uma dentada no pescoço, no local onde os dentes de Karen tinham me ferido e rasgado a minha pele; os nós dos dedos arranhados por terem estado dentro da boca dela. Doíam as minhas costas, tinha os pés doridos e, inferno, faltava um brinco. Ainda por cima eram as minhas argolas preferidas.

Me lembrei da suave sensação da orelha de Karen dentro da minha boca e o súbito ceder quando mordi. Tinha sido horrível machucar alguém de uma forma tão íntima. Mas eu estava bem. Não estava morta. Nada tinha mudado. Nunca tinha tentado usar a magia das linhas Ley num combate perigoso como aquele e agora sabia que devia ter atenção às abraçadeiras. Tinha sido apanhada como uma adolescente em um assalto a uma loja, Deus me ajude.

Lambi o polegar e limpei uma mancha de pó de estuque da testa. A abraçadeira era feia, mas eu ia precisar do alicate de Ivy para corta-la. Tirando o outro brinco, o coloquei dentro da minha bolsa. David estava encostado em um canto, a mão nas costelas, mas não parecia preocupado com a possibilidade de se deparar com os três animalomens que o tinha dominado, por isso guardei a minha arma. Os lobos solitários eram como alfas que

não precisavam do apoio de uma matilha para se sentirem confiantes. Realmente perigoso, se pensasse bem.

David soltou uma risada. Fitando-o, fiz uma careta e ele deu uma gargalhada, interrompida por um estremecimento de dor. O rosto ligeiramente enrugado ainda revelava a sua boa disposição; fitou os números que desciam, depois se endireitou, tentando consertar o casaco rasgado.

— Então e esse jantar? — perguntou, e eu funguei.

— Vou comer lagosta — disse eu, depois acrescentei, — os animalomens nunca trabalham juntos fora das suas matilhas. Devo ter deixado eles irritados mesmo. Deus! Qual é o problema deles?

— Não é você, sou eu — disse ele, frustrado. — Não agrada a eles o fato de eu ter começado uma matilha com você. Não, isso não é verdade. Não agrada a eles o fato de eu não estar contribuindo para a população de animalomens.

A adrenalina começava a ceder, fazendo com que eu sentisse dor por todo o corpo. Tinha na bolsa um amuleto contra as dores, mas não o usaria quando David não tinha nada. E quando é que Karen tinha me batido na cara? Inclinando a cabeça examinei, sob a luz fraca, a arranhada e vermelha perto da orelha, depois me virei para David, quando assimilei as suas últimas palavras.

— Desculpa? — perguntei, confusa. — Como assim, não está contribuindo para a população de animalomens?

David baixou o olhar.

— Comecei uma matilha com você.

Tentei me endireitar, mas doía.

— Sim, eu percebi a parte do sem filhos. Mas porque é que isso preocupa eles?

— Porque também não tenho nenhuma, hum, relação informal com uma fêmea animalomem.

Porque se tivesse, ela esperaria que ele acabasse formando uma matilha.

— E... — insisti.

David passou o seu peso de um pé para o outro.

— A única forma de gerar mais animalomens é através do nascimento. Não somos como os vampiros que, se quiserem, podem transformar os humanos. Com uma população numerosa se obtém força e poder... — a voz dele se perdeu e eu percebi o que se estava se passando.

— Oh, pelo amor de Deus — eu me queixei, segurando no ombro. — É uma questão política?

O elevador tocou e as portas se abriram.

— Temo que sim — disse ele. — Eles permitem os animalomens subordinados fazerem o que desejam, mas, como solitário, o que faço importa.

Saí na frente dele, esperando encontrar problemas, mas o saguão deserto estava calmo, com exceção dos três animalomens caídos a um canto. David soava amargurado e, quando ele abriu a porta para eu passar, o toquei no ombro para mostrar o meu apoio. Obviamente surpreendido, ele olhou para mim de relance.

— Hum, e quanto ao jantar — disse, fitando as suas roupas. — Quer marcar para outro dia?

Os meus pés tocaram na calçada, o ritmo das botas me dizendo que eu estava mancando. A rua estava silenciosa, mas a quietude parecia esconder uma ameaça. O Sr. Finley tinha razão em relação a uma coisa. Aquilo ia voltar a acontecer, enquanto eu não conseguisse fazer valer as minhas exigências, de uma forma que merecesse o seu respeito.

Inspirando profundamente o ar gelado, me dirigi para o carro de David.

— Nem pense, cara. Está me devendo um jantar. O que me diz de um chili⁷ no Skyline? — perguntei e ele hesitou, confuso. — Podemos passar pelo drive-thru. Esta noite tenho que investigar umas coisas.

— Rachel — protestou ele, enquanto o carro emitia um som alegre e se destrancava. — Acho que merece pelo menos uma noite de folga — os olhos dele semicerraram e ele me fitou por cima do teto do carro. — Lamento muito por tudo isso. Talvez... devêssemos anular o contrato.

Ergui os olhos da porta que tinha acabado de abrir.

⁷ Chili: uma comida mexicana.

— Não se atreva! — disse, alto e bom som, para o caso se alguém estivesse escutando no último andar. Depois assumi uma expressão envergonhada. — Não consigo suportar o aumento que todas as companhias aplicam ao meu seguro de saúde.

David riu, mas eu podia perceber que ele não estava satisfeito. Entramos no carro dele, nos movendo mais lentamente ao descobrir novas dores e tentando encontrar uma posição confortável. *Oh, Deus, me doía tudo.*

— Estou falando sério, Rachel — disse ele, a voz baixa enchendo o pequeno carro depois das portas se fecharem. — Não é justo te pedir que aguento estas porcarias todas.

Sorrindo, olhei para ele.

— Não se preocupe com isso, David. Gosto de ser a sua alfa. Tudo o que preciso é de encontrar o feitiço certo para me transformar.

Ele suspirou, movendo o corpo pequeno ao se soltar, depois fungou.

— O que foi? — perguntei, apertando o cinto, enquanto ele ligava o carro.

— O feitiço certo para se transformar? — ele disse, engatando a marcha e saindo. — Não percebe? Você gosta de como você é, mas para ser a minha alfa tem que se transformar?

Levando minha mão à cabeça, encostei o cotovelo na porta para me apoiar.

— Não tem piada — disse eu, mas ele limitou-se a rir, embora isso o entristecesse.



CAPÍTULO 2

Padrões salpicados de luzes da tarde deslizavam sobre as minhas mãos com luvas enquanto me ajoelhava sobre um tapete de espuma verde e me esticava para chegar ao fundo do canteiro⁸ onde a relva havia criado raízes apesar da sombra lançada pelo carvalho antigo. Ouvia-se o som dos automóveis passando na rua. Um gaio⁹ azul emitiu o seu chamado e foi respondido. Em Hollows, o sábado era o auge da normalidade.

Me endireitando, espreguicei para estalar as costas, depois relaxei, estremecendo quando o amuleto perdeu o contato com a minha pele e senti uma facada de dor. Eu sabia que não deveria estar trabalhando ali, sob a influência de um amuleto contra a dor, já que poderia me ferir sem senti nada, mas depois do dia anterior, precisava de algum “tempo com a terra” para garantir ao meu subconsciente que eu estava viva. E o jardim precisava de atenção. Estava caótico, sem os cuidados de Jenks e da sua família.

O cheiro do café deslizou pela janela da cozinha, impregnando a paz da fria tarde de primavera, e eu soube que Ivy estava acordada. Me levantando, os meus olhos deslizaram da varanda até o muro do cemitério que se estendia até depois do jardim da

⁸ Canteiro: Terra ocupada por flores ou hortalças, em jardins ou hortas.

⁹ Gaio: Nome comum a diversas aves da família dos corvídeos, de penas castanho-claras, salpicadas de azul, branco e preto, comumente encontradas nos bosques.

bruxa. O terreno ocupava quatro quarteirões e se estendia de uma rua até a outra, na sua retaguarda. Embora ninguém fosse enterrado ali há quase trinta anos, a grama era aparada por essa nossa amiga. Na minha opinião, um cemitério aparado era um cemitério feliz.

Me perguntando se Ivy iria me trazer café, caso eu gritasse, empurrei o tapete de espuma para o Sol perto de um aglomerado de violetas pretas de caules macios. Jenks tinha semeado elas no outono anterior e eu queria apará-las antes que se tornassem muito longas devido à concorrência. Ajoelhei na frente das pequenas plantas, avançando ao redor do canteiro, rodeando a roseira e arrancando um terço das violetas.

Já estava ali tempo suficiente para sentir calor devido ao esforço; a preocupação me acordou antes do meio-dia. Adormecer também não foi fácil. Tinha ficado sentada na cozinha até depois do amanhecer, com os meus livros de feitiços, em busca de um encantamento que me permitisse me transformar em lobo. Se tratava de uma tarefa que na melhor das hipóteses o sucesso era, completamente raro; não existiam feitiços que permitissem a transformação em seres conscientes... pelo menos não feitiços legais. Além disso, teria que ser um feitiço da terra, já que a magia das linhas Ley consistia, sobretudo, em ilusão ou em explosões físicas de energia. Eu tinha uma biblioteca pequena, mas com tudo era única, apesar de todos os meus feitiços e encantamentos, não encontrei nada que me dissesse como me transformar.

Avançando um pouco o tapete ao longo do canteiro, me senti arrastada por uma onda de preocupação. Como David disse, a única forma de nós podermos nos transformar em animalomens era nascer animalomem. As marcas dos dentes de Karen nos nós dos dedos e no pescoço, agora marcados, em breve desapareceriam não deixando outras sequelas além das gravadas em minha memória. Era possível que houvesse qualquer feitiço na seção de magia negra da biblioteca, mas a magia negra da terra usava alguns ingredientes asquerosos — como partes indispensáveis do corpo humano — e eu não ia seguir por esse caminho.

A única vez que pensei na possibilidade de usar magia negra da terra, acabei com uma marca demoníaca, depois recebi uma segunda, acabei me transformando na familiar como havia dito do demônio. Para minha sorte, tinha conseguido manter a alma e o



acordo foi declarado nulo. Fiquei livre, com exceção da marca original do Grande Al, que usaria, juntamente com a marca de Newt até encontrar uma forma de pagar a ambos. Pelo menos agora, quebrado o elo de familiaridade, Al não aparecia cada vez que eu usava uma linha Ley.

Com os olhos semicerrados devido à luz do Sol, espalhei terra sobre o pulso e a marca demoníaca de Al. A terra era fresca e escondia a cicatriz em forma de círculo cruzado por uma linha de forma mais eficaz do que qualquer feitiço. Além disso, cobria a cicatriz vermelha provocada pela abraçadeira que os animalomens tinham colocado em mim. Deus, eu tinha sido tão idiota.

A brisa agitou uma mecha ruiva e encaracolada que me fez cócegas no rosto e eu a prendi, olhando de relance para o fundo do canteiro, do outro lado da roseira. Os meus lábios se afastaram, numa expressão de desilusão. Tinha sido maltratado.

Uma parte das plantas foi arrancada pela raiz, encontrando-se agora caída e murcha. Pegadas minúsculas revelavam os autores. Indignada, peguei em uma mão cheia de caules partidos, sentindo na sua flexibilidade suave e a morte inevitável. *Malditas fadas de jardim.*

— Hei! — gritei, me erguendo por impulso, para fitar a cúpula no freixo¹⁰ mais próximo.

Sentindo o rosto fervendo, avancei em passos largos e me coloquei sob ela, com as plantas na mão como uma acusação.

Estava querendo brigar com elas desde a sua chegada, vindas do México, na semana anterior, mas era uma batalha perdida. As fadas comiam insetos, não néctar como os pixies, e não queriam saber se matavam todo um jardim na sua busca por comida. Nesse aspecto eram como os seres humanos, destruindo aquilo que, a longo prazo, os manteria vivos na sua demanda por recursos de curto prazo. Eram só seis, mas não tinham respeito por nada.

— Eu disse hei! — gritei mais alto, esticando o pescoço na direção das folhas que se parecia com a toca de um esquilo no meio da árvore.

¹⁰ Freixo: Árvore oleácea, tipo da tribo das fraxíneas.

— Disse a vocês para ficarem longe do meu jardim, se não forem capazes de não estraga-lo! O que é que vão fazer quanto a isto!?

Enquanto eu bufava no chão, ouvi um ruído, e uma folha morta voou até ao chão. A cabeça de uma fada pálida emergiu da toca; se tratava do líder do pequeno clã de machos solteiros que, imediatamente, se concentrou em mim.

— O jardim não é seu — disse, em voz alta. — O jardim é meu e, por mim, você até pode ir dar um grande passeio ao longo de uma pequena linha Ley.

Fiquei de queixo caído. Atrás de mim, ouviu o som de uma janela fechando; Ivy não queria ter nada que ver com o que ia acontecer a seguir. Não podia culpa-la por isso, mas aquele era o jardim de Jenks e, se eu não os expulsasse, estaria completamente destruído quando ele voltasse. Eu era uma detetive, maldição. Se não era capaz de manter intacto o jardim de Jenks, não merecia o título. Mas estava ficando cada vez mais difícil e eles se limitavam a regressar, mal eu entrava em casa.

— Não me ignorem! — gritei, enquanto a fada desaparecia no interior da toca comunal. — Seu idiota maldoso!

Deixei escapar um grito de injúria quando um traseiro minúsculo e desnudo tomou o lugar do rosto pálido e se agitou por entre o monte de folhas. Achavam que estavam seguros ali em cima, fora do meu alcance.

Aborrecida larguei os caules partidos e avancei para o celeiro com passos largos. Eles não vinham até a mim, por isso eu iria até eles. Eu tinha uma escada.

Os gaios azuis do cemitério emitiram o seu chamado, apreciando o fato de terem algo novo sobre o que falar, enquanto eu lutava com escada metálica de três metros e meio. Ela bateu nos ramos mais baixos, enquanto eu tentava encosta-la no tronco e, num grito de protesto, a toca se esvaziou numa explosão de asas de borboleta azuis e laranja. Coloquei um pé no primeiro degrau, soprando uma mecha ruiva que caiu sobre os meus olhos. Odiava ter que fazer aquilo, mas se eles arruinassem o jardim, os filhos de Jenks morreriam de fome.

— Agora! — soou a ordem e eu gritei quando finas picadas feriram as minhas costas.

Assustada, baixei a cabeça e girei. O escada escorregou, abatendo sobre o canteiro que eles tinham destruído. Irritada, ergui os olhos. Eles estavam atirando as bolotas¹¹ do ano anterior contra mim, as suas pontas afiadas e suficientemente duras para me machucar.

— Seus pestinhas! — gritei, feliz por estar usando um amuleto contra dores.

— Outra vez! — gritou o líder.

Os meus olhos se abriram diante da mão cheia de bolotas que choviam na minha direção.

— Rhombus! — disse, utilizando a palavra que me permitia unir uma série de exercícios mentais aprendidos com grande esforço numa ação quase instintiva.

A uma velocidade superior à do pensamento, a minha consciência tocou na linha Ley que atravessava o cemitério. A sua energia me encheu o equilíbrio alcançado no período entre a memória e a ação. Virei os dedos dos pés esticados, traçando um círculo rude, e a força da linha Ley o encheu e o fechou. Poderia tê-lo feito na noite anterior, não foi à prata encantada que tinham prendido o meu braço.

Uma faixa tremeluzente de eternidade ganhou o meu corpo, o lençol de realidade alternativa, da espessura de uma molécula, arqueou, fechando-se sobre a minha cabeça e dois metros abaixo dos meus pés, formando uma bolha comprida que impedia a passagem de qualquer coisa maldita, além do ar. Era relaxado e não manteria um demônio à distância, mas as bolotas refletiram. Também funcionava contra balas.

— Parem com isso! — exclamei, enfraquecida. A tonalidade, normalmente vermelha do lençol de energia, se tornou dourada à medida que ia assumindo a cor principal da minha aura.

Me vendo em segurança, mas encurralada no interior da minha bolha, a fada maior desceu, às suas asas de mariposa esvoaçando elegância; as mãos nos quadris estreitos e o cabelo fino, em volta de teias de aranha faziam com que parecesse um Vingador da Morte com quinze centímetros. Os lábios eram de um vermelho vivo contra o rosto pálido e as feições estavam tensas de determinação. A sua beleza rude lhe concedia uma aparência

¹¹ Bolotas: Fruto do carvalho e do azinheiro.

incrivelmente frágil, mas era um osso duro de roer. Era uma fada de jardim, não era um dos assassinos que quase me matou na primavera passada, mas ainda assim estava, habituado a lutar pelo seu direito na vida.

— Vá para dentro e não iremos machuca-la — disse ele, com uma expressão irônica.

Eu ri. O que é que eles iam fazer? Dar beijinhos de borboleta até à morte?

Um sussurro excitado chamou a minha atenção para a fila de garotos do bairro que me observavam por cima do muro alto que rodeava o cemitério. Os seus olhos me fitavam, muito abertos, enquanto eu tentava levar a melhor sobre aqueles minúsculos seres voadores, algo que todos os Inderlanders sabiam ser impossível. Droga, eu estava agindo como um humano ignorante. Mas aquele era o jardim de Jenks e eu tentaria mantê-los longe durante tanto tempo quanto possível.

Determinada, saí do meu círculo. Estremeci quando a energia que o tinha formado voltou para mim, encheu o meu chi e regressou à linha Ley. Ouvi um grito de ordem para que os restantes tivessem os dardos¹² a postos.

Dardos? Oh, que maravilha! Com a pulsação acelerada, corri para o lado mais distante da cozinha em busca da mangueira.

— Tentei ser simpática. Tentei ser razoável — murmurei, enquanto abria a torneira e a água que começava a pingar da mangueira de irrigar. Os gaios azuis do cemitério emitiram o seu chamado, eu lutei com a mangueira, esticando quando ela ficou presa na quina da cozinha. Tirando as luvas, dei um puxão na mangueira, fazendo ela ondular. Ela se libertou e eu cambaleei para trás. Do freixo, ergueram-se os sons agudos da organização. Nunca antes eu havia regado eles. Talvez fosse aquela a solução. As asas das fadas não funcionavam muito bem molhadas.

— Peguem ela! — ouvi gritar e ergui a cabeça de repente. Os espinhos que eles empunhavam pareciam tão grandes como espadas, quando se lançaram na minha direção.

Arquejando, apontei a mangueira e apertei. Eles se ergueram no ar e eu os segui, os meus lábios se afastaram quando o fluxo de água se transformou num fio patético que se

¹² Dardos: Arma de arremesso (curta e delgada) em forma de lança.

lançou em arco sobre o solo e morreu. Que diabo? Me virei com o som de água jorrando. Eles tinham cortado a minha mangueira!

— Gastei vinte dólares nessa mangueira! — gritei, depois senti que o meu rosto empalidecia perante o clã determinado a me enfrentar, as suas pequenas espadas certamente impregnadas com hera¹³ venenosa. — Hum, podemos conversar? — gaguejei.

O som de asas de pixy fez com que o meu coração subisse até à garganta.

— Jenks! — exclamei, virando na direção do olhar preocupado das fadas, preso num ponto atrás do meu ombro. Mas não era Jenks, era a sua esposa, Matalina, e a sua filha mais velha, Jih.

— Para trás — ameaçou Matalina, pairando a meu lado, à altura da minha cabeça.

O matraquear surdo das suas asas de libelinha, mais manobráveis, agitou as mechas soltas do meu cabelo húmido, fazendo cócegas no rosto. Parecia mais magra do que no inverno anterior, as feições de criança numa expressão séria. Os olhos revelavam a sua determinação e nas mãos segurava um arco, com uma flecha presa na corda. A filha tinha um aspecto ainda mais ameaçador, segurando uma espada de lâmina, prata e punho de madeira. Tomou posse de um pequeno jardim do outro lado da rua e precisava da prata para protege-lo e a si mesma também, já que ainda não havia conseguido um marido.

— É meu! — gritou a fada, frustrada. — Duas mulheres são incapazes de manter um jardim!

— Preciso apenas do solo sobre qual eu voo — disse Matalina, em tom determinado. — Saiam. Agora.

A fada hesitou e Matalina puxou ainda mais a corda do arco, fazendo-a emitir um pequeno gemido.

— Iremos recupera-lo quando partirem! — gritou ele, fazendo sinal ao clã para que se retirassem.

— Como queiram — disse ela. — Mas enquanto eu estiver aqui, vocês não estarão.

Observei, espantada, enquanto uma pixy de dez centímetros enfrentava um clã inteiro de fadas. Tal era a reputação de Jenks e tais eram as capacidades dos pixies.

¹³ Hera: nome dado a um grande número de plantas trepadeiras e rasteiras.

Poderiam dominar o mundo, através de assassinatos e chantagem, se o desejassem. Mas tudo o que queriam era um pequeno pedaço de chão e alguma paz para eles cuidarem.

— Obrigada, Matalina — sussurrei.

Ela não afastou deles o seu olhar cruel até eles terem se retirado depois do muro, pela altura do joelho que separava o jardim do cemitério.

— Agradeça quando eu tiver regado as novas sementes com o seu sangue — murmurou ela, me chocando. A bela pixy, envolta de seda fitou todos os dezoito, a sua pele normalmente bronzeada, pálida por ter vivido com Jenks e os filhos na cave de um animalomem durante todo o inverno. O seu vestido verde, leve e ondulante, se agitava na brisa das suas asas. Estas tinham assumido uma forte tonalidade vermelha devido à sua raiva, tal como acontecia com as da filha.

O grupo de fadas de jardim fugiu para um canto do cemitério, pairando e dançando numa demonstração de guerra, sobre os dentes-de-leão, quase a uma rua de distância. Matalina puxou a corda do seu arco, libertando a flecha ao mesmo tempo que exalava. Um ponto laranja brilhante se ergueu subitamente no ar, depois desceu.

— Pegou ele? — perguntou à filha, sua voz pura estava assustadora na sua impetuosidade.

Matalina baixou o arco.

— Prendi a asa em uma pedra. Ele a rasgou quando se afastou. Para que não se esqueça de mim.

Engoli em seco e, nervosa, limpei as mãos aos jeans. O tiro atravessou toda a propriedade. Recuperando o controle sobre eu mesma, me dirigi à torneira e fechei a água que jorrava.

— Matalina — disse eu, enquanto me endireitava, ao mesmo tempo que acenava com a cabeça na direção da filha, cumprimentando ela. — Obrigada. Eles quase me encheram de hera venenosa. Como está? Como está o Jenks? Ele vai falar comigo? — disse de rompante, mas o minha sobrancelha franziu e a minha esperança caiu por terra quando ela baixou os olhos.

— Lamento, Rachel — ela pousou na mão que eu lhe oferecia, agitando as asas, que pararam em seguida, enquanto assumiam uma tonalidade azul pálida. — Ele... eu... É por isso que estou aqui.

— Oh, Deus, ele está bem? — perguntei, subitamente assustada quando a bela mulher pareceu prestes a chorar. A sua ferocidade tinha sido levada por uma onda de infelicidade e eu olhei de relance para as fadas distantes, enquanto Matalina lutava por se recompor. Ele estava morto. Jenks estava morto.

— Rachel... — chilreou ela, se parecendo ainda mais com um anjo quando passou a mão por baixo de um olho. — Ele precisa de mim e proibiu o regresso das crianças. Em especial agora.

A onda de alívio inicial recuou, dando lugar a preocupação, e eu fitei as asas de borboleta. Estavam a se aproximar.

— Vamos para dentro — disse eu. — Vou tomar um pouco de água com açúcar.

Matalina abanou a cabeça, o arco pendurado na sua mão. Sem sair do seu lado, a filha observava o cemitério.

— Obrigada — disse ela. — Vou me assegurar de que o jardim de Jih está seguro, depois regressarei.

Olhei para a frente da igreja, como se conseguisse ver o jardim dela, do outro lado da rua. Jih parecia ter apenas oito anos, mas para um pixy isso era idade suficiente para estar sozinha; além disso se encontrava ativamente à procura de um marido, se descobrindo na posição única de poder demorar o tempo que quisesse, enquanto tratava do seu próprio jardim, defendendo ele com a espada de prata que o pai lhe deu. Tendo em consideração que tinham acabado de expulsar um clã de fadas, garantir que ninguém estava à espera para atacar Jih quando ela voltasse para casa parecia uma boa ideia.

— Tudo bem — eu disse; Matalina e Jih se ergueram alguns centímetros me empurrando o cheiro a coisas verdes. — Espero por você lá dentro. Entre à vontade. Estarei na cozinha.

Com um balançar suave, elas se ergueram no ar e saíram voando sobre o alto campanário, enquanto eu observava, preocupada. Era provável que estivessem passando



dificuldades, agora que o ego de Jenks os mantinha longe do seu jardim e se viam obrigados a lutar para sobreviver. Porque é que todos os homens pequenos pareciam ter egos gigantescos?

Parando para ver se as ataduras que cobriam os nós dos meus dedos não tinham caído, subi os degraus de madeira, batendo os pés, e tirei os tênis de jardinagem. Deixando-os ali, entrei pela porta dos fundos que davam acesso à sala de estar. O cheiro do café me atingiu quase como uma bofetada. Ouvi o som de passos masculinos sobre o linóleo da cozinha, do outro lado do corredor, e hesitei. Não era Ivy. *Kisten?*

Intrigada, avancei silenciosamente até à cozinha. Hesitando na passagem aberta, fitei a divisão aparentemente vazia.

Gostava da minha cozinha. Não, permitia que falasse outra coisa dela. Adorava a minha cozinha, com a lealdade de um buldogue e o seu osso preferido. Ocupava mais espaço que a sala de estar e tinha dois fogões, para que nunca precisasse de cozinhar feitiços e refeições sobre a mesma chama. Estava iluminada por fortes luzes fluorescentes, tinha um grande balcão, vários armários e os meus utensílios de cerâmica pendurados sobre uma ilha central. Um cálice de brandy do tamanho gigante, que servia de aquário ao meu Beta o Sr. Peixe, que repousava no parapeito na única janela da cozinha, logo por cima do lava-louça, coberta por uma cortina azul. Foi gravado um círculo um pouco fundo no linóleo, para os casos em que eu precisava de proteção extra durante a preparação de um feitiço mais sensível, e havia ervas penduradas para secar numa armação presa ao canto.

A parede interior estava ocupada por uma pesada mesa de madeira antiga; do meu lado, se encontrava uma pilha de livros que não estava lá antes. O resto da mesa estava ocupado, de forma absolutamente organizada, pelo computador, a impressora, os mapas, os marcadores coloridos e tudo o mais que Ivy necessitasse para planejar até à exaustão as suas missões. Ergui as sobrancelhas diante a pilha de livros, mas sorri diante o traseiro, envolto em jeans, que espreitava da porta aberta da geladeira de aço inoxidável.

— Kist — eu disse, o som alegre da minha voz levando o vampiro vivo a erguer a cabeça. — Pensei que era a Ivy.



— Olá, querida — ele disse, o sotaque inglês que ele normalmente fingia e era quase inexistente, enquanto fechava a porta com o pé, num gesto descontraído. — Fui entrando, espero que não se importe. Não queria tocar à campainha e acordar os mortos.

Sorri; ele pousou o queijo creme no balcão e avançou na minha direção. Ivy ainda não estava morta, mas ficava com o mau humor de um trol das pontes quando a acordavam antes da hora a que ela queria se levantar.

— Hum, pode ir entrando sempre que quiser, desde que me faça café — eu disse, envolvendo a sua cintura fina com os meus braços, quando ele me deu um abraço.

As suas unhas curtas deslizaram dois centímetros acima das novas manchas roxas e das marcas de dentes no meu pescoço.

— Tudo bem? — murmurou.

Fechei os olhos diante da preocupação na sua voz. Ele quis vim me ver na noite anterior e eu fiquei grata por ele não ter feito, respeitando a minha vontade.

— Estou ótima — eu disse, brincando com a ideia de dizer que eles tinham feito uma trapaça, com cinco alfas unidos em um círculo para dar vantagem à sua cadela, em uma luta injusta. Mas se tratava de um acontecimento inusitado que eu temia que ele me acusasse de estar inventando... além disso, soava exagerado como queixinhas.

Em vez disso, apoiei a cabeça nele e inspirei o seu cheiro: uma mistura de couro escuro e seda. Kisten estava vestindo uma camiseta de algodão, com decote em V, que lhe realçava os ombros, mas o odor do couro e da seda permanecia, juntamente com o toque almiscarado a incenso que envolvia os vampiros. Nunca havia estabelecido uma ligação entre esse cheiro em particular e os vampiros até ter ido viver com Ivy, mas o mais certo era que, agora, eu era capaz de dizer, de olhos fechados, se quem estava na sala era Ivy ou Kisten.

Ambos os cheiros eram deliciosos e eu inspirei profundamente, desejando assimilar os feromônios vampíricos que ele emitia inconscientemente para me reconfortar e relaxar. Tratava-se de uma adaptação evolutiva destinada para tornar mais fácil a procura por um dador de sangue voluntário. Não que Kisten e eu estivéssemos a compartilhar o sangue. Não eu. Não essa bruxinha. Nem agora nem nunca. O risco de me transformar em um



brinquedo — a minha vontade entregue a um vampiro — era excecivamente real. Mas isso não implicava que eu não fosse capaz de desfrutar um pouco.

Conseguia ouvir coração dele batendo e fiquei imóvel, enquanto os seus dedos traçavam um caminho delicioso pelo fundo das minhas costas. Coloquei a testa no ombro dele; estava mais baixa do que o normal, já que ele estava de botas e eu de meias. As suas exalações faziam o meu cabelo se agitar. A sensação fez eu erguer a cabeça e me deparar com os seus olhos azuis, que me espreitavam por baixo da franja comprida, constatando pelas pupilas de tamanho normal que ele tinha saciado a sua sede de sangue antes de ter ido me ver. Era algo que ele fazia normalmente.

— Gosto quando você cheira a terra — disse ele, os olhos meio fechados e a voz maliciosa.

Sorrindo, passei uma unha pela face áspera. Kisten tinha um nariz e um queixo pequenos e, normalmente, deixava uma barba de um dia que lhe dava um ar mais rude. O cabelo estava pintado de louro para combinar com a sua quase barba, embora ainda não o tivesse visto com as raízes escuras ou com um feitiço para colorir o cabelo.

— Qual é a verdadeira cor do seu cabelo? — perguntei, num impulso, enquanto brincava com as finas mechas que caíam até à base do seu pescoço.

Ele se afastou, agitou as pálpebras de surpresa. Duas fatias de pão saltaram na torradeira e ele se dirigiu ao balcão, pegando um prato e colocando sobre ele as torradas.

— Hum, é louro.

Os meus olhos desceram pelo seu agradável traseiro e me encostei no balcão, apreciando a vista. Os limites das suas orelhas tinham assumido um suave tom avermelhado e eu avancei para ele, me inclinando de forma que passasse com um dedo pela orelha rasgada, no local onde alguém arrancou um dos dois brincos de diamante que usava em cada orelha. A orelha direita ainda exibia os dois brincos e me perguntei quem teria o diamante que faltava. Teria perguntado, mas temia que ele me dissesse que estava na posse de Ivy.

— Você pinta o cabelo — insisti. — De que cor é, na verdade?



Kisten se recusava a olhar para mim enquanto abria a embalagem de queijo creme e espalhava uma espessa camada sobre as torradas.

— É castanho. Porquê? Tem algum problema?

Colocando as mãos na cintura dele, fiz ele se virar. Prendi ele contra o balcão e me inclinei até os nossos lábios se tocarem.

— Deus, não! Só estava perguntando.

— Oh!

As mãos dele deslizaram para a minha cintura e, claramente aliviado, ele inspirou lentamente, parecendo inalar a minha própria alma. Uma centelha de desejo saltou dele para mim, penetrando até ao centro do meu ser e me deixando sem fôlego. Sabia que ele estava me cheirando, que ele estava me lendo, na tensão do meu corpo contra o dele, o desejo de transformar o nosso abraço em algo mais. Sabia que a união dos nossos odores era um poderoso afrodisíaco que agia sobre o sangue. Também sabia que Ivy o mataria se ele rasgasse a minha pele, mesmo que por acidente. Mas isso não era nenhuma novidade e eu seria uma tola se não admitisse que parte do encanto de Kisten consistia na mistura entre a profunda intimidade e o perigo de perder o controle e me morder. Sim, estava sendo uma garota idiota e confiante, mas o sexo era excelente.

E Kisten é muito cuidadoso, pensei, me afastando com uma falsa modéstia, diante do rosnado surdo que o atravessou. Ele não teria ido até ali se não estivesse certo do seu controle e eu sabia que ele provocava a si mesmo com o meu sangue fora do seu alcance, tanto quanto eu testava a minha vontade diante do êxtase carnal, supostamente melhor do que o sexo, que podia acompanhar a mordida de um vampiro.

— Vejo que está fazendo amizade com os vizinhos — ele disse, e eu me afastei para reabrir a janela e lavar as mãos.

Se eu não parasse, Ivy ia pressenti-lo e apareceria na cozinha, pairando como um amante insultado. Nós éramos colegas de casa e parceiras de trabalho — mais nada, — mas Ivy não fazia qualquer tentativa para esconder que queria mais. Certa vez me pediu que fosse o seu delfim, uma espécie de ajudante principal e detentor do poder de um



vampiro quando ele se encontra limitado pela luz do Sol. Ela ainda não estava morta e não precisava de um delfim, mas Ivy gostava de planejar.

A posição era uma honra, mas eu não a queria ainda que sendo uma bruxa, não pudesse ser transformada em um vampiro. Implicava a troca de sangue para concretizar os laços, razão pela qual eu recusei terminantemente da primeira vez que ela me pediu, mas depois de ter conhecido a sua antiga colega de quarto do liceu, passei a acreditar que ela queria mais do que isso. Kisten conseguia separar a sua vontade por sangue do seu desejo de sexo, mas Ivy não o conseguia e as emoções que um vampiro sedento por sangue faziam despertar em mim eram muito parecidas com o apetite sexual para que eu pensasse o contrário. O pedido de Ivy para que me tornasse seu delfim era também um pedido para que me tornasse sua amante e, por muito que gostasse dela, não seria feito dessa forma.

Fechei a torneira e sequei as mãos com o pano de prato, franzindo a sobancelha diante das asas de borboleta que pairavam nas proximidades do jardim.

— Podia ter me ajudado ali fora — eu disse, em tom amargo.

— Eu? — com os olhos azuis brilhando, divertidos, Kisten colocou o suco de laranja no balcão e fechou a porta da geladeira. — Rachel, querida, eu te amo e isso é tudo, mas o que acha que eu poderia ter feito?

Atirando o pano no balcão, virei-lhe as costas e cruzei os braços, enquanto fitava as asas que se aproximavam cuidadosamente no exterior. Ele tinha razão, mas isso não implicava que eu tivesse que gostar. Foi sorte Matalina ter aparecido e eu voltei a me perguntar o que queria ela.

Senti um bafo quente no ombro e saltei, compreendendo que Kisten tinha se aproximado sorrateiramente de mim, inaudível nos seus suaves passos de vampiro.

— Teria saído se precisasse — disse ele, a voz rouca me penetrando de imediato. — Mas são apenas fadas de jardim.

— Sim — disse eu, com um suspiro. — Suponho que sim — quando me virei, os meus olhos passaram sobre o ombro dele e fixaram nos três livros sobre a mesa. — São para mim? — perguntei, desejando mudar de assunto.



Kisten estendeu um braço para arrancar uma margarida do vaso que se encontrava atrás de mim, ao lado do Sr. Peixe.

— Estavam em uma estante no Piscary. Pareciam livros de feitiços. Pensei que talvez pudesses encontrar algum que permitisse você se transformar em animalomem. São seus se os quiser. Prometo não contar a ninguém para onde foram.

Os olhos dele mostravam o desejo que sentia de me ajudar, mas eu não me mexi, me deixando ficar ao lado do lava-louça, de braços cruzados, fitando-os. Se o mestre vampiro os tinha em uma estante deviam ser mais velhos que o tempo. Pior ainda, tinham todo o aspecto de serem livros de magia demoníaca, o que os tornava inúteis já que apenas os demônios podiam realizar. Pela regra.

Descruzando os braços, pensei melhor. Talvez houvesse alguma coisa que eu pudesse usar.

— Obrigada — disse, avançando para tocar o livro que se encontrava no topo da pilha de livros e suprimindo um estremecimento quanto senti uma ligeira esponjosidade, como se a minha aura tivesse passado de líquida e cansada. Senti um formigamento na pele rasgada e limpei a mão nos jeans. — Não vai te colocar em problemas?

A ténue tensão no seu maxilar foi o único sinal revelador do seu nervosismo.

— Quer dizer, ainda mais problemas do que por tentar matá-lo? — disse ele, afastando a franja comprida dos olhos.

Dirigi-lhe um sorriso doentio.

— Percebo o que quer dizer.

Fui buscar uma caneca de café para mim, enquanto Kisten servia um copo pequeno de suco de laranja e o colocava em uma bandeja que retirou de trás do microondas. Juntou o prato de torradas, em seguida pegou a margarida que havia tirado do parapeito da janela. Observei, a minha curiosidade aumentando quando ele me dirigiu um sorriso de soslaio, revelando os caninos afiados, e se dirigiu para o corredor, com a bandeja nas mãos. Muito bem, não era para mim.

Me encostando no balcão, bebi um gole de café, enquanto ouvia o ranger de uma porta se abrindo.

— Boa tarde, Ivy — ouvi a voz de Kisten, num tom alegre. — Hora de acordar, o Sol está no ar!

— Vai se foder, Kist — respondeu Ivy num murmúrio arrastado. — Hei! — gritou mais alto. — Não abra isso! Que diabo você está fazendo?

Um sorriso fez curvar os meus lábios e ri, enquanto pegava no meu café e ia me sentar na mesa.

— É sábado — rosnou ela. — O que está fazendo aqui tão cedo?

Enquanto ouvia a voz calmante de Kisten que subia e descia num padrão irreconhecível, me perguntei o que estaria se passando. Originalmente de famílias ricas, Kisten e Ivy tinham crescido juntos, tentado morar juntos e optado pela separação, permanecendo amigos. Constava que Piscary tenha planejado juntá-los para que tivessem um bando de filhos que pudesse dar continuidade à sua linhagem de vampiros vivos antes de um deles morrer. Não era nenhuma especialista em relacionamentos, mas até eu conseguia perceber que isso não ia acontecer. Kisten gostava profundamente de Ivy e ela dele, mas vê-los juntos sempre me transmitiu a sensação de um relacionamento próximo, entre irmãos. Ainda assim, aquele pequeno almoço na cama era algo inusitado.

— Cuidado com o café! — exclamou Kisten, seguido de perto por um grito de Ivy.

— Não está ajudando. Sai do meu quarto! — rosnou ela, a sua voz de seda cinzenta assumindo um tom duro.

— Quer que prepare as suas roupas, querida? — disse Kisten, o seu sotaque britânico falso a toda a força e a voz marcada pelo riso. — Adoro aquela saia cor-de-rosa que você usou durante todo o outono passado. Porque é que já não usa ela?

— Sai! — exclamou ela e pude ouvir o som de algo batendo na parede.

— Quer panquecas, amanhã?

— Se coloque para fora do meu quarto!

Ouvi o clique da porta fechando e recebi o sorriso de Kisten com um sorriso meu quando ele entrou na cozinha e se dirigiu à cafeteira.

— Perdeu uma aposta? — calculei, e ele acenou, as finas sobrancelhas erguidas. Empurrei a cadeira que se encontrava ao lado da minha, do outro lado da mesa, com um



pé e ele se sentou, com a caneca nas mãos, as pernas compridas se estendendo para enlaçar as minhas por baixo do canto da mesa.

— Disse que conseguia sair com o David para resolver um caso e voltar, sem ter se transformado em uma festa de pancadaria. Ela disse que não conseguia. — Kisten pegou no açucareiro e despejou duas colheres cheias no café.

— Obrigada — disse eu, feliz por ele ter apostado contra Ivy.

— Perdi de propósito — disse ele, esmagando a sensação que foi atingida, antes que ela pudesse respirar pela primeira vez.

— Muito obrigada — corrigi, tirando as minhas pernas de debaixo das dele.

Colocando a caneca, Kisten se inclinou para frente e tomou as minhas mãos nas dele.

— Para, Rachel. De que outra forma poderia arranjar uma desculpa para vir aqui, todas as manhãs, durante uma semana?

Assim não podia ficar zangada com ele, por isso sorri, baixando o olhar para as nossas mãos entrelaçadas, as minhas pálidas e magras entre os seus dedos bronzeados e masculinos. Era agradável vê-las ali, juntas, daquela forma. Durante os últimos quatro meses, ele não me encheu de atenções, mas esteve presente e disponível sempre que o desejo atingia qualquer um de nós.

Estava incrivelmente ocupado administrando os negócios de Piscary, agora que o mestre vampiro morto-vivo se encontrava na prisão — graças a mim — e eu estava ocupada com a minha parte da agência de detetives que formei com Ivy, a Encantamentos Vampíricos. Consequentemente, Kisten e eu partilhávamos breves instantes espontâneos e intensos que eu considerava, ao mesmo tempo, muitíssimo satisfatórios e curiosamente libertadores. As nossas conversas breves e praticamente diárias, enquanto bebíamos café ou jantávamos, eram mais agradáveis e reconfortantes do que um fim de semana comprido de mochila nas costas nas Adirondacks, do que fugir de guerreiros no fim de semana, animalomens e a matar mosquitos.

Kisten não sentia ciúmes do tempo que eu dedicava à minha carreira e eu me sentia aliviada por ele saciar a sua sede de sangue em outro lado; se tratava de uma parte dele

que eu ia ignorar até descobrir uma forma de lidar com ela. Se aproximava os problemas que iremos enfrentar no nosso futuro, já que as bruxas de sangue casto e os vampiros vivos não eram conhecidos pelos seus compromissos de longo prazo. Mas eu estava farta de estar sozinha e Kisten cuidava de todas as minhas necessidades emocionais e eu cuidava de todas as suas, com exceção de uma, permitindo, contudo, que outra pessoa fizesse sem ter qualquer desconfiança. O nosso relacionamento era muito bom para ser verdade e eu me perguntava como era possível encontrar conforto em um vampiro, quando nunca foi possível com um bruxo.

Ou com Nick, pensei, sentindo toda a expressão a desaparecer do meu rosto.

— O que foi? — perguntou Kisten, mais consciente da minha mudança de humor do que se eu tivesse pintado o rosto de azul.

Inspirei, me odiando pela direção que tinham tomado os meus pensamentos.

— Nada — esbocei um sorriso fraco. — Estava apenas pensando no quanto gosto de estar com você.

— Oh! — O seu rosto, onde a barba despontava, se enrugou num sorriso preocupado. — O que vai fazer hoje?

Me recostei, retirando a minha mão das dele, mas colocando os pés, calçados apenas com meias, um de cada lado do seu colo para que ele não pensasse que eu estava me afastando. Desviei o olhar para a minha bolsa e para o meu talão cheques. Não estava desesperada por dinheiro, espanto dos espantos, tendo em consideração que os telefonemas em busca dos meus serviços tinham caído a fundo, depois de um jornal das seis, no inverno passado, ter mostrado eu sendo levada rua abaixo arrastada, por um demônio. Tendo aceitado o conselho de David para tirar alguns dias para me recompor, sabia que devia aproveitar o tempo para investigar um pouco, pôr as contas em dia, limpar o banheiro ou fazer algo construtivo.

Mas, depois, o meu olhar se cruzou com o de Kisten e a única ideia que me veio à mente foi... ah, nada construtiva. Os seus olhos não estavam calmos. Havia neles um ligeiro aumento das pupilas, uma ligeira diminuição do azul. Com o olhar preso no meu, Kisten pegou num dos meus pés, colocou no colo e começou a massagear eles. A

intensidade que dedicava àquela ação aumentou quando pressentiu a aceleração da minha pulsação e a sua massagem assumiu um ritmo que falava de... possibilidades.

Senti que eu ficava sem fôlego. Não havia nos seus olhos qualquer sinal de sede de sangue, apenas um desejo que apertou o meu estômago e fez formigar a minha cicatriz do demônio.

— Preciso... lavar a roupa? — disse eu, arqueando as sobrancelhas.

— A roupa — os seus olhos nunca se afastaram dos meus, enquanto as mãos abandonavam os meus pés e começavam a subir lentamente. Deslizando, pressionando, sugerindo. — Me parece envolver água e sabão. Hum. Pode ser escorregadio. E caótico. Acho que tenho uma barra de sabão em algum lugar. Quer ajuda?

Hum, hum, pensei, a minha mente percorrendo as formas como ele podia me “ajudar” e a melhor maneira de tirar Ivy de casa durante algumas horas.

Lendo — bem... a minha disponibilidade talvez seja uma palavra muito fraca — o meu entusiasmo no sorriso convidativo que lhe dirigi, Kisten estendeu os braços e puxou a minha cadeira, aos saltos e a arranhar o chão, fazendo ela contornar o canto da mesa, aproximando da sua graças à sua força de vampiro vivo. Abri as pernas, colocando um joelho de cada lado do seu corpo e ele se inclinou para frente, o azul dos seus olhos desaparecendo em uma fita estreita.

Com a tensão subindo, encostei os lábios na sua orelha rasgada. O odor de couro e seda se abateu sobre mim e eu fechei os olhos em antecipação.

— Tem as capas? — sussurrei.

Senti ele acenar, mas estava mais interessada nos movimentos dos seus lábios. Kisten segurou o meu maxilar com uma mão e inclinou o meu rosto para o seu.

— Sempre — disse ele. — Sempre e para sempre com você.

Oh, Deus, pensei, prestes a derreter. Kisten usava capas nos afiados dentes caninos para se impedir de rasgar a minha pele num momento de paixão. Por norma, tais escapatórias eram usadas pelos vampiros vivos adolescentes, que ainda não tinham controle sobre si mesmos, e Kisten se arriscava a ser seriamente zombado se alguém descobrisse que ele usava quando dormíamos juntos. Essa decisão teve a sua origem no

respeito que ele sentia pela minha vontade de não partilhar com ele o meu sangue e da ameaça de Ivy, que prometeu espetar nele duas estacas no coração caso ele tomasse o meu sangue. Kisten alegava que era possível unir alguém a um vampiro sem que essa pessoa se tornasse um espectro do vampiro, mas tudo o que eu havia visto até então dizia o contrário. O meu medo permanecia. Bem como as capas nos dentes dele.

Inspirei, inalando profundamente os feromônios vampíricos, lhe pedindo que me acalmassem, desejando que a promessa palpitante que zumbia na cicatriz do demônio corresse através do meu corpo. Mas Kisten ficou rígido e se afastou.

— Ivy? — sussurrei, sentindo a preocupação encher os meus olhos quando o olhar dele se tornou distante.

— Asas de pixy — ele disse, empurrando a minha cadeira.

— Matalina — eu disse, enviando o meu olhar para a passagem aberta entre a cozinha e o corredor.

Ouvi um baque distante.

— Jenks? — questionou a voz abafada de Ivy a partir do seu quarto. Fiquei de queixo caído. Ela ouviu as asas de Matalina através da porta fechada? Ótimo. Simplesmente espetacular! Nesse caso também tinha ouvido a nossa conversa.

— É Matalina! — gritei, não querendo que ela saísse do quarto por impulso pensando que se tratava de Jenks.

Mas era muito tarde e eu me ergui, desajeitadamente, quando a porta do quarto dela se abriu com um estrondo. Matalina voou para a cozinha um segundo antes de Ivy ter cambaleado até ela, escorando de forma repentina e pouco digna, se apoiando com uma mão na peça lateral da porta aberta.

Ivy vestia apenas a camisola de dormir minúscula, o robe de seda preta fazendo quase nada para esconder o corpo alto e esguio, de membros firmes e ágeis devido à prática de artes marciais. O cabelo liso e negro, emaranhado do sono, envolvia o rosto oval de forma descuidada. Não tinha cortado há muito tempo e ainda me surpreendia vê-lo logo abaixo das orelhas. O corte fazia com que o longo pescoço parecesse ainda mais comprido, a única cicatriz existente, uma linha suave, agora tênue devido à cirurgia



plástica. De olhos muito abertos, por ter sido arrancada de repente da cama, os olhos castanhos, ligeiramente amendoados pareciam maiores do que o normal e os lábios finos tinham se afastado para revelar os dentes pequenos.

De cabeça inclinada, Kisten girou na cadeira. Quando a viu quase despida, o seu sorriso aumentou.

Fazendo uma careta perante a sua entrada pouco digna, Ivy se endireitou, tentando reencontrar o normal controle inflexível sobre as suas emoções. As faces pálidas estavam coradas e ela se recusava a cruzar o seu olhar com o meu, enquanto fechava o robe num movimento abrupto.

— Matalina — ela disse, a voz ainda arrastada de sono. — O Jenks está bem? Está disposto a falar com a gente?

— Deus, espero que sim — disse Kisten, secamente, virando a cadeira de forma que não ficasse de costas para Ivy.

A pixy, agitada, esvoaçou para se empoleirar no balcão da ilha que ocupava o centro da cozinha. Um rastro brilhante de faíscas prateadas se soltavam dela, caindo lentamente e desenhando um raio de Sol temporário, prova clara do seu estado de agitação. Já conhecia a sua resposta, mas não pude evitar a desilusão quando ela abanou a cabeça, as asas aquietando-se. Os seus olhos belos se abriram muito e ela torceu o tecido do seu vestido de seda.

— Por favor — disse ela, a voz revelando uma dose assustadoramente elevada de preocupação. — O Jenks não irá vir. Estou tão assustada, Rachel. Ele não pode ir sozinho. Não voltará se for sozinho!

De súbito, me senti muito mais preocupada.

— Ir aonde? — perguntei, me aproximando.

Ivy também se aproximou, pelo que nos amontoamos na frente dela, nos sentindo inúteis quando a mulher minúscula, capaz de afastar seis fadas, começou a chorar. Sempre cavalheiro, Kisten rasgou um lenço de papel e lhe entregou um pedaço do tamanho da cabeça de um dedo. Matalina podia tê-lo usado como pano de prato.

— É o Jax — disse Matalina, sustentando a respiração entre soluços. Jax era o seu filho mais velho.

O meu receio se tornou mais urgente.

— Ele está no apartamento do Nick — disse eu. — Levo você até lá de carro.

Matalina abanou a cabeça.

— Ele não está lá. Partiu com Nick durante o Solstício de inverno.

Me endireitei abruptamente, sentindo como se tivesse levado um soco no estômago.

— O Nick esteve na cidade? — gaguejei. — Durante o Solstício? Ele nem ligou!

Olhei para Ivy, chocada. Aquele maldito bastardo humano! Tinha vindo à cidade, limpado o apartamento e partido; tal como Jenks disse que ele ia fazer. E eu que pensava que ele gostava de mim. Eu estava ferida e meio morta de hipotermia e ele se limitou a partir? Enquanto eu estava muito zangada, o sentimento de traição e confusão que eu pensei ter esquecido há muito regressou, me provocando dores de cabeça.

— Recebemos uma chamada esta manhã — dizia Matalina, ignorando o meu estado, embora Kisten e Ivy tivessem trocado um olhar cúmplice.

— Achamos que ele está no Michigan.

— No Michigan! — balbuciei. — Que Viragem ele está para fazer no Michigan?

Ivy se aproximou um pouco, ficando quase entre mim e Matalina.

— Disse que acham. Não têm certeza?

A pixy virou para Ivy o rosto marcado pelas lágrimas, parecendo tão trágica e forte como um anjo em sofrimento.

— O Nick disse ao Jax que estavam no Michigan, mas eles mudaram de lugar. Jax não sabe ao certo.

Eles mudaram?

— Quem é que mudou ele lugar? — perguntei, me inclinando para ela. — Eles estão em apuros?

Os olhos da mulher minúscula estavam tão assustados!



— Nunca vi o Jenks tão furioso. O Nick pediu ao Jax para ajudar ele no seu trabalho, mas algo correu mal. Agora o Nick está ferido e o Jax não consegue voltar para casa. Faz frio lá em cima; estou tão preocupada.

Olhei de relance para Ivy, os seus olhos escuros devido ao aumento das pupilas, os lábios apertados numa linha fina e furiosa. Trabalho? Nick limpava artefatos de museu e restaurava livros antigos. Para que tipo de trabalho necessitaria Nick de um pixy? No Michigan? Na primavera, uma altura em que a maioria dos pixies que vivem em tais latitudes mal saiu da hibernação?

Os meus pensamentos consideraram a casualidade confiante do Nick, a sua aversão a tudo o que use distintivo, a sua mente diabolicamente rápida e a sua tendência singular para possuir em quase tudo, em qualquer altura. Tinha conhecido ele nas lutas de ratazanas de Cincinnati, em que ele estava participando, tendo sido transformado em uma ratazana depois de ter “levado emprestado” um livro de um vampiro.

Ele regressou a Cincinnati e partiu com Jax, sem me dizer que estava na cidade. Porquê levar Jax com ele?

Senti o rosto ficando quente e os joelhos tremendo. Os pixies tinham outros dotes além da jardinagem. *Merda. O Nick era um ladrão.*

Me apoiando pesadamente no balcão, fitei Kisten e Ivy, lendo na expressão do seu rosto que ela sempre soube, mas que compreendeu que eu ficaria furiosa com ela caso não o descobrisse por eu mesma. Deus, eu era tão idiota! Estava mesmo na minha frente e eu não me permitia ver.

Abri a boca, saltando quando Kisten me deu uma cotovelada nas costelas. Os olhos dele saltaram para Matalina. A pobre mulher não sabia. Fechei a boca, me sentindo gelada.

— Matalina — disse, suavemente. — Há alguma forma de descobrir onde é que eles estão? Talvez o Jax consiga encontrar um jornal ou algo assim.

— O Jax não sabe ler — sussurrou ela, escondendo a cabeça nas mãos e deixando cair as asas. — Nenhum de nós sabe — disse ela, chorando, — a não ser Jenks. Ele teve que aprender para poder trabalhar na SI.

Me senti tão inútil, incapaz de fazer o que quer que fosse. Como é que se dá um abraço a alguém com dez centímetros de altura? Como é que lhe dizemos que o filho mais velho foi enganado por um ladrão? Um ladrão em quem eu tinha confiado?

— Estou tão assustada — disse a minúscula pixy, a voz abafada. — O Jenks vai atrás dele. Vai viajar para norte. Não vai voltar. É muito longe. Não vai conseguir encontrar comida suficiente, o frio é muito intenso e corre o risco de não encontrar um local seguro para passar a noite — Matalina deixou cair as mãos, a infelicidade e o sofrimento estampados na suas pequenas feições me enchendo de medo.

— Onde é que ele está? — perguntei, a raiva que sentia crescer dentro de mim, afastando o medo.

— Não sei — Matalina fungou, ao mesmo tempo que fitava o lenço rasgado que tinha na mão. — Jax disse que estava frio e que as pessoas estavam fazendo fudge¹⁴. Há uma grande ponte verde e muita água.

Abanei a cabeça, impaciente.

— Não o Jax. O Jenks.

A expressão esperançosa de Matalina fazia com que parecesse mais bela do que todos os anjos de Deus.

— Vai falar com ele? — perguntou, estremecendo. Inspirando lentamente, olhei de relance para Ivy.

— Ele já teimou o suficiente — disse. — Vou falar com esse idiota e ele vai me ouvir. Depois, iremos os dois.

Ivy se endireitou, os braços rígidos de cada um dos lados do corpo, enquanto recuava dois passos. Os olhos dela estavam muito abertos e o rosto cuidadosamente vazio de qualquer expressão.

— Rachel... — começou Kisten, o tom de aviso na sua voz puxando a minha atenção para ele.

Matalina se ergueu uns oito centímetros no ar, o rosto iluminado ainda que as lágrimas continuassem caindo.

¹⁴ *Fudge* é um tipo de sobremesa, suavemente doce, às vezes aromatizado com chocolate.

— Ele ficaria furioso se soubesse que vim em busca da sua ajuda. N-não diga a ele que pedi a vocês.

Ignorando Kisten, inspirei, determinada.

— Me diga onde é que ele vai estar que eu descubro. Ele não vai fazer isso sozinho. Não quero saber se ele fala comigo ou não, irei com ele.



CAPÍTULO 3

O café na minha caneca estava frio, algo de que não me lembrei até a ter levado aos lábios. Forte e amargo, o seu sabor me arrancou uma careta, um instante antes de ter deixado que o líquido deslizesse pela minha garganta. Estremecendo, mantive uma gota na língua. Um arrepio suave deslizou pela minha pele, enquanto eu procurava a linha que atravessava o cemitério e colocava o lápis na mesa da cozinha.

— Das velas ardidas à rotação do planeta — murmurei desajeitadamente, mantendo a gota de café na língua. — É com o atrito que tudo termina e começa — revirando os olhos, juntei as mãos num estalo audível, dizendo ao mesmo tempo — *Consimilis*.

Deus me ajude, era tão absurdo, mas as palavras me ajudavam a recordar os movimentos dos dedos e os dois termos verdadeiramente responsáveis pelo feitiço.

— Do frio a quente, no interior aprisionado — terminei, ao mesmo tempo que fazia o gesto tornaria o café que tinha na boca o objeto focal da magia das linhas Ley e que esta não aquecesse... digamos... o aquário do Sr. Peixe. — *Calefacio* — disse eu, sorrindo perante o fluxo familiar da energia das linhas através do meu corpo.

Realizei um esforço consciente para permitir a passagem do que eu acreditava, ser a quantidade certa de poder através de mim para excitar as moléculas da água e aquecer o café.

— Excelente — murmurei quando a caneca começou a fumar.

Os meus dedos envolveram a porcelana quente e eu libertei por completo a linha. *Muito melhor*, pensei enquanto me preparava para beber um gole, mas recuei, tocando no lábio, quando descobri que o café estava muito quente. Ceri disse que o controle chegaria com a prática, mas eu ainda estava esperando.

Coloquei a caneca, afastando os mapas da Ivy da minha metade da mesa.

Os piscos cantavam, ruidosos, e eu semicerrei os olhos, tentando ler na luz fraca do fim da tarde, cujo céu se enchia de nuvens de chuva, e folheando as páginas dos livros que Kisten me emprestou. Teria que sair em dentro de meia-hora para me encontrar, acidentalmente, com Jenks e eu estava ficando ansiosa.

Ivy estava com uma das suas crises de mau humor e Kisten a levou para longe pouco depois de Matalina ter partido, para que ela não desse uma de doida comigo, durante toda à tarde. Em breve descobriria qual era o seu problema e talvez Kisten, conseguisse resolver por mim.

As minhas costas estalaram quando me endireitei, arqueando as costas e inspirando profundamente. Afastei os dedos das folhas escurecidas pela luz do fim da tarde, sentindo o formigamento da separação rasgar através de mim como um choque estático invertido. Os livros de Kist eram, de fato, textos demoníacos. Depressa me acostumei com a sensação entorpecedora das suas páginas, sendo atraída a explorá-las quando compreendi que todas as maldições misturavam magia da terra e magia das linhas Ley, utilizando ambas para gerar mais do que a soma de ambas as partes. Tratava-se de uma leitura fascinante, mesmo que o meu latim fosse uma verdadeira lavagem para porcos, e só agora começava a me lembrar que devia temer aquele tipo de coisa. Não era bem o que eu estava esperando.

Claro que me deparei com os feitiços asquerosos destinados a virar do avesso o cão barulhento do vizinho, fazer a professora do quarto anos se contorcer em agonia, ou invocar uma bola de fogo infernal e lançá-la contra o carro do cara que segue colado na nossa traseira, mas também encontrei feitiços mais suaves. Feitiços em que não havia

qualquer mal, feitiços que faziam as mesmas coisas que muitos dos meus legais feitiços da terra faziam. E isso era o que mais me assustava.

Me sentindo deslizar para um estado de espírito introspectivo, virei a página e descobri uma maldição que era destinada a acabar com uma pessoa em uma espessa camada de ar, tornando os seus movimentos mais lentos, como se a pessoa estivesse mergulhada em mel. Suponho que fosse possível utilizar essa tal maldição para ganhar vantagem em um combate e matar o adversário com um golpe na cabeça ou uma facada, mas mancharia a alma de uma pessoa se fosse utilizado para tornar o adversário mais lento, permitindo a colocação de algumas algemas? Quanto mais lia, mais difícil era responder à pergunta. Eu presumia que as maldições demoníacas eram inerentemente negras, mas a verdade é que não via qualquer mal ali.

Ainda mais preocupante era o poder em potencial de todas elas. A maldição descrita diante dos meus olhos, não correspondia à ilusão do mel que as bruxas negras das linhas Ley usavam para provocar pesadelos nas pessoas, no decorrer dos quais eram incapazes de fugir de algo ou de ajudar um ente querido. Mas também não era um feitiço da terra, que tinha que ser trabalhosamente preparado e dirigido para uma pessoa específica, que provocava reações mais lentas, mas não a imobilidade quase completa. A maldição demoníaca pegava na rápida implementação e no largo espectro de aplicação de um encantamento das linhas Ley e os prendia num conjunto de amuletos “polarizados” concedendo, por este meio, a realidade e permanência da magia da terra. Era uma mistura das duas. Era real. Era magia demoníaca e eu era uma das duas únicas pessoas simultaneamente capazes de andar sob o Sol e de ativá-la.

— Obrigada, Trent — murmurei enquanto virava a página, sentia um formigamento nas pontas dos dedos. — O seu pai era um doce.

Contudo, eu não estava me queixando. Não deveria ter sobrevivido até à puberdade. A anomalia genética que me afligia matava todas as bruxas que com ela nasciam antes de completarem dois anos. Acredito sinceramente que o pai de Trent Kalamack não sabia que a mesma coisa que estava me matando, se tornava possível ativar a magia demoníaca, tendo assim contornado uma defesa genética. Tudo o que ele sabia era que a filha do seu



amigo estava para morrer de uma doença antiga e que possuía o conhecimento e a tecnologia — ainda que ilegal — para salvar a minha vida.

Pelo que o fez. E me deixava preocupada saber que o único bruxo, além de mim, a quem o pai de Trent salvou a vida, estivesse agora, sofrendo um verdadeiro inferno, como familiar do demônio Algaliarept na eternidade.

Fui preenchida por um sentimento de culpa, rapidamente esmagado. Tinha pedido a Lee que não me entregasse a Al. Tinha lhe suplicado que nos levasse da eternidade quando houvesse a possibilidade. Mas não-ã-ã-ão! O bruxo mau da Costa Oeste achava que sabia tudo e agora estava pagando pelo seu erro com a própria vida. Era ele ou eu e eu gostava da minha casa.

Uma brisa fresca soprou através da janela aberta, trazendo a promessa de chuva e agitando as cortinas. Olhei de relance para o livro na minha frente e vi mais uma página, me deparando com uma maldição para arrancar a inteligência de alguém até ela ficar com o cérebro de uma minhoca. Piscando rapidamente, fechei o livro. Tudo bem, era fácil perceber que alguns daqueles feitiços eram negros, mas existiriam maldições brancas?

A verdade é que eu sabia que a magia da terra era poderosa, mas lhe conceder a rapidez e versatilidade da magia das linhas Ley era assustador. E a mistura dos dois ramos da magia estava presente em todas as maldições. Nas poucas horas em que estive sentada, descobri maldições que transformavam massa em energia das linhas e vice-versa, o que permitia transformar, de fato, as coisas grandes em pequenas e as pequenas em grandes, não apenas transmitir a ilusão de uma mudança de tamanho, como acontecia com a magia das linhas Ley; como a maldição envolvia uma poção gerada através da magia da terra, a mudança era real... real do gênero “capaz de gerar descendência”.

Nervosa, me afastei da mesa. Enquanto os meus dedos martelavam a madeira antiga em um ritmo acelerado, olhei de relance para o relógio. Eram quase seis horas. Não conseguia continuar sentada ali. O tempo estava mudando e eu queria me aconchegar nele.

Me erguendo repentinamente, arranquei o livro da mesa e fui me ajoelhar no balcão central da cozinha para o arrumar a prateleira de baixo. Não queria guardar aqueles livros

junto dos que faziam parte da minha biblioteca, mas também não desejava, de maneira nenhuma, guardá-los debaixo da minha almofada. De sombrancelha franzida, mudei de lugar um livro de cozinha para servir de tampão entre os meus livros de feitiços e os volumes demoníacos. Eu era supersticiosa. Façam suas recalmações!

Os dois últimos livros deslizaram para os respectivos lugares e me endireitei, limpando as mãos nos jeans, enquanto os fitava tão lindos, entre o exemplar de *Como Cozinhar Biscoitos Caseiros* que eu tirei indevidamente da minha mãe e a cópia de *Bruxas a Sério Comem Quiches* que eu recebi de um amigo secreto, numa troca de presentes de Natal na SI há três anos. Podem imaginar qual dos dois era o mais usado.

Agarrando a minha bolsa, me dirigi para a porta, os saltos das botas ruidosos enquanto eu percorria o corredor, passava pelo quarto de Ivy e pelo meu, bem como pelos banheiros e entrei no santuário. Os bancos tinham sido retirados há tempos, tudo o que restava era o contorno ressaltado de uma cruz enorme sobre o local onde se erguia antigamente o altar. As janelas de vitral se estendiam desde a altura do joelho até a acima das paredes com mais de três metros e meio de altura. O teto de vigas expostas estava envolto nas sombras do início do crepúsculo nublado e eu seria capaz de usar as minhas calcinhas como chapéu de sol se pudesse voltar a ouvir ali as gargalhadas sussurradas de pequenos pixies fazendo planos das suas traquinagens.

A grande divisão ocupava metade do espaço aquecido da igreja e estava vazia com exceção da minha mesa de secretária repleta de plantas, sobre o palco pela altura do tornozelo onde esteve instalado o altar, e o pequeno piano de cauda de Ivy, logo na entrada. Só ouvi ela tocar uma vez, os dedos longos arrancando das teclas uma profunda emoção que raramente via no seu rosto.

Agarrei as chaves que estavam sobre a mesa de secretária, ao passar, e elas tilintaram alegremente enquanto eu avançava até à entrada obscurecida. Semicerrando os olhos, tirei o casaco e o boné de couro vermelho do cabide que se encontrava ao lado das portas duplas de carvalho com dez centímetros de espessura. No último instante agarrei o guarda-chuva da Ivy, com o seu cabo de ébano antes de abrir a porta. Não havia qualquer

fechadura — apenas uma barra que se podia baixar pelo lado de dentro, — mas ninguém deste lado das linhas Ley se atreveria a roubar de um vampiro Tamwood.

A porta se fechou atrás de mim com um baque surdo e eu desci rapidamente os degraus até a calçada. A tarde de primavera estava perfumada, a humidade da tempestade que se aproximava alterava a pressão no ar, fazendo cantar os piscos e correr o sangue. Podia sentir o cheiro da chuva e imaginar o som distante de um trovão. Adorava as tempestades de primavera e sorri às jovens folhas verdes, que se agitavam na brisa que se começava a levanta-las.

Os meus passos se apressaram quando vi o meu carro, aninhado sob o telhado minúsculo: um conversível vermelho com dois lugares na frente e dois lugares inutilizáveis atrás. Do outro lado da rua, um pouco mais abaixo, o nosso vizinho, Keasley, erguia-se no limiar do seu pequeno telhado, a coluna inclinada pela artrite e a cabeça erguida, sentindo o vento que mudava. Ergueu a mão quando lhe acenei, me fazendo saber que estava tudo bem com ele. Podia ouvir os gritos de crianças pequenas invisíveis, que respondiam à mudança na pressão atmosférica com menos controle do que eu.

Por toda a rua, as pessoas começavam a sair das suas casas de classe média, as cabeças erguidas e os olhos fixos no céu. Era a primeira chuva quente da estação e apenas três dias depois da lua nova. A SI ia ter uma noite inquieta, tentando para a violência.

Já não era um problema meu, pensei alegremente, enquanto me sentava atrás do volante do carro, demorando em abaixar a capota para poder sentir o vento no cabelo. Sim, ia chover, mas só daqui a algumas horas.

Com o atrevido boné vermelho na cabeça e vestindo um elegante casaco de couro para me proteger do vento, conduzi através de Hollows em velocidade moderada, esperando até eu ter atravessado a ponte e entrado na interestadual antes de pisar no acelerador. O vento húmido que batia com força no meu rosto me trazia todos os cheiros, mais nítidos e fortes do que tinham sido durante meses, e o roncar dos pneus, dos motores e do vento, que abafavam tudo o resto, me parecia à própria liberdade. Quando dei por mim havia chegado aos cento e trinta, quando vi um carro patrulha parado em um dos acessos. Tinha estampado o emblema do Departamento Federal Inderland e, acenando

alegremente, desacelerei recebendo em resposta uma piscadela das luzes. Todos os agentes do DFI, controlado pelos humanos, conheciam o meu carro; caramba, tinham sido eles a me oferecer. O DFI não me mandaria parar, mas a SI formada por Inderlanders iria me forçar, por mera pirraça, só porque eu tinha abandonado a sua inútil força policial de dimensão nacional.

Prendi uma mecha de cabelo atrás da orelha e olhei para trás, desconfiada. Só tinha aquele carro há alguns meses, mas os lacaios da SI que faziam serviço na rua já o conheciam todos de vista, aproveitando todas as oportunidades para me ajudar a perder pontos na carta. E não era justo! Ignorei um sinal vermelho, há um mês, mas fiz por uma boa razão... além disso, às cinco da manhã, não estava mais ninguém no cruzamento além do polícia. Ainda não sei de onde é que ele saiu... talvez do porta malas do meu carro? E da vez em que me mandaram encostar, por seguir em excesso de velocidade na interestadual 75, estava atrasada para uma reunião. Além disso, não estava assim tão mais rápido que os outros condutores.

— Carro idiota — murmurei, com ternura, embora não trocasse o meu pequeno íman de multas por nada neste mundo. Ele não tinha culpa que a SI, aproveitava todas as oportunidades para tornar a minha vida miserável.

Mas estava ouvindo *Walkie Talkie Man* no máximo, os Steriogram cantando tão depressa que só um vampiro seria capaz de acompanhar eles e o pequeno ponteiro branco não voltou a se aproximar, mais uma vez, dos cento e trinta, arrastando consigo o meu estado de espírito. Até descobri um cara gostoso, de moto, com que paquerar enquanto me dirigia para Edgemont, onde Jenks tinha a sua missão.

O cessar do vento, quando saí da interestadual foi quase um choque e, quando ouvi o barulho de um verdadeiro trovão sobre mim, encostei no acostamento para fechar a capota. Levantei a cabeça quando o cara da moto passou por mim, num zumbido, a mão erguida em saudação. O meu pequeno sorriso se manteve por um instante, depois desapareceu.

Se não conseguisse que Jenks falasse comigo, ia matar o pequeno idiota.



Inspirando fundo, pus o celular apenas para vibrar, desliguei a música e me concentrei no trânsito. Atravessei uma passagem de nível, espreitando para a escuridão que se aproximava e reparando que o ritmo dos peões e das bicicletas tinha mudado de calmo para intenso, devido à crescente ameaça da chuva. Eu estava em um bairro de negócios, uma das antigas zonas industriais da cidade onde tinha sido gasto uma enorme quantia, para transformar alguns dos seus edifícios em um centro comercial temático e em parques destinados a atrair as normais lojas e edifícios residenciais. Me fez pensar no apartamento da “Sra. Bryant”, pelo que franzi a sombrancelha.

Passei pelo endereço que tinham me dado, para avaliar o comprido edifício de vários andares. Tendo em consideração a decoração e as caixas de correio acessíveis para carro, calculei que se tratasse de uma antiga fábrica transformada em edifício de apartamentos, uns mais comerciais e outros mais finos. Não vi Jenks, mas isso não seria de se estranhar se ele estivesse seguindo alguém. Matalina disse que ele aceitou um caso de traição para conseguir dinheiro para comprar um bilhete de avião.

Tinha a testa franzida de preocupação quando dobrei a esquina e, por sorte, consegui um lugar ao lado da calçada, em frente a um café, puxei o freio de mão, num movimento repentino e desengatei a marcha. Os pixies não podiam viajar de avião, a alteração da pressão atmosférica gerava neles todo o tipo de problemas. Jenks perdeu a racionalidade. Não era de admirar que Matalina tivesse ido falar comigo.

Agarrando na bolsa, coordenei os meus movimentos com os carros que passavam e saí do carro. Olhei rapidamente para as nuvens cada vez mais baixas e peguei no guarda chuva de Ivy. O cheiro a café quase me arrastou para o interior da loja, mas avancei respeitosamente para o lado oposto. Olhei de relance e deslizei para um beco ao lado do edifício por uma razão, avançando nas minhas botas feitas por vampiros, de maneira que tornaram os meus passos silenciosos.

O cheiro de lixo e urina de cão era forte, torci o nariz e apertei o casaco contra o corpo, procurando um local onde pudesse me esconder, enquanto vigiava a porta da frente. Tinha chegado cedo. Se conseguisse alcançá-lo antes dele entrar, seria ainda melhor. Mas parei quando ouvi o som familiar provocado pelo movimento de umas asas.



Com o rosto imóvel numa expressão séria, sondei a passagem estreita e descobri um pixy, vestindo um colã preto, limpando um vidro sujo de terra e fezes de pássaro, para conseguir espionar o interior de uma janela no último andar.

Um sentimento de vergonha prendeu a minha voz. *Deus, eu tinha sido tão idiota.* Não culpava ele por ter partido, por ter pensado que eu não confiava nele. A desagradável verdade era que eu não confiava. No último Solstício, tinha descoberto que Trent Kalamack era um elfo e consegui que o rico filho da mãe não me matasse por saber que, afinal, os elfos não estavam extintos, foi necessária uma boa chantagem. Descobrir que tipo de Inderlander era Trent tornou ele, o Santo Graal da comunidade pixy e eu sabia que a tentação de dar com a língua nos dentes seria muito para Jenks. Ainda assim, merecia mais do que as minhas mentiras por omissão e eu temia que ele não me escutasse, mesmo agora.

Jenks pairava, concentrado no que se estava acontecendo no interior. As suas asas de libelinha eram invisíveis graças à sua calma e nem uma centelha de pó de pixy se libertava dele. Parecia confiante, com a sua fita vermelha ao redor da testa. Se tratava de uma forma de proteção, não fosse invadir acidentalmente o território de um pixy rival ou de uma fada, uma promessa de partida rápida sem qualquer tentativa de caça clandestina.

Nervosa, reuni a minha coragem, olhando de relance para a parede do beco antes de me encostar e tentar parecer relaxada.

— Então, ela está traindo o marido? — perguntei.

— Não — disse Jenks, os olhos fixos no outro lado do vidro. — Está tendo aulas de ginástica para poder surpreende-lo no vigésimo quinto aniversário de casamento. Ele não a merece, sacana desconfiado.

Depois saltou, recuando dois metros e quase batendo no edifício adjacente.

— Você! — gritou, libertando pó de pixy que pairava como raios de Sol.

— Que inferno está fazendo aqui?

Desencostei da parede e dei um passo para frente.

— Jenks...

Ele desceu, veloz como uma pedra, ficando parado na minha frente, o dedo esticado, enquanto o pó de pixy se libertava dele e caía lentamente sobre ambos. A raiva marcava suas as feições minúsculas, tornando ele triste e ameaçador.

— Ela te disse! — guinchou, o maxilar tenso e o rosto vermelho sobre o curto cabelo louro.

Recuei, alarmada.

— Jenks, ela está apenas preocupada...

— Para o diabo as duas — rosnou. — Vou embora daqui.

Jenks girou, as asas, um borrão vermelho. Irritado, acedi uma linha.

A energia fluiu, atingindo o ponto de equilíbrio no mesmo tempo que uma bolha demora para estourar.

— *Rhombus* — disse, de súbito, imaginando um círculo. Um lençol dourado zumbiu e ganhou forma, de forma espesso que as paredes que rodeavam o beco ficaram suja com borrões. Cambaleei, perdendo o equilíbrio devido ao fato de não ter tido tempo para sequer fingir, que estava a desenhando um círculo no ar.

Jenks parou a uns poucos dois centímetros e meio do círculo.

— Sua bruxa tola e idiota! — guinchou, parecendo desejar dizer algo pior. — Deixa-me sair. Devia dar cabo do teu carro. Devia deixar ovos de lesma nos teus chinelos! Devia... devia...

Com as mãos nos quadris, me coloquei na sua frente.

— Sim, devia, mas primeiro vai me ouvir! — os olhos dele se abriram e eu inclinei para frente, até obriga-lo a recuar. — O que acontece com você, Jenks? Isto não pode ser só por eu não ter te dito o que é o Trent!

O rosto de Jenks perdeu toda a sua surpresa. Os seus olhos desceram nas minhas ligaduras e nas manchas negras do meu pescoço, descendo em seguida para o meu amuleto contra a dor. Necessitando, aparentemente uma grande força de vontade, os seus olhos se estreitaram com uma raiva antiga.

— Exatamente — disse, pairando dois centímetros e meio na frente do meu nariz. — É sobre o fato de ter mentido para mim! Sobre o fato de não ter me confiado às informações. É sobre o fato de desprezar a nossa parceria!

Até que enfim, pensei. *Até que enfim*. Cerrei o maxilar, os olhos quase vesgos, tão próximo ele se encontrava.

— Deus do céu! Se te disser o que ele é, fica feliz?

— Cala a boca! — gritou ele. — Já não quero saber e não preciso da sua ajuda. Quebra o círculo para eu poder ir para bem longe de você ou vou enfiar algo onde não devia, bruxa.

— Seu idiota — exclamei, cada vez mais irritada. — Como queira! — furiosa, toquei com um pé no círculo. Inspirei, assobiando, quando a energia voltou para mim. Na rua no fundo do beco, as pessoas que passavam iam nos atirando olhares curiosos. — Foge! — disse eu, gesticulando como uma louca, sem me importar com o que eles pensavam. — Vai embora, não passa de um covarde, bola de meleca de aranha. Passei os últimos cinco meses tentando te pedir desculpa, mas está tão preocupado com os teus malditos sentimentos feridos que nem sequer me ouve. Acho que gosta de ser menosprezado. Acho que se sente seguro nessa sua pequena mentalidade pixy. Acho que encontra prazer nessa besteira do “*pobre pixyzinho que ninguém leva a sério*” em que você se fecha. E quando eu acreditei em você, teve medo e fugiu, no primeiro sinal de que teria que fazer jus às suas palavras!

A boca de Jenks pendia, aberta, e ele estava, lentamente, perdendo altitude. Vendo ele confuso, avancei, pensando que talvez tivesse conseguido abalar ele o suficiente para se libertar.

— Vai embora — continuei, sentindo que as pernas começavam a tremer. — Se enfia naquele porão pequeno malcheiroso e se esconde. Mas a Matalina e os seus filhos vão voltar para o jardim. Por mim pode até enfiar uma cereja no cú e fazer compota¹⁵, mas eu preciso deles. Não consigo afastar as malditas fadas para salvar os dentes-de-leão e preciso daquele jardim, tanto como preciso de apoio em uma noite de lua cheia. E as suas queixas

¹⁵ Compota: conserva de frutas em calda de açúcar.

e lamentos já não significam nada porque eu tenho estado tentando pedir desculpas e tudo o que você fez foi ignorar. Bem, já não vou pedir mais desculpas!

Jenks continuava a pairar no ar, as asas assumindo uma tonalidade mais clara do vermelho. Parecia não saber o que fazer com as mãos, que remexiam na fita vermelha e tocavam na espada.

— Vou à procura do Jax e do Nick — disse eu, sentindo a raiva desaparecendo. Tinha dito o que queria e tudo o que restava era ouvir o que ele pensava. — Vem comigo ou não?

Jenks subiu no ar.

— A minha ida ao norte não tem nada que ver com você — ele disse, com a voz tensa.

— O inferno é que não tem — eu disse, ouvindo a primeira gota de chuva cair pesadamente sobre o contentor do lixo mais próximo. — Ele pode ser seu filho, mas foi o meu antigo namorado que meteu ele em problemas. O Nick mentiu para você. Mentiu para mim. E eu vou lá para lhe dar um pontapé no traseiro capaz de atirar ele para a eternidade — até eu percebi o meu tom obstinado e Jenks me dirigiu um sorriso malandro.

— Cuidado — disse ele, em tom provocador. — Alguém pode pensar que você ainda gosta dele.

— Não gosto nada — disse eu, sentindo o início de uma dor de cabeça. — Mas ele está em apuros e não posso permitir que o matem, seja quem for.

Uma expressão amarga e malandra regressou ao rosto de Jenks e ele voou até à ponta de uma tábua que emergia de uma lata.

— Hum, hum — disse, malicioso, as mãos nos quadris. — Qual é a verdadeira razão para você ir?

— Acabei de dizer — rosnei, escondendo a mão mordida quando ele olhou para ela. Jenks abanou a cabeça para cima e para baixo.

— Blá, blá, blá — disse, traçando com a mão um gesto para que me despachasse. — Eu sei porque você vai, mas quero ouvir você dizer.

Fervi, sem acreditar naquilo.



— Porque estou absolutamente furiosa! — eu disse, sob a chuva que agora caía abundantemente. Se tivéssemos de prolongar aquela conversa durante muito mais tempo, íamos ficar ensopados. — Ele disse que ia voltar e voltou, o tempo suficiente para limpar o apartamento e se mandar. Sem se despedir, sem sequer um *“foi bom, querida, mas tenho de ir”*. Preciso lhe dizer, cara a cara, que ele me tratou como merda e que já não o amo.

As minúsculas sobrancelhas de Jenks se ergueram e eu desejei que ele fosse maior para poder lhe arrancar aquele sorriso da cara.

— Isto é uma daquelas coisas de mulher, não é? — perguntou, e eu ri.

— Ouve — disse eu. — Vou buscar o Jax e tirar o triste traseiro do Nick do aperto em que se encontra. Vem comigo ou vai perder tempo com este caso de traição para receber uns trocados, que vai gastar com um bilhete, para fazer uma viagem de avião, que vai te deixar hospitalizado durante três dias? — suavizei, pensando que aquela era uma oportunidade para apelar ao seu amor por Matalina, sem que ele voasse para longe. — A Matalina está assustada, Jenks. Tem medo de que não volte se for sozinho.

O rosto dele esvaziou de qualquer emoção e, por um instante, pensei que tinha ido longe demais.

— Posso fazer isso sozinho — disse ele, furioso. — Não preciso da sua ajuda.

Os meus pensamentos se prenderam na sua duvidosa fonte de comida e nas frias noites no Norte. Podia nevar no Michigan, em maio. Jenks sabia disso.

— Sabe bem que não — disse eu. Cruzei os braços e o fitei. — Tal como eu não teria sido capaz de sobreviver às fadas assassinas o ano passado sem a sua ajuda.

Os lábios de Jenks se apertaram. Inspirou para me dizer qualquer coisa. Ergueu uma mão, dedo esticador. Eu abri os olhos, em uma expressão de bom humor. Lentamente, a mão dele desceu. Ainda de pé sobre a tábua, Jenks baixou as asas.

— Você vai?

Lutei por esconder a onda de esperança que me invadia.

— Sim — respondi. — Mas para equilibrar as coisas, preciso de um especialista em segurança e reconhecimento, alguém em quem posso confiar a retaguarda. Ivy não pode fazer. Não pode deixar Cincinnati.



As asas de Jenks zumbiram, se agitando, depois pararam.

— Me magou muito, Rachel.

Senti o peito apertado pela culpa.

— Eu sei — sussurrei. — E lamento. Não mereço a sua ajuda, mas estou pedindo.

Ergui a cabeça, lhe implorando com os olhos. Pela primeira vez, o rosto de Jenks revelava a dor que eu lhe causei e o meu coração se partiu de novo.

— Vou pensar nisso — murmurou ele, levantando voo. Dei um passo hesitante atrás dele.

— Vou amanhã. Ao início da tarde.

Com as asas a matraquear, Jenks voou até eu. Quase ergui uma mão, para que ele pousasse nela, mas ficaria muito magoada, se ele a recusasse.

— Suponho que seja cedo para uma bruxa — ele disse. O ruído das suas asas se tornou mais agudo, até me doerem os olhos. — Está bem. Irei contigo, mas não vou voltar para a empresa. Será caso único.

Senti a garganta apertada e tentei engolir o nó que tinha se formado. Ele regressaria. Sabia tão bem como eu. Queria gritar um “*Sim!*” animado. Queria festejar até todos ficarem olhando para mim, mas o que fiz foi sorrir, inquieta.

— Tudo bem — disse, tão aliviada que quase chorava.

Piscando sem parar, segui ele até à saída do beco. Embora antigamente Jenks tivesse se aconchegado debaixo do meu guarda-chuva, ainda era pedir demais.

— Pode ir comigo à igreja, hoje, depois da meia-noite? — perguntei. — Tenho alguns encantamentos para preparar antes de partir.

Deixamos o beco juntos, a escuridão menos cerrada fazendo com que eu sentisse que tinha acabado de sair de um buraco negro. Estávamos ambos em terreno incerto; os padrões eram familiares, mas os nervos ainda estavam à flor da pele.

— Posso fazer isso — disse Jenks, apreensivo, fitando a chuva.

— Ótimo. Ótimo — escutei o som dos meus passos na calçada, os movimentos fazendo a minha coluna estremecer. — Ainda tem a sua metade do conjunto de telefones que me ofereceu? — conseguia ouvir a hesitação na minha voz e me perguntei se Jenks



também o conseguiria. Tinha guardado o telefone que ele me deu próximo do Solstício. Inferno, quase lhe fiz um altar.

Abri o guarda-chuva de Ivy e Jenks voou para baixo dele. Cinco meses antes, teria sentado no meu ombro, mas estava grata mesmo por aquele pequeno sinal de confiança.

— O David levou — disse ele, rígido, se mantendo na ponta distante.

— Ótimo — repeti, me sentindo uma idiota. — Pode trazer ele com você?

— É um pouco grande para enfiar no bolso, mas eu me arrango — fora uma observação sarcástica e mordaz, mas ele começava a se parecer mais com o Jenks que eu conhecia.

Olhei para ele de relance, constatando que deixava atrás de si apenas um ligeiríssimo rasto de centelhas prateadas. O meu carro estava mesmo à minha frente e eu me perguntei se ele se ofenderia caso me oferecesse para o leva-lo em casa de carro.

— “Covarde bola de meleca de aranha”? — disse Jenks, quando abri a porta do carro e ele voou veloz para o seu interior.

Engolindo em seco, fitei a calçada do outro lado e as pessoas corriam em busca de abrigo, agora que as nuvens tinham se aberto e começava a chover forte. Jenks estava de volta. Consegui trazê-lo de volta. Não era perfeito, mas era um princípio. Com a respiração irregular, fechei o guarda-chuva e entrei no carro.

— Me dá um desconto — disse, enquanto colocava o carro para trabalhar e ligava o ar no máximo para mante-lo quente. — Estava sem tempo.



CAPÍTULO 4

Ergui o top de renda preta, pensativa. Suspirando, decidi não optar por ele, dobrando e enfiando na terceira gaveta contando de baixo para cima. Claro que ficava bem em mim, mas se tratava de uma missão de salvamento, não de umas miniférias. Optando antes pela camisa de algodão de manga curta cor de pêssego, coloquei ela sobre os jeans que já havia colocado na mala de viagem, que a minha mãe me ofereceu como presente de formatura. Ela insistia que não tinha sido uma dica, mas eu continuava com sérias dúvidas.

Avançando até à gaveta de cima, agarrei meias e calcinhas para uma semana. A igreja estava vazia, pois a Ivy tinha saído para ir buscar o Jenks e a sua prole. A chuva batia agradavelmente na minha pequena janela de vitral, mantida aberta graças a um lápis, molhando o parapeito, mas pouco mais que isso. Do jardim escuro, se ergueu o guincho de um sapo. Fundia-se bem com o jazz suave que chegava da sala de estar.

No fundo do armário descobri a camisa de gola alta vermelha que tinha colocado de lado na semana anterior. Sacudi para liberta-la do cabide, depois dobrei cuidadosamente e juntei ao resto da roupa. Acrescentei um par de calças de corrida e a minha T-shirt preta preferida, com a palavra STAFF, que me deram quando tratei da segurança do concerto de Takata no último inverno. As temperaturas podiam atingir os 26º C com a mesma

facilidade com que caíam para os 2º C. Suspirei, conformada. Chuva noturna, sapos cantando, jazz e Jenks de volta para casa. As coisas não podiam ficar melhores.

Ergui a cabeça quando ouvi o ranger da porta da frente.

— Sou eu — ouvi a voz de Kisten.

Mas estavam prestes a ficar.

— Aqui dentro — respondi, dando dois passos em direção ao corredor, uma mão na moldura da porta, enquanto me inclinava para o exterior.

As luzes no santuário estavam baixas e a esguia silhueta dele era misteriosa e atraente; Kisten sacudia a água da sua capa de chuva.

Voltei para o interior do quarto e fechei a gaveta de roupa íntima mesmo antes de Kisten se juntar a mim, os seus passos suaves e seguros emitindo um som distinto no chão de madeira. O cheiro da pizza e o perfume de outra pessoa pairavam à sua volta e, tendo em consideração o cabelo cuidadosamente penteado, o rosto barbeado, as calças social cara e a camisa de seda, soube que ele veio direto do trabalho. Gostava do aspecto de gestor de restaurante respeitável e financeiramente bem-sucedido de Kisten, tanto quanto gostava do seu aspecto mais rude de fodão. Kisten desempenhava como mestre qualquer um dos papéis.

— Olá, querida — disse ele, aplicando com toda a força o sotaque britânico, para me fazer sorrir. Trazia nas mãos um saco de papel com as compras, salpicado de chuva, com a parte de cima enrolada. Avancei silenciosamente, os pés enfiados no tênis, tendo que me esticar para lhe dar um abraço. Os meus dedos brincaram com as pontas molhadas do cabelo dele, enquanto me afastava, e Kisten sorriu, apreciando a provocação.

— Olá — disse, levando a mão ao saco. — É o que te pedi?

Acenando, Kisten me entregou o saco, que coloquei na cama, abrindo e observando o seu interior. Tal como tinha pedido, continha um par de calças de moletom e uma suave camisa de flanela.

Kisten fitou o saco, sendo óbvio que estava curioso quanto aos meus motivos, mas tudo o que disse foi:

— A Ivy saiu?



— Ela foi buscar o Jenks, por causa da chuva — pensativa, abri a gaveta inferior da cômoda e tirei mais uma T-shirt para levar. — Senti tantas saudades dele quanto eu — terminei, baixinho.

Com um aspecto cansado, Kisten se sentou à cabeceira da cama, enrolando a parte de cima do saco de papel com os dedos compridos e fechando. Baixei a tampa da mala, mas não fechei. Não era costume dele deixar o Piscary's em pleno horário de expediente. Era óbvio que algo estava perturbando ele. Me endireitei, de braços cruzados e fiquei esperando.

— Acho que não devia ir — disse, em um tom de voz sério.

Fiquei de boca aberta, a surpresa se transformando em raiva quando juntei as coisas.

— É por causa do Nick? — perguntei, me virando para a cômoda, em busca do espantosamente caro frasquinho de perfume, que impedia que o meu odor natural se misturasse com o de um vampiro. — Kisten, já esqueci ele. Me dê algum crédito.

— Não é por isso. A Ivy...

— A Ivy! — fiquei rígida e fitei o corredor vazio. — O que se passa com ela? O Piscary está...

O movimento lento da sua cabeça me dizia que não, pelo que relaxei ligeiramente.

— Ele tem deixado ela em paz. Mas ela depende mais de você do que você pensa. Se for, as coisas podem mudar.

Perturbada, enfiei o frasco de perfume em uma bolsinha com zíper e coloquei em uma das bolsas do meu estojo de maquiagem.

— Só vou estar fora durante uma semana, talvez duas. Convenhamos, não sou o delfim dela.

— Não. É a amiga. E isso é mais importante para ela do que qualquer outra coisa, neste momento.

De braços cruzados, me encostei na cômoda.

— A responsabilidade não é minha; tenho a minha própria vida — protestei. — Pelos deuses, compartilhamos a renda. Não somos casadas!



Os olhos de Kisten estavam escuros sob a luz fraca do meu abajur de cabeceira, a sombrancelha estava franzida em sinal de preocupação.

— Toma café com ela todos os dias, quando ela acorda. Está do outro lado do corredor, quando ela fecha as cortinas antes de dormir. Isso pode não ter grande significado para você, mas para ela é tudo. É a sua primeira amiga de verdade em... Maldição, acho que já a são mais de dez anos.

— Você é amigo dela — disse eu. — E a Skimmer?

— A única amiga que não está atrás do seu sangue — corrigiu ele, os olhos tristes. — É diferente.

— Bem, que se dane tudo isso — retruquei, pegando no meu brinco preferido, mas não sabendo o que fazer com ele. Irritada, atirei ele. — A Ivy não me disse nada sobre não ir.

— Rachel... — Kisten se levantou e se aproximou de mim, me agarrando pelos cotovelos. Os dedos dele estavam quentes e eu o senti apertar e relaxar. Na sala de estar, a música jazz erguia e descia. — Ela não o irá.

Baixei a cabeça, frustrada.

— Nunca, nem por uma vez, disse a ela que seria algo mais do que aquilo que somos agora — disse eu. — Não compartilhamos a cama, sangue ou qualquer outra coisa! Não pertenço a ela e mantê-la inteira não faz parte do meu trabalho. De qualquer forma, porque é que cai tudo em cima de mim? Você a conhece a mais tempo do que eu.

— Eu conheço o passado dela. Você não. Ela recorre mais a você porque, você ignora aquilo que ela já foi — ele inspirou, hesitantemente, antes de continuar. — Foi mau, Rachel. O Piscary a transformou em uma amante feroz e selvagem, incapaz de separar o sangue da luxúria ou do amor. Ela sobreviveu se tornando em algo que odiava, aceitando um padrão de autoabuso através do qual tentava agradar a todos em quem acreditava amar.

Eu não queria ouvir aquilo, mas, quando tentei me afastar, Kisten me segurou com mais força.

— Agora está melhor — disse, os olhos azuis me implorando que o ouvisse. — Precisou de muito tempo para quebrar o padrão e ainda mais tempo para começar a se sentir bem com ela mesma. Nunca vi ela tão feliz e, goste ou não, é a responsável por isso. Ela adora a Skimmer, mas essa mulher é uma grande parte daquilo que Ivy já foi, de como chegou e se partiu.

— Cerrei o maxilar e fiquei rígida, não gostando do rumo que a conversa estava tomando.

— Não sou a protetora da Ivy — retruquei, sentindo o estômago apertado. — Não me ofereci para isso, Kisten!

Mas ele se limitou a sorrir, um sorriso suave, repleto de compreensão e de arrependimento. Eu gostava da Ivy — gostava dela, a respeitava e desejava ter metade da sua força de vontade, — mas não queria que ninguém dependesse tanto assim de mim. Inferno, quase não era capaz de tomar conta de mim mesma, quanto mais de uma vampira poderosa e mentalmente abusada.

— Ela não irá pedir mais do que você pode dar — disse ele. — Em especial se precisar do que tem. Mas você mudou para cá com ela e, ainda mais revelador, ficou quando a nossa relação começou a evoluir.

— Desculpa? — perguntei, tentando me afastar. Ele não me largava, pelo que me agitei, em um movimento brusco, recuando dois passos.

A expressão de Kisten tinha algo de acusatório.

— Ela pediu que fosse o seu delfim — disse ele.

— E eu disse não!

— Mas perdoou por ter tentado força-la e não voltou a pensar nisso.

Aquilo era besteira. Kisten já ouviu tudo aquilo. Porque é que estava criando uma tamanha tempestade?

— Só porque fui eu que saltei para as costas dela e respirei no seu ouvido, durante um treino de combate! — disse eu. — Levei ela longe demais e a culpa não foi dela. Além disso, ela temia que, se não me tornasse seu delfim, Piscary me matasse.

Kisten acenou e o seu estado calmo ajudou a dissipar a minha raiva.



— Era uma situação em que nenhuma das duas podia ganhar — disse ele baixinho.
— E ambas lidaram com ela o melhor que puderam, mas a questão essencial é que saltou para cima dela sabendo o que tal ato podia desencadear.

Inspirei, me preparando para protestar, depois virei às costas, irritada.

— Foi um erro e não achei que estivesse certo ir embora, porque eu tinha cometido um erro.

— Porque não? — insistiu ele. — As pessoas estão constantemente virando as costas a outras porque alguém cometeu um erro.

Assustada, tentei passar por ele. Tinha que sair dali.

— Rachel — disse ele, mais alto, me puxando com rudez para si. — Porque é que não foi embora nessa altura? Ninguém teria pensado menos de você.

Inspirei fundo, depois deixei que as palavras se libertassem.

— Porque ela é minha amiga — disse, de olhos presos no chão, mantendo a voz baixa para que não tremesse. — Foi por isso. E não seria justo partir por causa do meu erro porque ela... ela depende de mim.

Deixei cair os ombros e Kisten diminui a força com que me agarrava, me puxando, ao mesmo tempo, para mais perto dele.

— Raios, Kist — disse eu, encostando o rosto à camisa dele e inalando o seu perfume.
— Mal sou capaz de cuidar de mim mesma. Não posso salvar ela também.

— Ninguém disse que tinha que fazer — contradisse, a sua voz ressoando forte através de mim. — E ninguém disse que as coisas iam se manter assim. Ajudar a te manter viva e livre, apesar dessa cicatriz, faz com que a Ivy se sinta útil, sinta que está tornando o mundo em um lugar melhor. Tem ideia de como é difícil para um vampiro encontrar algo assim? Ela se apoia mais em você do que em mim porque se sente responsável por você e porque você está em dívida com ela.

Mais essa, pensei, recordando o quão vulnerável me deixava com uma cicatriz de vampiro e com o status de não reclamada. Mas a dívida que tinha com Ivy não foi determinante na minha decisão de não partir. Nick disse que eu estava procurando



desculpas para continuar em uma situação que não era segura, que eu queria que ela me mordesse. Não podia acreditar em tal coisa. Era apenas amizade. *Não era?*

A mão de Kisten no meu cabelo era reconfortante e eu envolvi a cintura dele com os braços, encontrando conforto no seu toque.

— Se partir — ele disse, — levará com você a força dela.

— Eu não queria nada disso — disse eu. Como é que me tornei o seu íman natural? A sua salvadora. Tudo o que queria era ser a sua amiga.

— Eu sei — a respiração dele agitou o meu cabelo. — Fica?

Engoli em seco, não querendo me mover.

— Não posso — disse e ele me afastou, suavemente, até ser capaz de ver o meu rosto.

— O Jenks precisa de mim. É apenas uma viagem rápida. Oitocentos quilômetros. O Nick e o Jax não podem ter se metido em tantos problemas assim. O mais certo é que só precisem de dinheiro para pagar a fiança. Eu vou voltar.

O rosto de Kisten estava enrugado, a sua graça elegante marcada pela tristeza. O carinho que sentia por mim e por Ivy estavam misturados e se tornavam, de alguma forma, perfeito.

— Ela é uma garota crescida. Vai ficar bem. É apenas um dia de carro.

Kisten inspirou fundo, se preparando para acrescentar mais alguma coisa, depois parou, passando de um pé para o outro ao mesmo tempo que mudava de ideia. Voltou à cama, abriu o saco de papel onde estava guardado o moletom e fitou o interior.

— Já agora, para que você quer isto? É um disfarce? Ou é para se lembrar de mim?

Feliz com a mudança de assunto, me virei com as botas de combate na mão, coloquei elas na cama.

— Para me lembrar de você?

As orelhas assumiram um ligeiro tom avermelhado.

— Sim. Pensei que as quisesses pôr debaixo do travesseiro ou algo assim. Seria como se eu estivesse lá com você.

Tirando o saco das mãos dele, olhei para o seu interior, curiosa.

— Já vestiu essas roupas?



Ele passou a mão pelo queixo macio, em sinal de desconforto.

— Hum, só uma vez. Não transpirei nem nada. Já namorei com uma garota que gostava de dormir com uma das minhas camisas. Dizia que era como se eu a estivesse abraçando ela toda a noite. Pensei que fosse, hum, coisa de mulheres.

O meu sorriso se alargou.

— Está dizendo, assim? — me sentindo malandra, tirei a camisa do saco e a vesti por cima do meu top. Envolvendo o tronco com os braços, me agitei para trás e para frente, os olhos fechados e a respiração ofegante. De pouco me importava que o fato de cheirar tão bem, se devesse a milhares de anos de evolução com o intuito de tornar mais fácil encontrarem presas.

— Sua bruxa malvada — sussurrou Kisten. O calor súbito da voz dele me fez abrir os olhos. Ele inspirou lentamente, fazendo acompanhar o gesto com todo o seu corpo. — Oh, Deus, você cheira bem!

— Sim? Então e agora? — sorrindo, saltei, abrindo e fechando os braços, sabendo que a mistura dos nossos cheiros o deixaria um pouco louco.

Como esperado, os olhos de Kisten se dilataram com uma súbita sede de sangue, se tornando negros.

— Rachel — disse ele, com a voz tensa. — Não.

Com um risinho, escapei da mão que estendia para mim.

— Espera! Espera! — arquejei. — Posso tornar as coisas ainda piores.

— Para — disse Kisten, a voz baixa e controlada. Havia nela um toque de ameaça e, quando ele voltou a estender a mão na minha direção, gritei, correndo para o fundo da cama.

Kisten me seguiu com a rapidez de um vampiro e eu bati com as costas na parede, em um baque surdo que cortou a minha respiração, quando ele me prendeu.

De olhos semicerrados e sorrindo, me remexi e contorci, apreciando o fato de ser capaz de provoca-lo. Depois de uma mera demonstração de resistência, parei, permitindo que ele encontra-se a minha boca.

Fiquei sem fôlego, libertando o ar com um gemido lento, enquanto me encostava nele, os braços enfiados entre nós. A forma como me agarrava os ombros era firme e dominante. Possessiva. Mas eu sabia que ele me libertaria, caso eu tentasse me libertar de verdade. O jazz suave ajudava ao meu estado de espírito.

Os dedos dele me apertaram e libertaram, os seus lábios realizaram um movimento descendente, até a sua boca me tocar no queixo, seguindo a linha do maxilar até à cavidade atrás sob a minha orelha. Senti o coração a bater com força e inclinei a cabeça. Emitindo um som surpreendido, me senti ficar sem fôlego quando o formigamento na minha cicatriz aumentou de intensidade. Com a rapidez e o choque súbito de uma bandeira que se agita no vento, fui varrida por uma onda de calor, que encheu as minhas veias e nelas se instalou com um latejar insistente, exigindo que eu desse naturalmente continuidade à sensação.

Kisten sentiu e, quando a sua respiração acelerou, puxei os braços entre os nossos corpos, lançando os dedos para a curva do seu pescoço. Fechei os olhos ao sentir a sua fome, o seu desejo, se juntar ao meu, o tornando ainda mais forte. Deixei escapar um gemido quando os seus lábios tocaram suavemente na minha velha cicatriz. O meu corpo se revelou diante da onda de paixão e os meus joelhos cederam. Ele estava preparado e me segurou com firmeza. Eu queria aquilo. Deus, como o queria. Devia ter vestido algo dele há séculos.

— Rachel — ele sussurrou, a respiração rouca e carregada de desejo.

— O que foi? — arquejei, o sangue zumbindo através de mim, embora os seus lábios já não estivessem na minha cicatriz.

— Nunca mais... vista algo meu. Não consigo...

Parei. Sem compreender. Tentei me libertar, mas ele me segurou com força. Os meus olhos saltaram primeiro para os olhos dele, constatando que estavam perdidos e negros, depois para a sua boca. Kisten não tinha as capas nos dentes. Merda, tinha o levado longe demais.

— Não consigo te largar — disse ele, sem mover os lábios.

A adrenalina correu através de mim e uma gota de suor desceu na testa. *Merda, merda, merda*. Estava em apuros. O meu olhar saltou para o brilho de uma presa no canto da boca dele. No espaço de poucos segundos, a fonte de desejo passou do sexo para o sangue. Maldição, os dez segundos seguintes iam ser realmente complicados.

— Acho que consigo te largar, se não tiver medo — disse ele, uma mistura de sede de sangue e medo na voz.

Não conseguia afastar o olhar dos seus olhos negros. Não conseguia olhar para qualquer outra coisa além dos seus olhos. Enquanto Kisten ia libertando, inconscientemente, feromônios no ar, a minha cicatriz de vampiro lançava através de mim, ao ritmo acelerado da minha pulsação, onda após uma onda de paixão e senti um aperto no estômago.

Com a mente correndo veloz, obriguei a minha respiração a diminuir e a se tornar mais calma. O medo faria ele perder por completo o controle. Conseguira acalmar Ivy, uma vez, e sabia que, se ele ainda conseguia falar, as minhas hipóteses ainda não eram más.

— Escuta — eu disse, o êxtase libertado pela minha cicatriz de vampiro se mesclando com o medo em uma combinação surreal. Sabia bem. Era muito entusiasmante, a excitação de saltar de paraquedas e ter relações sexuais ao mesmo tempo e eu sabia que, se permitisse que ele me mordesse, a sensação triplicaria. Mas eu ia largá-lo e afastá-lo. — Vou fechar os olhos, porque confio em você — lhe disse.

— Rachel?

A sua voz era suave e suplicante. Ele desejava realmente me largar. Maldição, a culpa era minha. A tensão estava me provocando dores de cabeça, mas fechei os olhos, aos círculos negros em que se tinham transformado os olhos dele. Tornava o medo dez vezes mais difícil de ultrapassar, mas eu confiava nele. Podia usar uma linha para lançar ele contra a parede — e, se as coisas chegassem a esse ponto, eu faria — mas isso mudaria a nossa relação por completo e eu amava ele. Se tratava de um amor calmo e hesitante, com a assustadora promessa de poder crescer se eu não fizesse nenhuma besteira. Além disso, eu queria um amor baseado na confiança, não em quem era mais forte.



— Kisten — disse eu, obrigando o meu maxilar a se abrir. — Vou te largar e você vai largar os meus ombros e recuar. Pronto?

Podia ouvir a respiração dele, rouca e insistente. Ela tocou em algo dentro de mim e ambos estremeçemos.

Conseguiria deixar que ele me mordesse, sentir os dentes dele se afundar na minha carne, me puxando para ele, a dor transformada em prazer, queimando como fogo e tirando o meu fôlego, me levando a extremos inimagináveis de êxtase. Seria incrível, a melhor coisa que alguma vez senti. Mudaria a minha vida para sempre. E não ia acontecer. Apesar de todo o prazer prometido, eu sabia que escondia uma realidade igualmente hedionda. E eu tinha medo.

— Agora, Kisten — disse eu, de olhos ainda fechados, obrigando os meus dedos a se mover.

As minhas mãos caíram dele e ele recuou. Abri repentinamente os olhos. Ele tinha as costas viradas para mim e se apoiava, com uma mão, na coluna aos pés da cama, que me dava pela cintura. A sua mão livre tremia. Ergui um braço na sua direção, depois hesitei.

— Kisten, lamento — disse com a voz a tremer e ele abanou a cabeça.

— Eu também — a sua voz rouca correu através de mim como água através da areia, deixando para trás uma sensação quente e trémula. — Me faz um favor e não volte a fazer isso.

— Pode acreditar.

Cruzando os braços na frente do corpo, tirei a camisa dele e deixei ela cair sobre a cama. O formigamento que sentia no pescoço se desvaneceu, deixando eu tremendo e com o coração partido. Eu já sabia que a mistura dos nossos odores seria um potente afrodisíaco que atuaria sobre a sua sede de sangue, mas não sabia o quão potente se revelaria nem o quão rápido se instalaria. Eu continuava cometendo erros. Já estávamos naquilo há quase um ano e eu continuava cometendo erros.

Kisten ergueu a cabeça e foi sem surpresa que ouvi a porta da frente abrir. Passados três segundos, seis feixes de prata e ouro passaram pela porta do meu quarto, esvoaçando na altura da minha cabeça. Passados mais dois segundos, voltaram para trás.



— Olá, menina Morgan! — disse uma voz aguda e uma garota pixy parou na frente da minha porta, fitando o interior, com o vestido abanando em volta dos tornozelos. Tinha o rosto corado e o cabelo claro se agitava na brisa provocada pelas suas asas. Ouvi um estrondo vindo da sala e ela partiu veloz, gritando tão alto que a minha cabeça latejou. A música rugiu mais alto, depois se silenciou por inteiro.

Dei um passo em direção à porta, parando de repente quando Matalina se imobilizou na minha frente.

— Desculpe, Rachel — disse a bela mulher pixy, parecendo perturbada. — Vou já tratar disso. Levarei elas para o tronco, no exterior, assim que parar de chover.

Alisando as pontas enrugadas das ligaduras que envolviam os nós dos meus dedos, tentei afastar o que restava do indício da paixão desenfreada e o medo de Kisten. Ele não se moveu, sendo óbvio que continuava tentando recuperar o controle sobre si mesmo.

— Não se preocupe — disse eu. — Não tive tempo de tornar a igreja à prova de pixy.

Ouvi mais um estrondo, dessa vez vindo da cozinha. Uma mão cheia de pixies voou pelo corredor, todos falando ao mesmo tempo, e Matalina as seguiu, ordenando que se mantivessem fora dos armários.

A minha preocupação se acumulou quando Ivy passou por nós, com passos largos. Levava Jenks no ombro e ele me dirigiu um olhar hesitante e um aceno de reconhecimento. Ivy viu Kisten e recuou, o cabelo, agora mais curto, oscilando. O olhar dela pousou na camisa sobre a cama, depois em mim, percebendo da ligeira culpa e do tremor nas minhas mãos. De narinas abertas, cheirou as feromônios vampíricos e o medo, compreendendo em poucos segundos o que tinha acontecido. Encolhi os ombros, impotente.

— Voltamos — disse ela, secamente, depois prosseguiu até à cozinha; o ruído dos seus passos, até então ausente, e a ligeira tensão no seu corpo eram os únicos sinais de que ela sabia que eu tinha levado Kisten a longe demais.

Kisten continuava não olhando para mim, mas a tensão dos meus ombros diminuiu quando percebi que o azul regressava aos seus olhos.

— Tudo bem? — perguntei e ele me dirigiu um pequeno sorriso de lábios apertados.

— Não devia ter te dado um moletom já usado — ele disse, pegando na camiseta e guardando no saco. — Talvez seja melhor que lave.

Peguei no saco que ele me estendia, envergonhada. Ele me seguiu para o corredor, virando para a cozinha, enquanto eu virava em sentido oposto para ligar a máquina de lavar. O cheiro forte do sabão em pó fez cócegas no meu nariz; coloquei uma medida cheia, depois acrescentei um pouco mais. Fechei a tampa e deixei as mãos apoiadas na máquina de lavar, enquanto ela enchia, de cabeça baixa. O meu olhar pousou na minha mão mordida. Por vezes, chegava a pensar se não seria a bruxa mais idiota alguma vez nascida. Me endireitando, forcei o meu rosto a assumir uma expressão alegre e me dirigi para cozinha, antecipando já o olhar brincalhão da Ivy.

Incapaz de olhar quem quer que fosse diretamente, fui imediatamente para a cafeteira em busca de uma caneca atrás da qual pudesse me esconder. Todos os pequenos pixies deviam estar na sala de estar e o som das suas brincadeiras se misturava com o suave cair da chuva do outro lado da janela da cozinha aberta. Ivy me dirigiu um olhar duro antes de voltar a sua atenção, mais uma vez, para os e-mails, sentada na frente do computador, fora do caminho, no canto. Jenks estava no parapeito, de costas para mim, fitando o jardim e Kisten estava sentado na minha cadeira, as pernas esticadas a olhando fixamente para lá do canto da mesa. Ninguém falava.

— Hei, hum, Kist — gaguejei e ele ergueu a cabeça. — Encontrei um feitiço que permite me transformar em lobisomem nos livros que me deu.

Kisten parecia ter reencontrado a compostura e, embora eu continuasse tensa como uma mola de pressão, os olhos dele estavam apenas cansados.

— É sério? — disse ele.

Encorajada, tirei o livro e coloquei na frente dele.

Jenks esvoaçou até nós, quase pousando no meu ombro, mas optando, no último minuto, pelo de Kisten. Olhou para baixo de relance, as asas se imobilizando imediatamente antes de virar o rosto para mim.

— Isso não é...?

— Sim — interrompi. — É magia demoníaca. Mas vê. Não tenho que matar nada.



Kisten suspirou, o seu olhar pousando na expressão séria de Ivy antes de se afastar do livro.

— Consegue fazer magia demoníaca? — perguntou.

Acenei e prendi um caracol atrás da orelha. Não lhe queria dizer porquê e, embora Kisten fosse muito cavalheiro para me perguntar quando outros podiam ouvir, Jenks era outra história. Com um matraquear das asas, levou as mãos à cintura e franziu a sombrancelha, me fitando com a sua melhor pose de Peter Pan.

— Porque é que você consegue fazer magia demoníaca e mais ninguém consegue? — perguntou.

— Não sou a única — respondi, tensa; altura em que o ressoar metálico do sino que eu e Ivy usávamos como campainha reverberou através do ar húmido.

Ivy e Kisten se endireitaram e eu disse:

— O provavelmente é a Ceri. Pedi que viesse até aqui para me dar uma ajuda com os feitiços, essa noite.

— Os seus feitiços demoníacos? — disse Jenks, mordaz, e eu franzi a sombrancelha, sem qualquer vontade de discutir.

— Eu abro a porta — disse Kisten, enquanto se levantava. — Tenho de ir. Tenho... um compromisso.

A voz dele estava tensa e eu recuei, me sentindo miserável quando vi a fome que crescia dentro dele. Inferno, esta noite Kisten estava tendo alguma dificuldade em se manter equilibrado. Eu nunca mais ia fazer aquilo.

Kisten estendeu, lentamente, os braços na minha direção e eu não me movi quando ele pousou as mãos, suavemente, nos meus ombros e me deu um beijo apressado.

— Ligo depois de fecharmos. Vai estar acordada?

Acenei.

— Kisten, lamento — sussurrei, e ele me dirigiu um sorriso antes de se afastar com passos lentos e modestos. Excitá-lo daquela forma, não sendo capaz de saciar a sua fome, não era justo.

Jenks aterrou na mesa ao meu lado, as asas a matraquear para me chamar a atenção.

— Rachel, isso é magia demoníaca — repetiu, incapaz de esconder a preocupação com aquela atitude de guerreiro.

— Foi por isso que pedi à Ceri que viesse ver — disse eu. — Tenho tudo sob controle.

— Mas é magia demoníaca! Ivy, diz que ela está sendo idiota.

— Ela sabe que está sendo idiota — Ivy desligou o computador com alguns cliques.

— Não vê o que fez ao Kist?

Cruzei os braços.

— Tudo bem, é magia demoníaca. Mas isso não implica, necessariamente, que seja negra. Podemos ouvir o que a Ceri tem a dizer antes de decidirmos o que quer que seja?

Decidimos. Sim, nós decidimos. Éramos “nós” outra vez e ia continuar assim, maldição.

Em um movimento repentino, Ivy se levantou, nos seus jeans pretos e camisa de malha justa, e se esticou em direção ao teto. Em seguida, agarrou na bolsa e gritou:

— Espera, Kist!

Jenks e eu fitamos ela.

— Vai com ele? — perguntei pelos dois.

O olhar de Ivy, carregado de desaprovação, foi dirigido a mim.

— Quero garantir que ninguém se aproveita dele e que ele não acabe odiando a si mesmo quando o Sol nascer. — Ivy vestiu o casaco e pôs no rosto os óculos de sol, embora já estivesse escuro na rua. — Se tivesse me feito uma dessa, teria prendido você contra a parede e dado uma dentada. O Kist é um cavalheiro. Não merece ele.

Fiquei sem fôlego diante da recordação das minhas costas presas contra a parede e dos lábios de Kisten no meu pescoço. Uma ferroadinha de desejo recordado deslizou do meu pescoço para a minha virilha. Ivy reprimiu a respiração, como se tivesse esbofetado ela, os seus sentidos apurados assimilando o meu estado com a mesma facilidade com que eu via as centelhas que se libertavam de Jenks.

— Lamento — disse eu, embora a minha pele continuasse formigando. — Não estava pensando.

— Foi por isso que te dei aquele maldito livro — disse ela, com a voz tensa. — Para que não tivesse que pensar.

— O que é que ela fez? — perguntou Jenks, mas Ivy saiu da cozinha, os saltos batendo ruidosamente no chão. — Que livro? Aquele sobre namorar com vampiros? Pela calcinha da Sininho, ainda tem ele? — acrescentou.

— Depois, trago pizza — gritou Ivy, invisível, partindo no corredor.

— O que é que você fez, Rachel? — perguntou Jenks, o vento provocado pelas suas asas resfriando o meu rosto.

— Vesti uma camisa do Kisten e me pus a saltitar — disse, envergonhada.

O pequeno pixy fungou, voando para o parapeito da janela e olhando para a chuva.

— Se continuar a fazendo uma dessas, as pessoas ainda vão pensar que você quer ser mordida.

— Entretanto — murmurei, bebendo um gole do café que começava a esfriar e encostando no balcão central. Continuava cometendo erros. Depois recordei o que Quen me disse certa vez. Se fizer uma vez, é um erro. Se fizer duas vezes, deixa de ser.



CAPÍTULO 5

Ergui os olhos quando as vozes baixas no santuário deram lugar a passos rápidos e Ceri apareceu hesitante, através da passagem para a cozinha. Tirando a capa de chuva, sorriu, claramente feliz por ver que Jenks e eu voltamos a nos falar.

— Jenks, quanto ao Trent... — disse eu, vendo que as suas asas tinham assumido uma excitada tonalidade vermelha.

Jenks sabia que o que quer que Trent fosse, Ceri também era.

— Conseguirei descobrir sozinho — disse, se concentrando em Ceri. — Fecha a boca. Fechei a boca.

Me levantei e estendi os braços para abraçar Ceri. Eu não era uma pessoa muito dada a demonstrações de afeto, mas Ceri era. Tinha sido familiar de Al até eu te-la roubado, no último momento, entre a sua reforma e a minha tentativa de instalação. Olhando de relance para o meu pescoço e para os curativos que cobriam os nós dos meus dedos apertou os lábios em um gesto de desaprovação, mas felizmente, não disse nada. O seu corpo pequeno e quase puro, se aproximou de mim; podia sentir através da minha camisa o crucifixo frio do de prata talhada à mão que Ivy lhe deu. O abraço foi rápido, mas sincero e Ceri sorria quando se afastou, me mantendo a distância de um braço. Usava cabelo, fino e louro, solto e esvoaçante; o queixo era pequeno e o nariz delicado; era muito

orgulhosa, se irritava com facilidade, mas o seu temperamento era calmo desde que não a desafiassem.

Ela tirou a capa de chuva e descansou as costas na cadeira de Ivy, o autoproclamado “trono” da sala. Al a vestia de acordo com o seu estatuto na terra, enquanto ela estiver no seu serviço — tratando ela como a sua escrava/criada/aquecedora de cama preferida, bem como um enfeite — e, ainda que agora usasse jeans e uma camisa nos habituais tons de púrpura, dourado e preto, em vez do vestido apertado de seda e ouro resplandecentes, a pose estava lá.

— Obrigada por ter vindo — disse eu, verdadeiramente feliz por vê-la — Quer um chá?

— Não, obrigada — em um gesto elegante, Ceri estendeu a mão fina para que Jenks pudesse pousar nela. — É bom ver você de volta ao lugar onde pode ajudar as pessoas que mais precisam de você, mestre pixy — disse ela e eu podia jurar que ele ficou vermelho como um tomate.

— Olá, Ceri — ele disse. — Parece descansada. Dormiu bem, essa noite?

O seu rosto em forma de coração assumiu uma expressão sagaz, pois ela sabia bem que Jenks estava tentando decifrar que tipo de Inderlander ela era através dos seus padrões de sono.

— Ainda não dormi essa tarde — disse ela, agitando suavemente os dedos até Jenks ter levantado voo. O olhar dela viajou até ao livro aberto sobre a mesa. — É isso?

Senti um arrepio de adrenalina percorrer o meu corpo.

— Um deles. É demoníaco?

Prendendo o longo cabelo claro atrás de uma orelha, Ceri se inclinou para uma análise mais próxima.

— Oh, sim!

De súbito, me sentia muito mais nervosa e coloquei a caneca no balcão, enquanto o meu estômago dava voltas.

— Inclui alguns feitiços que talvez estivesse disposta a tentar. Importa se der uma olhada e me dizer o que acha?

As feições delicadas de Ceri brilharam de prazer.

— Adoraria.

Exalei de alívio.

— Obrigada — limpando as mãos aos jeans, aponte para a maldição que permitia o seu utilizador se transformar em um lobo. — Esse. O que acha? Acha que conseguiria fazer direito?

As pontas do seu cabelo extremamente liso tocaram nas páginas manchadas e amareladas, quando ela se curvou sobre o livro. Franzindo a sombrancelha, Ceri pegou nas pontas e afastou elas. Jenks voou para a mesa, quando ela franziu a sombrancelha, e pousou sobre o saleiro. Da sala de estar chegou um estrondo seguido por um coro de guinchos de pixies e ele suspirou.

— Já volto — disse ele, partiu zumbindo.

— Já fiz esse antes — disse Ceri, os dedos pairando sobre as letras.

— O que é que faz? — perguntou, me sentindo de novo nervosa. — Quer dizer, me transformaria em um lobo de verdade ou só me pareceria com um?

Ceri se endireitou, o olhar saltando para o corredor, enquanto a voz irritada de Jenks chegava até nós, provocando dores nos olhos.

— Trata-se de uma normal maldição de metamorfose, da mesma classe das utilizadas por Al. Mantém a sua inteligência e personalidade, igual como quando muda de forma graças a um feitiço da terra. A diferença reside no fato da fusão entre você e o lobo atingir o nível celular. Se fossem dois, podia ter cachorrinhos com o QI de uma bruxa, caso permanecesse sob a forma de um lobo durante toda a gestação.

Fiquei de queixo caído. Estendi a mão para tocar na página, depois recuei.

— Oh!

Com um interesse banal, percorreu com o dedo a lista de ingredientes, todos eles em latim.

— Isto não transformará você em um animalomem, mas foi assim que os lobisomens começaram — disse ela, em tom de conversa. — Há cerca de seis milênios estava na moda os demônios atormentarem as mulheres humanas, obrigando elas, como forma de



pagamento de um desejo desencadeado pela vaidade, a se deitarem com um demônio transformado em lobo. O resultado era, invariavelmente, uma criança humana capaz de se transformar.

Os meus olhos saltaram para ela, mas ela não percebeu o meu receio. Deus, que... nojento. E trágico, tanto para a mulher como para a criança. A vergonha de ter negociado com um demônio jamais desapareceria, para sempre ligada ao amor por uma criança. Me perguntei muitas vezes qual seria a origem dos animalomens, já que não tinham vindo da eternidade como as bruxas e os elfos.

— Quer fazer? — perguntou Ceri, os olhos verdes tranquilos. Saltei, recuperando a atenção.

— Não fará mal em usá-lo?

Abanando a cabeça, Ceri pegou debaixo do balcão o meu caldeirão de cobre para feitiços.

— Não me importo. Seria capaz de prepara-lo para dormir. Fazer maldições é a função de um familiar. Demorarei apenas uns trinta minutos — aparentemente sem perceber do meu espanto, levou o livro de maldições para o balcão central. — Os demônios não são mais poderosos do que as bruxas — disse ela. — Mas estão dispostos a tudo, por isso parecem ser mais fortes.

— Mas o Al se transforma tão depressa e em tantas coisas — protestei, me apoiando no balcão.

Por entre o matraquear das suas pequenas botas, Ceri virou as costas a um dos meus armários, trazendo na mão um molho de acónito¹⁶. Tratava-se de uma planta tóxica quando consumida em grandes doses e eu senti um toque de preocupação.

— O Al é um demônio superior — disse ela. — O mais provável é que fosse capaz de derrotar um demônio de superfície inferior, com o que tem no seu armário dos feitiços, muito embora, com preparação suficiente, um demônio de superfície possa ser tão poderoso quanto o Al.

¹⁶ Acónito: Planta venenosa ranunculácea, medicinal.

Estaria ela dizendo que eu podia vencer Al com a minha magia? Não acreditava nisso nem por um segundo.

Com uma graciosidade considerada, Ceri acendeu a lata de gel combustível com uma vela fina que tinha, por sua vez, acendido no fogão a gás. O forno servia como “lareira”, já que tinha sempre o piloto aceso, e gerava um início estável para qualquer feitiço.

— Ceri — protestei. — Posso fazer isso.

— Sente — ela me disse. — Ou observa. Quero ser útil — ela sorriu sem mostrar os dentes, a tristeza cobrindo olhos límpidos. — Onde guarda as velas abençoadas?

— Hum, junto das colheres de prata grandes — disse eu, apontando.

Não é o que todo mundo faz?

Jenks entrou voando, espalhando centelhas douradas devido ao seu estado de agitação.

— Desculpa pelo lustre — murmurou. — Amanhã vão lavar todas as janelas, por dentro e por fora.

— Não faz mal. Era da Ivy — eu disse, pensando que, se quisessem, podiam partir todos os lustres da casa. Era tão bom tê-los de volta, isso era certo.

— O Al é um farmacêutico ambulante — disse Ceri, folheando até ao índice para consultar qualquer coisa e Jenks emitiu um soluço de surpresa. — É por isso que os demônios querem familiares experientes. Os familiares preparam as maldições, os demônios ativam elas, ingerem e reservam até as invocarem com recurso à magia das linhas Ley.

Começando a compreender, retirei outro livro demoníaco da prateleira e comecei a folheá-lo, percebendo os padrões da magia de Al.

— Então sempre que ele se metamorfoseia ou faz um encantamento...

— Ou viaja através das linhas, usa uma maldição ou feitiço. Provavelmente feito por mim — terminou Ceri, semicerrando os olhos ao mesmo tempo que pegava uma das canetas de Ivy e mudava algo no texto, murmurando uma palavra em latim para tornar a alteração permanente.

— Viajar por entre as linhas enche a alma de escuridão, razão pela qual ficam tão furiosos quando são invocados. Al concordou em pagar o preço por te ter levado através das linhas da primeira vez, e quer informação para compensar a mancha.

Fitei a cicatriz circular no meu pulso. Tinha uma segunda cicatriz na parte debaixo do pé, feita por Newt, o demônio a quem tinha comprado a viagem para casa quando, descobri que estava presa na eternidade. Nervosa, escondi aquele pé atrás do outro. Não contei a Ceri porque ela temia Newt. Que se sentisse aterrorizada pelo demônio, claramente louco, e não por Al, deixava-me tão feliz por dentro. Nunca mais ia viajar através das linhas.

— Me de uma mecha do seu cabelo? — perguntou Ceri, me surpreendendo.

Pegando na tesoura, noventa e nove vírgula oito por cento prata, que tinha me custado uma pequena fortuna e que Ceri me estendia, cortei uma mecha da nuca, do tamanho de um fio de espaguete.

— Estou simplificando as coisas — ela disse, quando entreguei. — Deve ter reparado que ele tem algumas formas e feitiços que gosta mais.

— O nobre britânico de casaco verde — eu disse, e o rosto de Ceri assumiu um delicado tom rosa. Me perguntei qual seria a história por trás daquele feitiço, mas não me atrevi a perguntar.

— Passei três anos sem fazer outra coisa se não criar essa maldição — disse ela, os dedos se movendo mais lentamente.

De uma das conchas, se ergueu o matraquear das asas de Jenks, exigindo a nossa atenção.

— Três anos?

— Ela tem mil anos — eu disse e os olhos de Jenks se arregalaram. Ceri riu diante da sua confusão.

— Não se trata da minha normal esperança de vida — disse ela. — Agora estou envelhecendo, como você.

As asas de Jenks se transformaram em um borrão de movimento, depois pararam.

— Posso viver até vinte anos — ele disse e eu ouvi a frustração na sua voz. — E você?



Ceri virou para mim os seus olhos verdes, em busca de direção. O fato dos elfos não estarem completamente extintos era um segredo que eu lhe pedi que guardasse e, ainda que conhecer a sua esperança de vida não fosse suficiente para revelar, podia ser usado como mais uma peça para chegar à verdade. Acenei e ela fechou os olhos, em um lento pestanejar de compreensão.

— Cerca de cento e sessenta — ela disse, calmamente. — Igual a uma bruxa.

Olhei para um e para o outro, inquieta, enquanto Jenks lutava por esconder uma emoção desconhecida. Eu não sabia quanto tempo os elfos viviam e, enquanto observava Ceri tecer o meu cabelo em uma elaborada corrente que se prendia a si mesma, me perguntei que idade teria os pais de Trent quando o geraram. Uma bruxa era fértil durante cerca de cem anos, com um desfasamento de vinte anos no início e quarenta no fim. Há cerca de dois anos que não tinha o período, já que as coisas basicamente, se desligavam a menos que houvesse um candidato adequado. E, por muito que eu gostasse de Kisten, ele não era um bruxo, pelo que não ativava os hormônios corretos. Tendo em conta que os elfos tinham a sua origem na eternidade, estava disposta a apostar que a sua fisiologia era mais próxima das bruxas do que a dos humanos.

Como se pressentisse a tensão de Jenks, Matalina entrou na cozinha, trazendo a reboque três filhas e um pequeno de voo instável.

— Jenks, querido — disse ela, me dirigindo um olhar de desculpas. — A chuva já acalmou. Vou levar todos eles lá para fora, para que a Rachel e a Ivy possam ter alguma paz.

A mão de Jenks desceu para o punho da espada.

— Primeiro quero fazer uma verificação quarto a quarto.

— Não — ela voou para mais perto e depositou no rosto dele um beijo leve. Parecia feliz e satisfeita; adorava vê-la assim. — Você fica aqui. Os selos não foram violados.

Dobrei o lábio inferior e prendi-o entre os dentes. Jenks não ia gostar do meu próximo passo.

— Na verdade, Matalina, gostaria que ficasse aqui, se pudesse.



Jenks se ergueu no ar, subitamente preocupado quando se juntou a ela, de alguma forma capaz de não se atrapalhar mutuamente ainda que pairassem lado a lado.

— Porquê? — perguntou, num tom monótono.

— Hum... — olhei de relance para Ceri que murmurava em latim e gesticulava sobre o meu anel de cabelo, no centro de um pentáculo do tamanho de um prato que traçou com sal sobre o balcão. Foquei, rígida de preocupação; atar o cabelo estabelecia uma ligação inquebrável com o dador. O anel de cabelo retorcido desapareceu com um estalo, substituído por uma pilha de cinza. Aparentemente não havia problema nisso, já que ela sorriu, varrendo cuidadosamente a cinza e o sal para um recipiente para feitiços com o tamanho de um copo de shot.

— Rachel... — Jenks perguntou e eu afastei os olhos de Ceri; ela tocou em uma linha e o seu cabelo esvoaçava em uma brisa que eu não se sentia.

— Ela pode ter uma palavra para dizer quanto ao feitiço seguinte — disse eu. Nervosa, aproximei de mim o livro demoníaco e abri na página assinalada por um marcador de seda que Ivy comprou na promoção na semana anterior.

Jenks pairou uns dois centímetros e meio acima do texto e Matalina deu uma série de instruções rígidas às filhas. Com um pequeno choramingos a reboque, elas saíram disparadas da cozinha.

— Ceri — chamei cuidadosamente, não desejando interrompê-la. — Esse pode fazer?

O elfo piscou rapidamente, como se estivesse saindo de um transe. Acenando, puxou as mangas até aos cotovelos e atravessou a divisão até ao local onde eu mantinha um recipiente com quarenta litros de água salgada para a dissolução de amuletos usados. Enquanto eu a observava, surpreendida, ela mergulhou as mãos no líquido, voltando a erguer os braços pingando. Lancei para ela um pano de prato, me perguntando se deveria iniciar uma prática semelhante. Com delicados movimentos dos dedos, ela secou as mãos enquanto se aproximava, para olhar o livro de feitiços sobre a mesa. Os olhos dela se abriram diante do encantamento que eu encontrei, destinado a tornar grandes as coisas pequenas.

— Para... — começou ela, o seu olhar saltando para Jenks. Acenei.

— É seguro?

Ela mordeu os lábios, um belo franzir de sombrancelha marcando o rosto angular e delicado.

— Teria que modificar, recorrendo a algo para suplementar a massa óssea. Talvez fosse necessário alterar o metabolismo, para não queimar tão depressa. E depois, há que ter em conta as asas.

— Uau! — exclamou Jenks, voando em direção ao teto. — Nem pensar! Não vão fazer nada a este pequeno pixy! Nem pensar. De maneira nenhuma!

Ignorando ele, observei Matalina que inspirava fundo, lentamente, as mãos unidas à sua frente. Me virei para Ceri.

— Pode ser feito?

— Oh, sim — respondeu ela. — Consiste, em grande parte, em magia das linhas Ley e possui os ingredientes para a parte do feitiço que consiste em magia da terra. O mais difícil será desenvolver as maldições suplementares para o afinar de forma a limitar o desconforto. Mas consigo fazer.

— Não! — guinchou Jenks. — *Augmen*. Sei o que é. Significa grande. Não vou ficar grande. Podem esquecer! Gosto de quem sou e não poderei fazer o meu trabalho se for grande.

Ele recuou até o local onde Matalina se encontrava, sobre o balcão, as asas inusitadamente quietas, e eu gesticulei impotente.

— Jenks — insisti. — Pelo menos, me ouve.

— Não — a voz dele não era mais que um guincho, enquanto ele apontava para mim. — É uma bruxa esquisita, perdida e louca! Não vou fazer isso!

Me endireitei ao ouvir o som da porta de trás abrir. As cortinas se agitaram e reconheci os passos de Ivy. O cheiro da pizza se misturou com o rico odor do jardim molhado e Ivy penetrou na cozinha, parecendo com uma fantasia de adolescente, o sensual casaco de couro molhado e a caixa quadrada da pizza equilibrada em uma mão. Com o cabelo curto balançando, colocou a caixa sobre a mesa, ruidosamente, ao mesmo

tempo que assimilava o ambiente da sala, com uma expressão séria e calma. Passou a capa de chuva de Ceri para uma cadeira diferente e a tensão aumentou mais um pouco.

— Se for grande — disse, enquanto Ivy ia buscar um prato para ela, — não terá que se preocupar com alterações de temperatura. Pode nevar lá em cima, Jenks.

— Não.

Ivy abriu a tampa da caixa e tirou uma fatia, colocando-a cuidadosamente no prato e recuando para o seu canto da cozinha.

— Quer fazer o Jenks grande? — perguntou. — As bruxas conseguem fazer isso?

— Hum... — gaguejei, não querendo entrar na questão do porquê do meu sangue servir para ativar magia demoníaca.

— Ela pode — disse Ceri, pondo um fim à questão.

— E a comida não será um problema — acrescentei, atrapalhada, para manter o tema da conversa centrado no Jenks e não em mim.

Jenks se irritou, apesar da mão suave que Matalina colocou no seu braço.

— Nunca tive qualquer problema em alimentar a minha família — disse.

— Não insinuei que tivesse — o cheiro a pizza estava me deixando com o estômago apertado, pelo que me sentei. — Mas estamos falando em viajar quase oitocentos quilômetros, se eles estiverem onde acredito que estão, e não quero ter que parar de hora em hora para combater as fadas que residem nos parques à beira da estrada, para poder comer. Água com açúcar e manteiga de amendoim não serão suficientes e você sabe disso.

Jenks voltou a inspirar fundo, se preparando para protestar. Ivy comeu a pizza, se afundando na cadeira e colocando os pés na mesa, ao lado do teclado, enquanto o seu olhar saltava entre eu e Jenks.

Prendi um caracol ruivo atrás da orelha, esperando não estar levando longe demais a nossa delicada relação de trabalho.

— Além disso, você pode ficar sabendo como vive o outro lado — eu disse. — Não teria que ficar esperando que alguém abra uma porta para entrar, ou que alguém use o telefone. Inferno, poderia dirigir...

As suas asas se transformaram em um borrão de movimento e Matalina pareceu assustada.

— Ouve — disse, me sentindo desconfortável. — Porque é que não discute a questão com a Matalina?

— Não preciso discutir a questão — disse Jenks, com a voz tensa. — Não vou fazer.

Os meus ombros se desmoronaram, mas tive muito medo de insistir.

— Como queira — disse, em tom amargo. — Se me dão licença, tenho que ir ver a roupa.

Dissimulando a minha preocupação com uma raiva fingida, saí da cozinha em passos rápidos, os tênis gemendo no linóleo e depois no chão de madeira, enquanto me dirigia para o banheiro. Batendo com as portas de esmalte branco com mais força do que o necessário, passei o moletom de Kisten para a máquina de secar. Afinal Jenks não precisaria delas, mas não ia devolver agora.

Virei o botão do comando para a posição de secar, apertei o botão e ouvi a secadora começando a trabalhar. Abrindo os braços até ficarem alinhados pelos ombros, me apoiei na máquina. As temperaturas baixas deixariam Jenks muitíssimo limitado depois do pôr-do-sol. Mais um mês e não teria qualquer importância, mas, em maio, podia fazer muito frio no Michigan.

Empurrei o corpo para longe da máquina de secar, me conformando com o fato de ter que lidar com aquilo. A escolha era dele. Determinada, voltei à cozinha, obrigando a testa a perder o seu franzido.

— Por favor, Jenks — ouvi Ivy implorar, mesmo antes de ter entrado na cozinha, a emoção incomum na sua voz me obrigando a parar. Ela nunca permitia que as suas emoções se revelassem daquela forma. — A Rachel precisa de alguém que funcione como um escudo entre ela e qualquer vampiro com que se depare fora de Cincinnati — sussurrou, sem saber que eu a podia ouvir. — Aqui todos os vampiros sabem que os matarei duas vezes se tocarem nela, mas uma vez fora da minha influência, a cicatriz por reclamar torná-la uma presa fácil. Não posso ir com ela. O Piscary... — Ela inspirou fundo, abalada. — Ficaria realmente zangado se eu sáísse do seu raio de influência. Deus, Jenks,

isso está prestes a acabar comigo. Não posso ir com ela. Você que tem ir. E tem que ser grande, caso contrário ninguém te levará a sério.

Senti o rosto gelado e levei uma mão à cicatriz que tinha no pescoço.

Droga, tinha me esquecido dela.

— Não preciso ser grande para protegê-la — disse ele e eu acenei.

— Sei disso — continuou Ivy — e ela sabe disso, mas um vampiro sedento de sangue não irá querer saber. E poderá não ser apenas um.

Com as entranhas tremendo recuei lentamente. Os meus dedos tatearam em busca da maçaneta da porta do banheiro, que puxei, fechando a porta com estrondo, como se tivesse acabado de sair. Em seguida me dirigi para a cozinha, onde entrei de repente, sem olhar para quem quer que fosse. Ceri estava de pé, junto ao meu caldeirão para feitiços mais pequenos, com um bisturi na mão; o que desejava era óbvio. Ivy fingia ler o e-mail e Jenks se erguia com uma expressão horrorizada estampada no rosto. Matalina estava ao seu lado.

— Bem, me parece que iremos parar de hora em hora.

Jenks engoliu em seco.

— Farei.

— Sério, Jenks — disse, tentando esconder o sentimento de culpa. — Não faz mal. Não tem que fazer isso.

Jenks se ergueu no ar, voando, colocando as mãos na cintura quando se aproximou do meu rosto.

— Vou fazer isso, portanto cala a boca de uma vez e diz obrigada!

Me sentindo miserável e vulnerável, sussurrei:

— Obrigada.

As suas asas matraqueavam enquanto ele voava tremulo, para junto de Matalina, com um pequeno suspiro. Ela agarrou o belo rosto de anjo parecendo assustado quando o fez girar, de forma que ficasse de costas para mim, e começaram a falar, as suas palavras muito agudas e rápidas, para que conseguisse distinguir.

Com o silêncio estudado de um escravo, Ceri se aproximou para pousar ao meu lado o caldeirão com a poção que me permitiria transformar em lobo. Junto a ela colocou o bisturi com um pequeno clique e recuou. Ainda perturbada, abri atrapalhadamente à lâmina esterilizada e olhei de relance para a poção. Parecia uma bebida energética de cereja, no caldeirão de cobre em miniatura.

— Obrigada — murmurei. Branca ou não, a utilização de magia demoníaca não era aquilo, por que eu queria ser conhecida. O picar da lâmina foi como uma descarga elétrica e eu massajei o dedo. Três gotas do meu sangue pingaram no caldeirão e o cheiro a âmbar queimado se ergueu, me prendendo na garganta, quando o meu sangue ativou o feitiço demoníaco. Que maravilha, não?

Senti um tremor no estômago e fitei a poção.

— Não será invocada fora de tempo? — perguntei, e Ceri abanou a cabeça. Pegando no pesado volume, colocou ele na minha frente.

— Aqui — disse ela, apontando. — Está é a palavra de invocação. Não funcionará se não estiver ligada a uma linha ou se não tiver, dentro de você, energia da eternidade suficiente para provocar a mudança. Já vi o que consegue conter e é suficiente. Esta — disse apontando para o fundo da página — é a palavra para voltar à forma original. Sugiro que não a use se não estiver ligada a uma linha. Ela servirá para acrescentar massa e não para remover, pelo que é difícil saber a quantidade de energia que terá que bloquear para compensar o desequilíbrio. É mais fácil fazer estando ligada a uma linha e deixando que a energia se equilibre a si mesma. A água salgada não quebra a magia demoníaca, por isso não se esqueça da contramaldição.

Nervosa, as minhas mãos deslizaram sobre o pequeno caldeirão de cobre. Aquela quantidade de poção seria suficiente para sete feitiços da terra, mas a magia das linhas Ley correspondia, por norma, a um feitiço por utilização. Voltei a olhar para a palavra de invocação. *Lupus*. Era bastante simples.

— Não funcionará se não estiver dentro de você — disse Ceri, parecendo irritada.

Jenks voou para mais perto, pairando sobre as páginas. O seu olhar afastou-se das letras e fixou-se em mim.

— Como é que ela vai dizer à palavra que a vai transforma-la de volta, se for uma loba? — perguntou ele e senti que um relâmpago de angústia ardia através de mim, até ter compreendido que deveria funcionar como qualquer feitiço das linhas Ley que requeria apenas que se pensasse com força suficiente na palavra de invocação. Ainda que gritar a palavra acrescentasse, sem dúvida, uma boa dose de força.

Os olhos verdes de Ceri estreitaram-se.

— Dizer a palavra mentalmente será suficiente — disse. — Quer que eu guarde a poção em um pentagrama para manter fresca ou vai tomá-la agora?

Ergui o caldeirão para feitiços, tentando alisar a testa para que, pelo menos, não parecesse nervosa. Tratava-se apenas de uma elaborada poção de disfarce, uma poção que me deixaria peluda e com grandes dentes. Se tivesse sorte, jamais teria que invoca-la. Senti a atenção de Ivy presa em mim e, sob os olhares de todos, bebi.

Tentei não provar, mas a qualidade arenosa da cinza e o gosto amargo do papel de prata, clorofila e sal repuxaram os meus lábios.

— Oh, Deus — disse, enquanto Ivy pegava uma segunda fatia de pizza. — Isso é mesmo mal.

Me dirigi ao recipiente de dissolução e mergulhei nele o caldeirão para feitiços vazio antes de o colocar no lava-louça. A poção ardia através de mim e eu tentei, em vão, parar um arrepio.

— Tudo bem? — perguntou Ivy, enquanto eu tremia e o caldeirão chacoalhava contra a lava-louça antes de largá-lo.

— Ótima — disse, com a voz rouca.

Acabei de ingerir um feitiço demoníaco. Voluntariamente. Hoje estava bem e, amanhã, estaria a bordo de um ônibus de excursão, visitando as melhores partes do inferno.

Ceri escondeu um sorriso e eu franzi a sombrancelha.

— O que é?! — gritei, mas ela se limitou a sorrir ainda mais.

— Era isso que Al dizia sempre que tomava as suas poções.



— Maravilha — rosnei, indo me sentar na mesa e puxando a pizza para mais perto. Sabia bem que era a ansiedade que estava me deixando irritada, pelo que tentei suavizar o rosto e fazer de conta que isso não me incomodava.

— Viu, Matalina? — insistiu Jenks, voando para se colocar junto dela, no parapeito da janela, ao lado do meu peixe Beta. — Está tudo bem. A Rachel ingeriu uma poção demoníaca e está bem. Assim será mais fácil e não morrerei de frio. Ficarei apenas do tamanho dela. Vai correr bem, Mattie. Prometo.

Matalina se ergueu no ar, em uma coluna de centelhas prateadas. Contorceu as mãos e fitou a todos por um momento, o seu receio era óbvio e partia o meu coração. Num instante desapareceu, saindo para a chuva através do buraco para pixy na rede que tampava a janela.

De pé no parapeito da janela, Jenks deixou cair as asas. Senti um indício de culpa, depois parei. Jenks iria, comigo ou sem mim, e se fosse grande teria mais hipóteses de voltar inteiro. Mas ela estava tão transtornada que era difícil não sentir que a culpa era minha.

— Muito bem — disse eu, incapaz de sentir o gosto da pizza que havia acabado de morder. — O que é que fazemos primeiro para o Jenks?

Os ombros finos de Ceri relaxaram e ela agarrou o crucifixo com o que era, obviamente, um gesto inconsciente de contentamento.

— A maldição dele terá que ser feita sob medida. Talvez seja melhor traçarmos um círculo. Vai ser difícil.



CAPÍTULO 6

O cheiro forte de tinta para o cabelo de baixa qualidade não combinava bem com o sensual perfume do couro e da seda. A mistura era atravessada por um cheiro almiscarado de incenso que me enchia a cada lenta inspiração, mantendo os meus músculos soltos e relaxados. Kisten. Senti uma coceira no nariz e afastei a manta do rosto, me aconchegando mais contra o som do seu coração batendo. Senti ele mudar de posição e uma parte sonolenta de mim se recordou de que estávamos na sala de estar, no sofá, deitados para o mesmo lado. A minha cabeça estava encaixada sob o queixo dele e o seu braço envolvia a minha cintura, quente e seguro.

— Rachel? — sussurrou ele, tão suavemente que o meu cabelo quase não se moveu.

— Hum? — balbuciei, sem me querer mover.

Durante os últimos onze meses, tinha percebido que a sede de sangue de um vampiro variava com os estados de espírito, dependendo do stress, do temperamento, da educação e do quanto tinham se saciado da última vez. Tinha ido viver com Ivy em um estado de absoluta idiotice. Ainda mais, na altura ela se encontrava no extremo mais alto da escala do arrepiante, pressionada por Piscary para me transformar em um brinquedo ou matar, uma tensão aumentada pelo sentimento de culpa que sentia diante do seu desejo de sangue e pelo fato de se tentar abster dele. Três anos de abstinência geravam um

vampiro muito ansioso. Não queria saber o que Ivy tinha sido antes de optar pela fome forçada para tentar se recriar. Tudo o que eu sabia era que se tornou muito mais fácil viver com ela agora, que estava “tratando do assunto”, ainda que ela se odiasse e se sentisse uma fracassada sempre que sucumbia.

Acabei descobrindo que Kisten se encontrava no extremo oposto, com um temperamento relaxado e sem quaisquer problemas em satisfazer a sua sede de sangue. E, embora não me sentisse confortável dormindo depois do almoço no mesmo quarto que Ivy, podia me enroscar com Kisten, desde que ele tivesse tratado do assunto de antemão. E que eu não me colocasse a saltar com uma camisa dele vestida, pensei amargamente.

— Rachel, querida — ele disse, mais alto, com um toque de súplica. Senti os seus músculos a ficarem tensos e a respiração acelerar. — Acho que a Ceri está pronta para que ative o feitiço do Jenks e, por muito que gostasse de te tirar sangue, talvez seja melhor que o faça sozinha.

Os meus olhos se abriram de repente e fitei os aparelhos eletrônicos da Ivy.

— Já terminou? — eu disse e Kisten gemeu quando o meu cotovelo fez pressão contra o estômago dele, ao sentar.

Os meus pés, enfiados em umas meias, tocaram no chão e os meus olhos voaram para o relógio na televisão. *Já passava do meio-dia?*

— Adormeci! — exclamei, vendo os nossos pratos, repletos de crosta de pizza sobre a mesa de centro. — Kist — me queixei, — não era suposto deixar eu adormecer!

Ele se deixou ficar reclinado no sofá de camurça cinzenta de Ivy, o cabelo desgrenhado e um brilho satisfeito e sonolento nos olhos.

— Desculpa — disse com um bocejo, sem parecer minimamente arrependido.

— Inferno. Era suposto eu estar ajudando a Ceri — já era suficientemente mau que ela estivesse fazendo os feitiços por mim. Estar a dormir enquanto ela o fazia era simplesmente rude.

Kisten ergueu um ombro e deixou-o cair.

— Ela disse para te deixar dormir.



Dirigindo um suspiro exasperado endireitei os jeans. Odiava adormecer vestida. Pelo menos, tinha tomado banho antes do jantar, pensando que seria justo me livrar do cheiro que restava do fato de ter usado a camisa dele.

— Ceri? — disse, arrastando os pés até à cozinha. Pelo amor de Deus, àquela hora, já queria ter o furgão adaptado para servir de caravana, que eu havia pedido emprestado para o Kisten, cheia e a caminho.

Ceri estava sentada, com os cotovelos pousados na antiga mesa de Ivy. Ao seu lado estava à caixa de pizza, vazia com exceção de uma única fatia e de uma embalagem de *patê* de alho bem conservada. O seu cabelo longo e esvoaçante era a única coisa que se movia, flutuando na brisa fria que entrava pela janela. A cozinha estava mais limpa do que eu alguma vez consegui quando fazia os meus feitiços: os caldeirões de cobre estavam cuidadosamente empilhados no lava-louça, sob os meus pés eu podia sentir o sal com o qual ela traçou um círculo e havia alguns utensílios de magias das linhas Ley e ervas de magia da terra espalhados pela cozinha. O livro demoníaco estava aberto no centro do balcão e a vela roxa que eu acendi no último Halloween pingava enquanto eu a olhava.

O Sol do início da tarde era um feixe brilhante de luz que entrava pela janela. Para lá das cortinas esvoaçantes, os pixies gritavam e brincavam, destruindo a toca das fadas, no freixo, com um entusiasmo selvagem. Jenks estava sentado na mesa, encostado à xícara de chá meio vazia de Ceri.

— Ceri — disse, estendendo uma mão para tocar o seu ombro. A cabeça dela se ergueu de súbito.

— O *di immortals*, Gally — disse, obviamente ainda dormindo. — Peço desculpa! A maldição está pronta. Vou já preparar o chá.

Jenks se ergueu no ar com um ruidoso bater de asas e a minha atenção saltou dele para ela.

— Ceri? — repeti, assustada. *Ela chamava Gally a Algaliarept?*

A jovem ficou rígida, depois deixou cair a cabeça nas mãos, mais uma vez.

— Deus me ajude, Rachel — disse, as palavras abafadas. — Por um momento...

A minha mão deslizou do ombro dela. Ceri tinha pensado que estava de novo com Al.

— Lamento — disse, me sentindo ainda mais culpada. — Adormeci e o Kisten não me acordou. Tudo bem?

Ela se virou, um ligeiro sorriso no rosto em forma de coração. Os olhos verdes estavam cansados. Tinha certeza de que ela não dormia desde a tarde anterior e parecia prestes a desfalecer.

— Estou ótima — disse, com a voz fraca, sendo óbvio que não estava. Envergonhada, sentei na frente dela.

— Jesus, Ceri, eu podia ter feito qualquer coisa.

— Estou ótima — repetiu, os olhos fixos no fio de fumaça em espiral, que se erguia da vela. — O Jenks me ajudou com as plantas. É um grande conhecedor.

Erguendo as sobrancelhas, observei enquanto Jenks alisava o casaco de seda verde que usava para cuidar do jardim.

— Acha que vou tomar uma poção sem saber o que está lá dentro? — perguntou.

— O Jenks te ajudou a fazer? — inquiri. Ceri encolheu os ombros.

— Não importa quem o faz, desde que seja você a ativá-lo — com um sorriso cansado no rosto pálido, Ceri acenou na direção da poção e da lanceta¹⁷.

Me movendo lentamente, ergui e dirigi para o feitiço de Jenks. O ouvi o estalo do selo de segurança da lanceta.

— Use o indicador — aconselhou Ceri. — Acrescentará ao feitiço a força da sua vontade.

Fazia diferença? Me perguntei, sentindo tonta, e não era apenas pela falta de sono, enquanto picava o dedo para obter três gotas do meu sangue. Kisten se agitou, na sala de estar, quando estas pingaram no caldeirão para feitiços e o cheiro a âmbar queimado se ergueu no ar. As asas de Jenks se transformaram em um borrão de movimento e eu

¹⁷ **Lancetas** são utilizadas para coletas de punção digital, testes de gota espessa e testes rápidos para diagnósticos laboratoriais.

segurei a respiração, esperando que acontecesse qualquer coisa. Não aconteceu nada. Mas eu também não pronunciei as “palavras mágicas”.

— Feito — disse Ceri, se afundando na cadeira.

Os meus olhos se fixaram na figura esguia de Kisten, quando ele entrou na cozinha, descalço e com as roupas desalinhadas.

— Boa tarde, minhas senhoras — disse, puxando a caixa de pizza para si e passando a última, e rígida, fatia de pizza para um prato. Não era o primeiro cara a ter uma escova de dentes no armário do meu banheiro, mas era o primeiro a mantê-la lá durante tanto tempo, e eu gostava de ver ele ali, em desalinho, a camisa fora das calças, com um ar satisfeito e confortável.

— Café? — perguntei e ele acenou, se tornando óbvio que ainda não estava completamente funcional quando arrastou o prato da mesa e se dirigiu para o corredor, coçando os pelos que começavam a crescer na linha do maxilar.

Saltei quando Kisten bateu à porta do quarto de Ivy e gritou:

— Ivy! Acorda! Tem aqui o pequeno-almoço. A Rachel está de saída e é melhor que saia se quiser ver o Jenks mudar.

Lá se ia o café, a torrada, o sumo e a flor, pensei, ouvindo a voz de Ivy se erguer, irritada, antes de Kisten fechar a porta e interromper as suas queixas. Ceri parecia impressionada e eu abanei a cabeça para lhe dar a entender que não valia a pena explicar. Fui limpar a cafeteira, fechando a água até esta não ser mais do que um fio, quando Kisten fechou a porta do meu banheiro e abriu o chuveiro.

— Então, vamos fazer isso, Jenks? — perguntei, enquanto fazia girar a água no interior da cafeteira.

Com as asas assumindo um tom azulado, Jenks pousou junto do recipiente, o tamanho de um copo de shot, onde se encontrava a poção.

— Eu bebo?

Ceri acenou.

— Uma vez dentro de você, a Rachel irá invocá-lo. Até lá, nada irá acontecer.



— Todo? — perguntei, de olhos muito abertos. — Isso é o quê? Quatro litros em termos pixies?

Jenks encolheu os ombros.

— Bebo uma quantidade igual de água com açúcar ao pequeno-almoço — disse ele e franzi a sobancelha. Se bebia tanto assim, o mais certo era que tivéssemos que parar de hora em hora, na mesma.

Os meus dedos lutaram para abrir o saco do café e o odor dos grãos escuros me atingiu, espesso e reconfortante. Calculei a quantidade que precisava, colocando no filtro novo e, depois, acrescentei um pouco mais, enquanto observava fixamente Jenks que adia para tomar a poção. Por fim, o pixy arrastou as botas sobre o balcão e retirou do recipiente uma pequena dose, fazendo uso de um copo minúsculo. Virou de uma vez o copo que pingava, fazendo uma careta quando o baixou.

Liguei a cafeteira e me encostei no balcão, cruzando os braços.

— O que é que sabe? — perguntei, recordando a poção demoníaca que já tinha ingerido. Tinha a esperança de que ele não dissesse que sabia o meu sangue.

— Hum — Jenks tirou mais um copo cheio. — Tem o mesmo sabor do jardim no outono, depois que as pessoas andarem queimando as folhas.

Cinzas mortas? Pensei. Mas que bom.

Erguendo o queixo, bebeu, depois se virou para mim.

— Por amor da Sininho, não vão ficar aí olhando para mim, não é?

Sorrindo, me afastei do balcão.

— Posso fazer um chá para você? — perguntei a Ceri, não querendo que parecesse que o estava observando, mas também não querendo sair. E se ele tivesse uma reação alérgica ou algo assim?

Com um movimento quase impercetível, Ceri se endireitou; a minha oferta parecia ter iniciado todo um novo conjunto de comportamentos.

— Sim, obrigada — disse ela, cuidadosamente.

Regressei a pia e enchi a chaleira, me encolhendo quando Jenks arrotou e rosnou, baixinho. O som da água correndo pareceu revitalizar Ceri, que se levantou, percorrendo a cozinha e arrumando as coisas.

— Posso fazer isso — protestei, e ela fitou os meus olhos que deslizavam para o relógio por cima da pia. Inferno, estava ficando tarde.

— E eu também — disse ela. — Tem um longo caminho pela frente e tudo o que eu tenho para fazer é... — ela fitou tristemente a cozinha. — Não tenho nada para fazer além de dormir. Eu quem devia te agradecer. Foi muito excitante criar um feitiço tão complexo. É um dos meus melhores esforços.

O seu orgulho era óbvio e, depois de ter acendido o fogo sob a chaleira, me encostei ao balcão, observando Jenks a arrotar as letras do alfabeto. Será que os seus talentos não tinham fim? A curiosidade acabou por me levar a formular a pergunta.

— Como é que era ser familiar dele?

Ceri pareceu ficar sonolenta enquanto se erguia ao sol, junto a pia, e lavava a sua xícara.

— Ele é dominador e cruel — disse baixinho, a cabeça baixa e os olhos fixos nas mãos esguias, — mas as minhas origens me tornavam única. Ele gostava de me exhibir, por isso me mantinha bem. Quando me tornei dócil, passou a me conceder favores e cortesias que a maioria eu ignorava.

Os meus pensamentos regressaram ao embaraço que ela revelou falando da aparência preferida de Al, o nobre britânico. Tinham estado juntos durante mil anos e eram inúmeros os casos de prisioneiras que se apaixonavam pelos seus captores. Além disso, aquele apelido... Tentei cruzar o meu olhar com o dela, mas ela evitou.

— Já volto — disse Jenks, batendo no estômago. — Essa coisa nos faz mijar como um sapo.

Me encolhi quando ele levantou voo e passou rapidamente por Ceri, saindo pelo buraco para pixies na rede que cobria a janela. Um olhar de relance para o recipiente para feitiços me fez erguer as sobrancelhas. Estava meio vazio. Maldição, aquele homem conseguia beber mais depressa do que um estudante universitário.

— Fazia entre trinta e cinquenta maldições por dia — continuou Ceri, pegando no pano que estava na pia e limpando o sal do balcão central, — além de lhe aquecer a cama e pôr comida na mesa. A cada sete dias, ia trabalhar comigo no laboratório, fazendo crescer o meu conhecimento. Esta maldição... — de olhar distante, tocou no balcão ao lado do que restava da poção. — Esta teria feito a gente passar todo um dia juntos, avançando lentamente para que ele pudesse me explicar as complexidades envolvidas na mistura de maldições. Em dias como esse... quase me sentia bem comigo mesma.

Envolvendo a cintura com os braços, me senti gelar diante do toque de saudade na sua voz. Ela quase parecia lamentar o fato de já não estar trabalhando para um demônio. Com o olhar distante, tirou a água fervendo do fogo e despejou no pequeno bule.

Jenks voltou, sem qualquer comentário, instalando-se diante da poção com o seu copo minúsculo. Senti os pelos na parte de trás do pescoço a eriçar e Ivy entrou na cozinha, com um ruído suave, as mãos atarefadas prendendo a camisa dentro das calças. Sem cruzar o seu olhar com o de qualquer de nós, arrastou os pés até à cafeteira e encheu duas canecas, enquanto as últimas gotas pingavam para na base quente e crepitavam. Ergui os olhos, surpreendida, quando ela colocou uma caneca ao meu lado, num gesto hesitante.

As palavras de Kisten ecoaram nos meus pensamentos, enquanto a via se sentar junto ao computador, lendo a tensão nos seus ombros quando ela apertou o botão de ligar e clicou no atalho para o seu email. O que ele disse sobre ela depender de mim, mais do que dele porque eu não conhecia o seu passado fez uma reviravolta no meu estômago. Fitei enquanto ela se sentava na extremidade mais distante da cozinha, afastada, mas ainda parte do grupo. O seu rosto perfeito estava calmo e imóvel, não revelando nada do seu passado selvagem. Senti um arrepio me atravessar ao pensar no que poderia encontrar sob aquela face, naquilo em que se poderia tornar se eu a deixasse. Exatamente quão mal tinha sido?

Ivy ergueu os olhos do monitor, me fitando por baixo da franja curta. Baixei o olhar. Deus do céu. Seria apenas por alguns dias.

— Obrigada pelo café — disse, envolvendo a cerâmica quente com os dedos e entrelaçando, ao mesmo tempo que refreava as minhas emoções. Tinha que ir. Nick e Jax precisavam de ajuda. Voltaria.

Ivy não disse nada, o seu rosto não revelando qualquer emoção. As janelas de novos mails sucederam-se e ela começou a percorrê-los.

Nervosa, me virei para Ceri.

— Agradeço muito — disse, pensando na longa viagem que me esperava. — Se não fosse pela sua ajuda, nem sequer teria tentado. Só estou contente por não serem feitiços negros — acrescentei. Branca ou não, a realização de magia negra não era algo por que eu quisesse ficar conhecida.

No lugar onde se encontrava, ao sol, Ceri ficou rígida.

— Hum, Rachel? — disse ela, e o meu coração pareceu saltar um batimento.

Ergui lentamente a cabeça e senti a boca a ficar seca. Jenks parou, com o copo a meio caminho da boca. Os seus olhos cruzaram-se com os meus, as asas completamente imóveis.

— É um encantamento negro? — perguntei, a minha voz um grito no final.

— Bem, é magia demoníaca... — disse ela, como se pedisse desculpas.

— São todos negros — os seus olhos saltavam entre mim e Jenks, espantados. — Pensei que sabia.



CAPÍTULO 7

Inspirei, hesitante, e levei a mão ao balcão. Era negro? Eu tomei um feitiço negro? Isto estava ficando cada vez melhor. Porque inferno é que ela não me disse nada?

— Nem pensar! — Jenks se ergueu em um floreado de centelhas cor de cobre. — Esquece, Ivy, esquece! Não vou fazer isso!

Enquanto Ivy rosnava para Jenks dizendo que ele faria, caso contrário ela enfiaria ele de bunda pelo buraco da fechadura, cambaleei até à mesa e me deixei afundar na cadeira. Ceri era estranha, parecia tão inocente como a Joana d'Arc, mas aceitava a magia negra como se passasse todas as quartas-feiras sentada aos pés de Lúcifer pintando as unhas. Eram todos negros e ela não via nada de errado nisso? Agora que pensava nisso, a Joana d'Arc ouvia vozes que lhe diziam para matar pessoas.

— Rachel...

A mão de Ceri no meu ombro me fez erguer a cabeça e fitei ela.

— Eu, hum... — balbuciei. — Esperava que fossem negros, mas você não parecia ter qualquer problema em fazê-los, por isso... — fitei o que restava da poção de Jenks, me perguntando se, desistindo agora, ele ficaria bem.

— Ele precisa dessa maldição — Ceri se sentou graciosamente, de tal forma que eu não conseguia ver Jenks e Ivy que discutiam na extremidade oposta da mesa. — E a mancha provocada por uma ou duas é negligenciável.

Matalina voou através do buraco para pixies na rede que cobria a janela, arrastada por um dos gritos agudos de Jenks, trazendo consigo o cheiro da tarde de primavera. O seu vestido amarelo ondulava, belo, em redor dos calcanhares, quando ela parou, a expressão inquisitiva enquanto tentava compreender o que estava se passando. Eu parecia não conseguir inspirar ar suficiente. Negligenciável? Será que ela não compreendia?

— E se só os usar para o bem? — tentei. — Mancharão a alma se eu só fizer o bem com eles?

As asas de Matalina pararam e ela desceu os quase oito centímetros que a separavam da mesa tão depressa que perdeu o equilíbrio e caiu, dobrando uma asa para trás. Ceri exalou em um sinal óbvio de exasperação.

— Está quebrando consideravelmente as leis da natureza através dessas maldições — censurou ela, com os olhos verdes fixos em mim —, muito mais do que com a utilização de magia da terra ou magia das linhas Ley sozinhas. Não importa se são usadas para o bem ou para o mal, a mancha sobre a sua alma é igual. Se interfere com os livros da natureza, você paga um preço.

Os meus olhos saltaram dela para Matalina e Jenks. A pequena mulher pixy voltou a se erguer e pousou uma mão no ombro de Jenks que, por sua vez, se encontrava dobrado sobre os joelhos. Ao que parecia, estava hiperventilando e o pó de pixy, que começava a assumir uma tonalidade vermelha, libertava-se dele formando uma poça que escorria para o chão. Rodopiava sob a corrente de ar da janela e teria sido uma bela imagem, se eu não soubesse que significava que ele se encontrava muitíssimo tenso.

Os lábios de Ivy desenhavam uma linha fina. Não compreendia porque é que ela estava discutindo com ele. Não esperava que ele se submetesse àquilo se tratando de uma maldição negra. Droga, Ceri tinha lhes chamado sempre maldições; eu é que não ouvi ela.

— Mas eu não quero que a minha alma fique negra — quase chorei. — Ainda agora me livrei da aura de Al.



As delicadas feições de Ceri assumiram uma expressão irritada e ela se ergueu.

— Então, se livra das manchas.

Jenks ergueu a cabeça, os seus olhos parecendo assustados.

— A Rachel não é uma bruxa negra! — gritou, e eu fiquei espantada com a sua ardente lealdade. — Ela não vai atirar nas costas de um inocente!

— Nunca disse que devia fazer — disse Ceri, com rudeza.

— Ceri — disse eu hesitante, enquanto ouvia Matalina que tentava acalmar o marido.

— Não existe outra forma de nos livrarmos do desequilíbrio de realidade além de o passarmos para outra pessoa?

Claramente consciente de que Jenks estava pronto para se atirar nela, Ceri foi, calmamente, preparar o seu chá.

— Não. Uma vez criada a mancha a única forma de se ver livre dela é passá-la para outra pessoa. Mas não estou sugerindo que a entregue a um inocente. As pessoas aceitarão voluntariamente se adoçar o negócio.

Não gostava da forma como aquilo soava.

— Porque é que alguém aceitaria, voluntariamente, manchar a sua alma com a minha escuridão? — perguntei e o elfo suspirou, tornando visível a sua tentativa de reprimir a irritação. O tato não fazia parte do seu repertório, apesar da sua gentileza e enorme boa vontade.

— Liga a algo que a pessoa queira, Rachel — disse ela. — Um feitiço ou uma tarefa. Informação.

Os meus olhos se abriram quando compreendi.

— Como um demônio — disse, e ela acenou.

Oh, Deus. Doía meu estômago. A única forma de me ver livre daquelas manchas seria induzir alguém a ficar com elas. Como um demônio.

Ceri se erguia junto a minha pia; o sol da manhã envolvia, fazendo com que se parecesse com uma princesa de jeans, camisa azul e dourada.

— É uma boa opção — ela disse, soprando o chá para fazê-lo esfriar mais depressa.

— O meu desequilíbrio é muito grande para que consiga me ver livre dele dessa forma,

mas talvez se eu percorresse a eternidade e libertasse pessoas raptadas, que ainda estivessem em posse das suas almas, talvez elas aceitassem ficar com cem anos do meu desequilíbrio em troca de uma oportunidade de se verem livres da eternidade.

— Ceri — protestei, assustada, e ela ergueu a mão num gesto reconfortante.

— Não vou à eternidade — disse ela. — Mas se alguma vez surgir a oportunidade de ajudar a libertar alguém, me diz?

Ivy se agitou e Jenks interrompeu ela com entusiasmo:

— A Rachel não vai à eternidade.

— Ele tem razão — eu disse, me levantando e sentindo os joelhos fracos. — Não posso pedir a ninguém que fique com as manchas que acrescentará na minha alma. Esquece — os meus dedos rodearam o que restava da poção de Jenks e me dirigi para o recipiente de dissolução. — Não sou uma bruxa negra.

Matalina suspirou de alívio e até Jenks relaxou, pousando os pés no centro da poça de centelhas douradas sobre a mesa, apenas para se erguer de novo no ar quando Ceri bateu com a mão no balcão.

— Vai me ouvir e vai me ouvir com atenção! — gritou, me chocando e fazendo Ivy saltar. — Não sou má por ter mil anos de manchas de demônio na alma! — ela exclamou ; as pontas do cabelo tremiam e o rosto estava vermelho. — Sempre que perturba a realidade, a natureza é obrigada a reequilibrá-la. As manchas negras na sua alma não são sinônimo de maldade, são uma promessa de que a vai compensar pelo que fez. É uma marca, não uma sentença de morte. E pode se ver livre delas a qualquer altura.

— Ceri, desculpa — murmurei, mas ela não estava ouvindo.

— É uma bruxa ignorante, tola e estúpida — murmurou e eu me encolhi, apertando os dedos em redor do caldeirão de cobre para feitiços e sentindo a raiva que se libertava dela como um chicote. — Está querendo dizer que, por carregar comigo o fedor da magia demoníaca, sou uma pessoa má?

— Não... — tentei dizer.

— Que Deus não mostrará qualquer misericórdia? — disse ela, os olhos verdes faiscando. — Que por ter cometido um erro, por medo, que levou a outros mil, vou arder no inferno?

— Não. Ceri... — dei um passo para frente.

— A minha alma está negra — disse ela, o seu medo visível nas faces subitamente pálidas. — Nunca serei capaz de me ver livre de todas as manchas antes de morrer. Sofrerei por isso, mas não será por ser uma pessoa má, mas por ter sido uma pessoa assustada.

— É por isso que não quero fazer isto — supliquei.

Ela inspirou, como se só agora compreendesse que tinha estado gritando. Fechando os olhos, pareceu recuperar a compostura. A raiva tinha sido reduzida a um lento ferver no fundo dos seus olhos verdes, quando os abriu. A sua normalmente dócil compostura fazia com que fosse difícil recordar que ela já fez parte da realeza e esteve habituada a comandar.

Ivy deu um cauteloso gole no café, os olhos nunca se afastando de Ceri. Kisten fechou a água do chuveiro e o silêncio que se seguiu parecia sonoro.

— Lamento — disse Ceri, de cabeça baixa, um lençol de cabelo escondendo no rosto. — Não devia ter levantado à voz.

Pousei o caldeirão de cobre sobre a mesa.

— Não se preocupe com isso — eu disse. — Como você bem disse, não passo de uma bruxa ignorante.

O seu sorriso era amarelo e revelava um ligeiro embaraço.

— Não, não é. Não pode saber o que nunca te disseram — Ceri deslizou as mãos pelos jeans, se acalmando. — Talvez esteja mais preocupada do que gostaria de admitir com o pagamento que tenho que fazer — concedeu. — Ver você tão preocupada com uma ou duas maldições, quando a minha alma carrega vários milhões, me fez... — corou delicadamente e eu me perguntei se as suas orelhas não seriam ligeiramente pontiagudas. — Fui muito injusta com você.



A voz de Ceri tinha adquirido uma cadência nobre. Atrás de mim, ouvi Ivy cruzar as pernas.

— Esquece isso — disse, me sentindo gelada.

— Rachel — Ceri escondeu as mãos tremendo entrelaçando os dedos. — A mancha que estas duas maldições acarretam é tão pequena quando comparada com os benefícios que delas podem suceder: a viagem de Jenks em segurança para ajudar o filho, você pode usar uma maldição demoníaca para se transformar e manter o título de alfa do David, que merece. Seria um crime maior permitir que tais coisas ficassem por fazer ou deixá-las escapar do que aceitar, de boa vontade, o preço por te-las.

Ela tocou no caldeirão que continha o que restava da poção e eu fitei ela, me sentindo enjoada. Não ia pedir a Jenks que bebesse o resto.

— Tudo o que tem valor ou força tem um preço — continuou ela. — Deixar que o Jax e o Nick continuem sofrendo porque sente medo faz com que pareça... desmesuradamente tímida.

Covarde seria uma palavra melhor, pensei, olhando para Jenks e me sentindo doente, sabendo que tinha dentro de mim uma maldição à espera de ser usada... e que tinha sido eu a fazê-la.

— Assumo a mancha da minha maldição — disse Jenks, abruptamente, o rosto determinado.

Da mesa, ergueu-se o minúsculo soluço de Matalina e eu vi o medo nas suas feições juvenis. Ela amava Jenks mais do que a própria vida.

— Não — eu disse. — Só tem alguns anos para se ver livre dela. Além disso, a ideia foi minha e o feitiço é meu. A maldição é minha. Eu fico com ela.

Jenks levantou voo, colocando-se na frente do meu rosto, as asas vermelhas e o rosto sério.

— Cala a boca! — gritou e eu recuei, para conseguir ver com nitidez. — É o meu filho! Eu fico com a maldição. Eu pago o preço.

Ouviu-se o som da porta do banheiro abrindo e Kisten entrou na cozinha, a camisa solta e um sorriso de esguelha. Tinha o cabelo penteado para trás e a barba rala, húmida,

refletia a luz do Sol. Estava com ótimo aspecto e sabia. Mas a sua confiança foi quebrada quando percebeu a infelicidade de Ivy, sentada no computador; da óbvia aflição de Jenks e Matalina; do meu evidente medo, realçado pelo fato de ter os braços apertados ao redor do corpo; e da expressão exasperada de Ceri que, uma vez mais, se via na posição de tentar convencer os plebeus de que sabia o que era melhor para eles.

— O que é que perdi? — perguntou ele, se aproximando da cafeteira e deitando o que restava do café para uma das minhas canecas de tamanho gigante.

Ivy empurrou a cadeira para longe da mesa, com uma expressão solene.

— São maldições demoníacas. Vão deixar uma marca na alma de Rachel. O Jenks está com dúvidas.

— Não estou nada! — gritou o pequeno pixy. — Mas mais depressa beijo o traseiro de uma fada, do que deixo que a Rachel pague o preço pela minha maldição.

Kisten prendeu lentamente a camisa nas calças e deu um gole no café. Os seus olhos percorriam toda a cozinha e ele inspirava profundamente, absorvendo os odores na sala e usando eles para avaliar a situação.

— Jenks — protestei, emitindo de seguida um som de derrota quando ele voou até ao que restava da poção e a bebeu, a garganta movendo-se ao ritmo dos seus goles. Matalina se deixou cair sobre a mesa, às asas imóveis. Ela era um pequeno ponto luminoso, parecendo mais só do que alguma vez a vi, enquanto observava o marido a por a vida em perigo pela minha segurança e a do seu filho.

A cozinha estava em silêncio, com exceção do som dos pequenos pixies no jardim, quando Jenks deixou cair o minúsculo copo de pixy no caldeirão para feitiços com um som estridente.

— Suponho que esteja resolvido — eu disse, me recompondo e inclinando de forma que pudesse olhar de relance para o relógio por cima da pia. Não gostava daquilo. De tudo.

Com uma expressão que parecia indicar que estava tentando, desesperadamente, não chorar, Matalina esfregou as asas uma na outra, emitindo assim um assobio penetrante.

Passados três segundos toda a família de Jenks penetrou na cozinha a partir do corredor. Traziam consigo o cheiro forte das cinzas e percebi que tinham entrado pela chaminé.

— Lá fora! — gritou Jenks. — Disse que podiam ver a partir da porta! Em um furacão saído de um pesadelo da Disney, a sua prole se instalou no alto da moldura da porta. Os seus guinchos arranhavam o interior do meu crânio, enquanto empurravam uns aos outros, lutando pelo melhor local. Ivy e Kisten encolheram-se visivelmente, e Jenks emitiu um novo assobio de aviso. Os pequenos instalaram-se, obedientemente, sussurrando quase fora do meu campo auditivo. Ivy praguejou baixinho, o rosto assumindo uma expressão soturna. Gracioso no seu corpo esguio, Kisten atravessou a cozinha para se colocar ao lado dela, despejando metade do café na caneca dela, numa tentativa de pacifica-la. Ivy nunca estava no seu melhor pelo menos até ao pôr-do-sol.

— Muito bem, Jenks — eu disse, pensando que realizar voluntariamente uma maldição demoníaca era espantosamente estúpido e que jamais me veria livre daquilo se me matasse. O que diria a minha mãe? — Pronto?

Os pixies que enchiam a moldura da porta guincharam e Matalina voou até ele, o belo rosto pálido.

— Tenha cuidado, querido — sussurrou ela e eu afastei o olhar quando eles trocaram um último abraço, erguendo-se os dois lentamente numa nuvem de centelhas douradas antes de se separarem.

Matalina foi pousar no parapeito, movendo as asas em gestos nervosos que emitiam raios de luz resplandecente. Aquilo estava matando ela e eu me senti culpada, ainda que aquela fosse, muito provavelmente, a melhor forma de garantir a segurança de Jenks.

Erguendo-se ao lado de Matalina, ao sol, Ceri acenou confiante. Kisten pousou uma mão no ombro de Ivy, em um gesto de apoio. Inspirando, aproximei da mesa, me instalando, nervosa, no local costumeiro e puxando para o meu colo o livro de feitiços demoníacos. Era pesado e o sangue zumbiu nas minhas pernas, quase como se estivesse tentando tocar nas páginas. *Oh, aí está um belo pensamento.*

— O que é que vai acontecer? — perguntou Jenks, se contorcendo ao aterrar no balcão central, e eu me virei de lado, na cadeira, para conseguir vê-lo.



Lambi os lábios e olhei para o texto. Estava escrito em latim, mas Ceri e eu tínhamos estudado enquanto comíamos a pizza antes de eu ter adormecido.

— A versão Magia Demoníaca para Totós, por favor — acrescentou ele e senti nascer no meu rosto um pequeno sorriso.

— Toco na linha e digo as palavras de invocação — disse. — Para te devolver a forma original, digo as outra vez. Tal como no encantamento para me transformar em lobo.

— Só isso?

Jenks tinha os olhos muito abertos e Ceri fungou.

— Pediu a versão resumida — ela disse, retirando as coisas que se encontravam sobre o balcão central e colocando na pia. — Tive que fazer uma quantidade horrenda de trabalho de preparação para o tornar assim tão fácil, mestre pixy.

As asas dele baixaram.

— Desculpa.

Ivy aproximou os braços do corpo e franziu a sobancelha; a sua agressividade era, sem dúvida, um escape para a preocupação.

— Podemos andar com isto? — perguntou, e eu voltei a inclinar a cabeça sobre o texto.

Exalando, estendi a minha consciência para lá das paredes de contraplacado da cozinha, para lá dos canteiros que já sentiam a leve presença dos pixies, até à pequena e pouco usada linha Ley que atravessava o cemitério. Tocando-lhe com um dedo do meu pensamento, reprimi um estremecimento diante do choque da ligação. Houve tempos em que o fluxo da força que penetrava em mim era algo lento e sedativo. Já não era assim.

O fluxo de energia correu através de mim, chocando contra os limites do meu corpo em uma sensação desconfortável. Instalou-se no meu chi, com o calor e a satisfação do chocolate quente. Podia recolher mais energia e acumulá-la na minha cabeça para usar mais tarde, mas não precisava dela, por isso permiti que a pesada e ressoante onda de energia encontrasse uma saída do meu corpo e regressasse à linha. Eu era uma rede através da qual a linha Ley corria, fluindo livremente com exceção do pouco que eu lhe retirava.

Tudo aconteceu no tempo de duas batidas de coração, ergui a cabeça e os meus olhos se fecharam. O meu cabelo esvoaçava no vento que parecia soprar sempre na eternidade e eu passei uma mão pelos caracóis para tentar doma-los. Agradei a Deus por ser de dia e eu não poder ver sequer uma sombra da eternidade se não me erguesse mesmo no centro de uma linha. O que não era o caso.

— Odeio quando ela usa as linhas — sussurrou Ivy a Kisten, no canto da cozinha. — Alguma vez viu coisa mais estranha?

— Devia ver a cara que ela faz quando...

— Cala a boca, Kist! — exclamei, os meus olhos se abrindo de súbito e vendo ele sorrir para mim.

Erguendo-se com uma xícara de chá pendurada em um dedo e o sol jorrando no seu redor, Ceri tentava manter um ar sério, mas o sorrisinho que exibia estragava tudo.

— Vai doer? — perguntou Jenks, libertando pó de pixy dourado num fluxo constante.

Pensei na dor dilacerante que sentira quando me transformara em vison e estremeci.

— Fecha os olhos e conta a partir de dez — eu disse. — Lançarei o feitiço quando chegar no zero.

Jenks inspirou fundo, os cílios escuros batendo nas faces. O movimento das suas asas foi se tornando mais lento enquanto ele se instalava no centro do balcão central, desimpedido.

— Dez... nove... — começou ele, com voz firme.

Pousando o livro na mesa, me levantei. Sentindo-me leve e surreal devido à linha que corria através de mim, estendi um braço e coloquei uma mão sobre ele. Os meus joelhos tremiam e esperei que ninguém estivesse reparando. Magia demoníaca. Deus me proteja. Inspirei fundo mais uma vez.

— *Non sum qualis eram* — disse.

— Oito...

Ivy arquejou e eu cambaleei quando Jenks foi rodeado por um remoinho de eternidade dourada que jorrara da minha mão para o envolver.



— Jenks! — gritou Matalina, voando para os utensílios de cozinha.

A minha respiração foi arrancada de mim. Cambaleando, estendi uma mão para trás, procurando algo onde me apoiar. Arquejei quando uma torrente de energia das linhas chocou contra mim e tentei afastar as mãos que me procuravam agarrar. A minha cabeça parecia estar expandindo e gritei quando a energia explodiu de mim e se lançou sobre Jenks com um estalo que tinha que ser audível.

Caí, descobrindo no chão da cozinha, os braços de Ivy sob os meus ombros, me ajudando a deitar. Não conseguia respirar. Lutei para me lembrar de como se faziam os pulmões trabalhar, ouvi o chocalhar dos utensílios de cozinha, seguido por um gemido e um baque.

— Santa mãe da Sininho — disse uma nova voz, algo masculina. — Estou morrendo. Estou morrendo. Matalina! O meu coração não está batendo!

Inspirei uma vez, depois outra, me erguendo nas mãos de Ivy. Senti calor, depois frio. E não conseguia ver com clareza. Olhando para lá do limite do balcão, descobri Kisten ao lado de Ceri, imóvel, como que incapaz de decidir o que fazer. Afastei de mim as mãos de Ivy e me sentei, ao compreender o que me tinha derrubado. Não foi a força da linha que canalizei, mas a quantia descomunal de “intenção de pagar” que acabou de cair sobre a minha alma. Era eu quem a tinha, não Jenks, e ia ficar assim.

Com o coração batendo violentamente, me levantei, ficando de queixo caído quando vi Jenks sentado no balcão central.

— Oh... meu... Deus... — sussurrei.

Jenks se virou para mim, os olhos muito abertos e assustados. Com o rosto angular sério, fitou o teto, o peito a subir e a descer enquanto ele hiperventilava. Ceri estava junto a pia, resplandecente. A meu lado, Ivy olhava fixamente, em choque. Kisten não estava muito melhor. Matalina estava lavada em lágrimas e os pequenos pixies voavam de um lado para o outro. Alguém ficou preso no meu cabelo, me trazendo de volta à realidade.

— Todos os que tenham menos de quinze anos... fora da cozinha! — gritei. — Alguém que me traga um saco de papel. Ivy, vai buscar uma toalha para o Jenks. Até parece que nunca viu um homem nu.



Ivy se afastou.

— Não sentado no balcão da cozinha — murmurou, enquanto saía. Os olhos de Jenks estavam muito abertos, em pânico, quando agarrei no saco que Kisten me entregava. Abanando para abrir, expirei para o seu interior.

— Toma — disse eu. — Respira para dentro disto.

— Rachel? — arquejou ele, o rosto pálido e o ombro frio quando lhe toquei. Ele se encolheu, depois permitiu que lhe encostasse o saco ao rosto.

— O meu coração — disse ele, as palavras abafadas pelo saco. — Há algo de errado! Rachel me transforma outra vez! Estou morrendo!

Sorrindo, segurei o saco, enquanto ele se deixava ficar sentado no balcão, completamente nu e a hiperventilar.

— Ele bate lentamente — disse eu. — E tente não respirar tão depressa. Calma — disse, tentando acalmá-lo. — Fecha os olhos. Inspira. Conta até três. Deixa sair o ar. Conta até quatro.

— O inferno — disse ele, dobrando-se sobre si mesmo e começando a tremer. — Da última vez que me disse para fechar os olhos e contar a partir de dez, olha o que me aconteceu!

Ivy regressou, pousando a primeira toalha no colo dele e cobrindo-lhe os ombros com a segunda. Ele estava se acalmando, os olhos percorrendo a cozinha, saltando do teto para a abertura que dava acesso ao corredor. Ficou sem fôlego ao ver o jardim através da janela.

— Ai, caramba — sussurrou e eu afastei o saco. Podia não se parecer com Jenks, mas soava como ele.

— Melhor? — perguntei, recuando um passo.

Ele acenou e, enquanto ele ficava sentado no balcão e se concentrava na respiração, nós ficamos de boca aberta, fitando o pixy de um metro e noventa e três. Numa palavra, ele era... caramba!

Jenks disse que tinha dezoito anos e era esse o seu aspecto. Uns dezoito anos muito atléticos, de olhos grandes e inocentes, rosto jovem e suave e um tufo de cabelo louro e

encaracolado, completamente desgrenhado e precisava de um corte. As asas tinham desaparecido, deixando apenas os ombros largos e os músculos bem definidos que as tinham suportado. A sua cintura era estreita e os pés que se agitavam perto do chão eram compridos e estreitos. A sua forma era perfeita e eu ergui as sobrancelhas; já lhe vira os pés antes e um deles estava terrivelmente deformado.

Analisei em silêncio o resto do seu corpo, compreendendo que todas as cicatrizes tinham desaparecido mesmo a que resultou do aço de uma fada. Os seus abdominais incrivelmente definidos eram suaves e perfeitos, tornando absolutamente magro, com a suavidade do final da adolescência. Todo o seu corpo era esguio e forte. Não tinha pitada de pelo em parte alguma do corpo, para lá das sobrancelhas e em cima da cabeça. Eu sabia. Tinha olhado.

Os seus olhos cruzaram-se com os meus, me fitando por baixo da franja desalinhada e eu pestanejei, chocada. Ceri tinha olhos verdes, mas os olhos de Jenks eram de um verde chocante, como o das folhas jovens. Estavam apertados pela ansiedade, mas mesmo o medo que se desvanecia não podia esconder a sua juventude. Claro que tinha esposa e cinquenta e quatro filhos, mas parecia um calouro da faculdade. Um delicioso calouro da faculdade tirando uma licenciatura em “Oh meu Deus, tenho de provar isto.”

Jenks esfregou a cabeça no local onde tinha batido na armação por cima do balcão central.

— Matalina? — ele disse, a cadência na sua voz familiar, mas o som estranho. — Oh, Matalina — murmurou, quando ela desceu para pousar na sua mão trémula, — é linda...

— Jenks — disse ela, por entre soluços. — Estou tão orgulhosa de você. Eu...

— Chiu — disse ele, o rosto se contorcendo de dor quando se descobriu incapaz de lhe tocar. — Por favor, não chore, Mattie. Vai correr tudo bem. Prometo.

Os meus olhos ficaram quentes com as lágrimas por derramar, enquanto ela brincava com as pregas do vestido.

— Desculpa. Prometi a eu mesma que não ia chorar. Não quero que me veja chorando!



Matalina ergueu-se no ar, saindo para o corredor. Jenks tentou segui-la, provavelmente se esquecendo que já não tinha asas. Inclinou-se para frente e caiu de cara no chão.

— Jenks! — gritei quando ele caiu sobre o chão em um baque surdo e começou a amaldiçoar.

— Larga! Me larga! — exclamou ele, me batendo, enquanto puxava as pernas para debaixo do corpo, voltando a cair. A toalha caiu e ele lutava por mantê-la no lugar e por se colocar de pé, tudo ao mesmo tempo. — Para o inferno com isto tudo! Porque é que não consigo me equilibrar como deve ser? — O seu rosto empalideceu e ele parou de lutar. — Bolas, tenho de fazer xixi outra vez.

Olhei, suplicante, para Kisten. O vampiro vivo deslocou-se de imediato, evitando facilmente os braços agitados de Jenks e erguendo ele do chão pelos ombros. Jenks era mais alto que Kisten, mas ele já trabalhou como segurança.

— Vamos, Jenks — disse ele, levando ele para o corredor. — Tenho ali algumas roupas para vestir. Cair é muito mais confortável quando se tem algo entre o traseiro e o tapete.

— Matalina? — chamou Jenks, em pânico, a partir do corredor, protestando enquanto Kisten o obrigava a entrar no meu banheiro. — Hei, eu consigo andar. Só me esqueci que não tinha asas. Me larga. Consigo fazer isto.

Saltei diante do som de Kisten fechando a porta do banheiro.

— Belo traseiro, Jenks — disse Ivy no novo silêncio. Abanando a cabeça, pegou na segunda toalha, que Jenks deixou para trás, dobrando como se precisasse de arranjar alguma coisa para fazer.

Respirei, exalando longamente.

— Aquele — disse a Ceri — só pode ser o feitiço mais fantástico que alguma vez vi. Ceri sorriu e compreendi que ela estive preocupada, esperando a minha aprovação.

— Maldição — disse ela, os olhos fixos na caneca de chá, corando.

— Obrigada — acrescentou, modestamente. — Escrevi tudo na parte de trás, bem como as maldições suplementares envolvidas para o caso de o querer usar outra vez. A

contramaldição também está incluída, como é suposto. Tudo o que tem que fazer é tocar na linha e dizer as palavras.

Contramaldição, pensei silenciosamente, me perguntando se isso significaria acrescentar mais uma mancha na minha alma ou se já tinha sido toda tomada.

— Hum, obrigada, Ceri. É incrível. Jamais serei capaz de realizar um encantamento assim tão complexo. Obrigada.

Ela erguia-se em frente da janela e bebia o seu chá, parecendo satisfeita.

— Você devolveu a minha alma, Rachel Mariana Morgan. Tornar a sua vida mais fácil é coisa de pequeno custo.

Ivy emitiu um som rude e largou sobre a mesa a toalha dobrada. Não parecia saber o que fazer a seguir. A minha alma. A minha pobre alma, maculada e negra.

Fiquei com a boca seca, diante da enormidade do que tinha feito. Merda. Estava brincando com as artes negras. Não, não com as artes negras — pelas qual se podia ir para a cadeia, —mas com as artes demoníacas. Nem sequer havia leis que aplicassem as essas pessoas que praticassem artes demoníacas. Me senti gelada, depois quente. Não só tinha colocado uma mancha enorme na minha alma, como o tinha considerado uma coisa boa, em vez de má.

Oh, Deus, ia me sentir mal.

— Rachel?

Deixei-me cair na cadeira, me sentindo trémula. Ceri tinha a mão no meu ombro, mas eu quase não a sentia. Ivy estava a gritar qualquer coisa e Ceri lhe dizia que se sentasse e ficasse quieta, que era apenas o choque retardado do equilíbrio da realidade e que eu ia ficar bem.

Bem? Pensei, colocando a cabeça na mesa, antes de cair para o lado. *Talvez.*

— *Rhombus* — murmurei, sentindo a veloz ligação com a linha e o erguer do círculo protetor à minha volta.

Ceri saltou para frente, se juntando a mim, antes que este acabasse de se fechar. Tinha praticado aquele feitiço das linhas Ley durante três meses e era magia branca, inferno, não negra.

— Rachel! — gritou Ivy, quando um lençol tremeluzente de eternidade se ergueu entre nós.

Ergui a cabeça, decidida a não vomitar. Queria ver o que tinha feito à minha alma e, embora não conseguisse ver a minha aura, conseguia ver um reflexo dos danos no tremeluzente lençol da eternidade.

— Deus me proteja — sussurrei, sentindo o meu rosto gelar.

— Rachel, está tudo bem — Ceri estava agachada à minha frente, as mãos segurando as minhas, tentando me obrigar a olhar para ela. — Está vendo uma sombra artificialmente aumentada. Ainda não teve tempo de se fundir. Não é assim tão mau.

— Fundir? — perguntei, a voz falhando. — Não quero que se funda! — A minha aura tinha tornado negro o normalmente vermelho brilho da eternidade. Escondido nele estava um cintilar dourado da minha aura, com o aspecto de uma patina¹⁸ envelhecida. Engoli em seco. Não ia vomitar. Não ia vomitar.

— Vai melhorar. Prometo.

Cruzei o meu olhar com o dela, deixando que o pânico diminuísse. Ia ficar melhor. Era Ceri quem dizia; tinha que acreditar nela.

— Rachel! — gritou Ivy, erguendo-se impotente do outro lado do círculo. — Baixa isto!

Doía a minha cabeça e não conseguia respirar ar suficiente.

— Desculpa — murmurei, quebrando a ligação com a linha. O lençol de eternidade tremeluziu e desapareceu e eu senti uma onda me varrer quando o meu chi se esvaziou. Naquele momento, não queria ter mais nada dentro de mim. Estava cheia de escuridão.

Parecendo envergonhada, Ivy forçou a tensão a abandonar os seus ombros. Pestanejou várias vezes, tentando recuperar a sua postura normalmente tranquila, embora soubesse que o que ela queria era me dar um tapa e me dizer que eu estava sendo estúpida ou me dar um abraço e me dizer que ia ficar tudo bem. Mas não conseguia fazer nenhum dos dois, pelo que se deixou ficar ali, parecendo infelicíssima.

¹⁸ Patina: Carbonato de cobre que se forma nas estátuas e medalhas ou moedas de cobre antigas, constituindo uma camada geralmente verde ou esverdeada.

— Tenho de ir — disse abruptamente, me levantando.

Ceri se ergueu, graciosamente, e saiu do meu caminho, mas Ivy tentou me agarrar.

— Rachel, espera — protestou e eu hesitei, sentindo a visão a oscilar quando ela me agarrou no cotovelo.

Não podia ficar ali. Sentia-me como uma leprosa em uma casa de inocentes, uma pária entre nobres. Estava coberta de escuridão e desta vez era toda minha.

— Jenks! — gritei, me libertando das mãos de Ivy e me dirigindo para o meu quarto.

— Vamos embora!

— Rachel, o que é que está fazendo?

Fui para o meu quarto, calcei os sapatos, agarrei a mala e passei por ela, me dirigindo para o corredor.

— Precisamente o que tinha planejado — disse, ignorando os seus passos muito próximos atrás de mim.

— Não comeu nada — disse ela. — Ainda está atordoada por ter invocado aquele... feitiço. Sentar e beber uma caneca de café não te vai matar.

Ouvii-se um estrondo vindo do meu banheiro, seguido por uma exclamação abafada de Kisten. A porta se abriu de repente e eu parei. Kisten estava encostado na máquina de lavar, o rosto contorcido pela dor enquanto tentava recuperar o fôlego. Jenks se apoiava à moldura da porta, parecendo calmo no moletom cinzento e preto de Kisten, mas os olhos verdes revelavam o nervosismo.

— Desculpa — disse, parecendo sincero. — Eu, hum, escorreguei — percorreu com os olhos o meu aspecto desalinhado. — Pronta para ir?

Podia sentir Ivy atrás de mim.

— Toma — disse eu, lhe entregando a minha mala de viagem. — Se torne útil e leva isto para o furgão.

Ele pestanejou, depois sorriu, revelando os dentes alinhados e muito brancos.

— Sim. Posso fazer isso.

Entreguei e Jenks cambaleou diante do peso. A cabeça bateu na parede do corredor estreito.

— Caramba! — exclamou ele, chocando contra a parede oposta quando compensou muito o desequilíbrio. — Eu estou bem! — disse rapidamente, recusando qualquer ajuda. — Estou bem. Santa mãe da Sininho, as malditas paredes estão tão próximas! É como andar em uma porcaria de um formigueiro.

Observei ele, para ter a certeza de que ia ficar bem, estendendo um braço quando ele começou a cambalear, uma vez perdido o apoio das paredes, quando se viu no espaço aberto do santuário. Os filhos estavam com ele, aumentando o ruído, enquanto gritavam palavras de encorajamento e conselho. Esperando que ele se desse ao trabalho de descer os degraus em vez de tentar saltar por cima deles, me dirigi para a cozinha. Ivy me seguia de perto, Kisten longo atrás, silencioso e pensativo.

— Rachel? — disse Ivy e eu parei na cozinha, fitando Ceri, enquanto tentava me lembrar porque é que tinha ido para ali. — Vou com você.

— Não, não vai — oh, sim. As minhas coisas. Agarrei na minha bolsa de ombro, com os seus usuais amuletos, depois abri a dispensa em busca de um daqueles sacos de lona que Ivy usava quando ia às compras. — Se partir, o Piscary vai se enfiar na sua cabeça.

— Então, o Kisten — disse ela, o desespero lhe marcando a voz de seda cinzenta. — Não pode ir sozinha.

— Não vou sozinha. O Jenks vai comigo.

Enfiei na mala os três livros demoníacos, depois me baixei para tirar a arma de bolas explosivas da prateleira onde a guardava, à altura dos joelhos. Não sabia o que ia precisar, mas se ia usar magia demoníaca, ia usar magia demoníaca. Senti o peito apertado e reprimi a respiração para impedir que as lágrimas corressem. O que raio havia de errado comigo?

— O Jenks quase não se aguenta em pé! — disse Ivy, enquanto eu passava a mão pelo armário dos amuletos e deitava tudo para dentro da mala.

Amuletos contra as dores, feitiços de disfarce genéricos... Sim, esses podiam fazer jeito. Parei, o coração batendo veloz, quando a vi tão nervosa.

— Você não está sentindo bem — disse Ivy. — Não vou deixar que saia daqui sozinha.

— Estou ótima! — disse, tremendo. — Não vou sozinha. O Jenks vai comigo! — ergui a voz e Kisten ficou de olhos esbugalhados. — O Jenks é todo o apoio de que preciso. É todo o apoio de que alguma vez precisei. As únicas vezes em que faço asneira é quando ele não está comigo. E não tem o direito de questionar a sua competência!

Ivy fechou a boca de repente.

— Não era isso que eu queria dizer — acrescentou e a afastei do caminho, saindo para o corredor. Quase deitei Jenks ao chão e compreendi que ele tinha ouvido tudo.

— Posso levar isso — disse ele, baixinho, e eu entreguei o saco com os textos demoníacos. O seu equilíbrio vacilou, mas ele não bateu com a cabeça na parede, como da última vez, e seguiu pelo corredor mancando.

Com a respiração veloz, entrei no quarto de Ivy, ajoelhando-me no chão junto à cama dela e retirando a espada do local onde a vira escondê-la, certa vez.

— Rachel — protestou ela do corredor, enquanto eu me endireitava, agarrando a terrivelmente afiada catana que se encontrava na segurança da sua bainha.

— Posso levar isso? — perguntei secamente e ela acenou. — Obrigada.

Jenks ia precisar de uma espada. Não conseguia andar sem chocar contra as coisas, e depois? Ia ficar melhor e, nessa altura, precisaria de uma espada.

Kisten e Ivy me seguiam enquanto eu atirava a espada por cima do ombro, onde ficou pendurada, juntamente com a minha bolsa e avancei em passos largos pelo corredor. Tinha que estar zangada. Se não estivesse zangada, cairia para o lado. A minha alma estava negra. Eu estava usando magia demoníaca. Estava me transformando em tudo aquilo que temia e odiava e estava fazendo para proteger alguém que tinha mentido e me deixado, para além de ter transformado o filho do meu parceiro de negócios em um ladrão.

Inclinando-me para o banheiro, ao passar, fechei o nécessaire. Jenks ia precisar de uma escova de dentes. Maldição, ia precisar de um guarda-roupa, mas tinha de sair dali, se não continuasse a me mexer ia perceber quão profundamente tinha me afundado na merda.

— Rachel, espera — disse Ivy, depois de eu ter chegado ao foyer, arrancado o meu casaco de couro do gancho e aberto a porta. — Rachel, para!

Parei no primeiro degrau, a brisa da primavera agitando o meus cabelos e os pássaros cantando, a minha mala e a espada de Ivy me pendiam no ombro, uma das mãos segurava o necessaire e o casaco estava dobrado sobre o braço. No passeio, Jenks mexia na porta deslizante do furgão, abrindo e fechando como se fosse um brinquedo novo. O seu cabelo brilhava ao sol e os filhos voavam ao redor da sua cabeça. Com o coração batendo veloz, me virei.

Enquadrada pela porta, Ivy parecia assombrada; o seu rosto, normalmente pacífico, assumia uma expressão séria e o pânico dilatava os olhos.

— Comprei um notebook para você— disse ela, baixando os olhos quando me deu.

Oh, Deus, ela estava me dando um pouco da sua segurança.

— Obrigada — sussurrei, incapaz de respirar quando o aceitei. Estava envolto em uma pasta de couro e, provavelmente, pesava um quilo e meio.

— Está registado em seu nome — disse ela, me fitando enquanto pendurava a alça no ombro livre. — E já te adicionei ao meu sistema, por isso basta ligá-lo e clicar. Apontei uma série de números locais, das cidades por onde você vai passar, que pode usar para ligar.

— Obrigada — sussurrei. *Ela me deu um pouco daquilo que tornava a sua vida sã.* — Ivy, vou voltar.

Fora o que Nick me disse. Mas eu ia voltar. No meu caso não era uma mentira.

Num impulso, coloquei a necessaire no degrau e me inclinei para frente, para lhe dar um abraço. Ivy ficou imóvel e rígida, depois respondeu ao meu abraço. O seu cheiro sombrio encheu os meus sentidos e eu me afastei.

Kisten esperava silenciosamente atrás dela. Só agora, vendo Ivy à minha frente, um braço pendurado e o outro ao redor da cintura, compreendi o que ele tentou me dizer. Ela não tinha medo por mim, tinha medo por si mesma, temia a possibilidade de cair nas velhas rotinas se eu não estivesse ali para lhe recordar o que ela desejava ser. *Quão mal tinha sido?*

A raiva cintilou através de mim. Maldição, isto não é justo. Sim, eu era amiga dela, mas ela podia tomar conta de si mesma!

— Ivy — disse eu —, não quero ir, mas tenho de ir.

— Então vai! — explodiu, o rosto perfeito enrugando-se de raiva e os olhos brilhando negros. — Nunca pedi que ficasse!

Com movimentos rígidos, girou sobre si mesma com a velocidade de um vampiro e abriu a porta da igreja. Esta se fechou atrás dela com um estrondo, me deixando a pestanejar. Fitei a porta, pensando que aquilo não era bom sinal. Não, ela não tinha me pedido, mas Kisten tinha.

Kisten pegou a minha necessaire e, juntos, descemos as escadas, os meus cadarço. Quando nos aproximamos do furgão, mergulhei a mão v na mala trazia no ombro, em busca das chaves, depois hesitei, já ao lado da porta do condutor, me lembrando que Kisten ainda não tinha me entregado. As chaves tilintaram quando ele me estendeu. Do interior do furgão, erguiam-se os gritos excitados dos pixies.

— Mantenha os olhos nela? — perguntei.

— Pela honra de um escoteiro — os seus olhos azuis estavam semicerrados devido a algo mais do que o sol. — Vou tirar algum tempo de folga.

Jenks contornou o furgão pela frente, agarrando silenciosamente no meu casaco, na necessaire e na espada, essa última fazendo nascer nele um rosnado de excitação. Esperei até ouvir o deslizar da porta, depois relaxei ao ouvir o som da porta do lado do passageiro fechar.

— Kisten — disse, sentindo uma pontada de culpa. — Ela é uma mulher crescida. Porque é que está a tratando como se fosse uma inválida?

Kisten estendeu os braços e segurou meus ombros.

— Porque é. Porque o Piscary pode entrar na sua mente e obrigá-la a fazer quase qualquer coisa; e algo nela morre cada vez que ele faz isso. Porque ele a encheu com a sua própria sede de sangue, levando ela a fazer coisas que ela não quer fazer. Porque ela está tentando gerir os negócios ilegais dele devido a um sentido de dever e a manter a sua parte da nossa agência devido a um sentido de amor.

— Sim. Foi isso que eu pensei — apertei os lábios e me endireitei. — Nunca disse que ia ficar nesta igreja, muito menos em Cincinnati. Mantê-la inteira não faz parte do meu trabalho!

— Tem razão — disse ele, calmamente, — mas aconteceu.

— Só que não devia ter acontecido. Maldição, Kisten, tudo o que queria fazer era ajudá-la!

— E ajudou — disse ele, me beijando na testa. — Ela vai ficar bem. Mas a Ivy não teria feito de você seu íman se não tivesse deixado e você sabe.

Os meus ombros se encurvaram. Maravilha, era mesmo daquilo que eu estava precisando: um sentimento de culpa. A brisa agitou a franja dele e eu hesitei, fitando a porta de carvalho entre eu e a Ivy.

— Quão mal foi? — sussurrei.

O rosto de Kisten perdeu toda a emoção.

— O Piscary... — ele exalou. — O Piscary manipulou ela de tal forma nos primeiros anos que os pais a mandaram para longe, para terminar os últimos dois anos do liceu, na esperança de que ele perdesse o interesse. Mas ela regressou ainda mais confusa, graças à Skimmer — os seus olhos semicerraram-se em uma raiva antiga, ainda forte. — Aquela mulher podia ter salvado Ivy com o seu amor, mas era de tal forma impelida pelo desejo de sangue melhor, sexo mais escaldante, que afundou ainda mais a Ivy.

Me senti gelada, a brisa agitava os meus caracóis. Já sabia daquilo, mas era óbvio que havia mais.

Vendo a minha inquietude, Kisten franziu a sobrancelha.

— Quando ela regressou, o Piscary se aproveitou das suas novas vulnerabilidades, aumentando a sua infelicidade ao recompensá-la por comportamentos contrários àquilo em que ela queria acreditar. A Ivy acabou abandonando tudo para não enlouquecer, se desligando e permitindo a Piscary fazer dela o que desejasse. Começou a magoar as pessoas que amava quando elas se encontravam mais vulneráveis e, quando elas a abandonaram, começou a aliciar inocentes.

Baixando os olhos, Kisten fitou os pés descalços. Eu sabia que ele era uma das pessoas que ela tinha magoado e podia ver que ele se sentia culpado por ter abandonado ela.

— Não podia fazer nada — eu disse e ele ergueu a cabeça, os olhos repletos de raiva.

— Foi mau, Rachel — disse ele. — Eu devia ter feito qualquer coisa. Em vez disso, virei as costas e parti. Ela não me diz, mas acho que matou pessoas para satisfazer a sua sede de sangue. Deus, espero que tenha sido por acidente.

Engoli em seco, mas ele ainda não tinha acabado.

— Durante anos, ela correu desenfreada — continuou, fitando o furgão, mas com olhos desfocados, como se espreitasse para o passado. — Ela era uma vampira viva que funcionava como um morto-vivo, andando sob o sol, tão bela e sedutora como a morte. Foi Piscary que a fez assim e os seus crimes foram perdoados. Era a filha preferida.

As últimas palavras foram pronunciadas com amargura e o olhar dele desceu sobre mim.

— Não sei o que aconteceu, mas, um dia, descobri ela no chão da minha cozinha, coberta de sangue e chorando. Há anos que não a via, mas a acolhi. O Piscary deu-lhe alguma paz e, passado algum tempo, ela ficou melhor. Acho que o fez para que ela não se matasse muito cedo para o seu gosto. Tudo o que sei é que ela encontrou uma forma de lidar com a sede de sangue, canalizando-a de forma que misturasse com amor. E, depois, conheceu você e encontrou a força para dizer não a tudo.

Kisten olhou para mim, me tocando com a mão no cabelo.

— Ela gosta de si mesma, agora. Tem razão ao pensar que ela não vai jogar tudo fora só porque você não está aqui. Só que... — ele semicerrou os olhos e o seu olhar se tornou, uma vez mais, distante. — Foi mau, Rachel. Ficou melhor. E depois ela conheceu você, descobriu um centro de força que Piscary não tinha sido capaz de corrompê-la. Só não quero vê-la se partir.

Eu estava a tremer por dentro e, de alguma forma, as minhas mãos descobriram as dele.

— Vou voltar.



Ele acenou, fitando os nossos dedos entrelaçados.

— Eu sei.

Senti a necessidade de me mover. Não queria saber se agora tinha origem naquilo que tinha ouvido. Baixei os olhos para as chaves.

— Obrigada por me deixar usar o furgão.

— Não é nada de especial — disse ele, forçando um sorriso, mas os seus olhos estavam preocupados, terrivelmente preocupados. — Basta que o devolva com o tanque cheio.

Kisten se aproximou de mim e eu me encostei nele, inalando o seu cheiro uma última vez. Inclinei a cabeça e os nossos lábios se tocaram, mas foi um beijo vazio: a minha preocupação tinha afastado qualquer paixão. *Estou fazendo isto pelo Jenks, não pelo Nick. Não devo nada ao Nick.*

— Coloquei algo na mala, para você — disse Kisten e eu me afastei.

— O que é? — perguntei, mas ele não me respondeu, me dirigindo um sorriso antes de recuar, relutantemente. A mão dele deslizou pelo meu braço e caiu.

— Adeus, Kist — sussurrei. — É só por uns dias.

Ele acenou.

— Adeus, querida. Tenha cuidado com você.

— Com você também.

Com os pés descalços silenciosos, Kisten se virou e regressou à igreja. A porta se fechou com um gemido e ele desapareceu.

Me sentindo atordoada, voltei e abri a porta do meu lado. Os filhos de Jenks voaram pela janela aberta e eu entrei, batendo a porta. Enfieei o notebook debaixo do banco, junto com a minha mala, e coloquei a chave na ignição. O grande motor arrancou e se instalou num ronco lento e regular. Só então olhei para Jenks, surpreendida, uma vez mais, por o ver ali, sentado ao meu lado, envergando com o moletom de Kisten, com o seu cabelo espantosamente louro. Isto era mesmo estranho.

Tinha colocado o cinto e baixou as mãos do espelho em que tinha estado mexendo.

— Parece pequena — acabou dizendo, parecendo simultaneamente inocente e sábio.



Um sorriso repuxou os cantos dos meus lábios. Metendo a primeira, acelerei rua abaixo.



CAPÍTULO 8

— Pelo amor da Sininho — murmurou Jenks, colocando na boca mais um cheetos. Mastigou meticulosamente e engoliu, acrescentando — O cabelo dela parece um dente-de-leão. Seria de se esperar que alguém tivesse lhe dito qualquer coisa. Tem o suficiente para fazer uma colcha.

O meu olhar estava fixo no carro à nossa frente, que seguia a uns irritantes noventa quilômetros por hora, na estrada com dois sentidos onde não era permitido fazer ultrapassagens. A mulher em questão tinha cabelo branco, ainda mais frisado do que o meu. Ele tinha razão.

— Jenks — eu disse — está enchendo de migalhas o furgão do Kisten. O som do celofane era fraco sobre a música: uma música bem alegre que não combinava com todo o meu estado de espírito.

— Desculpa — ele disse, enrolando a embalagem e atirando para a parte de trás.

Lambendo o laranja dos dedos, começou a percorrer os CD de Kisten. Outra vez. Depois se entreteria com o porta-luvas; passaria cinco minutos e colocaria a janela exatamente na altura certa; lutaria com o cinto de segurança ou faria qualquer uma das meia dúzia de coisas que não parava de fazer desde que entrou no furgão, fazendo

incessantes comentários que acredito que não sabia que eu era capaz de ouvir. Tinha sido um longo dia.

Suspirei, agarrando o volante com mais força. Tínhamos deixado a interestadual há uns duzentos e cinquenta quilômetros, optando por uma estrada com uma faixa para cada sentido em vez da interestadual até Mackinaw. A floresta de pinheiros fazia pressão de ambos os lados, transformando a luz do Sol em um relampejo ocasional. Começava a aproximar-se do horizonte e o vento que entrava pela minha janela era gelado, transportando consigo o cheiro da terra e das coisas crescendo. Me acalmava de uma forma que a música não conseguia.

Vi o sinal da Floresta Nacional e parei suavemente. Tinha que sair de trás daquela mulher. E, se voltasse a ouvir aquela música mais uma vez, ia enfiar o *T-bird* do papá pela goela abaixo do Jenks. Já para não falar no fato do “cavalheiro com a bexiga do tamanho de uma noz” precisar, muito provavelmente, ir outra vez ao banheiro, a razão pela qual estávamos utilizando as estradas nacionais em vez das vias rápidas. Jenks ficava histérico quando não podia fazer xixi assim que sentia vontade.

O pixy ergueu os olhos do porta-luvas, enquanto eu diminuiu a velocidade, para atravessar a ponte de madeira sobre a valeta de escoamento. Já o tinha revirado três vezes, mas quem sabe? Talvez alguma coisa tivesse mudado desde a última vez que tinha arrumado os guardanapos velhos, o registo, o seguro e o lápis partido. Tive que me recordar que Jenks era um pixy, não um ser humano, apesar da sua aparência e que, como tal, tinha a curiosidade de um pixy.

— Uma parada? — perguntou ele, os olhos verdes muito abertos, em uma expressão inocente. — Para que?

Não olhei para ele, estacionando o carro entre duas linhas brancas ressaltadas e puxando o freio de mão. À nossa frente, se estendia o lago Huron, mas estava muito cansada para apreciar a vista.

— Para descansar.

A música parou, junto com o ruído do motor. Levando a mão debaixo do banco, senti os nós dos dedos tocando no meu notebook novo, enquanto chegava o banco para trás.

Fechando os olhos, inspirei fundo e me encostei, as mãos ainda pousadas no volante. *Por favor, sai e vai dar uma volta, Jenks.*

Jenks estava em silêncio. Ouvi o barulho do celofane, enquanto ele recolhia o lixo. Aquele homem não parava de comer. Estava decidida a apresentá-lo ao grande hamburger naquela noite. Talvez 350 gramas de carne o acalmassem.

— Quer que eu conduza? — perguntou, e eu abri uma pálpebra, fitando ele pelo canto do olho.

Oh, aí estava uma boa ideia. Se estivéssemos parados! Seria eu que iria receber as multas, não ele.

— Não — disse, deixando cair as mãos do volante e colocando no colo. — Estamos quase lá, só preciso de me mexer um pouco.

Com uma sabedoria muito maior do que a sua idade aparente, Jenks me percorreu com o olhar. Os seus ombros se evencurvaram e eu me perguntei se ele teria percebido que estava me irritando. Talvez houvesse um motivo para os pixies terem apenas dez centímetros.

— Eu também — disse, docemente, ao mesmo tempo que abria a porta, deixando entrar uma rajada de vento aquecida pelo pôr-do-sol, cheirando a pinheiro e água. — Tem trocos para a máquina?

Aliviada, puxei a bolsa para o colo e entreguei uma nota de cinco dólares. Teria lhe dado mais, mas ele não tinha onde guardar. Precisava de uma carteira. E de um par de calças onde a guardar. Tinha corrido com ele da igreja com tanta pressa que tudo o que tinha consigo era o celular, orgulhosamente preso a um porta celular elástico, que se manteve depressivamente silencioso desde a nossa partida. Tinha a esperança de que Jax voltasse a ligar, mas até ali não tínhamos tido tal sorte.

— Obrigado — disse ele, saindo do carro e tropeçando nos chinelos de dedo que lhe comprei no primeiro posto de gasolina onde tínhamos parado.

O furgão balançou com a porta se fechando e ele se dirigiu para um caixote do lixo enferrujado, que estava preso a uma árvore por uma corrente a cerca de quinze metros do estacionamento do parque. O seu equilíbrio melhorou consideravelmente, não mostrando

uma atrapalhação maior do que a da maior parte das pessoas quando andam com pedaços de plástico laranja presos aos pés.

O pixy jogou fora o lixo e avançou para uma árvore, uma determinação alarmante nos seus passos. Inspirei fundo para chamar por ele, mas ele parou. Desamoronando sobre si mesmo, percorreu o parque com o olhar, optando por ir para um banheiro de contraplacado. Essas eram as dificuldades com que se deparava um pixy com um metro e noventa e três no seu dia-a-dia.

Suspirei, vendo ele se acalmar junto a um canteiro de lírios desgrenhados para conversar com os pixies. Eles zumbiam à sua volta em um remoinho de centelhas douradas e prateadas, vindos de todo do parque como pirilampos determinados. Passados alguns instantes, uma nuvem de pó cintilante pairava à sua volta no ar que escurecia.

Virei o rosto, diante do som de um carro que estacionava, alguns lugares mais à frente. Do seu interior, saíram três garotos, eram encadinha, discutindo quem tinha trocado as baterias de quem nos jogos que seguravam nas mãos. A mãe não dizia nada, abrindo o porta-malas com um ar cansado e resolvendo os problemas com um pacote de doze pilhas AA. O pai ofereceu dinheiro e os três correram para as máquinas de venda automática aninhadas sob um abrigo rústico, empurrando uns aos outros para ver quem chegava primeiro. Jenks agarrou o mais pequeno, antes que ele caísse sobre as flores. Tinha a sensação de que Jenks estava mais preocupado com as plantas do que com o rapaz. Sorri quando o casal se encostou no carro, observando-os, e exalou sonoramente. Conhecia bem a sensação.

O meu sorriso se dissipou lentamente, engolido pela melancolia. Sempre pensei em ter filhos, mas, com cem anos de fertilidade pela frente, não tinha pressa. Os meus pensamentos deslizaram para Kisten e afastei os olhos das máquinas de venda automática.

As bruxas casavam muitas vezes com homens de outras espécies, em especial antes da Viragem. Havia opções perfeitamente aceitáveis: adoção, inseminação artificial, pedir emprestado o namorado da melhor amiga por uma noite. Questões de moralidade, sobre o que era certo ou errado, tendiam a não interessar quando uma pessoa se descobria apaixonada por alguém, a quem não se podia dizer que não era humano. Tinha a ver com



o fato de nos escondermos entre os humanos durante os últimos cinco mil anos. Agora não estávamos nos escondendo, mas porque é que haveríamos de nos limitar só por questão de segurança, já não se incluía? Era muito cedo para pensar em filhos, mas com Kisten qualquer criança teria de ser gerada com ajuda de outra pessoa.

Frustrada, saí do furgão, o corpo dolorido devido ao primeiro dia sem amuleto contra a dor, desde que fui atacada. O casal se afastou, conversando entre si. Com Nick também não podia ter filhos, me recordei, portanto não é nada de novo.

Esticando-me para tocar nos dedos dos pés, apesar das dores, parei ao compreender que coloquei a questão no presente. Maldição. Não se tratava de uma escolha entre os dois. *Oh, Deus*, pensei. Me diz que só estava fazendo isso para ajudar o Jenks. Que não restava nada que pudesse ser reacendido. Mas a dúvida se esgueirou para o espaço que, me separava do meu raciocínio lógico, onde se instalou, deixando me sentir como uma idiota.

Furiosa comigo mesma, fiz mais alguns alongamentos e, depois, me perguntando se a minha aura já teria absorvido a escuridão, toquei em uma linha e ergui um círculo. Os meus lábios se curvaram em uma expressão de repulsa. O tremeluzente lençol de eternidade se ergueu negro e feio, a luz avermelhada do pôr-do-sol que chegava até mim por entre as árvores acrescentando uma sombra tenebrosa ao brilho negro. A tonalidade dourada da minha aura estava completamente perdida. Enjoada, soltei a linha e o círculo desapareceu, me deixando deprimida. Pior ainda, o casal perfeito chamou os filhos e, com uma inusitada pressa nas suas palavras sonoras, enfiaram toda a gente no carro e partiram com os pneus guinchando no asfalto.

— Sim — murmurei, enquanto fitava as lanternas traseiras, que se iluminaram, vermelhas, quando se juntaram ao trânsito. — Fugam da bruxa negra.

Me sentindo como uma leprosa, encostei no furgão quente e cruzei os braços sobre o peito, recordando porque é que os meus pais me levavam sempre para cidades grandes ou locais como a Disney World quando íamos de férias. As cidades pequenas não tinham uma população Inderlander de grande dimensão e os poucos que aí residiam tendiam a esconder as diferenças. A esconder muito as diferenças.



O *chlap-chlap* dos chinelos de Jenks foi se tornando mais sonoro, à medida que ele ia se aproximando, ao longo da calçada rachada, os pixies que rodopiavam à sua volta se deixando ficar para trás, um a um, até ele ter ficado sozinho. Atrás dele, se erguiam os contornos de duas ilhas, ambas tão grandes que pareciam à margem oposta. Bem para a esquerda, se erguia a ponte que tinha dado a entender que seria ali que Jax se encontrava. A ponte começava a brilhar na luz ténue do cair da noite. Era enorme, mesmo aquela distância.

— Eles não viram o Jax — disse Jenks, me entregando um chocolate. — Mas prometeram acolhê-lo se virem ele.

Fiquei de olhos arregalados.

— É sério?

Os pixies eram muito territoriais, mesmo entre eles, por isso a oferta era algo surpreendente.

Jenks acenou, o meio sorriso que brilhava sob os cabelos desgrehados roubando qualquer maldade.

— Acho que os impressionei.

— Jenks, o rei dos pixies — eu disse e ele riu. O som maravilhoso ressoou através de mim, tornando meu humor mais leve. Lentamente, o som se desvaneceu, deixando para trás um silêncio infeliz. — Vamos encontrá-lo, Jenks — disse eu, tocando no ombro dele. Ele saltou, depois me dirigiu um sorriso nervoso. Deixei cair à mão e me lembrei da raiva que ele sentia por eu ter mentido. Não era de admirar que não quisesse que eu lhe tocasse.

— Tenho a certeza de que estão em Mackinaw — acrescentei, me sentindo infeliz.

De costas viradas para a água e rosto vazio de emoção, Jenks fitava o tráfego.

— Onde mais poderiam estar? — abri o invólucro e dei uma mordida no chocolate com caramelo, mais para ter algo pra fazer do que por fome. O furgão estava irradiando calor e eu sabia bem me inclinando contra o lado do motor. — O Jax disse a Matalina que estavam no Michigan — eu disse, enquanto mastigava. — Uma grande ponte verde segurada por cabos. Muita água fresca. *Fudge*. Minigolfe. Vamos encontrá-lo.

Uma dor, forte e profunda, atravessou o rosto de Jenks.

— O Jax foi o primeiro filho que eu e Matalina conseguimos manter vivo durante o inverno — sussurrou, e o açúcar e as nozes que ainda tinha na boca perderam toda a doçura. — Ele era tão pequeno! Segurei ele nas minhas mãos para mantê-lo quente, durante quatro meses, enquanto dormia. Tenho que encontra-lo, Rachel.

Oh, Deus, pensei, enquanto engolia, me perguntando se alguma vez seria capaz de amar alguém assim tão profundamente.

— Vamos encontrá-lo — disse. Sentindo-me absolutamente incapaz, estendi um braço para lhe tocar, recuando no último momento. Ele percebeu e o silêncio se tornou desconfortável.

— Está pronto para ir? — perguntei, dobrando o papel sobre o que restava do chocolate e levando a mão na maçaneta da porta. — Estamos quase lá. Vamos arranjar um quarto, procurar qualquer coisa para comer e depois vou te levar às compras.

— Às compras? — As suas finas sobrancelhas se ergueram e ele dirigiu para frente do furgão.

As nossas portas se fecharam ao mesmo tempo e eu pus o cinto, me sentindo revigorada e com uma determinação reforçada.

— Não acha que vou deixar um doce com um metro e noventa e três andar por aí com um horrendo par de calças de moletom, não é?

Jenks afastou o cabelo dos olhos, o seu rosto angular revelando uma quantidade surpreendente de divertimento sorrateiro.

— Umas peças de roupa íntima, seria simpático.

Fungando, liguei o furgão e engatei a marcha ré, desligando o leitor de CD antes que pudesse recomeçar a tocar.

— Desculpa por isso, mas tinha de sair dali.

— Eu também — disse ele, para minha surpresa. — E não ia usar a do Kisten. O cara é simpático e tudo isso, mas fede — ele hesitou, remexendo no colarinho. — Hei, hum, obrigado pelo que disse lá atrás.

Franzi a sobrancelha. Olhando para os dois lados, entrei na estrada.

— Quando paramos?

Com um ar inocente, ele moveu os ombros, envergonhado.

— Não, na cozinha, sob o fato de eu ser o único apoio de que alguma vez precisasse.

— Oh! — me sentindo corar, fixei os olhos no carro à nossa frente, um Corvette preto, com a pintura queimada do sol, que me fazia lembrar o outro carro de Kisten. — Estava falando sério, Jenks. Senti a sua falta durante os últimos cinco meses. Se não voltar para nós, juro que te deixo assim.

A expressão de pânico no rosto de Jenks se suavizou quando percebeu que eu estava brincando.

— Pelo amor da Sininho, não se atrevas — murmurou. — Nem sequer posso *pixar* quem quer que seja. Agora suou em vez de largar pó, sabia? Tenho água saindo de mim, em vez de pó. O que raio vou de fazer com suor? Esfregá-lo nas pessoas, fazendo elas vomitarem de nojo? Já te vi suar e não é bonito. E nem sequer quero pensar em sexo, dois corpos suados, apertados um contra o outro daquela forma? Nojento. Isso é que é controle de natalidade, não é de admirar que vocês só tenham uma mão-cheia de filhos.

Jenks estremeceu e eu sorri. Era o mesmo Jenks de sempre.

Não consegui esconder a tensão que se apoderou de mim quando ele começou a percorrer os CD e, parecendo pressenti-lo, Jenks parou, colocando as mãos no colo e fitando, através da janela, o céu que escurecia. Tínhamos abandonado o bosque e começamos a ver residências e edifícios comerciais espalhados ao longo da rua, em uma faixa estreita. Atrás deles se estendia o liso lago azul, que assumia um tom acinzentado na luz que se enfreqüencia.

— Rachel — ele disse, a voz fraca sob o peso do arrependimento. — Não sei se posso voltar.

Alarmada, olhei para ele, depois para a estrada e de novo para ele.

— Como assim, não sabe? Se é por causa do Trent...

Jenks ergueu uma mão, de sobrancelha franzida.

— Não é por causa do Trent. Percebi que ele é um elfo depois de ter ajudado a Ceri ontem à noite.

Saltei e o furgão cruzou o traço contínuo que separava as faixas. Ouvi o som de uma buzina e voltei rapidamente o volante.

— Percebeu? — gaguejei, sentindo o coração batendo. — Jenks, eu queria te dizer. É sério. Mas tive medo que desse com a língua nos dentes e...

— Não vou dizer a ninguém — ele disse, e eu pude ver que isso estava matando ele. Teria adquirido um prestígio considerável no mundo pixy. — Se o fizesse, significaria que tinha razão em não me dizer e não tinha.

A voz dele era rude e eu senti uma pontada de culpa.

— Então, porquê? — perguntei, desejando que ele tivesse abordado o assunto enquanto estávamos estacionados, não enquanto eu tentava dirigir pelos arredores de uma cidade estranha, iluminada por luzes de néon.

Por um momento, ele manteve o silêncio, o rosto jovem pensativo, enquanto ordenava os seus pensamentos.

— Tenho dezoito anos — disse, por fim. — Sabe o que isso significa para um *pixy*? Estou acalmando. Você me feriu no outono passado. A Ivy consegue me agarrar sempre que quer.

— A Ivy tem as reações rápidas de um morto-vivo, graças a Piscary — eu disse, assustada. — Quanto a mim, tive sorte. Jenks, está com ótimo aspecto. Não é velho.

— Rachel — disse ele por entre um suspiro. — Os meus filhos estão saindo de casa, para cuidarem de suas vidas. O jardim está começando a ficar vazio. Não estou me queixando — se apressou acrescentando. — O desejo de esterilidade que consegui de você foi uma bênção, já que os últimos três anos de filhos na vida de um pixy têm uma expectativa de vida muito pequena e mataria Matalina saber que estava tendo filhos que não viveriam mais de uma semana depois da sua morte. Pequena Josefina... já voa. Vai ficar bem.

A voz dele parou, se quebrando, e eu senti um aperto na garganta.

— Entre esse desejo e o jardim — continuou, olhando fixamente através do vidro da frente, — não estou preocupado com a possibilidade de algum dos meus filhos não sobreviver depois que eu e Matalina morrermos e é a você que tenho que agradecer.

— Jenks... — comecei, querendo que ele parasse.

— Cala a boca — disse ele, em tom irado, as faces suaves assumindo uma tonalidade vermelha. — Não quero a sua pena — claramente furioso, pousou a mão na janela aberta. — A culpa é minha. Nunca me preocupei com isso até ter conhecido você e à Ivy. Estou velho. Não interessa qual o meu aspecto e fico furioso só de pensar que vocês duas vão continuar à frente da maldita agência de detetives até à eternidade e eu não vou fazer parte dela. Foi por isso que não voltei. Não por não ter me dito o que era o Trent.

Não disse nada, cerrando o maxilar e me sentindo infeliz. Não sabia que ele era assim tão velho. Ligando o pisca alerta, virei à direita, seguindo a estrada ao longo da margem. À nossa frente, erguia-se a ponte enorme que ligava a península superior do Michigan à inferior, toda iluminada e cintilante.

— Não pode deixar que isso te impeça de regressar — disse, hesitante. — Eu faço magia demoníaca e a Ivy é o delfim do Piscary. — Virando o volante, encostei em um motel de dois andares, com uma piscina exterior aninhada na curva do L desenhado pelos quartos. Parei sob o toldo de riscas ressaltadas, vermelhas e brancas, e observei os garotos, de roupa de banho e boias de braço, que corriam na frente do furgão, confiando que eu não os atropelaria. A mãe, que seguia atrás deles, me acenou agradecida. Pensei que deviam ser loucos ou animalomens, pois estavam apenas 15 °C na rua. — Qualquer uma de nós pode morrer amanhã — concluí.

Jenks me fitou, as rugas de raiva sumindo.

— Não morrerá amanhã — ele disse.

Puxando o freio de mão do furgão, me virei para ele.

— O que é que te leva a dizer isso?

Jenks abriu o cinto e me dirigiu um sorriso de soslaio capaz de rivalizar com o de Kisten, no que dizia respeito à malandragem.

— Porque eu estou com você.

Deixei escapar um rosnado. Tinha caminhado direitinho para aquela armadilha.

Sorrindo, ele saiu, olhando de relance para as primeiras estrelas quase invisíveis atrás das luzes da cidade. Me sentindo rígida devido à longa viagem, segui ele até à minúscula

recepção. Estava vazia, com exceção de uma espantosa exposição de tralhas e panfletos. De mãos estendidas, Jenks se dirigiu para as prateleiras repletas de miniaturas como um homem esfomeado, a sua curiosidade *pixy* e a sua necessidade de tocar nas coisas tornava a exposição irresistível. A porta se fechou atrás de nós e, vendo ele perdido nos anseios do prazer *pixy*, dei um murro no braço.

— Au! — exclamou ele, agarrando o braço e me dirigindo um olhar sentido. — Porque fez isso?

— Sabe porquê — disse secamente, descobrindo um sorriso quando me volvei para a mulher, vestida de forma descontraída, que saiu da sala dos fundos através de uma passagem sem porta. Podia ouvir o som de uma televisão e sentir o cheiro do almoço de alguém. Ou antes o jantar, tendo em conta que ela era humana.

Ela pestanejou enquanto olhava para nós.

— Posso ajudá-los? — perguntou, começando a hesitar quando compreendeu que éramos Inderlanders. Mackinaw era uma cidade turística e o mais certo era que não fosse suficientemente grande para atrair uma grande comunidade residente Inderlander.

— Sim, um quarto para dois, por favor — disse eu, levando a mão ao livro de registo e à caneta. Franzi a sobrancelha quando fitei o formulário. *Bem, podíamos ficar no meu nome*, pensei, escrevendo Rachel Morgan, na minha letra grande e em espiral. O som das figurinhas de cerâmica e chumbo sendo erguidas e colocadas era audível e a mulher atrás do balcão estremeceu, observando por cima do meu ombro. — Jenks, importa de ir confirmar a matrícula? — perguntei, e ele saiu para o exterior, fazendo ressoar com rudez o sino feito de conchas.

— São duzentos e vinte — disse ela, rígida.

Maravilha, pensei. Baratinho, baratinho, baratinho. Temos que adorar estas cidades pequenas em fora de temporada.

— Só vamos passar a noite, não a semana — eu disse, apontando a morada da igreja.

— Este é o valor da noite — disse ela, a voz mordaz e arrogante. Ergui a cabeça.

— Duzentos e vinte dólares? Estamos fora de temporada — eu disse, e ela encolheu os ombros. *Chocada*, pensei por um momento. — Fazem desconto aos sócios da Seguradora Animalomem?

Os olhos dela eram debochados.

— Só oferecemos descontos aos sócios da AAA.

Apertei os lábios e senti o meu rosto ficar vermelho. Lentamente, cerrei a mão e coloquei abaixo do tampo do balcão, escondendo os nós dos dedos enfaixados. Droga, droga, droga. Temos que adorar a mentalidade das cidades pequenas. Ela tinha aumentado os preços, na esperança de que fôssemos para outro lado.

— Em dinheiro — acrescentou, convencida. — Não aceitamos cartões de crédito ou cheques.

A maquininha atrás dela dizia que aceitavam, mas eu não ia sair dali. Tinha o meu orgulho e, comparado com isso, o dinheiro não era nada.

— Tem um com cozinha? — perguntei, tremendo por dentro. Duzentos e vinte dólares era uma percentagem significativa do meu dinheiro.

— Serão mais trinta dólares — disse ela.

— Claro que sim — murmurei. Furiosa, abri a bolsa e retirei do interior duas notas de cem e uma de cinquenta, enquanto Jenks entrava.

Os olhos do pixy saltaram do dinheiro na minha mão para a expressão de satisfação da mulher e, por fim, para a minha raiva, compreendendo imediatamente o que se estava passando. Inferno, o mais certo é que tivesse ouvido toda a conversa com os seus ouvidos de pixy.

O seu olhar se ergueu para a câmara falsa, ao canto, e depois através da porta de vidro, para o estacionamento.

— Rachel, acho que acertamos em cheio — ele disse e, pegando na caneta presa no balcão e apontando a matrícula no formulário. — Alguém acabou de fazer xixi dentro da piscina e consigo sentir o cheiro a bolor nos banheiros mesmo daqui. Se nos apressarmos ainda podemos filmar a ponte ao pôr-do-sol, para usar no genérico de abertura.

A mulher pousou a chave no balcão, os movimentos subitamente hesitantes.

Jenks abriu o celular.

— Ainda tem o número do departamento de inspeção sanitária do condado que usamos na última parada?

Fechei o rosto em uma expressão de aborrecimento contido.

— Está na prancheta. Mas a cena de abertura pode esperar. Podemos fazer um enquadramento do nascer do Sol. O Tom quase paria uma vaca da última vez que filmamos antes de ele ter tido oportunidade de pesquisar os piores locais.

A mulher ficou pálida. Pousei as notas no balcão e agarrei na chave gasta, com a sua pequena etiqueta de plástico. Ergui as sobrancelhas, quarto treze, que apropriado.

— Obrigada — disse.

Jenks saltou para se colocar na minha frente, quando me virei para sair.

— Permita-me, menina Morgan — disse, abrindo a porta em um gesto gracioso e eu saí, com o orgulho intacto.

Não sei como, consegui manter o rosto sério até a porta se ter fechado. Jenks deu uma risadinha e eu perdi a compostura.

— Obrigada — disse eu entre fungadas. — Deus, estava prestes a dar lhe um tapa.

— Sem problemas — disse Jenks, fitando os quartos, o olhar se fixando no último, na extremidade do lado pequeno do L. — Posso conduzir o furgão até ali?

Achei que ele mais do que merecia e deixei ele tentar descobrir como se fazia, enquanto atravessava o estacionamento escuro, ouvindo o som das crianças a agitando a água na piscina. As luzes submersas tinham sido acesas e lançavam reflexos nos guarda-sóis abertos, tornando convidativos. Se não estivesse tanto frio, teria perguntado ao Jenks se os pixies sabiam nadar. Descobrir se a minha imagem mental de Jenks em um *Speedo*¹⁹ correspondia à realidade mais do que compensava um pouco de pele de galinha.

A chave ofereceu alguma resistência, mas, depois de ter agitado um pouco, fez contato e a porta abriu. Do interior, jorrou o cheiro a cidras e linhos lavados.

Jenks estacionou o furgão no lugar vazio em frente à porta. As luzes dos faróis banharam a divisão, revelando um feio carpete castanho e uma coberta amarela.

¹⁹ Speedo: roupa de banho

Acendendo a luz, entrei, me dirigindo para a falsa cozinha e a segunda porta, ao fundo. Coloquei a mala na cama, preocupada ao compreender que a porta dava acesso um banheiro, não a um segundo quarto.

Murmurando qualquer coisa sobre grutas, Jenks entrou com a minha mala na mão, os olhos fitando o teto baixo. Colocou a mala junto à porta, me atirou as chaves do furgão e saiu, acendendo e apagando as luzes várias vezes, simplesmente porque podia.

— Hum, Jenks — disse eu, os dedos ainda doloridos das chaves. — Precisamos de um quarto diferente.

Jenks entrou com o meu notebook e a espada de Ivy, colocando na mesa redonda junto à janela da frente.

— Porquê? Estava brincando em relação ao bolor no banheiro — ele inspirou fundo, torcendo o nariz. — Cheira a... Bem, não é bolor de banheiro.

Não queria saber o que é que ele estava cheirando, mas, quando apontei silenciosamente para a única cama, tudo o que ele fez foi encolher os ombros, os luxuriantes olhos verdes absolutamente inocentes. Gesticulando, desamparada, disse:

— Uma cama?

— E...? — perguntou, corando em seguida, os olhos saltando para a caixa de lenços de papel na mesinha de cabeceira. — Oh!É. Já não caibo na caixa dos Kleenex, não é?

Sem qualquer desejo de voltar a falar com a recepcionista, me dirigi para a porta, agarrando na minha bolsa, ao passar por ela.

— Vou pedir um quarto novo. Me faz um favor e não use o banheiro. O mais certo é que ela nos cobre uma taxa pela limpeza.

— Vou com você — disse ele, acertando o seu passo pelo meu.

Os garotos que tinham estado brincando na piscina, corriam velozes em direção aos quartos, os pés molhados, tremendo sob as húmidas toalhas brancas, enquanto nós atravessávamos o estacionamento. Jenks abriu a porta da recepção para que eu pudesse passar e o som das conchas batendo se misturou com o som de uma discussão chorosa, quando entrámos.

— Cobrou o valor do fim de semana de Quatro de Julho? — ouvi o homem dizer, ao que ela respondeu balbuciando.

Olhei para Jenks em uma interrogação muda e ele tossiu para limpar a garganta, de forma audível. Se fez silêncio.

Depois de uma conversa abafada, um homem baixo, com uma certa deficiência ao nível folicular, envergando uma camisa plissada, emergiu da sala dos fundos, esfregando a placa com o nome.

— Sim? — inquiriu, com uma expressão falsamente interessada. — O que é que posso oferecer? Mais toalhas para a piscina?

Em alguma parte no interior, fora da nossa vista, a mulher soluçou e ele ficou vermelho.

— Na verdade — disse eu, pousando a chave do quarto no balcão que nos separava, à altura do peito, — gostaria de saber se era possível nos atribuírem um quarto diferente. Precisamos de duas camas, não de uma. A culpa foi minha por não ter deixado isso bem claro — sorri, como se não tivesse ouvido nada.

O olhar do homem saltou para Jenks e ele corou ainda mais.

— Ah, sim. Quarto treze, certo? — disse ele, agarrando na chave e me oferecendo uma nova.

Jenks se dirigiu para a exposição de quinquilharia, mas, diante do meu suspiro, optou pelos panfletos. Colocando a bolsa no balcão, perguntei, presunçosa:

— Qual é a diferença de preço?

— Nenhuma — respondeu ele, rapidamente. — O valor é o mesmo. Há mais alguma coisa que possa fazer por você? *Quiçá*²⁰, fazer reservas para si e para o resto do grupo? — ele pestanejou, parecendo doente. — Eles também vão ficar connosco?

Jenks se virou para olhar para a porta de vidro, passando a mão pelo queixo e tentando não rir. — Não — disse eu, frivolumente. — Ligaram dizendo que tinham encontrado um motel do outro lado da cidade que encheu a piscina com água do lago. Isso bate os banheiros bolorentos em qualquer Estado.

²⁰ Quiçá: Talvez

O homem moveu a boca, mas não emitiu qualquer som.

Jenks começou a se afastar e eu olhei para trás, de relance, vendo curvado, a agarrar um dos panfletos na frente do rosto.

— Obrigada — disse, erguendo a chave e sorrindo. — Talvez precisaremos ficar uma segunda noite. Tem alguma promoção para dois dias?

— Sim, minha senhora — disse ele, os olhos revelando o seu alívio.

— A segunda noite fica por metade do preço, fora de temporada. Posso reservá-la agora, se quiserem — olhou de relance para a mulher, invisível para mim, do outro lado da passagem.

— Me parece ótimo — disse eu. — E um check-out tardio na terça-feira?

— Um check-out tardio na terça-feira — disse ele, escrevendo qualquer coisa no livro de registro. — Sem problemas. Agradecemos a visita.

Acenei e sorri, tocando no braço de Jenks e puxando ele para fora, já que ele não se movia, fitando fixamente o panfleto que tinha na mão.

— Obrigada — disse alegremente. — Tenham uma boa noite.

Os sinos da porta ressoaram e eu exalei no ar mais frio da noite. O estacionamento estava em silêncio, com exceção do ruído do trânsito nas proximidades. Satisfeita, olhei de relance para a chave, na luz fraca sob o toldo. Desta vez, tínhamos o quarto onze.

— Rachel — Jenks acenava com o panfleto na minha direção. — Aqui. Ele está aqui. Eu sei! Entre no furgão. Fecham dentro de dez minutos!

— Jenks! — exclamei quando ele me agarrou pelo braço e puxou, aos tropeções, através do estacionamento. — Jenks, espera! O Jax? Está onde?

— Aqui — disse ele, abanando o panfleto na frente do meu rosto. — Seria para aqui que eu iria.

Confusa, espreitei para o colorido papel dobrado em três, à luz do poste de rua. Os meus lábios se afastaram e enfiei a mão na bolsa, procurando as chaves, enquanto Jenks voltava a atirar as nossas coisas para dentro do furgão e fechava a porta do motel, tremendo de impaciência.

A Barraca das Borboletas. Claro.





CAPÍTULO 9

Cantarolando, nervoso, Jenks colocou o frasco de mel no cesto, junto com as minhas faixas e o resto das suas compras. Ele estremeceu e eu ergui uma sobrancelha.

— Mel, Jenks? — perguntei.

— É medicinal — disse ele, ficando vermelho e virando-se de forma que ficasse de frente para a prateleira da seção de sobremesas, os pés afastados na sua pose de Peter Pan. Levando a mão à prateleira superior, juntou aos restantes artigos uma lata de fermento. — Pólen de abelha — murmurou, baixinho. — Pelo bordel da Sininho, onde é que eles guardam os suplementos vitamínicos? Não consigo encontrar nada nesta loja. Quem é que a organizou? Gilligan?

Jenks levantou a cabeça e analisou os letreiros por cima dos corredores.

— As vitaminas devem estar junto com os remédios — eu disse, fazendo ele saltar.

Obviamente chocado, Jenks gaguejou.

— Ouviu isso? — encolhi os ombros. — Maldição — murmurou, afastando-se. — Não sabia que podia ouvir assim tão bem. Nunca tinha me ouvido antes.

Segui atrás dele, os meus braços vazios. Jenks insistia em levar tudo, insistia em abrir todas as portas para eu passar, raios, iria puxar a descarga para mim se eu deixasse. Não

era uma coisa de macho, era porque podia. As portas automáticas eram as suas preferidas e, embora ainda não tivesse brincado com elas, entrando e saindo do raio de ação do sensor, eu sabia que ele queria fazer.

Avançava rapidamente, os passos silenciosos nas novas botas, que lhe comprei há cerca de uma hora. Não ficou feliz com a minha insistência em irmos às compras antes de confirmar se Jax se encontrava na Barraca das Borboletas, uma exposição de borboletas e loja de vida selvagem, mas concordava que, se Jax estivesse lá, estava escondido, caso contrário já teria pedido ao dono para nos ligar e pedir que fôssemos busca-lo. Não conhecíamos a situação e, se aparecêssemos na loja e disséssemos ao proprietário que ele tinha cedido cobertura a um *pixy*, um *pixy* que talvez fosse procurado por causa do seu envolvimento em um roubo, poderíamos pôr algumas línguas pra mexer.

Por isso, Jenks e eu usámos o tempo do proprietário fechar a loja e contar o dinheiro para fazermos umas compras pré-invasão. Tinha ficado agradavelmente surpreendida ao descobrir algumas lojas luxuosas, mesmo ao lado das armadilhas para turistas, em um conjunto claramente novo de edifícios comerciais que tinham sido erguidos nos últimos cinco anos. As árvores só estavam ali desde essa altura. Eu era bruxa; sabia ver essas coisas.

Como estávamos próximo da época turística, a escolha era grande e os preços quase razoáveis. Isso mudaria dentro de uma semana, quando as aulas acabassem e a população da cidade triplicasse, graças à chegada dos *fudgies*²¹, os turistas, assim chamados devido ao doce pelo qual Mackinaw é conhecida.

Aparentemente, Jenks era um comprador compulsivo, o que, provavelmente, tinha a sua origem no seu passado recoletor. Em um período muito curto, tínhamos passado por três lojas de roupa, um *outlet*²² de dança e um armazém de sapatos. Por isso, agora, em vez de me encontrar ao lado de um jovem gostoso de moletom e chinelos, estava com um jovem com um metro e noventa e três, atlético e angustiado, usando uma calça de linho e uma camisa vermelha combinando. Sob o conjunto usava um terno justo, de duas peças,

²¹ Fudgies: Bolinho de chocolate

²² Outlet: Promoção

em seda e lycra que nos tinha custado uns duzentos dólares, mas, depois de o ter visto com ele, acenei e saquei do cartão. Eu oferecia.

Não pude impedir os meus olhos de deslizarem por ele, enquanto se agachava em frente ao mostruário das vitaminas e tirava os óculos de sol que eu tinha lhe comprado, não desejando uma repetição da série de lamentos sobre o sol que tinha feito até chegarmos ali. Obviamente perturbado, passou a mão por baixo do boné em sinal de preocupação. O couro vermelho devia se chocar com quem o estava vestindo, mas nele? Nham!

Jenks tinha ótimo aspecto e eu começava a desejar ter trazido roupas melhores. E uma câmera. Era difícil acompanhá-lo, uma vez livre do moletom e dos chinelos.

— Pólen de abelha — disse, enquanto abanava o braço para fazer descer a manga do seu novo casaco de aviador e se inclinava para frente, soprando o pó da tampa do frasco de vidro. — Esta coisa sabe, tão mal como se já tivesse passado pela abelha — ele disse, erguendo-se para guardar junto dos restantes intens, — mas, tendo em consideração que as únicas flores que existem por aqui são margaridas velhas e rosas desidratadas, vai ter que chegar.

A voz de Jenks estava carregada de irônia e eu olhei silenciosamente para o preço. Não era de admirar que os pixies passassem mais tempo no jardim do que a trabalhando das nove às cinco, para comprar comida como a maior parte das pessoas. Os dois frascos de xarope de bordo que ele queria custavam uns espantosos nove dólares. Cada. E, quando tentei substituir aquele produto falso, acrescentou um terceiro.

— Deixa eu levar alguma coisa — eu disse, me sentindo inútil.

Jenks abanou a cabeça, os seus passos determinados enquanto se dirigia para frente da loja.

— Se não formos agora, ficará muito frio para podermos encontrar qualquer *pixies* dispostos a ajudar. Além disso, o dono com certeza já está em casa vendo televisão. São quase nove horas.

Olhei de relance para o celular que ele tinha preso ao cinto.

— Já passam vinte minutos — eu disse. — Vamos embora.



— Já passam? — Jenks zombou, segurando melhor o cesto. — O Sol só se pôs há uma hora.

Jenks se afastou para o lado, quando agarrei o celular que trazia no cinto e o ergui para que pudesse ver.

— Nove e vinte — disse, sem saber se devia me sentir convencida ou preocupada com o fato de a sua impressionante capacidade de determinar as horas estar falhando. Só esperava que Ceri não tivesse estragado ele.

Por um instante, Jenks pareceu horrorizado, depois fez uma careta.

— Mudamos de latitude — disse. — Vou ficar... — tirou o celular das minhas mãos e olhou para o relógio — ...vinte minutos mais lento ao pôr-do-sol e vinte minutos mais rápido ao nascer do Sol. — Jenks riu. — Nunca pensei que iria precisar de um relógio, mas será mais fácil do que tentar passar para o novo fuso horário e depois voltar para o anterior.

Encolhi os ombros. Nunca senti a necessidade de um relógio a menos que estivesse trabalhando com Ivy e precisasse me “sincronizar” com ela para evitar que tivesse um ataque; depois disso, passei a usar Jenks. Me sentindo baixa ao lado dele, conduzi ele para o caixa rápido, caso contrário ficaríamos ali a noite toda. Jenks se ocupou do cesto, despejando e sorrindo de forma neutra, para a mulher.

As suas sobrancelhas aparadas se ergueram quando viu o pólen de abelha, o fermento, o mel, o xarope de bordo, a cerveja, os curativos rápidos e a planta doente que Jenks salvou da prateleira das promoções, na minúscula seção de jardim.

— Vão fazer uns bolinhos? — perguntou, atrevida, o sorriso revelando a sua divertida conclusão quanto ao que duas pessoas poderiam fazer com uma lista de compras como a nossa. A chapa com o nome dizia TERRI e ela tinha uns confortáveis nove quilos a mais, dedos inchados e anéis em excesso.

Os olhos verdes de Jenks estavam muito abertos, em uma expressão inocente.

— Jane, querida — ele me disse. — Seja um amor e vai buscar o pudim instantâneo — abaixou o tom de voz, concedendo uma profundidade sensual. — Vamos tentar *butterscotch*²³, desta vez. Estou cansado de chocolate.

Me sentindo malandra, me inclinei contra ele, erguendo uma mão para brincar com os caracóis perto das orelhas dele.

— Você sabe que a Alexia é alérgica a *butterscotch* — eu disse. — Além disso, o Tom faz *qualquer coisa* por pistache. E isso eu tenho na geladeira. Mesmo ao lado do caramelo líquido e do *chantilly* — ri, agitando o meu cabelo ruivo. — Deus, adoro caramelo! Leva uma eternidade a *lamber*.

O rosto de Jenks se abriu num sorriso malandro, enquanto fitava a mulher, por baixo do boné, tirava uma mão-cheia de escovas de dentes do expositor ao lado da caixa e as colocava na esteira.

— É isso que eu adoro na minha Janie — disse ele, me dando um abraço de lado, que me fez desequilibrar e cair em cima dele. — Está sempre pensando nos outros. Não é a alma mais doce que alguma vez conheceu?

O rosto da mulher estava vermelho. Atrapalhada, tentava repetidamente registrar a planta em promoção, acabando por desistir e colocou no saco de plástico.

— Sessenta e três, vinte e sete — gaguejou, sem olhar Jenks nos olhos.

Com um ar convencido, Jenks tirou a carteira que tinha comprado uns quinze minutos antes, percorrendo o seu interior em busca do cartão de crédito em nome da Encantamentos Vampíricos. Passou-o cuidadosamente pela máquina, sendo óbvio o seu prazer ao apertar os botões certos. Ivy tinha pedido ele a que tempos e incluía a assinatura de Jenks, por precaução. Aquela era a primeira vez que ele tinha a possibilidade de usa-lo, mas parecia saber o que estava fazendo.

A mulher olhou para o nome da firma, quando apareceu no ecrã, abrindo a boca de tal forma que ficou com um duplo queixo.

Jenks assinou o talão com uma seriedade cuidadosa, sorrindo à caixa quando ela lhe estendeu o recibo e uma tira de cupões.

²³ Butterscotch: é um doce à base de manteiga

— Adeuzinho — disse ele, o plástico emitindo um som suave, quando ele agarrou todos os sacos, envolvendo os com os braços.

Olhei de relance para trás, quando as portas de vidro se abriram e o ar da noite, trazendo consigo o frescuror do mar, fez com que algumas mechas do cabelo tocassem meu rosto. A mulher já estava falando com a gerente, levando uma mão à boca quando me viu olhar para ela.

— Jesus, Jenks — eu disse, pegando um dos sacos, para poder ver o talão. *Mais de sessenta dólares por dois sacos de compras?* — Talvez para a próxima possamos fazer algo verdadeiramente nojento, como lambar o microfone — *e porque é que ele tinha comprado tantas escovas de dentes?*

— Gostou daquilo e sabe bem, bruxa — respondeu ele, depois arrancou o talão das mãos quando eu tentei jogá-lo fora, juntamente com os cupões. — Quero isso — disse ele, enfiando tudo num bolso. — Posso querer usá-lo mais tarde.

— Ninguém usa — eu disse, a cabeça baixa, enquanto procurava as chaves na bolsa.

As luzes piscaram e as trancas abriram. Equilibrando o saco em um braço, Jenks abriu a porta pra mim, antes de contornar o furgão e colocar o saco das compras ao lado dos sacos com as calças, as camisas, os boxers de seda, as meias e um robe de seda contra o qual eu teria protestado, se não fosse pelo fato de, mais cedo ou mais tarde, ele regressaria ao seu antigo tamanho, altura em que eu o pegaria para mim. Jenks não se contentava com nada barato e eu teria questionado a sua alegação de que os tecidos à base de petróleo lhe provocavam alergia, se não o tivesse visto por eu mesma.

Ele abriu porta do seu lado e ele se sentou, prendendo cuidadosamente o cinto, como se fosse sagrado.

— Pronto? — perguntei, sentindo a calma das compras começando a dar lugar à excitação da ação próxima. Ainda para mais ilegal. Sim, íamos salvar o filho de Jenks, não assaltar a loja, mas, mesmo assim, seríamos atirados para a cadeia, se nos apanhassem.

A cabeça de Jenks ergueu e desceu, enquanto ele apertava e desapertava a pequena bolsa de pôr na cintura onde tinha colocado as suas poucas ferramentas. Inspirando fundo, para me acalmar, liguei o furgão e me dirigi para as lojas e o cinema. O trânsito na

ponte estava congestionado, e assim tinha sido durante a maior parte do mês, de acordo com a irritada empregada do armazém de sapatos. Ao que parece estava reduzida a uma faixa para cada sentido, enquanto os trabalhadores se apressavam para realizar algumas obras de manutenção, vinte e quatro horas por dia, para que tudo estivesse pronto antes de o Memorial Day. Felizmente, não tínhamos de atravessar a enorme ponte suspensa, bastando abrir caminho por entre a confusão.

O furgão soprava ar frio, embora eu tivesse o aquecimento ligado e agradeci a todas as estrelinhas por Jenks estar grande. Aquela noite teria sido complicada para ele, se tivesse apenas dez centímetros. Só esperava que Jax tivesse conseguido encontrar um local quente para se abrigar. Uma exposição de borboletas teria comida suficiente, mas por que aquecer o espaço a uns confortáveis 23 °C se chegava a 10 °C?

O cinema estava situado em um aglomerado labirinto de lojas que serviam turistas a pé — uma espécie de mini centro comercial a céu aberto, erguido ao lado do antigo centro da cidade, — mas tinham um parque só para o cinema e eu estacionei o carro entre um furgão branco e um *Toyota* enferrujado com um adesivo no para-choques que dizia VAI ATRÁS DE MIM ATÉ AO FIM, HÃ?

O motor parou e eu olhei para o lado, onde Jenks se encontrava, remetido a um novo silêncio. O som lento dos grilos erguia-se de um lote vazio próximo. Ele parecia nervoso, os dedos rápidos enquanto mexia no zíper da sua bolsa.

— Vai ficar bem? — perguntei, ao compreender que aquela era a primeira vez que ele ia sair em uma missão, sem poder fugir voando em caso de perigo.

Jenks acenou e a profunda preocupação no seu rosto parecia deslocada em alguém tão jovem. Remexendo em um saco, retirou um frasco de xarope de bordo de trás do banco. Os seus olhos verdes cruzaram-se com os meus, sob a luz fraca, parecendo pretos.

— Hei, hum, quando sairmos, podia fazer de conta que está ajeitando o sapato ou algo assim? Quero tratar das câmeras no fundo do edifício e uma distração pode ser útil.

O meu olhar saltou para o frasco que ele tinha na mão, depois para a sua expressão preocupada, sem saber muito bem como é que um frasco de xarope ia resolver o problema das câmeras, mas disposta a aceitá-lo.

— Claro.

Aliviado, ele saiu. Eu o segui, me encostando no furgão para tirar o sapato e sacudir do seu interior uma pedrinha inexistente. Observei Jenks com metade da minha atenção, compreendendo quando ele emitiu um leve assobio, tocando ansiosamente no boné vermelho, e um *pixy* agressivo e curioso voou até ele no ar frio da noite.

Não percebi o que foi dito, mas Jenks regressou com um ar satisfeito, a garrafa de xarope de bordo desaparecida.

— Então? — perguntei, enquanto Jenks esperava que eu me pusesse lado dele.

— Quando sairmos do edifício, eles vão pôr as câmeras em repetição — disse, não pegando no meu braço como Kisten ou Nick teriam feito, mas avançando a meu lado, estranhamente próximo. As lojas que envolviam a praça estavam fechadas, mas perto do cinema estava reunida uma pequena multidão constituída, claramente, por habitantes locais, tendo em consideração as conversas ruidosas. O filme em exibição já tinha saído das salas de cinema há três semanas, mas ali não devia haver muito para fazer.

Nos aproximamos da bilheteira e a minha pulsação se tornou mais rápida.

— Eles vão pôr as câmeras em repetição em troca de uma garrafa de xarope de bordo? — perguntei, com a voz abafada.

Jenks encolheu os ombros, olhando de relance para o toldo.

— Claro. Aquilo é ouro líquido.

Vasculhei a minha bolsa em busca de uma nota de vinte, enquanto considerava a questão. Talvez conseguisse fazer mais dinheiro traficando xarope de bordo junto dos *pixies* do que com a agência de detetives. Compramos dois bilhetes para o filme de ficção científica e, depois de ter comprado um pacote de pipocas para o Jenks, nos dirigimo para a sala de cinema, emergindo, imediatamente, através da saída de emergência.

Os meus olhos se dirigiram para as câmeras em cima do edifício percebendo o tênue brilho da luz da rua nas asas dos *pixies*. Talvez fosse um bocado exagerado, mas poder estar no cinema, caso os alarmes da Barraca das Borboletas disparassem, podia ser a diferença entre me manter na rua ou ir refrescar as ideias em uma cela.

Fomos juntos avançando da entrada de serviço, nos fundos, para frente, com Jenks perdendo peças de roupa e as me entregando, para que as pudesse enfiar na minha bolsa, de poucos em poucos metros. Era terrivelmente perturbador, mas consegui não chocar com os caixotes do lixo e os contentores de reciclagem. Ao chegar à zona turística, já fechada, Jenks vestia apenas as botas de sola macia e a calça justa. Tínhamos surgido a alguns quarteirões do cinema e era assustador andar pela rua, à noite, com tudo fechado, o que me fez recordar o quão longe de casa e do meu elemento eu me encontrava. A Barraca das Borboletas estava situada no fim de um beco e foi para lá que nos dirigimos, os nossos passos silenciosos sobre o cascalho.

— Protega minha retaguarda — sussurrou Jenks, me deixando em uma sombra, enquanto fazia girar a longa ferramenta entre os dedos, até ela não ser mais do que um borrão e se agachando para ficar com os olhos ao nível da fechadura.

Olhei demoradamente, depois me virei para fitar a vazia rua para pedestre. *Sem problemas, Jenks*, pensei. Claro que ele era casado, mas eu podia olhar.

— Pessoas — murmurei, mas ele tinha ouvido e já estava escondido atrás dos arbustos estendidos ao lado da porta. Eram arbustos de borboleta, se não estava errada, e de aspecto doente. Qualquer outra loja já os teria tirado.

Me encolhendo na minha sombra, segurei a respiração até o casal ter passado, os saltos da mulher soando velozes e o homem se queixando que iam perder as apresentações. Cinco segundos depois, Jenks estava de novo em frente à porta. Ela se abriu com um estalido, uma bela luz verde piscando as boas-vindas no visor.

Jenks sorriu, fazendo um sinal de cabeça para que me juntasse a ele. Deslizei para o interior e me coloquei fora do seu caminho. Caso existisse outro tipo de seguranças, Jenks seria capaz de dizer melhor do que eu.

A porta se fechou, deixando apenas a luz dos postes na rua que entrava através das grandes janelas. Com a mesma leveza que mostraria caso tivesse asas, Jenks passou por mim.

— Há uma câmera atrás do espelho no canto — disse ele. — Não posso fazer nada em relação a ela com este um metro e noventa. Vamos agarrar nele, sair e rezar pelo melhor.

Senti o estômago apertado. Nem eu gostava de me ver em uma situação tão improvisada.

— Os fundos? — sussurrei, catalogando as prateleiras silenciosas e a exposição de animais da floresta húmida da Amazônia empalhados, bem como os livros caros sobre como conceber um jardim destinado à vida selvagem.

Cheirava maravilhosamente, um odor rico, com penetrantes perfumes de flores e frascos exóticos, filtrado através de um óbvio par de portas de vidro. Mas estava frio. A época turística não teria oficialmente início se não na semana seguinte e eu tinha a certeza de que estavam mantendo a temperatura baixa, durante a noite, para prolongar a vida dos insetos.

Jenks deslizou para os fundos, fazendo com que eu me sentisse trapalhada atrás dele. Me perguntei se ele apareceria nas câmeras, movia-se com tanta graça. O som suave do ar sendo sugado quando a porta de vidro exterior se abriu, foi sonoro e Jenks a manteve aberta para mim, as pupilas bem dilatadas para captar a pouca luz existente. Nervosa, me baixei para passar debaixo do braço dele, inspirando profundamente o cheiro a terra húmida. Jenks abriu a segunda porta e o som de água correndo se sobrepôs ao silêncio. Senti que os meus ombros relaxavam, apesar da tensão, e me apressei para acompanhá-lo, quando ele entrou na zona da exposição.

Tratava-se de uma divisão com a altura de dois andares, com paredes de vidro dos três metros para cima. A noite era um teto negro enfeitado com vidreira e vasos pendentes com petúnias de perfume almiscarado e begônias que pareciam joias. Com uns doze metros de comprimento e quatro e meio de largura, a divisão parecia uma tira estreita de um outro continente. E fazia frio. Agarrei os meus próprios ombros e fitei Jenks, preocupada.

— Jax? — chamou Jenks, a esperança na sua voz capaz de partir o coração. — Está aqui? Sou eu, o seu pai.



O *seu pai*, pensei com inveja. O que não daria para ter ouvido essas palavras, dirigidas a mim, em momentos de necessidade. Afastei o feio sentimento, feliz por Jax ter um pai capaz de salva-lo. Crescer já era suficientemente difícil sem termos de nos safar das complicações em que nos enfiávamos quando as nossas decisões eram mais rápidas do que o nosso cérebro. Ou os nossos pés.

Se ouviu um ruído, vindo das incubadoras, encostadas a uma parede, fora do caminho. Ergui as sobrancelhas e Jenks ficou rígido.

— Ali — eu disse, sem fôlego, apontando. — Sob o armário, onde está a luz quente.

— Jax! — sussurrou Jenks, avançando ao longo das lajes de pedra de contornos cobertos de musgo. — Tudo bem?

Um sorriso carregado de alívio se abriu no meu rosto quando, no meio de uma chuva de pó brilhante, um *pixy* voou de debaixo do armário. Era Jax e o pequeno voou à nossa volta, em um matraquear de asas. Estava bem. Inferno, estava mais que bem. Parecia ótimo.

— Menina Morgan! — gritou o jovem *pixy*, iluminando o espaço exíguo com a sua excitação e voando em volta da minha cabeça como um vagalume louco. — Está viva? Pensamos que tinha morrido! Onde está o meu pai? — se ergueu até ao teto, depois desceu. — Pai?

Jenks fitava o, enfeitiçado pela imagem do filho voando sobre a exposição. Abriu a boca, depois a fechou, sendo óbvio que lutava por descobrir uma forma de tocar no filho sem feri-lo.

— Jax... — sussurrou, os olhos simultaneamente jovens e velhos, cheios de dor e alegria.

Jax emitiu um ligeiro sobressaltado, recuando uns bons sessenta centímetros antes de se recompor.

— Pai! — gritou ele, pó de *pixy* a jorrar do seu pequeno corpo. — O que aconteceu? Está grande!

A mão de Jenks tremeu, quando o filho pousou nela.

— Fiquei grande para vir procurá-lo por você. Está muito frio para andar por aqui, sem destino. E não é seguro para a menina Morgan andar por Cincinnati sem companhia.

Fiz uma careta, irritada com a verdade, embora não tivéssemos visto um único vampiro, quanto mais um vampiro sedento. Eles não gostavam de cidades pequenas.

— Jax — eu disse, impaciente. — Onde está o Nick?

Os olhos do *pequeno pixy* se abriram e o pó que se libertava dele ficou mais fino.

— Eles o levaram. Posso mostrar onde ele está. Ai, caramba, como ele vai ficar contente em ver você! Não sabíamos que estava viva, menina Morgan. Pensávamos que estava morta!

Era a segunda vez que ele dizia aquilo e eu pestanejei, compreendendo. *Oh, Deus.* Nick tinha ligado na noite em que Al cortou o laço de familiaridade entre nós. Foi Al quem atendeu ao telefone e disse a Nick que eu lhe pertencia. Depois a comunicação social pensou que eu tinha morrido no barco que Kisten explodiu. Nick pensava que eu estava morta. Foi por isso que não voltou a ligar. Foi por isso que perto do Solstício ele não me disse que estava de volta. Foi por isso que limpou o apartamento e partiu. Ele pensava que eu estava morta.

— Deus me ajude — sussurrei, levando a mão à incubadora imunda, repleta de casulo de borboleta. O botão de rosa deixado nos degraus da igreja, no frasco de geleia com o pentagrama de proteção, foi uma oferta dele. *O Nick não me deixou. Ele pensou que eu tinha morrido.*

— Rachel?

Me endireitei quando Jenks me tocou, hesitantemente, no ombro.

— Estou bem — sussurrei, embora estivesse muito longe de estar bem. Lidaria com aquilo mais tarde. — Temos que ir — disse, virando as costas.

— Esperem — exclamou Jax, descendo até ao chão e espreitando para debaixo do armário. — Aqui bichaninho, bichaninho, bichaninho...

— Jax! — gritou Jenks, horrorizado, agarrando o filho.

— Pai! — protestou Jax, libertando-se com facilidade da prisão pouco firme dos dedos do pai. — Me larga!



Os meus olhos se abriram diante da bola de pelo laranja que se esgueirava de debaixo do armário, pestanejando e bocejando. Voltei a olhar, incapaz de acreditar.

— É um gato — disse, em uma observação de tão incrível inteligência que merecia um Pulitzer²⁴. Bem, na verdade ainda era um gatinho, pelo que acabava de perder alguns pontos.

A boca de Jenks estava em movimento, mas não emitia qualquer som. O *pixy* de um metro e noventa recuou com o que parecia uma expressão de terror nos olhos muito abertos.

— É um gato! — repeti. Depois acrescentei um histérico — Jax! Não! — quando o pequeno *pixy* desceu. Levei o braço para ele, afastando-o quando o gatinho peludo e laranja arqueou as costas e me silvou.

— Chama-se *Rex* — disse Jax orgulhoso, as asas imóveis, enquanto ele se erguia no chão sujo, ao lado da incubadora, e o coçava vigorosamente debaixo do queixo. O gatinho relaxou, me esquecendo, e esticou o pescoço para que Jax o pudesse coçar no local certo.

Inspirei lentamente. *Como um Tiranossauro Rex? Maravilha. Uma verdadeira maravilha.*

— Quero ficar com ela — disse Jax, e a gatinha deitou-se e começou a ronronar, as garras minúsculas saindo e retraindo e os olhos fechados.

É um gato. Droga, esta noite eu dava conta de tudo.

— Jax — disse eu, em tom persuasivo e o pequeno *pixy* se irritou.

— Não vou deixar-la para trás! — disse ele. — Teria congelado na primeira noite que passei aqui, se não fosse por ela. Tem me mantido quente e, se eu for embora, a bruxa malvada a quem pertence a loja vai voltar a encontrá-la e vai chamar o gatil. Eu ouvi ela dizer isso!

Olhei de relance para a gatinha e para Jenks. Ele parecia estar hiperventilando e eu lhe agarrei em um braço, não ele estava prestes a desmaiar.

— Jax, não pode ficar com ela.

— Ela é minha! — protestou Jax. — Tenho estado alimentando ela com casulos e ela tem me mantido quente. Ela não vai me machucar. Vejam!

²⁴ Pulitzer: prêmio de Letras muito importante nos EUA.

Jenks quase teve um enfarte quando o filho começou a voar na frente da gatinha, provocando ela. A ponta branca da cauda da gatinha se agitou e as patas traseiras estremeceram.

— Jax! — gritou Jenks, agarrando ele e afastando-o do perigo no preciso momento em que a pata de *Rex* saía disparada.

Senti que o coração me subia à garganta e precisei de todo o meu autocontrole para não lhe botar a mão também.

— Pai, me larga! — exclamou Jax e se libertou, voando sobre as nossas cabeças, enquanto a gatinha o observava com uma intensidade enervante.

Jenks engoliu em seco.

— A gata salvou a vida do meu filho — disse, tremendo. — Não vamos deixa-la aqui para morrer de fome ou ser enviada para um gatil.

— Jenks... — protestei, observando *Rex* que andava de um lado para o outro, sob o caminho esvoaçante de Jax, a cabeça erguida e os passos leves. — Alguém vai acolher ela. Olha como é querida — entrelacei os dedos das mãos para não pegar nela. — Claro — disse eu, sentindo que a minha determinação começava a fraquejar quando a *Rex* se deitou, parecendo fofa e inofensiva, a pequena barriga branca, virada para cima. — Agora é suave e doce, mas vai ficar maior, e depois vão começar os gritos. E os berros. E vai haver pelo de gata pelo jardim todo.

Jenks franziu a sobrancelha.

— Não vou ficar com ela. Vou arranjar uma casa para ela. Mas salvou a vida do meu filho e não permitirei que morra de fome aqui.

Abanei a cabeça e, enquanto Jax gritava de felicidade, o pai pegou, desajeitadamente, na gatinha. *Rex* se agitou ligeiramente, antes de se instalar na dobra do braço dele. Jenks mantinha a em segurança e firmemente agarrada, como se fosse uma criança.

— Deixa que a leve — disse eu, estendendo as mãos.

— Eu a levo, sem problemas — O rosto angular de Jenks estava pálido, fazendo com que parecesse prestes a desmaiar. — Jax, está frio lá fora. Vá para dentro da bolsa da menina Morgan até chegarmos ao motel.



— Nem pensar! — disse Jax, me chocando ao pousar no meu ombro. — Não vou andar na bolsa de ninguém. Ficarei bem com a Rex. Pelo diafragma da Sininho, pai. Onde acha que tenho dormido durante os últimos quatro dias?

— Pelo diafragma da... — cuspiu Jenks. — Cuidado com a língua, meu jovem.

Isto não estava acontecendo.

Jax desceu para se enroscar perto da barriga da Rex, quase desaparecendo no meio do suave pelo da gatinha. Jenks inspirou fundo, várias vezes, os ombros de tal forma tensos que seria possível quebrar ovos sobre eles.

— Temos de ir — sussurrei. — Podemos falar disto mais tarde.

Jenks acenou e, com o passo oscilante de um bêbedo, avançou até à entrada da exposição, Jenks segurava a gatinha e eu ia abrindo as portas. O cheiro dos livros e do carpete fazia com que o ar cheirasse a morte, quando nos esgueiramos para a loja em si. Espreitei para o exterior, temendo encontrar luzes vermelhas e azuis, e foi com alívio que descobri apenas a escuridão confortável e a silenciosa rua empedrada.

Não disse nada, quando Jenks retirou a carteira do bolso com uma mão, em um gesto atrapalhado, deixando todos os dólares que eu lhe dei em cima do balcão. Acenou respeitosamente para a câmara atrás do espelho e partimos pelo mesmo local por onde tínhamos entrado.

Não vimos ninguém no caminho de volta ao estacionamento, mas não consegui respirar como deveria ser, até a porta do furgão se ter fechado atrás de mim. Com os dedos tremendo, liguei o motor, recuando cuidadosamente e avançando para a estrada principal.

— Rachel — disse Jenks, os olhos fixos na gatinha que tinha nos braços e quebrando o silêncio a que se acometeu — Podemos parar naquele supermercado e comprar comida para gatos? Tenho um cupom.

E é assim que começa, pensei, acrescentando mentalmente um tabuleiro para as necessidades e areia. Um abre-latas. Um pequeno pires para a água. E talvez um brinquedo com a forma de um ratinho... ou dez.



Olhei para Jenks pelo canto do olho, os seus dedos longos e macios alisavam o pelo entre as orelhas de *Rex* enquanto a gatinha ronronava suficientemente alto para se ouvir no interior do furgão. Jax estava aninhado entre as suas patas, dormindo o sono dos justos. Um leve sorriso desceu sobre mim e me senti relaxando. Nos veríamos livre dela assim que lhe descobríssemos um bom lar.

Ce-e-e-e-rto.



CAPÍTULO 10

— Ele está ótimo — disse no celular, o estômago apertado enquanto *Rex* perseguia Jax ao longo da cama. O *pixy* estava sentado no abajur da mesa de cabeceira, descontraidamente, abanando os pés, enquanto o pai lhe dava um sermão.

— Como é que o descobriu tão depressa? — perguntou Kisten, a voz pequena e fraca, devido aos muitos transmissores que nos separavam.

Inspirei fundo, para avisar Jenks em relação à gata, mas ele se dobrou, sem fazer qualquer pausa no sermão, para pegar na bola laranja do futuro guerreiro, segurando perto, fazendo carinho até ela esquecer o que estava para fazer. A respiração que estive sustentando escapou e tive que parar para me lembrar o que estava dizendo.

— Ele se escondeu em uma exposição de borboletas.

Me contorci na cadeira, perto da janela fechada com uma cortina, apontando o controle retomo para a televisão e apertando os botões, procurando o noticiário das dez, no canal local. Não tinha havido nenhuma notícia de última hora sobre os intrusos na loja, pelo que parecia que íamos ficar bem. Estava quase disposta a apostar que ninguém ia olhar para o registro das câmeras, apesar do dinheiro que Jenks tinha deixado.

— Ele fez amizade com uma gatinha — acrescentei, estendendo a mão para a última fatia de pizza.

A pulseira de ouro negro que eu tinha descoberto na bolsa brilhou sob a luz e eu sorri, diante do seu presente, não querendo saber, naquele momento, que o mais certo era que ele oferecesse um presente como aquele, a todas as suas amantes, em uma exibição pouco sutil das suas conquistas a todos os que o conhecessem. A Ivy tinha uma. Tal como a Candice, a vampira que tentou me matar no último Solstício. Gostava particularmente do pequeno amuleto com a forma de uma caveira que pendia dela, mas talvez aquele clube não fosse assim tão bom.

— Uma gatinha? — disse Kisten. — Está brincando!

Fazendo balançar a caveira e o coração metálicos, um contra o outro, ri.

— Sim — dei uma mordida na pizza. — Deu casulos de borboleta a ela em troca de mantê-lo quente — acrescentei com a boca cheia.

— Ela? — perguntou Kisten, a descrença ainda visível na sua voz.

— Chama-se *Rex* — disse eu, alegremente, abanando o braço para fazer descer a minha nova pulseira de amuletos. *Que outro nome daria um pixy de nove anos a um predador com dez vezes o seu tamanho?* Fitando Jenks que segurava a gatinha sonolenta, ergui as sobrancelhas. — Quer um gato?

Ele riu, fazendo desaparecer os quilômetros que nos separavam.

— Estou vivendo no meu barco, Rachel.

— Os gatos podem viver em barcos — disse, feliz por ele ter saído da casa de Piscary quando Skimmer se mudou para lá. O fato de ter o seu iate de dois pisos atracado no cais do restaurante já era suficientemente perto.

— Hei, hum, como está a Ivy? — perguntei baixinho, mudando de posição de forma que colocasse as pernas no braço da cadeira verde.

O suspiro de Kisten me deixou preocupada.

— A Skimmer tem estado na igreja desde que você foi embora.

A tensão deixou os meus ombros rígidos. Ele estava tentando perceber se eu ficava com ciúmes; podia ouvir na sua voz.

— É sério — disse, com a voz calma, mas o meu rosto gelou, quando comecei a analisar os meus sentimentos, me perguntando se a minha ligeira irritação tinha a sua origem nos ciúmes ou na ideia de que havia alguém na minha igreja, comendo na minha mesa e a usando as minhas colheres de cerâmica para feitiços para cozinhar *brownies*. Atirei a fatia de pizza meio comida de volta para a caixa.

— Ela está prestes a cair de novo nos seus antigos comportamentos — ele disse, fazendo com que eu me sentisse ainda pior. — Consigo vê-lo. Ela sabe o que está acontecendo, mas não consegue evitar. Rachel, a Ivy precisa de você aqui para não se esquecer do que quer.

Carrei o maxilar, quando os meus pensamentos regressaram à conversa que havíamos tido ao lado do furgão. Depois de ter vivido com Ivy durante mais de um ano, tinha visto as marcas que as manipulações de Piscary tinham deixado nos seus pensamentos e nas suas reações, embora não soubesse como tinha feito isso. Ouvir o quão mal foi, me deixava com o estômago revirado. Não conseguia acreditar que ela regressaria tão facilmente aos seus velhos hábitos, mesmo que Skimmer lhe abrisse a porta e tentasse obrigar-la a passar. Kisten estava exagerando.

— A Ivy não vai se perder por eu não estar aí. Deus, Kisten. Dê algum crédito a ela.

— Ela é vulnerável.

Franzindo a sobrancelha, agitei o pé de forma que batesse repetidamente na cortina. Jenks colocou a planta doente na mesa e ela já parecia melhor.

— Ela é a vampira mais poderosa viva de Cincinnati — disse eu.

— Razão pela qual está tão vulnerável.

Eu não disse nada, sabendo que ele tinha razão.

— São só alguns dias — disse eu, desejando não ter que fazer aquilo no telefone. — Vamos voltar assim que encontrarmos o Nick.

Jenks emitiu um som rude e eu afastei os olhos da planta.

— Desde quando é que faz parte dos planos ir buscar o Nick? — perguntou, o rosto jovem marcado pela raiva. — Viemos buscar o Jax. Já temos ele. Partimos amanhã.

Surpreendida, os meus olhos se abriram.

— Hum, Kist, te ligo mais tarde, sim?

Kisten suspirou, sendo óbvio que tinha ouvido Jenks.

— Claro — disse, parecendo resignado com o fato de eu não voltar enquanto Nick não estivesse seguro. — Falamos mais tarde. Te amo.

O meu coração saltou e voltei a ouvir as suas palavras na minha mente. Te *amo*. E amava. Eu sabia com todo o meu ser.

— Também te amo — disse baixinho. Podia ter sussurrado aquelas palavras e mesmo assim ele teria ouvido.

A ligação foi interrompida e eu desliguei o telefone. Precisava ser recarregado e, enquanto organizava as ideias para a discussão com Jenks que se aproximava, tirei o carregador da bolsa e ligue na tomada. Me virei, descobrindo Jenks de pé, na sua pose Peter Pan, as mãos nos quadris e os pés afastados. Tinha perdido a sua eficácia, agora que ele tinha um metro e noventa e três. Mas como ainda tinha a justa calça preta vestida, podia se colocar em qualquer posição que desejasse.

Rex estava no chão, pestanejando sonolenta, com os seus inocentes olhos de gatinha. Jax aproveitou a oportunidade para voar para a cozinha, pousando em um dos copos de plástico, ainda nas suas mangas de celofane. De olhos muito abertos, nos observava entre mordidas naquela mistura asquerosa de pólen de abelha e xarope de bordo que o pai lhe tinha feito quando mal havíamos chegado.

— Não vou partir sem o Nick — disse, obrigando o meu maxilar a descerrar-se. *Ele não me deixou. Ele pensava que eu tinha morrido. E precisa de ajuda.*

O rosto de Jenks assumiu uma expressão mais dura.

— Ele atraiu o meu filho para longe. Ensinou ele a ser um ladrão e nem sequer o ensinou a ser um bom ladrão. Ensinou a ser um ladrãozinho de meia tigela que foi apanhado!

Hesitei, não sabendo ao certo se estava chateado por causa da parte de ser ladrão ou da parte de ser um mau ladrão. Decidindo que não interessava, assumi a minha própria pose de Peter Pan, apontando agressivamente para o estacionamento.

— Aquele furgão não vai rumo ao sul enquanto não estivermos *todos* no seu interior.



Da cozinha, Jax agitou as asas ruidosamente, chamando a nossa atenção.

— Eles vão matá-lo, pai. Está muito maltratado. Eles querem aquela coisa e vão continuar a espancá-lo até ele dizer onde está, caso contrário o matam.

Virando-se, Jenks pegou em *Rex* quando o pequeno predador compreendeu onde estava Jax e começou, mais uma vez, a avançar na sua direção.

— Querem o quê? — perguntei, desconfiada.

Jax parou, o braço esticado na direção de mais um pedaço de pólen de abelha e xarope.

— Hum... — gaguejou, agitando as asas, em movimentos hesitantes e esborrados.

Diante da sua reação, me deixei cair de novo na cadeira e fixei os olhos no teto.

— Ouve — disse, as pernas esticadas e cansada. — O que quer que tenha acontecido, aconteceu. Jenks, lamento que esteja zangado com o Nick e, se quiser ficar aqui sentado vendo televisão enquanto eu salvo o traseiro do Nick, não pensarei menos de você — os seus dedos, que acariciavam *Rex*, pararam e eu soube que tinha tocado em um ponto fraco. — Mas o Nick salvou a minha vida — continuei, cruzando as pernas, enquanto uma sensação de culpa me atravessava. *Ele salvou a minha vida e eu me enrosquei com o primeiro cara que mostrou qualquer interesse.* — Não posso virar as costas para ele.

Jenks se abanava, para trás e para frente, a sua necessidade de se mexer era óbvia e estranha, agora que estava tão grande e usava aquela calça justa, muito perturbador. Desejando que ele vestisse qualquer coisa por cima, puxei debaixo da caixa de pizza um mapa da zona que tinha trazido da recepção do motel. O estalar do papel me fez pensar em Ivy e a minha preocupação aumentou. *A Skimmer estava dormindo lá?*

Skimmer era advogada de Piscary, vinha da Costa Oeste e foi a melhor do seu ano, se sentindo francamente confortável para utilizar a manipulação para obter o que queria. Ivy não queria um estilo de vida vampírico, mas Skimmer não se importava. Queria Ivy e, se o que Kisten disse era verdade, não tinha qualquer problema em usar o estado mental de Ivy para consegui-la. Só isso era suficiente para me fazer odiar aquela mulher tão inteligente.



Não me surpreendeu descobrir que Skimmer era responsável por parte dos problemas de Ivy. As duas tinham, sem dúvida, passado por uma fase louca, construindo para si mesmas uma reputação como sedentas sugadoras de sangue, algo que misturavam com sexo violento. Não era de admirar que Ivy tivesse entrelaçando as emoções geradas pelo amor e pelo êxtase do consumo de sangue, de tal forma que essas vontades tivessem tornado uma só. Nessa altura, ela estava vulnerável e só, pela primeira vez na sua vida, com Skimmer evidentemente mais do que disposta a ajudá-la a explorar as técnicas de consumo de sangue que Ivy adquiriu enquanto Piscary havia estado na sua mente. Era provável que Piscary tivesse planejado tudo aquilo, o filho da mãe.

Para um vampiro, não era um problema que o derramamento de sangue fosse uma forma de mostrar o seu amor por alguém. Mas, aparentemente, Piscary torceu a situação de tal forma que, quanto mais fortes fossem os sentimentos amorosos de Ivy, mais selvagem ela se tornava. Piscary podia aguentar — raios, foi ele quem a transformou no que ela era, — mas Kisten tinha deixado e não me surpreenderia se Ivy tivesse matado alguém que amava em um momento de paixão. Isso explicaria o fato de ter se empedido de consumir sangue durante três anos, tentando separar os seus sentimentos amorosos da sua sede de sangue. Me perguntei se eu teria conseguido e, depois, me perguntei em que tipo de inferno Ivy vivia, um mundo onde quanto mais amava alguém, mais probabilidades tinha de machucar essa pessoa.

Skimmer não tinha problemas em mostrar o profundo afeto que sentia por Ivy e, embora fosse óbvio que Ivy também a amava, Skimmer representava tudo aquilo a que ela estava tentando fugir. Quanto mais frequente fosse o compartilhamento de sangue com a sua antiga amante, maior a possibilidade de ser atraída para os hábitos antigos, para hábitos selvagens de consumo de sangue, que se voltariam contra ela, violentamente, caso tentasse amar alguém que não fosse tão forte quanto ela.

E eu tinha vindo embora, sabendo que era provável que Skimmer se aproximasse ainda mais. Deus, não devia ter saído daquela forma.

São só alguns dias, disse a eu mesma, colocando a caixa de pizza no chão e acendendo o abajur sobre a mesa.



— Jax — eu disse, esticando o mapa e empurrando a planta de Jenks, em recuperação, para os limites da mesa. — Disse que tinham levado ele para uma ilha. Qual?

Talvez ele ainda me ame. Será que ainda o amava? Será que alguma vez tinha amado ele de verdade? Ou será que só tinha amado o fato de ele me aceitar?

A minha pulseira deslizou sobre o mapa e Jax voou para mais perto e pousou, trazendo até mim o odor amargo do xarope de bordo.

— Para esta, menina Morgan — respondeu com a sua voz aguda. Caíram migalhas de pólen e eu as soprei para longe, quando Jax se ergueu no ar e foi sentar no abajur que se encontrava sobre a mesa. Pelo canto do olho vi Jenks estremecer. Não podia fazer aquilo com um *píxy* mal treinado. Precisava do Jenks.

Percorrendo com os dedos a grande ilha no áspero, me senti como Ivy, rodeada de mapas e marcadores, planejando uma missão. Os meus movimentos se tornaram mais lentos e a minha visão desfocada. Compreendi, de imediato, que esse motivo não ocorria uma necessidade de ser organizada. Era uma fachada para disfarçar os seus sentimentos de inadequação.

— Maldição — sussurrei.

Aquilo não era nada bom. Ivy era muito mais frágil do que dava a entender. Era uma vampira, moldada desde o nascimento a olhar para alguém em busca de orientação, mesmo sendo capaz de obter a atenção de uma sala toda apenas com a sua entrada e poder partir o meu pescoço quase sem pensar.

Dizendo a eu mesma que, naquele momento, Nick precisava mais de mim do que Ivy, para manter a sanidade, afastei as preocupações e fitei a ilha onde, segundo Jax, se encontrava Nick. De acordo com o panfleto de pesca que trouxe da recepção, a ilha Bois Blanc tinha estado dividida por vários proprietários antes da Viragem. Uma matilha de animalomens bastante grande tinha comprado todos os terrenos um pouco depois, transformando a grande ilha em uma espécie de reserva de *caça/spa*. Entrar sem ser convidado não era muito boa ideia.

A tensão tornou a minha pulsação mais acelerada quando Jenks pousou *Rex* na cama e se aproximou mais, surgindo como uma mescla de adolescente angustiado e pai preocupado. Inspirando fundo, disse, sem erguer os olhos do mapa:

— Preciso da sua ajuda, Jenks. Farei sem apoio, se tiver de ser. Mas sempre que faço, as coisas correm mal. É o melhor operacional que conheço, sem contar com a Ivy. Por favor? Não posso deixá-lo ali.

Jenks foi buscar na cozinha uma cadeira, arrastando ela sobre o carpete, e se sentou ao meu lado para poder ver o mapa na sua direção correta. Olhou de relance para Jax, pousado no abajur, o pó de *pixy* se erguendo no ar devido ao calor da lâmpada. Ainda não conseguia perceber se ele ia ajudar ou não.

— O que é que vocês, os dois foram apanhados fazendo, Jax? — perguntou.

As asas do *pixy* se transformaram em um borrão e a quantidade de pó que se soltava dele aumentou.

— Vai ficar zangado — as suas feições minúsculas estavam assustadas. Fazia pouca diferença que em termos *pixies* já fosse um adulto, para mim parecia ter oito anos.

— Eu já estou zangado — disse Jenks, soando como o meu pai quando optei por ficar uma semana de castigo em vez de lhe explicar o motivo por que tinha sido banida do ringue de patinagem local. — Fugir com um ladrão sem asas como aquele! Jax, se queria uma vida mais excitante do que a de um jardineiro, porque não me disse? Podia ter te ajudado, podia ter te dado as ferramentas que necessita.

De sobrelhas erguidas, me afastei da mesa. Eu sabia que não tinha sido a SI que ensinou Jenks, às habilidades para que ele tivesse conseguido um lugar junto com eles, mas aquilo era inesperado.

— Nunca fui um ladrão — ele disse, me dirigindo um olhar rápido. — Mas sei coisas. Aprendi da forma mais difícil, mas com o Jax não tem que ser assim.

Jax se remexeu, assumindo uma posição defensiva.

— Eu tentei — disse, com a voz sumida. — Mas você queria que eu fosse um jardineiro. Não queria te decepcionar, por isso foi mais fácil partir.

Jenks ficou cabisbaixo.



— Lamento — ele disse, fazendo com que eu desejasse estar em qualquer outro lado.

— Só queria que estivesse seguro. Não é uma vida fácil. Olha para mim; estou repleto de cicatrizes e velho; se não tivesse o jardim, agora seria um inútil. Não é isso que quero para você.

Agitando as asas até que elas se tornaram um borrão, Jax desceu do abajur e parou na frente do pai.

— Metade das suas cicatrizes foram obtidas no jardim — objetou. — Aquelas que quase te mataram. As estações me fazem pensar na morte, não na vida, um ciclo lento significa nada. E, quando o Nick me pediu ajuda, disse que sim. Não queria cuidar das suas plantas idiotas, queria ajudá-lo.

Olhei de relance para Jenks, em simpatia. Ele parecia estar morrendo por dentro, vendo o filho desejando o que ele tinha e sabendo quão difícil isso seria.

— Pai — disse Jax, se erguendo no ar, até Jenks estender uma mão para que ele pudesse pousar. — Sei que você e a mãe só querem que eu esteja em segurança, mas os jardins não são seguros, são apenas locais mais convenientes para morrer. Quero sentir a excitação da ação. Quero que todos os dias sejam diferentes. Não espero que compreenda.

— Compreendo mais do que pensa — disse ele, as suas palavras fazendo abanar as asas do filho.

Rex se aproximou, sorrateiramente, da caixa de pizza, roubou uma borda e correu para a cozinha. Deitou-se, roendo como se fosse um osso e nos observando com os seus olhos grandes, negros e maus. Vendo-a, Jenks inspirou fundo e a tensão me fez endireitar. Ele tinha decidido me ajudar.

— Diga o que é que vocês dois foram pegos fazendo. Concordo em ajudar o Nick sob duas condições.

Senti a pulsação mais rápida e dei por mim batendo com o lápis na mesa.

— Quais são? — perguntou Jax, um saudável toque de cautela mesclado de esperança.

— Primeira, que não aceite mais nenhum trabalho antes de eu ter te dado as ferramentas que te permitirão manter as asas intactas. O Nick é perigoso e não quero que ele se aproveite de você. Posso ter criado um agente, mas não criei um ladrão.

O pó de *pixy* caía de Jax enquanto o pequeno olhava para o pai, para mim e de novo para o pai, com os olhos abertos de espanto.

— Qual é a outra?

Jenks se encolheu, as orelhas assumindo um tom avermelhado.

— Que não diga nada à sua mãe.

Impedi uma gargalhada ao mesmo tempo.

As asas de Jax se transformaram em um borrão de movimento.

— Tudo bem — ele disse e um choque de adrenalina me fez olhar de novo para o mapa. — Eu e o Nick fomos contratados por uma matilha de animalomens. Esses caras.

Jax saltou da mão de Jenks e pousou na ilha, transformando a minha excitação em inquietude.

— Eles queriam uma estátua — disse Jax. — Nem sequer sabiam onde estava. O Nick invocou um demônio, pai — O pó de *pixy* que o rodeava fazia com que parecesse estar sob um raio de Sol. — Ele invocou um demônio e o demônio disse onde é que ela estava.

Muito bem. Agora estava oficialmente preocupada.

— O demônio apareceu sob a forma de um cão e se transformou em um cara vestido de veludo verde e com óculos escuros? — perguntei, pousando a caneta e envolvendo o corpo com os braços. *Porquê, Nick? Porque é que anda brincando com a sua alma?*

Jax abanou a cabeça, os olhos verdes muito abertos e assustados.

— Apareceu com a sua forma, menina Morgan. O Nick ficou furioso e gritou com ele. Pensávamos que estava morta. Não era o Grande Al. O Nick disse que não era.

O meu alívio inicial se transformou em profunda preocupação. Um segundo demônio. Aquilo estava ficando cada vez melhor.

— E depois? — sussurrei.

Rex saltou para o colo de Jenks, quase me provocando um ataque cardíaco, pois pensei que ia se atirar em Jax. Como é que Jenks sabia que não era essa a sua intenção, era algo que eu não entendia.

O pó de *pixy* se erguia de Jax e caía.

— O demônio, hum, levou o que tinham acordado e disse a Nick onde estava a estátua. Encontrava-se na posse de um vampiro em Detroit. É mais antiga que sei lá o quê.

Me perguntei, porque haveria um artefato animalomem na posse de um vampiro? Olhei de relance para Jenks, cujas as mãos impediam *Rex* de cair enquanto ela limpava as orelhas, de forma atrapalhada.

Jenks juntou as sobrancelhas, as suas feições suaves tentando se enrugar, mas não conseguindo.

— O que é que ela faz, Jax? — ele disse, me chocando uma vez mais com o contraste entre o seu rosto jovem e o tom da sua voz. Parecia ter dezoito anos; soava como se tivesse quarenta e uma pesada hipoteca.

Jax corou.

— Não sei. Mas conseguimos ela sem problemas. O vampiro tinha sido morto por uma estaca no século passado e a estátua se encontrava ali, esquecida.

— Então, encontraram ela — insinuei. — Então, qual é o problema? Porque é que o estão machucando?

Diante daquelas perguntas, Jax levantou voou. Os olhos de *Rex* ficaram negros, com a excitação da caça e Jenks a acalmou, os dedos perdidos no seu pelo laranja.

— Hum — disse o *pixy*, na sua voz aguda. — O Nick disse que aquilo não era o que eles tinham dito que era. Uma outra matilha descobriu o que ele tinha e fez uma oferta melhor, o suficiente para pagar o que a primeira matilha já lhe tinha adiantado para financiar o roubo, mais uma grande soma.

Jenks parecia enjoado.

— Filho da mãe ganancioso — murmurou, de maxilar cerrado.

Inspirei, me sentindo infeliz, me encostando na cadeira e cruzando os braços sobre o peito.

— Então, ele vendeu o artefato à segunda matilha e a primeira não ficou muito feliz com isso?

Jax abanou a cabeça, com solenidade, descendo suavemente até os seus pés pousarem no mapa.

— Não. Ele disse que nenhuma das duas devia ficar com o artefato. Íamos partir para a Costa Oeste. Ele conhecia um cara que estava disposto a dar uma nova identidade a ele. Ia nos pôr em segurança, depois devolveria o dinheiro à primeira matilha e deixaria tudo isso para trás.

O meu rosto se fechou em um franzir de sobrancelha. Certo. Ia se colocar em segurança e depois vender o artefato na Internet, a quem fizesse a oferta mais alta.

— Jax, onde é que está o artefato? — perguntei, começando a ficar irritada.

— Ele não me disse. Um dia estava aqui, no seguinte tinha desaparecido.

Em um movimento súbito, *Rex* saltou para cima da mesa. Senti uma descarga de adrenalina, mas Jax se limitou a esfregar as asas uma na outra, emitindo um som persuasivo e a gatinha se aproximou, calmamente.

— Mas não está na nossa cabine — disse o pequeno *pixy*, se erguendo debaixo do maxilar da gata e esticando-se para passar os dedos debaixo do seu queixo. — Viraram do avesso — saindo de entre as patas de *Rex*, Jax me fitou, olhos nos olhos, com uma expressão assustada. — Não sei onde está e o Nick se recusa a dizer. Não quer que eles se apoderem dela, menina Morgan.

Filho da mãe ganancioso, pensei, me perguntando porque seria tão importante para mim saber se ele me amava ou não.

— Então, onde está o dinheiro deles? — perguntei. — Talvez seja só isso que eles querem e depois o soltem.

— Eles o levaram — Jax não parecia feliz. — Levaram o dinheiro na mesma na hora em que o levaram a ele. Querem a estátua. Não querem saber do dinheiro.

Pousei a mão na mesa para atrair *Rex* até mim, mas tudo o que ela fez foi cheirar as minhas unhas. Jenks passou uma mão esguia sob a barriga dela para a pôr no chão, onde ela se deixou ficar e olhar para ele.

— E é aqui que estão? — perguntou Jenks, a minha atenção, seguindo a dele até ao mapa.

Jax abanou a cabeça.

— Sim. Posso mostrar a vocês exatamente aonde.

Os meus olhos se cruzaram com os de Jenks e trocamos um olhar silencioso. Aquilo ia demorar mais tempo do que uma simples operação de resgate e fuga.

— Muito bem — disse eu, perguntando se haveria uma lista telefônica no quarto. — Vamos ficar aqui mais uma noite, provavelmente até ao final da semana. Jax, quero saber tudo.

Jax se ergueu no ar, voando quase até ao teto.

— Tudo bem! — gritou e Jenks o fitou.

— *Você* vai ficar aqui — ele disse, o tom carregado de controle paternal, embora ele próprio parecesse um garoto. Tinha os braços cruzados e a determinação nos seus olhos teria feito um buldogue se afastar do seu osso.

— O inferno é que... — Jax emitiu um grito sobressaltado quando Jenks o agarrou no ar.

Os meus olhos se abriram. Não sabia com que é que Jenks estava tão preocupado. Não tinha se tornado nem um pouco mais lento.

— Você vai ficar *aqui* — ladrou. — Não quero saber que idade tem, ainda é meu filho. Está muito frio para que possa ser eficaz e, se quere que eu te ensine qualquer coisa, as aulas começam agora — largou Jax e o *pixy* ficou a pairar, no mesmo lugar onde Jenks o soltou, parecendo assustado. — Tem que aprender a ler antes de poder te levar comigo — murmurou Jenks.

— Ler! — exclamou Jax. — Eu me safo bem.

Me sentindo desconfortável, levantei, espreguicei e abri as gavetas até ter encontrado as páginas amarelas. Queria ficar e conhecer os meus recursos, tendo em consideração que estávamos longe de Cincinnati. Uma ilha, por amor de Deus?

— Não preciso saber ler! — cuspiu Jax.

— O diabo é que não precisa — disse Jenks. — Quer essa vida? A escolha é sua. Vou te ensinar o que sei, mas você vai merecê-lo.

Me sentei na cabeceira da cama, de forma que conseguisse ver eles, enquanto folheava as páginas amarelas. Era a lista do ano anterior, mas as coisas não mudavam muito depressa nas cidades pequenas. Suavizei quando descobri um número considerável de lojas de magia. Eu sabia que devia haver uma população de bruxas residentes aproveitando as fortes linhas Ley da zona.

A raiva de Jenks desapareceu tão depressa como tinha surgido e, de forma mais suave, disse:

— Jax, se soubesse ler, poderia ter nos dito onde estava. Poderia ter apanhado o primeiro ônibus para Cincinnati e estaria em casa antes do pôr-do-sol. Quer saber como abrir fechaduras? Adulterar câmeras de vigilância? Contornar sistemas de segurança? Me mostra o quanto deseja, aprendendo em primeiro lugar o que mais irá te ajudar.

Jax franziu a sobancelha, descendo lentamente, até os seus pés pousarem em um poça crescente de pó de *pixy* cintilante.

— Anda — Jenks pegou no lápis que eu deixei sobre a mesa e se inclinou sobre o mapa. — O teu nome se escreve assim — mais alguns momentos de silêncio. — E este é o alfabeto — franzi a sobancelha diante do estalo seco do lápis sendo partido e Jenks entregou a ponta de grafite a Jax.

— Lembra da canção? — perguntou. — Cante ela enquanto pratica as letras. E L-M-N-O-P não é uma letra, mas cinco. Levei uma eternidade para perceber isso.

— Pai... — gemeu Jax.

Jenks se levantou, inclinando o abajur para iluminar melhor o mapa.

— Existem quinze fabricantes de fechaduras nos Estados Unidos. Não será melhor saber qual deles está tentado arrombar antes de atirar você e ao seu parceiro para a eternidade?

Emitindo um ruído agudo com as asas, Jax começou a escrever.

— Desenha as letras tão grandes como os teus pés — disse Jenks, enquanto se aproximava para ver quais os meus progressos com a lista telefônica. — Ninguém conseguirá ler o que escreveu a menos que o faça, e a ideia é essa.

Com os olhos cheios de culpa, Jenks se sentou ao meu lado e eu mudei de posição para não deslizar contra ele. Da mesa ao lado da porta, se erguia a canção do alfabeto, mais se parecendo com um hino de morte.

— Não se preocupe, Jenks — eu disse, observando *Rex* que o seguiu para cima da cama e se aproximava dele com pequenos saltos sobre a colcha. — Ele vai ficar bem.

— Eu sei que vai — Jenks me respondeu, a preocupação instalando-se nos seus olhos. *Rex* se instalou no seu colo e ele baixou o olhar. — Não é com ele que estou preocupado — disse baixinho. — É com você.

— Comigo? — ergui os olhos das páginas que ia virando.

Jenks se recusava a erguer os olhos da gatinha, uma mancha laranja no seu colo.

— Só tenho um ano para lhe ensinar tudo, de forma que tenha apoio quando eu partir.

Oh, Deus!

— Jenks, não é um pacote de leite com prazo de validade. Está com ótimo aspecto...

— Não diga nada — disse ele, suavemente, os olhos fixos nos seus dedos macios, concentrados no pelo de *Rex*. — Tenho, na melhor das hipóteses, mais um ano tolerável. Quando acabar, será rápido. Não faz mal. Quero garantir que fique bem e, se ele estiver trabalhando com você, não se sentirá tentado fazer qualquer coisa idiota com o Nick.

Engoli em seco, obrigando o aperto que sentia na garganta a descender. Não o tinha trazido de volta só para voltar a perdê-lo.

— Maldição, Jenks — eu disse, enquanto Jax recomeçava a canção do alfabeto. — Tem que haver um feitiço ou um encantamento...

— Não há — por fim, os seus olhos se fixaram nos meus. Estavam repletos de uma profunda amargura, com um toque de raiva. — É assim que funciona, Rachel. Não quero te deixar indefesa. Deixa que faça isso. Ele não vai te decepcionar e eu me sentirei melhor sabendo que não vai estar trabalhando para o Nick ou alguém como ele.

Infelicíssima, me sentei ao lado dele, querendo lhe dar um abraço ou chorar no seu ombro, mas, com exceção daquela vez na frente de Terri, no supermercado, ele saltava sempre que eu lhe tocava.

— Obrigada, Jenks — disse, virando as páginas da lista telefônica antes que ele conseguisse ver os meus olhos repletos de lágrimas. Não havia nada que eu pudesse dizer que não fizesse com que nos sentíssemos pior.

A forma como Jenks tocava no pelo de *Rex* mudou, sendo óbvio que queria mudar de assunto.

— Que acha sobre os alugueis de barcos?

Inspirando fundo, me concentrei nas letras borradas pelo tempo.

— Bem, mas isso coloca a questão do barulho — ele me fitou, com o olhar vazio, e eu acrescentei — Seria tolo pensar que eles não vigiam as águas e não podemos propriamente levar um barco até à praia sem esperar que nos vejam. Mesmo durante a noite seria muito ruidoso. O som sobre a água é bem audível.

— Podíamos ir a remos — ele sugeriu e eu lhe dirigi um olhar sério.

— Hum, Jenks? Não se trata de um lago, são águas oceânicas. Viu o tamanho daquele cargueiro que passou por baixo da ponte? As ondas geradas por ele seriam suficientes para nos virar. Não vou atravessar de canoa, a menos que o seu nome seja Pocahontas. Além disso, a luz ambiente bastaria para revelar a nossa posição, esteja na Lua no início do quarto crescente ou não. Ficar esperando que haja nevoeiro seria ridículo.

Jenks fez uma careta, olhando para Jax e pigarreando para que o filho recomeçasse a cantar.

— Quer ir voando? Perdi as asas.

— Vamos nadando — avancei algumas páginas. — Debaixo d'água.

Jenks pestanejou.

— Rachel, tem de parar de usar esses substitutos de açúcar. Debaixo de água? Faz ideia do frio?

— Me escuta — encontrei a página e, depois de tirar *Rex* do colo dele, coloquei na sua frente à lista telefônica aberta. Era a minha vez de segurar a gata. Ela se contorceu e



esperneou, mas acabou se acalmando quando o calor das minhas mãos a cobriu. — Vê — disse, encantada quando *Rex* começou a bater com a pata nos amuletos que pendiam da minha pulseira. — Fazem excursões subaquáticas a destroços, utilizando encantamentos para que os turistas não morram congelados. Apesar da corrente, as águas são bastante límpidas e, como esses não pertencem ao Estado, podemos tirar o que quisermos dos destroços. É uma espécie de caça ao tesouro para pobres.

Jenks fungou.

— Nunca nadei e, a menos que tenha feito umas aulas sem que eu soubesse, você não sabe mergulhar.

— Não importa — apontei para o anúncio de meia página. — Vê? Eles têm licença para aceitar pessoas sem experiência. Já ouvi falar dessas coisas. Ensinam o básico, para que a pessoa não se mate, depois levam ela para o passeio com um guia. Depois de assinada a autorização, eles ficam livres de qualquer responsabilidade com exceção da negligência grosseira.

Erguendo as sobrancelhas, Jenks me fitou.

— Negligência grosseira? Como perder dois mergulhadores? Não acha que vão reparar se não regressarmos ao barco?

Os meus dedos se moveram mais depressa por entre o pelo de *Rex* e ela me fitou com o seu doce focinho de gatinha.

— Bem, não ia tentar fugir deles. Eu, hum, ia falar com o dono. Talvez se conseguisse arranjar qualquer coisa.

Jenks olhou para o filho que pairava, literalmente, sobre o seu trabalho, e depois para mim.

— Confiaria em um humano para manter a boca fechada?

— Deus, Jenks. Quer que os deixe inconscientes e lhes roube as coisas?

— Não — disse ele, mas a rapidez da sua resposta me deu a perceber que era exatamente isso que ele pensava. Suspirando, Jenks franziu a sobrancelha. — Digamos que fale com o dono e que ele decide te ajudar a realizar esta proeza. Como pensa em voltar ao continente com Nick?



É, havia isso.

— Talvez ele nos permita um oxigênio e outro equipamento a mais para que possamos nadar todos de volta. Se não conseguirmos chegar ao continente, podemos ir até à ilha Mackinac. Ouve, quase dá para ir andando, debaixo d'água, de uma para a outra. Dali podemos apanhar o ferry para qualquer das margens dos estreitos, ajudando a confundir o nosso rastro — feliz comigo mesma, afastei do rosto uma mecha de cabelo.

Jenks se levantou, pousando a lista telefônica na cama, ao meu lado.

— Esse plano tem muitos “se”.

— O plano é um grande “se” — admiti. — Mas não temos tempo para gastar em uma semana de reconhecimento e, se começarmos a fazer perguntas, vão perceber que estamos aqui. É a nossa melhor hipótese de entrarmos na ilha sem sermos detectados. E prefiro fazer a minha fuga por baixo d'água do que por cima dela, o que lhes permitiria nos seguir. Podemos emergir em qualquer ponto da costa e desaparecer.

Jenks fungou.

— Mas que James Bond me saíu. E se o Nick estiver tão maltratado que não seja capaz de nadar?

Senti um indício de preocupação.

— Nesse caso, roubamos um barco. Trata-se de uma ilha; eles devem ter barcos. Não é uma má ideia. Podemos seguir de barco até Toledo se for preciso. Se tiver uma ideia melhor, sou toda ouvidos.

Jenks baixou a cabeça e abanou.

— A missão é sua. Diga o que quer que eu faça.

A onda de alívio inicial que senti ao ter a certeza de que Jenks me iria ajudar foi de curta duração, se dissipando mal comecei a fazer uma lista mental do que tínhamos que fazer para nos prepararmos.

— Novas poções “hora de dormir” — murmurei, os meus dedos embalando Rex no seu sono, enquanto Jenks ia ver o progresso de Jax. — Um mapa sério. E precisamos de nos equipar como turistas; falar com os pescadores locais enquanto bebemos um café e

descobrir quais os padrões dos movimentos dos barcos que vão e vêm de Bois Blanc. Quer ser você a fazer isso? Você gosta de falar.

— Pelas cuecas da Sininho, começa a se parecer com a Ivy — se queixou Jenks, em tom relaxado, se inclinando sobre a mesa e apontado um erro a Jax. Pestanejei, depois afastei os olhos da imagem do seu belo traseiro de dezoito anos, coberto apenas pelas calças de lycra pretas. *É um pixy casado... era o meu novo mantra.* — E isso não é necessariamente uma coisa má — acrescentou, endireitando-se.

Olhei para o telefone do hotel, desejando saber se as empresas de mergulho já estariam abertas ou se teríamos que esperar pela abertura alta temporada, dentro de uma semana, mas me deixei ficar onde estava, com *Rex*. O mais certo era que se tratasse de uma empresa gerenciada por humanos, pelo que estaria encerrada durante a noite.

— Não podemos cometer erros, Jenks — disse, sentindo todo o corpo gelado, com exceção do local onde *Rex* estava deitada. — A vida de Nick pode depender disso.



CAPÍTULO 11

O vento era frio apesar do sol forte da manhã e eu semicerrei os olhos para o horizonte, me agarrando aos lados do barco, enquanto avançávamos para o local dos destroços. Jenks estava sentado ao meu lado, na cabine protegida do vento, simultaneamente maravilhado e chocado com o fato de conseguir ver a sua respiração e não estar morrendo de frio. Quando estávamos na doca não parecia estar tanto frio, mas ali o ar estava gelado e a água ainda mantinha o frio do gelo, mesmo através da roupa de mergulho. *Quando raios é que iam nos dar os amuletos de aquecimento?*

— Tudo bem? — perguntou Jenks, a voz alta devido ao ruído do motor.

Acenei, fitando as suas mãos, vermelhas do frio, que envolviam o copo de café, com tampa, tentando arrancar dele algum calor, enquanto pulávamos sobre as ondas fortes que o vento agitava. Ele parecia nervoso, ainda que eu não soubesse porquê. Tinha se saído bem na piscina de treino no dia anterior. Dei uma palmadinha no joelho e ele saltou. Me encolhendo, virei para fitar os outros passageiros: alunos do liceu em uma visita de estudo.

Tínhamos tido sorte no dia anterior. O meu telefonema para o Centro Marshal de Mergulho aos Destroços de Mackinaw nos beneficiou com uma tarde de treino na piscina

do liceu e um lugar no barco no dia seguinte. Ainda não consegui falar com o capitão Marshal e já me restava pouco tempo. O homem, cujo emprego fixo era dar aulas de natação no liceu, tinha sido muito simpático, entrando na água e avançando lentamente com Jenks, até ele aguentar mais do que a água pelos joelhos, mas sempre que eu tentava falar com ele sobre o verdadeiro motivo por que queríamos fazer aquela viagem, alguém, normalmente a sua assistente, nos interrompia. Em um ápice, a aula chegou ao fim e Marshal partiu, sem que eu tivesse conseguido mais do que uma boa olhada no seu corpo coberto apenas por uns *Speedo* e um sério problema de gaguejo, enquanto tentava chamar a sua atenção e obter a sua ajuda. O mais certo era que o cara pensasse que eu não passava de uma ruiva excêntrica. Era, sem dúvida, o que Debbie, a sua assistente, pensava.

Aquela era a primeira viagem da época, sendo já tradição que fosse utilizada para levar a equipe de mergulho do liceu para visitar os destroços, para ver o que as tempestades de inverno tinham aberto antes que as correntes o escondessem de novo. Sexta-feira, altura da chegada dos primeiros *fudgies*, já todos os itens verdadeiros estariam recolhidos e as réplicas de pregos e botões estariam nos seus lugares deixadas para os turistas. Ético? Não sei. Seria muito decepcionante gastar todo aquele dinheiro e não ter nada para mostrar, mesmo que fosse falso.

Com o seu físico jovem, Jenks se integrava bem, ficando bem na roupa de mergulho alugada e no gorro de malha vermelho típico da região, puxado até às orelhas. As faces vermelhas do frio, deu um gole no café, tão cheio de açúcar que adquirira a consistência de um xarope. *Deus, estava tão bom que desejava dar uma mordida*, pensei; depois corei e cruzei as pernas, embora isso dificultasse o meu equilíbrio.

— Quer um pouco de café com o seu açúcar, Jenks? — perguntei e ele ficou imóvel quando uma onda nos fez mergulhar.

— Vai perguntar ao capitão *Speedo* antes ou depois de estarmos dentro de água? — respondeu Jenks.

Dei um pequeno tapa na perna dele, para libertar um pouco da tensão. Dessa vez, não saltou e eu me senti melhor, não me importando com o fato de ele estar me dirigindo um sorriso silencioso.

Enquanto Jenks zombava, me virei para Marshal. O capitão tinha estado me observando pelo canto do olho desde que subímos a bordo. Ao contrário de nós, que seguíamos já com as nossas roupas de mergulho, ele usava apenas os seus *Speedo* pretos e uma jaqueta vermelha, as pernas nuas e razoavelmente musculosas repletas de pele arrepiada. Era óbvio que o cara estava com frio, mas era muito macho para admitir. Me segurando diante das ondas que nos agitavam, abri a boca para atrair a sua atenção, mas Debbie chamou e arrastou ele para longe, outra vez.

Maldição. Voltei a me enterrar no lugar. O que inferno havia de errado comigo?

Obrigando a minha respiração acalmar, esperei que a assistente dele acabasse de lhe fazer uma pergunta qualquer de vital importância. O Sol brilhava, belo, sobre a água e eu dei por mim pensando que aquilo não eram horas para estar ali, nem sequer eram horas para estar acordada. Jenks estava ótimo, já que muitas vezes acordava antes do nascer do Sol e eu podia ouvi-lo murmurar “Nove e quarenta e oito, nove e quarenta e oito”, em uma tentativa de acertar o seu relógio interno. O roncar do motor começava a me embalar para um estado de sonolência, apesar da cafeína e da cesta que Jenks me obrigou a fazer no dia anterior.

Tentando não bocejar, me endireitei, deixando que a mão deslizasse para a bolsa que trazia na cintura e onde guardei os meus amuletos e a arma de bolas explosivas, em segurança no interior de sacos com fecho hermético. Uma boa parte do dia anterior tinha sido passada na cozinha quase inútil. Comprei um recipiente de cobre descartável em uma loja de preços baixos e Jenks usou o xarope de bordo como moeda de troca por todos os outros itens que eu necessitava para fazer os amuletos “hora de dormir” e os feitiços para disfarçar odores.

O mais difícil de encontrar foi a loja de artigos para *paintball*, que se situava “à esquerda de onde ficavam os antigos correios, depois da igreja batista que queimou em 75 e à direita da rotatória da quinta Higgin. É impossível não a encontrar.”

Entre a aula de mergulho do dia anterior, o esforço realizado para conseguir mais detalhes de Jax, às seis horas fazendo feitiços e as três horas que passamos no forte de

Mackinaw nos fazendo de turistas, me sentia mentalmente e fisicamente cansada. Mas a coisa mais estranha, de longe, tinha sido observar Jenks ensinando Jax a ler.

O pequeno *pixy* estava aprendendo mais depressa do que eu julgava possível. Enquanto eu fazia os meus feitiços, Jenks e Jax tinham assistido, se imagine, à Rua Sésamo; aparentemente, a música e os bonecos permitiam uma ligação direta com a mentalidade *pixy*. Uma canção em particular parecia ter entrado na minha mente, absorvendo, como um verme, no meu córtex cerebral, igual extraterrestre de um filme de ficção científica.

Percebendo que o meu pé começava a balançar ao ritmo da música, aquietei, me perguntando se passaria o resto do dia com a música na cabeça e o que é que o Elmo veria de errado naquela situação. A arma de bolas explosivas na bolsa que trazia na cintura? O *pixy* com mais de um metro e noventa, sentado ao meu lado? Escolhe, Elmo, e tente não rir.

A ilha de Bois Blanc começava a se tornar visível, o alto de um farol espreitando sobre as árvores e me deixando feliz por irmos nadando. Já tínhamos passado pela ilha Mackinac, sem trânsito de veículos, e a ponte enorme ficou para trás de nós, à esquerda, unindo as duas penínsulas através do estreito²⁵. O estreito, estendia-se ao longo de seis quilômetros. Um cargueiro transatlântico passava por baixo da ponte, mais parecendo um rato correndo sob uma cadeira.

A ponte era enorme e, de acordo com o folheto sob o meu hambúrguer, da noite passada, era apenas trinta centímetros mais baixa que Carew Tower, com as torres de apoio se erguendo cento e cinquenta metros em altura e se encontrando enterradas sessenta metros no leito rochoso. Era a terceira maior ponte suspensa do mundo, a mais comprida do hemisfério sul. Era um bicho grande, tendo reclamado as vidas de cinco homens durante a sua construção, o corpo de um deles jamais recuperado; cair na água depois de nos lançarmos do alto seria como cair em um estacionamento de concreto. Esperava encontrar algo assim em uma cidade grande, não na aldeia onde os alces e os lobos atravessavam o gelo no inverno.

²⁵ Estreito: é um canal de água que une dois corpos aquosos (oceanos, mares) e separa duas massas de terra.

Acordei quando o barulho do motor do barco se tornou mais baixo e o barco parou, se agitando enquanto as ondas que provocamos se revolviam debaixo de nós. Os seis caras que se empilhavam na parte de trás do barco lutavam uns com os outros, em uma exibição de virilidade destinada a Debbie, que envergava o sua própria roupa de mergulho. O peito dela parecia o da boneca Barbie, ao passo que o meu se assemelhava mais ao da sua irmã Skipper. Me perguntei se ela não seria o motivo pelo qual a maior parte daqueles sacos de hormônios babões tinham se juntado ao clube de mergulho.

— Deus, me sinto velha, Jenks — sussurrei, prendendo uma mecha ruiva atrás da orelha.

— Sim, eu também.

Maldição. Me perguntei se seria capaz de enfiar um pouco mais os pés pelas mãos. O vento pareceu mudar, enquanto o barco virava e Debbie prendeu a boia, com gestos experientes, e a lançou na água. Foi içada a bandeira de mergulho, o motor se silenciou e o nível de excitação cresceu.

— Mergulhadores, atenção! — disse Marshal, se erguendo para atrair a atenção de todos. — Procurem os seus guias. Eles entregarão os seus amuletos de aquecimento e se assegurarão de que estão funcionando, embora eu tenha a certeza de que ficariam cantando fininho mal caíssem na água, se não estivessem.

— Pode ter certeza, treinador — cantou um dos miúdos, em voz de *falsetto*, arrancando gargalhadas aos restantes.

— Quando estamos na água é capitão, espertinho — disse Marshal, olhando de relance para mim e para Jenks. — Debbie, você fica com os rapazes — disse, abrindo a jaqueta. — Eu levo o Sr. Morgan e a irmã.

Não me sentindo nada mal pela mentira que tínhamos inscrito no formulário, me levantei e comecei a sentir o nervoso miudinho.

— Quando quiser, Rachel — murmurou Jenks e eu dei um ligeiro pontapé nele.

Dois dos rapazes bateram as palmas, antes de se reunirem em redor da mulher com roupa de mergulho, enquanto ela afastava confortavelmente a sua exuberância. Ela conhecia todos pelo nome e aquilo parecia ser um jogo antigo. Senti a pulsação acelerar

quando a fila de oxigênios foi se tornando mais curta, à medida que elas iam sendo retirados do seu lugar e levadas para a parte de trás do barco. Todos pareciam saber o que fazer, até o cara que conduzia o barco até ali e que agora se instalava na proa, ao sol, com um jogo na mão.

— Menina?

Saltei, recuperando a atenção e descobrindo o peito do capitão Marshal na frente dos meus olhos. Meu Deus, como ele era alto. E tão, tão... Pelado. Completamente pelado. Nem um sinal de pelo manchando a sua pele cor de mel. Também não tinha barba. Nem bigode. Nem sobrancelhas, o que me tinha perturbado, até ter compreendido que, como muitos nadadores profissionais, o mais certo era que usasse uma poção para tira-los. Os encantamentos da terra não são muito específicos, tirando *tudo*, o que pode parecer uma boa ideia, mas não é, a menos que a pessoa não se importe de ficar careca. Em todo o lado.

O capitão sorria, os olhos castanhos na expectativa. O cara devia estar nos vinte e muitos, a julgar pelas pernas musculosas e bem definidas e pelos abdominais que se empilhavam acima dos *Speedo*. Careca era uma coisa boa, no caso do Marshal, concluí. Pernas bem definidas, ombros largos e no meio era nham-nham, bom. Além disso, era um bruxo com o seu próprio negócio. *A minha mãe ia adorá-lo*, pensei, depois sorri, recordando a última vez que tive um pensamento desse.

— Serei o guia de vocês, hoje — ele disse, o seu olhar saltando de mim para Jenks, que se encontrava agora ao nosso lado. — Vamos deixar que a equipe de mergulho saia do caminho e mergulharemos em seguida.

— Me parece bom — disse, ouvindo uma alegria forçada na minha voz, já que, por dentro, estava muitíssimo nervosa. Estavam ali muitas pessoas. Queria falar com ele em privado, mas estava ficando sem tempo.

— Têm aqui os seus amuletos — continuou Marshal, me entregando um saco de plástico com dois discos de pau-brasil no interior. O olhar dele pousou no meu pescoço, ainda ferido devido à luta com Karen, depois se afastou. — Já foram invocados. Já podem colocar, embora seja provável que se sintam muito quentes antes de entrarem na água.

— Hum, obrigada — gaguejei, tocando através do plástico isolante. De um dos lados, tinham um autocolante com o seu nome e o número da licença. Tudo o que precisava fazer era permitir que um deles tocasse a minha pele e mesmo o ligeiro frio da manhã desapareceria.

Entreguei o saco a Jenks, que o sacudiu, deixando cair um na palma da mão, suspirando de alívio diante o calor. Convencida de que funcionavam, pensei seriamente em disparar a poção “hora de dormir” contra todos e roubar aquilo que precisava.

— Hum, Sr. Marshal...

O capitão baixou a cabeça, sorrindo para eu com os dentes brancos e direitos. Podia sentir o cheiro rico do pau-brasil que se libertava dele como uma especiaria. Era ele quem fazia os amuletos; eu sabia.

— Capitão Marshal — ele disse, como se fosse uma piada. — Marshal é o meu nome próprio.

— Capitão Marshal — emendei. — Ouça, tenho de lhe perguntar uma coisa.

Debbie chamou e ele ergueu um dedo comprido.

— Só um segundo — disse, se afastando.

— Maldição! — exclamei num sussurro. — O que raio se passa com aquela mulher! Será que não consegue fazer nada sem lhe perguntar?

Jenks encolheu os ombros, semicerrando os olhos diante do Sol da manhã, ao mesmo tempo que tirava o gorro de malha e remexia nas suas coisas.

— Ela pensa que gosta dele — disse, e eu pestanejei.

— Menina?

Saltei e me virei quando a mão de Marshal aterrou no meu ombro.

Ele apertou com mais força e olhei para as profundezas dos seus olhos castanhos, surpreendida.

— Pronta?

— Hum — gaguejei, o meu olhar saltando para Debbie que se encontrava atrás dele. Ela olhava fixamente para nós, enquanto ajustava as barbatanas com movimentos bruscos antes de se deixar cair para fora do barco. Restavam apenas eu, Marshal, Jenks e o cara na

frente do barco, dobrado sobre o seu jogo, no sol. O fiasco na piscina, no dia anterior, começava a fazer muito mais sentido. — Hum, Marshal? Sobre o mergulho...

Os lábios do bruxo se abriram em um sorriso.

— Está tudo bem, menina Morgan — disse, solícito. — Vamos avançar, passo a passo. Sei que o estreito pode parecer assustador, mas se saiu muito bem na piscina.

Piscina, pensei, gostando do seu sotaque ligeiro.

— Hum, não é isso — eu disse, enquanto ele escolhia um oxigênio e me fazia sinal para que me aproximasse. Mas, quando o meu olhar se cruzou com o dele, foi com choque que descobri, ele olhando para mim, com mais do que uma sugestão de interesse no seu olhar escuro. — Capitão Marshal, lamento muito — disse, em tom monótono. — Devia ter falado com você mais cedo. Não vim aqui para mergulhar nos destroços.

— Se sente — disse ele. — Aí mesmo, para eu poder prender isso.

— Capitão — ele agarrou nos ombros e me obrigou a sentar, estendendo uma mão para ajustar o equipamento. — Queria ter lhe perguntado antes de chegarmos aqui... — olhei para Jenks em busca de ajuda, mas ele ria. — Maldição — praguejei. — Lamento, Marshal. Estou aqui usando falsas desculpas.

— Me sinto lisonjeado, menina Morgan — disse Marshal, me fitando sob as pálpebras sem piscar. — Mas pagou para mergulhar nos meus destroços e me sinto obrigado a dar o meu melhor para que o possa fazer. Se ficar na cidade mais alguns dias, talvez possamos sair para jantar.

Fiquei de queixo aberto e compreendi porque é que ele tinha estado me observando. Oh, Deus. Debbie não era a única pensando que eu estava interessada nele. De súbito, vi as minhas gaguejantes tentativas de falar com ele sob uma luz completamente diferente. Jenks riu e eu me senti corar.

— Capitão Marshal — disse com firmeza. — Não estou tentando convidá-lo para sair.

O rosto do capitão perdeu, lentamente, toda a sua expressão, as ligeiras rugas provocadas pelo seu sorriso, se alisando quando ele se endireitou.

— Eu... hum... Vocês não são? Pensei que eram irmão e irmã.

— Ele é o meu parceiro — disse eu, acrescentando rapidamente, — o meu parceiro de negócios.

— Gosta de mulheres? — gaguejou Marshal, recuando um passo e parecendo prestes a morrer de vergonha. — Merda, odeio quando leio mal as pessoas. Deus, lamento.

— Não, também não é isso — eu disse, me encolhendo e tirando da boca o cabelo que o vento soltou da minha trança. — O senhor é um homem muito atraente e, em qualquer outra situação, estaria com água na boca diante da ideia de uma aula particular na piscina — *piscina*, — mas preciso da sua ajuda.

Marshal fechou a jaqueta, parecendo desconfortável. Olhei de relance para Jenks e inspirei fundo.

— O meu antigo namorado está naquela ilha e eu preciso ir lá salva-lo sem que ninguém saiba.

Com as suaves feições inexpressivas ele me fitou, o sol cintilando no alto da sua cabeça.

— Sou uma detetive particular — disse, procurando na bolsa que trazia na cintura um cartão de visita que lhe entreguei. — Uma matilha de animalomens sequestrou o meu antigo namorado e estão mantendo ele em cativeiro. Preciso chegar até ele sem ser vista e o senhor estava na lista. Hum, se pudesse nos emprestar um segundo conjunto de equipamento, bem como mais alguns oxigênios, para o podermos recuperar a nado, seria... Ótimo. Estou pronta para pagar. Tem, hum, o número do meu cartão de crédito, não tem?

Com os olhos castanhos a pestanejar, Marshal ergueu o olhar do meu cartão de visita. Semicerrando os olhos, fitou Jenks, movendo a cabeça de um lado para o outro como uma coruja. O seu olhar assumiu uma expressão determinada, quase predatória. Jenks recuou um passo e eu o observei nervosa.

— O que é que está fazendo? — acabei por perguntar.

— Estou procurando a filmadora.

Senti o maxilar se cerrando.

— Não acredita em mim.

— Deveria?

Irritada, senti a minha raiva crescer.

— Olhe — disse, enquanto as ondas de um barco que passou por nós, nos atingiam, fazendo o barco balançar e deixando o meu estômago ainda em pior estado. — Podia ter chegado aqui e disparado poções “hora de dormir” contra todos, levando comigo aquilo que quisesse, mas estou pedindo a sua ajuda.

— E porque a menina decidiu não violar a lei, eu devo fazê-lo? — perguntou ele, os pés afastados para manter o equilíbrio enquanto o barco se agitava. — Mesmo que quisesse, não podia permitir que se afastasse. Mesmo que *acreditasse em você*, não a deixaria se afastar. Não só perderia a minha licença, como o mais certo era que a menina se matasse.

— Não estou pedindo que viole a sua licença — eu disse, em tom beligerante. — Estou pedindo que me empreste um conjunto de equipamento de mergulho, incluindo os oxigênios.

Marshal passou a mão pela cabeça careca, quase rindo de raiva.

— Foi preciso três anos para conseguir a licença — disse, com uma mistura de descrença e frustração. — Três anos. Só para o centro de mergulho. Junte isso a outros quatro para conseguir a licenciatura em magia da terra que me permite fazer os meus próprios amuletos e tornar o barco rendível. A menina não passa de uma fedelha mimada, se acha que vou pôr tudo isso em risco só porque o seu namorado fugiu com outra e a menina o quer apanhar com a boca na botija. Para você, as coisas caem todas do céu, não é? Não sabe nada sobre trabalho árduo e sacrifício!

— Ele *não* fugiu com outra garota! — gritei e o cara que estava na frente do barco se endireitou e ficou olhando para nós. Furiosa, baixei a voz e me levantei para poder agitar um dedo em frente ao peito dele, se tivesse coragem para isso. — Não se *atreva* a me dizer que não sei nada sobre trabalho árduo e sacrifício. Trabalhei durante cinco anos como agente da SI, esgotei minhas forças para conseguir me libertar do contrato que me unia a eles e colocando a minha vida em risco todos os dias para pagar a renda! Por isso pode meter as suas besteiras onde quiser! O meu antigo namorado se meteu em algo que se revelou areia demais para o caminhão dele e precisa da minha ajuda. Foi levado por

animalomens — disse, apontando para a ilha — e o senhor é a minha melhor hipótese de ir até lá sem ser vista.

Parecendo chocado, o capitão hesitou.

— Porque não se limitou a ir à SI?

De lábios apertados, pensei que as coisas podiam correr muito mal, bem depressa, se ele contactasse a SI através do rádio.

— Porque são uns idiotas incompetentes e salvar pessoas é o que faço para ganhar a vida — eu disse, enquanto ele me fitava desconfiado, os seus olhos pousando mais uma vez no meu pescoço ferido. — Ouça, normalmente sou melhor nessas coisas — acrescentei, me recusando a explicar as marcas de dentes. — Estou um pouco fora do meu elemento. Tentei perguntar antes, mas a Debbie estava sempre interferindo.

Dito isso, Marshal sorriu e relaxou.

— Está bem. Estou ouvindo.

Olhei de relance para a proa do barco e para o homem com o seu jogo. *Ele não iria perceber nada, nem mesmo se um tubarão branco arrancasse à dentada aparte de trás do barco.*

— Obrigada — murmurei, voltando a me sentar. Marshal fez o mesmo e Jenks se deixou cair, ficando de pernas cruzadas, de forma que pudesse ver nos dois. O sol cintilava no seu cabelo louro e era óbvio que o feitiço de aquecimento estava a funcionando: os seus lábios estavam vermelhos e ele estava muito relaxado, quase se divertindo.

— Ouça — disse, envergonhada, agora que me sentia como se estivesse com o chapéu na mão. — O meu namorado... o meu antigo namorado — reiterei, corando — se revelou... — não podia dizer que ele era um ladrão. — Ele recupera coisas.

— É um ladrão — disse Marshal e eu pestanejei. Vendo a minha atrapalhão, o capitão fungou. — Deixe-me adivinhar. Ele roubou qualquer coisa dos animalomens e foi apanhado.

— Não — disse eu, prendendo uma mecha de cabelo agitada pelo vento. — Na verdade, foi contratado por eles para recuperar algo e, quando descobriu aquilo que procurava, decidiu devolver o dinheiro e ficar com o objeto. Preciso tirar ele daquela ilha.

Marshal olhou para Jenks, que encolheu os ombros.

— Como queira — eu disse, me sentindo tola. — Não o culpo se me quiser levar de volta para o cais e mandar dar uma volta na linha Ley. Mas, de uma forma ou de outra, vou pela água. Preferia ir com roupa de mergulho e um dos seus amuletos — de olhos semicerrados, o fitei. — Posso, pelo menos, lhe comprar um feitiço? Para que ele não congele na volta?

O rosto suave de Marshal ficou tenso.

— Não tenho licença para vender os meus feitiços, só para usa-los no meu trabalho.

Acenei com a cabeça e senti uma pontada de esperança se intrometer entre o meu coração e a faixa que o apertava.

— Pois, também eu. Que tal uma troca?

O capitão se inclinou na minha direção e, depois, de me olhar fixamente para pedir a minha autorização, me cheirou. Podia sentir um ligeiro cheiro a cloro sobre o seu perfume de pau-brasil. Aparentemente, cheirava suficientemente a bruxa, já que ele se afastou satisfeito.

— O que é que tem?

Deixei escapar um suspiro de alívio. Puxando para frente a bolsa que trazia na cintura, vasculhei o seu interior.

— Hã, comigo? Não tenho grande coisa, mas posso lhe mandar qualquer coisa quando chegar em casa. Tenho umas poções “hora de dormir”, encerradas em três bolas explosivas e três amuletos para disfarçar odores.

Jenks fechou os olhos, parecendo estar absorvendo o sol. Estava sorrindo.

— Amuletos para disfarçar odores? — disse Marshal, a mão percorrendo a linha do bíceps escondido pela jaqueta. — Que utilidade teria eu para algo assim?

Insultada, me senti gelar.

— Eu uso eles toda a hora.

— Bem, eu não. Tomo banho todos os dias.

Jenks riu e eu corei.

— Não são amuletos desodorizantes — disse, ofendida. — Servem para disfarçar os nossos odores impedindo os animalomens de nos seguirem.

Marshal olhou de relance para mim e para a ilha.

— Está falando sério. Inferno, quem é você, garota?

Me sentando mais direita, estendi a minha mão pálida, pensando que devia estar mesmo pegajosa devido à humidade fria da água.

— Rachel Morgan, terceira sócia da Encantamentos Vampíricos de Cincinnati. Este é Jenks, o segundo sócio da mesma firma.

A mão de Marshal estava quente e, enquanto apertava a minha, o capitão olhou de lado para Jenks, um sorriso começando a erguer um canto dos seus lábios. Creio que ele ainda não acreditava em mim.

— É o sócio silencioso, hã? — disse Marshal e Jenks ergueu uma pálpebra, deixando ela se fechar de novo. — Sabe — prosseguiu, soltando a minha mão, — estava disposto a participar da brincadeira porque a menina é gostosa e não costumamos ter aqui muitas bruxas gostosas. Mas isso? — Fez um gesto na direção da ilha distante. — Não podemos simplesmente ir jantar?

Os meus olhos semicerraram e eu me inclinei para frente até estar muito próxima para o meu próprio conforto.

— Ouça, Sr. Capitão do bom navio Pirulito. Não podia me importar menos se acredita em mim ou não. Preciso ir até àquela ilha. Vou saltar do seu barco. E quero negociar com você um terceiro amuleto para que o meu namorado — cerrei os dentes —... O meu ex-namorado não gele na viagem na volta. Na verdade, quero três, porque não tenho nenhum amuleto de aquecimento e acho que são bastante legais. Quanto ao equipamento, gostaria de prolongar o aluguel. Se os perder no caminho, o que é uma possibilidade distante, pode descontar no meu cartão. Têm o número na minha ficha.

O capitão olhou para mim e eu me senti tonta devido à adrenalina.

— É verdadeiro?

— Claro que é verdadeiro! Passou, não passou?

Erguendo uma sobrancelha pelada, me fitou.

— Como é que sei que a sua magia é boa? Cheira bem, mas isso não quer dizer rabo de peixe.

Fitei Jenks e ele acenou.

— O Jenks é um *pixy* — eu disse, acenando na sua direção com a cabeça. — Tornei ele maior para que pudesse aguentar as temperaturas baixas enquanto estivéssemos salvando o filho dele.

Bem, tecnicamente foi Ceri que faz a maldição, mas podia cortar uns atalhos com o cara.

Marshal pareceu impressionado, mas tudo o que disse foi:

— O filho dele é o seu namorado?

Exasperada, senti as mãos começarem a tremer tal era o meu desejo de gritar.

— Não. Mas o filho do Jenks estava com ele. E ele não é o meu namorado, é o meu ex-namorado.

Exalando longamente e lentamente, Marshal olhou primeiro para Jenks, depois para mim. Esperei, sustendo a respiração.

— Bob! — gritou para frente do barco e eu fiquei rígida. — Venha aqui e me ajuda a equipar. Vou levar o senhor e a menina Morgan em um passeio longo — olhou para mim, constatando o meu óbvio alívio. — Embora não saiba porquê — terminou baixinho.



CAPÍTULO 12

Não gostava do frio. Não gostava de sentir a pressão de toda aquela água sobre mim. Não gostava do fato de me encontrar, de alguma forma, ligada ao oceano, sem nada entre nós além da água. E não gostava mesmo nada de ter visto o *Tubarão* no Classic Channel, no mês anterior. Duas vezes.

Já estávamos nadando há algum tempo, presos entre a superfície cinzenta da água e o fundo cinzento e invisível, a uma profundidade suficiente para que não fôssemos apanhados pelos barcos que passavam por ali, mas suficientemente perto da superfície para que a luz ainda penetrasse bem. Era óbvio que Marshal se sentia nervoso com o fato de deixar a segurança da bandeira de mergulho, mas era jovem o bastante para gostar de quebrar as regras quando desejava. Creio que era por isso que estava me ajudando. A vida ali não devia ser lá muito excitante.

A sensação claustrofóbica de respirar debaixo de água tinha diminuído, mas continuava não gostando dela. Marshal calculou a direção, partimos do barco e tudo o que fizemos foi segui-la, usando a bússola do manómetro²⁶. Jenks seguia na frente, eu ia

²⁶ Manómetro: Instrumento próprio para medir a pressão de um fluido.

logo atrás e Marshal era o último. Estava frio apesar dos nossos amuletos e, quanto mais avançávamos, mais grata me sentia.

Marshal não ia ganhar nada com aquilo além de uma boa história que não poderia contar a ninguém. Ele me pediu apenas uma coisa, que eu aceitei imediatamente, acrescentando o meu próprio pedido.

Podia nos levar até à ilha, sem sermos detectados, mas ao voltar, levaria com ele os equipamentos. Não era tanto uma questão de estar preocupado com a possibilidade de perder o investimento que fez no material quanto o receio de que Jenks e eu tentássemos nadar de volta através do canal e fôssemos feitos em tiras por um cargueiro. Era uma razão mais do que suficiente, mas a minha concordância estava relacionada não com a minha segurança, mas com a de Marshal.

Queria ele longe dali e em segurança. Era ali que vivia. Se eu fosse apanhada e os animalomens desconfiassem de que tinha nos ajudado, podiam ir atrás de nós. Fiz ele prometer que regressaria ao barco, terminaria o mergulho e regressaria a terra como se nada tivesse acontecido.

Pedi que me esquecesse mas, em um indício de egoísmo, esperava que não esquecesse. Tinha sido divertido falar sobre feitiços com alguém que ganhava a vida o fazendo. Não era algo que eu encontrasse muitas vezes.

Lentamente, a água à minha volta foi se tornando mais clara, devido à luz refletida pelo fundo cada vez mais próximo, e a minha adrenalina subiu quando compreendi que tínhamos chegado à ilha. A corrente tinha mantido o fundo íngreme e a cerca de nove metros da margem, paramos as minhas barbatanas pousadas nas pedras macias, do tamanho de um punho fechado, que constituíam o fundo.

Passo um: feito, pensei, enquanto emergia, a pulsação acelerada devido ao stress do mergulho. Marshal tinha nos avisado, mas não deixou de me surpreender. Nadar ao ritmo lento de um peixe parecia mais fácil do que era. As minhas pernas pareciam borracha e o meu rosto parecia chumbo.

A volta do vento e ao som foi um choque e eu fitei a margem deserta, de olhos semicerrados, através da máscara embaçada. Aliviada, eu fui me aproximando até ficar



sentada, submersa até ao pescoço, em águas ligeiramente mais quentes. Retirando a máscara e o bocal, inspirei o ar gelado que já não era artificial.

Jenks já estava de pé e o seu rosto estava marcado por linhas de pressão vermelhas. Parecia tão cansado como eu me sentia. *Músculos diferentes*, pensei. Talvez estivesse muito frio. Marshal emergiu a meu lado, no meio de uma erupção de bolhas, e eu me virei para o barco, feliz por ver a sua forma branca a alguma distância. Quanto mais longe estivesse, menos provável seria que os animalomens o encarassem como uma ameaça.

— Tudo bem? — perguntei a Jenks e ele acenou, claramente infeliz devido ao frio, apesar do amuleto que Marshal lhe deu.

Me satisfazendo com a possibilidade de sentar e recuperar o fôlego, fitei a margem deserta. Parecia suficientemente pacífica, com algumas gaivotas passeando pela praia estreita, gritando enquanto avaliavam a possibilidade de que viesse comida na sua direção.

— Podia ter voado esta distância em três minutos — disse Jenks, se libertando do equipamento.

— Sim — eu disse, seguindo o seu exemplo. — E muito frio no meio do caminho, te tornando comida de peixe.

— O Jax conseguiu — me respondeu, mal disposto. — E mesmo assim ainda posso desmaiar de frio. Como é que o suporta, Rachel? Pelos peitos da Sininho, acho que houve partes de mim que caíram.

Funguei, tirando as luvas para vasculhar, com as mãos dormentes, na bolsa que trazia na cintura. Com a ajuda de Jenks tirei o meu próprio equipamento, me sentindo cem vezes mais leve. Em alguma parte durante do caminho, tinha raspado os arranhões que fiz nos nós dos dedos, voltando a abri-los, mas as minhas mãos estavam muito frias para sangrar. Fitei as feridas de contornos brancos, pensando que assim nunca mais conseguiria cura-las.

Marshal se ergueu, elegante na sua roupa de mergulho feito por medida, preto e dourado, a máscara pousada em cima da cabeça.

— Rachel — disse ele, os olhos castanhos preocupados. — Mudei de ideia. Te deixar aqui não é boa ideia.

Jenks olhou para mim de relance e eu suprimi um suspiro, já estava esperando daquilo.

— Agradeço a preocupação — disse, dando um impulso para me levantar, quase voltando a cair —, mas a melhor forma de me ajudar é voltando para o barco e terminar o dia como se nunca tivesse ouvido falar de mim. Se algum animalomem for cheirar para os teus lados, pode dizer que me levou para sair no barco, que bati na sua cabeça e roubei o material. Não foi até SI porque teve vergonha.

Ao meu lado, Jenks fitou o físico musculoso de Marshal, bem definido sob a borracha espessa, e riu. O sorriso de Marshal aumentou, a água lançando reflexos no seu rosto.

— É mesmo especial, Rachel. Talvez...

Com as barbatanas e restante equipamento na mão, me dirigi para a praia, onde podia tirar a roupa de borracha.

— Nada de “talvez” — eu disse, sem olhar para trás.

Quando os meus pés começaram a agitar a água na rebentação²⁷ brilhante larguei tudo, com exceção da bolsa que trazia na cintura, procurando uma linha Ley, mas não encontrando nenhuma. Tinha guardado na minha mente um pouco de energia das linhas Ley, mas não poderia erguer um círculo a não ser que acesse diretamente a uma linha. Aquilo era limitativo, mas não era debilitante.

— Tenho o seu cartão de visita no barco — insistiu Marshal, me seguindo. Jenks vinha logo atrás dele, a sua força de *pixy* lhe permitindo transportar o seu próprio material bem como os oxigênios de ambos.

— Queime? — sugeri. Cambaleando nas pedras lisas, do tamanho de um punho fechado, me sentei, não que fosse cair. Não me sentia nem um pouco como o James Bond quando puxei uma pedra de debaixo de mim e a atirei para o lado.

²⁷ Rebentação: A quebra das ondas de encontro aos rochedos

Jenks largou as suas coisas junto das minhas, depois foi se sentar ao meu lado com um suspiro cansado. Com a sua ajuda tirei a roupa de borracha, me sentindo fria e exposta.

Marshal se erguia, atrapalhado, entre mim e a água, um alvo óbvio caso alguém saísse dos bosques próximos.

— Devia ter percebido que havia algo de errado quando vestiram roupas de corrida por baixo das roupas de mergulho — disse, mal acabei de me despir.

Podia sentir as pedras frias através da lycra molhada e, pousando no colo a bolsa que trazia na cintura, a abri. Estava tudo seco, dentro dos sacos de fecho hermético e, enquanto Jenks despia a sua roupa de mergulho, calcei os tênis de corrida anatômicos ultraleves, os dedos praticamente congelados devido ao frio. Os olhos de Marshal se abriram quando viu a arma de bolas explosivas a espreitar da abertura. Permitindo que ele a visse bem, entreguei a Jenks o amuleto para disfarçar odores, depois coloquei o meu ao redor do pescoço, aconchegando atrás do colarinho da minha roupa de corrida preta de duas peças. Me lembrando, tirei o amuleto de aquecimento de Marshal e estendi. Marshal se preparou para protestar, mas limitei a dizer:

— Tem o seu nome.

Fiz sinal a Jenks que, com alguma relutância, entregou também o dele. Enquanto nos preparávamos para prosseguir, a expressão de Marshal foi se alterando, lentamente, de confusão para alarme. Estava muito mais frio sem os amuletos e o vento fazia se sentir com força através da lycra molhada. A tensão já tinha me deixado rígida quando, tendo enrolado a roupa de mergulho o melhor que consegui, e entreguei.

— Isto não é nada bom — disse Marshal, agarrando nele, enquanto eu me sentava nas rochas e o fitava.

— Não, não é — disse eu, com frio, molhada e cansada. — Mas estou aqui.

Deslizando os pés sobre as rochas, deixou que o olhar deslizasse para a arma e, enquanto ele se remexia, eu entreguei a Jenks a sua parte de bolas explosivas, que ele colocou no saco de rede que trazia pendurado na cintura. Tinha me oferecido para lhe comprar a sua própria arma, na loja onde tinha ido comprar as bolas de tinta que enchi

com a poção “hora de dormir”, mas ele preferiu a fisga de aspecto impressionante. Tinha presa no braço e parecia tão eficaz como uma besta. E estava disposta a apostar que a sua pontaria seria certa.

Pronto para partir, Jenks se ergueu, em um matraquear de pedras deslizando, pegando em uma madeira que achou á costa e agitando como se fosse uma espada. Tinha um controle gracioso e Marshal observou por um momento, antes de estender uma mão para me ajudar a levantar.

— É uma bruxa boa, certo?

Aceitei a ajuda, sentindo o seu calor e a sua força.

— Apesar das aparências? Sim — eu disse, depois puxei o punho para esconder a cicatriz do demônio.

Os meus dedos deslizaram dos dele e ele recuou um passo. *Maldição, eu era uma bruxa branca.* Atrás de mim, Jenks se mexia como se estivesse lutando, não emitindo qualquer outro som além do das pedras sob os seus pés. Tínhamos que ir, mas Marshal se pôs na minha frente, elegante na sua roupa de mergulho, os amuletos de aquecimento pendurados nos dedos.

Olhou para trás, para o barco e para o nosso material empilhado na praia. Com os lábios tensos de determinação, curvou a cabeça e arrancou o autocolante do amuleto.

— Toma — disse, me entregando o amuleto.

Pestanejei, o frio desaparecendo mal os meus dedos lhe tocaram.

— Marshal...

Mas ele já estava em movimento, os músculos firmes tensionando enquanto ele reunia o material e avançava para o limite da vegetação.

— Fiquem com eles — disse, enquanto pousava o equipamento entre as ervas e ia buscar uma segunda carga. — Mudei de ideias. Pensei que estivessem brincando em relação à coisa do salvamento. Não posso deixa-los aqui, sem uma saída. O seu namorado pode usar o meu material. Vou dizer aos meus rapazes que vocês entraram em pânico e me obrigaram a chamar um táxi aquático para leva-los a terra. Se tiverem que fugir a nado, contornem a ilha de Round até Mackinac e apanhem o ferry. Podem deixar o

material em um cofre, em uma das docas e me enviar a chave por correio. Se não fugirem a nado, deixem tudo aqui, que eu virei buscar o material da próxima vez que houver um bom nevoeiro.

O meu coração parecia inchar e os meus olhos ficaram quentes de gratidão.

— E o seu piloto?

Marshal encolheu os ombros, uma bela imagem envolta em borracha e refletindo o sol.

— Ele alinhará. Já nos conhecemos há muito — os seus olhos ficaram apertados de preocupação. — Me prometa que não tentarão atravessar o estreito. É muito longe.

Acenei e ele entregou a Jenks um amuleto.

— Tenham atenção aos ferries que saem da ilha de Mackinac. Em especial, os hidroplanos. São rápidos. Entre o meu equipamento encontrará um segundo amuleto de aquecimento para o seu namorado. Tenho sempre um a mais para emergências — estremeceu, erguendo as sobrancelhas sem pelos. — Parece ser esse o caso.

Não sabia o que dizer. A meu lado, Jenks tirou o autocolante do seu amuleto e deu de comer a uma das gaivotas que nos rodeavam. Ela voou guinchando, arrastando atrás de si outras três.

— Marshal — gaguejei. — Pode perder a licença.

Na melhor das hipóteses.

— Não, isso não vai acontecer. Confio em você. Não é uma mergulhadora profissional, mas é uma profissional de qualquer coisa e precisa de ajuda. Se tiver algum problema, larga o material e nada para a superfície. Embora eu, hum, preferisse que não o fizesse — os seus olhos castanhos pareceram saltitar pelas árvores. — Tem algo estranho se passando aqui e isso não me agrada — sorriu, ainda que continuasse parecendo preocupado. — Espero que consiga recuperar o seu namorado são e salvo.

Senti uma onda de alívio. Deus, que cara simpático.

— Obrigada, Marshal — disse, me inclinando para frente e me erguendo na ponta dos pés, para lhe dar um beijo no rosto. — Consegue chegar bem ao barco?

Ele acenou, desconcertado.



— Faço muito mergulho livre. Vai ser fácil.

Lembrei da minha proeza, nadando no rio gelado de Ohio, e esperei que ele fosse ficar bem.

— Assim que puder, te ligo para dizer que estou bem e onde estão as suas coisas.

— Obrigado — ele disse, erguendo a cabeça na minha direção. — Agradecia. Um dia desses, irei atrás de você e vai me contar afinal o que é que se passou aqui.

Senti que um sorriso sorrateiro se abria no meu rosto.

— Está combinado. Mas depois terei que te matar.

Rindo, ele me virou as costas para partir, depois hesitou, o sol brilhando sobre a sua roupa de mergulho.

— Queimo o seu cartão?

Puxando o cabelo para trás, acenei.

— Tudo bem.

Desta vez não parou. Enquanto observava ele, avançou até à zona de rebentação, mergulhando sob uma onda e se dirigindo para o barco com braçadas suaves e determinadas.

— *Agora* me sinto como James Bond — disse e Jenks riu.

— Para o bosque — disse ele e, com um ultimo olhar para Marshal, me dirigi para os arbustos.

Era difícil andar sobre as rochas lisas e eu me sentia uma idiota cambaleando atrás dele. Estava mais quente sem o vento e, alguns passos mais à frente, a praia deu lugar a uma vegetação rasteira, mas espessa.

As primeiras árvores, com as folhas verdes de primavera, cerravam-se sobre nós e, enquanto eu procurava o melhor caminho por entre a vegetação, Jenks perguntou:

— Gosta dele?

— Não — disse imediatamente, sentindo a tensão da mentira. Como poderia não gostar? O cara estava arriscando o seu sustento, talvez a própria vida.

— É um bruxo — lembrou Jenks, como se isso bastasse.

Brincando com a ideia de soltar o ramo que estava segurando para que este lhe acertasse, disse:

— Jenks, para de falar como a minha mãe.

Os arbustos se tornaram mais escassos à medida que íamos avançando para o interior e as árvores se tornaram maiores.

— Acho que gosta dele — insistiu Jenks. — Tem um belo corpo.

A minha respiração se tornou mais rápida.

— Tudo bem, gosto dele — admiti. — Mas é preciso mais do que um belo corpo, Jenks. Jesus, você tem um corpo e tanto e não me vê tentando saltar para cima de você.

Jenks corou e, quando por fim saímos para uma clareira, parei, tentando me orientar.

— Para que lado acha que fica o complexo, agora?

Jenks era melhor que uma bússola e apontou.

— Quer correr até que estejamos mais próximo?

Acenei. Jenks colocou o amuleto de aquecimento de Marshal e parecia bem quentinho, mas para mim era muito. Sem ele, me senti mole, e esperei não me ferir até ter aquecido. Entre as informações de Jax e um velho mapa do museu local, tínhamos uma boa ideia da posição da ilha.

Jenks passou um dedo entre o calcanhar e o sapato antes de inspirar fundo e começar a correr, em um trote lento que não nos cansaria muito e nos daria tempo para evitar os obstáculos em vez de nos lançarmos contra eles. Jax tinha dito que a maior parte dos edifícios ocupados se situava perto do lagos da ilha e era para lá que nos dirigíamos. Pensei em Marshal, que nadava de volta para o barco e esperei que estivesse bem.

Como sempre, Jenks tomou a frente, saltando sobre os troncos caídos e desviando-se de pedregulhos do tamanho de um pequeno carro, que ali tinham sido deixados pelo último glaciar. Ficava bem, correndo na minha frente, e me perguntei se ele aceitaria dar umas voltas no jardim zoológico comigo antes de eu o transformar. Bem que podia aproveitar o estímulo moral de ser vista com ele. Tudo estava calmo e só os pássaros e os animais perturbavam a manhã. Fomos vistos por um gaio, que guinchou, nos seguindo, até perder o interesse. Um avião passou por cima de nós, as suas asas fazendo mover os

topos das árvores. Podia cheirar a primavera por todo o lado e senti como se tivesse recuado no tempo, diante do ar límpido, o sol forte e o veado assustado.

A ilha sempre foi propriedade privada, nunca tendo sido desenvolvida e mantendo a sua mistura original de floresta e prado²⁸, própria das zonas temperadas. Oficialmente era agora um retiro privado de caçadores, inspirado no que foi construído em Isle Royale mais a norte, contudo, em vez de lobos verdadeiros a caçar alces, ali eram animalomens que se divertiam com veados de cauda branca.

Na sequência de um inquérito cuidadoso, Jenks e eu tínhamos descoberto que os locais não viam com bons olhos os residentes fixos ou os visitantes que atravessavam a sua cidade a caminho da ilha, sem nunca pararem para comer ou para certificarem as viaturas. Um homem chegou a dizer a Jenks que os proprietários tinham que trazer novos animais para a ilha todos os anos, já que os veados podiam nadar para o continente, e faziam; acho que me deixou muito feliz por dentro.

De acordo com os registos e com o pouco que Jax nos disse, havia uma estrada primitiva que contornava a ilha. Estava respirando com dificuldade, mas a me mover bem quando a encontrámos e, mal a atravessamos, Jenks virou à direita. Também diminuiu, mas ainda assim, corremos direitinhos para a carcaça de um veado.

Jenks parou e eu choquei com ele, agitando os braços, para não cair sobre o corpo meio comido, a cabeça pousada sobre as costas e os olhos nublados.

— Ah, inferno — praguejou ele, arquejando enquanto recuava, o rosto pálido. — É um veado, não é?

Acenei, petrificada e com a respiração pesada. Havia muitíssimo pouco cheiro já que as baixas temperaturas tinham limitado a decomposição. Mas o que mais me preocupava era o fato de ter sido esventrado, as entranhas comidas primeiro e o resto deixado para mais tarde, como um *buffet*.

— Vamos sair daqui — disse, pensando que, embora os animalomens estivessem em uma ilha privada, estavam fazendo um grande mau serviço a toda a sua espécie. Recordar e honrar as tradições era uma coisa. Tornar-se selvagem era outra.

²⁸ Prado: Terreno coberto de plantas herbáceas que servem para forragem

Recuámos, o rosnado baixo que se ergueu atrás de nós fazendo parar o meu coração. *Maldição*. Do outro lado, ouvimos um uivo. *Dupla maldição*. A adrenalina corria através de mim, me provocando dores de cabeça e a minha mão desceu até à reconfortante arma de bolas explosivas. Jenks se virou, ficando de costas para mim. *Merda. Porque é que nada podia ser fácil?*

— Onde é que eles estão? — sussurrei, espantada. A clareira parecia vazia.

— Rachel? — disse Jenks. — A minha capacidade para reconhecer dimensões pode estar um pouco variada, mas acho que é um lobo, sério.

Segui o seu olhar, mas não vi nada até o animal se ter movido. O meu medo inicial duplicou. Com um animalomem eu podia conversar, gritar coisas como investigações da SI, papelada e equipas de televisão, mas o que é que se pode dizer ao lobo sobre cuja presa acabamos de cair? E o que raio eles estariam fazendo com lobos verdadeiros? Deus, não queria saber.

— Sobe em uma árvore — disse, fixando as órbitas amarelas que me olhavam. Tinha a arma na mão, os braços esticados e rígidos.

— São muito finas — sussurrou ele. — Além disso, estou protegendo a sua retaguarda.

Senti o estômago apertado. Outros três lobos emergiram da vegetação, rosnando uns aos outros enquanto encurtavam a distância que nos separava. Era uma clara indicação de que devíamos partir, mas não havia para onde ir.

— Que tal é a sua pontaria com essa fisga? — perguntei em voz alta, esperando que o som das nossas vozes os afugentasse. *C-e-e-erto*.

Senti o suave som da borracha vibrando e o lobo mais próximo ganiu, se encolhendo antes de ladrar ao companheiro de matilha.

— Não se quebrou contra o pelo — disse Jenks. — Talvez se estiverem mais próximos.

Lambi os lábios, segurando a arma com mais força. Droga, não queria desperdiçar os feitiços com lobos, mas também não queria acabar como aquele veado. Eles não tinham



medo das pessoas. E o que isso podia significar gerava em mim uma sensação de grande inquietude. Andavam com os animalomens.

Senti a pulsação acelerar quando o lobo mais próximo se dirigiu para mim a um ritmo enervante. A recordação de Karen me prendendo contra o chão e a me sufocar quase até à inconsciência atravessou a minha mente. Oh, Deus, estes lobos não refreariam os golpes. Não podia erguer um círculo protetor.

— Use-a, Rachel! — exclamou Jenks, de costas viradas para mim. — Temos mais três a se aproximarem do seu lado.

A adrenalina explodiu através de mim, me conduzindo para o estado surreal de calma no meio da tempestade. Exalei e apertei o gatilho apontado para o nariz. O lobo mais próximo ganiu, depois caiu onde estava. Os restantes atacaram. Arquejei, rezando para que o ar comprimido existente na arma fosse suficiente, enquanto continuava a disparar.

— Para! — gritou uma voz masculina, ao longe. O som de arbustos a serem partidos me fez girar.

— Rachel! — gritou Jenks, se afastando.

Uma sombra negra se abateu sobre mim. Gritei, me enrolando sobre eu mesma, quando caí ao chão. Senti o bolor das folhas no rosto. O odor almiscarado dos animalomens se impregnou os meus sentidos. A memória dos dentes de Karen no meu pescoço me paralisou.

— Estão vivos! — gritei, cobrindo o rosto. — Maldição, não me machuque, estão vivos! — não se tratava de vim confronto de alfas, mas de um ataque nos bosques e eu podia estar tão assustada quanto quisesse.

— Randy, se afaste! — gritou a voz masculina.

Ainda tinha a minha arma. Ainda tinha a minha arma. Esse pensamento deslizou através do meu pânico. Podia dar um tiro no filho da mãe, se fosse preciso, mas por ele para dormir talvez não fosse a melhor forma de lidar com a situação. Agora que tínhamos sido descobertos, preferia escapar daquela situação conversando.



O animalomem que se encontrava sobre mim me agarrou no ombro com a boca e eu quase perdi o controle.

— Me submeto! — gritei, sabendo que era provável que isso desencadeasse um conjunto diferente de reações. Continuava a agarrar a arma e se as coisas não se alterassem bem depressa, ia por ele para dormir.

— Sai de cima dela — disse Jenks, a voz grave e controlada. — Já.

Tudo o que conseguia ver era pelo de lobisomem, comprido, castanho e sedoso. O calor que se libertava dele era uma onda húmida de almíscar. Tremi devido à adrenalina, enquanto o animalomem rosnava, o meu ombro ainda na sua boca. Ouvi três pares de pés humanos pararem à nossa volta.

— O que é que ele é? — ouvi alguém sussurrar.

— Vai ser um brinquedo de roer se não pousar aquela fisga — respondeu outro.

Inspirei fundo, usando a minha força de vontade para parar de tremer.

— Se este lobo bolorento não sair de cima de mim, vou lhe lançar *um feitiço*! — gritei, esperando que a minha voz não estivesse tremendo.

O animalomem rosnou e eu não consegui fazer outra coisa senão guinchar “Vou fazer!”, quando ele fechou a boca com mais força.

— Randy, tira esse traseiro bexiguento de cima dela! — exclamou a primeira voz. — Ela tem razão. Não estão mortos; estão inconscientes. Se afasta!

A pressão no meu ombro diminuiu, depois desapareceu. Levando a mão ao ombro, me sentei, tentando não tremer enquanto fitava a clareira. Estava repleta de lobos caídos e animalomens, todos, exceto um, sob forma humana.

Jenks estava rodeado por três animalomens com roupas de serviço morrons, empunhando armas convencionais. Não sabia o que eram, mas pareciam suficientemente grandes para deixar alguns buracos. O *pixy* ainda não baixou o braço com a fisga e esta estava apontada a um quarto animalomem, que ficou um pouco afastado dos outros. Este não tinha qualquer arma na mão, mas era óbvio que se encontrava no comando do grupo, já que tinha uma divisa brilhante no boné, em vez de um emblema como todos os outros. Também parecia mais velho. Tinha uma pistola no coldre preso ao cinto e o rosto estava

pintado com tinta marrom. Maravilha, tinha caído no meio de um maldito grupo de sobrevivência. Aquilo estava cada vez melhor.

O animalomem que me tinha atirado ao chão tocava com o focinho nos três lobos caídos. Nas proximidades, um lobo uivou e eu tremi, endireitando as pernas.

— Posso me levantar?

O animalomem com a divisa no boné fungou.

— Não sei, minha senhora. Pode?

Que cara tão engraçadinho. Tomando aquilo como uma autorização, me levantei mantendo um ar sério, enquanto sacudia os paus e as folhas. Ele tinha um ligeiro sotaque, como se tivesse crescido no Sul.

— A sua arma? — disse, os olhos fixos nos meus movimentos. — O saco e qualquer encantamento.

Debati durante uns bons três segundos, depois esvaziei a arma e rebentei as bolas explosivas com os pés antes de lança-la na direção dele. O animalomem apanhou a arma com uma graciosa facilidade, um sorriso divertido no rosto. O olhar dele se demorou no meu pescoço e nas óbvias marcas de mordidas de animalomem e eu fiz uma careta de exasperação. Deus! Talvez devesse ter usado uma camisola de gola alta para invadir a fortaleza rebelde.

— Bruxa? — perguntou ele e acenei, lançando o saco e dois amuletos. Mais valia tê-los entregue a Marshal, tendo em consideração a utilidade que estavam tendo.

— Vim buscar o Nick — disse, tremendo devido ao frio que agora sentia. — O que é que querem por ele?

Os animalomens que nos rodeavam pareceram relaxar. Jenks saltou quando um deles levou a mão à fiska e eu não fiz nada quando os outros o lançaram ao chão e lhe arrancaram a fiska e o saco que trazia na cintura, se parecendo com brutamontes a atacar uma criança na saída da escola. Cerrando o maxilar diante dos gemidos e o som dos punhos contra a carne observei, em vez disso, o líder, desejando saber quem estávamos enfrentando. Aquele não era o alfa, concluí, enquanto os seus homens espancavam Jenks e

o deixavam em um estado de submissão temporária. Mas, tendo em conta o rosto barbeado e a pose, estava bem colocado na matilha.

Erguendo-se tão alto como eu, nas pesadas botas militares, tratava-se de um animalomem de bom tamanho, bem proporcionado e limpo na roupa de serviço, com os ombros estreitos e um corpo que parecia habituado a correr. Em boa forma, nada corpulento. Talvez com trinta e muitos, quarenta e poucos: o cabelo estava cortado muito rente ao crânio para se poder perceber se era cinzento ou simplesmente louro.

Jenks empurrou os três animalomens de cima dele, em um gesto enjoado, e se levantou, um *pixy* carrancudo e vencido. Estava sangrando de um corte na testa e o seu rosto ficou pálido quando viu o sangue nas suas mãos. Depois daquilo, perdeu qualquer vontade de lutar, cambaleando obedientemente atrás de mim, quando fomos encorajados a voltar para a estrada.

Estava na hora de ir conhecer o patrão.



CAPÍTULO 13

Enquanto acelerávamos ao longo da estrada imersa na sombra, o vento provocado pela nossa passagem fez secar o suor e transformou os meus caracóis em um emaranhado escorrido. Jenks e eu seguíamos na parte de trás, aberta, de um *Hummer* — yay, um conversível, — o animalomem com o *pin* no boné preto sentado à nossa frente, juntamente com três outros caras, de armas apontadas. Na verdade era um pouco triste, já que não seria preciso muito para lutar com um e me lançar do veículo, desde que estivesse disposta a correr o risco de levar um tiro. Mas Jenks estava sangrando de uma ferida no couro cabeludo e tremia, sentado ao meu lado, a mão pressionando a ferida o pano limpo que tinham lhe dado. Não me parecia muito mau quando a vi, mas, a julgar pela sua reação, podia morrer dentro de cinco minutos. Queria ver quão má era na verdade, antes de fazer qualquer coisa espetacular.

O animalomem sob a forma de lobo seguia à frente, com o condutor, os olhos meio fechados, devido ao vento e a língua pendurada. Teria sido divertido não fosse pelas armas.

— Têm mesmo que conduzir assim tão depressa? — murmurei a Jenks.

— Há veados por aqui.

O cara no comando cruzou o seu olhar com o meu. Os seus olhos eram castanhos e belos sob a luz tremeluzente que penetrava por entre as copas das árvores, me fazendo pensar no patrão de David, estando, ao mesmo tempo, por todo o lado e em lado nenhum.

— Não se deslocam muito, a não ser ao fim do dia, minha senhora — disse ele e eu acenei com a cabeça. *Em especial se estiverem mortos e esventrados.* Pensei, amargamente.

Sem estar realmente preocupada, me virei para o lado. Aquilo que eu queria saber tinha sido respondido; o cara não se opunha, que Jenks e eu falássemos. Não sabia se éramos prisioneiros ou convidados. Mas aquelas armas...

O Sr. Aqui-Quem-Manda-Sou-Eu ajustou o boné, depois tocou no cotovelo do condutor, apontando para o rádio.

— Hei — disse para o microfone, na sua voz arrastada, depois que o condutor ter lhe passado. — Alguém que atenda.

Passado um momento, se ouviu um arrastado e crepitante “Que é?”

Os lábios finos do homem tornaram-se ainda mais finos.

— Três elementos da matilha da *Aretha* estão caídos perto da presa de sábado. Quero que mandem um furgão lá... já. Antes de passarem eles pela água salgada, recolham um conjunto de dados completo.

— Não tenho água salgada pronta — queixou-se quem quer que fosse que estava do outro lado. — Ninguém me disse que íamos recolher dados este mês.

— Porque não íamos — respondeu, a raiva tornando-se óbvia no seu rosto, ainda que não transparecesse na voz grave. — Mas estão caídos e, como a *Aretha* está prenha, quero que façam um ultrassom. E tenham cuidado. Eles estão irritados e podem ser imprevisíveis.

— Um ultrassom? — responderam em um tom indignado. — Quem inferno está falando?

— É o Brett — disse ele, puxando o boné mais para trás e semicerrando os olhos para o Sol. Passámos por um buraco e eu me agarrei a um dos suportes de apoio. — E desse lado quem está falando?

Não ouve outra resposta além da estática e eu ri, apreciando o fato de não ser a única em problemas.

— Então — disse, quando Brett devolveu o microfone ao condutor e se instalou de novo no assento. — Vocês são um grupo de fanáticos da sobrevivência ou um centro de investigação de lobos?

— As duas coisas.

Os olhos do animalomem saltavam de Jenks para mim. O grande *pixy* tinha a cabeça dobrada sobre os joelhos, ignorando todos os presentes em um esforço para manter a mão na ferida.

Tirei da boca uma mecha de cabelo, desejando ter vestido mais do que os justos *collants* pretos. Parecia uma ladra e os homens que nos rodeavam estavam me comendo com os olhos. Usavam roupas camufladas largas e, pelo que conseguia ver, todos tinham um nó celta tatuado no arco das orelhas, idêntico aos emblemas que enfeitavam os bonés. *Hum.*

A maioria das matilhas tinha uma tatuagem que era subscrita por todos os membros, mas costumavam exibi-las em locais mais tradicionais. Os animalomens adoravam a decoração corporal no que era um forte contraste com os vampiros, que odiavam a ideia de se tatuarem, mesmo que houvesse alguma casa disposta a fazê-lo. Aparentemente, a dor fazia parte da mística e, como os vampiros podiam transformar a dor em prazer, eram raros os artistas dispostos a trabalhar em vampiros, mortos ou vivos. Mas os animalomens gozavam livremente desse prazer e os melhores artistas podiam correr tão bem em quatro patas como em duas. Sentia-me feliz por David não ter abordado a ideia de fazermos uma tatuagem da matilha.

Jenks começara a hiperventilar e eu pousei uma mão no seu ombro.

— Tenha calma, Jenks — disse, para acalmá-lo, ainda que tivesse começado a me sentir ansiosa quando a luz aumentou e nós diminuímos a velocidade, entrando em um complexo de aspecto agradável. Havia um lago nas proximidades, rodeado por uma mistura de pequenas cabanas e casas maiores, com caminhos de terra bem cuidados por todo o lado. — Tratarei de você assim que pararmos.



— Tratará? — perguntou ele, inclinando a cabeça, de forma que olhasse nos meus olhos. — Vai cuidar de mim?

Quase ri da expressão de pânico, até ter me recordado que era o dever ancestral da esposa de um *pixy*, e de mais ninguém, manter o companheiro vivo... e Matalina não estava ali.

— A Matalina não se vai importar — disse, ficando depois na dúvida. — Vai?

As suas feições de um jovem de dezoito anos relaxaram de alívio.

— Não. Só não quis partir do princípio...

— Deus do céu, Jenks — disse eu, sentindo a alteração do peso quando parámos. — Não é nada de especial.

Os olhos de Brett reluziam de especulação, diante daquela troca de palavras, ao mesmo tempo que nos obrigava a permanecer sentados enquanto os outros saíam do carro. O animalomem que assumiu a forma de um lobo foi o último e, mal os pés de Jenks e os meus tocaram no chão do estacionamento, Brett nos encaminhou para o lago. As pessoas que nos viam se mostravam curiosas, mas as únicas que pararam para nos observar usavam roupas elegantes, de cores vivas, ou trajes mais conservadores, parecendo desenquadradas no meio das roupas de serviço predominantes. Era óbvio que não se tratava de militares e perguntei o que estariam fazendo ali. Todos andavam sobre duas patas, o que não era de surpreender tendo em conta que se encontravam na ilha duas, talvez três matilhas — três matilhas *grandes* — e, quando as matilhas se misturavam, os pelos voavam se não se mantivessem sob forma humana.

Era realmente inusitado encontrar matilhas assim misturadas. Na verdade, isso era visível no desdém mal disfarçado que os animalomens com fardas mostravam aos animalomens em roupas vulgares e na atitude combatente porque- havia-de-me- preocupar-com-o-que-vocês-pensam com que a matilha de roupas coloridas respondia.

Os chapins cantavam no ar frio de primavera e o Sol brilhava por entre as folhas verde claras das árvores jovens. Era um local belo, mas algo cheirava mal. Literalmente. E não era o bafo do animalomem que seguia sobre as suas quatro patas, à minha direita.

O meu olhar preocupado seguiu o de Jenks até ao lago. Os troncos tinham sido empilhados em círculo em redor de uma grande fogueira, entretanto extinta e eu podia sentir, de leve, o odor ácido do sofrimento e da dor, que se sobrepunha ao cheiro das cinzas antigas. De súbito, senti que *não* queria ir até lá.

Jenks ficou rígido, as narinas muito abertas, fincando os calcanhares e cerrando o maxilar em um gesto de desafio. Senti a tensão se abater sobre mim e os homens seguraram as armas com mais força quando, como um todo, paramos. O animalomem a nossos pés rosnou, as orelhas apertadas contra o crânio e o lábio superior repuxado, mostrando os dentes brancos.

— Então, vamo todos nos acalmar — disse Brett em voz calma, avaliando cuidadosamente a determinação de Jenks e se inclinando para trás.

— Não vamos para o fosso. O Sr. Vincent vai querer nos ver — inclinou a cabeça na direção do condutor. — Leva-os para a sala de estar, de a eles o *kit* médico e deixe-os em paz.

As minhas sobrancelhas se ergueram e os homens que nos rodeavam, com as fardas iguais e os bonés engraçados, olharam uns para os outros, as mãos deslizando sobre as armas.

— Senhor? — gaguejou o condutor, sendo óbvio que não desejava fazer aquilo, e os olhos de Brett se estreitaram.

— Tem algum problema? — perguntou, a sua pronúncia arrastada gerando o dobro das sílabas necessárias. — Ou fazer segurança para uma bruxa e um... o que quer que ele seja... é muito para você?

— Não posso deixá-los a sós na sala de estar do Sr. Vincent — disse o condutor, obviamente preocupado.

Um *Jeep*, com um tanque branco e uma mangueira enrolada, arrancou e Brett sorriu, semicerrando os olhos para o Sol.

— Aguenta-se — disse. — E a próxima vez não comecem a se transformar sem que eu os diga para fazerem. Além do mais, ele parece esperto — acrescentou, acenando para Jenks — e muito calmo. Um cavalheiro. Por isso, estou disposto a apostar que não vai

fazer nada de precipitado — o seu comportamento amigável desapareceu, dando lugar a uma vontade férrea. — Entendido? — perguntou a Jenks, qualquer sinal do legal rapaz de província desaparecido.

Jenks acenou, o rosto simultaneamente sério e assustado. Não queria saber se tratava de uma típica artimanha de polícia boa e polícia má, desde que não tivesse de ir até ao lago. Aliviada, sorri para Brett, não vendo qualquer necessidade de fingir a minha gratidão. Na luz mais forte dos extremos do estacionamento pude perceber que o cabelo dele estava prateado devido à idade, não ao sol, o que o situava mais próximo dos quarenta do que dos trinta. O sorriso com que Brett me respondeu fez enrugar o rosto, os olhos divertidos, ao mesmo tempo que se tornava óbvio que tinha compreendido que eu estava a representar o papel da cativa agradecida e que não estava tão desamparada como dava a entender.

— Randy? — disse ele e o animalomem que avançava em quatro patas espetou as orelhas. — Você vem comigo.

Girando sobre um calcanhar, avançou a passos largos na direção do segundo maior edifício do complexo, o animalomem do tamanho de um pônei trotando atrás de si. O condutor observou enquanto se afastavam, movendo os lábios em uma praga surda. Com uma raiva óbvia, agitou a arma, indicando que deveríamos tomar um outro caminho. Jenks e eu começamos a andar antes que pudessem nos tocar. *Estava na hora de levarmos um pouco com a polícia má?*

Nos dirigíamos para longe do fosso, mas eu não me sentia muito melhor. O caminho era composto por chão liso e os tênis de corrida de Jenks eram silenciosos ao lado dos meus. Atrás de nós, os animalomens arrastavam ruidosamente as botas. O edifício para onde nos estávamos indo tinha todo o aspecto de ter sido construído nos anos setenta do século XX, baixo e comprido, feito em pedra cor de salmão, com janelas pequenas e altas que davam para o lago. A seção do meio era a mais alta e supus que tivesse tetos cruvados já que não tinha altura suficiente para um segundo piso. Comecei a diminuir os passos, quando nos aproximamos da entrada, fitando a enorme porta de madeira e aço que parecia pertencer a um cofre.



— Querem que vamos entrando? — perguntei, hesitando.

O animalomem rosnou, sendo óbvio que não estava satisfeito com a exigência do patrão que lhe deu uma tarefa desagradável pela qual, caso escapássemos, poderia ser castigado. Já para não falar no fato de que Brett levou com ele o único elemento da equipe que poderia ter uma hipótese de nos apanhar.

Tomando aquilo como um sim, Jenks passou para a minha frente e abriu a porta, sujando ela de sangue. Seria um bom marcador caso alguém fosse à nossa procura, desde que não se lembrassem de limpar a maçaneta. Não me pareceu que alguém tivesse reparado e nos esgueiramos para o interior.

— Ao fundo do corredor, à esquerda — disse o condutor, apontando com o punho da arma.

Estava farta da sua atitude; eu não tinha culpa que Brett estivesse zangado com ele. Peguei no cotovelo de Jenks — aparentemente, a imagem do seu próprio sangue estava adeixando ele tonto de novo — e nos conduzi ao longo das paredes lisas até um local de maior luminosidade ao fundo do corredor. Tratava-se, obviamente, de uma sala de estar e eu analisei, calculando as possibilidades que nos oferecia, enquanto o condutor mantinha uma conversa murmurada com as sentinelas sob a arcada. Também estavam armadas, mas, desta feita, não tinham os rostos pintados nem quaisquer símbolo além da tatuagem.

Os tetos baixos do corredor deram lugar ao piso e meio o que eu vi do exterior. À minha direita, uma fileira de janelas que se abriam para um pátio fechado decorado com arbustos e uma fonte formal. À minha esquerda, a parede exterior virada para o lago, com uma passagem suspensa aninhada sob as janelas altas. A divisão funda gritava segurança e a minha mente voltou de novo à ideia inicial: a de que se tratava de um grupo de sobrevivência. Estava disposta a apostar que, mesmo quando nos deixassem sozinhos, alguém estaria nos observando, pelo que não fiquei surpreendida quando Jenks murmurou:

— Há aqui seis câmaras. Não consigo situá-la de todas, mas consigo ouvir as suas diferentes frequências.

— É sério — disse, os olhos percorrendo a divisão, mas não as conseguindo detetar na confortável sala de estar funda, com dois sofás virados um para o outro; uma mesa de centro; duas cadeiras perto das janelas e aquilo que me pareceu um modesto *entertainment center*²⁹ até ter compreendido que incluía duas televisões de tela plana, três *boxes* de televisão a cabo com HD e um computador que teria deixado Ivy salivando.

Desci com Jenks o degrau baixo e fui me sentar no sofá mais longe da porta, gritando um agressivo:

— Se resolva com esse *kit* de primeiros socorros — quando o condutor deu ordens a todos, para que saíssem.

Ele ergueu a espingarda em uma demonstração de agressividade e eu lhe dirigi um sorriso afetado.

— Então — disse, me encostando no sofá e estendendo os braços sobre as suas costas. — Vai me dar um tiro na sala de estar do seu patrão e sujar o carpete todo só porque eu fui rude. Faz ideia de como é difícil limpar o sangue dos carpetes? Seja um bom cachorrinho e faz o que te mandaram.

Jenks estremeceu e o homem ficou vermelho, os músculos do maxilar apertados.

— Vá recuando para o seu cantinho — disse ele, enquanto baixava a arma. — Quando chegar a hora, estarei lá.

— Como queira.

Olhei para o teto, expondo a minha garganta já ferida, embora sentisse o estômago dando voltas. Entre os animalomens, o estatuto determinava a forma como se era tratado e eu queria ser bem tratada. Por isso, ia ser uma cadela em mais do que um sentido da palavra.

Não ouvi ele sair, mas recuperei o fôlego quando Jenks relaxou.

— Saiu? — sussurrei e ele fez uma careta exasperada.

— Pelas calcinhas da Sininho, Rachel — disse ele, se sentando na beira do sofá, ao meu lado, e pousando o cotovelo no joelho. — Aquilo foi duro, mesmo para você.

²⁹ Entertainment Center: centro de entretenimento

Baixei a cabeça para olhar para ele. Rodeados pelo carpete e pelas madeiras, podia sentir o cheiro do lago sobre mim e passei os dedos pelos meus caracóis, emaranhados e húmidos, ficando com os dedos colados. Pensei em empurrar lhe o cotovelo de cima do joelho, mas me refreei, já que ele continuava sangrando. Em vez disso, endireitei e levei a mão ao curativo que ele pressionava contra a cabeça.

— Não — disse ele, parecendo histérico quando se desviou.

De lábios apertados, olhei ao redor da sala, para as câmeras invisíveis.

— Onde está o meu maldito *kit* de primeiros socorros! — gritei. — É melhor que alguém me traga o meu *kit* antes que eu me chateie!

— Rachel — protestou Jenks. — Não quero ver o fosso. Cheirava muito mal.

Vendo a sua preocupação, tentei sorrir.

— Acredita em mim, estou tentando ficar longe dele. Mas, se agirmos como presas nos tratarão como antílopes feridos. Já assistiu a programas sobre animais, certo?

Ambos erguemos os olhos quando uma garota pequena, vestindo um jeans e uma camisa, atravessou a única porta da sala. Tinha na mão uma caixa extensível que pousou, silenciosamente, à minha frente e de Jenks. Sem nos olhar nos olhos, recuou três passos antes de se virar.

— Obrigada — eu disse. Sem parar, olhou por cima do ombro, sendo óbvia a sua surpresa.

— Não tem de quê — disse ela, tropeçando no degrau ao sair da parte mais funda. Ficou com as orelhas vermelhas e eu calculei que não tivesse mais de treze anos. Em uma matilha animalomem tradicional, a vida era boa para quem estava nos lugares mais altos da hierarquia, uma porcaria para quem estava nos mais baixos e eu me perguntei onde se encaixaria ela.

Jenks emitiu um som rude e eu abri a caixa, descobrindo as coisas do costume, com exceção de qualquer objeto afiado ou pontiagudo.

— Então, porque é que você foi simpática com ela? — perguntou.

Vasculhei a caixa até ter descoberto um band aid de dimensões razoáveis e um pacote de gaze.

— Porque ela foi simpática comigo — afastando a caixa extensível para arranjar espaço sobre a mesa, me sentei de lado. — Agora, vais ser simpático ou vou ter que ser chata?

Jenks inspirou fundo, me espantando ao assumir uma expressão séria e preocupada.

— Tudo bem — disse, afastando lentamente o pano.

Com os olhos fixos no sangue que cobria o pano, começou a respirar mais depressa. Quase sorri, ao constatar que não era mais que um arranhão. Talvez quando tivesse dez centímetros e um dedo de sangue aquilo fosse um problema, mas com aquele tamanho não era nada. Contudo, ainda sangrava, pelo que rasguei a embalagem de gaze.

— Fica quieto — disse, me afastando quando ele estremeceu. — Droga, Jenks. Fica quieto. Não vai doer tanto assim. É só um arranhão. Quem te via, pensaria que tinha recebido uma facada e ia precisar de pontos.

O seu olhar saltou do pano manchado de sangue para o meu rosto. A luz que vinha do pátio tornava os olhos dele muito verdes.

— Não é isso — disse, fazendo com que me lembrasse que estávamos sendo observados. — Nunca ninguém, a não ser a Matalina, tratou de mim. Tirando a minha mãe.

Coloquei as mãos no colo, me lembrando de ter ouvido em algum lugar que a ligação entre os *pixies* era para toda a vida. Um fio de sangue escorria na direção dos olhos dele e estendi o braço para o parar.

— Sente a falta da Matalina? — perguntei baixinho.

Jenks acenou, o seu olhar pousando no primeiro pano, enquanto eu limpava a sua testa, afastando suavemente os seus caracóis louros. O cabelo dele era seco, como palha.

— Nunca tinha estado tanto tempo longe dela — disse ele. — Dez anos e nunca estivemos longe um do outro mais do que um dia.

Não pude deixar de sentir um toque de inveja. Ali estava eu, tratando de um garoto de dezoito anos, pronto para morrer e com saudades da mulher.

— Tem sorte, Jenks — eu disse, baixinho. — Ficaria fora de mim se conseguisse passar um ano com o mesmo cara.

— É hormonal — disse ele e eu me afastei, ofendida.

— Acho que vi álcool aqui dentro — murmurei, voltando a abrir a caixa extensível.

— Estava falando de mim e da Matalina — disse ele, enquanto as orelhas ficavam vermelhas. — Me sinto mal por você, aos tropeções em busca de amor. Com a Matalina, soube logo.

Fazendo uma careta, tirei mais uma gaze e limpei cuidadosamente o arranhão para libertar um pedaço de folha.

— Ah, sim? Bem, as bruxas não têm essa sorte.

Atirei o pano ensanguentado para a mesa e Jenks se afundou no sofá, ficando mole e de olhar obscurecido.

— Lembro da primeira vez que a vi — disse ele e eu emiti um *mmmm* de encorajamento, já que ele tinha, finalmente, acabado de se remexer. — Tinha acabado de sair de casa. Eu era um rapaz do campo. Sabia?

— É sério? — O pano que eu tirei era muito grande e procurei algo mais pequeno na caixa. Vendo uma gaze úmida, entreguei para que pudesse limpar os dedos.

— Muita chuva e pouco sol — disse, enquanto pousava o primeiro pano e abria a embalagem da gaze úmida, como se esta contivesse uma gaze muito delicada. Cuidadosamente, desdobrou o pano. — O jardim era mau. O que me restava era cuidar de mim ou tirar a comida da boca dos meus irmãos. Por isso, parti. Apanhei uma carona em um furgão de vegetais e acabei no mercado agrícola de Cincinnati. Fui espancado a primeira vez que entrei em território alheio. Não sabia a ponta de um chifre.

— Lamento — disse, concluindo que Jenks poderia se sentir ofendido com band aid da Barbie e vasculhando na caixa até ter encontrado um do He-Man. *A quem é que eles andavam prestando primeiros socorros? Crianças primárias?*

— Foi uma sorte ter sido Matalina a me encontrar dormindo debaixo da campainha³⁰ e não um dos seus irmãos. Felizmente, ela me encontrou, acordou e tentou me matar, por essa ordem. Tive ainda mais sorte quando ela me deixou passar a noite ali, quebrando a regra mais importante da sua família.

³⁰ Campainha: Planta amarilidácea.

Ergui o olhar, a minha tensão diminuindo quando vi o amor nos seus olhos. Era chocante ver um tal sentimento, tão honesto e cru, em um rosto tão jovem.

Jenks me dirigiu um ligeiro sorriso.

— Parti antes do nascer do Sol, mas, quando ouvi falar de um novo empreendimento imobiliário que ia ser construído perto de Eden Park, fui espreitar os planos de construção. Iam plantar alguns lotes verdes. Pedi a Matalina que me ajudasse e, quando os caminhões chegaram, estávamos lá. Uma pessoa não consegue manter nada, mas duas podem tomar conta do mundo, Rachel.

Tinha a sensação de que ele estava tentando me dizer mais do que as palavras traduziam, mas não queria ouvir.

— Fica quieto — disse, afastando o cabelo do caminho e aplicando o band aid rápido. Me afastei e o cabelo ensanguentado de Jenks caiu, escondendo o curativo. Me virando para a mesa, juntei o lixo em um montinho, sem saber o que fazer com ele.

— Obrigado — disse Jenks baixinho e eu olhei para ele.

— Sem problemas. A Matalina me deu pontos que foi uma maravilha, por isso fico feliz em retribuir o favor.

Ouvimos barulho perto da entrada da sala e nos virámos. Um homem pequeno, de calça social e polo vermelho tinha acabado de entrar, o passo rápido e confiante: atarefado, foi à sensação que tive. Atrás dele encontravam-se dois homens com fardas. Tinha pistolas nos coldres em redor da perna e eu me levantei. Jenks me seguiu rapidamente, afastando do caminho os caracóis manchados.

O cabelo do homem estava cortado rente ao crânio, em estilo militar, com uma pureza que contrastava fortemente com o bronzado profundo e as feições queimadas pelo sol e o vento. Não tinha barba nem bigode, o que não me surpreendeu. A sua presença jorrava dele como o cheiro da água-de-colônia, enquanto ele descia para a sala de estar, mas não se tratava de uma confiança como a de Trent Kalamack, baseada na manipulação. Não, se tratava de uma confiança nascida da consciência de que seria capaz de atirar o adversário no chão e machuca-lo. Tinha cinquenta e poucos, calculei, e me atreveria a considerá-lo baixo e musculoso. Não tinha nada de flácido.

— Manda chuva, eu presumo? — sussurrei e ele parou de súbito a pouco mais de um metro de distância, deixando a mesa entre nós. A sua inteligência era óbvia, enquanto os seus olhos saltavam entre mim e Jenks, os dedos procurando pelos óculos no bolso do polo, enquanto nós nos erguíamos, à sua frente, com as nossas roupas negras de ladrão.

O homem inspirou fundo e soltou o ar.

— Raios — disse a Jenks, com uma voz rouca, como se fumasse muito. — Tenho estado te observando e durante os últimos cinco minutos e não sei o que é.

Jenks fitou-me e eu encolhi os ombros, surpreendida por descobri-lo tão franco e honesto.

— Sou um *pixy* — disse Jenks, escondendo a mão atrás das costas para que o homem não tentasse apertar.

— Por Deus, um *pixy*? — balbuciou ele, os olhos castanhos muito abertos. Me olhando de relance, colocou os óculos, inspirou e acrescentou — Obra sua?

— Sim — disse, estendendo a mão para apertar a dele.

Inspirei, sibilando, e saltei para trás quando os dois homens que tinham entrado com ele engatilharam as armas. Nem sequer os vi sacá-las.

— *Afastem-se!* — berrou o homem e Jenks saltou. Foi um som espantosamente sonoro e profundo, transportando consigo o estalar de um chicote. Observei, com o coração batendo veloz, enquanto os dois homens baixavam as armas. No entanto, não as guardaram nos coldres. Começava a odiar aqueles bonés deles.

— Walter Vincent — disse o homem, marcando o “t” de forma forte e nítida.

Olhei de relance para os homens atrás dele, depois voltei a estender a mão.

— Rachel Morgan — disse, com uma confiança maior do que a que sentia. — E este é Jenks, o meu parceiro.

Aquilo era estranho, civilizado. *Sim, vim roubá-lo, meu senhor. / Que encantador; não quer um chá antes de fazer?*

O animalomem na minha frente apertou os lábios, as sobrancelhas brancas muito erguidas. Podia ver os seus pensamentos aos pulos e dei por mim pensando que era um cara rudemente atraente apesar da idade e que o mais provável era que fosse pedir a



alguém para me machucar. Adorava homens espertos, em especial quando os respectivos cérebros eram acompanhados por corpos cuidadosamente mantidos.

— Rachel Morgan — disse ele, a voz subindo e descendo em uma expressão de espanto. — Já ouvi falar de você, se é que pode acreditar. Embora o Sr. Sparagmos acredite que está morta.

O meu coração bateu com força. *O Nick está aqui. Ele está vivo.* Lambi os lábios, me sentindo de súbito nervosa.

— Foi apenas um dia mau, mas tenta explicar isso à comunicação social — exalei, sem afastar o olhar, sabendo que o estava desafiando, mas sentindo que tinha que fazer. — Não vou embora sem ele.

Acenando com a cabeça, Walter recuou, velozmente, dois passos. O homem atrás dele me tinha em melhor mira e o meu coração entrou em um ritmo mais acelerado. Jenks não se moveu, mas ouvi a sua respiração acelerar.

— Nunca foram pronunciadas palavras mais verdadeiras — disse Walter. Tratava-se de uma ameaça e eu não gostei da absoluta despreocupação na sua voz. Jenks avançou, colocando-se ao meu lado e a tensão cresceu.

Um homem pequeno, vestindo uma farda, se aproximou silencioso, com uma folha de papel, distraindo ele. Os olhos de Walter deslizaram lentamente de mim e o estremecimento que eu mantive preso se libertou. Apertei os lábios, irritada por ele me ter afetado. Walter se erguia perto da janela, a luz se derramando sobre ele e o papel que fitava de olhos meio fechados. Enquanto ria, apontou para o *kit* de primeiros socorros e, silenciosamente, o homem recolheu-o e partiu.

— Rachel Morgan, agente independente e terceira sócia igualitária da Encantamentos Vampíricos — disse Walter. — Libertou-se da SI em junho e sobreviveu? — voltou a sua atenção para mim. A curiosidade bem visível no seu rosto duro e bronzeado, sentou-se em uma cadeira de estofado realmente alto e deixou que o papel caísse ao chão. Ninguém pegou nele. Olhei de relance para ele, vendo uma fotografia desfocada da minha pessoa, o cabelo em desalinho e os lábios afastados como se estivesse sob a influência de Enxofre. Franzi a sobrancelha, não me recordando de ter tirado.

Walter pousou um tornozelo sobre o joelho e eu ergui os olhos, observando.

— Só alguém muito inteligente ou muito rico sobrevive a uma ameaça de morte da SI — disse ele, com dedos grossos e poderosos afunilados. — Não é esperta, tendo em conta que a apanhámos e é óbvio que trabalha para comer. Sendo de Cincinnati, a lógica dita que seja um dos cordeiros sacrificiais mais atraentes de Kalamack.

Inspirei furiosa e Jenks me agarrou pelo cotovelo, puxando para trás.

— Não trabalho para o Trent — disse, me sentindo quente. — Quebrei sozinha o contrato com a SI. Ele não teve nada que ver com isso, a não ser pelo fato de eu ter pago a minha liberdade à custa de quase o ter apanhado por tráfico de biomedicamentos.

Walter sorriu, me mostrando os seus dentes pequenos e brancos.

— Aqui diz que foi a um pequeno almoço com ele no último dezembro depois de terem passado a noite na cidade.

O vermelho de raiva que me corava o rosto, se transformou em um rubor de embaraço.

— Estava sofrendo de hipotermia e ele não quis me deixar em um hospital ou no meu escritório — uma hipótese implicaria o envolvimento da lei, a outra da minha companheira de casa, duas coisas que Kalamack tinha todo o interesse em evitar.

— Exatamente — Walter se inclinou para frente, os olhos fixos nos meus. — Salvou a sua vida.

Esfregando os dedos na testa, disse:

— Foi caso único. Se estivesse pensando como deve ser, talvez o tivesse deixado afogar, mas nesse caso teria que devolver os dez mil dólares.

Walter mostrava um ar convencido, enquanto se recostava na cadeira perto da janela, o sol brilhando no cabelo branco.

— A pergunta que vai me responder é como é que o Kalamack descobriu a existência do artefato, se alguém sabia onde se encontrava e onde está essa pessoa?

Lentamente, me sentei na beira do sofá, sentindo doente. Jenks se dirigiu para o outro lado da mesa de centro, se sentando de forma que protegesse a minha retaguarda, observando Walter e a porta ao mesmo tempo. Os animalomens machos eram conhecidos

por darem bastante folga às fêmeas de todas as espécies, já que os hormônios conduziam os seus pensamentos, mas a lógica acabaria, mais cedo ou mais tarde, por se afirmar e as coisas iam ficar feias. Olhei para os dois homens perto da porta, depois para as janelas de vidro laminado. Nenhuma se apresentava como uma boa opção. Não tinha para onde ir.

— Não tenho nada contra você— disse Walter, arrancando a minha atenção da possibilidade de lançar um deles contra o vidro e assim me ver livre de dois problemas ao mesmo tempo. — E estou disposto a deixar que parta, junto com o seu parceiro.

Espantada, não fiz nada quando o pequeno homem se ergueu da cadeira em um movimento suave e muito rápido. Os dois homens perto da porta já se encontravam em movimento. A minha respiração se prendeu na garganta e refreei um grito quando o animalomem se jogou, de súbito, sobre mim.

— Rachel! — gritou Jenks e ouvi o clique das patilhas de segurança sendo libertadas.

Houve uma ligeira briga que terminou com o seu gemido de dor, mas não conseguia ver ele. O rosto de Walter se encontrava no caminho, calmo e calculista, os dedos envolvendo levemente o meu pescoço, logo por baixo do queixo. A adrenalina pulsou através de mim, me provocando dores de cabeça. Quase muito depressa para que eu me percebesse, o animalomem mais velho tinha me prendido contra o sofá.

Com o coração batendo veloz, refreei o meu primeiro instinto para lutar, embora fosse difícil, muito difícil. Fitei os seus tranquilos olhos castanhos e fui tomada pelo medo. Ele estava tão calmo, tão seguro do seu domínio. Podia sentir o cheiro do seu *after shave* e o odor almiscarado que se lhe sobrepunha cada vez mais, enquanto o animalomem se erguia sobre mim, a pequena, mas poderosa mão sob o meu queixo, o único ponto em que nos tocávamos. A sua pulsação era rápida, tal como a sua respiração. Mas os olhos estavam calmos.

Não me movi, sabendo que isso desencadearia um conjunto de horrores inteiramente novo. Jenks sofreria, depois eu. Enquanto eu não fizesse nada, Walter não faria nada. Era um jogo mental próprio dos animalomens e, embora fosse contra todos os meus instintos, eu podia jogá-lo. Contudo, os meus dedos estavam rígidos e o meu braço tenso, pronto a esmurrar o seu estômago, mesmo que isso implicasse levar um tiro.



— Estou disposto a libertá-la — respondeu suavemente, o seu bafo cheirava a pasta de dentes de canela e os lábios grossos quase não se moviam. — Voltará para Kalamack e lhe dirá que o artefato é meu. Ele não o terá. Me pertence. O maldito elfo se julga capaz de dominar o mundo — ele sussurrou de tal forma que só eu o podia ouvir. — É a nossa vez. Eles já tiveram a sua oportunidade.

O meu coração bateu mais depressa e senti que a minha pulsação aumentava a pressão contra os seus dedos.

— A mim, me parece que pertence ao Nick — disse, arriscando. *E como raio é que ele sabe que o Trent é um elfo?*

Inspirei rapidamente, saltando quando ele se afastou, parando, de súbito, a dois metros e meio de distância. O meu olhar saltou para Jenks. Ele tinha sido arrastado para o meio da sala e colocado de forma que favorecesse a perna direita. Me dirigiu um olhar apologetico que não me devia e os dois homens que o seguravam o libertaram, na sequência de um pequeno gesto de Walter. O sangue seco no cabelo de Jenks começava a assumir uma feia tonalidade castanha e eu obriguei o meu olhar a se desprender dele e regressar a Walter.

Perturbada, me recusei a tocar no pescoço, optando em vez disso por colocar os braços sobre as costas do sofá. Por dentro, estava tremendo. Não gostava de animalomens. Podiam me bater ou me deixar em paz, mas aquela atitude e aquelas ameaças eram inúteis.

Transpirando confiança e satisfação, Walter sentou-se, ocupando o sofá à minha frente e imitando a minha postura quase exatamente. Era óbvio que o animalomem não ia quebrar o silêncio, por isso falaria eu. Me custaria alguns pontos naquele jogo tolo, mas eu queria chegar ao fim antes de o Sol se transformar em uma supernova.

— Estou nas tintas para o seu artefacto — disse, a voz baixa para que não tremesse como as minhas mãos ameaçavam fazer. — E tanto quanto sei, o Trent também está. Não trabalho para ele — *intencionalmente*. — Estou aqui pelo Nick. Agora... — inspirei fundo — ... Vai me entregar ou vou ter de machucar algumas pessoas e tomá-lo pela força?

Em vez de rir, a testa de Walter se enrugou e ele sugou o ar por entre os dentes.

— O Kalamack não sabe — disse, em um tom monótono, fazendo com que se tratasse de uma afirmação, não uma pergunta. — Porque é que está aqui? Porque é que se preocupa com o que pode acontecer ao Sparagmos?

Afastei os braços do sofá, pousando uma mão no quadril e acenando com a outra, em um gesto de exasperação.

— Sabe, pus a eu mesma essa questão ainda esta manhã.

Um sorriso desceu sobre o rosto do animalomem e ele olhou de relance para o espelho decorativo que presumi ser um vidro unilateral.

— Um salvamento sentimental? — disse ele e eu me senti ferver devido ao tom de escárnio na sua voz. — Ama e ele pensa que está morta. Oh, é um clássico! Mas é suficientemente idiota para ser verdade.

Eu não disse nada, cerrando os dentes. Jenks se aproximou e as sentinelas ajustaram as mãos sobre as armas.

— Pam? — chamou Walter e não fiquei surpreendida quando uma mulher baixa entrou na sala, agitando os braços de forma confiante, um amuleto pendurado nos dedos. Vestia leves calças corsário de algodão e uma blusa a condizer, o cabelo longo e negro caindo até ao meio das costas. Sobrancelhas bem definidas, lábios grossos e salientes e uma estrutura óssea facial delicada transmitiam a imagem de uma boneca de porcelana. *Uma boneca de porcelana muito atlética*, corrigi quando ela pousou o amuleto sobre a mesinha de centro, em um gesto acusatório.

Um amuleto da verdade, calculei, tendo em conta os nós no aro e afastei o olhar do seu matraquear ao bater na mesa. Os animalomens usavam magia com mais frequência do que os vampiros e me perguntei se era por precisarem mais do que os vampiros do aumento de poder ou se era por os vampiros estarem tão seguros da sua superioridade que não precisavam de magia para competir com os restantes Inderlanders.

— Ela não está mentindo — disse a mulher, me dirigindo um rápido sorriso que não era nem caloroso nem acolhedor. — Em relação a nada.

Walter suspirou como se tratassem de más notícias.

— Lamento ouvi-lo — disse baixinho.



Maldição. Olhei para Jenks. Ele tinha os olhos muito abertos e parecia ansioso. Também o tinha ouvido. Algo tinha mudado. *Dupla maldição.*

Outros seis homens entraram na sala e Walter se levantou-se, envolvendo a cintura de Pam com o braço, em um gesto de familiaridade e a puxando para mais perto.

— Lança-os para o fosso — disse, parecendo lamentar a decisão e Jenks ficou rígido. — Quero saber se virá alguém atrás dela — sorriu a Pam. — Tenta não fazer nada que não possa ser desfeito. Podemos ter de os devolver a quem quer que seja que a envolveu nisto. Pode não pertencer a Kalamack, mas pertence a alguém.

— Uou! Esperem lá — disse eu, me levantando. — Estava disposto a me deixar ir embora se trabalhasse para Trent e andasse atrás da sua maldita estátua, mas vai dar cabo de mim se só tiver vindo atrás do Nick?

Jenks gemeu e eu parei quando Walter e Pam fitaram o amuleto sobre a mesa. Este brilhou num amigável e suave tom verde.

— E como é que sabia que se tratava de uma estátua?

Droga. Sou uma bruxa mesmo, *mesmo* estúpida. Agora não iam parar enquanto não descobrissem tudo sobre Jax. Soube que os pensamentos de Jenks tinham tomado um caminho semelhante quando ele saltitou, ansioso, entre um pé e o outro.

— Descobre o que eles sabem — disse Walter e uma expressão selvagem se apoderou do rosto de Jenks.

Lutei por não me mover quando alguém me agarrou, exercendo uma pressão cada vez mais forte para me obrigar a mexer. A figura forte de Brett se aproximou-se da entrada, a expressão do seu rosto me dizendo claramente que acreditava que eles estavam cometendo um erro.

— Não vou falar — disse eu, tremendo por dentro. — Ainda não foi inventado o feitiço capaz de me obrigar a dizer o que quer que seja, quanto mais a verdade.

Walter me presenteou com um sorriso, me mostrando os dentes pequenos.

— Não estava pensando em usar feitiços para te fazer falar. Temos drogas para isso — disse ele e eu gelei. — O Sparagmos revelou uma resistência espantosa às mesmas, pelo que optámos por recorrer a métodos mais antigos. Também tem resistido a esses, mas

talvez o possamos obrigar a falar se machucamos você. Tudo o que faz, quando lhe perguntamos pelo paradeiro da estátua, é chorar. Pam, se importa de supervisionar o interrogatório dela? A minha úlcera fica assanhada quando machuco uma mulher.

O animalomem começou a se dirigir para Brett e para a entrada, me eu deixando e a Jenks no meio da sala repleta de armas. Histérica, olhei de Jenks para Walter, que se erguia perto da porta, dando a Brett um conjunto de instruções que eu não conseguia ouvir. Analisei a sala em busca de opções, não encontrando nenhuma.

— Se ela sabe, mais alguém sabe. Descubra quem — terminou Walter.

— Rachel? — murmurou Jenks, obviamente pronto para atacar, mas esperando que eu desse a ordem.

— Reclamo ascensão — disse, assustada. *Oh, Deus. Outra vez não. Não de propósito.*

Walter saltou, mas foi Pam quem se virou, o cabelo preto agitando-se devido ao movimento, e os lábios afastados, uma boneca surpreendida de faces vermelhas.

— Reclamo o direito a ascender na matilha — disse, mais alto.

Não queria lutar com ela, queria ganhar tempo. Kisten perceberia que havia algo errado se não lhe ligasse dentro de três dias. Naquela altura, já não me preocupava que tivesse de ser salva. — Quero três dias para me preparar. Não podem me tocar — acrescentei, para realçar a minha posição.

A raiva repuxou as sobrancelhas brancas de Walter e as rugas lhe marcaram a testa.

— Não pode — disse. — Não é um animalomem e, mesmo se fosse, não passaria de uma prostituta de meia-dentada.

Jenks não relaxou, mas estava escutando, tal como todos os presentes. Preparado. À espera.

— Posso — disse, afastando com um encolher de ombros, a mão de quem quer que fosse que estava me segurando. — E faço-o. O meu número de matilha é O-C(H) 93AF. E, como alfa, reclamo ascensão sobre quem me desejar. Podem procurar. Estou no catálogo.

Tremendo, dirigi a Pam um encolher de ombros, na esperança de que ela compreendesse que não era nada pessoal. Ela fitou as feridas no meu pescoço, erguendo as sobrancelhas, mas mantendo os pensamentos só para si.

— Não quero liderar a sua matilha infestada de carrapato — disse, para garantir que todos percebam a minha intenção. — Mas quero o Nick. Se eu vencer a sua alfa, reclamo-o e parto — inspirei fundo. — Partimos todos. Intactos e sem sermos perseguidos.

— Não! — ladrrou Walter e todos, com exceção de mim e da Pam, saltaram.

Jenks parecia preocupado, os olhos verdes apertados.

— Rachel — disse, aparentemente sem se preocupar com o fato de todos o poderem ouvir. — Se lembra do que aconteceu da última vez?

Lhe dirigi um olhar venenoso.

— Da última vez, ganhei — disse, irada.

— Por uma questão técnica — disse ele, parando quando tentou avançar na minha direção e os homens que o rodeavam ameaçaram se tornarem violentos.

— Jenks — disse, pacientemente, ignorando as armas apontadas. — Podemos tentar escapar de um grupo de sobrevivência composto por loucos, nadar até à costa e, com alguma sorte, iludi-los ou posso lutar com um animalomem malcheiroso. De uma forma, nos machucamos e ficamos de mãos abanando. Da outra, só eu é que me machuco e talvez ainda consigamos sair daqui com o Nick. É tudo o que quero.

O rosto de Jenks assumiu uma inusitada expressão de ódio que parecia errada nele.

— Porquê? — sussurrou. — Não percebo porque é que se preocupa.

Baixei os olhos para o carpete, fazendo a eu mesma essa pergunta.

— Isto não é um jogo — disse Walter, o rosto redondo ficando vermelho. — Tragam-me o médico e as drogas. Quero saber quem os enviou e o que é que sabem.

O homem que me agarrava e eu ficamos mais tensos.

— Hum, Walter, querido? — disse Pam e todos os presentes pararam diante da frieza na sua voz. — Pelas bolas de Cérbero, o que é que está fazendo?

No silêncio que se instalou, Walter virou-se.

— Ela não é um animalomem. Pensei...

As suas palavras foram interrompidas pelo rosnado baixo de Pam. Os olhos dela estavam semicerrados e tinha as mãos nos quadris.

— Fui desafiada — a voz dela se tornou mais audível. — Como é que espera que saia desta sala sem que até o mais vil cachorro ache que sou uma covarde? Não quero saber se ela é um duende de peitos vermelhos, acabou de fazer xixi no meu pratinho de comida!

Jenks riu, fazendo com que as orelhas de Walter ficassem vermelhas.

— Querida... — tentou, mas a sua postura era encurvada e submissa.

Ergui uma sobrancelha para Jenks. Talvez estivesse vendo os animalomens de uma perspectiva errada. O verdadeiro poder estava nas mãos das mulheres que seguravam o macho alfa pelas bolas.

— Fofinha — tentou de novo, quando ela afastou a mão dele. — Ela está tentando ganhar tempo. Quero saber quem a vem buscar antes que chegue aqui. Ela não é um animalomem e não quero pôr em risco a posse do artefato por aderirmos a tradições antigas que já não deviam existir.

— Foram essas tradições que te puseram onde está agora — disse ela, mordaz. — Não temos que lhe dar três dias — Pam virou-se para mim, com um sorriso afetado. — Faremos agora. Pensa nisso como uma possibilidade para eu a comover. Vai ser divertido. Se ela fizer trapaça com a sua magia, a matilha pode fazê-la em migalhas.

A minha esperança foi, como se costuma dizer, pelo cano abaixo. Walter também não parecia saber o que fazer, erguendo-se de rosto vazio e surpreso, enquanto Pam o beijava na face, sorrindo.

— Me de vinte minutos para me transformar — disse ela, saindo.

Olhei para Jenks. *Merda*. Não fora aquilo que eu planejei.



CAPÍTULO 14

Pouco sol passava pelas frágeis folhas de primavera e eu tremi. É o frio, pensei, não gostando do cheiro forte da cinzas e entranhas esvaziadas ou das pessoas que se juntavam à multidão ruidosa em grupos de duas e três. E não era pelo fato de Jenks ter as mãos algemadas à sua frente. Nem podia ser pelo fato de o ambiente de festa estar crescendo entre as pessoas que tinham vindo para me ver ser estraçalhada. Não, tinha que ser devido ao frio da tarde de maio.

— Sim, portanto — sussurrei, obrigando as minhas mãos a soltarem os meus cotovelos e forçando o meu corpo a se apoiar nos dedos para relaxar os músculos.

O odor a fumo velho erguia-se, forte, do fosso próximo, quase escondendo o cheiro almiscarado que aumentava de intensidade. Tinha a sensação de que, se fosse um pouco mais tarde, teriam acendido uma fogueira para aumentar a encenação. Assim sendo, as pessoas com fardas e bonés organizavam-se em pequenos grupos em um dos cantos. Do outro lado da clareira, encontravam-se os animalomens mais modernos, nas suas roupas largas e coloridas, com uma aparência ainda mais legal devido à indiferença que aparentavam, falsa, mas não menos eficaz. Entre eles, estava o terceiro grupo, vestindo terno e vestidos. Eles riam baixinho, dos homens de farda, mas mostravam-se, claramente,

mais desconfiados que os rudes e imprevisíveis animalomens que exibiam as suas joias e falavam em voz alta. As conversas excitadas começavam a me deixar nervosa.

Subjacente a elas estava a sensação de um poder que se reunia. Ele começou a me invadir e a minha expressão se tornou séria quando reconheci a sensação estranha. Recordando o fiasco da Sra. Bryant, abri o olho da minha mente para fitar as auras dos animalomens que nos rodeavam. O meu estômago se apertou quando elas tremeluziram tornando-se visíveis.

Que grande droga, pensei, olhando para Jenks, com uma expressão preocupada. As três matilhas partilhavam o mesmo brilho marrom ao redor das suas auras. A aura da maioria dos animalomens estava envolta em uma névoa que refletia a cor predominante dos seus machos alfas e a probabilidade dos três machos alfas presentes naquela ilha terem uma aura do mesmo tom marrom era pouca. Estavam unidos em círculo sob o comando de um animalomem. Maldição, aquilo não era justo!

E o laço era muito forte, compreendi ao analisar o complexo em busca de uma escapatória. Suficientemente forte para que o sentisse, o que não tinha acontecido quando David interferira, e isso não indiciava nada de bom para a disputa entre alfas que se aproximava. Escutando os gritos e as conversas à minha volta, não pude deixar de sentir que a força extra, vinha dos membros subordinados que se uniam.

Walter não era um alfa particularmente poderoso e eu não era vaidosa o bastante para pensar que eles tinham feito aquilo com o único propósito de me estraçalhar. Começava a ter a sensação de que se tinham unido em um objetivo comum há varias semanas, talvez. Dias, no mínimo.

Desconcertada, abandonei a minha segunda visão e fiz alguns alongamentos, as pernas bem afastadas, me dobrando pela cintura para colocar os antebraços na terra compactada. Tinha que descobrir uma forma de quebrar o círculo ou aquele confronto, se traduzindo em uma repetição do confronto com Karen sem o final feliz.

Tinha o traseiro erguido, com nada mais do que os collants pretos entre mim e as suas imaginações e, ao ouvir uma gargalhada rude, me ergui e exalei lentamente. Me virei para Jenks. Tinham deixado que lavasse o sangue do cabelo e a sua farta cabeleira loura



caía em caracóis soltos que realçavam os seus olhos verdes. Com as feições jovens apertadas em uma expressão séria, erguia-se absolutamente imóvel e não me pareceu que isso se devesse à presença da guarda armada. Na verdade, foi com surpresa que o vi ali, ainda que *fizesse* parte do entretenimento e fosse uma curiosidade em si mesmo. Podia compreender a confiança dos animalomens. Mesmo que escapássemos, como poderíamos fugir de um grupo de sobrevivência, gangues de rua e animalomens com cartões de crédito?

A única coisa a meu favor era o fato das minhas rudimentares capacidades com magia das linhas Ley não constarem do relatório de Walter. De acordo com ele, eu era, exclusivamente, uma bruxa da terra e, tendo em consideração que não ergui um círculo, nem lancei sobre os lobos nada além de encantamentos da terra, não desconfiavam de que fosse capaz de trabalhar com as linhas. Tanto melhor. Teriam colocado em redor dos meus pulsos uma daquelas horrendas abraçadeiras pretas com medo que eu acesse uma linha através do meu familiar e os transformasse a todos em sapos. Que eu não tinha familiar era indiferente, para eles. A abraçadeira teria me deixado indefesa, me roubando a energia que tinha guardado no *chi* e na bolha dentro da minha cabeça. E eu queria usá-la.

Olhei para os pés e refreei um arrepio de nervosismo. Tinha desejado devolver a Jenks o seu verdadeiro tamanho antes de tudo aquilo ter começado. Jax estava esperando no hotel e, enquanto estivesse quente, Jenks podia voar de volta e levá-lo para longe. Aquilo já não era uma operação de resgate; já estávamos na fase do salve-se quem puder.

A excitação cresceu entre os animalomens que nos rodeavam — fazendo deslizar sobre a superfície da minha aura uma sensação semelhante à da lixa, agora que estava consciente dela — e segui a atenção de todos para Pam que avançava, calmamente, na nossa direção. O robe flutuava ao redor dos seus pés descalços e, com o cabelo esvoaçando à sua volta, parecia exótica, avançando sob as árvores como se pertencesse à terra. Os meus músculos ficaram tensos e, evitando o seu olhar, me dirigi a Jenks para trocar com ele uma última palavra.

— Para! — gritou um dos guardas antes que tivesse avançado um metro e eu parei, com um quadril erguido.

— Me poupe — disse em voz alta, como se não estivesse tremendo por dentro. — Pela Viragem, o que é que acham que eu posso fazer?

A voz de Pam se ergueu, sonora, transportando consigo uma dose de ironia que eu não sabia se seria dirigida a mim ou aos homens com as armas.

— Deixem ela falar com ele — disse. — Pode ser a última vez que o faz na posse das suas capacidades mentais.

Isso é simpático, pensei, a ameaça representada pelo médico com as suas agulhas me mantendo em silêncio.

Pam parou na frente de duas mulheres. Não pareciam suficientemente parecidas para ser amigas. A mais alta vestia um *top* de couro com as costas de fora, bastante usado e calças clássicas, rasgadas; a outra vestia um traje de cerimônia e uns sapatos de salto nada adequados ao local. As alfas visitantes, calculei.

Os quatro homens em redor de Jenks baixaram ligeiramente as armas e eu passei por eles. Considerava mais fácil ignorar os canos apontados na minha direção, embora a tensão estivesse me deixando mais nervosa que o último encontro às cegas que Ivy preparou.

— Jenks — disse eu. — Quero tornar você pequeno.

A sua preocupação se transformou em descrença.

— Por que diabos?

Fiz uma careta, desejando que os guardas não estivessem nos ouvindo.

— Pode voltar ao continente a voando, enquanto ainda houver calor, se meter em um ônibus, chegar em casa e esquecer que algum dia te pedi que me ajudasses com isto. Não sei se tenho acumulada energia da eternidade suficiente para os dois feitiços e não posso arriscar a possibilidade de ficar preso sob esta forma se eu... — fiz uma nova careta, — se eu me machucar — terminei. — Não creio que Ceri possa inverter a maldição sozinha, teria que fazer uma nova maldição e para isso precisaria de sangue de demônio... — Queria que ele me dissesse que estava sendo uma idiota e que estava comigo até ao fim, mas tinha que lhe oferecer aquela possibilidade.

Jenks franziu o sobrolho.



— Já acabou? — perguntou baixinho. Eu não disse nada e ele sevinclinou para frente, pousando os lábios ao lado da minha orelha. — É uma bruxa idiota — sussurrou, as suas palavras suaves, mas determinadas e eu sorri.

— Se pudesse, *pixava-te* durante uma semana, só por ter sugerido que eu fosse embora e te deixasse aqui. Vai usar a eternidade que armazenou na cabeça para se transformar. Depois, vai encostar aquela mulher na parede. E por fim, vamos embora desta ilha infernal com o Nick

— Sou o seu apoio — disse ele, recuando irado. — Não um amigo fácil voar para longe ao primeiro sinal de apuros. Precisa de mim, bruxa. Precisa que eu transporte o Nick, caso ele esteja inconsciente, que faça ligação direta no jipe que nos conduzirá de volta à terra e roube um barco se ele não for capaz de nadar. E o Jax está ótimo — acrescentou. — Já é um *pixy* crescido e sabe tomar conta dele. Antes de partirmos me assegurei de que sabia o número da igreja e era capaz de ler a indicação de Cincinnati no horário dos ônibus.

As rugas que marcavam o seu rosto se suavizaram e um brilho astuto tomou o lugar da raiva dura nos seus olhos.

— Não preciso de ser pequeno para me libertar destas algemas — ergueu uma sobrancelha, transformando-se em um travesso. — Cinco segundos, na calma.

A onda de alívio que deslizou por mim foi enervantemente curta.

— Mas não vou permitir que ela me encurrale — disse. — Vou lutar até não ser capaz de continuar. Se morrer, fica preso sob esta forma.

O sorriso de Jenks se tornou ainda mais aberto.

— Oh, você não vai morrer — disse, manhoso.

— Por quê? Porque está comigo?

— Oooh, ela pode ser ensinada — escondendo as mãos dos guardas, dobrou o polegar, dobrando de tal forma que me deixou com o estômago embrulhado, permitindo às algemas deslizarem. — Agora sai daqui e abocanha o traseiro daquela cadela — terminou, agitando os pulsos, para que os aros metálicos voltassem ao lugar.

Funguei.



— Obrigada, *mister* — disse, sentindo os primeiros raios de esperança suavizando a minha ligeira dor de cabeça; contudo, quando voltei a olhar para a multidão ruidosa, fiquei deprimida.

Não queria fazer aquilo. Tratava-se de uma maldição demoníaca, por amor de Deus. *É a forma mais fácil de sair desta situação*, pensei. Ceri disse que o pagamento não seria assim tão mau. A mancha compensaria se evitasse que eu fosse drogada. Vi ela fazendo a maldição. Nada morreu para fazer. *Eu* ia pagar o preço, não um pobre animal qualquer ou uma pessoa como sacrifício. Seria possível que uma maldição fosse tecnicamente negra, mas moralmente branca? Será que isso fazia com que fosse certo usá-la ou eu não passaria de uma pessoa amedrontada que escolheu a saída mais fácil e usava argumentos racionais para justificar uma enorme quantidade de sofrimento?

Não pode fazer nada se estiveres morta, disse a eumesma, decidindo me preocupar com aquilo mais tarde.

Sentindo náuseas, olhei para as cabeças do grupo, cada vez mais numeroso de animalomens. A energia que se libertava deles parecia girar à minha volta como um nevoeiro, me provocando um formigamento na pele. Muito bem... ia ser um lobo. Não ficaria indefesa como antes. Talvez a Pam não sentisse dor, mas se eu agarrasse o seu pescoço, ela cairia graças a uma manobra de submissão modificada.

Olhei de soslaio para Pam e abanei as mãos para as soltar. Como desafiadora, cabia a eu ocupar primeiro o campo de batalha. Segurando a respiração, avancei cinco passos para o centro da clareira. O ruído aumentou e uma veloz recordação da minha participação nos combates ilegais de ratazanas, deslizou por mim e desapareceu. Afinal de contas o que é se passava comigo e com as lutas organizadas?

Pam virou-se. De cabeça erguida, sorriu para as mulheres que se encontravam com ela e quando se afastou, tocou no ombro da mais delicada. Com a luz brilhando sobre os seus pés, ela avançou e o rugido da multidão tornou-se mais suave, mais determinado. Era fácil ver o seu caráter predatório apesar do seu pequeno tamanho e me fez pensar em Ivy, ainda que a única semelhança entre elas fosse a sua graciosidade.

— Rachel? — disse Jenks, em tom audível, o alarme na sua voz me fazendo virar.

Com o queixo, apontou para Walter que se aproximava pelo mesmo caminho que a esposa tinha usado. Era acompanhado por dois homens: um de terno e o mais novo envolto em seda vermelha da cabeça aos pés, o seu andar era um agitar de joias tilintantes.

Walter parou no limite do círculo e, por impulso, usei a minha segunda visão. A aura de Walter não estava envolta naquela névoa brilhante e marrom: estava impregnada dela. Todas as três matilhas tinham começado a aceitar o seu domínio.

Rapidamente, analisei as auras dos outros dois machos alfas. As suas auras estavam livres da influência de Walter, tal como as auras das esposas, mas os alfas visitantes sabiam, certamente, o que estava se passando. Que permitissem, conscientemente, que ele fizesse aquilo às suas matilhas, me deixava muitíssimo assustada. O que quer que fosse que Nick tinha roubado devia ser suficientemente importante para que se tivessem mantido unidos por tanto tempo que Walter os começou a reclamar a todos. Ia contra todas as tradições e instintos animalomens. Não acontecia.

Walter parecia absolutamente satisfeito. Olhou de relance para mim, erguendo as sobrancelhas como se percebesse que eu conseguia visualizar a ligação mental que ele estava estabelecendo com as matilhas dos outros alfas. Sorrindo, olhou para Pam e fez um gesto.

Pam levou a mão ao cinto do robe.

— Esperem! — disse, e fui envolvida por uma onda de riso. Pensavam que eu estava assustada. — Tenho um feitiço que me permite transformar e não quero que me deem um tiro enquanto o estou usando.

Houve uma hesitação coletiva e as conversas, na sua maioria, baixaram de tom, sendo os animalomens mais radicais os que murmuravam mais alto. Desloquei o peso de um pé para o outro, esperando. Pam recuperou, calmamente, parando a uns bons três metros de mim.

— Consegue se transformar? — disse ela, com um sorriso bricalhão. — Walter, querido, nunca pensei que as bruxas da terra pudessem fazer isso.

— Não podem — disse ele. — Ela está mentindo para nos poder lançar um feitiço negro.

— Posso me transformar — disse eu, permitindo que a minha segunda visão se desvanecesse. — É um... hum... encantamento das linhas Ley e se quisesse lançar um feitiço já o teria feito. Sou uma bruxa branca.

Doía o meu estômago e desejava ir ao banheiro. Oh, Deus. Eu era uma bruxa branca, mas aquela era uma maldição negra. Eu tinha jurado que não o faria e ali estava eu, a me lançar de cabeça para o fosso. Que a escuridão era negligenciável não interessava. Ia ficar sobre a minha aura. O que *inferno* eu estava fazendo ali?

Walter olhou para a multidão quando alguns deles gritaram que avançassem com aquilo.

— Pam? — perguntou e a mulher esguia resplandeceu, se exibindo a eles.

— A escolha é do desafiador — disse ela e os animalomens reunidos aplaudiram.

Walter acenou.

— A escolha é sua — me disse. — Quer começar em duas patas, fazendo com que a velocidade de transformação faça parte da competição ou quer transformar e depois começar?

— Eu sei o que significa a escolha do desafiador — disse, arrogante. — Já *fiz* isso antes. E isso não é legal. O meu alfa não está presente e não estão aqui seis alfas para compensar a sua ausência.

O rosto de Walter revelou choque por um instante, rapidamente escondido.

— Temos seis alfas — disse.

— *Ela não conta* — disse, apontando, mas tudo o que fizeram foi rirem de mim.

Como se eu pensasse mesmo que eles iam fazer aquilo de acordo com as regras.

— Começamos de quatro patas — disse baixinho, sabendo que, de qualquer forma, ela ia se transformar mais depressa do que eu, pelo que mais valia ter uma hipótese de recuperar o fôlego antes de começarmos.

A multidão gostou e Pam desatou, despreocupadamente, o cinto do seu robe, deixando-o cair em voltas dos pés e expondo o corpo nu. Parecia uma deusa, no seu bronzeado perfeito, se erguendo com um pé ligeiramente à frente do outro. Mesmo as suas

estrias realçavam a imagem de orgulhosa sobrevivente. O som da multidão nunca se alterou nem reconheceu o seu novo, hum, aspecto.

Corei, baixando os olhos. Deus me ajude, eu não ia fazer o mesmo. As roupas de Jenks tinham desaparecido, levando consigo até mesmo as cicatrizes, quando ele se transformou. Esperei que me acontecesse o mesmo e que não fosse parecer como uma loba de *collants* pretos e roupa interior de renda, por muito divertido que isso se revelasse. Não havia a mínima hipótese de eu lhes revelar a minha cor leitosa e repleta de sardas.

Pam fechou os olhos e os meus lábios se afastaram. Só vi a versão hollywoodesca e, por Deus, tinham acertado. As suas feições se moldaram, alongando o rosto, os braços e as pernas se tornaram mais esguios em uma grotesca caricatura entre homem e lobo. Não fazia ideia onde é que ela ia buscar o poder para se transformar já que os lobisomens não podiam usar, e não o faziam efetivamente, as linhas Ley como os raposomens, razão pela qual estes últimos eram capazes de controlar o seu tamanho, algo que os lobisomens invejavam.

Pam caiu sobre as... bem, calculo que naquele momento fossem praticamente patas traseiras e se ergueu com a força dos braços libertos. Toda a sua pele se tornou negra e se cobriu de um pelo sedoso. Ela soltou um latido e os olhos se abriam de súbito, ainda humanos e grotescos. O rosto era horrendo, um focinho com dentes humanos. Ela não era lobo ou homem, estava presa entre os dois e completamente indefesa. *E raios, era rápido!*

— Rachel! — gritou Jenks. — Faz qualquer coisa!

Olhei para ele, por entre os animalomens que gritavam enquanto Pam caía numa postura rígida, tremendo enquanto as suas entranhas se reorganizavam. *Oh, sim!* Com o coração batendo veloz, fechei os olhos. Fui imediatamente atingida pelo crescente odor almiscarado e pelo fedor do meu próprio suor. Sobre ele, o cheiro da carne infestada de vermes no fosso invisível. Não acreditava que ainda estivesse alguém vivo no seu interior, mas não tinha certeza. O som da multidão se abateu sobre mim, as ondas de força que dela se libertavam me distraíndo. Juntei as mãos sobre o meu *chi* e esperei que não fosse doer muito.

— *Lupus* — murmurei, batendo as pálpebras.



Inspirei fundo, abrindo os olhos quando a eternidade se libertou dos meus pensamentos. Como uma crosta que cai, era agradavelmente doloroso, uma sensação de regressar a um estado inicial. Um lençol de eternidade manchado de negro me cobria e eu não conseguia ver com clareza. A minha audição desapareceu, abafada por um cobertor felpudo.

Senti uma alteração do equilíbrio e caí por terra, de mãos e joelhos no chão, quase parecendo me afundar. Lancei a cabeça para trás e arquejei diante da sensação de eletricidade a me percorrer de forma diferente. Mas não doía como doeu o encantamento da terra que me transformou em vison. Não se tratava de uma fusão de pedaços, mas uma pulsação de crescimento, dos átomos para as memórias, tão natural e indolor como respirar. Eu estava viva, como se todos os nervos sentissem pela primeira vez, como se o sangue corresse pela primeira vez. Estava viva. Estava ali. Era extasiante.

Erguendo a cabeça, ri, deixando que o som se derramasse de mim, um gargarejo que se transformou em um uivo. A eternidade negra saiu de mim e a minha audição regressou em uma explosão que encheu os meus ouvidos com o som. Eu estava viva, raios, não me limitava a existir, e todos saberiam.

O meu uivo exuberante se ergueu, silenciando os presentes. Ao longe ouvi uma resposta. Reconheci-a. Era *Aretha*, a loba com que nos tínhamos deparado ao chegar à ilha. Ela respondeu à minha voz com a dela, me dizendo que também ela estava viva.

E, depois, o preço por ter quebrado as leis da natureza se abateu sobre mim. A minha voz foi cortada por um gargarejo estrangulado. Incapaz de respirar, caí, arranhando o meu novo focinho com as unhas estúpidas. Em pânico, senti o peso esmagador da escuridão que entranhava em mim. Estremeci e os meus olhos arderam quando me esqueci de fecha-los e esfreguei o focinho na terra. Com mais força, a fita negra se apertou em redor da minha alma.

Não! Pensei, vendo o cinzento da inconsciência crepitar nos limites do meu campo visual. Sobreviveria. Não permitiria que aquilo me matasse. Ceri sobreviveu e tinha passado por coisas mil vezes pior. Eu podia fazer aquilo. Mas doía. Doía como se a vergonha e o desespero tivessem se tornado físicos.



A minha vontade se ergueu, aceitando o que eu tinha feito. Arquejando, obriguei a língua a voltar para boca. Estava coberta de terra e os meus dentes de areia. Abalada, me deixei ficar deitada, sem me mover, contente por sentir os pulmões trabalhando. Tudo estava preto e branco, com exceção dos metros mais próximos. Podia distinguir as cores, se elas estivessem suficientemente próximas. E, enquanto os meus olhos assimilaram o mundo, tentava perceber como me levantar e a minha mente começou a inventar cores até as coisas parecerem naturais. Também os sons eram estranhos. Uni-los estava para além de mim e aqueles que não conseguia decifrar foram afastados e transformados em ruído de fundo.

— Rachel! — gritou Jenks e eu encolhi quando as minhas orelhas se ergueram. Chocada, senti a cauda abanando.

Isto era patético. Segurei a respiração para me levantar, quando descobri que não tinha coordenação suficiente para fazer as duas coisas, ainda. Frustrada, me ergui sob as patas, cambaleando, sentindo a forma diferente como os meus músculos se comportavam e quase voltando a cair.

Pam ainda estava deitada no chão, arquejando, enquanto acabava de se transformar. Tinha que estar perto do fim; Karen tinha se transformado em cerca de trinta segundos. Foi mais ou menos esse o período de tempo que passou. O odor de cinza e carne podre era agonizante. Sob ele, podia sentir o cheiro das matilhas à minha volta como impressões digitais, o cheiro da pólvora em alguns elementos, o fedor da gordura outros, as fragrâncias suaves e dispendiosas dos restantes. Pam era uma estranha mistura, a estranheza de ser parte homem e parte lobo agredia o meu nariz e a língua como o cheiro dos ovos podres.

Espirrei, quase caindo. A multidão arquejou e, de súbito, compreendi que estavam em silêncio, me observando uma mistura de choque e admiração. Tinha me transformado? E depois? Eu disse que podia fazê-lo.

— Ela é vermelha! — sussurrou alguém.

Surpreendida, olhei para o que conseguia ver de mim mesma. *Ah, maldição, pois era!* Era um lobo vermelho, com pelo vermelho, suave e ondulado, que se tornava marrom na ponta das patas. *Hei, eu era gostosa!*

De quatro, ergui a cabeça para Jenks. Os olhos dele saltaram para os meus, depois se afastaram, me dizendo que prestasse atenção ao que estava se passando.

— Ela é um lobo vermelho — disse alguém, vestindo umas calças largas, abanando o braço do vizinho ao lado. — Ela se transformou na perfeição — a sua voz mostrava um espanto cada vez maior. — Olhem para ela! É um raio de um lobo vermelho!

O murmúrio se ergueu e foi repetido, de tal forma que, se um lobo pudesse corar, eu teria feito. De que interessava a minha cor? Tudo o que eu queria era vencer Pam.

Como se tivesse ouvido os meus pensamentos, Pam se ergueu de súbito. Era enorme, já que manteve a sua massa humana. Curvando os lábios sobre o focinho comprido, permitiu que um ligeiro ruído se soltasse dela, os olhos castanhos fixos em mim. A minha pulsação aumentou e as minhas patas traseiras deslizaram. A multidão gritou, fazendo os meus ouvidos doer. O rosnado de Pam continuava, uma promessa de dor. Walter tentaria impedi-la de me matar, enquanto eu não lhe desse a informação desejada, mas duvidava de que fosse bem-sucedido.

— Dá o seu melhor — ladrei, e ela se atirou, a terra compactada lançada para o ar atrás dela.

O rosnado de Pam se tornou agressivo e ela encurtou pela metade a distância que nos separava. Os meus pensamentos saltaram para Karen, os seus maxilares ao redor do meu pescoço e o meu medo paralisante. Mas, depois, vi o orgulho nos seus olhos e algo se partiu. Sob o pelo e os músculos esguios, ela mantinha a sua inteligência e com ela o conhecimento da dor, mesmo que não sentisse.

Obriguei os músculos a se endiretar e comecei a correr, silenciosa e rente ao chão.

Nos encontramos em uma confusão de dentes batendo e patas deslizando. Ela não estava esperando e a sua tentativa de me apanhar pelo pescoço encontrou os meus quartos traseiros. Ela se contorceu para me agarrar no pescoço, as patas da frente quase em cima de mim. Com a barriga no chão, me esgueirei embaixo dela em busca de algo para morder.



Foi uma estreita perna, só pelo e osso. Mordi com força. *Não ia morrer ali por causa do orgulho de outra mulher.*

A rudeza do osso raspou nos meus dentes, como pregos em um quadro negro³¹. Um latido de dor se ergueu dela, me dando alguma esperança. *Ela tinha sentido aquilo?*

Pam caiu sobre mim quando eu lhe retirei a base de apoio. Ela rolou e afastou-se, rente ao chão. Eu estava coberta de terra e, tendo em conta o latejar surdo, desconfiei que ela tivesse me mordido no quadril.

Os animalomens que nos rodeavam gritaram a sua aprovação, os homens de negócios bem vestidos parecendo, por algum motivo, mais feios do que os homens com fardas que agitando as armas, saudando a sua alfa. Jenks parecia pronto a voar para o meu lado, segurado por soldados cada vez mais desatentos. Me perguntei porque não lhe tinham tirado a dor a não ser quando ela se transformou, depois compreendi que era isso que procuravam. O patrão de David estava em busca de uma resolução rápida para um problema do escritório. Mas aqueles animalomens?

Analisei os seus rostos, enquanto gritavam. Eram selvagens, orgulhosos e estavam atrás de sangue. Aquele não era um comportamento normal entre animalomens, mesmo que estivessemos nos bosques, longe de qualquer influência das leis da SI. E isso não se passava apenas com os animalomens em trajes militares e com os animalomens das gangues de rua. Os que vestiam ternos e sapatos engraxados nos acompanhavam. E, enquanto Pam e eu nos movíamos em círculo para avaliar os danos, tive a sensação doentia de que a diferença se prendia com o fato de se encontrarem unidos em um círculo. *Todos* partilhavam o ego de um alfa que fluía através deles, mas faltava a sofisticação que lhes permitiria lidar com isso. Alegravam-se naquele êxtase natural, violentos como um alfa, mas sem qualquer controle.

Do outro lado da clareira, Pam ergueu uma pata do chão, os olhos determinados. Agachada, rosnei. Sabia que se tratava de uma postura submissa, mas eu ainda não era um lobo por dentro.

— Rachel! — guinchou Jenks um instante antes de Pam atacar.

³¹ Quadro negro: lousa

Recuei, mas ela caiu sobre mim. Fiquei sem ar quando os seus maxilares maiores me agarraram pelo pescoço e abanaram. A dor se ergueu dentro de mim e fiquei sem fôlego. Quase em pânico, tentei usar as patas dianteiras para arranhar os seus olhos. Não chegavam lá.

Ela voltou a me abanar, a sua força aterrorizante. Sentia como se a minha coluna estivesse em brasa. A dor turvou os meus pensamentos. Os gritos da assistência caíram sobre mim, dizendo que me submetesse. Ainda na sua boca, lancei as patas traseiras para cima, enroscando em uma bola. Ataquei-lhe o focinho, desesperada. Ela ganiu quando lhe arranhei os olhos, me lançando a girar para os pés darem assistência.

— Rachel! — gritou Jenks e eu me ergui, tremendo.

— Vai buscar o Nick! — ladrei, os pelos das costas erguidos, enquanto cambaleava em frente, antes que me dessem um ponta pé.

Já não sabia como é que aquilo ia acabar. Não me ia submeter. Não tínhamos todos que morrer.

Pam arqueava a pele ao redor de um dos olhos, rasgada. O sangue escorria da ferida e ela analisava os meus movimentos, avaliando eles.

— Vai buscar o Nick! — voltei a gritar, sabendo que ele compreenderia. — Depois, apanho vocês!

Não sabia se isso era verdade ou apenas um desejo.

— Isto é difícil, Rachel — disse ele baixinho, mas eu podia ouvi-lo. Bem como Pam.
— Virei te buscar depois de ter encontrado ele.

As orelhas de Pam se ergueram quando ela compreendeu que íamos tentar salvar Nick. Com a cabeça inclinada para proteger o olho, saltou para frente, com um som selvagem. Se dirigia para Nick.

— Corre! — uivei, saltando de forma a interceptá-la.

Pam deslizou e parou, comigo entre ela e Jenks. Eu tinha mordido ela duas vezes e ela começava a compreender que mais pequeno significava mais rápido. Não olhei para ver se ele tinha partido, mas, pelos olhos de Pam seguindo algo atrás de mim, tinha que acreditar que havia ido. Já ninguém estava lhe prestando atenção. A determinação cresceu



dentro de mim. Ele era a minha vanguarda e, desta vez, era eu quem estava lhe protegendo a retaguarda. Não ia deixar aquela loba passar por mim.

Pam moveu as patas, em sinal de frustração. No que deveria ter sido uma tentativa de avisá-los, ergueu o focinho para o céu e uivou. Os animalomens que nos rodeavam se juntaram a ela, pensando que se tratava de uma tentativa de me acovardar. As suas vozes humanas quase iguais à dela.

— Não vai conseguir passar por mim! — ladrei; depois, em uma demonstração de coragem, ergui a minha própria cabeça e uivei, tentando abafar a voz dela. *Estou viva. E ficarei assim!*

O uivo de Pam cessou, surpreso, e a minha voz se ergueu contra a dos restantes, o seu som mais agudo parecendo mais autêntico, carregado de desafio. Das redondezas, se ergueu outro uivo. *Aretha*.

Os lobos que nos rodeavam se silenciaram por completo, os rostos inquisitivos, alguns mostrando medo. Por um momento, a minha voz se entrelaçou apenas com a de *Aretha* e depois, em conjunto, se silenciaram.

Pam pareceu chocada com o fato da loba ter me respondido. Estava de pé, a cauda caída, o sangue pingando de um olho e a pata traseira no ar. Eu estava doída: as minhas costas, o meu quadril. E senti o cheiro de sangue que se erguia da minha orelha latejante. *Quando é que ela fez aquilo?*

Mas Jenks estava à minha espera. Rosnando, me preparei e saltei.

Pam caiu para trás, as mandíbulas procurando o meu pescoço, enquanto eu tentava morder a sua pata dianteira. Saí debaixo dela, uma dor forte na orelha me dizendo que ela tinha me mordido outra vez. Rolei e ela me seguiu. Me erguendo sobre as quatro patas, enfrentei os dentes arreganhados dela com o minhapróprio careta, repleto de dentes e agressivo.

Pam me atacou prontamente e eu desviei. A assistência estava agora silenciosa. Sem fôlego. Alguém ia morrer e Jenks já não estava comigo.

Encontrei o pescoço dela, mas ela me escapou quando fechei os dentes e ela saltou para trás. A minha perna estava na boca dela e eu senti uma corrente de adrenalina a pulsar dentro de mim. Tinha meio segundo, antes que ela a esmagasse.

Caí por terra e puxei. Os dentes se cerraram ao redor da ponta da pata. Gani, me erguendo atrapalhada e me afastando. Arquejando, hesitamos. Atrás de nós, o círculo de lobos deu lugar a aglomerados de pessoas tensas. Ninguém tinha reparado que Jenks partiu. Pam se recompôs e eu senti um indício de raiva.

Não tinha tempo para aquilo.

Mas ela hesitou, imóvel, enquanto a sua atenção deslizava para a beira do lago, atrás de mim. O meu pelo se ergueu e a minha pele arrepiou. Não me virei. Não precisava fazer, o alarme era bem visível nos olhos de Pam, enquanto ela me observava seguindo o segundo lobo, que se aproximava, vindo do estacionamento, atrás dela, visível por entre os grupos de pessoas. Um sussurro assustado se ergueu entre a multidão, os dedos apontando e as mãos cobrindo as bocas à medida que os presentes compreendiam que *Aretha* tinha entrado no complexo, habituada ao cheiro dos animalomens e atraída pelo som do meu confronto com Pam. *Aretha* veio e não parecia nada feliz.

De orelhas espetadas, a loba avançou confiante através do estacionamento e se colocou sob a sombra das árvores que nos rodeavam. A barriga que começava a arredondar revelava os cachorrinhos que aí se formavam e eu senti medo. Pam e eu estávamos lutando por domínio, na ilha dela. A matilha dela tinha nos rodeado enquanto combatíamos as cegas, tudo o resto. *Merda*.

Não fuja, Pam, pensei quando ela se mostrou assustada. Apesar de toda a sua parte animal, também era humana. Sentia dor e estava rodeada pela matilha de um alfa selvagem. E fedia a animalomem, não a lobo.

— Pam! — ladrei, vendo que ela começou a se virar. — Não faça isso!

Mas ela fez. Girando sobre si mesma, começou a correr, acreditando que eles se lançariam sobre mim, enquanto ela escapava para a segurança dos edifícios. Como se costuma dizer por piada, não temos que ser mais rápidos do que o lobo que nos persegue, só temos de ser mais rápidos do que todas as pessoas que correm ao nosso lado.



Estremeci, enterrando as patas no chão para me impedir de segui-la, quando três sombras cinzentas passaram por mim correndo seguindo ela de perto. A multidão entrou em pânico, se entregando ao caos e se pondo em fuga. As mulheres berravam e os homens gritavam. Alguém disparou a arma e eu deslizei para o lado, as unhas raspando a terra compacta. A minha pulsação martelou.

Mas os meus olhos saltaram para os quatro lobos que tentavam evitar as árvores e as mesas de piquenique. Aterrorizada, Pam correu para lá da segurança das paredes e pelo meio das árvores. Passados segundos, tinham desaparecido. Um latido de dor se ergueu forte sobre o ruído das pessoas assustadas. Walter gritou, pedindo silêncio, e na nova quietude ouviam-se rosnados, latidos selvagens e invisíveis. Depois, um silêncio aterrorizante.

De rosto branco, Walter gesticulou e um grupo de homens, com armas na mão, correu para as árvores atrás dele. Me senti doente. A culpa não foi minha.

Um arquejo feminino me fez virar. O meu coração martelou e eu senti os joelhos ficarem moles. *Aretha* tinha avançado silenciosamente para a clareira como se as pessoas que nos rodeavam não existissem. Acenando a orelha, parou a uns bons quatro metros e meio de mim, a sua pele da cor da cortiça cinzenta. Fitei-a com os meus olhos de lobo, vendo a sua graça, a sua beleza... e a sua absoluta estranheza. Eu podia me parecer com um lobo, mas ela era e ambas sabíamos disso.

Me sobressaltei, imobilizando quando ela ergueu o focinho. Um uivo, suave e fantasmagórico, se ergueu dela, acompanhado por outras três vozes ao longo dos limites do complexo. Estava verificando quem tinha ganho.

A adrenalina correu através de mim. *Aretha* baixou a cabeça, os olhos amarelos fixos em mim, uma última vez, antes de ter se virado e partido, satisfeita, através do estacionamento.

O vento vindo das árvores deslizou até mim, agitando o meu pelo ao redor do meu corpo ferido e dorido. *Que raio é que tinha acontecido?*



Um galho partiu-se e eu saltei para o lado, como um cavalo nervoso, o coração batendo veloz quando pareide forma pouco graciosa. Era o alfa dos animalomens da gangue de rua, pálido, mas determinado, a matilha à sua volta.

— A culpa não é minha! — gritei, sabendo que ele não compreenderia.

O rosto do animalomem, envelhecido pelo Enxofre, mostrava espanto e os seus olhos saltavam de mim para o local onde *Aretha* desapareceu. As suas tatuagens de várias matilhas faziam com que parecesse rude e bárbaro, mas o rosto estava tão bem barbeado como o de Jenks. Dobrando-se pegou em um tufo de pelo vermelho que Pam me arrancou, fitando-o como se ele tivesse algum significado.

— A loba — disse a Walter, e os seus olhos inquietos me fizeram saber que falava de *Aretha* — escolheu a Morgan para viver e a sua alfa para morrer.

Os lobos que nos rodeavam começaram a conversar, as suas vozes tornando-se iradas, à medida que o choque se desvanecia. Arquejei, a minha pata ferida no ar, enquanto esperava, sentindo que os segundos me escapavam. Um arrepio correu sobre mim, fazendo o meu pelo erguer-se. Algo estava para acontecer.

O animalomem da gangue de rua guardou o tufo vermelho no interior do casaco enquanto tomava uma decisão.

— As histórias mais antigas dizem que a estátua pertenceu a um animalomem ruivo antes de se ter perdido — disse ele e a esposa colocou-se ao seu lado. — Morgan se manteve calma quando a sua alfa fugiu — disse, gesticulando. — Ela ganhou. Entregalhe o Sparagmos. O amor soltará a memória do ladrão, mais do que a dor e a humilhação. Não me interessa quem tem a estátua desde que eu possa participar dela.

— Você me deu a sua aliança! — exclamou Walter.

— Disse que te seguiria quando disse que a tinha! — retrucou o jovem animalomem, as mãos fechadas e as joias tilintando. A esposa era mais alta que ele, mas isso não fazia com que ele parecesse menos ameaçador. — Não tem. É o Sparagmos que a tem e ela o reclamou. Dissolve o meu juramento de sangue. Tanto sigo um lobo vermelho como um branco. De qualquer forma, não sigo você.

— Sua cria miserável! — rosnou Walter, de rosto vermelho, o cabelo branco sobressaindo fortemente. — Eu tenho Sparagmos, terei a estátua e usarei a sua cabeça como cinzeiro!

A multidão começava a se fragmentar. Podia vê-lo, podia cheirá-lo. Os padrões antigos começavam a emergir, simultaneamente confortáveis e familiares. Os pelos na parte de trás do meu pescoço se levantaram e, com um pequeno esforço, apelei à minha segunda visão. Senti que o meu coração corria mais veloz. Os lobos da gangue de rua tinha a sua aura rodeada por uma névoa branco-pérola, e uma névoa vermelho-terra envolvia a dos engravatados. O elo tinha se fragmentado com grande rapidez.

Toda a clareira se alterou. Os animalomens da gangue de rua estavam voltando aos bosques. Podia sentir o toque do Enxofre. Se transformassem em lobos nada os deteria.

— Senhor — interrompeu um animalomem de farda, proibida pela dor e eu me virei, vendo seis homens que transportavam Pam, os passos lentos me dizendo que era tarde demais.

— Pam! — exclamou Walter, a dor crua na sua voz. Os animalomens pousaram ela suavemente e o homem caiu de joelhos ao seu lado, afastando-os selvaticamente antes de enterrar as mãos no seu pelo e a puxar para si. — Não — disse, incrédulo, o corpo da esposa junto ao seu.

A matilha de *Aretha* tinha rasgado o pescoço de Pam e o seu sangue cobria o pelo preto e manchava o seu peito. A cabeça dele se agitava para trás e para frente, enquanto o homem poderoso lutava por reencontrar os pedaços do seu mundo, espalhados como as folhas mortas que esvoaçavam entre nós.

— Não! — gritou Walter, erguendo a cabeça e pousando os olhos em mim. — *Não* aceitarei isto. Aquela bruxa loba *não é a minha alfa* e não lhe darei Sparagmos. Matem-na!

As pastilhas de segurança estalaram. *Merda!* Em pânico, saltei para a zona do estacionamento que conseguia ver. Um instante e tinha passado. Uma praga gritada caiu sobre mim. Enterrando as unhas no chão, corri para o bosque. As minhas patas escorregavam nas folhas e nas plantas de caules moles, quase me fazendo cair.

Lutando por recuperar o equilíbrio, continuei avançando. Me mantinha atenta ao som de tiros, mas estava em segurança... por ora. Eles tinham *Hummers* e celulares. Para fazer frente a isso, tinha um *pixy* de um metro e noventa e um avanço, no máximo, de três minutos. *Pam estava morta*. A culpa não era minha.

Atrás de mim, se erguia o chamamento distinto de uma multidão que se organizava. Agora, eram todos pessoas, mas isso ia mudar. Eu sabia que a paz não ia durar. Animalomens eram animalomens. Nunca se uniam. Não podiam. Ia contra tudo o que eram.

Graças a Deus por isso, pensei, enquanto apanhava o cheiro dos ramos partidos, seguindo Jenks. O *pixy* conseguiria encontrar Nick pelo olfato, se não restasse outra alternativa. Ainda podíamos escapar daquela maldita ilha. Talvez o fato do círculo ter se quebrado, nos ganhassemos mais alguns minutos.

Nick, pensei, o coração correndo por causa de mais do que a minha fuga. Não foi assim que planejei as coisas. Me processem.



CAPÍTULO 15

Os meus passos não eram suaves, em qualquer sentido da palavra, saltando através da floresta cada vez mais quente, tropeçando sempre que as minhas patas batiam com muita força no chão. Podia ouvir estrondos ao longe, que a minha audição de lobo não conseguia identificar, mas nada próximo. As minhas costas doíam ao ritmo dos meus passos e a pata da frente latejava. O vento arrancava uma dor forte à minha orelha, no local onde tinha sido rasgada. Segui tão depressa quanto me era possível, o focinho uns bons dez centímetros acima do chão enquanto seguia o cheiro a rebentos partidos de Jenks.

O tempo que me restava era incerto. A ilha era grande, mas não tão grande, e a dor tornaria os seus passos mais rápidos, não mais lentos. Alguém acabaria por me apanhar. Além do mais, Jenks ia se deparar com resistência quando encontrasse Nick. Eles tinham rádios.

Mais depressa, pensei, tropeçando em seguida. A dor cortou através de mim e eu me lancei para frente, tentando recuperar o equilíbrio antes que o meu focinho batesse no chão. A minha pata ferida cedeu e, praguejando contra eu mesma, ergui a cabeça e me deixei cair, mordendo a língua quando deslizei pelo chão. Estava cansada de ser um lobo.

Nada parecia certo e, se não conseguia correr, havia pouca alegria. Mas não podia dizer a palavra que me transformaria de novo enquanto não chegasse ao continente e acesse a uma linha.

Além disso, pensei, levantando e me abanando, ficaria nua.

Espirrei a terra e o bolor das folhas do focinho, gemendo quando todo o meu corpo se agitou de dor. Ouvi o estalo forte e limpo da madeira sobre metal. Erguia a cabeça e a minha respiração silvou. Um homem gritou “De um tiro!” e se ouviram três estalos em rápida sucessão.

Jenks! Esquecendo as minhas dores, comecei a correr.

A luz foi aumentando à minha volta enquanto a floresta se tornava menos cerrada. A uma velocidade espantosamente rápida, emergi no que parecia ser um velho parque estatal com troncos enterrados no chão para assinalar os lugares de estacionamento. À sombra de um edifício em betão, pintado de marrom, estava estacionado um Jeep e perto da entrada vi Jenks atacando dois homens com um ramo que ainda trazia folhas.

Me lancei para frente. Como um bailarino, Jenks moveu o ramo em um arco aberto, acertando com a madeira na orelha de um homem. Sem parar para o ver cair de dor, Jenks girou sobre si mesmo, batendo com a extremidade estalada do ramo no estômago do segundo homem. Com uma ferocidade silenciosa, virou-se para o primeiro, fazendo abater o pau, com as duas mãos, sobre a parte de trás do seu pescoço. O homem caiu sem qualquer protesto.

Jenks gritou, um exuberante grito de sucesso, enquanto fazia girar o pau sobre a cabeça em uma espiral selvagem, lançando o primeiro contra a parte de trás do joelho e de seguida contra o crânio do segundo homem. Eu parei, as quatro patas no chão, chocada. Tinha derrubado os dois homens em seis segundos.

— Rachel! — gritou ele, alegremente, afastando os caracóis louros dos olhos e revelando o band aid rápido do He-Man. As suas faces estavam vermelhas e os olhos brilhavam. — Suponho que vamos adotar o plano B? Ele está lá dentro. Consigo sentir daqui o cheiro do idiota.

Com o coração batendo veloz, saltei por cima dos animalomens com frarda caídas e bloqueando a porta, o meu focinho percebendo imediatamente o cheiro de café velho na cozinha, o bolor com quarenta anos no banheiro e o ambientador de pinheiro que tentava esconder o cheiro almiscarado e abafado da sala de estar repleta de armas, onde um rádio de duas vias exigia, freneticamente, que alguém respondesse. Os meus músculos ficaram tensos diante do cheiro a sangue subjacente ao cheiro do cloro destinado a mascará-lo. Com as unhas batendo nos azulejos brancos, avancei através do corredor estreito, procurando.

No final do corredor escuro, havia uma porta fechada e eu esperei, impacientemente, por Jenks. Ele estendeu um braço sobre mim, abrindo com um gemido. Estava escuro, a luz fraca penetrava através de uma janela alta, coberta de pó, em cujo vidro foi inserido uma malha de arame. O ar fedia a urina. Havia uma mesa frágil repleta de objetos metálicos e tigelas com líquidos. Nick tinha desaparecido e a minha esperança foi esmagada por completo.

— Oh, meu Deus — murmurou Jenks, a respiração presa.

Segui os seus olhos até um canto escuro.

— Nick — sussurrei. A palavra suou com um latido.

Nick se moveu ao ouvir o som da voz de Jenks, erguendo a cabeça, os olhos abertos, mas incapazes de ver sob a franja comprida. Tinham prendido ele contra a parede, em posição de crucificação, em uma zombaria cruel de sofrimento e graça. As roupas tinham marcas de queimaduras, revelando os pelos queimados e a pele vermelha para lá deles. Crostas negras de sangue marcavam o seu corpo. Os lábios arrebitados e ensanguentados moveram-se, mas não saiu qualquer som.

— Não vou... — murmurou. — Não posso... vou... ficar com ela.

Jenks passou por mim, tocando cuidadosamente em uma faca, para avaliar a quantidade de prata que continha antes de pegar nela. Eu parei no limiar da porta, incrédula. Tinham torturado ele. Tinham machucado ele por causa de uma maldita estátua. Que raio seria? Porque é que não a entregou? Não podia ser uma questão de dinheiro. Nick era um ladrão, mas amava ainda mais a sua vida. Eu acho.

— Não pode fazer nada aqui, Rachel — disse Jenks, a voz presa, quando começou a serrar a corrente que prendiam Nick. — Vai vigiar a entrada. Eu solto ele.

Saltei quando Nick começou a gritar, sendo óbvio que pensava que o iam começar a torturar mais uma vez, chamando o meu nome repetidamente.

— Para, idiota! — gritou Jenks. — Estou tentando te ajudar!

— A culpa é minha — gemeu Nick, caindo para frente e ficando pendurado nas correntes. — Ele levou-a. Ele devia ter me levado. Eu a matei. Ray-ray, desculpa. Desculpa...

Abalada, recuei para fora da sala. Não lhe tinham dito que eu estava viva. Me sentindo doente, virei e comecei a correr, as unhas escorregando no chão de mosaico. Tropecei no homem perto da porta, rolando para o pátio. O Sol brilhou sobre mim, transformando o meu horror num início de cólera. Nada valia aquilo.

Os gaios azuis gritavam ao longe e o som de um motor tornava-se cada vez mais próximo.

— Jenks! — lati.

— Estou ouvindo eles! — me gritou em resposta.

Com a pulsação acelerada, fitei os homens deitados na terra compactada. Agarrando o mais próximo pelo ombro, o arrastei para o interior do edifício, não querendo saber se lhe rasgava a pele ou não. Por mim, até podia estar morto. Arrastei até ao meio do corredor, em curtas explosões de movimento, deixei-o e fui buscar o segundo. Jenks estava a atravessar a porta, quando passei com ele pela soleira e entrei no edifício.

— Boa ideia — disse Jenks, o braço de Nick sobre o pescoço e o ombro.

Nick estava pendurado em Jenks, obviamente incapaz de suportar o seu próprio peso. Tinha a cabeça baixa e os pés moviam-se lentamente. A sua respiração não era mais do que uma sequência de arquejos doridos. Tinha marcas vermelhas nos pulsos, devido à pressão e ainda não parecia ser capaz de mover as pernas. Quando ergueu a cabeça, os olhos estavam obscurecidos com um borrão de gel. Movendo lentamente o braço, tentou limpá-los, pestanejando consideravelmente. Uma tosse seca o agitou. Apertando o braço contra o peito, segurando a respiração, para tentar parar.

— Vai — disse Jenks e eu afastei os olhos de Nick.

Voltei a me sentir doente e, quando as minhas patas tocaram na terra, no exterior, perguntei-me para onde é que Jenks queria que fôssemos. Só havia uma estrada e alguém se aproximava através dela. Por outro lado, avançar aos tropeções pelo bosque com um homem doente era uma forma certa de ser apanhado.

— Vai... para trás do edifício! — disse Jenk e eu trotei ao seu lado, sentindo-me inquieta e pequena. Nick tentou ajudar, à medida que os seus músculos iam recuperando o movimento. Jenks o pousou no chão, encostando nos tijolos pintados. Estava frio ali atrás, fora do sol e Nick envolveu as pernas com os braços e gemeu. Pensei nos amuletos de aquecimento de Marshal. Só nos restava um... isso se não tivessem descoberto o nosso equipamento. Talvez Nick e Jenks conseguissem encontrar alguma forma de compartilhar. O meu pelo me manteria quente. *Conseguiria nadar até tão longe como lobo?*

— Fica aqui — Jenks me disse, erguendo-se e parecendo alto. Tinha a sobrancelha franzida. — Se mantenha calado. Posso chutar o seu traseiro e depois sairemos daqui de carro.

Pousei uma pata no seu sapato, para chamar a atenção, erguendo os olhos suplicantes. Não gostava de termos nos separado. Não queria voltar a fazê-lo. Nos saíamos melhor juntos do que sozinhos.

— Terei cuidado — disse Jenks, virando-se para o som do veículo que se aproximava. — Se forem muitos, pio como uma coruja. — Ergui as minhas sobrancelhas caninas e ele riu. — Eu te chamo.

Diante do meu aceno de cabeça, Jenks afastou-se, silencioso nas calças pretas justas e nos sapatos de corrida. Olhei para Nick. Estava descalço e os seus pés pálidos estavam com mau aspecto. *Nick*, pensei, tocando ele com o focinho.

Nick agitou-se, limpando a porcaria dos olhos e semicerrando-os.

— É muuito pequena para ser um animalomem. Pensei que era um animalomem. Linda menina. Linda menina... — murmurou ele, afundando os dedos no meu pelo vermelho e ondulado. Não sabia quem eu era. Não me pareceu que tivesse reconhecido Jenks. — Linda menina — disse.

— Como se chama querida? Como é que veio parar nesta ilha infernal?

Inspirei fundo, odiando aquilo. Ele estava com um aspecto terrível sob a luz mais forte. Nick nunca tinha sido um homem pesado, mas nas semanas que, de acordo com Jax, estive na ilha, passou de esguio a magro. As mãos compridas estavam magras e o rosto pálido. A barba escondia as maçãs do rosto, fazendo com que se parecesse com um sem abrigo. Fedia a suor, imundice e infecção profundamente instalada.

Olhando para ele, ninguém teria desconfiado de que possuía uma mente diabolicamente rápida. Nem o quão facilmente me fazia rir ou o amor que eu sentia pela forma absoluta como me aceitou, de tal forma que jamais precisei pedir desculpa; o homem cujo perigo residia no fato de chamar demônios e na sua disponibilidade para arriscar tudo e ser mais esperto do que todo mundo.

Até o ter transformado, por acidente, no meu familiar e ele ter tido um ataque quando acedi a uma linha de eternidade através dele. Fechei os olhos em um longo pestanejar, enquanto recordava os três meses de sofrimento, enquanto ele me evitava, não desejando admitir que, sempre que eu puxava uma linha, ele revivia, mentalmente, aquele momento aterrorizante, a ponto de não suportar sequer a ideia de estar na mesma cidade que eu.

Lamento, Nick, pensei, pousando o focinho no seu ombro e desejando ser capaz de lhe dar um abraço. O laço familiar estava agora desfeito. Talvez pudéssemos voltar ao que éramos. Mas uma voz mais sábia, dentro de mim, perguntou: *É isso que quer?*

Ergui a cabeça e espetei as orelhas ao ouvir o som de mudanças sendo engatadas. Avancei até ao limite do edifício, espreitando para lá da esquina e vendo um *Jeep* aberto estremecendo e parando. Nick preparou-se para segui-lo e eu rosnei para ele.

— Linda menina — disse ele, pensando que eu estava a rosnar aos homens. —
Quieta.

Ergui um lábio e senti que a irritação crescendo. *Linda menina? Quieta?*

Dois dos quatro homens armados saíram, chamando os captores de Nick. A minha pulsação acelerou quando eles entraram no edifício. Jenks e eu estávamos avançando sem qualquer plano além de “Fica aqui, eu trato deles”. Que raio de plano idiota era esse?



Mudando as patas da frente de posição, debatia se devia fazer alguma coisa, quando Jenks se lançou de uma árvore para dentro do *Jeep*. Dois golpes, selvagens e poderosos, com a madeira e os homens no veículo caíram em silêncio. Jenks arrancou o boné da cabeça do último, enquanto ele caía. Enfiando na cabeça, sorriu e fez um gesto para que ficássemos quietos.

Ouviu-se um grito vindo do interior do edifício e Nick e eu recuámos, nos encolhendo.

Com o coração batendo veloz, observei enquanto Jenks erguia um dos homens. Ouviram-se três estalos rápidos vindos do edifício, ao mesmo tempo que os dois homens saíam, e o sangue escorreu do animalomem na frente de Jenks, fuzilado.

Jenks largou o animalomem e saltou para a árvore como um macaco. Os ramos abanaram e as folhas caíram deslizando pelo ar. Os dois animalomens armados gritaram um com o outro, correndo como idiotas e fazendo pontaria para copa das árvores. Digo como idiotas, porque se esqueceram por completo que podia haver mais alguém ali.

— Querida! — gritou Nick quando eu saltei para ajudar Jenks.

Muitíssimo obrigada, Nick, pensei quando os dois animalomens se viraram. Choquei contra o primeiro, o meu único objetivo era deitá-lo no chão. Os olhos do homem estavam muito abertos. Rosnando, lati e abocanhei o ar, tentando ficar em cima dele, na esperança de que o seu companheiro não disparasse contra mim, por medo de acertar nele.

Ouvi o engatilhar de uma arma e madeira estalando. Nesse instante de distração, o animalomem me empurrou de cima dele.

— Lobo maluco! — gritou, virando para mim o cano da sua arma. Atrás dele, Jenks erguia-se, gelado pelo pânico. O primeiro homem estava caído a seus pés, mas Jenks estava muito longe para me ajudar.

Um estrondo semelhante a um trovão ecoou à nossa volta e o homem que apontava a arma para mim saltou. O meu coração batia veloz e, histérica, esperei pela dor.

Mas o animalomem virou-se, me deixando a olhar, surpresa, para o buraco nas suas costas. A minha atenção deslizou para Nick, atrás dele, encostado ao edifício com uma espingarda nas mãos.



— Nick, não! — ladrei, mas ele voltou a apontar e, com o rosto branco e as mãos a tremer, deu-lhe um segundo tiro. A arma do animalomem disparou quando a segunda bala o atingiu, mas foi um despero de morte. O segundo tiro de Nick o atingiu no pescoço. Saltei para longe e o animalomem caiu, sufocando enquanto os pulmões se enchiam, afogando-se no seu próprio sangue. Arquejando, o homem arranhava a própria garganta.

Deus me ajude. Nick tinha ele morto.

— Seus filhos de uma cadela! — gritou Nick a partir do chão, tendo sido atirado ao chão pelo coice do segundo disparo. — Vou matar a todos, malditos bastardos com focinho de cão! Vou mata-los... — inspirou, estremecendo. — Vou matar a todos... — soluçou, tendo começado a chorar.

Assustada, olhei para Jenks. O *pixy* erguia-se debaixo da árvore, o rosto pálido e assustado.

— Vou mata-los.. — disse Nick, caído de quatro no chão.

Avancei lentamente na sua direção. Eu era um lobo, não um animalomem. Ele não dispararia contra mim. Certo?

— Linda menina — disse ele, quando lhe toquei com o focinho. Ele limpou o rosto e fez carícia na minha cabeça, era um homem destroçado. Deixou, inclusivamente, que afastasse a arma dele e a minha língua arrepiou-se com o gosto amargo da pólvora. — Linda menina — murmurou, levantando-se e tombando para frente.

Embora fosse óbvio que não desejava tocar nele, Jenks ajudou ele a subir no *Jeep* onde Nick se deixou cair. Jenks atirou, sem cerimônias, os homens para fora do veículo e subi para o lugar do passageiro, tentando ignorar o fato de o homem contra o qual Nick disparou ter, por fim, parado de fazer barulho. Jenks ligou o *Jeep* e, depois de alguns solavancos, enquanto ele aprendia os aspectos práticos de como conduzir um carro com modificações, avançamos pela rua. Toquei no rádio com o focinho e ele aumentou o som para que pudéssemos ouvir.

Jenks olhou para mim, o vento afastando a franja do rosto.

— Ele não consegue nadar — sussurrou. — E só temos um amuleto de aquecimento.



— Eu consigo nadar — Nick tinha a cabeça pousada nas mãos, os cotovelos sobre os joelhos, tentando proteger-se dos solavancos da estrada em mau estado.

— Eles devem ter um cais, em algum lugar — continuou Jenks, sem prestar qualquer atenção além de um olhar rápido e nervoso. — Mas já devem ter alguém à nossa espera.

— Me mato antes de permitir que me levem de volta para ali — disse Nick, pensando que Jenks estava falando com ele. — Obrigado. Obrigado por ter me tirado daquele inferno.

Os lábios de Jenks apertaram-se e ele agarrou com mais força o volante, enquanto reduzia e fazia uma curva apertada.

— Consigo sentir uma mistura de óleo e gasolina a sul, quase no mesmo local por onde entrámos. É provável que se trate do cais

Nick ergueu a cabeça e o vento afastou o cabelo escorrido dos olhos.

— Está a falar com um cão?

Dispensando um olhar de relance por baixo do boné novo, Jenks virou lhe as costas.

— É uma loba. Vê se acerta, idiota. Pelas calcinhas da Sininho, deve ser o gigante mais idiota em que alguma vez pousei.

Os olhos de Nick abriram-se consideravelmente e ele agarrou-se ao lado do *Jeep*.

— Jenks! — gaguejou, ficando branco. — O que aconteceu com você?

Jenks cerrou o maxilar, mas manteve-se em silêncio.

Nick olhou para mim.

— É uma pessoa — disse, parecendo doente. — Jenks, quem é ela?

Estremeci, incapaz de dizer o que quer que fosse. Jenks agarrou o volante com mais força e o motor quase parou quando ele acalmou para fazer uma curva sem reduzir.

— Ninguém mais se importa com você — disse. — Quem é que acha que é?

Nick inspirou, arquejando, ao mesmo tempo que chegava para frente e deslizava para o chão do *Jeep*.

— Rachel? — perguntou e eu vi as suas pupilas se dilatarem, um instante antes de desmaiar e bater com a cabeça no assento.

Jenks deu uma rápida olhada por cima do ombro.

— Maravilha. Um verdadeiro espetáculo. Agora, vou ter que leva-lo no colo.



CAPÍTULO 16

Tinha passado para trás, para me sentar perto do Nick, preocupada com o fedor da infecção e com o fato de ainda não ter recuperado os sentidos. A deslocação de ar, enquanto Jenks acelerava ao longo da estrada em direção ao suposto cais, fazia levantar os pelos ao redor das minhas orelhas, me dando uma “visão” deturpada dos sons, mas uma imagem alargada dos cheiros. A conversa via rádio era sonora e frequente, pondo Jenks ao corrente da morte de Pam e do fim das alianças. Que tínhamos roubado um *Jeep* e podíamos estar ouvindo eles, não tinha ao que parece, passado pela cabeça de ninguém. Os caras do grupo de sobrevivência tinham dividido as forças para manter o domínio sobre a ilha, bem como para nos procurar. Isso só podia ajudar.

Jenks ajustou o boné, abrandando quando a voz de Brett jorrou do aparelho. Inclinei as orelhas para frente, feliz por seguirmos a um ritmo mais lento.

— A todas as equipas, mantenham uma proporção de três para um, de pelo para pés — dizia o cara. — A cela está vazia. Eles estão armados, temos dois mortos, por isso tenham cuidado com os seus traseiros. Não há sinal do barco deles, por isso devem ir a caminho da doca. Aí quero uma proporção de cinco para um.

Jenks parou, encostando-se à relva curta que tentava sobreviver nos limites da estrada de terra compactada. Ergui a cabeça, inquisitiva, cruzando o meu olhar preocupado com o dele. *Porque estamos parando?*

— Sabem que estamos a caminho — disse, contorcendo-se atrapalhado para virar o carro, em três movimentos, e seguir na direção de onde tínhamos vindo. — Não consigo derrotar tantos animalomens. Vamos ter que nadar.

Senti o coração bater mais forte e deixei escapar um gemido. Com o rosto angular sério, Jenks acelerou.

— Não deixarei você se afogar — disse. — Ou talvez possamos encontrar um local para nos escondermos até as coisas acalmarem — acrescentou, sabendo tão bem quanto eu que, quanto mais tempo ali estivéssemos maiores seriam as probabilidades de sermos apanhados.

Nick, contudo, continuava inconsciente e a ideia de nadar como cão toda aquela distância era assustadora, mesmo que pudéssemos fazer uma pausa, enquanto atravessávamos a ilha de Round. Não conseguiria fazer a travessia como pessoa. De que me serviria ser um lobo? Toda a situação era uma treta, mas tínhamos de sair da ilha.

— Calem-se! Calem-se todos! — fez-se ouvir uma voz histérica através do rádio e eu me inclinei sobre Nick, agitando as orelhas. — Estou falando do farol. Temos um problema. Aproxima-se uma força desconhecida! Seis barcos oriundos da doca dos *ferries* em Mackinac. Uma mistura de animalomens! — disse a voz jovem e aguda. — Em uniformes. Sabem que ela está em apuros e veem atrás dela!

É sério? Por alguma razão não parecia que se tratava de um salvamento inesperado, mas de uma segunda facção animalomem que se aproveitava do caos. *Maldição, isso podia tornar complicada a passagem pela ilha de Mackinac!*

A voz de Brett estalou através do rádio, me deixando gelada.

— Cessem as comunicações por rádio. Os líderes das equipes de busca devem comunicar por celular. Os restantes nos encontrem! Disparem se necessário, mas não deixem que levem o Sparagmos!

O rádio começou a emitir apenas um silvo arranhado.



Jenks encostou o *Jeep* na margem.

— Acorda ele — disse, com a voz tensa, enquanto tirava o cinto e saía. — Foi por aqui que entrámos.

Torci o nariz quando senti o tênue cheiro de podre na brisa, enquanto o calor do Sol atingia a carcaça do veado. Com os músculos tensos, hesitei, depois lambi o lado do nariz de Nick, sem saber que mais fazer. Raios, nos filmes funcionava.

Com os pés afastados, Jenks olhava para um lado e o outro da estrada, semicerrando os olhos sob o boné emprestado. A minha língua tinha deixado uma marca molhada em Nick, mas além disso, nada mudou. Inclinando-se para o interior do *Jeep*, Jenks agarrou na cabeça de Nick pelos cabelos e deu-lhe um tapa.

Nick começou a andar. Gritando obscenidades, libertou a sua raiva, agitando cegamente os braços. Assustada, saltei do *Jeep*. As minhas unhas enterraram-se na terra e fiquei olhando para ele.

De olhar desnorteado, Nick inspirou, estremecendo, ao compreender onde estava. A sua expressão assombrada, transformou-se em um olhar fixo e ele fitou Jenks, que se erguia combatente, as mãos nos quadris e o boné da matilha na cabeça. Os gaios gritaram em resposta e eu desejei que se calassem.

— A partir daqui seguimos a pé, idiota — disse Jenks, com a voz pesada. — Vamos. Alguma vez fez mergulho?

Nick deslizou do *Jeep*, cambaleando quando os pés descalços tocaram na estrada compactada.

— Uma ou duas vezes — arquejou, dobrado sobre si mesmo e agarrado às costelas.

Espetei as orelhas e me perguntei se estaria falando sério. Se não estivesse tão preocupada com Nick poderia me concentrar em manter a minha própria cabeça à tona da água. Também Jenks pareceu surpreendido, não dizendo mais nada enquanto nos conduzia para a mata.

Erguendo uma pata, hesitei. Jenks seguia na direção errada, para o interior da ilha, não para a praia. Um latido inquisitivo, fez ele virar e fazer um gesto para que me juntasse

a ele, ajoelhando-se no meio dos arbustos, longe da estrada. Nick cambaleou para o meio dos arbustos e eu trotei para Jenks, preocupada.

O *pixy* me fitou olhos nos olhos, e eu me senti grata por ele não ter tentado me fazer caícia.

— O Nick fede — disse e Nick tossiu, limpando a garganta, em sinal de protesto. — Eles conhecem o meu cheiro e o seu — acrescentou —, mas não são tão óbvios como o de Nick. Se ainda tivéssemos os amuletos para disfarçar odores podíamos tentar passar pelas suas linhas, mas não assim. Estou disposto a apostar que tanto os animalomens da ilha como os que vieram de Mackinac, vão começar as buscas nas praias e avançar para o interior.

Então, nos apanham no interior da ilha em vez de nos apanharem na praia, pensei, mas Jenks mudou de posição, chamando de novo a minha atenção.

— Quero que leve aqui o idiota até à carcaça e que fique quieta. Escondam-se no seu cheiro. Vou levar o *Jeep* até ao fundo da estrada, para tornar o rasto confuso, e depois volto para trás.

O Jenks queria que nos separássemos? Outra vez? As minhas patas negras moveram-se e Jenks sorriu.

— Vou ficar bem, Rachel — disse ele. — Andarei de árvore em árvore como um esquilo. Eles não conseguirão me seguir até vocês. Depois de terem passado por nós, poderemos escapar com facilidade.

Não era com a possibilidade de Jenks os conduzir até nós que estava preocupada e gemi.

— Consegue fazer isto — disse ele, baixinho. — Sei que vai contra a sua natureza ficar quieta e escondida e, se fôssemos só nós, diria para avançarmos e chutarmos o traseiro de todos os que se atravessassem entre nós e a água...

Emiti um arquejo canino. Nick não seria capaz. Tínhamos que nos adaptar ao seu estado. Concordando, abanei a cauda. Sim, era humilhante, mas todos conheciam linguagem canina e ninguém conhecia a linguagem da Rachel-lobo se não eu.

Jenks sorriu, levantando-se, de tal forma que parecia bem alto sobre mim. A sua expressão satisfeita transformou-se em uma expressão de irritação, quando fitou Nick.

— Percebe tudo? — perguntou e Nick acenou, sem erguer os olhos. — Há uma carcaça de veado a uns nove metros daqui. Vai se enroscar com ela.

Com um cansaço entorpecido, Nick avançou na sua direção, esmagando as folhas velhas com os pés nus.

— Fiquem escondidos até eu voltar — disse Jenks, manipulando cuidadosamente as chaves para que não tilintassem.

Observei, enquanto ele se afastava, pelo mesmo caminho por onde tínhamos vindo, olhando para os dois lados antes de emergir da camuflagem dos arbustos que nos rodeavam e se lançar para o *Jeep*. Quase deixando o carro ir abaixo, regressou à estrada e afastou-se com o entusiasmo de um garoto de dezoito anos, brincando de polícia e ladrão.

Não gostando nada daquilo, me virei e segui Nick.

— Um veado morto? — disse ele, baixando os olhos para mim, enquanto avançava. — É a isso que eu cheiro?

O que é que eu podia dizer? Silenciosamente, toquei-lhe com o ombro para o obrigar a virar à direita, ao mesmo tempo que tentava perceber, pelo cheiro, se *Aretha* estava perto. Não me parecia. O ambiente se tornou ruidoso e, embora não tivesse medo de animalomens, o mais provável era que tivesse levado a sua matilha para as zonas mais densas da ilha.

Nick fez uma careta quando encontrámos o veado. Eu sentei, me perguntando o que poderíamos fazer para que aquilo resultasse melhor. A clareira estava repleta de provas do nosso confronto anterior. O cheiro dos lobos, de Jenks, meu e dos animalomens eram tênues sob o fedor dos tecidos podre e da água salgada, mas não bastava nos sentarmos ao seu lado e esperar que todos evitassem aquele lugar porque ele fedia.

Com os olhos azuis meio fechados, Nick avaliava a situação.

— Ali — disse, a mão inchada, tremendo quando apontou para um emaranhado de ramos junto ao local onde as raízes de uma árvore, agora morta, tinham deixado um buraco no solo. — Se conseguir puxar o veado para ali...

Observei enquanto ele abanava o braço, fazendo descer a manga sobre a mão, de forma que a protegesse, e agarrava a carcaça por um casco. Com esforço, começou a arrastá-la os seis metros necessários. Nick ficou pálido quando revelou as larvas sob ela e, por entre vômitos, usei as patas para as cobrir de folhas.

Contudo, Nick estava cheio de medo, o que, aparentemente, é mais forte do que a repulsa. Jenks partiu e, com isso, quase o via começar a pensar de novo. Com forças renovadas arrastou o veado até à árvore cujas raízes se erguiam no ar. Colocando a carcaça em frente ao buraco sob as raízes, largou as patas. Olhou para mim e eu acenei com a cabeça. Embora fosse nojento, se ele se colocasse entre o veado e o tronco caído, cobrindo-se, talvez, com folhas, ficaria escondido de olhos e de narizes.

Contorcendo o rosto em uma expressão de nojo, Nick içou-se lentamente para o espaço entre o veado e as raízes expostas da árvore caída, estremecendo quando as madeiras tocavam na pele exposta, através dos buracos queimados. Puxando cuidadosamente os detritos que se acumulavam no vazio, cobriu-se, se tapando meticulosamente com as folhas secas, avançando dos pés para cima.

— Está bom? — perguntou ao terminar, a cabeça ligeiramente tapada. Acenei e ele fechou os olhos, exausto.

A sua imundice se fundia com a floresta que nos rodeava como uma camuflagem; o cheiro da infecção escondido pelo fedor da decomposição.

Nervosa, me aproximei, tentando não inspirar enquanto me arrastava para o espaço atrás dele, me instalando de forma que pudesse pousar a cabeça no ombro dele; as orelhas raspando no topo do minúsculo abrigo que se parecia com uma caverna. Era apertado, mas cobri o focinho com a cauda, usando ela como filtro. Só faltava esperar por Jenks. As raízes protetoras formavam um teto contra o céu aberto e o cheiro a terra era uma alternativa agradável. Tive que usar toda a minha força de vontade para não enterrar nela o meu focinho. Uma mosca de olhos azuis avançava sobre o veado, pondo ovos que não conseguia ver. Se pousasse sobre mim, me colocaria a andar.

Enquanto os gaios emitiam os seus chamamentos e o vento soprava nas copas das árvores, estudei o rosto perturbado de Nick, tão próximo do meu. O calor dos nossos

corpos a tocarem um no outro se traduzia em um prazer culpado. A respiração dele era lenta e compreendi que tinha adormecido quando os seus olhos se moveram nos estremecimentos do sono REM. Não fazia ideia do que ele teria sofrido, mas não conseguia imaginar que o objeto procurado valesse aquilo.

Os chamamentos dos gaios tornaram-se mais próximos e senti uma onda de medo quando compreendi que os seus chamamentos tinham significado. Algo pequeno correu por entre os arbustos e desapareceu, fugindo. Espetei as orelhas e percorri com os olhos a parte da clareira que me era visível. Suave, depois mais sonoro, ouvi um sussurro no vento. Podia ouvir as folhas se movendo, depois mais nada. O cheiro de óleo, gasolina e *nylon* penetrou no meu nariz e uma descarga de adrenalina me deixou gelada. Eles estavam à nossa volta. Deus nos ajudasse, tínhamo nos escondido no último instante.

Com o coração batendo veloz, olhei para o verde silencioso, temendo mover a cabeça. Uma folha flutuou até ao chão e eu rezei que Nick não acordasse. Não conseguia ver ninguém, mas conseguia ouvi-los. Era como se fantasmas passassem por mim, silenciosos e invisíveis com exceção do seu cheiro.

Os meus olhos saltaram para o local onde o Sol brilhava sobre uma pele macia. Um estremecimento apoderou-se das minhas patas e eu me obriguei a ficar imóvel. Eram dois, um em duas patas e um em quatro. Não me pareceu que se tratassem dos animalomens das ilhas, mas antes dos que tinham chegado de barco, vindos de Mackinac: os seus uniformes tinham um aspecto governamental e o seu equipamento era mais agressivo.

O animalomem mais alto fez uma careta diante do mau cheiro e eu fechei os olhos quase por completo, quando o que estava sobre quatro patas lhe tocou na perna e apontou silenciosamente com o focinho. Com um sussurro, o animalomem estabeleceu contato através do rádio preso no bolso do casaco. Pude ouvir o estalo de um canal de comunicações sendo aberto, a uns nove metros de distância, e vi uma sombra distante, marrom e verde, a parar, esperando para ver o que tinham descoberto.

Merda. Tinham formado um cordão. Se fôssemos descobertos, não teria de enfrentar dois animalomens, mas um pelotão.

Apanhei a palavra *Jeep*, mas não havia qualquer tristeza, pelo que calculei Jenks ainda estava em fuga. Só agora os dois animalomens penetravam na clareira, o que assumiu a forma animal descobriu as bolas explosivas e as três manchas molhadas nos locais onde *Aretha* e a sua matilha tinham sido molhados com água salgada para quebrar o encantamento “hora de dormir”. O outro tocou no solo, no local onde o veado tinha estado. Ergueu a cabeça, os seus olhos saltando imediatamente para o local onde se encontrava o veado. Entrei em pânico, pensando que tinham nos visto, mas, com um estalo, chamou a atenção do animalomem que seguia em quatro patas. Juntos analisaram a clareira, discutindo, com recurso à linguagem corporal, o que poderia ter acontecido. Quanto ao veado, o evitaram.

Os chamamentos dos gaios tornaram-se mais próximos, erguendo-se sobre a minha cabeça um instante antes de continuarem, seguindo o cordão invisível. O animalomem sob forma animal abocanhou o ar e o outro ergueu-se. Tirando uma bandeirola vermelha do bolso, espetou-a no chão, marcando a clareira. Silenciosamente, continuaram a avançar para o interior da ilha. Ouvi o som suave emitido pelo roçar das roupas, depois nada.

O meu sangue corria veloz. Permanecer imóvel e esperar que eles passassem por nós tinha sido uma das coisas mais assustadoras que alguma vez fizera. Os chamamentos dos gaios tornaram-se mais suaves e eu exalei, começando a arfar.

Enquanto esperava por Jenks, os meus pensamentos regressaram à calma suave que os animalomens invasores tinham usado. A sua ligeira hesitação tinha tornado ainda mais flagrante a brutalidade das três matilhas a que acabou de escapar. Os animalomens não eram selvagens — simplesmente, não o eram — e senti um toque de preocupação ao recordar a sua ferocidade horrenda me envolvendo. Tratara-se de algo mais do que o seu desejo de assistir a um combate. Pareciam uma espécie diferente, mais jovem e perigosa, à qual faltava o controle fornecido pelos alfas. Os problemas em que uma matilha de animalomens arrogantes podia se meter, em Cincinnati, eram suficientes para me deixar arrepiada. A única coisa que permitia a coexistência de Inderlanders e humanos era o fato de ambos conhecerem o seu lugar na ordem social.

Estava de tal forma concentrada nos meus pensamentos que quase lati de surpresa quando Jenks saltou da árvore por cima de mim.

— Ah, inferno — sussurrou ele, os olhos dançando. — Tinha certeza que aquele tinha te visto. Droga, esse veado cheira pior do que coco de fada. Vamos sair daqui.

Não podia estar mais de acordo e, abandonando os meus pensamentos perturbadores sobre a força que os animalomens encontravam nos números, me arrastei para fora do abrigo, saltando por cima de Nick na minha pressa. Os seus olhos se abriram de súbito e ele ergueu-se sobre um cotovelo depois de ter visto Jenks, as folhas caindo sobre o olho vidrado do veado e escondendo ele.

— Adormeci — disse, soando envergonhado. — Desculpem.

— Estamos atrás das linhas deles.

Jenks não se ofereceu para o ajudar a levantar e eu esperei enquanto Nick se erguia lentamente, usando os ramos como apoio. Tinha as mãos inchadas e o brilho suave da humidade cobria algumas das queimaduras que transpiravam, enquanto pedaços de folhas se colavam a elas. Gani a Jenks, pedindo-lhe que fosse mais simpático, mas ele se recusou a olhar para mim, movendo-se de forma que assumisse a frente enquanto nos dirigíamos para a estrada.

Tentei encontrar sinais da passagem dos animalomens invasores enquanto avançávamos, mas não vi nada. Nick cambaleava atrás de mim, fedendo a veado morto e tentei escolher um caminho que fosse mais fácil para ele. A respiração dele ia se tornando mais difícil à medida que a floresta se tornava menos densa e nos aproximávamos da estrada. Uma rápida corrida até ao outro lado e a floresta voltou a fechar-se.

Jenks quase não emitia qualquer som que a minha audição de lobo pudesse ouvir e eu própria era bastante silenciosa. Nick esforçava-se, mas cada passo mal dado arrastava consigo uma confusão de raminhos partindo e folhas voando. O fato de estar descalço não ajudava e eu me perguntei porque é que não tínhamos roubado as botas de alguém. Passados alguns momentos, trotei até junto de Jenks, dirigindo ao *pixy* um olhar que tentei encher de significado, antes de ter saltado para longe, tentando garantir que não se encontrava ninguém nas redondezas. O som não viaja tão bem nos bosques quanto se

possa pensar e, desde que não houvesse ninguém por perto, Nick podia fazer todo o barulho que quisesse.

— Rachel — silvou Jenks enquanto eu me afastava a trote. — Está fazendo de percursor? — insinuou e eu acenei com a cabeça de uma forma muito pouco relativo a lobo.

Nick chegou perto dele, arquejando. Apoiou-se a uma árvore morta que se partiu em seguida com o estrondo de um tiro de espingarda.

Enquanto Jenks praguejava, com um nojo mal disfarçado, me agachei por entre os arbustos, começando a desviar para a esquerda quando deixei de ouvir os tropeções de Nick. Em algum lugar, à nossa frente, encontrava-se o equipamento de mergulho. Talvez nos pudéssemos esconder na ilha de Round. A menos que, por algum milagre, Marshal ainda se encontrasse por perto. Rezei que não fosse esse o caso, não querendo optar por essa escolha.

O progresso de Jenks e Nick era feito, talvez, a um terço da velocidade do meu e não demorei a realizar um circuito completo, sem descobrir nada. Prossegui caminho, avançando e recuando, um ouvido no seu progresso e outro na floresta à nossa frente. Mais cedo do que o esperado, a luz verde começou a penetrar, mais forte, por entre as folhas e ouvi o som do que pareciam ser ondas. Mas, nessa altura, o meu coração quase parou. Compreendi que o silvo que pensava serem as ondas era estática transmitida por um rádio.

— Eles mantêm o silêncio nas comunicações — disse uma voz e eu parei, uma pata erguida enquanto me agachava lentamente, com todos os músculos do meu corpo protestando.

Ao fundo, ouvia o som de baques esporádicos ecoando contra as ondas. Tinha a certeza de que aquela era a zona onde tínhamos chegado à ilha e não ao cais. Além disso, Brett disse que não tinham encontrado o nosso barco, o que significava que também não tinham encontrado o nosso equipamento de mergulho. Devia tratar-se dos seis barcos de que tínhamos ouvido falar. *Maravilha. Mas que maravilha. Saltávamos de um aperto para o controle governamental.*

— Eles ainda não o apanharam — respondeu, através do rádio, uma voz mais alta e masculina. — O terceiro cilindro de oxigênio e o equipamento extra significam que o mais certo é que ela esteja seguindo na sua direção. Desloquem os barcos para lá da curva da costa e mantenham-se atentos. Com alguma sorte, pode ser que caiam nossas mãos. Se o apanharem, não esperem. Partam e comuniquem no caminho.

— Sim, senhor — disse o animalomem e o rádio voltou ao seu silvo.

Maldição, pensei. Tinham visto os tanques perto da água e tinham desembarcado no mesmo local de onde tínhamos a intenção de partir. Sabiam tudo o que os animalomens da ilha sabiam, pois tinham ouvido os seus esforços para nos encontrar. Mais alguém queria Nick. *Que diabo era aquela coisa?*

Tentei não arquejar, a cabeça a girar, enquanto tentava descobri-los. Apanhei um vislumbre de um chapéu australiano verde e de um rosto barbeado. Os sons atrás deles tornaram-se mais audíveis, à medida que eram tomadas decisões e eu comecei a ficar assustada. Recuei lentamente, pousando cuidadosamente as patas até já não conseguir ouvir as suas vozes. Me virando, corri em linha reta para Jenks.

Encontrei eles juntos, Jenks parecendo ligeiramente mais simpático, enquanto segurava o cotovelo de Nick e o ajudava a passar pelos ramos caídos. Nick movia-se como um homem de oitenta anos, de cabeça baixa e lutando por manter o equilíbrio. Jenks me ouviu e parou.

— Problemas? — disse, movendo os lábios, mas sem emitir qualquer som.

Acenei e Nick gemeu, parecendo desesperado por detrás da sua barba.

— Cala a boca — sussurrou Jenks e eu, nervosa, mexi a pata dianteira dolorida. — Me mostra — disse Jenks e, deixando Nick para se defender sozinho, conduzi-o até ao meu posto de observação. Os movimentos de Jenks foram-se tornando mais lentos, quase sedutores, à medida que os arbustos se tornaram mais espessos, perto dos limites da ilha, acabando por se agachar ao lado de uma árvore no limite da mata.

Me instalei ao lado do grande *pixy*, arfando enquanto aproveitava o ar mais fresco que soprava a partir da água.

— O Marshal já partiu — disse Jenks, recorrendo à vantagem de poder observar de uma posição mais alta do que eu. — Muito bem. Estão ali quatro animalomens com semiautomáticas... Me parece que um animalomem sob forma animal está na sombra daquela árvore. De qualquer forma, o nosso material desapareceu. Provavelmente, foi guardado em um dos barcos. — Semicerrou os olhos. — Pelas calcinhas da Sininho, se estivesse sob a minha própria forma podia voar até ali e ver melhor, fazer com que disparassem sobre si mesmos ou apunhalá-los nos olhos com um espinho. Como é que fazes isto, Rache, sendo do mesmo tamanho que todos os outros?

Os meus dentes se afastaram e lhe dirigi um sorriso canino.

Jenks ergueu-se ligeiramente, os olhos fixos na praia calma, repleta de barcos puxados até à margem rochosa. Dois homens mantinham a guarda enquanto outros dois se preparavam para deslocar o primeiro barco.

— Tenho uma ideia — murmurou. — Vai até às ruínas daquele cais e, quando eles estiverem olhando para você, eu os rodeio, apareço por trás e dou lhes uma bela pancada.

Os olhos dele brilhavam e, ainda que não me sentisse muito confiante na leveza do plano, apreciava a sua confiança. Como não tínhamos muito por onde escolher, abanei as orelhas.

— Ótimo — sussurrou Jenks. — Se molha antes de se mostrares, para que pareças preta e não vermelha.

Me dirigindo um sorriso que fazia com que parecesse um garoto que planejava roubar a maçã da professora e não um barco de quatro animalomens com semiautomáticas, Jenks recuou para revelar o plano a Nick. Fui avançando, contornando a linha de arbustos. A minha pulsação acelerou. Não gostava de desempenhar o papel de isca, mas, como o mais certo era eu ser capaz de atravessar a praia em quatro segundos, ir ajudar Jenks não seria muito difícil.

Os meus joelhos ficaram moles quando me deparei com a extensão da praia rochosa que me separava da zona de rebentação. O Sol cintilava sobre as águas e as ondas pareciam formidáveis, longe da ligeira proteção que a vegetação me garantia. Os dois animalomens armados estavam virados para a floresta enquanto outros dois se

preparavam para mover o primeiro barco, confiantes de que ouviriam qualquer pessoa que se aproximasse pela água muito antes de chegar suficientemente perto para ser uma ameaça. Tinham razão.

Respirando lentamente e profundamente uma última vez, trotei para a praia, me dirigindo imediatamente para a água e relando dentro dela. Perdi logo a necessidade de arfar, a água gelada sem o amuleto de Marshal. A minha primeira impressão, de que foi um azar o fato daquela segunda facção de animalomens ter visto o nosso material, começou a se inverter. Nick não seria capaz de sobreviver àquela água tão fria e, assim, Jenks e eu tínhamos apenas que derrotar cinco pessoas, não um número desconhecido que tinham colocado no cais à nossa espera.

Ouviu-se um estalo destinado a chamar a atenção e eu ergui a cabeça, me imobilizando como poderia acontecer com um lobo assustado. Mesmo que não fosse assim, essa teria sido a minha reação. Estavam cinco pessoas olhando para mim, quatro com armas e uma com dentes. Creio que foi a última que mais me assustou. Droga, como ele era grande.

A minha pulsação martelava furiosa. Não tinha para onde ir, se não para os bosques e, se compreendessem que eu era mais do que um lobo, saltariam sobre mim em uma questão de segundos. Felizmente, as suas expressões eram curiosas, não desconfiadas.

Um pequeno movimento logo atrás deles me revelou a posição de Jenks e eu lutei contra o meu instinto de observa-lo, optando, em vez disso, por espetar as orelhas e olhar fixamente para eles como se me estivesse perguntando se eles iam me atirar à carne que tinham trazido para o piquenique.

Os homens falavam baixinho, as mãos soltas sobre as armas. Dois queriam me atrair com comida e disseram ao que estava sob forma animal para recuar, antes que me assustasse.

Idiotas, pensei, não tendo qualquer pena quando Jenks se lançou sobre eles. Gritando como um louco, agitou o ramo com folhas e deixou o primeiro inconsciente antes que os restantes se percebessem de que estavam sendo atacados. Me lancei na sua direção, me sentindo como melada até ter saído da água. Jenks era um borrão enquanto lutava,



mas era com o animalomem sob forma animal que eu estava preocupada e corri através da praia rochosa, saltando sobre os seus quartos traseiros.

Mesmo naquele momento, continuavam sem compreender e o animalomem virou-se com um latido, surpreso por me descobrir sobre ele.

Rosnando, me afastei, com os pelos eriçados. Emitindo um latido breve de compreensão, saltou para frente, as orelhas encostadas ao crânio. Ah, porra, era enorme, com quase quatro vezes o meu peso atual. Sentindo a coluna protestando, recuei, o meu único objetivo, me manter longe dos seus dentes.

Soube rapidamente que estava em apuros. Não conseguia deixar qualquer distância entre nós. Pam lutou como uma bailarina coreografada. Aquele cara era militar e eu estava em franca inferioridade. O medo me inundou e eu ia mudando de direção, de forma erradio, ziguezagueando através da praia rochosa, as patas feridas deslizando nas pedras lisas. Uma pata enorme bateu em mim e eu caí de patas afastadas.

A adrenalina pulsava e eu gani quando ele caiu sobre mim. De costas, lhe arranhei na cara, lutando para escapar. O bafo dele era quente e a língua estava tatuada com um trevo.

— Basta! — gritou Jenks, mas nenhum de nós prestou atenção, até uma breve rajada o ter feito saltar de cima de mim.

Arfando, me ergui sobre as patas. Três homens estavam inconscientes, sangrando na região da cabeça. Um quarto parecia consciente, mas bastante maltratado. Jenks erguia-se sozinho. O Sol brilhava nas suas roupas pretas e nos seus caracóis louros; a semiautomática que segurava nas mãos conferia à sua pose de Peter Pan um caráter ameaçador.

— Nick! — gritou, baixando a arma. — Vamos embora. Preciso que tome conta deles por um segundo. Acha que consegue fazer isso, idiota?

Os dois animalomens ficaram tensos quando Nick cambaleou até nós, mas, diante da ameaça de Jenks, permaneceram imóveis. Voltaram a mover-se quando Jenks entregou a arma a Nick, trocando olhares já que Nick a segurava com muito menos

profissionalismo. Os rostos em uma careta se recostaram, sendo óbvio que estavam esperando.

Graças aos disparos, tínhamos apenas alguns minutos até rebentar o caos e, enquanto Nick os mantinha em um impasse exausto e trémulo, Jenks desapertou as velas dos motores de todos os barcos, exceto um, empurrando-os para a água juntamente com todas as armas que conseguiu encontrar.

— Rachel? — disse, apontando para o barco que tinha escolhido; saltei de boa vontade para o seu interior, as unhas deslizando no convés de fibra de vidro. Escorregando, caí para a cabine e o carpete imitando relva. O nosso equipamento e roupas de mergulho foram uma agradável surpresa. Não estava desejando descobrir o que a sua perda acarretaria para o meu cartão de crédito. Marshal ficaria satisfeito.

Nick me seguiu, avançando pela água até ficar ao lado do barco e entregando a arma a Jenks antes de saltar para dentro do barco. Prendendo com os dentes o lábio arrebitado, ligou o motor, ao mesmo tempo que os pedidos de informação transmitidos através do rádio na praia, iam ficando mais intensos.

Ainda dentro da água, Jenks empurrava o barco com uma mão, mantendo com a outra a arma apontada aos animalomens na praia. Fiquei de boca aberta quando se lançou para dentro do barco com um mortal à retaguarda, aterrando na proa do barco. A semiautomática manteve-se sempre apontada. Os dois animalomens pestanejaram, mas não se moveram.

— Por Cérbero, o que é que você é? — perguntou um deles, obviamente chocado.

— Sou o Jenks! — respondeu ele, sendo óbvio o seu bom humor, mesmo quando teve que recuperar o equilíbrio no momento em que Nick acelerou.

Jenks transformou a quase queda em um movimento gracioso, deslizando para a *cabine* e colocando-se ao meu lado, a arma ainda apontada. Nick nos manteve no mesmo lugar durante um momento, depois empurrou a manivela toda para frente. Cambaleando, recuperei o equilíbrio. Jenks abanava o chapéu para os animalomens que o observavam e ria, lançando a arma para as ondas provocadas pelo barco.

Aceleramos para longe enquanto os primeiros animalomens saíam correndo da floresta, abocanhando o ar e latindo. Alguém já estava na água procurando as velas do motor. Tínhamos conseguido... por agora. Tudo o que precisávamos fazer era atravessar os estreitos sem nos virarmos nas ondas altas e nos perdermos por entre as pessoas. Depois, havia a questão de como pôr Nick em segurança. E eu, tendo em consideração que tinha sido desmascarada e que todos os animalomens a leste do Mississipi sabiam que eu tinha Nick comigo, a única pessoa que sabia onde estava a estátua, o que quer que a estátua fosse.

Semicerrei os olhos devido do vento, deixando escapar um suspiro, que soou com uma espécie de tomar um fôlego canino, quando compreendi que o salvamento de Nick estava apenas começando. O que poderia ele ter roubado que valesse tudo aquilo?

Jenks estendeu a mão e puxou a manivela para nos parar.

— Como é que aprendeu a usar aquela arma? — lhe perguntou Nick, a voz rouca e as mãos tremendo sobre o leme. Semicerrava os olhos na luz forte, como se não a visse há vários dias. Provavelmente, não via.

Jenks sorriu enquanto saltávamos sobre as ondas, mal batendo em todas elas. O curativo rápido estava caindo, mas o seu estado de espírito era simultaneamente excitado e triunfante.

— Ah-nold³² — disse, com um forte sotaque austríaco e eu lati, rindo.

Observei a ilha que se afastava atrás de nós, aliviada por não estarmos sendo seguidos... ainda. Precisaríamos de poucos minutos para nos perdermos no meio do ligeiro trânsito náutico, talvez de uns quinze para chegar ao continente. Abandonaríamos o barco, ficando com o material que devolveríamos a Marshal assim que possível. Não queria saber se o tínhamos que levar conosco para Cincinnati, devolveríamos as coisas.

Jenks diminuiu um pouco mais a velocidade e Nick a aumentou. Não podia culpá-lo, mas as ondas estavam nos atirando de um lado para o outro como pipocas ao fogo. Jenks lidava com os solavancos melhor do que eu, apesar de eu ter quatro patas e ele só ter duas. Começou a virar o barco do avesso, abrindo todos os painéis, levantando todos os

³² Forma de pronunciar o nome de Arnold Schwarzenegger.

assentos. Era a sua curiosidade *pixy* e, me sentindo indisposta, cambaleei até Nick, pousei a cabeça no colo dele e o fitei com olhinhos de cachorrinho triste, esperando que ele acalmasse. Pelas minhas calcinhas, não é que funcionou e, sorrindo pela primeira vez desde que o encontrei, ele pousou uma mão magra na minha cabeça antes de diminuir a velocidade.

— Desculpa, Ray-ray — murmurou sobre o ronco do motor. — Não posso... não posso voltar para lá — ele engoliu em seco e a sua respiração tornou-se mais rápida. — Mas consegui. Obrigada. Estou em dívida com você. Te devo a minha vida — com as mãos tremendo, me fitou, olhos nos olhos, apertando o leme coberto de plástico e libertando-o. — Pensei que estava morta. Tem que acreditar em mim.

Acreditava. Ele não teria deixado a rosa no frasco de geleia se não pensasse que eu tinha morrido.

Jenks emitia um grito de descoberta.

— Alguém tem fome? — gritou sobre o vento e o motor. — Encontrei os mantimentos deles.

Nick saltou.

— Estou esfomeado — disse, quase em pânico, enquanto olhava por cima do ombro.

A careta inicial de Jenks dissipou-se quando viu os olhos de Nick.

— Então — disse baixinho, fazendo um gesto a Nick para que se desviasse. — Suponho que esteja. Vai comer. Eu conduzo.

Saltei para a cadeira do copiloto, de forma que saísse do caminho e Nick levantou-se, pouco seguro, agarrando-se ao barco e tremendo com o bater das ondas. Cambaleou até ao banco de trás, demorando algum tempo a pôr sobre os ombros o cobertor de lã que Jenks encontrou, antes de se instalar e rasgar com os dentes os pacotes de barras energéticas, já que as unhas estavam partidas até ao sabugo.

Jenks tomou o seu lugar atrás do leme. Virou o barco ligeiramente em direção à ponte e a viagem tornou-se um pouco mais suave. Observei o confronto de emoções no seu rosto suave. Sabia que ele estava tão furioso como um trol abandonado no altar, por

Nick ter levado o filho por maus caminhos, mas, vendo Nick espancado, humilhado e tão fraco que quase não conseguia abrir a porcaria da embalagem, era difícil não sentir pena dele.

Desejando apenas que Jenks se animasse um pouco, pousei a cabeça no colo dele e ergui os olhos para ele.

— Não olhe para mim assim, Rachel — disse Jenks, os olhos fixos na margem que se aproximava em busca da praia degradada que tinha considerado, mais cedo, como possível zona de atracagem. — Te vi fazendo uma destas a Nick e não vai funcionar comigo. Tenho cinquenta e quatro filhos e não vai funcionar.

Suspirando profundamente, arqueei as sobrancelhas de lobo. Certo e sabido, olhou para baixo.

— Pelas calcinhas da Sininho — murmurou. — Tudo bem. Vou ser mais simpático, mas assim que ele estiver melhor, vou lhe dar um soco.

Agradecida, ergui a cabeça e lhe dei uma lambidela na face.

— Não faça isso — murmurou ele, limpando a humidade. Mas o seu embaraço estava mesclado de compreensão.

Me contentaria com isso, mas, antes que pudesse me arrastar na direção de Nick para ver se ele me abria uma daquelas barras energéticas, Jenks levantou-se, uma mão no volante e a outra mantendo o boné na cabeça.

— Hum, Rachel? — disse, sobre o rugido do motor e o roçar do vento. — Os seus olhos talvez sejam melhores do que os meus. Aquilo é a Ivy na doca?



CAPÍTULO 17

Semicerrando os olhos por causa do vento, me sentei na cadeira de copiloto, observando as enferrujadas bombas de gasolina com várias décadas, que iam se tornando cada vez mais nítidas, na doca. Ivy estava de pé, o Sol brilhando no curto cabelo preto, encostada casualmente a uma estaca. Estava de jeans e camisa comprida, mas, com as botas e os óculos escuros, conseguia parecer esbelta além de irritada. Ao seu lado, encontrava-se um velho de aspecto rabugento e me senti varrer por uma onda de preocupação ao pensar no que poderia ter corrido tão mal em Cincinnati para que ela precisasse ir me buscar. *A menos que ela estivesse ali por pensar que eu não conseguia dar conta do recado.*

O homem ao seu lado parecia simultaneamente nervoso e excitado, no macacão desbotado, mantendo-se cuidadosamente a um metro e meio de distância, enquanto a brisa agitava o casaco escocês aberto ao vento. O mais certo era que não passassem por ali muitos vampiros vivos e ele estava, claramente, mais curioso do que temeroso.

Jenks reduziu a velocidade e comecei a ouvir os sons vindos da costa. As minhas emoções saltavam de um extremo para o outro. Se Ivy tinha vindo por achar que eu não era capaz de dar conta do recado, ia ficar chateada; mesmo que as coisas não estivessem

ocorrendo muito bem. Se tinha vindo por haver problemas em casa, ia ficar preocupada. Sempre pensei que ela não podia sequer sair de Cincinnati; por isso, o que quer que fosse tinha que ser mau.

Senti uma oscilação de peso quando o barco parou e me agitei devido à preocupação. Jenks pôs o barco em ponto-morto e nos aproximamos.

— Podemos atracar aqui? — perguntou ao homem que devia ser, muito provavelmente, o gerente da doca.

— Pode crer! — respondeu, a voz sonora e entusiasmada. — Leve-a até ao posto de amarração cinquenta e três. A sua amiga já pagou — apontou a direção que devíamos tomar, parecendo agitado. — Traz aí um grande cão. Temos uma lei sobre o uso de coleiras deste lado do estreito.

Fitei Ivy para ver qual seria a sua reação ao me ver como um lobo, mas a sua expressão, atrás dos óculos de sol, era divertida, como se tudo aquilo não passasse de uma grande piada.

— Venha até aqui quando estiver instalado — disse o homem, hesitando quando viu Nick, curvado sob o cobertor. — Preciso de regista-lo.

Maravilha. Provas de que estivemos aqui.

Ivy já avançava ao longo da doca deserta, em direção ao posto de amarração que o homem indicou. Atrás de mim, Nick remexeu-se, procurando as cordas de atracagem e lançando os para-choques laterais.

— Alguma vez atracou um barco? — perguntou Jenks.

— Não, mas até agora estou me saindo bem.

Fiquei onde estava, enquanto os dois homens tentavam perceber como manobrar, deslizando para o posto de amarração em pequenos arranques e gritos de para frente e para trás. Ivy erguia-se na doca, observando, tal como algumas pessoas que preparavam os barcos para zarpar. Nervosa, me agachei na parte mais funda do barco, para me esconder. Os animalomens da ilha e aqueles a quem tínhamos roubado o barco acabariam nos seguindo e um grande lobo vermelho era algo memorável. Tínhamos que começar a deixar alguma distância entre nós e o barco emprestado.

Jenks desligou o motor e se içou para o exterior, aterrando agilmente na doca de madeira para prender a popa. Ivy ergueu-se da posição agachada em que esteve para prender a proa.

— Pelo contrato infernal da Sininho, o que é que está fazendo aqui? — perguntou Jenks, depois olhou para algumas pessoas que se encontravam nas redondezas, na area ao fundo de um barco. — Achou que não éramos capazes de dar conta do recado? — acrescentou, mais baixo.

Ivy franziu a sobancelha.

— Belo band aid, Jenks — disse, em tom sarcástico e ele ergueu a mão para lhe tocar. — Já tem tamanho para levar uma dentada, mosquito, por isso, cala boca.

— Primeiro, tinha que me apanhar — disse ele, corando. — Nos de algum crédito. Foi apenas uma operação de resgate.

Teria lhe dito que se acalmasse, mas os meus pensamentos giravam em torno da mesma questão. Obviamente furiosa, Ivy empurrou a ponta da corda para fora da doca, para que ninguém tropeçasse nela.

— Olá, Nick — disse ela, passando os olhos pela sua figura encurvada, envolta de um cobertor e descalça. — Andaram abanando o seu barquinho?

Sob o olhar desaprovador de Ivy, Nick tentou endireitar-se, interrompendo o movimento com um gemido curto. Estava com péssimo aspecto.

A barba feia, o cabelo seboso e o cheiro pungente, agora que o vento não o levava para longe.

— Olá, Ivy — disse com a voz rouca. — O Piscary te mandou comprar *fudge*?

Ficando rígida, Ivy virou-se. A minha pulsação acelerou diante da recordação do vampiro morto-vivo. Ela não devia estar ali. Ia haver um preço a pagar, o que me fazia pensar que aquilo era mais do que a simples necessidade de ver se Jenks e eu estávamos bem. Se fosse só isso, podia ter telefonado.

Emiti um ligeiro latido para chamar a atenção de Jenks, mas a sua súbita preocupação tornava óbvio que chegou à mesma conclusão. Com as mãos nos quadris, inspirou fundo como se fosse perguntar, olhou para Nick e expirou.



— Hei, hum, Ivy — disse, agora muito mais simpático. — Precisamos sair daqui.

Ivy seguiu o olhar dele para o borrão da ilha no horizonte.

— Estão no seu encalço? — perguntou e, quando Jenks acenou, acrescentou. — Então, vamos para o furgão.

Por fim, estávamos em movimento.

— Trouxe o furgão? — Jenks saltou de novo para o barco, fazendo estremecer a fibra de vidro sob as minhas patas. — Como descobriu onde estávamos?

— Fui conduzindo até ter descoberto o nosso motel — disse ela, me fitando. — A cidade não é assim tão grande. Deixei o *Corvette* do Kist estacionado no restaurante do outro lado da rua, em frente ao nosso quarto.

Pelo menos, estavam sendo simpáticos um com o outro. Quanto a mim, queria algumas roupas e um momento para me vestir e, se Ivy tinha trazido o furgão — onde guardamos as coisas, para o caso quee termos de partir à pressa — ainda melhor. Abanando a cabeça para calcular a distância, saltei para a doca, com as unhas derrapando. Ouviu-se um “Ooooh” de apreço vindo das pessoas que areavam o fundo do barco, não muito longe, e eu agitei as orelhas para trás e para a frente.

— Tenho de ir tratar do registo — disse Jenks, como se sentisse orgulhoso, depois hesitou, a sua irritação inicial desaparecida. — Fico contente por estar aqui — disse ele, me surpreendendo. — Ela não pode conduzir e não vou me enfiar em um carro com o idiota atrás do volante.

— Já chega! — disse, embora tudo o que eles tivessem ouvido fosse uma sucessão de latidos agressivos. Toda a doca reparou. Baixando a cabeça, me deitei sobre a madeira húmida como um bom cãozinho. Era terça-feira, mas, sendo a última terça-feira antes da celebração do Memorial Day, havia alguns reformandos e trabalhando nos seus barcos.

Jenks riu. Com um salto confiante dirigiu-se para o gabinete do mestre de navegação. Ainda não sabia por que é que Ivy estava ali e, provavelmente, assim continuaria enquanto Nick estivesse nos ouvindo.

Na doca, Ivy pousou um joelho no chão, me fitando diretamente nos olhos, de tal forma que me senti desconfortável. Tinha nas orelhas um novo brilho dourado. *Quando é que começou a usar brincos?*

— Tudo bem? — perguntou, como se estivesse tentando ver se era mesmo eu.

Mudei de posição para lhe dar uma dentada e ela me agarrou pelo cachaço³³, me segurando.

— Está molhada — disse, o calor dos seus dedos descobrindo a minha pele húmida sob o pelo. O fato de que uma boca cheia de dentes terríveis tinha falhado por pouco o seu braço, não parecia ter feito qualquer diferença. — Há um cobertor no furgão. Quer ir se transformar?

Irritada, recuei suavemente e, desta vez, ela me largou. Abanei a cabeça, virando para olhar para Nick. Vendo a minha atenção nele, puxou o cobertor para mais próximo do corpo, escondendo as marcas de queimaduras nas roupas e tremendo. Queria falar com Ivy, mas não ia me transformar ali, onde todos podiam ver. Estar rodeada de pessoas que a observavam enquanto conversava com um cão grande era suficientemente mau.

— Vamos sair daqui — disse ela, levantando-se e entrando no barco.

— Me deixa levar o nosso... equipamento de mergulho? — concluiu, depois de ter levantado a lona. Os olhos dela saltaram para os meus. — Sabe mergulhar? — perguntou e eu encolhi os ombros, na medida em que um lobo consegue encolher os ombros.

Com um movimento rude, Ivy voltou a puxar a lona antes que as pessoas curiosas que continuavam na área, no mesmo metro quadrado de barco conseguissem ver. Fitou-me, depois o barracão onde Jenks se encontrava, querendo falar comigo a sós.

— Hei, Nick — disse ela, um toque de ameaça na voz. — Vamos demorar algum tempo para arrumar as coisas. Eles têm instalações para as pessoas que têm os barcos aqui ancorados. Quer tomar um banho enquanto carregamos o furgão?

O rosto comprido de Nick tornou-se ainda mais comprido quando os seus lábios se afastaram.

— Desde quando é que se importa com o meu conforto?

³³ Cachaço: Parte posterior do pescoço

Fiel a si mesma, Ivy fungou.

— Não me importo. Fede e não quero que empestei o furgão.

De sobrançelha franzida, virou-se para o barracão na doca.

— Hei, velhote! — gritou, a voz ecoando sobre as águas calmas do porto e a cabeça de Jenks emergiu da recepção da doca. — Compra uma ducha, pode ser? Temos tempo.

Não tínhamos, mas Jenks acenou, desaparecendo de novo no interior. O minha sobrançelha de lobo franziu-se e Nick também não pareceu muito feliz, calculando, certamente, que nos queríamos ver livre dele por um momento. Erguendo uma almofada, retirou uma calça de moletom cinzenta com aspecto governamental, e uns tênis tamanho quarenta e quatro e meio que tinham sido guardados ali para permitir a um animalomem transformar-se na viagem de volta. O mais provável era que as roupas fossem pequenas, mas eram preferíveis às que estava vestindo. Encurvado sobre o cobertor avançou, vacilante, até ao limite do barco, parando na frente de Ivy, já que ela lhe bloqueava a passagem.

— É um sacana cheio de sorte — disse ela, com uma mão no quadril. — Eu ter-ia te deixado apodrecer.

Apertando com a mão o cobertor para o manter fechado, Nick esgueirou-se para passar por ela.

— Como se eu quisesse saber.

Ivy preparou-se para retrucar, mas ele levou a mão a uma estaca para se içar para o exterior do barco e o cobertor deslizou, revelando as marcas das queimaduras. Horrorizada, Ivy cruzou o seu olhar com o meu.

Sem perceber que ela viu, Nick apertou as coisas contra o corpo e avançou cuidadosamente em direção a um edifício cor de cinza, seguindo os sinais azuis que prometiam chuveiros. O mestre de navegação saiu, bamboleante, do gabinete, com um chaveiro de plástico na mão. Enquanto o homem dava a Nick um sabonete e lhe tocava no ombro sem sinal de simpatia, Jenks dirigiu-se lentamente para nós.

A silhueta magra e cansada de Nick desapareceu ao virar uma esquina, os pés descalços batendo no cimento. Me virando, descobri Ivy ao lado da cadeira do capitão.



— Meu Deus, o que é que fizeram a ele? — sussurrou.

Como se eu pudesse falar!

Jenks parou repentina e desajeitadamente, na doca por cima de nós, semicerrando os olhos e fitando a ilha.

— Não temos tempo para ele tomar banho — disse, ajustando o boné, o band aid desaparecido. Tinha virado o boné do avesso, de forma que escondesse o emblema, e lhe ficava bem. O mais certo era que gerasse uma nova moda.

— Ele não vai entrar no furgão do Kisten com aquele cheiro — o olhar de Ivy saltou para a lona que escondia o equipamento de mergulho.

— O que é que quer fazer com isto?

Jenks olhou para mim, em busca de indicações e eu arfei.

— Traga o — disse. — O Marshal vai querer eles de volta. Embora eu sugiro que devemos guardar até estarmos a salvo.

— O Marshal? — perguntou Ivy.

Sorrindo, Jenks puxou a lona para o espaço limitado do chão e começou a mover o equipamento para cima dela.

— Um habitante local que a Rachel seduziu para que nos deixasse alugar o equipamento. Um cara legal. Ele e a Rachel marcaram um encontro para quando isto estiver terminado.

Gani e Jenks riu. Ivy não estava divertida e levantou-se da cadeira do capitão, dizendo nada e evitando o meu olhar enquanto ajudava a empilhar o equipamento na linga³⁴. Entre a sua força de vampiro e a energia de *pixy* de Jenks, ergueram a lona com todo o equipamento para a doca, sem que as pessoas que nos observavam percebessem o que estava no seu interior.

Enquanto eu me sentava na doca e observava, Jenks e Ivy limpavam o barco de qualquer impressão digital, com a desculpa de o estarem limpando. Prendendo as lonas protetoras à medida que iam avançado, seguiram da proa à popa, eliminando todos os vestígios que permitissem identificar facilmente a nossa presença no barco. Jenks foi o

³⁴ Linga: Marinha Cabo que serve para cingir ou prender um objeto e elevá-lo por meio de um maquinismo

último a deixar o barco, saltando para a doca e aterrando ao meu lado com uma graça atlética que fez com que os olhos de Ivy se abrissem em sinal de apreciação.

— Estou vendo que sabe usar as pernas de gente — murmurou, agarrando em seguida em uma das pontas da lona.

Jenks sorriu e, como se a lona enrolada não pesasse mais do que uma arca, os dois seguiram para o furgão. Eu me arrastei atrás deles, amuada e maldisposta. Estava acordada há quase vinte e quatro horas; cansada e esfomeada. Se algum deles tentasse me prender com uma coleira, deitaria essa pessoa ao chão.

Jenks apressou o passo depois de ter chegado ao estacionamento de cascalho, de bom humor, apesar de ter falhado a sua sesta.

— Como é que calculou que fôssemos aparecer aqui? — perguntou, enquanto pousava a sua ponta do saco e abria a porta do furgão, fazendo-a deslizar com um forte som arranhado.

— Pai! — guinchou Jax, explodindo para o exterior e voando em círculos à nossa volta. — Como é que correu? Onde está o Nick? Viram ele? Está morto? Ena, pá! A menina Morgan é um lobo!

— Hum — disse Jenks. — Encontramos ele. Está tomando banho. Vá para trás.

Ia saltar para o furgão, tendo parado quando *Rex* olhou para mim, inchando como uma bola cor de laranja e desaparecendo debaixo do banco da frente, em um raro indício de senso comum. *Pobre gatinha. Acha que vou come-la.*

— Hei, menina Morgan — disse o pequeno *pixy*, pousando na minha cabeça, até eu ter agitado as orelhas. — O Nick vai ficar furioso. Espere só até ver o que a Ivy trouxe.

Jenks franziu a sobrancelha.

— É menina Tamwood, filho — disse, colocando a lona no interior da carrinha.

Jax entrou no furgão, esvoaçando entre os pertences que tínhamos lançado para o seu interior. O pequeno *pixy* pairou até ao chão e, em um tom de voz agudo, tentou aliciar *Rex* a sair, usando-se como isca. Eu me sentei ao sol e observei, ligeiramente preocupada com o fato de ninguém o impedir. Queria um par de calções e uma T-shirt para poder me transformar, mas estava com pressa e calculei que o pudesse fazer no furgão, fechando a

cortina. Jax prosseguiu com os seus esforços para arrancar *Rex* do seu esconderijo, recorrendo agora a irritantes estalidos e assobios que me provocavam dores de cabeça.

Ivy abriu a porta do lado do motorista com um puxão e entrou, deixando-a aberta e permitindo que a fresca brisa da tarde lhe agitasse as pontas do cabelo.

— Quer levar o Nick para o Canadá antes de seguirmos para casa ou vai largá-lo por aí?

Fiz um ar enjoado, mas, tendo em consideração que era um lobo, o mais provável era que parecesse que estava prestes a cuspir um pássaro. Não era assim tão simples, mas, antes de poder explicar, tinha que me transformar. O furgão cheirava a bruxo, *pixy* e Ivy e eu não queria entrar até ter que o fazer. Podia ver a minha mala de viagem, mas abri-la seria uma questão diferente.

Jenks entrou no furgão, lançando-se sobre Jax, mas falhando. Murmurando quase em voz alta, começou a organizar as coisas de forma queoubéssemos todos, mantendo sempre o filho sob apertada vigilância.

— O que é que se passa, Rachel? — perguntou Ivy, desconfiada, me observando através do retrovisor. — Não parece muito contente para alguém que terminou um trabalho, mesmo que tenha sido *pro bono*³⁵.

Jenks pousou na minha bolsa em uma caixa e abriu-a.

— Correu às mil maravilhas — disse, o rosto jovem ansioso enquanto percorria as minhas coisas. — Em cima do joelho, que é como a Rachel trabalha melhor.

— Odeio quando trabalham assim — disse Ivy, mas eu me senti melhor por, pelo menos, Jenks estar pensando no fato de eu não ter mãos.

— Nos apanharam, mas a Rachel conseguiu um acordo segundo o qual lutava contra a alfa deles em troca de Nick — Jenks ergueu um par de calcinhas minhas, de tal forma que todos as podiam ver. — Nunca vi um animalomem transformar-se em lobo tão depressa. Foi incrível, Ivy. Quase tão rápido como a magia da Rachel.

Senti uma pontada de preocupação ao recordar a selvajaria dos animalomens presentes enquanto se encontravam unidos sob uma causa comum e um mesmo

³⁵ Pro bono: Para o bem

animalomem. Era algo que ainda me deixava nervosa. Ivy ficou muito quieta, depois virou-se no assento de forma que olhasse para ele. A minha cauda estremeceu em um pedido de desculpas e a uma pequena ruga marcou-lhe a testa.

— Acordo?

Jenks acenou, hesitando entre a T-shirt de manga comprida e o top sem costas mais pequeno.

— Se ela vencesse a alfa, ficávamos com o Nick. Não vi tudo porque estava procurando o idiota, mas os sons do combate atraíram uma matilha de lobos de verdade. A alfa com quem a Rachel estava lutando tentou fugir. Eu digo que isso quer dizer que a Rachel ganhou — respirei com mais facilidade quando ele voltou a guardar o top sem costas. — Não foi culpa dela que a alfa tenha sido desfeita pelos lobos, é sério.

Ivy inspirou, pensativa, e segurou a respiração. O meu olhar cruzou-se com o dele, mostrando que ela tinha percebido qual era o verdadeiro problema e eu me encolhi. Uma rápida explosão de adrenalina correu através de mim.

— Eles sabem quem é? — disse Ivy, o seu olhar seguindo o meu para a ilha atrás de nós.

Ouvindo a preocupação na sua voz, Jenks endireitou-se até a cabeça tocar no teto.

— Oh, merda — disse. — Não podemos ir para casa. Eles irão atrás de nós, mesmo que não tenhamos o Nick. Para a Disneylândia com tudo isso! Onde anda o idiota? Jax! Afinal de contas que inferno é que você roubaram? Como é que vamos conseguir convencer quatro matilhas de animalomens que não temos o que eles querem e que Nick não nos disse onde estava?

Jax tinha desaparecido. Tinha visto ele voando para fora do furgão três segundos depois de o pai ter começado a usar o nome de Disney em vão. Furioso, Jenks saltou para o estacionamento e dirigiu-se para os chuveiros, agitando os braços e com o rosto vermelho.

— Hei! Idiota! — gritava.

Me levantei, espreguiçando antes de começar a correr atrás de Jenks. Parou, deslizando, quando eu me coloquei na sua frente e me encostei às suas pernas, tentando



lhe dizer que ia ficar tudo bem, que íamos descobrir uma forma de resolver o mais recente problema. Jenks me fitou, de ombros tensos.

— Vou ser simpático — disse, de maxilar cerrado. — Mas vamos partir e vamos partir já. Temos que nos enfiar debaixo das folhas e rezar para que as aranhas comecem a tecer teias por cima das nossas cabeças antes de começarem a nos procurar.

Eu não sabia ao certo como é que as aranhas entravam na equação, mas voltei ao furgão, enquanto ele batia na porta do chuveiro. Ivy ligou o motor e, quando eu saltei para o banco da frente, do lado do passageiro, inclinou-se para abrir um pouco o vidro. O odor escuro do incenso deslizou sobre mim, rico e familiar, com sutilezas que só o meu subconsciente tinha até então sentido. Reconfortante.

O estalo de uma porta metálica fechando chamou a minha atenção para o estacionamento. Jenks deslizou para o interior do furgão, obviamente irritado. Uns quatro metros e meio atrás, vi Nick, de barba feita e pingando, salpicando o moletom cinzento. Movia-se melhor, de cabeça erguida e olhando à sua volta. Tive razão ao pensar que os sapatos eram muito pequenos; ainda estava descalço, trazendo os tênis pendurados em dois dedos.

— É muito boa para ele, Rachel — disse Ivy, baixinho. — Devia estar completamente louca e não está. Ele é um mentiroso e um ladrão. Além disso, magoou você. Por favor — sussurrou — pensa no que está fazendo?

Não se preocupe, pensei, suportando a indignidade de dar à cauda, em um esforço de transmitir a ideia de que não ia permitir que Nick voltasse a entrar na minha vida. Mas quando a recordação do seu corpo violentado e da sua vontade de permanecer em silêncio, apesar das drogas e da dor, voltou à minha mente, senti grandes dificuldades em continuar zangada com ele.



CAPÍTULO 18

— Deus do céu — Sussurrei, me sentando na parte de trás do furgão e fitando as pernas, horrorizada. Estavam peludas, não peludas como as de um lobo, mas peludas como se desconhecesse o paradeiro da minha lâmina há seis meses. Absolutamente enjoada, espreitei para as minhas axilas, saltando. *Oh, isto é simplesmente... mau.*

— Tudo bem, Rachel? — disse a voz de Ivy a partir da frente do furgão em movimento e eu agarrei na camisa de manga comprida preta para me cobrir, ainda que uma pesada cortina se erguesse entre mim e o resto do mundo, que atravessávamos em um desajeitado para e anda, a pouco mais de cinquenta quilômetros por hora.

— Ótima — respondi, vestindo apressadamente e me perguntando se as unhas estariam do tamanho correto apesar de terem perdido o verniz. O meu cabelo frisado e ruivo, por seu lado, estava mais comprido, caindo até abaixo dos ombros, o comprimento que tive antes de Al ter cortado um bom bocado no inverno anterior. Tinha a sensação de que a minha condição pelosa podia ser atribuída a Ceri. Ela tinha feito a maldição que me traria de volta e, ao que parece, na Idade Média as mulheres não rapavam os pelos.

Me sentia imensamente grata pelo fato de Jenks, Jax e Rex seguirem atrás de nós no *Corvette* de Kisten. Me vestir na parte de trás de um furgão já era suficientemente mau.

Fazer com *pixies* olhando teria sido intolerável. Já tinha feito isso antes. Não queria fazer outra vez.

Estremecendo diante dos longos pelos ruivos nas pernas, sacudi um par de meias, desejando ter uns pezinhos. Fiz uma careta enquanto calçava. Isto ia mudar assim que tivesse dez minutos para mim, em um banheiro, com uma embalagem de creme depilatório. Porque é que Jenks apareceu com a pele macia de um traseiro de bebê, era algo que eu não conseguia compreender. Talvez os *pixies* não tivessem pelos se não no em cima da cabeça.

Enfiei os jeans, zangada quando o som óbvio do zíper sendo puxado encheu o silêncio. Sorrindo, afastei a cortina e ajeitei o cabelo. Na minha frente, erguia-se a ponte, ocupando grande parte do horizonte. O trânsito continuava no seu para e anda, ainda mais acentuado agora que a ponte estava reduzida a uma faixa para cada lado, devido às obras. Mas Nick tinha a sua *pickup* do outro lado do estreito, em St. Ignace, pelo que era para lá que seguíamos.

— Olá, gente — disse, procurando um espaço para me ajoelhar, a partir do qual conseguisse ver a parte da frente do furgão.

Ivy olhou de relance para mim, através do retrovisor, os seus olhos demorando-se nos meus caracóis ruivos e frisados. Nick ergueu os olhos do painel, que estava vasculhando em busca de trocos para o pedágio, sorrindo apesar do suave tremor visível em suas mãos de dedos longos como os de uma pianista. Descobrimo a quantia certa, recostou-se e afastou da testa o cabelo úmido.

O banho tinha lhe feito bem. Depois de uma semana de privações, o seu físico esguio estava realmente magro, tornando as suas faces barbeadas mais encovadas e o pombo de Adão mais proeminente. A sua constituição estreita, que antes lhe concedia um ar culto, fazia agora com que parecesse simplesmente magro. O moletom cinzento estava largo e eu me perguntei quando teria comido a sua última refeição quente.

Os olhos azuis, por outro lado, tinham recuperado o seu brilho inteligente, enquanto o banho, as barras energéticas e a distância o ajudavam a lidar com o que tinha sofrido. Estava em segurança... por agora.

A minha mente saltou para o momento em que o vi, encostado no edifício de concreto marrom, um homem quebrado, chorando enquanto puxava o gatilho da espingarda.

Ivy tossiu, limpando a garganta, e eu a fitei através do espelho oval, respondendo com um encolher de ombros ao seu olhar acusatório. Ela sabia no que é que eu estava pensando.

— Cuidado com o carro! — exclamei e ela devolveu a atenção à estrada. Já tinha levado a mão a um apoio quando ela carregou nos travões, não batendo por pouco no para-choque do Toyota que seguia à nossa frente. Balançando para frente, devido ao impulso, fitei ela com olhos arregalados.

Nick agarrou-se ao painel e, apesar de o seu olhar estar repleto de desagrado, não disse nada. Ivy sorriu ao condutor irado contra o qual quase tinha batido, mostrando os caninos pontiagudos e fazendo com que o cara se acalmasse e sentisse grato por não termos parado para confirmar se estavam todos bem.

Enquanto esperávamos que o sinal mudasse, estendi a mão na minha bolsa, em busca de alguns amuletos. Nick estava com dores e não havia necessidade disso. Sim, estava furiosa com ele, mas o fato de estar em sofrimento não servia a ninguém.

A suavidade dos dois amuletos encheu a minha mão e deixei cair um lentamente. Não sentia qualquer dor desde que voltei à minha forma humana, as costas doloridas e a mão mordida completamente livres de qualquer dor. Estranhando, procurei uma lanceta. A picada da lâmina era fácil de ignorar e eu massajei o dedo para que libertasse três gotas de sangue. O cheiro nítido de pau-brasil ergueu-se no ar e o amuleto ensopou o sangue.

— Hum, Rachel? — disse Ivy, com um tom de voz determinado, e eu enfiei o dedo na boca.

— O que foi?

Houve um curto silêncio seguido de:

— Nada.

Ivy abriu uma fenda da janela e, com o ar refrescado pela água, agitando o meu cabelo, concluí que era melhor me manter nos fundos do furgão durante um tempo. Ir

para casa o mais depressa possível era uma excelente ideia. Os vampiros eram seres caseiros: exigentes, doidos por festas, facilmente irritáveis e violentos, mas ainda assim caseiros. E por motivos óbvios. Ainda não sabia porque é que ela estava ali. Como é que ela ia lidar com a fome sem a rede de pessoas que tinha deixado em Cincinnati era algo que me preocupava. Talvez fosse mais fácil fora do raio de influência de Piscary. Deus, esperava que fosse.

O furgão voltou a andar e eu vasculhei a minha bolsa em busca de um amuleto de humor. Os solavancos eram muitos para que pudesse aplicar a maquiagem, mas podia, pelo menos, parecer descansada e relaxada. *E me veria livre das olheiras que marcavam os meus olhos*, pensei, silenciosa, enquanto abria o meu pequeno espelho compacto. Semicerrando os olhos na luz fraca, olhei com mais atenção.

— Hei, Ivy? — corri para frente, me dobrando para perto deles. — As minhas sardas desapareceram? — de olhos muito abertos, fiquei pendurada entre Ivy e Nick, inclinando a cabeça para que ambos me pudessem ver.

Ivy olhou de relance, da estrada para mim e de novo para a estrada. Um lento sorriso se abriu no rosto, me dando uma resposta antes que dissesse uma só palavra.

— Abre a boca — disse Ivy.

Espantada, assim fiz, e ela espreitou, me deixando nervosa quando parou suavemente, sem sequer olhar para o carro que parou à nossa frente.

À minha direita, ouvi a voz de Nick que perguntava “Desapareceram?” e Ivy acenou.

— O que é que desapareceu? — atirando para Nick um amuleto contra as dores, abri a boca e tentei perceber para onde estariam olhando. — As obturações desapareceram! — exclamei, chocada. Com a pulsação batendo veloz, fitei o pulso. — Isto ainda aqui está — disse, olhando para a marca demoníaca de Al e desejando verificar a base do pé, para averiguar se a de Newt ainda lá estava, o que não fiz por causa de todos aqueles pelos. Em vez disso, olhei para o cotovelo. — Mas a cicatriz da vez em que caí de bicicleta não está — acrescentei.

Me contorcendo, tentei ver a parte de trás do ombro, onde tinha cortado depois de ter caído por cima do cortador de relva fazendo a roda. Hum, eu estava fazendo a roda, não o cortador de relva.

— O seu pescoço não tem qualquer marca — disse Ivy, baixinho, e eu parei, fixando o seu olhar no retrovisor. Percebi com um ligeiro aumento da pupila. — Quer que eu veja se desapareceu realmente? — perguntou.

Me encostei para trás, de súbito consciente da sua presença. Nick limpou a garganta, em uma sutil demonstração da sua opinião contrária, o que travou o meu primeiro impulso de recusa. Se tivesse desaparecido, talvez toda a escuridão que coloquei sobre a minha alma tivesse valido a pena. Contra o meu próprio bom senso, acenei.

Ivy exalou, longa e lentamente, o som fazendo latejar o meu sangue. Os olhos dela dilataram-se até ficarem completamente negros e eu fiquei rígida, presa a eles através do retrovisor. Embora os seus dedos continuassem no volante, me sentia como se ela estivesse me tocando no pescoço com uma intimidade chocante, pressionando com uma insistência leve, mas exigente.

Inspirei e, como a chama repentina de um fósforo, esse gesto gerou um remorso titilante. O calor jorrou através de mim, seguindo a linha que ligava o meu pescoço ao meu *chi*. Deixei escapar um pequeno gemido e, se fosse capaz de pensar, teria me sentido envergonhada.

Ivy quebrou o contato visual através do espelho, sustendo a respiração, enquanto lutava por refrear a sede de sangue.

— Ainda está aí — disse ela, a voz simultaneamente rouca e suave. Tremendo no local onde estava sentada, percebi que os seus olhos se fixavam nos meus e se afastavam. — Lamento — acrescentou, os dedos cerrados com mais força em redor do volante.

Com o sangue latejando, recuei para o fundo do furgão. Pedir que fizesse aquilo foi estúpido. Lentamente, o formigação desapareceu. A cicatriz já não marcava a minha pele, mas era óbvio que o vírus do vampirismo continuava no mesmo lugar. Me senti terrivelmente satisfeita por ser uma bruxa e não poder ser Virada. Nunca. Tinha a sensação de que essa era uma das razões pelas quais Ivy aturava tantas besteiras minhas.

O furgão estava desconfortavelmente silencioso e ventoso, agora que Ivy tinha aberto por completo a janela. Estava frio, mas não ia dizer nada. O meu perfume, que impedia que o meu odor se misturasse com o de Ivy, estava ali, em algum lugar. Talvez fosse boa ideia procurá-lo.

A tensão se foi dissipando lentamente, enquanto atravessávamos a ponte. Olhei para as mãos, na parte um pouco escura do furgão, vendo elas lisas e perfeitas, todas as falhas que marcavam a minha passagem pelo tempo desaparecidas. Ao que parecia a maldição tinha repostado tudo: nada de sardas, de cicatrizes de infância, de obturação nos dentes...

O pânico deslizou através de mim. Assustada, saltei para a frente, me ajoelhando entre eles.

— Nick — sussurrei. — E se tiver perdido o que o pai de Trent...

Nick sorriu, cheirando a sabonete de hotel, enquanto pegava na minha mão.

— Está ótima, Ray-ray. Se o vírus do vampirismo ainda está presente nas suas células, o que quer que seja que o pai de Trent alterou também deve estar.

Me senti inquieta, ao puxar a minha mão de entre as suas.

— Tem certeza?

— As suas sardas desapareceram, mas mantém a sensibilidade a vampiros. Isso sugere que o encantamento atua com base no teu DNA. E se o seu DNA tiver sido alterado, devido a um vírus ou... — os olhos dele saltaram para Ivy, os olhos fixos no vidro da frente e as mãos falsamente relaxadas sobre o volante. — ... qualquer outra coisa, a mudança se mantém.

Sorrindo, ele inclinou-se para mais perto. Parei, depois saltei para trás ao compreender que ele ia me beijar.

Com o rosto vazio de qualquer emoção, Nick instalou-se no banco. Corando, eu me afastei. Não queria que ele me beijasse. Que raio havia de errado com ele?

— Não se trata de um encantamento, mas de uma maldição demoníaca — disse Ivy, soturnamente, ao mesmo tempo que arrancava com o furgão. Embora o trânsito

mantivesse no para e anda, a rudeza foi proposital. — Ela cobriu a alma de uma escuridão considerável para salvar a sua vida, idiota.

Os olhos de Nick abriram-se e ele virou-se no banco. A sua expressão tornou-se assustada.

— Uma maldição demoníaca? Ray-ray, por favor, me diz que não comprou uma maldição demoníaca para me ajudar.

— Sou uma bruxa branca, Nick — disse, arrogante, as minhas palavras duras diante da recordação do que fiz a eu mesma. — Não fiz nenhum acordo com ninguém. Fiz a maldição eu mesma — bem, na verdade fora Ceri quem fez, mas realçar o fato não me pareceu prudente.

— Mas não pode! — protestou ele. — É magia demoníaca.

Ivy apertou o freio de mão e eu recuperei o equilíbrio quando o furgão parou, de súbito, em um novo semáforo amarelo. Atrás de nós, Jenks buzinou, algo que Ivy ignorou.

— Está dizendo que ela é mentirosa? — perguntou, virando-se no banco, de forma que olhasse para Nick de frente.

O rosto comprido corou, as suas faces recém-barbeadas um pouco mais pálidas.

— Não estou dizendo nada, mas a única forma de se conseguir um encantamento demoníaco utilizável é pedindo a um demônio.

Ivy riu. Foi um riso feio, que não gostei.

— Não sabe nada, Nick.

— Parem com isso, os dois! — exclamei. — Deus, parecem duas crianças discutindo por causa de um sapo.

Irada, afastei para me sentar no fundo do furgão, deixando na frente duas pessoas silenciosas e amuadas. O suave tilintar do dinheiro para o pedágio deslizando por entre os dedos de Nick era bem audível. Enquanto avançávamos na fila lenta, me obriguei a manter a calma. O mais certo era que Nick tivesse razão e eu não me descobrisse, de súbito, prestes a morrer devido a uma doença de infância, mas não deixava de ser uma preocupação.

— Olha para lá — disse ele, de súbito, a voz carregada de aviso. — Ray-ray, fica escondida.

Corri imediatamente para frente, o que arrancou a Ivy um suspiro de impaciência. À nossa frente, estendia-se a ponte, a sua glória manchada pelos trabalhadores das obras. Estávamos quase entrando nela e o cara que segurava o sinal para diminuir a velocidade estava observando os carros com muita intensidade. A três carros de distância, conseguia ver facilmente que se tratava de um animalomem, um nó celta tatuado de forma a ocupar quase todo o seu ombro direito.

— Maldição — murmurou Ivy, de maxilar cerrado. — Estou vendo ele. Rachel, se segura.

Me agarrei quando Ivy ligou a seta para a direita para sair do trânsito que seguia para a ponte no último instante. Espreitando pelo quadrado sujo de terra que era a janela da porta traseira, vi que Jenks nos seguia. Jax e Rex deslizavam de um lado para o outro, sobre o *painel* e não sei como é que Jenks conseguiu manter o carro na estrada.

O furgão abanou, enquanto assimilava a nova velocidade e eu me senti doente.

— E agora? — perguntei, encontrando os velhos chinelos de Jenks e calçando-os.

Ivy suspirou. As suas mãos apertaram o volante e relaxaram. Olhando de relance pelo espelho retrovisor, os seus olhos cruzaram-se com os meus. A *pickup* de Nick teria que esperar. Escutei o trânsito e a respiração assustada de Nick. Quase conseguia ouvir o seu coração, quase via pulsar no pescoço enquanto ele lutava contra o terror de uma semana inteira de tortura.

— Estou com fome — disse Ivy abruptamente. — Alguém quer comer pizza?



CAPÍTULO 19

Com os olhos fixos no espelho retrovisor, Ivy parou calmamente o furgão no estacionamento do restaurante, na sombra de dois semirreboques³⁶. O som do trânsito se fazia ouvir através da janela do seu lado e eu não conseguia deixar de me sentir impressionada pelo fato de me encontrar bem escondida tão perto da estrada principal. Puxando o freio de mão, soltou o cinto de segurança e virou-se.

— Rachel, está em uma caixa de baixo do tapete. Puxa?

— Claro.

Enquanto Ivy saía, voltei para a parte de trás do furgão, levantei o tapete e a tampa metálica e descobri, no lugar do step do carro, uma caixa de cartão com poeira. Tentando impedir que ela tocasse em mim, coloquei no lugar do condutor. Ivy espiou entre os dois caminhões quando Jenks estacionou do outro lado do estacionamento. Assobiou e Jax saiu disparado antes mesmo que o pai tivesse tido tempo de sair do carro.

— O que se passa, menina Tamwood? — perguntou o pequeno *pixy*, parando à sua frente. — Porque é que paramos? Estamos com problemas? Precisa de combustível? O meu pai tem que fazer xixi. Pode esperar por ele?

³⁶ Semirreboques: O semirreboque é acoplado ao caminhão através do engate universal tipo B

Fiquei contente ao ver que Jax trazia uma tira vermelha presa ao cinto. Era um símbolo das suas boas intenções e uma promessa de rápida partida, se fosse o caso de penetrar em território de um outro *pixy*. Ver que estava aprendendo com o mestre, me fez sentir bem, ainda que os motivos fossem realmente deprimentes.

— Os animalomens controlam a ponte — disse Ivy, fazendo um gesto para que Jenks ficasse onde estava, junto ao carro de Kisten. Estava mexendo no boné virado ao contrário e, com uns jeans por cima da *camisa* de corrida e o casaco de aviador, ficava com aspecto muito bom. — Diz ao seu pai que nos arranje uma mesa, se tudo parecer bem — acrescentou Ivy, os olhos meio fechados atrás dos óculos de sol. — Vou falar com ele em um segundo.

— Certo, menina Tamwood.

E partiu no meio de um matraquear de asas. Uma leve brisa agitou o cabelo de Ivy e, erguendo-se ao lado da porta aberta, abriu as abas da caixa de cartão poeiradas retirando do seu interior um rolo de fitas pesadas. Um tênue sorriso lhe repuxou os cantos da boca e Nick e eu ficamos esperando uma explicação.

— Há anos que não faço isto — disse ela, olhando para a estreita tira visível do estacionamento. — Acho que não nos viram — disse, — mas ao fim do dia já terão seguido você e ao Jenks até ao motel e aquela adorável senhora já terá dito a eles que conduzem um furgão branco. Se vamos estar mais tempo do que isso na cidade, precisamos mudar algumas coisas.

Reconheci a espessa fita nas mãos delas como tiras magnéticas e ergui as sobrancelhas. *Legal. Um disfarce para o furgão.*

— Está por aí em algum lugar uma placa de carro — disse ela e eu acenei, voltando atrás para ir buscar. — E uma chave de fendas?

Nick pigarreou, parecendo impressionado.

— O que é isso? Fita magnética?

Ivy nem olhou para ele.

— O Kisten também tem por aí relâmpagos pretos e cruzeiros flamejantes — disse.

E tinta rápida ilegal, acrescentei mentalmente quando ela começou a abanar uma lata de tinta em spray especialmente concebida para o efeito.

Ivy pousou a caixa no degrau lateral do semirreboque mais próximo. A porta fechou-se, encerrando eu e o Nick no interior.

— Quando eu terminar, será capaz de ganhar o prêmio da secção gótica em uma exposição de automóvel — disse.

Sorrindo, lhe entreguei pela janela a placa do carro de Ohio e a chave de fendas. Até as placas estavam atualizadas.

— Fiquem quietos — disse ela, pegando nelas. — Ninguém se mexe enquanto eu não souber a opinião de Jenks sobre o restaurante.

— Tenho certeza de que é ótimo — disse eu, passando para o banco da frente. — Estou com tanta fome, que era capaz de comer uma almofada.

Os olhos de Ivy se cruzaram com os meus, espreitando sobre os óculos de sol e os seus movimentos, enquanto abanava a lata de spray, suavemente.

— Não estou preocupada com a comida. Quero ter a certeza de que a maior parte dos clientes são humanos. — O seu rosto assumiu uma expressão preocupada. — Se houver animalomens, iremos embora.

Oh, por tanto. Preocupada, me afundei atrás do volante, mas Ivy parecia despreocupada, tirando um pano de dentro da caixa e começando a limpar o pó da estrada do furgão. Me senti contente pela sua presença. Claro que eu era uma agente treinada e, embora os subterfúgios fizessem parte do treino clássico, a arte de nos escondermos de um grande grupo de pessoas dispostas a nos apanhar não fazia. Aquele era o tipo de coisas que ela tinha aprendido desde nova. Calculei.

Nick soltou o cinto, quando Ivy desapareceu do nosso campo visual. Podia ouvi-la trabalhando apitos esporádicos de spray seguidos de guinchos, quando ela limpava os para-choques antes que a tinta ilegal secasse. O cheiro do fixante fez cócegas no meu nariz. Olhei de relance para Nick e ele abriu a boca.

— Hei, um disfarce me parece uma boa ideia — apressei em dizer, me contorcendo para chegar à minha bolsa. — Tenho aqui uma meia dúzia deles. São para o cheiro, não

para o aspecto, já que os animalomens seguem os seus alvos recorrendo ao olfato, o que significa que nos descobrem muito antes de nos verem. Tiraram os que eu tinha na ilha, mas fiz mais alguns.

Estava empatando e Nick sabia. Expirou sonoramente e instalou-se, enquanto eu vasculhava a bolsa à sua procura.

— Um disfarce me parece bem — disse. — Obrigada.

— Sem problemas — respondi, tirando da bolsa uma lanceta nova, bem como uma mão-cheia de amuletos.

Quebrei o selo de segurança e espalhei os amuletos em cima dos joelhos. Já não sabia como tratar Nick. Tínhamos passado bons tempos juntos, até termos nos separado, mas isso tinha sido uns longos e solitários três meses antes dele ter partido, por fim. Estava zangada com ele, mas era difícil continuar assim. Sabia que era a minha necessidade de ajudar os desfavorecidos, mas lá estava eu.

O silêncio era desconfortável e eu piquei de novo o dedo. Invoquei todos os amuletos fazendo florescer o cheiro de pau-brasil, depois lhe entreguei o primeiro.

— Obrigado — disse ele quando o agarrou, passando pela cabeça e deixando-o cair, com um clique, sobre o amuleto contra a dor. — Por tudo, Ray-ray. Estou mesmo em dívida contigo. O que fez... Jamais to poderei pagar.

Era a primeira vez que estávamos sozinhos, desde que eu o arranquei daquela sala negra e não estava surpreendida com as suas palavras. Dirigi a ele um sorriso vazio e afastei o olhar, passando o amuleto por cima da cabeça e aconchegando-o atrás da camisa, de forma que tocasse na pele.

— Não faz mal — disse, não querendo falar sobre aquilo. — Você salvou a minha vida; eu salvei a sua.

— Então, estamos quites, hum? — perguntou ele, suavemente.

— Não foi isso... que quis dizer.

Observei enquanto Ivy desenhava com spray um símbolo elaborado sobre o capô, os seus talentos artísticos escondidos criando algo simultaneamente belo e surpreendente, enquanto ela espalhava a tinta cinzenta sobre o furgão, lhe dando um aspecto realmente

profissional. Me olhando, inquisitiva, lançou a lata para a caixa e dirigiu-se para a traseira do furgão, para mudar a placa do carro.

Nick manteve o silêncio.

— Agora consegue se transformar como um animalomem? — perguntou, rugas de preocupação repuxando os cantos dos olhos, cujo azul parecia mais ressaltado, por alguma razão. — Fica um lobo lindo.

— Obrigada — não podia deixar as coisas por ali e me virei, vendo ele infeliz e só. *Maldição, porque é que eu me apaixonava sempre pelo coitado?*

— Foi caso único. Teria que fazer uma nova maldição para me transformar de novo. É algo... que não se vai repetir.

Tinha tamanha escuridão na alma que jamais conseguiria me ver livre dela. Queria culpar Nick, mas foi *eu* quem bebi a maldição. Podia ter me submetido às drogas e ter aguentado até que alguém viesse me salvar. Mas não-ã-ã-ão. Optei pelo caminho mais fácil, usando a maldição demoníaca e ia pagar bem caro por isso.

Nick agitou a cabeça para cima e para baixo, sem conhecer os meus pensamentos, mas obviamente feliz por eu estar falando.

— Então, não é um animalomem, além de bruxa.

Abanei a cabeça, sobressaltada quando o cabelo, agora mais comprido, tocou nos meus ombros. Ele sabia que a única forma de alguém se tornar animalomem era nascer como tal; estava tentando manter a conversa.

Ivy aproximou-se da porta, cheirando a fixante e limpando a tinta cinzenta dos dedos com um pano.

— Toma — disse ela, me entregando a placa de carro antiga. — Se ver no portaluvas deve haver um registo alterado preso à parte de cima. Pode trocá-los?

— Claro. — *Maravilha. Íamos acrescentar à lista a falsificação de documentos legais*, pensei, mas aceitei a placa do carro do Kentucky e a chave de fendas, trocando os objetos por dois amuletos. — São para você e para o Jenks. Assegure de que ele use. Não quero saber a que é que o faz cheirar.

Os dedos longos de Ivy curvaram-se à sua volta, agitando de forma que ficassem pendurados no cordão e não a afetassem.

— Disfarce de odores? Bem pensado... para vocês — mostrando o mais ligeiro corar de nervosismo, me devolveu um deles. — Não vou usar.

— Ivy — protestei, não fazendo qualquer ideia porque é que ela nunca aceitava nenhum dos meus feitiços ou amuletos.

— Eles não conhecem o meu cheiro e eu não vou usar isso! — disse ela e eu ergui uma mão, em um gesto de rendição. Em seguida, a testa dela suavizou-se e vasculhou o bolso em busca das chaves do furgão, entregando através da janela. — Volto já — disse ela. — Se não estiver aqui dentro de quatro minutos, parte — inspirei fundo para protestar, mas ela acrescentou — Estou falando sério. Vem me salvar, por favor, mas planeje o salvamento, não entre ali dentro, de cabelo pelo ar e chinelos.

O meu rosto foi tomado por um meio sorriso.

— Quatro minutos — disse e ela se afastou.

Observei ela através do espelho retrovisor. Os ombros dela estavam encurvados e levava a cabeça baixa... depois desapareceu.

— Tenho um mau pressentimento sobre isto — disse.

— O quê? — perguntou Nick baixinho. — Acha que ela vai cair em uma armadilha? Me virei para ele.

— Não. Acho que ela não vai nos deixar, enquanto isto não tiver terminado.

A preocupação pesava sobre os seus olhos; ia dizer qualquer coisa, mas eu não queria ouvir.

— Rachel...

— Pela Viragem, tenho fome. Espero que ela se despache — balbuciei.

— Rachel, por favor. Me escuta!

Fechi o porta-luvas e recostei no assento. Aquela conversa ia acontecer quer eu queira ou não. Expirando, olhei para ele, me deparando com um rosto determinado.

— Não sabia que estava viva — disse ele, o pânico visível nos seus olhos. — O Al disse que tinha você.



— E tinha.

— E nunca atendeu o telefone. Eu liguei. Deus sabe como liguei.

— Está no fundo do rio Ohio — disse, em tom monótono, pensando que ele era um medroso por não ter ligado para a igreja. Depois, me perguntei se não teria ligado e Ivy não se limitou a desligar o telefone.

— O jornal disse que tinha morrido na explosão de um barco, enquanto salvava a vida de Kalamack

— Quase morri — disse, me lembrando de acordar na limusine de Trent, tendo muito depois de tirar da água gelada o maldito traseiro de elfo do homem.

Nick estendeu uma mão inchada sobre a painel entre nós e eu saltei para fora do seu alcance. Com um som frustrado, ele pousou um cotovelo na janela fechada e olhou para o semirreboque próximo.

— Maldição, Ray-ray, pensei que estava morta. Não podia ficar em Cincinnati. E, agora que descobro que está viva, nem sequer permite que te toque. Faz ideia do que chorei?

Engoli em seco, a recordação do botão de rosa vermelha no frasco de geleia, com o pentagrama de proteção deslizando através de mim. Senti a garganta apertadando. *Porque é que as coisas tinham de ser tão confusas?*

— Senti a sua falta — disse ele, os olhos castanhos carregados de dor. — Não foi isto que planejei.

— Nem eu — disse, infeliz. — Mas me deixou muito antes de ter partido de Cincinnati. Demorei muito tempo para ultrapassar as mentiras que me contou sobre os lugares onde estava, não vou voltar ao mesmo estado de coisas. Não me interessa que não tenha sido por causa de outra mulher. Talvez isso eu fosse capaz de compreender, mas foi por dinheiro. É um ladrão e me fez acreditar que era algo diferente.

Nick afundou-se em uma quietude derrotada.

— Eu mudei.

Não queria ouvir aquilo. Eles nunca mudavam, limitavam-se a esconder melhor.

— Estou com alguém — disse, a minha voz baixa para que não tremesse. — Está presente quando eu preciso dele e eu estou lá para apoiá-lo. Me faz sentir bem. Não quero voltar para a forma como estavam as coisas, não me peça para fazer. Você foi embora e ele... — passei uma mão por baixo do olho, envergonhada por descobri-lo molhado. — Ele estava lá — disse. *Ele me ajudou a te esquecer, seu sacana.*

— Ama ele?

— Se o amo ou não é irrelevante — disse, com as mãos pousadas no colo.

— É um vampiro? — perguntou Nick, não se movendo um centímetro e eu acenei. — Não pode confiar nele — protestou, desenhando gestos fracos com as mãos longas. — Está tentando te ligar a ele. Sabe disso. Deus, não pode ser assim tão ingênua! Não viu o que aconteceu com a sua cicatriz? Com a Ivy?

Fitei ele, os meus sentimentos de traição voltando a erguer-se, simultaneamente furiosos e assustados.

— Certa vez, me disse que se eu quisesse ser o delfim da Ivy, me levava de volta à igreja e partiria. Que me amava o suficiente para partir se isso significasse que eu seria feliz — o meu coração martelava e obriguei as minhas mãos fechadas a se abrirem. — Bem, qual é a diferença, Nick?

Nick baixou a cabeça. Quando voltou a erguê-la, os olhos estavam carregados de emoção.

— Nessa altura, ainda não tinha te perdido. Não sabia o que significava para mim. Agora sei. Ray-ray, por favor. Já não é você tomando as decisões, mas os feromônios vampíricos. Tem de sair dessa relação antes que cometa um erro que não poderá desfazer!

Um movimento no retrovisor me chamou a atenção. *Ivy, graças a Deus.* Levei a mão ao fecho da porta.

— Não venha falar comigo sobre erros — disse, agarrando a bolsa e saindo.

Fechei a porta com força, feliz por ver Ivy, quanto mais não fosse pela distração. O furgão era agora cinzento no fundo, uma cor que ia se clareando até ficar branca em cima e enfeitada com decalques de aspecto profissional. O cheiro forte do fixante tinha desaparecido quase por completo. Ivy fitava a estrada próxima, enquanto se aproximava,



os sutis movimentos dos seus dedos dizendo que me mantivesse no abrigo dos caminhos sujos.

Parando de repente, cruzei os braços e esperei perto do para-choques traseiro, os lábios apertados, enquanto Nick fechava a porta do seu lado e se arrastava até mim.

— Tudo bem, lá dentro? — perguntei alegremente, quando Ivy se juntou a nós. — Deus. Estou esfomeada.

— Só um minuto, quero as minhas coisas.

Passando por mim, abriu a porta do lugar do condutor e retirou de debaixo do assento um saco de papel enrolado. Fechou a porta com força antes de passar com Nick e me levar com ela. Fez uma pausa no final do abrigo formado pelos dois semirreboques e avançamos para o restaurante, os meus chinelos ruidosos ao lado dos seus suaves passos de vampiro. Atrás de nós, podia ouvir Nick. Sendo o elemento mais vulnerável do grupo deveria, com todo o direito, seguir entre nós, mas não me desajava protegê-lo e o perigo era mínimo.

— O seu cabelo está mais comprido — disse Ivy, enquanto atravessávamos o estacionamento em direção ao edifício baixo, coberto de painéis de madeira, aninhado entre os pinheiros. *Ponta do Esquilo? Que... cafona.*

— Nem imagina — disse eu, estremecendo diante da recordação das minhas pernas. — Por acaso, não trouxe uma lâmina de barbear com você, não é?

Os olhos dela se abriram.

— Uma lâmina de barbear?

— Esquece.

Como se fosse lhe dizer que eu parecia um orangotango.

— Tudo bem? — perguntou ela outra vez, a voz carregada de preocupação.

Não olhei para ela. Não precisava fazer. Ela podia ler as minhas emoções no vento, mais facilmente do que eu conseguia ler um cartaz a noventa e seis quilômetros por hora.

— Sim — disse, sabendo que ela não estava me perguntando pelo trabalho, mas por Nick

— O que é que ele fez? — perguntou ela, movendo os braços de forma rígida. — Ele deu em cima de você?

Olhei para ela de relance, pelo canto do olho, depois fitei de novo a porta que se aproximava.

— Ainda não.

Ivy fungou, parecendo furiosa.

— Vai fazer. E, nessa altura, mato ele.

Me senti invadinda pela irritação, a trepidação dos chinelos subindo pela espinha.

— Sei tomar conta de mim — disse, não me preocupando com o fato de Nick estar nos ouvindo.

— Eu também sei tomar conta de mim — disse ela. — Mas se estiver fazendo figura de idiota, espero que alguém me impeça.

— Estou *tratando* disto — disse, obrigando a minha voz a soar agradável. — E você? — perguntei, invertendo o jogo. — Não sabia que podia deixar Cincinnati.

A expressão de Ivy tornou-se reservada.

— É só um dia. O Piscary vai ultrapassar isto — permaneci em silêncio e ela acrescentou. — Como se a cidade fosse cair em ruínas, por eu não estar lá? Fala sério, Rachel.

Acenei, mas ainda estava preocupada. Precisava da sua ajuda para planejar uma forma de sair da minha mais recente confusão, mas ela podia fazê-lo por *email* ou por telefone se fosse necessário.

— Devemos ficar em segurança, aqui, durante algum tempo — disse ela, os olhos percorrendo o edifício, enquanto diminuímos os passos perto da porta e Nick nos alcançava. — São todos humanos.

— Ainda bem — respondi, com a voz fraca, me sentindo deslocada e vulnerável. Fazendo estalar o saco de papel, Ivy abriu a porta para que eu passasse, usando a mão livre, largando ela em seguida, e deixando Nick lidando sozinho com a porta oscilante de vidro fosco. Tinha voltado à minha forma de bruxa sem nada no estômago e, esfomeada,

inspirei profundamente o cheiro de carne grelhada. O interior era agradável: nem muito luminoso, nem muito escuro e sem o cheiro de fumo arruinando o ambiente.

Havia partes de animais nas paredes e poucas pessoas no interior, já que era terça-feira à tarde. Talvez estivesse um pouco frio, mas não estava desagradável.

O menu estava pendurado na parede e parecia conter os pratos normais dos cafés. Não havia outras janelas além da porta e todos pareceram dispostos a prosseguir com a sua vida, depois de um primeiro olhar demorado e atento. No balcão curto, encontravam-se três homens gordos e um magrinho, todos eles sentados em bancos de vinil verde, rasgados de forma que revelassem o enchimento branco. Estavam enfiando comida na boca enquanto assistiam ao resumo do jogo da semana anterior, conversando com a mulher, com ar de dama e cabelo volumoso, que se erguia atrás do balcão.

Eram apenas três da tarde, de acordo com o relógio por cima da pista de dança, cujos ponteiros tinham a forma de canas de pesca e cujos números tinham sido substituídos por moscas de pesca. Uma jukebox escura enchia um canto distante e uma luminária comprida, de vidro colorido, pendia sobre uma mesa de *snooker* de feltro vermelho.

O bar gritava provinciano por todo o lado, o que me deixou encantada por dentro. Não gostava do fato de sermos os únicos Inderlanders presentes, mas era pouco provável que as coisas corressem mal. Por vezes, havia quem se armasse em idiota depois de bater a meia-noite e beber sete *shots* de *Jager*, tendo uma sala cheia de humanos como apoio, mas não às três da tarde, estando presentes apenas cinco pessoas, contando com o cozinheiro.

Jenks e Jax tinham ocupado uma mesa nos fundos, deixando uma fila de cabinas vazias entre eles e a parede. O grande *pixy* acenou para que nos juntássemos a eles e eu senti um momento de preocupação ao ver a sua camisa aberta, revelando o amuleto para disfarçar odores. Calculava que se sentisse orgulhoso, agora que tinha tamanho suficiente para o usar e que o quisesse mostrar, mas não gostava da forma como exibia o nosso estatuto de Inderlanders. Tinham LPM — Licença Pública Mista —, mas era óbvio que se tratava de um espaço frequentado pelos humanos locais.

— Vou ao banheiro — murmurou Nick.



Fez um desvio ziguezagueante em direção à passagem em arco atrás do bar e eu observei-o, considerando a hipótese de que não fosse voltar. Olhei para Jenks e, depois de ter acenado, o grande *pixy* mandou Jax atrás dele. Sim, eu era idiota no que dizia a respeito a assuntos do coração, mas não era *idiota*.

A presença de Ivy era como uma sombra, muito próxima para me sentir confortável, enquanto avançávamos por entre as mesas vazias para além da mesa de bilhar e da pista de dança de pavimento cinzento.

Jenks tirou o casaco e estava de costas para a parede e Ivy ocupou o lugar ao lado dele antes que eu o pudesse fazer. Irritada, pousei os dedos na madeira gasta da cadeira à frente dela, virando-a de lado de forma que pudesse ver a porta. Os caras sentados no balcão estavam olhando para nós e um deles passou para o banco do lado, de forma que pudesse conversar com o vizinho.

Vendo aquilo, Ivy franziu a sobrancelha.

— Levanta, *pixy* — disse ela, a voz baixa carregando uma óbvia ameaça. — Não quero a Rachel sentada ao lado do idiota.

Em um segundo, a expressão divertida de Jenks transformou-se em uma expressão de desafio.

— Não — disse, cruzando os braços. — Não quero e não pode me obrigar. Sou maior do que você.

As pupilas de Ivy cresceram.

— Sempre pensei que seria a última pessoa a relacionar o tamanho com a força da ameaça.

Jenks moveu o pé debaixo da mesa, emitindo um som agudo.

— Certo — com um movimento abrupto, empurrou a cadeira, arrancando dela o casaco e esgueirando-se de trás da mesa para ocupar o lugar ao lado do meu. — Também não gosto de me sentar de costas para a porta — resmungou.

Ivy permaneceu em silêncio, o castanho regressando rapidamente aos seus olhos. Sabia que ela estava se comportando com cuidado, realmente consciente do fato da clientela não estar habituada a vampiros e esforçando-se por mostrar o seu melhor

comportamento. O fato de Jenks ter mudado de lugar para fazer a sua vontade, não tinha passado despercebido e eu abri o rosto em um sorriso alegre quando a mulher se aproximou, pousando quatro copos de água, o vidro salpicado de umidade. Ninguém disse nada e ela recuou mais de um metro, retirando um bloco de notas do avental que lhe envolvia a cintura. O que ela queria era óbvio. Porque é que não dizia nada também era; tínhamos deixado ela nervosa.

Ivy sorriu, depois assumiu uma expressão menos exuberante quando Becky, de acordo com seu crachá, empalideceu. Pousando os antebraços na mesa, me inclinei para frente de forma que parecesse algo como burra.

— Olá — disse. — Qual é o especial?

A mulher olhou de relance para Ivy, depois concentrou-se em mim.

— Hum, não temos especial... minha senhora — disse ela, erguendo nervosamente uma mão, de forma que tocasse o cabelo branco, que tinha sido pintado de louro. — Mas o Mike, lá atrás, faz um hambúrguer diabólico... hum, um hambúrguer muito bom. E hoje temos torta.

Nick juntou-se a nós, silenciosamente, com Jax pousado no ombro, parecendo realmente desconfortável ao tomar o lugar ao lado de Ivy e à frente de Jenks. A mulher relaxou um pouco, ao que parece compreendendo que ele era humano e concluindo que os restantes deviam estar meio domados. Não sabia como é que eles o faziam, já que não conseguiam cheirar o Inderlander em nós, como nós conseguíamos. Devia ser um qualquer dedo adivinho humano ou algo assim.

— Hambúrguer me parece bem — disse Ivy, baixando os olhos para parecer dócil, mas, devido à sua postura rígida, parecendo simplesmente zangada.

— Quatro hambúrgueres para todos — disse eu, querendo me apressar a comer. — E um jarro de Coca-Cola.

Nick puxou a cadeira para mais perto da mesa, Jax trocando o seu ombro pela luminária mais quente que pendia sobre a mesa.

— Eu queria dois hambúrgueres, por favor — disse o homem macilento, um toque de desafio na sua voz, como se estivesse à espera que alguém protestasse.



— Eu também — cantou Jenks, os olhos brilhantes, maliciosamente inocentes. — Estou esfomiado.

Nick inclinou-se para frente para ver o menu exposto na parede.

— Isso vem com batatas fritas?

— Batatas fritas! — exclamou Jenks e Jax espirrou no candeeiro pendurado sobre a mesa. Pó de *pixy* esvoaçou acompanhado de outro de um tipo mais mundano. — Se a Sininho não te tira as calcinhas, também quero batatas fritas.

A mulher apontou tudo, erguendo as sobrancelhas bem feitas e coloridas com lápis.

— Dois hambúrgueres com batatas para cada um dos cavalheiros. Mais alguma coisa?

Nick acenou.

— Um batido. De cereja se tiver.

Ela suspirou, fitando a sua figura magra.

— E você, querido?

Beckie olhava para Jenks, mas ele olhava para a *jukebox*.

— Coca-Cola está ótimo. Aquela coisa funciona?

A mulher virou-se, seguindo o olhar dele até à máquina.

— Está estragado, mas por cinco dólares pode usar a máquina de karaoke à vontade.

Os olhos de Jenks abriram-se.

— Legal — disse, soando como um surfista.

Acima de nós, ergueu-se o grito exuberante de Jax, informando que todos os insetos no candeeiro tinham secado devido ao calor e que, se ela não se importasse, ia comer as suas asas como se fossem batatas fritas.

Oh, céus! E tinha estado ocorrendo tão bem.

Ivy limpou a garganta, claramente chocada quando Jax começou a esvoaçar de candeeiro em candeeiro, cada vez mais excitado tendo em consideração a quantidade de pó de *pixy* que ia libertando.

— Hum, acho que já chega — disse e a mulher nos virou as costas, chocando contra uma mesa a caminho da cozinha, enquanto observava Jax. Os pelos na parte de trás do meu pescoço ergueram-se; estava todo mundo olhando para nós. Até o cozinheiro.

Jenks seguiu o meu olhar, as sobrancelhas louras levantadas.

— Eu trato disso — disse ele, levantando-se. — Rachel, tem dinheiro? Gastei o meu na Barraca das Borboletas.

Os olhos de Ivy escureceram.

— Posso resolver isto.

Jenks emitiu um ruído quase inaudível.

— Como no DFI? — zombou. — Se senta, vampirinha. Sou muito grande para ser enfiado no distribuidor de água.

Sentindo um aumento da tensão, vasculhei na bolsa e entreguei a carteira a Jenks. Não sabia o que é que ele tinha em mente, mas era, muito provavelmente, menos assustador do que o que Ivy tinha planejado e também não nos atiraria para a delegacia local.

— Me deixa qualquer coisa, tudo bem?

Jenks me dirigiu um sorriso encantador, os dentes perfeitos refletindo a luz.

— Então, sou eu.

Emitindo um estalo para que Jax o acompanhasse, dirigiu-se, bamboleando, até ao balcão, o seu passo muito mais provocante do que deveria. Ele não devia fazer a mínima ideia de quão bom era o seu aspecto.

— Nada de rebuçados de mel — gritei e ele ergueu uma mão, sem se virar. Ivy não parecia feliz, quando o meu olhar se cruzou com o dela. — O que foi? — protestei. — Já viu como ele fica com mel.

Nick riu e pousou o copo de água. Jax voou, traçando um caminho brilhante à frente do pai até à máquina de karaoke; os passos de Jenks determinados, enquanto o seguia. Beckie tinha os olhos colados no pequeno *pixy* enquanto falava ao telefone e eu desconfiei de que ele estava perdendo tanto pó de propósito. Me perguntei como é que aquilo ia afastar de nós os olhares. Uma distração, talvez?

Pai e filho se aproximaram da tela, dando seguimento a uma aula de leitura enquanto percorriam a lista das músicas disponíveis. Ivy olhou para eles de relance, depois para Nick.

— Vai ajudá-los — murmurou.

Nick ergueu o rosto magro para olhar para ela.

— Porquê?

Ivy cerrou o maxilar.

— Porque quero falar com a Rachel.

Franzindo a sobrancelha, Nick levantou-se, a cadeira raspando no chão de madeira. As nossas bebidas chegaram e a mulher pousou sobre a mesa o batida de cereja, três copos de Coca-Cola e um jarro úmido da condensação. De batida na mão, Nick arrastou-se até perto de Jenks e Jax; parecia cansado no seu moletom cinzento.

Dei um gole na minha Coca-Cola, sentindo as bolhinhas queimar até ao estômago. Ele encontrava-se vazio e o cheiro da carne cozinhando estava me provocando dores de cabeça. Pousando o copo de forma que não o virasse, me enterrei na cadeira, confiando em Ivy para manter a minha retaguarda debaixo de olho. Observei enquanto ela relaxava, um músculo de cada vez, até se mostrar mais calma.

— Fico contente por estar aqui — disse. — Arranjei mesmo uma confusão de todo o tamanho. Ele estava no meio de um grupo de sobrevivência, por amor de Deus. Nunca esperei tal coisa.

Devia ter investigado melhor, pensei, mas não precisa dizer. Era óbvio.

Ivy encolheu os ombros, olhando de relance para Nick, Jenks e Jax.

— Conseguiu tirá-lo de lá. Eu não estava planejando ficar — acrescentou —, mas já que aqui estou, vou ficar por aqui.

Expirei, aliviada.

— Obrigada. Mas isso será... prudente? — hesitei um pouco, depois arrisquei — O Piscary vai ficar possesso se não estiver lá antes do pôr-do-sol.

O olhar dela seguiu Jax que esvoaçava como um louco, entre Nick e Jenks.

— E depois? — disse ela, os dedos brincando com os brincos novos. — Ele sabe que vou voltar. São só seis horas de viagem.

— Sim, mas está fora da sua influência e ele não... — as minhas palavras foram interrompidas quando ela bateu os dedos na mesa, em uma suave ameaça. — Ele não gosta disso — terminei, arrojadamente, sentindo a pulsação mais rápida.

Ali, rodeada por humanos, talvez fosse o único lugar onde eu atrevia a me arriscar daquela forma. Ela estava dando o seu melhor por se comportar e eu ia aproveitá-lo ao máximo.

Ivy baixou a cabeça, o lençol negro do seu cabelo mais curto não lhe escondendo o rosto. O cheiro forte do incenso tornou-se óbvio e um suave formigamento correu através de mim.

— Vou ficar bem — disse ela, mas eu não estava convencida. Ela levantou a cabeça e um tênue rubor de preocupação, talvez de medo, coloria as faces. — O Kisten está lá — disse ela. — Se eu partir, ninguém se importará, com exceção dos caras que se encontram no topo da hierarquia e que, de qualquer forma, não vão fazer nada. É o Kisten quem não pode partir. Se o fizer, será notado, será comentado e haverá idiotas que não têm as presas nem há um mês que tentarão fazer alguma coisa. Nós estamos ótimas.

Na verdade, não era aquilo que me preocupava. Parte de mim queria aceitar aquela explicação pelo seu valor aparente e mudar de assunto, mas a outra parte, a mais sábia e tola parte de mim, queria ser honesta para que não houvesse surpresas. Me virei quando a porta se abriu e entrou uma mulher, falando em voz alta com Becky enquanto tirava o casaco com um abanar de ombros e se dirigia para os fundos.

— Ivy — disse baixinho —, e quanto à sua fome? Não tem aqui a sua normal... — parei, não sabendo ao certo o que chamar às pessoas a quem ela tirava sangue. *Dadores? Amigos especiais? Entes queridos? Optei por —... rede de apoio?*

Ivy parou, lançando um choque de adrenalina através de mim. *Droga. Talvez devesse ter mantido a boca fechada.*

— Desculpa — disse, com sinceridade. — Não tenho nada que ver com isso.



— O teu *timing* é uma porcaria — disse ela e a tensão cedeu. Não tinha ultrapassado os limites da amizade.

— Bem... — disse eu, estremecendo. — Não sei o que é que fazes.

— Não posso sair e agarrar num transeunte qualquer — disse ela, amarga. Os olhos dela estavam duros e eu percebi que ela não me estava a responder a mim, mas a um sentimento mais profundo de culpa. — Se permitir que seja um ato selvagem, poderei satisfazer-me com qualquer pessoa, serei um monstro. Que tipo de pessoa pensas que sou?

— Não foi isso que eu disse — protestei. — Me dê algum desconto, pode ser? Não sei como trata se você e até agora tive muito medo para perguntar. Tudo o que sei é que sai ansiosa e nervosa e volta calma e a se odiar.

A minha admissão de medo pareceu acalmá-la e as rugas na sua testa se suavizaram. Ela descruzou as pernas, depois voltou a cruzá-las, debaixo da mesa.

— Desculpa. Fiquei surpreendida por ter perguntado. Devo ficar bem durante alguns dias, mas o *stress*... — Ivy interrompeu o seu pensamento e inspirou. — Tenho algumas pessoas. Nós ajudamos uns aos outros e seguimos cada um o seu caminho. Não peço nada deles e eles não pedem nada de mim. São vampiros, caso esteja interessada. Já... não estabeleço laços com ninguém.

Vampira solteira e bissexual procura vampiro com iguais características para troca de sangue, não para relacionamento, pensei, ao ouvir o desejo não pronunciado na última parte da frase, mas não se sentindo preparada para lidar com ele.

— Não gosto de viver assim — disse Ivy, as suas palavras acusadoras e os seus olhos de um honesto e profundo castanho. — Mas é onde estou agora. Não se preocupe. Vou ficar bem. E quanto ao Piscary, por mim, até podia arder no inferno... se a sua alma já não tivesse evaporado.

O rosto dela voltou a ficar vazio, sem expressão, mas eu sabia que não passava de uma fachada.

— Então, vai ficar? — perguntei, simultaneamente envergonhada e orgulhosa por ter aprendido que podia lhe pedir ajuda quando precisasse e, inferno, como precisava.

Ivy acenou e eu exalei, levando a mão ao meu copo.



— Obrigada — disse baixinho.

A ideia de abandonar tudo e me fazer de morta para o resto da vida assustava de uma forma que uma ameaça de morte não conseguia assustar. Gostava da minha vida e não queria ter que abandonar e começar de novo. Tinha demorado muito tempo para encontrar amigos que ficassem ao meu lado quando eu fazia algo idiota. Como transformar uma simples operação de resgate e fuga, em uma luta de poder entre espécies.

Erguendo e descendo um ombro em um meio gesto interessado, Ivy estendeu um braço para tirar de debaixo da cadeira o saco de papel.

— Quer o seu correio — perguntou —, já que o trouxe até aqui?

Ivy estava mudando de assunto, mas não me importei.

— Pensei que estava brincando — disse, quando Ivy pousou o saco na mesa e eu o arrastei para próximo de mim.

Jenks e Jax estavam excitados com algo que tinham encontrado na lista e as pessoas tinham desistido de olhar para eles em breves relances, passando a fitá-los descaradamente. Pelo menos, já não estavam olhando para nós.

— É com a encomenda que estou curiosa — disse Ivy, olhando de relance para Nick e Jenks que apontavam para a tela.

Despejei tudo, voltando a guardar no saco o óbvio bilhete de agradecimento por ter salvo o traseiro de alguém em uma missão anterior, juntamente com a conta do seguro da companhia de David e um catálogo de sementes da última estação. Tudo o que ficou foi um objeto envolto em papel, do tamanho dos meus dois punhos fechados. Olhei com mais atenção para a letra, os meus olhos saltando para Nick, no canto.

— É do Nick — disse, levando a mão à faca que se encontrava sobre a mesa. — O que é que ele me enviou, se pensava que eu estava morta?

O rosto de Ivy mostrava um desdém silêncio, claramente dirigido a Nick.

— Estou disposta a apostar que é o que quer que seja que os animalomens querem. Me pareceu a letra dele, mas não tinha certeza.

Realmente consciente que Nick estava bebendo ruidosamente a sua batida e lendo os títulos das músicas por cima do ombro de Jenks, puxei o embrulho de cima da mesa e



coloquei no colo. Senti a pulsação acelerar e rasguei o invólucro exterior. Com os dedos frios, abri a caixa e puxei do seu interior o pesado saco preso por um cordão.

— Tem chumbo — disse, sentindo o peso flexível do tecido. — Está envolto em chumbo, Ivy. Não estou gostando disto.

Ivy inclinou-se para frente, em um gesto aparentemente casual, para bloquear a visão de Nick

— Bem, o que é?

Lambendo os lábios, afastei mais as pontas do saco e olhei o interior, decidindo que se tratava de uma estatueta. Hesitando, toquei, achando ela fria. Um pouco mais confiante, retirei do saco e pousei na mesa entre nós. Fitando ela, limpei as mãos aos jeans.

— É... mesmo feia — disse Ivy. — Acho que é feia — os olhos castanhos dela saltaram para mim. — É feia ou simplesmente estranha?

Com pele galinha³⁷, refreei um arrepio.

— Não sei.

A estatueta era de uma cor amarelada riscada de estrias manchadas. Osso, calculei. Osso muito antigo; tinha deixado nas minhas mãos a sensação fria do osso. Tinha cerca de dez centímetros de altura e mais ou menos a mesma profundidade. E parecia viva, como uma árvore ou um prato com queijo bolorento.

Franzi as sobrancelhas enquanto tentava perceber o que retratava a estátua. Tocando apenas na base, virei com dois dedos. Deixei escapar um som de nojo; o outro lado tinha um focinho contorcido de dor.

— É uma cabeça? — calculei.

Ivy pousou um cotovelo sobre a mesa.

— Acho que sim. Mas os dentes... Isso são dentes, certo?

Estremeci, me sentindo como se alguém tivesse caminhado por cima da minha sepultura.

³⁷ Pele galinha: é uma manifestação da pele humana como reação ao frio, às emoções ou irritação da pele, fundamentalmente devida ao complexo pilomotor.

— Oh — sussurrei, compreendendo o que me recordava. — Parece a Pam quando estava se transformando.

Os olhos de Ivy saltaram para os meus e de novo para a estátua. Enquanto a observava, o seu rosto tornou-se pálido e os olhos assustados.

— Maldição — murmurou. — Acho que sei o que isso é. Cobre isso. Estamos metidas em um grande problema.



CAPÍTULO 20

Saltei quando Nick apareceu, de súbito, perto da mesa. O seu rosto comprido estava vermelho, furioso e assustado, tudo ao mesmo tempo: uma mistura perigosa.

— O que é que está fazendo? — silvou a Ivy, agarrando a estátua e aproximando-a de si. — Trouxe para cá? Mandei para que ninguém a conseguisse encontrar. Pensava que ela tinha morrido. Não poderiam me obrigar a dizer quem a tinha, se a tivesse enviado para uma mulher morta e você trouxe para cá? Maldita vampira idiota!

— Senta — disse Ivy, o maxilar cerrado e os olhos trinando-se negros. — Me dê isso!

— Não — as mãos de Nick se apertaram ao redor da estátua deixando os nós dos dedos brancos. — Poupa essa treta da aura para alguém sobre quem isso funcione. Não tenho medo de você.

Tinha, e a mão de Ivy tremeu.

— Nicholas. Tenho fome. Estou cansada. E não me podia importar menos com o seu traseiro idiota. A minha parceira está em grandes problemas por causa de você. Me *dê isso*.

A adrenalina pulsou, me provocando dores de cabeça. Nick estava quase em pânico. A máquina de *karaoke* começou a tocar uma música triste e melancólica. Jenks nos

observava, mas o resto dos presentes não faziam ideia que Ivy estava prestes a perder as estribeiras, levada ao limite pelo *stress* e pelo fato de estar muito longe de casa.

— Nick—disse, calmamente. — Vai ficar tudo bem. Me dê. Eu guardo.

Nick mudou de posição e Ivy estremeceu, quase metendo a mão nele.

Lambendo os lábios rachados, Nick disse:

— Guarda ela por mim?

— Eu guardo — lhe garanti procurando o saco com chumbo e estendendo. — Toma.

Com o rosto encovado assustado, guardou a estátua cuidadosamente na bolsa. Os dedos inchados começaram a envolvê-la e eu puxei-a para mim, apertando os atilhos. Não se tratava de uma força mágica que se tivesse apoderado dele; era ganância.

Com a mão tremendo, Ivy agarrou no copo e virou-o até só restar gelo. Mantive a debaixo de olho, enquanto guardava a estátua na bolsa, depois pousei a bolsa no colo. Parecia pesada, como uma coisa morta. No canto, Jenks cantava *Ballad of the Edmund Fitzgerald*. O cara magro, sentado ao balcão observava ele, tendo virado as costas ao resumo do jogo. *Jenks sabia cantar?*

— Senta— sussurrou Ivy e, desta vez, Nick acedeu, ocupando o lugar de Jenks ao meu lado e pousando o casaco do *pixy* na cadeira ao lado de Ivy. — Onde é que a encontrou? — murmurou ela.

— É minha.

Me virei na cadeira, cheirando a nossa comida que se aproximava. A mulher não olhou para ninguém enquanto pousava a comida e partia. A tensão era de tal forma pesada que até ela podia sentir. Fitei o meu prato. Ali estava o meu hambúrguer famoso, a jorrar suco, com alface, cebola, cogumelos, queijo e, oh, Deus, também tinha bacon. E não o podia comer porque tinha que falar, primeiro, sobre a horrível estátua de Nick. *Bem, o diabo com isso*, pensei, levantando a metade de cima do pão e tirando a cebola.

Ivy usou o jarro para encher o copo, um anel cada vez maior de castanho em redor das suas pupilas.

— Não perguntei de quem era. Perguntei onde a encontrou.



Nick puxou o prato para mais perto, obviamente desejando ignorá-la, mas tomando a sua decisão de não o fazer.

— Nem posso acreditar que a trouxe para cá — repetiu, os movimentos abruptos, enquanto preparava os *pickles*. — Enviei para a Rachel, para que ficasse em segurança.

Ivy fitou ele de olhos muito abertos.

— Se usa pessoas inteligentes nos seus golpes sem avisar elas, não reclame quando elas fazem coisas inesperadas e estragam os seus planos.

— Pensei que ela estava morta — protestou Nick. — Nunca esperei que alguém viesse me *ajudar*.

Comi uma das batatas fritas de Jenks. Não havia *ketchup* na mesa, mas pedir podia fazer com que fôssemos expulsos. Os humanos culpavam os tomates pela Viragem, embora tivessem sido eles a realizarem as manipulações genéticas.

— E porque é que eles estão dispostos a unir várias matilhas para se apoderarem dela? — perguntei.

Nick parecia doente.

— Não tenho que te dizer nada.

Os meus lábios se abriram, tal a minha incredulidade, e eu me virei para Ivy.

— Ele continua com o seu esquema.

— Não continuo — os olhos dele estavam muito abertos, em uma expressão de inocência que já não me afetava. — Mas os animalomens não podem ficar com ela. Não sabe o que é?

As suas últimas palavras não passavam de um sussurro abafado e Ivy olhou para lá de mim, em direção à porta, quando três mulheres pouco vestidas e risonhas entraram. Becky deu logo início a uma conversa aguda, os olhos fixos em Jenks. Creio que ela as tinha informado da presença de carne fresca.

— Eu sei o que é — disse Ivy, ignorando as mulheres. — *Onde é que a encontrou?*

Um dos caras no balcão estava a cantarolar. Enquanto nos sentávamos, dobrados sobre a comida e discutíamos, Jenks pôs um dos caras que estava ao balcão a cantar sobre

um cargueiro que se tinha afundado há uns quarenta anos. Abanando a cabeça em sinal de admiração, voltei a minha atenção para Nick.

— Estamos esperando — eu disse, depois levei o hambúrguer à boca. Os meus olhos se fecharam quando o mordi. Doce prazer, como era bom.

De olhar tenso, Nick pegou um dos hambúrgueres, os cotovelos pousados na mesa.

— Rachel, viu que havia três matilhas na ilha, certo? Todas trabalhando em conjunto?

Procurei um guardanapo.

— Foi super estranho — disse, com a boca cheia. — Deviam ter visto a velocidade a que a alfa deles se transformou. E também eram maus. Como alfas sem qualquer controle. Uns sacaninhas arrogantes... — as minhas palavras cessaram quando dei mais uma dentada.

— É isso que faz — disse Nick e Ivy praguejou em um sussurro. — Encontrei ela em Detroit.

— Então, é o foco? — sussurrou e eu abanei uma mão para lhes chamar a atenção, uma batata pendurada entre ambos, mas eles não estavam me ouvindo. — Essa coisa não pode ser o foco — continuou Ivy. — Ele foi destruído há cinco milênios. Nem sequer sabemos se existiu de verdade. E se existiu, certeza que não estaria em Detroit.

— Foi onde o encontrei — disse Nick, depois deu mais uma dentada. Um pequeno gemido ergueu-se dele. — Não se consegue destruir algo assim tão poderoso — balbuciou. — Não com pedras e paus. E não com magia — engoliu. — Talvez com um esmagador de carros, mas não era coisa que existisse na altura.

— O que é isto? — insisti, só marginalmente consciente do namorico que decorria do outro lado da sala, por entre estrofes de homens morrendo nas ondas. *Abre os olhos, Jenks.*

Ivy afastou o prato com o hambúrguer intacto.

— São problemas — disse ela. — Ia obrigá-lo a entregar a estátua aos animalomens, mas agora...

— Droga! — explodi, e as mulheres que fitavam Jenks riram e se agitaram, por essa ordem. Baixei a voz. — Alguém se importa de me explicar o que é que eu tenho no colo antes que exploda?

— Você é que é o professor — disse Ivy, mordaz, dirigindo-se a Nick, ao mesmo tempo que tirava uma batata do prato de Jenks. — Conta você.

Nick bebeu para empurrar um pedaço do seu primeiro hambúrguer e hesitou.

— Os vampiros podem nascer assim ou ser mordidos; mas a única forma de se ser um animalomem é se nascer assim.

— Dah — disse eu. — As bruxas também são assim, bem como a maior parte dos Inderlander.

— Bem... — Nick fez uma pausa, os seus olhos saltando para todo o lado. — ... o animalomem na posse dessa coisa pode criar um animalomem através de uma dentada.

Mastiguei e engoli.

— E querem te matar por isso?

Ivy ergueu a cabeça.

— Pensa, Rachel — censurou. — Neste momento, os vampiros estão no topo da cadeira alimentar.

Lhe dirigi uma careta reveladora, enquanto dava mais uma dentada, puxando com os dentes um pedaço de bacon.

— O que quero dizer é que temos mais poder político do que qualquer outra espécie Inderlander — corrigiu. — Devido à forma como estamos estruturados, todos prestam contas a alguém e são devidos tantos favores aos vampiros do topo que estes se tornam tão eficazes como um membro de um partido político. É uma rede apertada, mas conseguimos, em geral, aquilo que queremos. Os humanos teriam os dedos bem sensíveis no gatilho não fosse pelo fato de os nossos números se manterem estáticos por apenas os mortos-vivos serem capazes de infectar um humano com uma quantidade suficiente de vírus para tornar possível a Viragem.

Roubei mais uma das batatas fritas de Jenks, desejando que tivessem *ketchup*.



— Os animalomens, por outro lado — disse Nick —, não têm qualquer poder político, enquanto grupo, porque não respeitam ninguém a não ser o líder da matilha. E a sua população não pode aumentar a um ritmo mais rápido que o da taxa de natalidade.

Inclinando-se para a frente, Nick bateu na mesa com um dedo inchado, toda sua atitude diferente, enquanto se transformava em instrutor.

— A estátua torna possível o aumento muito rápido do número de animalomens. E a união de várias matilhas que viu na ilha não é nada comparado com o que vai acontecer quando se souber que a estátua está intacta. Todos vão querer a sua parte, fundindo a respectiva matilha com a daquele que o possuir. Viu como é que eles ficaram. Pode imaginar o que aconteceria se um vampiro se deparasse com uma matilha de animalomens que estivessem se comportando daquela forma?

A batata meio comida de Jenks pendia dos meus dedos, esquecida. Lentamente, começava a perceber e não estava gostando. O problema não era o fato de a estátua permitir aos animalomens unir as respectivas matilhas. O problema era que a estátua os *manteria* unidos. Preocupada, olhei de relance para Ivy. Vendo que eu tinha compreendido, ela acenou.

Os animalomens da ilha tinham estado juntos durante dias, talvez semanas, e isso foi apenas com a promessa de uma estátua. Se eles o tivessem, a união seria permanente. Voltei a pensar no círculo de animalomens que me rodeou na ilha, as três matilhas unidas sob um animalomem com a força de seis alfas. A sua atitude arrogante e selvagem foi chocante. Walter não só obtinha deles o seu domínio como o canalizava de volta para todos os membros sem a calma moderada e a força moral que todos os alfas têm. Isso já para não falar da velocidade com que podiam se transformar, quando calavam a dor uns dos outros. Acrescente-se a isso a sua nova agressividade e resistência à dor?

Pousei a batata frita de Jenks, já não sentindo fome. Os animalomens eram bastante submissos na sociedade Inderlander, os alfas sendo os únicos a deter algum poder pessoal que lhes permitia desafiar a estrutura política dos vampiros. Se retirasse esse comportamento submisso, as duas espécies iam começar a chocar entre si. Muito. Era provável que tivesse sido por isso que os vampiros tinham escondido a estátua.

Porra, se os vampiros sabiam, também viriam atrás de mim.

— Isto não é bom — disse, me sentindo doente.

Soprando, Ivy recostou-se.

— Acha?

Do outro lado da sala, Jenks terminou a sua música, se dedicando logo em seguida a uma versão manhosa de *American Woman*, agitando os quadris e fazendo com que as três mulheres e um dos caminhoneiros gritassem e assobiassem. Jax pairava sobre ele, cintilando. Me perguntei se alguém fazia a mínima ideia que o mundo estava mudando, começando ali mesmo, naquele pequeno estabelecimento.

Limpando os dedos, levei a mão à bolsa que tinha sobre o colo.

— Isso pode alterar o equilíbrio do poder Inderlander — disse e Ivy acenou, agitando as pontas do cabelo.

— Com a destruição explosiva de largar um tigre no meio de uma exposição canina — disse ela, secamente. — Acredita-se que os animalomens costumavam ter uma estrutura política muito semelhante à dos vampiros. Melhor, já que os animalomens nunca traem uns aos outros, como os vampiros costumam fazer por causa de sangue. A sua hierarquia centrava-se em quem detinha a estátua e a sua eliminação destruiu a ordem social dos animalomens, castrando politicamente e deixando eles lutando em pequenas matilhas.

Nick começou a comer o seu segundo hambúrguer.

— Eles estavam determinados a converter a humanidade pela força, de acordo com os textos demoníacos — disse, tirando a metade de cima do pão e comendo como uma sanduíche aberto. — Aqueles que não se transformavam voluntariamente em animalomens eram mortos. Famílias inteiras foram mordidas ou assassinadas em nome da conquista dos animalomens sobre os vampiros. Tinham boas hipóteses de sucesso, mas as bruxas vieram da eternidade, mais ou menos nessa altura, e ficaram do lado dos humanos e dos vampiros. Usando a sua magia, fomos capazes de derrota-los.

Nervosa, agitei o chinelo emitindo um estalido. Me perguntei o que teria dado a um demônio para aprender aquilo. Nunca tinha ouvido tal coisa, mas Ivy tinha, por isso talvez eu não tivesse frequentado as aulas certas. Não podia deixar de pensar que talvez as



bruxas se encontrassem no topo da cadeia alimentar, apesar dos nossos modos independentes e da ausência de uma estrutura política. Todos os feitiços da terra existentes no mercado, fossem usados por humanos, vampiros ou animalomens, eram feitos por um bruxo. Sem nós, as suas pequenas guerras políticas seriam travadas com paus, pedras e palavras feias.

— A estátua foi destruída — disse Ivy, a voz grave e os olhos carregados de preocupação.

Nick abanou a cabeça. Engolindo um gole de refrigerante, disse:

— Trata-se de magia demoníaca e só um demônio pode destruir ela. Tem sido passada de vampiro dominante em vampiro dominante durante gerações.

— Até ter vendido parte da sua alma por ela — sussurrei e Nick ficou branco. *Humano idiota*, pensei, escondendo o meu próprio pulso.

Jenks terminou a música por entre assobios e gritos amigáveis. Fez uma cortesia e lançou beijos, deixando o palco e avançado, com os seus passos leves, na nossa direção. Uma câmara fotográfica disparou e eu desejei ter me lembrado da minha. Jax esvoaçou sobre as senhoras ao balcão, encantando-as e ajudando o pai a evitá-las. O ambiente tinha-se alterado drasticamente graças a Jenks; agora até os caminhoneiros nos fitavam com um toque de atrevimento voyeurista.

— A comida já está aqui? — perguntou Jenks, me entregando a carteira antes de se deixar cair na cadeira e se atirar ao primeiro dos hambúrgueres com o entusiasmo de um adolescente esfomeado. Jax ficou com as mulheres, distraíndo elas e mantendo-se em segurança, longe da conversa dos adultos. — O que é que perdi? — acrescentou Jenks dando uma dentada.

Suguei o ar por entre os dentes e dirigi um olhar sério a Ivy.

— O Nick roubou um artefato animalomem que pode alterar o equilíbrio de poder Inderland e dar início a uma guerra entre vampiros e animalomens — disse eu, guardando a carteira ao lado da estátua animalomem. *Preciso ligar ao David e perguntar qual a sua opinião sobre isto. Pensando melhor, talvez não seja preferível.*

Jenks ficou imóvel, as bochechas repletas de comida. Fitou os olhos de todos, tentando avaliar se estávamos brincando, mas só quando Nick acenou é que ele se lembrou de engolir.

— Ah, inferno — disse ele.

— Acho que é mais ou menos isso — suspirei. — O que é que vamos fazer com ela? Não podemos entregá-la.

Nick remexeu as batatas fritas.

— Fui eu quem começou isto. Vou pegar nela e desaparecer.

Em um gesto suave e gracioso, Ivy reclinou-se na cadeira. Parecia calma e controlada, mas os dedos em busca do crucifixo ausente me diziam que não estava.

— Não é assim tão simples, professor. Eles sabem quem é a Rachel. Do Jenks talvez desistam, mas, ao salvar o teu traseiro, a Rachel pôs o seu em risco. Não pode voltar a Cincinnati como se nada tivesse acontecido. Eles irão atrás dela até ao inferno por aquela coisa — colocando um dos antebraços na mesa, inclinou-se para frente, o rosto ameaçador. — Eles vão machucá-la, tal como te machucaram para pegar aquilo e não vou deixar que isso aconteça, seu merdinha estúpido.

— Para — disse eu, enquanto Nick ficava vermelho. — Não podemos devolvê-la. Que outras hipóteses temos?

Ivy tirou uma semente de sésamo do seu pão de hambúrguer, com um ar amuado. Também Nick estava com uma cara bem amuada. Só o rosto de Jenks estava pensativo e não furioso.

— Pode fazer com que a esqueçam? — perguntou, enquanto mastigava. — Ou, pelo menos, com que se esqueçam de nós?

Afastei o prato.

— Muitas pessoas. Alguma falharia. Já para não dizer que se trataria de um encantamento da terra negro. Não vou fazer — *mas eu fazia maldições demoníacas?* Gostos não se discutem, suponho. Além disso, a maldição de Ceri não machucaria mais ninguém além de mim.

Jenks mastigou lentamente.

— E que tal voltar a escondê-la?

— Não vou pôr onde a encontrei — protestou Nick — Gastei o rendimento de um ano inteiro para obtê-la.

Ignorando, franzi a sobrancelha. *Ele ainda estaria trabalhando no seu esquema?*

— Mesmo assim, viriam atrás da Rachel — disse Ivy. — Se não pode fazer com que a esqueçam — ela me disse —, só me ocorre uma forma de recuperarmos a sua vida, depois do idiota ter acabado com ela.

Nick inspirou fundo, irado.

— Volta a me chamar disso e eu...

Ivy moveu-se. Eu saltei, conseguindo manter a minha reação reduzida ao mínimo quando ela esticou o braço e agarrou Nick pelo queixo. Os olhos de Nick abriram-se, mas ele não se moveu. Tinha crescido em Hollows e sabia que se mexer tornaria as coisas ainda piores.

Os olhos de Ivy estavam quase inteiramente pretos.

— Você o quê, idiota?

— Ivy... — disse, com a voz cansada. — Para.

Jenks olhou para mim, depois para Ivy, os olhos cansados e o rosto preocupado.

— Relaxa, Ivy — disse ele, baixinho. — Sabe bem que ela sempre fica do lado dos coitadinhos.

As palavras de Jenks foram assimiladas, ao contrário das minhas e, em uma onda de castanho, as pupilas de Ivy voltaram ao normal. Sorrindo exuberantemente, ela largou o queixo de Nick, agarrando, contudo, pelo colarinho, antes que ele conseguisse se afastar, fingindo estar endireitando ele.

— Desculpa, Nickie — disse ela, os dedos pálidos batendo nas faces magras dele com um pouco de força a mais.

Enquanto eu tentava neutralizar a adrenalina, Nick afastou a cadeira, esfregando o pescoço, com cuidado. Movendo-se um pouquinho depressa demais, Ivy voltou a usar o jarro para encher o seu copo.

— Só há uma solução — disse ela, endireitando por completo a cadeira. — Aqui o professor tem que morrer.

— Uou, uou, uou! — exclamei e Nick ficou rígido, o rosto vermelho de raiva. — Ivy, basta.

Jenks puxou para mais perto de si o prato das batatas fritas.

— Hei, concordo plenamente você — disse ele, os olhos percorrendo o bar, provavelmente em busca do *ketchup* inexistente. — Resolveria tudo — hesitou, limpando os dedos a um guardanapo. — Você agarra ele e eu vou buscar a sua espada no furgão.

— Hei! — gritei, zangada. Sabia que não estavam falando sério, mas começavam a me irritar. Baixei a voz quando as mulheres sorridentes, sentadas ao balcão, olharam para nós. — Nick, tenha calma. Eles não vão te matar.

Com uma risadinha, Jenks começou a comer as batatas fritas e Ivy assumiu uma pose confiante, quase sedutora, recostando-se na cadeira e sorrindo com um dos lados da boca.

— Muito bem — disse ela. — Se vai ficar alterada por causa disso, não matamos eles. Encenaremos a sua morte espetacular e pública, juntamente com a destruição dessa coisa.

Nick fitou a figura confiante de Ivy.

— *Não vou* deixar que a destrua — disse, com veemência.

Ivy arqueou as sobrancelhas.

— Não pode me impedir. É a única forma de impedirmos esses animalomens de irem atrás da Rachel por isso, a menos que tenha alguma sugestão, sugiro que se cale.

Nick ficou em silêncio. Fitei a sua testa, franzida em pensamento, depois o meu olhar deslizou para Jenks. Jenks também o estava observando, a boca cheia, mas o maxilar imóvel. Trocamos um olhar cúmplice. Alguém que tinha suportado uma semana de tortura não ia desistir assim tão facilmente. Ivy pareceu não reparar, mas Ivy não conhecia Nick como eu começava a conhecer. *Deus, porque é que eu estava tentando ajuda-lo?* pensei, abanando o pé e fazendo barulho com os chinelos. Deprimida, levei a mão ao copo de refrigerante.

— Então, vão encenar a minha morte e a destruição da estátua — disse o homem aparentemente submisso e Jenks recomeçou a comer, em um gesto de ignorância fingida. — Creio que eles são capazes de reparar quando a ambulância me levar para o hospital em vez do necrotério.

Os olhos de Ivy seguiam alguém que se aproximava de nós. Com o copo na mão, me virei e descobri Beckie, segurando três bebidas com chapelinhos e cerejas espetadas em pauzinhos. Os meus olhos saltaram para as mulheres namoradeiras e me encolhi. Oh... que bom. Estavam tentando seduzi-lo.

— Consigo arranjar um corpo — disse Ivy, no silêncio.

Me engasguei com a minha bebida, tossindo diante da cadeia de pensamentos que aquela observação acordou em mim, mas a Becky tinha se aproximado e eu não podia dizer nada... mesmo que pudesse recuperar o fôlego.

— Aqui tem, querido — disse ela, sorrindo enquanto pousava as bebidas em frente de Jenks. — Das senhoras no balcão.

— Oh, uau — disse Jenks, aparentemente esquecendo-se do que significava aceitar bebidas de estranhos quando se tinha mais de dez centímetros de altura. — Olhem, espadas *pixy*!

Levou a mão a uma das cerejas, com os olhos brilhando, e eu o interrompi com um rápido:

— Jenks!

Ivy suspirou, parecendo cansada, e os olhos de Jenks saltaram de uma para a outra.

— O que foi? — perguntou, depois ficou vermelho. Encolhendo-se, ergueu os olhos para Becky. — Hei, hum, sou casado — disse, e eu ouvi alguém a praguejar no balcão. Não foi o camioneiro, graças a Deus. — Talvez — disse ele, empurrando os copos com relutância na direção delas —, devolva às senhoras com as minhas, hum, desculpas.

— Ora maldição — disse Becky sorrindo. — Fica com elas. Eu tinha dito a elas que um gostoso como você já estava laçado, enrolado, feito em filetes, cozinhado — o sorriso dela aumentou. — E comido.

Ivy suspirou e Nick parecia não saber se, devia se sentir orgulhoso ou envergonhado com a sua espécie. Jenks abanou a cabeça, provavelmente, pensando em Matalina e afastou as bebidas.

— Disse que tinham torta? — perguntou Ivy.

— Sim, minha senhora — Becky pegou as bebidas, com jeito, espadas *pixy* e tudo. — Tenho torta de *butterscotch* ou maçã. Trago uma fatia da de maçã, tendo em conta que é alérgica a *butterscotch*.

Ivy pestanejou, mas o seu sorriso nunca diminuiu.

— Obrigada — empurrou o hambúrguer intacto para ela e a mulher pegou, obedientemente, no hambúrguer e no prato. — Pode pôr uma bola de sorvete? — perguntou. — E café. Todos querem café?

Ivy nos fitou inquisitiva, sorrindo de uma forma que me deixava francamente nervosa, em especial depois de ter afirmado: “Posso arranjar um corpo” e acenei. *Café? Porque não?*

— Açúcar e natas — acrescentou Jenks com uma voz fraca e Beckie afastou-se rebolando, proclamando a boa voz para as mulheres ao balcão o que ela sempre soube.

Ivy observou ela afastar-se, depois olhou para mim com uma atenção inquisitiva. De súbito, compreendi que Becky devia ter falado com Terri do supermercado. Sentindo que se aproximava mais um dos meus extraordinários momentos embaraçantes, me inclinei para frente e dei mais um gole, me escondendo atrás do vidro. Não era de admirar que todos os presentes fossem tão simpáticos conosco. Pensavam que eu era uma ninfomaníaca que gostava de me divertir com três pessoas e um pudim.

— Porque é que eu sou alérgica a *butterscotch*? — perguntou Ivy, lentamente.

O meu rosto parecia estar ardendo e Jenks gaguejou:

— Hum, a Rachel e eu somos amantes e gostamos de quartetos e pudim. Aparentemente, ela acha que você e o Nick são a Alexia e o Tom. Você é alérgica a *butterscotch* e o idiota gosta de *pistache*.

— Para de me chamar disso — murmurou Nick.

Ivy soltou o ar dos pulmões. Tinha as sobrancelhas arqueadas e parecia divertida.

— Está bem...

Pousei o meu copo.

— Podemos voltar à questão de como é que vamos matar o Nick? E que conversa é essa sobre um cadáver? É melhor começar a falar depressa Ivy, porque não vou andar brincando às escondidas com um cara morto no porta-malas. Fiz isso na faculdade e não vou voltar a fazê-lo.

Um sorriso repuxou os cantos da boca de Ivy.

— É sério? — perguntou ela e eu corei.

— Bem, não estava morto — murmurei. — Mas me disseram que estava. Me pregou um susto da morte quando me beijou na orelha, eu estava tentando coloca-lo... — parei ao sentir Becky ao meu lado, uma bandeja de café e uma fatia de torta na mão.

Sorrindo, Becky distribuiu os cafés e pousou uma fatia de torta com sorvete em frente à Ivy. Cantarolando *American Woman*, levantou os pratos vazios de Jenks e Nick e partiu.

Fitei o sorvete e depois o meu garfo.

— Vai comer isso tudo? — perguntei, sabendo por experiência própria que Ivy raramente terminava o que quer que fosse.

Olhando de relance para mim, em busca de autorização, Ivy tirou a caneca de café de cima do pires e substituiu pelo sorvete. Puxei o pires para mais perto, sentindo que a tensão começava a se dissipar. Não tinha uma colher, mas o garfo servia e não ia pedir uma a Beckie.

Ivy cortou cuidadosamente a ponta da torta e a desviou, para a comer no fim.

— Proponho um *Kevorkian* — disse ela e eu me senti gelada, devido a mais do que a sobremesa.

— Isso é ilegal — disse Jenks rapidamente.

— Só se formos apanhados — disse Ivy, de olhos fixos na torta. — Tenho um amigo de um amigo...

— Não — pousei o garfo. — Não vou ajudar um vampiro a passar para o outro lado. Não vou. Ivy, está me pedindo que mate alguém!

A minha voz tinha subido de tom e Ivy afastou o cabelo dos olhos.

— Tem vinte anos e tem tantas dores que nem sequer é capaz de usar o banheiro sem ajuda.

— Não! — disse eu, mais alto, sem me preocupar com o fato de as pessoas começarem a nos fitar. — Nem pensar — me virei para Jenks e Nick em busca de apoio, me sentindo chocada ao constatar que apoiavam a ideia. — Vocês são doentes! — disse. — Não vou fazer isso!

— Rachel — disse Ivy, em tom persuasivo, os olhos castanhos mostrando uma quantidade inusitada de emoção. — As pessoas fazem constantemente.

— Esta pessoa aqui não — irritada, afastei o sorvete, me perguntando se não faria parte de um plano para me levar a aceitar a ideia. Ela sabia que eu adorava sorvete. Franzi a sobrancelha diante dos risos que se erguiam do bar, me virando e descobrindo Becky conversando com os caminhoneiros, dobrada sobre o balcão e de traseiro atravessado. Me ocorreu que o mais certo era que pensasse que tinha sido feita uma proposta de tal forma desagradável que até uma ninfomaniaca ruiva se recusava. Cruzando os braços na frente do corpo, fitei Ivy.

— Ele faria sozinho — disse Ivy, baixinho. — Deus sabe que tem coragem para isso. Mas precisa do seguro de vida para se estabelecer e se matar, ele iria perdê-lo. Tem estado à espera há muito tempo.

— Não.

Os lábios de Ivy cerraram-se. Depois, a testa suavizou-se.

— Vou ligar para ele — disse, calmamente. — Fala com ele e se, depois, continuar a sentir o mesmo, cancelamos tudo. A decisão será sua.

Doía a minha cabeça. Se não dissesse que sim, agora, pareceria mais malvada que a irmãzinha de Satanás.

— Alexia — disse, em um tom de voz suficientemente alto para que todos os presentes ouvissem. — É uma mulher doente.

O sorriso dela cresceu.

— Essa é minha garota — claramente contente, pegou no garfo e comeu um pouco mais da torta. — Consegue criar um encantamento para fazer com que alguém se pareça com o professorzinho aqui?

Nick ficou rígido e Jenks deu uma gargalhada.

— Professorzinho... — disse, enquanto deitava um quarto pacote de açúcar para o café. Me senti como se estivesse na cantina do liceu, a planejar uma partida.

— Sim, consigo — respondi.

Amuada, empurrei a bola de sorvete meio derretida pelo pires. Os encantamentos de duplos eram ilegais, mas não eram negros. Porque não? Inferno, ia matar alguém.

— Bom — Ivy espetou o garfo no que restava da torta, ficando imóvel e pensativa antes de comer a ponta e eu percebi que estava pedindo um desejo. *E as pessoas pensavam que eu era supersticiosa?* — Agora só temos de descobrir uma forma de destruir essa coisa — terminou ela.

Diante daquelas palavras, Nick agitou-se.

— Não vão destruí-la. Tem mais de cinco mil anos.

Fiz estalar os chinelos.

— Concordo — disse e Nick me dirigiu um olhar agradecido. — Se podemos usar um Nick falso, também podemos usar uma estátua falsa.

Ivy recostou-se na cadeira com o café.

— Não quero saber — disse ela. — Mas você... — apontou um dedo a Nick. — ... não vai ficar com ela. A Rachel vai escondê-la e você não vai... ficar... com nada.

Nick pareceu amuado e eu voltei a trocar com Jenks um olhar cúmplice. Aquilo ia ser um problema. Jenks mexeu o café.

— Então... — disse —, como é que vamos dar um sumiço no Nick?

Pensei que a sua escolha de palavras deixava algo a desejar, mas deixei-a passar em branco, ignorando o meu suborno derretido.

— Não sei. Normalmente, o meu trabalho consiste em salvar o traseiro de alguém.

Soprando sobre a caneca, Jenks encolheu os ombros.



— Pessoalmente, gosto de lhes esmagar o peito até as costelas estalarem e o sangue esguichar como gelatina numa misturadora sem tampa — deu um gole, estremecendo. — É o que faço às fadas.

Franzi a sobancelha, chocada, quando ele acrescentou mais dois pacotes de açúcar.

— Podíamos lançá-lo do telhado — sugeriu Ivy. — Afogá-lo, talvez? Temos um monte de água por aqui.

Jenks inclinou-se para Ivy, assumindo um tom conspiratório, os seus olhos verdes saltando alegremente entre os meus e os dela.

— Eu sugeriria lhe enfiar um pau de dinamite pelo traseiro acima e fugir, mas isso era capaz de doer muito a quem tiver tomado o lugar dele.

Ivy riu e eu franzi a sobancelha aos dois. A máquina de *karaoke* foi ligada mais uma vez e eu me senti maldisposta quando *Love Shack* começou a jorrar dos altofalantes. *Oh, meu Deus!* O camionheiro magrinho estava em cima do palco com as três mulheres como coro.

Olhei, voltei a olhar. Por fim, me obriguei a afastar os olhos.

— Hei — disse, sentindo que o peso das últimas quarenta e oito horas caía em cima de mim. — Estou acordada desde ontem à tarde. Podemos arranjar um lugar para descansar?

Prontamente, Ivy tirou a bolsa de debaixo da cadeira.

— Sim, vamos. Tenho de ligar ao Peter. Ele, a delfim dele e o mentor dele vão demorar pelo menos um dia para chegar. Você pode dormir, o Jenks e eu vamos delinear alguns planos e, depois, poderá escolher aquele em que a sua magia funciona melhor — ela olhou de relance para Jenks que acenou. Os dois viraram-se para mim. — Parece bom pra você?

— Claro — disse, inspirando fundo para me controlar. Por dentro, estava tremendo.

A ideia de escolher um plano *qualquer* que envolvesse matar alguém não me agradava muito. Mas os animalomens não desistiriam enquanto Nick não estivesse morto e, se não houvesse corpo, saberiam que se tratava de um esquema.

Além disso, queria ir para casa. Queria voltar para a minha igreja e para a minha vida. Eles me perseguiriam até ao fim do mundo se soubessem que a estátua tinha sido descoberta e estava na minha posse.

Me levantei, sentindo que estava deslizando para caminhos que jurei nunca percorrer. Se fossemos apanhados, seríamos julgados por homicídio.

Mas que outra escolha eu tinha?



CAPÍTULO 21

O odor a canela e cravinho era forte no quarto do motel, fazendo com que cheirasse a Solstício. Nick estava fazendo biscoitos de gengibre e o calor do minúsculo forno individual era agradável nas minhas costas. Não era inusitado vê-lo cozinhar, mas achei que era mais provável que se tratasse de uma tentativa de me subornar para que conversasse com ele do que por um desejo de biscoitos caseiros. Como Jenks sintonizou a televisão em um programa infantil, para Jax e Ivy se recusava a permitir que Nick planejasse a própria morte, o humano tinha pouco para fazer.

Os animalomens conheciam Jenks, por isso Ivy foi às compras, enquanto eu dormia, cheia de munição de uma lista e do meu número de sapatos. Sairmos para comer três vezes por dia — ou, no caso do Jenks, seis — não parecia prudente. Tínhamos alugado uma *suíte* a cinco minutos do café e, depois de ter dado uma olhada aos quartos de teto baixo e paredes marrons e douradas, declarei com toda a clareza, que *eu* ficava no furgão. Ivy ficou com o quarto minúsculo perto do quarto principal, Nick com a cama do quarto principal e Jenks quis o sofá-cama, abrindo-o e fechando-o alegremente duas vezes antes da Ivy e eu termos acabado de descarregar o furgão; ela não queria que Nick tocasse em

nada. O furgão era apertado e frio, mas era sossegado e, graças ao círculo que ergui antes de adormecer, mais segura do que o motel.

Tinha acordado maldisposta e rígida nessa manhã, cedo e a más horas, às nove da manhã, incapaz de voltar a dormir depois de uma soneca de doze horas. E como tanto Jenks como Jax estavam de pé e Nick, claro, estava acordado, pensei que podia aproveitar a oportunidade para começar a preparar a parte da magia. *Sim. Logo.*

— Quer lambar a colher, Ray-ray? — perguntou Nick, o rosto magro parecendo mais relaxado do que... desde o outono passado.

Sorri, tentando manter uma expressão descomprometida.

— Não, obrigada.

Voltei a minha atenção para a tela do notebook. Com a ajuda de Kisten, Ceri me tinha enviado por email o encantamento da terra que precisava para fazer os amuletos de disfarce, bem como os seus acrescentos para o transformar em um feitiço de duplo ilegal. Não deixava de ser branco, mas eu não estava familiarizada com os ingredientes adicionais, necessários para o levar a duplicar uma determinada pessoa.

Me espreguiçando, puxei o caderno de rascunhos para mais perto e acrescentei sementes de abóbora à minha lista. A lâmpada por cima do forno brilhou sobre a minha pulseira de amuletos contra feitiços e eu agitei o ouro preto fazendo um espetáculo audível do meu corte de relações com Nick. Ignorando-o, ele continuou deitando montículos de massa em uma frigideira de mau aspecto. Depois, hesitou, sendo óbvio que queria dizer qualquer coisa, mas mudou de ideia. A primeira dose de biscoitos tinha saído do forno não há muito e o cheiro era divino.

Estava evitando os biscoitos, seguindo uma noção vaga de princípios, mas Jenks tinha nas mãos um prato cheio, quando se inclinou sobre o trabalho do Jax, na mesa perto da janela tampada por uma cortina. Embora a televisão estivesse ligada, nenhum deles estava prestando atenção, concentrados na sua prática. *Rex* estava sentada no calor do colo de Jenks, as belas patas brancas amorosamente enroladas por baixo dela, enquanto me olhava do outro lado da sala. Naquele momento, não parecia importante para ela o fato de Jax estar passeando sobre a mesa.

Um pai sempre vigilante, Jenks tinha uma mão suavemente pousada sobre o pelo dela, se não fosse o caso dela se recordar de Jax e tentar apanhá-lo. Mas a gatinha estava concentrada em mim, o que me deixava algo arrepiada. Acho que ela sabia que eu era aquele lobo e estava esperando que eu voltasse a me transformar.

As suas orelhas inclinaram-se na direção do quarto dos fundos e um estrondo súbito fez ela correr. Jenks gritou quando as suas unhas afiadas se enterraram nele, mas Rex já estava debaixo da cama. Jax correu atrás dela no meio de uma chuva dourada de pó de *pixy*, chamando-a em uma voz aguda que parecia arranhar as órbitas. Do quarto de Ivy, jorrou uma corrente de pragas abafadas. Ótimo. O que é que aconteceu agora?

A porta do quarto de Ivy se abriu de repente. Estava vestida com a normal camisa de dormir de seda e o curto cabelo preto estava desgrenhado por causa da almofada. Esguia e magra, avançou a passos largos através do carpete feio, parecendo determinada a gerar o caos.

Enquanto ela entrava na cozinha, o genérico de *The Electric Company* jorrava da televisão. De olhos muito abertos, me virei para poder continuar observando ela. Nick erguia-se em um canto, a satisfação brilhando nos seus olhos, uma tigela de massa na mão. De lábios cerrados, Ivy agarrou as luvas, abriu o forno e puxou a travessa de biscoitos. Que emitiu um som abafado quando ela juntou à que continha montículos de massa crua que esperavam para ir ao forno.

Fixando os olhos castanhos nos de Nick por um instante, agarrou nas duas travessas, com a luva, e dirigiu-se para a porta. Mantendo o silêncio, abriu a porta, despejando tudo na pequena calçada lá fora. Com a velocidade de um vampiro, voltou, arrancando a tigela das mãos complacentes de Nick e despejando para o seu interior as bolachas que esfriavam sobre o balcão.

— Ivy? — perguntei.

— Bom dia, Rachel — disse ela, com a voz tensa.

Ignorando Jenks, abriu a porta e largou a tigela de mistura metálica na calçada, juntamente com o resto. Arrancando uma bolacha das mãos de Jenks, lançou-a porta fora, fechou a porta e desapareceu para o quarto.

Espantada, olhei de relance para Jenks. O *pixy* encolheu os ombros, depois baixou o volume da televisão. Segui o seu olhar até Nick, cujo rosto exibia uma expressão absolutamente rancorosa. Os meus olhos se semicerraram e eu me recostei na cadeira, cruzando os braços.

— O que é que se passou aqui? — perguntei.

— Ooooooh, tinha me esquecido — disse, estalando de leve os dedos que ainda estavam sarando. — Os vampiros são sensíveis ao cheiro do cravinho. Que chatice, o cheiro deve tê-la acordado.

Fiquei de maxilar cerrado. Era algo que não sabia. Aparentemente, Jenks também não, já que ele foi às compras. Nick virou-se para a pia, mas não foi suficientemente rápido para esconder o sorriso.

Inspirei, concluindo que ele teve sorte por Ivy não ter lhe dado um soco suficientemente forte para ele dormir. Tendo em consideração o seu estado, não seria preciso muito. Os meus olhos se pousaram no amuleto contra as dores, pensando que toda aquela situação era idiota. Jenks me disse, mais cedo, que Ivy passou a noite toda na Internet enquanto Nick tentava dormir. Vingança?

Os meus dedos tocaram na mesa de madeira. Me levantando, fechei a tampa do notebook e deslizei o livro de maldições demoníacas de cima da mesa para os meus braços.

— Vou para o furgão — disse, em um tom monótono.

— Rachel... — começou Nick, mas eu agarrei a minha lista e o lápis e saí da cozinha, as botas pesadas tornando os meus passos desajeitados e desequilibrados. De certa forma, combinava com o meu estado de espírito.

— Não quero saber, Nick... — disse, cansada, sem me virar.

Jenks era uma mescla de prontidão desconfiada. A folha sobre a mesa à sua frente estava repleta com o trabalho de Jax. Este estava ficando melhor.

— Estarei no furgão, se precisarem de mim — disse, ao passar.

— Claro — os olhos dele saltaram de mim para Jax que tentava convencer *Rex* a sair de debaixo da cama. A imagem de um *pixy* levantando a coberta da cama e a chamar “Bichaninho, bichaninho, bichaninho” parecia arriscada, até para mim.

— Rachel — protestou Nick, quando eu abri a porta, mas não me virei. Recuando alguns passos, agarrei na bolsa onde se encontrava a estátua. Não havia qualquer necessidade de deixar *aquilo* por ali.

— Seu grandão idiota — disse Jenks enquanto eu saía. — Não sabe que ela fica sempre do lado do...

A porta fechou-se, interrompendo as suas palavras.

— Do mais fraco — terminei.

Deprimida, me encostei na porta, cabisbaixa, a estátua presa entre mim e o meu livro demoníaco. Não desta vez. Não ia ficar do lado de Nick e, apesar do incidente com os biscoitos, Nick era o mais fraco.

O cantar dos pássaros e o frio da manhã fizeram eu erguer a cabeça. Tudo estava calmo e úmido, sem o trânsito da hora do pico. O Sol tentava romper o leve nevoeiro, conferindo a tudo um brilho dourado. O estreito próximo devia estar belo, não que o conseguisse ver de onde me encontrava.

Apelando à minha força de vontade, inclinei o livro demoníaco e procurei as chaves da carrinha no bolso. Tínhamos estacionado à sombra de um enorme pinheiro branco entre a estrada e o motel, para que eu pudesse erguer um círculo sem que as pessoas chocassem com ele. Os sapatos novos de cem dólares que Ivy tinha comprado para mim, eram silenciosos na calçada e eu me sentia estranha por estar acordada tão cedo. Arrepiante. O hábito fez com que mexesse as chaves de forma que não tilintassem e só o som abafado da porta do furgão a ser destrancado quebrou a quietude, até eu ter feito deslizar a porta lateral com um arranhar metálico e um rolar plástico. Ainda irritada, entrei e bati a porta, frustrada.

Pousei o livro demoníaco na cama improvisada e me sentei ao seu lado. De cotovelos sobre os joelhos, dei um pontapé na minha bolsa, empurrando ela para debaixo de mim. Não queria estar ali, mas ainda queria menos estar naquele quarto de motel. O

silêncio foi crescendo e, com relutância, deslizei o livro de maldições para o meu colo. Estava ali, mais valia fazer alguma coisa. Tirando os sapatos, me sentei de pernas cruzadas, as costas viradas para a cortina fechada entre mim e o banco da frente. Estava escuro e eu abri a pequena cortina lateral para deixar entrar alguma luz.

O meu amuleto de iluminação raspou nas folhas amareladas enquanto eu percorria o meu alcance, em busca de algo familiar. Não havia um indício, o que tornava mais difícil satisfazer a minha curiosidade. O Grande Al usava magia demoníaca para se parecer com pessoas que nunca vi, arrancando a sua descrição e a sua voz da memória, tal como eu colhia flores no jardim. Não ia usar uma maldição demoníaca para criar um disfarce quando podia usar um encantamento branco ilegal, mas a comparação entre os dois me permitiu entender melhor a forma como os três ramos da magia usavam as forças uns dos outros.

A palavra latina para cópia me chamou a atenção e eu me inclinei mais, sentindo as pernas protestando. Estava precisando sair para correr; começava a ficar rígida. Lentamente, fui decifrando o texto, concluindo que a palavra seria melhor traduzida por “transpor”. Havia uma diferença. A maldição não fazia com que uma pessoa se parecesse com outra, transferia as habilidades de uma pessoa para outra. Os meus lábios afastaram-se. Fora assim que Al se transformou em Ivy assumindo, além disso, as capacidades de um vampiro.

Ergui as sobrancelhas e me perguntei onde é que Al teria ido buscar as suas habilidades vampíricas. A Piscary, em troca de um favor? A um vampiro menor que tivesse levado para a eternidade? Ceri saberia.

Deixando o olhar descer até à bolsa, sentia a pulsação acelerar diante dos pensamentos que deslizavam através de mim. Não podia duplicar o foco sem contratar um artista — que demoraria uma eternidade e teria de ser enfeitado para esquecer —, mas talvez se transferisse o seu poder para um objeto novo...

— Maldição demoníaca, Rachel — sussurrei. — Está sendo uma menina feia só por pensar nisso.



O som de uma porta do motel abrindo e fechando fez com que ficasse mais atenta. Não ouvi passos. Me censurando por não o ter feito mais cedo, acedi a uma linha.

— *Rhombus* — sussurrei, instigando uma série de lições duramente praticadas que condensavam uma preparação de cinco minutos e a invocação de um círculo em um só segundo. O silvo da eternidade formigou através de mim, fazendo eu me sentir como se o meu corpo estivesse zumbindo. O fato de a linha ali tinha um “gosto” diferente, quase mais elétrico, era fascinante. Creio que se devia à enorme quantidade de água no subsolo.

— Inferno — ouvi a voz suave de Jenks. — Ela quando quer ficar sozinha, não está com rodeios, não é?

Houve uma resposta aguda e eu empurrei o livro de cima do colo, afastando a cortina e passando para frente do furgão.

— Jenks — chamei, batendo no vidro antes de colocar a chave na ignição e abrir a janela. — O que se passa?

O pequeno *pixy* virou as costas ao *Corvette* de Kisten que estava destrancado. Sorrindo, semicerrou os olhos por entre a neblina e atravessou o estacionamento, com dois amuletos à volta do pescoço e um boné de baseball vermelho na cabeça. Um era para o odor e o outro, um amuleto comprado em qualquer loja de conveniência, tornava o seu cabelo preto. Não era muito, mas serviria. Os seus pés se aproximaram da névoa negra de eternidade que nos separava e eu quebrei o círculo, a minha pulsação, temporariamente acelerada devido ao aumento de energia que me atravessou até eu largar a linha.

— Preciso de mais escovas de dentes — disse ele, aproximando-se. — E talvez mais *fudge*.

Me ajoelhando sobre o assento, pousei os braços cruzados no parapeito da janela. Escovas de dentes? Já tinha seis embalagens abertas no banheiro.

— Sabe que pode reutilizar elas — disse, e ele tremeu.

— Não, obrigado. Além disso, quero dar uma lição ao Jax sobre trabalhos a baixas temperaturas para que a Ivy possa chutar o traseiro do idiota se ele quiser continuar contrariando ela.

— Olá, menina Morgan — cantou Jax, enquanto o boné de Jenks se erguia, revelando Jax que espreitava sob ele.

Um sorriso se abriu no meu rosto.

— Olá, Jax. Protege a retaguarda do seu pai, está bem?

— Pode crer.

O orgulho repuxou os olhos de Jenks.

— Jax, quero que faça um reconhecimento rápido da zona. Tem atenção à temperatura. E tem cuidado. Ouvi gaios azuis, há um bocado.

— Está bem — Jax contorceu-se, saindo de baixo do chapéu do pai e afastou-se em um matraquear de asas.

Suspirei, sentindo uma mistura de melancolia e orgulho por Jax estar aprendendo uma nova habilidade.

— Se importa de parar de chamar o Nick de idiota? — perguntei, cansada de fazer o papel de mediadora. — Costumava gostar dele.

Jenks fez uma careta.

— Ele transformou o meu filho em um ladrão e partiu o coração da minha sócia. Porque haveria de ter um sopro de consideração por ele?

Surpreendida, ergui as sobrancelhas. Não sabia que o meu desentendimento com Nick tinha perturbado ele.

— Não se arme em feminina — disse Jenks, bruscamente. — Posso ter só dezoito anos, mas já sou casado há dez. Se transformou em uma massa babosa e não quero voltar a ver tal coisa. É patético e faz com que tenha vontade de te *pixar* — o rosto dele assumiu uma expressão preocupada.

— Já vi como fica perto de homens perigosos e se apaixona sempre pelo coitadinho. Nick une as duas características. Quer dizer, é perigoso e foi machucado, muito machucado — Jenks se apressou prosseguindo, confundindo a minha expressão de indisposição por medo. *Droga, eu seria assim tão transparente?* — Ele vai magoar você outra vez, se deixar, mesmo que não seja essa a sua intenção.

Desconcertada, limpei do braço a umidade do nevoeiro.



— Não se preocupe com isso. Porque haveria de voltar para ele? Amo o Kisten.

Jenks sorriu, mas a sua testa continuava franzida.

— Então, porque é que viemos até aqui?

Fixei o olhar nas janelas tampadas com cortinas do motel.

— Ele salvou a minha vida. Posso ter amado ele. Não posso fingir que o meu passado não existiu. Você pode?

Não havia muito que Jenks pudesse dizer.

— Precisa de alguma coisa, já que vou sair? — perguntou, sendo óbvio o seu desejo de mudar de assunto.

Os meus lábios ergueram-se.

— Sim. Pode trazer uma daquelas máquinas fotográficas descartáveis?

Jenks pestanejou, depois sorriu.

— Claro. Adorava tirar uma fotografia de nós, os dois juntos em frente à ponte — ainda sorrindo, chamou por Jax com um assobio e me virou as costas.

A recordação do porquê da nossa presença intrometeu-se nos meus pensamentos e senti um aperto no estômago.

— Hum, Jenks. Também preciso de outra coisa — os olhos dele tornaram-se expectantes e eu lambi os lábios, em um gesto nervoso. *É uma menina feia, Rachel.* — Preciso de algo feito de osso — disse.

As sobrancelhas de Jenks ergueram-se.

— Osso?

Acenei.

— Mais ou menos do tamanho de um punho fechado? Não gaste muito dinheiro. Estou pensando que talvez seja capaz de passar a maldição da estátua para outro objeto. Precisa que tenha estado vivo a certa altura e não creio que a madeira seja suficientemente animada.

Arrastando os pés, Jenks acenou.

— Pode crer — disse, virando-se para o som seco e desesperado das asas de um *pixy*. Era Jax e o *pixy* esgotado quase caiu na mão do pai.

— Pelo diafra... pelas fraldas da Sininho — exclamou Jax, alterando o praguejar a meio da frase. — Está frio aqui fora. As minhas asas nem sequer funcionam. Jesus, pai, tem certeza de que não há problema em andar aqui fora?

— Está ótimo — tirando o chapéu, Jenks ergueu a mão e Jax saltou para cima da sua cabeça. Jenks repôs cuidadosamente o boné. — É preciso prática para aprender quanto tempo as asas aguentam as temperaturas baixas para que se possa chegar a uma fonte de calor a tempo. É por isso que estamos fazendo isso.

— Sim, mas está frio! — queixou-se Jax, com a voz abafada.

Jenks estava a sorrir quando o seu olhar se cruzou com o meu.

— Isto é divertido — disse, parecendo surpreendido. — Talvez possa me dedicar ao treino de apoios *pixy*.

Dei uma gargalhada, depois fiquei séria. Os seus últimos meses se tornariam mais agradáveis se ele pudesse ensinar o que já não conseguia fazer. Soube que os pensamentos de Jenks estavam próximos dos meus quando a emoção abandonou o seu rosto.

— A escola de Jenks para piratas *pixies* — sugeri e ele sorriu, mas tratou-se de um sorriso passageiro. — Obrigada, Jenks — disse, quando ele fez menção de voltar ao seu carro. — Estou verdadeiramente agradecida.

— Sem problemas, Rachel — tocou no chapéu. — Encontrar coisas está em quarto lugar na lista de coisas que os *pixies* fazem melhor.

Funguei, me içando para o interior do carro e já sabendo o que Jenks achava que os *pixies* faziam melhor. E não era salvar o meu traseiro, como ele costumava dizer todos.

Fechando a janela devido ao frio, voltei à minha cama improvisada, me perguntando se Kisten teria, em algum lugar, um segundo cobertor. O som do *Corvette* aumentou, fundindo-se com o som ambiente dos carros que passavam quando Jenks partiu.

— Osso — balbuciei, escrevendo a palavra ao lado da correspondente latina.

Senti a respiração a ficar presa, depois deixei ela escapar de mim, em um lamento, quando a palavra escrita à lápis desapareceu. *Era verdade*. Ceri tinha usado um

encantamento para fixar as letras na página. Quando voltasse a falar com ela, lhe perguntaria.

— Porquê? — balbuciei, sentindo o meu estado de espírito ficando mau.

Não ia propriamente tornar a prática daquelas maldições um hábito.

Certo? Fechando os olhos, deixei escapar um gemido enquanto encostava os dedos na testa. *Era uma bruxa branca. Isto era caso único.* Excessivas capacidades geram confusão entre o que está certo e o que está errado e era óbvio que eu já estava suficientemente confusa. Seria covarde ou louca. Deus me ajudasse, eu ia me dar uma dor de cabeça.

O gemer da porta do motel abrindo me fez erguer a cabeça. Não se fez acompanhar pelo som de um carro pegando e o meu rosto ficou sério quando ouvi uma pancada na porta traseira do furgão. Uma sombra passou pela janela suja de terra.

— Ray-ray?

Devia ter repostado o círculo, pensei amargamente, obrigando os meus ombros a relaxar e tentando decidir o que fazer durante uns bons cinco segundos: uma eternidade para mim.

— Rachel, desculpa. Trouxe chocolate quente.

A voz dele soava arrependida e eu exalei. Fechando o meu “grande livro das maldições demoníacas”, me dirigi para a porta traseira pensando que estava cometendo um erro ao abri-la.

Nick erguia-se do outro lado, vestindo as calças de moletom cinzentas emprestadas, como se estivesse pronto para uma corrida no parque: alto, esguio e violentado. Um sobrevivente. Tinha na mão um copo de plástico com chocolate instantâneo e uma expressão suplicante nos olhos. O cabelo estava penteado para trás e as faces barbeadas. Podia sentir o cheiro do shampoo com que tomou banho e baixei os olhos ao recordar o quão sedoso era o seu cabelo, depois de seco com uma toalha, ainda úmido, um sussurro entre os meus dedos.

O aviso de Jenks ecoou em mim e eu refreei a minha primeira emoção de empatia. *Sim, ele tinha sido machucadoo. Sim, ele tinha o potencial para ser perigoso. Mas, inferno, eu não era obrigada a permitir que isso me afetasse.*



— Posso entrar? — perguntou ele, depois de eu o ter fitado em silêncio durante bastante tempo. — Não quero ficar sentado, sozinho, naquele quarto de hotel, sabendo que uma vampira está dormindo do outro lado de uma porta pouco sólida.

A minha pulsação acelerou.

— Foi você quem a acordou — disse, com uma mão na cintura.

Nick sorriu, assumindo um ar encantadoramente indefeso. Não era.

Sabia que não era.

— Me cansei de ouvir ela me chamando de idiota. Não fazia ideia de que todos fossem embora.

— Portanto, provocou ela, confiando que eu e Jenks parassemos a sua vingança? — perguntei.

— Eu disse que lamentava. E nunca disse que tinha sido inteligente — ergueu o chocolate quente. — Quer ou devo ir?

A lógica confrontou-se com a emoção. Pensei em Ivy, sabendo que também eu não gostaria de ficar fechada em um quarto de hotel com um vampiro furioso. Além disso, não fazia muito sentido salvar alguém apenas para permitir que a pessoa fosse feita em pedaços pelo parceiro de negócios à primeira oportunidade.

— Entra — disse, como se tratasse de uma autorização.

— Obrigado — tratou-se de um sussurro agradecido, o seu óbvio alívio.

Nick me entregou o chocolate quente e, usando os lados do furgão para se equilibrar, entrou. O amuleto contra as dores balançou e ele voltou a guardá-lo atrás da camisa, enquanto se endireitava no espaço insuficiente. Pude perceber, pela rigidez dos seus movimentos e pelo careta, que o amuleto não estava anulando por completo as dores. Só me restava mais um amuleto contra as dores, enquanto não fizesse mais, e ele teria de me pedir.

Sendo óbvio que tinha frio, Nick fechou a porta, nos selando na mesma escuridão onde eu me encontrava antes, mas que agora me parecia desconfortável. Com as mãos envolvendo o chocolate quente, me sentei mesmo no meio da cama, obrigando ele a sentar-se na pilha de caixas à minha frente. Havia mais espaço do que antes, porque Ivy

deixou as coisas de Marshal na piscina do liceu, mas, ainda assim, era muito perto. Instalando-se de forma hesitante, Nick puxou as mangas de forma que escondessem as marcas das correntes e pousou no colo as mãos fechadas. Durante algum tempo o silêncio foi interrompido apenas pelo som do trânsito.

— Não quero te incomodar — disse ele, me observando por baixo da franja.

Muito tarde.

— Não faz mal — menti, cruzando as pernas, realmente consciente do texto demoníaco pousado na cama ao meu lado. Bebi um gole do chocolate quente, depois pousei-o no chão. Era muito cedo para ter fome. O silêncio estendeu-se. — Como está se portando o amuleto?

Um sorriso aliviado lhe pairou no rosto.

— Ótimo, bem — apressou-se a dizer. — Em algumas zonas os pelos dos meus braços já recomeçaram a crescer. Daqui a um mês talvez já tenha uma aparência... normal.

— Isso é bom. É ótimo — *se conseguíssemos escapar dos animalomens e viver até lá.*

Os olhos dele mostraram-se preocupados quando fitou o livro ao meu lado, ocupando algum espaço para que Nick não o ocupasse.

— Precisa de ajuda com o latim? Não me importo de interpreta-lo para você — ficou de semblante carregado. — Gostava de fazer alguma coisa.

— Talvez mais tarde — disse, defensiva. A tensão nos meus ombros aliviou-se diante da sua admissão de inutilidade. Ivy e Jenks faziam questão em mantê-lo fora de tudo e isso também teria me incomodado. — Creio que há uma maldição que posso usar. Quero falar primeiro com a Ceri sobre ela.

— Rachel...

Oh Deus! Já tinha ouvido aquele tom antes, normalmente era eu quem o usava. Ele queria falar sobre nós.

— Se ela disser que o pagamento não será muito alto — me apressei a dizer —, vou passar a magia da estátua para outro objeto, de forma que possamos destruir a velha estátua. Não dever ser muito difícil.

— Rachel, eu...

Com a pulsação veloz, puxei o livro demoníaco para mais perto.

— Hei, porque é que não te mostro a maldição. Podia... — ele se moveu e os meus olhos ergueram-se. Ele não parecia perigoso, não parecia indefeso, parecia frustrado, como se estivesse a encher-se de coragem.

— Não quero falar sobre o plano — disse ele, inclinando-se sobre o vazio entre nós.

— Não quero falar sobre latim ou magia. Quero falar sobre você e eu.

— Nick — disse, sentindo o coração batendo violentamente. — Para — ele levou a mão ao meu ombro e eu saltei, estendendo um braço para lhe bloquear a mão antes que conseguisse me tocar.

Sobressaltado, afastou-se.

— Droga, Rachel! — exclamou ele. — Pensei que estava morta! Importa se... se importa de me deixar dar um abraço em você? Regressou dos mortos e nem sequer me deixa tocar em você! Não estou pedindo para irmos viver juntos. Tudo o que quero é te tocar, provar a eu mesmo que está viva!

Expirei, libertando a respiração que mantivera sustida, depois voltei a prendê-la. Doía-me a cabeça. Nada fiz quando ele se deslocou para sentar ao meu lado, afastando o livro do caminho. Os nossos corpos aproximaram-se e eu me virei para encara-lo, os meus joelhos nos mantendo afastados.

— Tive saudades de você — disse ele baixinho, os olhos carregados com uma dor antiga e, desta vez, não fiz nada quando os seus braços me envolveram. O cheiro a canela e farinha encheu os meus sentidos, em vez do cheiro a livros antigos, com um toque de ozônio. As suas mãos eram leves, quase ausentes. Senti o corpo dele relaxar e ele exalou como se tivesse encontrado uma parte de si mesmo. *Não, pensei, ficando tensa. Por favor, não o diga.*

— As coisas podiam ter sido diferentes se eu soubesse que estava viva — sussurrou, a sua respiração agitando o ar em redor do meu rosto. — Jamais teria partido. Jamais teria pedido a Jax que me ajudasse. Jamais teria começado este louco empreendimento. Deus, Rachel, como senti a sua falta. Nunca conheci uma mulher que me compreendesse, a quem

não precisasse explicar o porquê. Maldição, nem sequer me deixou quando descobriu que eu invocava demônios. Eu... senti mesmo a sua falta.

As mãos dele cerraram-se por um instante e a voz falhou. Sentia saudades de mim. Não estava pensando. E eu sabia como era estar só e como era raro encontrar uma alma gêmea, mesmo que perturbada.

— Nick — disse, com o coração batendo violentamente.

Os meus olhos fecharam-se enquanto as suas mãos se deslizavam, me tocando no cabelo. Ergui as mãos, parei-as, trouxe-as de volta para o colo. A recordação dele a traçar as linhas do meu rosto me encheu e recordei o toque dos seus dedos sensíveis seguindo a linha do meu maxilar, descendo pelo meu pescoço e seguindo as curvas do meu corpo. Recordei o seu calor, o seu riso e o brilho dos seus olhos quando eu dava a volta em uma frase de forma que lhe desse um significado inteiramente novo e atrevido. Recordei a forma como me fazia sentir querida, valorizada *por quem e o que era*, sem nunca ter que pedir desculpas por isso e o contentamento que eu encontrava na nossa partilha. Tínhamos sido felizes juntos. Tinha sido ótimo.

E tomei uma boa decisão.

— Nick — me afastei, abrindo os olhos quando a sua mão me tocou ao de leve no rosto. — Você foi embora. Eu me recompus. Não vou voltar para o ponto em que estávamos.

Os olhos dele abriram na luz fraca.

— Nunca te deixei. Não de verdade. Não no meu coração.

Inspirei fundo e soltei o ar.

— Não estava lá quando precisei de você — disse eu. — Estava em um outro lugar qualquer. Roubando qualquer coisa — a sua expressão ficou vazia e um indício de raiva forçou os meus lábios a se unirem, desafiando a negá-lo. — Mentiu sobre para onde ia e o que estava fazendo. E levou o filho do Jenks com você. Transformou em um ladrão com promessa de riqueza e excitação. Como pode fazer isso ao Jenks?

Os olhos de Nick não mostravam qualquer emoção.

— Eu lhe disse que era um trabalho perigoso e mal pago.



— Para um *pixy*, vive como um rei — retruquei, sentindo os batimentos do meu coração acelerando.

— O laço de familiar foi quebrado. Podemos começar de novo...

— Não — me afastei dele, sentindo traída mais uma vez. *Maldição*. — Não pode continuar fazendo parte da minha vida. É um ladrão e um mentiroso e não posso te amar.

— Posso mudar — disse ele e eu rosnei, incrédula. — Eu mudei — disse ele, com tamanha honestidade que pensei que era possível que ele acreditasse no que estava dizendo. — Quando isto terminar, voltarei a Cincinnati. Arranjarei um trabalho do meio-dia à meia-noite. Comprarei um cão. Arranjarei televisão a cabo. Colocarei um fim em tudo por você, Rachel.

As mãos deles se estenderam, tomaram as minhas e eu fitei os meus dedos aninhados entre as suas mãos compridas de pianista, feridas e esfoladas, mas sensíveis, envolvendo as minhas como os seus braços tinham me protegido em outra hora, mantido viva enquanto eu me esvaía em sangue.

— Te amo tanto — sussurrou ele. A minha cabeça latejava e ele levou os meus dedos aos seus lábios, beijando-os. — Me deixe tentar. Não jogue fora esta segunda oportunidade.

Eu parecia não ser capaz de obter ar suficiente.

— Não — disse eu, a voz baixa para não tremer. — Não posso fazer isto. Não vai mudar. Pode acreditar que sim e talvez até mude, mas daqui a um mês ou um ano, vai descobrir qualquer coisa e depois dirá: “Só mais uma vez, Ray-ray. Depois paro para sempre.” Não posso viver assim — sentia a garganta apertada e não conseguia engolir.

Ergui os olhos para os dele, lendo na sua expressão chocada que ele estava prestes a dizer aquelas mesmas palavras, que continuava a querer sair dali com dinheiro no bolso. Que podia sentir tudo o que disse, mas que também queria me convencer a arriscar a minha vida, a de Ivy e a de Jenks por dinheiro. Ele continuava determinado no seu esquema, embora soubesse que, se a estátua não fosse destruída, a minha vida ficaria em perigo.

A sensação de traição fervilhou dentro de mim, apertando o meu estômago.



— Tenho uma boa vida — disse, sentindo as suas mãos mais frouxas ao redor dos meus dedos. — Já não te inclui.

O maxilar de Nick ficou tenso e ele afastou-se.

— Mas inclui a Ivy — disse ele, amargamente. — Ela está te caçando. Ela vai transformar você no seu brinquedo. Para um vampiro, o que importa é a excitação da caça. Sempre. E quanto ela se apoderar de você, vai te abandonar e avançar para uma nova caçada.

— Basta — disse eu, com a voz rouca. Era o meu maior receio e ele sabia disso.

Nick sorriu amargamente.

— Ela é uma vampira. Não pode confiar nela. Eu sei que ela já matou pessoas. Ela usa e abandona. *É isso que eles fazem!*

Eu tremia de raiva. A pulseira de Kisten pendia pesada no meu pulso como um sinal de posse.

— Ela só bebe o sangue daqueles que lhe dão livremente. E ela *não* os abandona! — gritei, incapaz de manter a voz baixa. — Ela *nunca* me deixou!

O rosto de Nick assumiu uma expressão rígida e acusatória.

— Posso ser um ladrão — insistiu —, mas nunca machuquei ninguém que não merecesse. Nem mesmo por acidente.

A minha respiração se tornou rápida e eu me levantei. Ele ergueu os olhos para mim, o rosto rígido e frustrado.

— Você me machucou — disse eu.

Uma expressão de desamparo atravessou o seu rosto. Ele tentou agarrar as minhas mãos e eu recuei.

— Ela é uma vampira — disse, mais alto. — Eu sou uma *bruxa*! O que é que te garante que está mais seguro? E quanto a você, Nick? Invoca demônios! O que é que deste a esse demônio em troca da localização daquela... coisa!

Nick ficou em choque pelo fato de eu ter virado aquilo contra ele. Obviamente desconfortável, olhou de relance para minha bolsa, no chão, e afastou-se.

— Nada de importante.



Nick recusava-se a olhar para mim e os meus instintos predatórios agitaram-se.

— O que você deu ao demônio? — insisti. — O Jax disse que você deu algo.

Nick inspirou fundo. Os seus olhos fixaram-se nos meus.

— Rachel, pensei que estava morta.

Uma fria sensação de preocupação deslizou sobre mim. Jax tinha dito que o demônio apareceu com a minha forma. Saberia o demônio sobre mim ou teria ido buscar a minha imagem à cabeça de Nick?

— Que demônio era? — perguntei, pensando em Newt, o demônio louco que tinha empurrado de volta para a realidade no último Solstício. — Foi o Al? — perguntei mais baixo, fervendo por dentro.

— Não, foi outro — disse ele, com uma expressão carregada. — O Al não sabia onde estava.

Outro? Muito bem, o Nick conhecia mais do que um demônio.

— O que você deu em troca da localização da estátua? — perguntei, tentando, pelo menos, parecer calma.

Os olhos de Nick se iluminaram e ele deslizou para frente sobre a cama.

— Aí é que está, Rachel. O Al sempre quis coisas inúteis como saber qual a sua cor favorita ou se usavas *gloss*, mas tudo o que este queria era um beijo.

O ar fugiu de mim e eu parecia incapaz de pôr os pulmões a funcionar de forma que inspirasse de novo. *Nick deu ao Al informação sobre mim em troca de favores?*

— Tudo o que queria era um beijo? — consegui dizer, ainda tentando perceber o que é que Nick tinha feito. Me sentiria traída mais tarde. Agora me sentia doente. Levando a mão ao estômago, me virei de lado. Teria o demônio o meu aspecto quando Nick o beijou. *Oh Deus. Não queria saber.*

— Que... — consegui, de alguma forma, respirar. — Que demônio era? — perguntei, sabendo que ele não poderia me dizer sem arriscar a sua alma.

Como era de esperar, Nick levantou-se, erguendo as mãos em um gesto apaziguador.



— Não sei. Cheguei a ele através de Al. Ele recebeu a sua parte por ter servido de intermediário. Mas valeu a pena.

Me virei e Nick pestanejou diante da fúria cada vez maior que marcava a minha testa.

— Seu filho da mãe — sussurrei. — Tem andado a me vender aos demônios? Tem comprado favores aos demônios com informações sobre mim? O que é que eles disseram!

De olhos muito abertos, Nick recuou.

— Rachel...

Libertei o ar em um silvo. Com um movimento rápido, saltei sobre ele, prendendo-o contra a porta, o braço por baixo do pescoço dele.

— O que Al disse sobre mim?

— Não foi nada de importante!

Os lábios dele estavam brilhantes e aquilo que parecia uma gargalhada repuxava os cantos da boca. *Ele achava aquilo divertido?* Pensava que eu estava aexagerando e tive que usar toda a minha força de vontade para não lhe esmagar a traqueia imediatamente.

— Só coisa idiotas — dizia ele, a voz alta, mas despreocupada. — O seu sorvete favorito, de que cor são os seus olhos depois de tomar banho, que idade tinha quando perdeu a virgindade. Deus, Rachel. Não disse nada que pudesse magoar você.

Ultrajada, fiz pressão sobre o seu pescoço, depois me afastei de forma que ficasse a dois passos de distância.

— Como é que voê pôde fazer isto? — sussurrei.

Nick esfregou a garganta e afastou-se da porta, tentando esconder que eu o tinha magoado.

— Não sei porque está tão perturbada — disse, amuado. — Não faz ideia as informações que obtive em troca. Não lhe disse nada importante até ter pensado que estava morta.

Os meus olhos arregalaram-se e eu me apoiei no interior do furgão, antes que caísse.

— Já estava fazendo isto antes de termos rompido?

Mantendo a mão na garganta, Nick olhou para mim, a sua própria raiva crescendo.

— Eu não sou estúpido. Não lhe disse nada de importante. Nunca. Qual é o problema?

Com esforço, descerrei o maxilar.

— Me diz uma coisa, Nick — continuei. — O demônio se parecia comigo quando o beijou? Fazia parte do acordo? Que fingisse que era eu?

Nick não disse nada.

O meu dedo tremia enquanto apontava para a porta.

— Sai. A única razão do por que não te devolvo aos animalomens é o fato de terem que te ver morrer e, neste momento, estou pensando em esquecer a parte do fingimento. Se *alguma vez* falar sobre mim a um demônio, eu... eu vou te fazer algo mau, Nick. Deus me ajude, vou te fazer algo muito mau.

Furiosa, abri a pesada porta lateral com um gesto brusco. O som do metal raspando correu através de mim. Deus! Ele tinha estado comprando magia e favores demoníacos com informações sobre mim. Há meses. *Mesmo enquanto estávamos juntos.*

— Rachel...

— Sai.

A minha voz era baixa e ameaçadora e eu não gostei do som dela. Quando ouvi os seus pés tocando no chão, fechei a porta. Segurando a respiração, abracei o meu próprio corpo e fiquei imóvel. Doía a minha cabeça e sentia as lágrimas se acumulando, mas não ia chorar.

Maldição. Para o inferno com ele.



CAPÍTULO 22

Infelicíssima, me recusei a sair do furgão, temendo deparar com Ivy ou Jenks e revelar o que Nick tinha me feito. Parte da minha reticência devia-se ao fato de precisar que ele terminasse aquele trabalho e, se eles o pressionassem muito, ele era capaz de partir. Parte era vergonha por ter confiado nele. Que diabo, essa era a maior parte. Nick tinha me traído de tantas formas e nem sequer percebia o porquê da minha perturbação. Eu não estava preparada para aquilo. Deus! Que idiota.

— Devia devolvê-lo aos animalomens — sussurrei, mas eles tinham que ver ele morrer com a estátua.

Não havia qualquer garantia de que parasse de contar a Al que eu tinha cócegas ou que, por vezes, escondia o controle remoto de Ivy, só para irrita-la, ou centenas de coisas que tinha partilhado com ele quando pensava que o amava. Não devia ter confiado nele. Mas eu quis confiar. Maldição, eu *merecia* ser capaz de confiar em alguém.

— Bastardo — murmurei, limpando os olhos. — Sacana filho da mãe.

A conversa das criadas e o ruído do carrinho sendo empurrado ao longo da calçada partida, eram calmantes. Já passava do meio-dia e o motel estava vazio, com exceção do nosso quarto. Sendo quarta-feira, o mais provável era que continuasse assim.

Me deixei ficar enroscada na pequena cama, a cabeça pousada no cheiro limpo da almofada que trouxe do motel e os ombros cobertos pelo fino cobertor de viagem. Não estava chorando. *Não* estava chorando. As lágrimas escorriam enquanto eu esperava que os sentimentos feios se desvanecessem, mas eu não estava chorando, raios!

Fungando sonoramente, garanti a eu mesma que não estava. Doía a minha cabeça e o peito, e eu sabia que, se me desse ao trabalho de abrir as mãos do cobertor que apertava sob o queixo, elas estariam tremendo. Por isso, me deixei ficar deitada e me abandonei, caindo em um sono ligeiro enquanto o calor do dia aquecia o furgão. Quase não ouvi o som de Jenks e Jax voltando ao quarto. Mas o grito que saiu pela porta aberta fez com que acordasse sobressaltada.

— Pensei que ele estava com você! — gritou Ivy. — Onde é que ele está?

Não consegui ouvir a resposta de Jenks e saltei quando bateram na porta do furgão. Me sentando, pousei no chão os pés calçados apenas com meias, drenada de qualquer emoção.

— Nick! — gritou Ivy. — Traz o seu traseiro para cá!

Dormente, me levantei, agarrei a porta deslizante e puxei ela para trás com um som metálico, para poder fitar os olhos turvos e vazios de Ivy.

A raiva de Ivy gelou, os seus olhos estavam quase negros enquanto ela percorria o furgão e me via encolhida sob o cobertor. O nevoeiro tinha levantado e uma brisa fresca agitava as pontas do seu cabelo negro e sedoso, brilhante sob a luz do dia. Atrás dela, Jenks se deixou ficar na porta do quarto de hotel, Jax pousado no ombro, seis sacos com logotipos coloridos nas mãos e uma pergunta dançando nos olhos.

— Ele não está aqui — disse, mantendo a voz baixa para que não se mostrasse rouca.

— Oh, Deus — sussurrou Ivy. — estive chorando. Onde é que ele está? O que é que ele te fez?

O tom protetor na sua voz me atingiu violentamente. Me sentindo infeliz, lhe virei as costas, os braços em redor da cintura. Ela entrou atrás de mim, o furgão permanecendo imóvel apesar de acrescentar o seu peso.

— Estou ótima — disse, me sentindo idiota. — Ele... — inspirei fundo e olhei para as mãos, perfeitas e puras. A minha alma estava negra, mas o meu corpo mantinha-se perfeito. — Ele tem estado contando ao Al coisas sobre mim em troca de favores.

— Ele o quê?!

Jenks estava de súbito ao lado dela.

— Jax, sabia disto? — perguntou, com a voz tensa, a profundidade da sua raiva parecendo errada nas suas feições juvenis.

— Não, pai — disse o pequeno *pixy*. — Só assisti uma vez.

O rosto de Ivy estava pálido.

— Eu mato ele. Onde é que ele está? Vou matá-lo agora mesmo.

Inspirei fundo, mais agradecida do que, provavelmente, deveria estar por me defenderem daquela forma. Talvez eu estivesse apenas confiando nas pessoas erradas.

— Não, não vai — disse eu e Jenks saltitou de um pé para o outro, sendo óbvio que desejava reclamar. — Ele não disse nada muito mau ao Al...

— Rachel! — gritou Jenks. — Não podes defendê-lo! Ele vendeu você!

Ergui a cabeça de repente.

— Não estou defendendo ele! — exclamei. — Mas precisamos dele vivo e cooperante. Os animalomens têm que ver ele morrer, juntamente com aquela... coisa — disse eu, empurrando a bolsa com um pé. — Pensarei mais tarde em espancá-lo — olhei para a expressão vazia de Ivy. — Vou usá-lo, depois deixá-lo. E se ele alguma vez voltar a fazer uma coisa dessas...

Não precisei concluir aquele pensamento. Jenks saltou de um pé para o outro, sendo óbvio que queria resolver as coisas com as próprias mãos.

— Onde é que ele está? — perguntou o *pixy*, de rosto ameaçador.

Inspirei e expirei.

— Não sei. Disse para ele ir embora.

— Embora! — exclamou Ivy, e eu fiz uma careta.

— Do furgão. Ele vai voltar. Ainda tenho a estátua — deprimida, olhei para o chão.

Jenks saltou do furgão e a luz que entrava pela porta tornou-se mais forte.

— Eu encontro ele. Trago o seu traseiro imprestável de volta. Já há muito que não... conversamos.

Ergui a cabeça.

— Jenks... — avisei, e ele ergueu uma mão.

— Eu me porto bem — disse ele, o olhar deslizando sobre o estacionamento e o café próximo, uma expressão assustadoramente severa estampada no rosto. — Nem sequer permitirei que ele saiba que você nos contasse o que ele fez. Vou escolher um filme na recepção, no caminho de volta, e vamos assistir juntos, muito calmos e amigos.

— Obrigada — sussurrei.

Tinha a cabeça baixa e não o ouvi partir, mas ergui os olhos quando as asas de Jax matraquearam e descobri que tinham partido. Ivy me observava e, quando tremi, ela fechou a porta para impedir a entrada do ar frio. O som de metal raspando em metal cortou através de mim e eu me recompus, tentando aparentar alguma ordem. Ivy hesitou, parecendo dividida entre a vontade de me confortar e o medo de ser mal compreendida. E também havia a questão do sangue. Só tinha passado um dia desde que saciou a sua sede, mas foi um dia muito stressante e aquele não parecia mais fácil.

Olhei para o tapete, me perguntando que tipo de pessoa eu seria, receosa de abraçar os amigos e a dormir com pessoas que me usavam.

— Vou ficar bem — disse para o chão.

— Rachel, lamento.

A minha garganta doía. Pousei os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos em concha e fechei os olhos.

— Não sei. Talvez a culpa seja minha por ter confiado nele. Nunca sonhei que ele fizesse uma coisa dessas — funguei ruidosamente. — O que é que há de *errado* comigo, Ivy?

Me sentia enjoada comigo mesma, as minhas emoções começavam a escorregar para a autocompaixão e o meu olhar cruzou-se com o de Ivy quando ela suspirou.

— Não há nada de errado com você.



— Não? — perguntei em resposta e ela dirigiu-se para o minúscula pia do furgão e ligou a chaleira elétrica. — Vamos dar uma olhada ao que consegui até agora. Vivo em uma igreja com uma vampira que é o delfim de um mestre vampiro que me preferia ver morta.

Dizendo nada, Ivy pegou um envelope de cacau tão velho que estava rijo devido à umidade.

— Ando com o antigo namorado dela — continuei, amargamente —, que costumava ser o delfim do dito mestre vampiro e o *meu* ex-namorado é um ladrão profissional que invoca demônios e troca informações sobre mim por pistas para roubar artefatos que podem dar início a uma luta de poder Inderlander. Há algo de *errado* quando se confia em pessoas que podem nos magoar tanto assim.

— Não é assim tão mau — Ivy virou-se com uma caneca lascada na mão, a cabeça baixa, enquanto desmanchava os torrões de cacau contra as paredes da caneca com uma colher velha.

— Não é assim tão mau? — disse eu com uma gargalhada seca. — Tem estado escondido há cinco mil anos. O Piscary vai ficar seriamente furioso, bem como todos os grandes mestres vampiros de todas as cidades da porcaria do planeta! Se não fizermos isto como deve ser, vão todos aparecer na minha porta.

— Não estava falando disso. Estava falando do fato de confiar em pessoas que podem te magoar.

Corei, subitamente consciente dela, erguendo-se no fundo do furgão, no escuro.

— Oh!

A água da chaleira começou a fumegar, desfocando as suas feições enquanto a umidade se erguia.

— Precisa da excitação, Rachel.

Oh, Deus! Fiquei rígida, olhando de relance para a porta fechada.

A postura de Ivy alterou-se, irritada, e ela começou a mover-se.

— Esquece isso — disse ela, pousando a caneca no balcão minúsculo e desligando a chaleira. — Não há nada de errado com isso. Tenho te observado desde que fomos



parceiras na SI. Todos os caras que tentaram namorar com você foram escoraçados quando percebeu que o perigo residia apenas na sua imaginação.

— O que é que isso tem que ver com o fato de Nick ter me vendido a um demônio?

— perguntei, a minha voz um pouco mais alta do que seria prudente.

— Confiou nele quando não devia para poder desencadear uma sensação de perigo

— disse ela, com uma expressão zangada. — E sim, é doloroso que ele tenha traído essa confiança, mas não vai te impedir de voltar a procurar algo parecido. É melhor começar a escolher melhor a fonte das suas emoções ou ainda vai acabar morta.

Desorientada, encostei as costas à parede do furgão.

— De que inferno está falando?

Ivy virou-se para mim.

— *Estar* viva não é suficiente para você — disse ela. — Precisa se sentir viva e usa a excitação do perigo para o conseguir. Sabia que o Nick lidava com demônios. E, sim, ele ultrapassou os limites quando trocou informações sobre você, mas você estava disposta a arriscá-lo porque o perigo te excitava. E, assim que ultrapassar a dor, vai voltar a confiar na pessoa errada... só para que possa sentir essa emoção de que tudo pode correr mal.

Estava com medo de falar. O cheiro a cacau ergueu-se enquanto ela deitava água quente na caneca. Temendo que ela tivesse razão, considerei a questão, recordando o meu passado. Aquilo explicaria muita coisa. Até ao ensino médio. *Não. Nem pensar.*

— Não preciso sentir o perigo para ficar excitada — reclamei com ardor.

— Não estou dizendo que isso seja mau — disse Ivy, em tom neutro. — É um risco e precisa do mesmo. Eu sei porque vivo isso. Todos os vampiros vivem isso. É por isso que nos isolamos, com exceção de algumas emoções baratas e encontros fugazes. Qualquer pessoa que represente um risco inferior ao nosso, não consegue nos acompanhar, não vale a pena manter por perto, manter vivo ou ser compreendido. Só aqueles que nascem assim conseguem compreender. E você.

Não estava gostando daquilo. Não estava gostando nada daquilo.

— Tenho que ir — disse eu, me preparando para me levantar.

A palma da mão dela passou de súbito à minha frente, batendo na parede oposta do furgão, de forma que bloqueasse o meu caminho e me fazer parar.

— Admite, Rachel — disse ela, quando eu ergui os olhos, assustada. — Nunca foi a garota simpática e confiável da porta do lado, apesar de tudo o que faz para tentar ser essa pessoa. Foi por isso que se juntou à SI, mas, mesmo lá, não se enquadrava porque, sabendo ou não, é uma possível ameaça para todos os que te rodeiam. As pessoas sentem, de certa forma. Vejo a toda hora. As pessoas mais perigosas são atraídas pelos seus pares e os fracos têm medo. Por isso, te evitam ou fazem os possíveis por tornar a sua vida miserável, te obrigando a partir e permitindo a si mesmo manter a ilusão de que estão seguros. Confia no Nick sabendo que ele poderia te trair. O risco te excitava.

Engoli uma onda de negação, recordando a infelicidade do ensino médio e o meu historial de maus namorados. Já para não falar na decisão idiota de me juntar à SI e a ainda mais idiota tentativa de sair quando Denon começou a me dar missões idiotas e a emoção se perdeu. Eu sabia que gostava de homens perigosos, mas dizer que isso se devia ao fato de eu ser igualmente perigosa era visível... ou teria sido se não tivesse passado o dia anterior sob a forma de um híbrido lobo/bruxa, cortesia de uma maldição demoníaca que o *meu* sangue ativou e não me encontrasse agora sentada, na minha nova pele de Rachel, sem sardas ou rugas.

— É uma ameaça — disse Ivy, o cheiro a cacau erguendo-se entre nós, enquanto ela se sentava nas caixas à minha frente. — Precisa da agitação, da possibilidade da morte para manter a alma viva e para se excitar. Isso não é mau. Significa apenas que é uma mulher poderosa, quer saiba ou não — inclinando-se para frente, me entregou a caneca lascada. — Perigoso nem sempre significa, não merecedor de confiança. Bebe o chocolate quente e esquece isso. Depois, procura alguém em quem confiar que mereça confiar em você.

De maxilar cerrado, olhei para a caneca que tinha nas mãos. *Era para mim?* Eu tinha lhe feito uma caneca de chocolate quente na noite em que Piscary a violentou: mente, corpo e alma. O meu olhar deslizou ao longo dos seus jeans justos e da camisa preta, comprida e disforme, que lhe chegava no meio da coxa.



— É por isso que espero — sussurrou ela, quando os nossos olhos se encontraram.

Inspirei apressadamente, quando compreendi que a cicatriz, invisível sob a minha nova pele, estava formigando.

Ivy devia ter percebido porque se levantou.

— Desculpa — disse, levando a mão à porta.

— Ivy, espera — o que ela me disse assustou e eu não queria ficar sozinha. Tinha que perceber aquilo. Talvez ela tivesse razão. *Oh, Deus, estaria mesmo assim tão fodida?*

Os seus dedos longos agarraram a maçaneta, prontos para abrir a porta.

— O furgão confundindo os nossos cheiros — disse ela, sem olhar para mim. — Devo ficar bem durante mais alguns dias, mas o *stress*... Tenho que sair daqui. Desculpa... porra — ela inspirou fundo. — Desculpa, mas não sou capaz de te reconfortar sem que a minha sede de sangue interfira — ela ergueu os olhos para mim, o sorriso fraco e carregado de uma dor antiga. — Não sou grande amiga, não é?

Sem me levantar, passei os dedos pela cortina que tampava a janela por cima de mim e apertei o botão para a abrir. O meu coração batia veloz e eu inspirei o ar cheirando a pinho e o som abafado dos carros passando.

— É uma boa amiga. Isto ajuda? — perguntei em voz baixa.

Ivy abanou a cabeça.

— Volta para o quarto. O Jenks vai arrastar o Nick de volta não vai demorar. Podemos assistir a um filme todos juntos e fingir que nada aconteceu. Deverá ser tremendamente embaraçoso. Montes de diversão. Ficarei bem, desde que não me sente ao seu lado.

A sua expressão era calma, mas ela soava amarga. O meu rosto enrugou-se e curvei os dedos ao redor da caneca quente. Não sabia o que pensar, mas tinha a certeza que não queria que o Nick soubesse que me fez chorar.

— Vai você. Irei lá para dentro quando os meus olhos não estiverem tão vermelhos.

Tive uma sensação de perda quando Ivy desceu do furgão e se voltou, os braços envolvendo o corpo por causa do frio. Era óbvio que ela sabia que, quanto mais tempo eu ficasse ali, mais difícil seria reunir a coragem para entrar.



— Não tem um feitiço de humor? — perguntou.

— Não funciona em olhos raiados de sangue — arrisquei. *Maldição, o que havia de errado comigo?*

Ivy semicerrou os olhos perante a luz forte e a brisa cortante, depois o rosto iluminou-se.

— Já sei... — disse, voltando a entrar e fechando a porta atrás de si para impedir a passagem do frio.

Observei-a enquanto afastava a cortina da frente e vasculhava o porta-luvas. Os seus olhos tinham voltado ao normal, tanto graças ao ar fresco como à mudança de assunto.

— O Kisten deve ter um por aqui — murmurou, depois virou-se com um tubo que parecia ser de batom. — Tcha-tchan!

Tcha-tchan, o quê? Me endireitei enquanto ela se desviava das coisas espalhadas pelo chão e se sentava na cama ao meu lado.

— Batom? — perguntei, não estando habituada a tê-la tão perto.

— Não. Isto se coloca debaixo dos olhos e os vapores mantêm a pupila pequena. Também tira a vermelhidão. O Kist usa isto para as ressacas... *entre* outras coisas.

— Oh! — de súbito, me senti duas vezes mais insegura, não fazendo ideia de que existia uma tal coisa. Sempre confiei nas pupilas dos vampiros para revelarem o seu estado de espírito.

Com as pernas cruzadas pelo joelho, ela destapou o tubo e torceu-o até se tornar visível uma coluna de gel opaco.

— Fecha os olhos e levanta a cabeça.

Os meus lábios afastaram-se.

— Eu posso pôr isso.

Ivy soprou, irritada.

— Se colcoar muito ou se o aproximar muito dos olhos, pode danificar a visão antes do efeito.

Disse a eu mesma que estava sendo idiota. Ela parecia estar bem; não teria voltado se não estivesse. Ivy queria fazer algo por mim e se não me podia dar um abraço sem que a sua sede de sangue o contaminasse, por Deus ia deixar que ela me pusesse aquela coisa debaixo dos olhos.

— Está bem — disse, me tranquilizando e levantando a cabeça. *Precisa da excitação do perigo* me passou pela cabeça e eu afastei o pensamento.

Ivy aproximou-se mais e eu senti um toque suave sob o olho direito.

— Fecha os olhos — disse ela, em voz baixa, a sua respiração agitando uma mecha do meu cabelo.

A minha pulsação acelerou, mas assim fiz os meus sentidos restantes se tornarem mais fortes. O gel cheirava a roupa lavada e eu refreei um arrepio quando a sensação de frio deslizou por baixo do meu olho.

— Você, hã, usa isto muitas vezes, é? — perguntei, me sobressaltando quando o dedo dela tocou no meu nariz.

— O Kisten usa enquanto está trabalhando — limitou-se a dizer. Parecia bem, calma e distraída. — Eu não uso. Acho que é fazer trapaça.

— Oh! — era algo que parecia estar dizendo muitas vezes, naquele dia. A cama abanou quando ela se afastou de mim. Baixei a cabeça e pestanejei várias vezes, os vapores deixando atrás de si uma sensação de ardor que não conseguia imaginar que estivesse a deixar os olhos menos vermelhos.

— Está funcionando — disse ela com um sorriso pequeno e satisfeito, respondendo à minha pergunta mesmo antes de eu a fazer. — Pensei que pudesse funcionar em bruxas, mas não tinha certeza — fez um gesto, me indicando que olhasse para o teto, de forma que pudesse terminar, eu ergui o queixo e fechei os olhos.

— Obrigada — disse eu baixinho, os meus pensamentos tornando-se mais conflituosos e confusos.

Ivy tinha dito que os vampiros só se davam ao trabalho de conhecer pessoas tão poderosas como eles mesmos. Parecia solitário. E perigoso. E fazia todo o sentido. Ela

estava em busca daquela mistura de perigo e confiança. *Seria por isso que aguentava as minhas besteiras? Procurava encontrar isso em mim?*

Uma onda de angústia correu através de mim e eu segurei a respiração para que Ivy não o pudesse sentir quando eu expirasse. Que eu precisasse do perigo para sentir a paixão era ridículo. Não era verdade. *Mas e se ela tivesse razão?*

Ivy disse, certa vez, que partilhar sangue era uma forma de mostrar um profundo afeto, a lealdade e a amizade. Eu me sentia assim em relação a ela, mas o que ela queria de mim estava distante da minha compreensão e tinha medo. Ela queria partilhar comigo algo tão complexo e intangível que todo o vago vocabulário emocional, usado por humanos e bruxos, não tinha palavras ou conceitos culturais capazes de definir. Ela estava à espera que eu o compreendesse. E eu unia ao sexo porque não o compreendia.

Deixei escapar uma lágrima diante da solidão de Ivy, a sua necessidade de conforto emocional e a sua frustração diante do fato de eu, embora compreendesse o que ela queria, ter medo de descobrir se tinha a capacidade de me encontrar com ela no meio do caminho, de confiar nela. Fiquei sem fôlego quando ela limpou a lágrima com um dedo cuidadoso, sem saber que tinha sido derramada por ela.

O meu coração bateu veloz. A parte de baixo do meu outro olho ficou mais fria e ela afastou-se. Com a respiração entrecortada pelos pensamentos que me percorriam, baixei a cabeça, pestanejando consideravelmente. Ouvi um estalo, quando Ivy colocou a tampa no tubo e ela me dirigiu um sorriso defensivo. Me senti diante da possibilidade de tornar o amanhã muitíssimo diferente e um pulsar de emoção correu através de mim, inesperado e teimoso. *Talvez devesse dar ouvidos aos que mais se pareciam comigo em termos de alma, pensei. Talvez devesse confiar naqueles que estavam dispostos a confiar em mim.*

— Pronto — disse Ivy, não sabendo que relâmpagos atravessavam os meus pensamentos, realinhando eles de forma que abrissem espaço para algo novo.

Olhei para ela ao meu lado, as pernas cruzadas pelos joelhos, enquanto erguia a cortina e atirava o tubo para o banco da frente. Em um movimento instintivo, ela estendeu um braço e passou o mindinho por baixo do meu olho, para espalhar melhor o gel. O cheiro a roupa lavada ergueu-se no ar.

— Meu Deus — sussurrou ela, os olhos castanhos fixos no seu trabalho. — A sua pele é absolutamente perfeita. É mesmo bonita, Rachel.

Ivy baixou a mão e eu senti o estômago apertado. Ela se recompôs, levantou-se e eu me ouvi dizer:

— Não vá.

Ivy estacou. Virou-se com uma lentidão exagerada, a sua postura tensa, enquanto me fitava.

— Desculpa — disse ela, a voz tão inexpressiva como o seu rosto. — Não devia ter dito isso.

Virei os lábios para dentro, para os umedecer, o coração batendo veloz.

— Não quero continuar a ter medo.

Os olhos dela tornaram-se subitamente negros. Uma onda de adrenalina correu através de mim e fez acelerar o meu coração. Ivy debatia-se interiormente, o rosto empalidecendo quando se descobriu em território desconhecido.

— Preciso de sair — disse ela, como se estivesse tentando convencer a si mesma.

Me sentindo surreal, estendi um braço e fechei a janela, fechando a cortina.

— Não quero que saia.

Não conseguia acreditar que estava fazendo aquilo, mas queria saber. Vivi toda a minha vida sem saber por que é que nunca me enquadrei e, com a sua explicação simples, tinha descoberto, simultaneamente, uma resposta e uma cura. Estava perdida e Ivy queria afastar as pedras no meu caminho ao pontapé. Não conseguia ler as palavras, mas Ivy podia guiar os meus dedos de forma que traçassem as letras que redefiniriam o meu mundo. Se ela tivesse razão, a ameaça escondida tinha me tornado uma pária junto daqueles que amei, mas podia encontrar a compreensão entre os meus pares, impedidos pela força. Se isso significava que teria de encontrar uma outra forma de mostrar a alguém o meu afeto, talvez devesse esconder os meus medos até que Ivy os conseguisse silenciar. Ela confiava em mim. Talvez fosse hora de eu confiar nela.

Ivy viu a minha decisão, o rosto tornando-se sério quando os seus instintos assaltaram com toda a força.



— Isto não está certo — disse ela. — Não me obrigue a dizer não. Não sou capaz.

— Então, não diga — um toque de medo deslizou através de mim, transformando-se em um arrepio de deliciosa tensão que se instalou profundamente na minha virilha e lançou um formigamento sobre a minha pele. *Deus, o que é que eu estava fazendo?*

Senti a vontade dela lutando contra o seu desejo e observei os seus olhos, não encontrando qualquer sinal de medo na sua escuridão absoluta. Eu estava coberta pelo seu cheiro. O meu flutuava por todo o furgão, como lenços de seda, misturando-se com o dela, provocante, atraente, carregado de promessas. Piscary estava muito longe para interferir. A oportunidade podia não voltar a se repetir.

— Está confusa — disse ela, mantendo uma postura cuidadosa, imóvel e calma.

Os meus lábios formigaram quando os lambi.

— Estou confusa, não estou com medo.

— Eu estou — murmurou ela, e os seus cílios pretos desceram para descansar sob as faces pálidas. — Sei como isto acaba. Já o vi muitas vezes. Rachel, foi machucada e não está pensando como deve ser. Quando isto terminar, dirá que foi um erro — os olhos dela se abriram. — Gosto de como as coisas estão. Passei a maior parte do ano me convencendo que valia mais te ter como uma amiga, que não permite que a toque, do que alguém que me deixa tocar, mas depois foge assustada. Por favor, me deixe partir.

A adrenalina correu através de mim para se instalar nas profundezas do meu ser. Me levantei, sem fôlego. Os meus pensamentos pousados no guia de namoro que ela me deu e nas sensações, ao mesmo tempo intensamente atraentes e soturnamente aterrorizantes, que ela arrancou de mim antes de eu ter aprendido o que não devia fazer. Me ocorreu a ideia de que, mesmo agora, a estava manipulando, sabendo que ela não seria capaz de vencer os seus impulsos quando a outra pessoa estava disposta a ceder. Podia manipular Ivy até o fim e isso lançou através de mim um arrepio de terror por antecipação.

Me erguendo na sua frente, abanei a cabeça.

— Me diz por quê... — sussurrou ela, o rosto enrugado em uma expressão de pânico profundo, como se sentisse a escorregar para um local que temia, mas para onde desejava ir.

— Porque é minha amiga — respondi, com a voz a tremer. — Porque precisa disto — acrescentei.

O alívio brilhou no fundo dos olhos dela, negros na luz fraca.

— Não, chega. Quero tanto te mostrar que dói — disse ela, a voz uma fita negra. — Mas não farei se não admitir que é tanto para você como para mim. Se não for capaz, então não vale a pena.

Fitei ela quase em pânico, devido ao que ela me pedia que admitisse. Nem sequer sabia o que chamar às emoções que estavam me deixando os olhos quentes com as lágrimas por derramar e o corpo desejando de algo que não compreendia.

Vendo o meu silêncio assustado, ela me virou as costas. Os seus dedos compridos agarraram na maçaneta para abrir a porta e eu fiquei rígida, vendo que tudo se dissolvia para se tornar apenas um incidente embaraçoso que alargaria para sempre o abismo entre nós. Em pânico, disse:

— Porque quero confiar em você. Porque confio em você. Porque *quero isto*.

A mão dela caiu da porta. A minha pulsação ressoava fortemente, vi os seus dedos tremendo, sabendo que ela tinha ouvido a verdade na minha voz, ao mesmo tempo que eu a aceitava. Ela sentiu. Sentiu o cheiro no ar com os seus sentidos incríveis e aquele cérebro ainda mais incrível que os conseguia decifrar.

— Porque é que está me fazendo isto? — perguntou ela. — Porquê agora?

Ivy virou-se, os seus olhos assombrados me chocando. Com a respiração fraca, me aproximei mais, estendendo um braço, em um gesto hesitante.

— Não sei o que fazer — disse eu. — Odeio me sentir idiota. Por favor, faz qualquer coisa.

Ivy não se moveu. Deixou escapar uma lágrima e eu estendi um braço para limpar. Ivy saltou, me agarrando pelo pulso. Os seus dedos realçados pelo ouro negro da pulseira de Kisten, cobrindo, com o seu comprimento, a minha marca demoníaca. Refreei um salto

instintivo, me tornando dócil quando ela me puxou para mais perto, conduzindo a minha mão para o fundo das suas costas.

— Isto não está certo — sussurrou ela, os nossos corpos não se tocando, com exceção do seu cabelo envolta no meu, do meu braço ao redor da sua cintura e a sua mão no meu pulso.

— Então, faz com que funcione — disse eu e o anel castanho ao redor da sua pupila diminuiu.

Ivy inspirou profundamente, fechando os olhos e sentindo as possibilidades do que eu estava e não estava disposta a fazer. Os seus olhos estavam negros quando os voltou a abrir, o último feixe de castanho desaparecido.

— Tem medo.

— Não tenho medo de você. Tenho medo de não ser capaz de esquecer. Tenho medo que isto me mude.

Os lábios de Ivy se afastaram.

— Vai mudar você — murmurou a poucos centímetros de distância.

Estremeci e fechei os olhos.

— Então, me ajuda a não ter medo e a compreender.

Os dedos dela tocaram suavemente no meu ombro e saltei, abrindo os olhos de repente. Algo mudou. Inspirei fundo, depois arquejei quando ela deslizou para o movimento. Cambaleei para trás — uma das mãos dela me agarrando pelo ombro, a outra mantendo o meu pulso atrás dela — e ela me seguiu até as minhas costas terem batido na parede do furgão. De olhos muito abertos e fixos nos dela, segurei a respiração, sem qualquer vontade de resistir. Já tinha visto aquilo antes. Deus, já tinha vivido.

Com um ar determinado, a sede de sangue desenfreada de Ivy tocou em algo dentro de mim e fez o meu sangue pulsar. Os dedos que me seguravam se tornaram mais firmes e a sua respiração acelerou. Disse a eu mesma que era aquilo que eu queria. Acreditando nisso. Aceitando.

— Não tenha medo — murmurou ela, enquanto se mantinha imóvel.



— Não tenho — menti, um estremecimento agitando o meu corpo. *Oh, Deus, isto vai acontecer.*

— Se tiver, desencadeará uma paralisia. Não tenho qualquer controle consciente sobre isso e é desencadeado pelo seu medo — o olhar dela afastou-se do meu e eu senti uma deliciosa sensação, como gotas pingando, quando ela olhou para o meu pescoço. Fechei os olhos enquanto uma corrente espessa de prazer e medo se ergueu dentro de mim. Absorvi a sensação de a ter tão perto, aceitando-a. *Será que precisava do perigo para me lembrar que estava viva? Seria isso errado? Será que importava que mais ninguém, além de mim, se preocupasse?*

De cabeça baixa, Ivy aproximou-se mais.

— Por favor, não tenha medo — disse ela, as suas palavras formigando contra a minha pele, vibrando mais fundo. — Quero que seja capaz de me tocar... se quiser.

As suas últimas palavras soaram perdidas e sós, como se temesse voltar a ser machucada. Os meus olhos abriram-se de súbito.

— Ivy — supliquei. — Já te disse. Isto é tudo o que te posso dar...

Ivy moveu-se e as minhas palavras cessaram quando ela encostou um dedo aos meus lábios.

— É suficiente.

O toque leve como uma pena de Ivy lançou uma centelha de adrenalina através de mim. Inspirei quando o peso do seu dedo desapareceu. Exalei e a sua mão livre deslizou para o espaço estreito entre a parede do furgão e as minhas costas. Os meus olhos se fecharam enquanto os seus dedos exerciam pressão, me puxando para mais perto. Com a respiração tremendo, tranquei a articulação dos joelhos, conhecendo a corrente súbita que me faria cair. Senti a emoção aumentando, sabendo que ela também o estava sentindo.

— Ivy?

Soava assustada e ela me afastou o cabelo, sussurrando.

— Como desejei isto — os lábios dela tocavam na pele suave sob a minha orelha.

O calor úmido da sua respiração me fez tremer diante daquela mistura de familiaridade e desconhecido. Com uma suave exalação, ela mexeu a cabeça e os seus

lábios encontraram a minha clavícula, provocadoramente perto da minha velha cicatriz. As sensações se espalhavam pelo meu corpo como gavinhas³⁸, ao ritmo da batida do meu coração, sobrepondo-se umas às outras até atingirem uma dimensão inimaginável. *Oh, Deus! Me salva de mim mesma.*

A tensão me fez abrir os olhos quando os seus dedos percorreram o meu pescoço. As sensações desabrocharam e eu lancei a cabeça para trás e suguei o ar. O braço dela caiu da minha cintura, me segurando antes que eu caísse.

— Rachel, eu... Deus, como cheira bem — disse ela e uma corrente de calor fluiu através de mim quando os lábios de Ivy me tocaram com as suas palavras. A suavidade dos seus dentes sobre a minha pele fizeram com que a minha pulsação acelerasse ao mesmo tempo que eu lutava por respirar. — Não vai partir? — perguntou. — Me promete que não vai partir.

Ivy não me estava pedindo que fosse o seu delfim; só estava me pedindo para não partir.

— Não vou partir.

— Me dá isto?

Tremendo por dentro, sussurrei:

— Sim.

Ivy exalou, como se tivesse sido liberta. O meu sangue fervilhou, misturando-se com o medo que ainda sentia diante do desconhecido e me lançando para um estado febril. Os lábios dela tocaram a base do meu pescoço e uma vertigem fez girar a sala, queimando o desejo que se instalou profundamente nas zonas mais baixas do meu ser. Exalei diante da promessa do que estava para vir, chamando a mim. Inalei como se fosse fumo, a paixão crescente dando origem a uma sensação de abandono interior. Já não queria saber se estava certo ou errado. Era simplesmente.

Ela apertou o meu ombro com mais força e, lentamente, senti um aumento da pressão na minha pele e os seus dentes me penetraram sem qualquer aviso.

³⁸ Gavinha: Órgão de fixação de certas plantas (vinha, ervilha etc.), o qual se enrola em estacas ou em outras plantas.

Gemi, diante da corrente de medo e desejo. Os meus joelhos cederam e Ivy mudou a forma como me segurava. O seu toque era leve — me mantendo direita quando fiquei flácida, o meu corpo sobrecarregado —, mas a sua boca no meu pescoço era selvagem, sugando com uma necessidade feroz. E depois ela me puxou.

Senti o ar entrar em mim em uma corrente. Arquejando, fiquei rígida, erguendo as mãos para agarrar, apertando, quando ela ameaçou afastar-se, por medo de ter me machucado.

— Não — gemi, um fogo ardendo através do meu corpo. — Não pare. Oh... Deus...

As minhas palavras se abateram sobre ela e Ivy enterrou os dentes em mim ainda com mais força. A minha respiração explodiu. Por um instante, pendi, incapaz de pensar. Era assim tão bom. Todo o meu corpo estava vivo e doía. Um êxtase sexual fluiu através de mim, uma corrente de promessas.

De alguma forma consegui inspirar uma vez, depois outra. A minha respiração era rápida, tropeçando sobre si mesma. Agarrei a, querendo que ela continuasse, mas sem saber como dizer. Os lábios dela se afastaram de mim e, em uma corrente de sensações, o mundo girou, voltando a se transformar em algo que conseguia reconhecer.

Tínhamos nos afastado da parede do furgão e estávamos encostadas na porta fechada. Ivy me mantinha direita, contra o seu próprio corpo, com a exigência feroz da posse. Embora tivesse afastado de mim os lábios, a sua respiração ia e vinha sobre a minha pele rasgada, quase como uma tortura deliciosa. Não havia medo.

— Ivy — disse, escutando o som quase como um soluço.

E, com o pequeno encorajamento retirado do fato de estar tudo bem, ela voltou a enterrar a cabeça em mim, a boca procurando o meu pescoço e arrancando de mim tanto o meu sangue como a minha vontade.

Tentei respirar, não sendo capaz. Apertei-a contra mim, as lágrimas escapando dos meus olhos fechados. Era como se a sua alma fosse fogo líquido e eu conseguisse sentir a sua aura, girando em redor da minha. Ela não estava apenas tomando o meu sangue, estava tomando a minha aura. Mas eu não sentiria falta daquilo que ela conseguia roubar e

queria ceder, cobri-la com uma pequena parte de mim e protegê-la. As suas necessidades tornavam ela tão frágil.

Os feromônios vampíricos erguiam-se como uma droga, transformando os seus dentes em espigões de excitação. Senti espasmos nos dedos e o meu toque rude lançou centelhas através dela. Ela lançou-se de novo contra mim, os seus dentes gerando em mim uma rigidez arquejante. Não conseguia pensar e apertei-a contra mim, temendo que ela partisse.

Através da fusão das nossas auras, pude sentir o seu desejo desesperado, a sua necessidade de segurança, o seu desejo de satisfação, a sua sede sobrenatural pelo meu sangue, sabendo que, mesmo que eu lhe desse livremente, ela seria assombrada pela vergonha e pela culpa.

A compaixão redemoinhou, vinda de lado nenhum, no meio do êxtase em que me perdia. Ela precisava de mim. Ela precisava que eu a aceitasse como ela era. E, quando compreendi que lhe podia dar pelo menos aquela parte de mim, o que restava do meu medo desvaneceu-se. Os meus olhos se abriram, fixando-se sem ver na parede do furgão. *Eu confio nela*, pensei, enquanto os limites das nossas auras se fundiam e as minhas últimas barreiras começaram a cair.

E Ivy percebeu mal isso aconteceu.

Um som suave ergueu-se dela, prazer e espanto. Enquanto ela mantinha a minha cabeça imóvel e os seus lábios me tocavam no pescoço, a mão dela deslizou até ter encontrado a minha cintura. Os seus dedos longos hesitaram e, enquanto ela sugava com mais força lançando através de mim um ferão prateado, a palma fria da sua mão deslizou por baixo da minha camisa, tocando no meu corpo, os dedos inquisitivos. Estremeci e ela me acompanhou.

— Ivy — suspirei com esforço, um novo medo cortando através do êxtase. — Espera...

— Mas pensei... — sussurrou ela, a voz um calor escuro e a mão imóvel.

— Disse que o sangue era suficiente — continuei, pairando perto do pânico, tentando me concentrar, mas descobrindo que me era difícil abrir os olhos. O meu coração

martelava. Não conseguia respirar o suficiente e não conseguia encontrar a vontade de afasta-la. Pestanejei, oscilando ao compreender que ela estava suportando todo o meu peso. — Eu... não consigo...

— Percebi mal — disse ela, pousando a minha cabeça no espaço entre o ombro e o pescoço dela. O toque da sua mão no meu pescoço tornou-se mais firme, perdendo a sua gentileza e tornando-se dominante. — Lamento. Quer que pare por completo?

Uma centena de pensamentos desceram através de mim, sobre o quão idiota eu era, sobre o quão vulnerável me tornei, sobre o risco que estava correndo, sobre o futuro que estava traçando para mim, sobre a gloriosa explosão de adrenalina que ela estava a gerar em mim.

— Não — murmurei, perdida no pensamento de como seria enterrar o meu rosto no espaço entre a orelha e o pescoço de Ivy e devolver lhe o favor.

Um leve suspiro de prazer ergueu-se, suave e quase inaudível, e a mão dela deslizou do meu ombro até às minhas costas. Me puxando para mais perto, voltou a sugar. Arquejei, as minhas mãos apertando-a, enquanto eu imaginava o calor do meu sangue a enchê-la, sabendo qual seria o seu sabor, sabendo como enchia o terrível vazio que o seu futuro como morta-viva lhe concedia.

Fiquei tensa quando os seus dentes se enterraram de novo em mim. O desejo de responder na mesma moeda e a necessidade de me refrear tocaram cada parte do meu ser com leveza. Oh, Deus, a emoção dupla de negação e desejo iam me matar, tão intensas que eu não conseguia determinar se eram dor ou prazer.

A respiração de Ivy sobre a minha pele tornou-se mais entrecortada e os meus músculos soltaram-se quando o que restava do meu medo deslizou de mim e, como o repicar de um sino, esmoreceu até desaparecer. Ela me mantinha de pé, me segurando agora sem qualquer ternura enquanto os seus dentes se enterravam cada vez mais e a sede se acumulava dentro dela, enchendo vazios antigos, sugando para tirar de mim o sangue que eu lhe dava de boa vontade.

Inspirei, estremecendo, sentindo os feromônios vampíricos invadindo o meu corpo, me acalmando, me atraindo, prometendo um êxtase diferente de qualquer outro. Era



viciante e eu já estava para lá de qualquer preocupação. Podia dar aquilo a Ivy. Podia aceitar o que ela me dava em troca. E, enquanto ela me mantinha de pé e enchia o seu corpo com o meu sangue e a sua alma com a minha aura, deixei escapar as lágrimas.

— Ivy? — sussurrei sem fôlego, enquanto o furgão começava a girar em uma vertigem. — Desculpa ter demorado tanto a ouvir.

Ivy não respondeu e eu gemi quando ela me puxou contra si, a sua boca tornando-se deliciosamente selvagem, enviado choques elétricos através de mim, enquanto procurava mais, ambas perdidas na névoa da satisfação. Mas no fundo dos meus pensamentos ressoou um tênue alarme. Algo mudou. O seu toque não era cuidadoso. Tinha se tornado... rude.

Os meus olhos abriram-se e eu fitei, sem ver, a parede negra do furgão enquanto a minha pulsação se tornava fraca. Começava a tornar-se difícil pensar, diante do remoinho de exaltação intoxicante. A minha respiração estava fraca devido a um forte entorpecimento, não à paixão. Ela estava tirando muito e eu afastei a mão que lhe segurava o ombro, para a empurrar e poder ver os seus olhos.

Não foi um grande empurrão, mas Ivy sentiu-o.

Me agarrou com mais força, tornando o seu toque doloroso apesar dos feromônios vampíricos. Os meus pensamentos recordaram a ternura que ela mostrou antes de eu ter reafirmado que a partilha se limitaria ao sangue... e o terror abateu-se sobre mim.

Deus me ajude. Pedi que afastasse as mais suaves emoções relacionadas com o amor. Pedi que se divorciasse a si mesma do carinho e do amor que Kisten disse que ela entrelaçava com a sede de sangue, o que deixava apenas a sede. Ela não ia parar. Ela tinha-se perdido.

O medo queimou através de mim. Ela sentiu-o no ar e, sem qualquer som, me fez perder o equilíbrio. Gritando, caí. Ivy me seguiu e aterramos juntas sobre o balcão minúsculo.

— Ivy! Me larga! — exclamei, depois gemi quando ela me mordeu com mais força, até doer.

A adrenalina explodiu em mim. Lutei para me libertar e Ivy me largou. Ela afastou-se e, com a respiração pesada, levei a mão ao pescoço latejante e ensanguentado, fitando-a.

O seu olhar era determinado, como o de um predador e, enquanto o êxtase era bombeado através de mim a cada batida do meu coração, as pernas cederam e eu deslizei desamparada para o chão.

Ivy erguia-se sobre mim, o meu sangue vermelho na sua boca. Parecia uma deusa: acima de qualquer lei da mente e da alma. Os seus olhos estavam negros e ela sorria, sem memória, sabendo que eu era dela e que podia fazer de mim o que quisesse, sem qualquer noção de certo ou errado. Ivy tinha desaparecido, controlada pela fome que eu obriguei ela a sentir sem o tampão do amor. *Oh, Deus. Eu tinha causado a minha própria morte.*

Vi a sua determinação em terminar o que começou um instante antes de se ter movido.

— Ivy, não! — exclamei, estendendo um braço para afasta-la.

Não serviu de nada.

Guinchei quando ela caiu sobre mim. Era a concretização de todos os meus pesadelos. Eu estava impotente, enquanto ela empurrava os meus ombros contra o chão do furgão. Inspirei para gritar, mas o grito transformou-se nem um gemido de paixão quando ela descobriu o meu pescoço. Uma sensação de prata gelada abriu caminho através de mim. O êxtase me fez arquejar, arqueando as costas por um instante, antes de cair, lutando por respirar.

Relaxamos de novo contra o chão, como se fôssemos um só ser, o cabelo dela caindo em redor da minha garganta, como uma escova de seda, enquanto ela enterrava os dentes em mim e sugava mais uma vez. Gemendo, parei em uma névoa de dor, medo e elevação; os dentes dela dentro de mim eram, ao mesmo tempo, fogo e gelo. Fitei o teto, incapaz de focar a visão enquanto o pesado entorpecimento da paralisia enchia as minhas veias e um arrebatamento maravilhoso descia sobre mim, ao mesmo tempo que eu perdia a vontade de me mover.

Ivy fez o que eu lhe pedi. Tinha abandonado os seus sentimentos de amor e estava fora de controle. E, quando largou os meus braços e puxou o meu pescoço contra a sua

boca, flutuei em uma compreensão muito tardia. Pedi que mudasse por mim e ia morrer devido à minha ousadia e idiotice.

Senti que uma moleza invadia todo o meu ser. A minha pulsação tornou-se lenta e os meus membros frios. Ia morrer. Ia morrer porque tinha muito medo de admitir que talvez amasse Ivy.

Senti o baque distante quando a minha mão caiu de Ivy e bateu no tapete coberto de pó. O som ecoou através de mim, regressando, uma e outra vez, crescendo de intensidade como se fosse o meu coração fraco batendo. Ao longe, alguém gritava, mas a sua importância era negligenciável diante das cintilações de luz que orlavam o meu campo visual, imitando as centelhas maravilhosas que crepitavam na minha mente e no meu corpo. Exalei, enquanto Ivy levava tudo, estremecendo quando a minha aura deslizou de mim, juntamente com o meu sangue. Ivy era a única coisa quente no mundo e eu desejei que ela se aproximasse mais para que eu não morresse de frio.

A batida do meu coração pareceu hesitar diante do som assustador do metal rasgando. O frio e a luz se derramaram sobre nós e eu gemi quando Ivy se afastou.

— Ivy! — gritou Jenks e eu compreendi que o som que ouvia não era o bater do meu coração, mas Jenks batendo na porta do furgão. — O que é que está fazendo?!

— Ela é *minha*! — rosnou Ivy, irreal e selvagem.

Não conseguia me mexer. Ouviu-se um estrondo e o furgão abanou. O ar tornou-se frio e eu choraminguei. Me dobrei sobre eu mesma, puxando os joelhos contra o peito. Os meus dedos procuraram o calor do sangue que escorria de mim, enquanto eu encontrava o meu pescoço. Depois, ficou frio. Eu estava sozinha. Ivy tinha partido. Alguém gritava.

— Sua cadela, vampira idiota! — exclamava ele. — Você prometeu! Você me prometeu!

Me agarrei a eu mesma, semicerrando os olhos por causa do frio, tremendo violentamente enquanto fitava a parte de trás do furgão. Algo tinha acontecido. Eu tinha frio. Havia luz. Ivy tinha partido.

Ouvi o matraquear de umas asas de libélula.

— Jenks... — murmurei, enquanto os olhos se fechavam.



— Sou eu, menina Morgan — disse a voz aguda de Jax e eu senti o calor do pó de *pixy* sobre os meus dedos, apertados contra o pescoço. — Pelas calcinhas da Sininho, está a se esvair em sangue!

Mas Ivy chorava, obrigando os meus pensamentos a deixar o furgão escuro e a sair para o sol.

— Rachel! — gritou Ivy, com pânico na voz. — Oh, Deus. Rachel!

Ouvi o repenicar de metal raspando e o som de pés.

— Para *trás*! — exigiu Jenks e ouvi Ivy gritar de dor. — Não pode tê-la. Eu disse que te matava se a machucasse!

— Ela está sangrando! — suplicou Ivy. — Deixe-me ajudar!

Consegui abrir um pouco os olhos. Estava no chão do furgão, o cheiro do carpete verde contra mim, almiscarado e forte. Podia sentir o cheiro a sangue e cacau. Estremecendo, tentei ver para lá do clarão do sol.

— Não se mexa, menina Morgan — disse Jax com voz séria, e eu lutei por compreender. Os meus dedos estavam simultaneamente quentes e frios por causa do meu sangue. Ouvi mais uma vez o metal raspando na pedra e levei para ele os olhos, tentando focá-los.

A parte de trás do furgão estava aberta. Jenks erguia-se entre Ivy e eu, a comprida espada dela na mão. Ivy estava dobrada sobre si mesma, segurando um braço ensanguentado, as lágrimas correndo lhe pelo rosto em uma tristeza desesperada. Os meus olhos fixaram-se nos dela, repletos de pânico, e ela lançou-se para mim.

Jenks moveu-se de súbito, nada mais do que um borrão, a catana de Ivy cortando o ar. Ela saltou para longe, rolando sobre o pavimento, enquanto tentava escapar do seu alcance. A minha pulsação saltou de medo, quando ele a seguiu, a espada batendo no chão com tinir, por três vezes, sempre um instante depois de ela ter se movido. Meu Deus, ele era rápido e creio que apenas o seu desejo de permanecer entre ela e eu o impedia de saltar atrás dela e desferir o golpe fatal.

— Jenks! Sai do meu caminho! — gritou ela, enquanto rolava até ficar de pé, as mãos erguidas em um gesto apaziguador. — Ela precisa de mim!

— Ela não precisa de você — rosnou Jenks. — Quase a matou. Sua vampira *imbecil!* Não podia esperar por ficar fora da influência de Piscary, não é? Seduziu ela e quase a matou. *Podia tê-la matado!*

— Não foi assim! — suplicou Ivy, agora chorando. — Deixe-me chegar até ela. Eu posso ajudar!

— Por que diabo se importa? — ouviu-se mais um tinir de pedra e metal e eu me obriguei a respirar, quando a minha visão começou a escurecer.

— Rachel! — gritou Ivy, atraindo o meu olhar para ela. — Desculpa. Não sabia que isto ia acontecer! Eu pensava que estava melhor! Pensava mesmo. Lamento. Lamento!

Jenks emituiu um grito feroz, atacando. Ivy saltou para trás agitando os braços. Ele seguiu ela até ao chão e os dois estacaram quando ela caiu contra a calçada. O sangue escorria por entre os dedos de Ivy, que agarravam a parte de cima do braço e o meu coração pareceu falhar quando Jenks interrompeu o último movimento da sua espada a alguns centímetros da garganta dela. Lutando contra a minha moleza, me arrastei até à porta. Ele ia matá-la. Já matou antes para salvar a minha vida. Ele ia matar Ivy.

Jenks erguia-se de pernas afastadas, em uma pose aterrorizante.

— Sua vampira idiota, sua puta egoísta — disse. — Disse que não o faria. Promeu. Agora estragou tudo. Não podia aceitar aquilo que ela podia te dar, por isso tirou tudo!

— Não — Ivy estava deitada ao sol, a espada sobre a sua garganta, refletindo a luz do Sol, tal como as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. — Eu lhe disse não. Eu disse que parasse — chorou. — Ela me pediu.

— Ela não pediria isso — cuspiu ele, agitando a espada, de tal forma que esta lhe tocou a pele branca, deixando uma linha vermelha. — Destrói tudo aquilo que ama. *Tudo*, sua cadela louca. Mas raios me partam se vou permitir que destrua a Rachel.

Os olhos de Ivy saltaram para os meus, o seu rosto marcado pelas lágrimas e pelo terror. A sua boca moveu-se, mas não emituiu qualquer som. Senti um aperto no estômago quando vi que ele aceitava as suas palavras como verdadeiras. Jenks segurava a espada junto da garganta dela; ia usá-la e Ivy nada podia fazer para para-lo.

As mãos de Jenks se apertaram sobre a espada. O *pixy* afastou a espada. Ivy me fitou, muito perdida na culpa para fazer qualquer coisa.

— Não — sussurrei, em pânico.

Os meus dedos encontraram o limite do furgão e, arrastando debilmente os pés, me puxei para frente. Jax estava no meu caminho, guinchando qualquer coisa, as suas asas de libélula cintilando enquanto a minha visão escurecia.

— Jenks, para! — gritei, caindo do furgão.

Frio e duro como gelo, a calçada chocou contra o meu ombro e o meu quadril, me arranhou a cara. Inspirei, ainda que o gesto se assemelhasse mais a um grito, me concentrando no chão cinzento como se ele fosse a minha próxima morte. *Oh, Deus. Ivy ia deixar que Jenks a matasse.*

— Rachel!

Ouvi o som da espada caindo e, de súbito, Jenks estava ali, os seus braços me pegando e me protegendo do chão duro. Lutando, me concentrei nele, chocada por o ver tão perto. Ele não gostava que ninguém lhe tocasse.

— A culpa não foi dela — murmurei, fitando os seus olhos. Eram tão verdes, me esqueci do que queria dizer. A minha respiração soava rouca e doía a minha garganta. — A culpa não foi dela.

— Chiu — sussurrou ele, franzindo a sobrancelha quando eu gemi por ele ter me içado para os seus braços e ter se levantado. — Vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem. Ela vai partir. Não tem que voltar a se preocupar com ela. Não deixarei que nenhum vampiro te machuque. Eu posso fazer isto. Vou ficar grande e vou garantir que ninguém volte a te machucar. Vai ficar tudo bem. Vou garantir que vai ficar em segurança.

O efeito da saliva de Ivy estava passando depressa. Enquanto ele me transportava, pude sentir uma dor pesada que começava a tomar conta de mim e a inconsciência aproximou-se. Tinha frio e fui assolada por arrepios.

Os movimentos de Jenks cessaram e ele me segurou mais próximo de si, erguendo-se sobre Ivy.



— Vá — disse Jenks. — Pega as suas coisas e vai. Quero você fora da igreja quando voltarmos. Se ficar, vai matá-la, tal como faz com todos os que são suficientemente estúpidos para te amar.

Ivy gemeu e Jenks afastou-se, os passos rápidos enquanto se dirigia para a quente escuridão do quarto do motel.

Não conseguia encontrar o ar que me permitiria falar. Os pesados soluços de Ivy chegavam até mim, um depois do outro. Não queria que ela fosse embora. Oh, Deus. Só queria mostrar-lhe que confiava nela. Só queria compreendê-la e a eu mesma.

A sombra de Jenks caiu sobre mim e eu tremi. As lágrimas corriam pelo meu rosto enquanto eu via tudo caindo em ruínas à minha volta. Podia ouvi-la chorando, sozinha e perdida. Ela ia partir. Ela ia partir por causa de algo que eu lhe pedi que fizesse. E, enquanto eu ouvia Ivy chorando, só e rasgada pela culpa, deitada no chão, algo dentro de mim se quebrou. Não podia continuar mentindo a eu mesma. Ia me matar.

— Eu lhe pedi que me mordessee — sussurrei. — Jenks, não a deixe ali. Ela precisa de mim. Eu lhe pedi — um soluço cresceu dentro de mim, me machucando quando se libertou. — Eu só queria saber. Não pensei que ela perdesse o controle daquela maneira.

Jenks estacou à sombra do motel.

— Rachel? — perguntou, confuso. Ouvi o matraquear das asas de libélula e me perguntei como é que ele conseguia me transportar se era um *pixy*.

Não conseguia ver Ivy, mas os seus soluços tinham parado e eu me perguntei se ela me ouviu. Me engasguei com a respiração rouca. Os olhos chocados de Jenks estavam a poucos centímetros dos meus. Eu tinha prometido que não partiria e me recusava a permitir que ela fugisse, sentindo-se culpada. Precisava dos dois. Precisava de Ivy.

— Eu tinha que saber — sussurrei e o rosto de Jenks ficou em pânico. — Por favor — sussurrei, a minha visão mergulhando em uma escuridão benigna. — Por favor, vai buscá-la. Não a deixe só — os meus olhos fecharam-se. — Magoei tanto ela. Não a deixe ficar só — pensei, mas não sei se o traduzi em palavras antes de desmaiar.



CAPÍTULO 23

Eu estava em movimento e isso me deixava terrivelmente confusa.

Não me parecia que estava inconsciente e era certo, não sabia o que estava fazendo, mas alguém me envolvia com os braços e podia sentir o odor forte da clorofila. Perceber se estava no exterior de olhos fechados ou no interior de olhos abertos estava para lá das minhas capacidades. Tinha frio, mas já tinha frio há uma eternidade.

Reconheci a sensação descendente, seguida por uma cama a exercer pressão sobre mim. Tentei falar, mas não fui capaz. Uma mão grande segurava a minha cabeça e a almofada sob ela foi afastada. Me afundei ainda mais no edredom quando alguém ergueu os meus joelhos e colocou a almofada por baixo deles.

— Fica comigo, Rachel — disse uma voz, acompanhada pelo cheiro de *fudge* e eu tentei recordar como se abriam os olhos. Havia mãos sobre mim, leves e quentes. — Não desmaie. Me deixe te dar um pouco de água, depois poderá descansar.

A minha cabeça oscilou, acompanhada por um pulsar de dor no pescoço. A voz era suave, mas havia nela um toque de pânico. A referência à água deu um nome à sensação que eu não conseguia compreender. *Tenho sede. Sim, é isso que estou sentindo.*

Me sentia doente e as minhas pálpebras se agitavam, enquanto eu permanecia em um estado muito cansado para me mexer. Eu me lembrava daquilo. Já tinha feito aquilo antes.

— Onde está o Keasley? — sussurrei, ouvindo as palavras se erguerem de mim, em uma suave exalação. Ninguém me ouvia, abafada pelo som da água correndo.

— Jax, me traz um canudo — disse a voz determinada. — Está no lixo, perto da televisão.

Ouvi o som de celofane estalando e alguém moveu as minhas pernas, de forma que colocasse mais uma almofada sob elas. Foi como se um véu tivesse caído e, de súbito, tudo tinha significado. Os meus olhos se abriram e a realidade, realinou-se. Eu estava em um quarto de motel. Estava na cama, com os pés em uma posição mais elevada que a minha cabeça. Eu estava gelada. Jenks tinha me levado até ali e aquela mancha de luz do Sol movendo as asas no ar perto da televisão era Jax.

Oh, Deus. Eu pedi à Ivy para me morder.

Inspirando fundo, tentei me sentar.

De súbito, Jenks tinha as suas mãos sobre mim, empurrando para baixo os meus ombros. *Ele tinha mãos grandes*, pensei, tentando me concentrar. *E quentes.*

— Não tão depressa — disse ele. — Consegue engolir?

Os meus olhos saltaram para o copo de plástico na sua mão. Lambi os lábios. Queria, mas doía o meu pescoço. Doía muito.

— Onde está a Ivy? — perguntei com a voz arrastada.

O rosto de Jenks fechou-se. Me concentrei nos seus olhos verdes, enquanto os limites da minha visão se tornavam cinzentos. A náusea apertou o meu estômago. Kisten me disse que ela perdeu a capacidade de se controlar quando se encontrava sob o toque pouco gentil de Piscary, sendo possível que tivesse matado pessoas no auge da sua paixão sedenta de sangue. Eu pensava que ela estava melhor. Kisten pensava que ela estava melhor. Ela parecia melhor. Aparentemente, ao pedir que separasse os sentimentos de amor da sua sede, tinha privado do mecanismo que usava para algemar. Em três minutos,

lancei ela de volta ao poço de depravação do qual tanto lutou por se libertar. Eu fiz isso com ela. Eu.

— Desculpa — disse, começando a chorar e ele pegou nas minhas mãos, com uma das suas, para impedir que as levasse ao pescoço. — Eu só queria compreender. Não queria empurrá-la para lá dos seus limites. Jenks, não se zangue com ela.

As pontas dos dedos dele afastaram o meu cabelo da testa, mas o seu olhar não se cruzou com o meu; ainda não estava pronto para acreditar. Embora as suas feições delicadas parecessem muito jovens para alguém que já tinha filhos adultos, a dor profunda nascida da compreensão me dizia que ele suportou toda uma vida de alegrias e tristezas.

— Me Deixa ir buscar um pouco de água, antes que desmaie — disse, me virando as costas. — Jax! — gritou, soando muito diferente de si mesmo. — Onde está esse canudo? Não quero que ela levante a cabeça.

— Qual é a dela, pai? — perguntou o *pixy* adolescente, a sua voz aguda e carregada de preocupação.

— Não importa. Traz uma qualquer!

A luz que se refletia no teto escureceu e, da porta aberta, chegou uma voz hesitante.

— Ela bebeu a *Sprite*. E o copo dela é o que está todo machucado.

Jax ergueu-se no ar, quase um metro, em uma coluna de centelhas brilhantes.

Quem diria? Aquelas misturas, afinal, tinham alguma utilidade.

— Vá andando daqui — disse Jenks, em brasa. O calor dos seus dedos deslizou de mim, quando ele se levantou.

A culpa abateu-se sobre mim, com força, e eu quis me enrolar em um buraco e morrer. *O que é que eu tinha feito? Não conseguiria remediar aquilo.* Tudo o que eu queria era compreender Ivy e, agora, estava deitada em um quarto de hotel, com buracos no pescoço e os meus melhores amigos discutindo. A minha vida era um monte de merda.

— Jenks — sussurrei, — para.

— Ela quer que eu esteja aqui — respondeu Ivy imediatamente. Percebi que ela ainda estava no limiar da porta e soava desesperada. — Foi um acidente. Nunca mais voltarei a toca-la. Posso ajudar. Sei o que fazer.

— Aposto que sabe — disse ele, cinicamente, colocando as mãos na cintura. Por alguma razão, agora que tinha um metro e noventa e três não parecia tão agressivo. — Não precisamos de você! Sai!

Desejei que resolvessem a questão para que alguém pudesse me dar um pouco de água. Jax pairou sobre mim, um canudo maior do que ele nas mãos. Me sentindo distante e surreal, abri muito os olhos para conseguir vê-lo.

— Pai? — chamou o pequeno *pixy*, preocupado, mas eles não estavam ouvindo.

— Seu idiota — ripostou Ivy. — Foi um acidente! Não ouviu ela?

— Eu ouvi ela — Jenks saiu do meu lado, os seus passos silenciosos sobre o carpete. — Agora ela vai dizer tudo o que você quiser, não é? Ligou ela a você! Maldita seja, Ivy! Seu saco de cuspe de vampiro, sem força de vontade e invejosa. Disse que conseguia lidar com isto! Prometeu que não morderia ela!

Os gritos dele eram furiosos e eu fiquei ainda mais gelada. E se ela *tivesse* me ligado a ela? Eu seria capaz de perceber?

Desejei desesperadamente virar a cabeça, mas Jax estava de pé, sobre o meu nariz, os pés descalços quentes, o cheiro a açúcar e cera erguendo-se da gota que pendia da ponta do canudo. Eu queria, depois me senti culpada por querer água quando os meus amigos estavam quase se matando.

— Não vou voltar a pedir, Jenks. Sai do meu caminho.

Ouvi alguém inspirar; depois Jax soltou um grito e saiu disparado em direção ao teto. Ouvi um gemido, seguido por um estrondo. A adrenalina explodiu e eu me ergui, tombando contra a cabeceira da cama, enquanto o meu pescoço protestava.

Estavam lutando no chão, movendo-se muito depressa para que o meu cérebro privado de sangue os conseguisse acompanhar. A pequena mesinha de apoio tinha sido derrubada e eles não passavam de um emaranhado confuso de braços e pernas.

— É uma puta vampira, uma cadela mentirosa e manipuladora! — gritava Jenks, contorcendo-se violentamente para se libertar das mãos dela.

Ivy saltou do sofá para cima dele e os dois caíram por terra. Jenks movia-se com uma velocidade espantosa; deslizando de debaixo dela, agarrando-a pelo braço e saltando para cima das costas prendeu ela contra o carpete. Meu Deus, ele era rápido.

— Au — disse Ivy para o chão, abruptamente imóvel, com Jenks sobre ela, o braço preso em um ângulo estranho. A outra mão dele segurava um punhal contra a zona dos rins de Ivy. *Quando é que ele arranjou um punhal?*

— Maldição, Jenks — disse ela, agitando-se um pouco. — Sai de cima de mim.

— Me diz que vai embora e que não volta mais — disse ele, a respiração entrecortada e o cabelo louro em desalinho — ou parto o seu braço. E você vai ficar longe da Rachel. Percebeu? E se eu descobrir que ela está tentando ir falar com você porque a ligou a você, vou te encontrar e te mato duas vezes. Farei Ivy. Não pense que não sou capaz!

A minha mão ficou seca e comecei a tremer. Ia entrar em choque. A mão que encostei ao pescoço estava pegajosa. Quis gritar que parassem, mas tive de usar toda a minha força de vontade para me manter sentada.

Ivy contorceu-se, parando quando Jenks a picou.

— Me escuta, *pixy* — disse ela, o rosto virado para a parede. — É ágil, é rápido e se me espetar isso vou te atirar para a eternidade. Eu não a liguei a mim. Tentei sair e ela pediu que eu ficasse. Ela queria saber. Porra, Jenks, ela queria saber!

Sentindo o olhar desfocando, tentei puxar o cobertor para cima de mim, os meus dedos, com a força de um cordel, nada conseguindo fazer. Jenks sobressaltou-se diante do movimento, compreendendo que eu estava sentada e os observava. O rosto angular, belo e selvagem, perdeu toda a emoção.

— Seduziu ela — disse, e baixei os olhos, envergonhada. Tudo o que eu queria era compreender. Como é que tanta coisa podia correr mal só por querer compreender.

Com o rosto pressionando contra o carpete, Ivy soltou uma gargalhada impotente.

— Ela é que me seduziu — disse e eu oscilei devido à dor e à perda de sangue, sabendo que era verdade. — Eu saí, mas ela me chamou. Mesmo então eu teria partido, mas ela disse que queria isto por ela. Não por mim, mas por ela. Eu te disse que se ela alguma vez admitisse, eu não lhe viraria as costas. Não menti para você!

A minha respiração tinha se tornado mais rápida, gerando em mim uma sensação de leveza fraturada. Estava hiperventilando. Jax esvoaçava por cima de mim, tentando cobrir a marca da dentada com pó de *pixy*, mas não conseguindo mais do que me levar a semicerrar os olhos para conseguir ver por entre as centelhas. Pelo menos, acho que as centelhas eram geradas por ele. Deus, como doía. Eu ia morrer ou vomitar.

Jenks espetou a faca na camisa de Ivy e ela estremeceu.

— Se estiver mentindo para mim...

Os ombros de Ivy perderam toda a tensão e ela entregou-se, visivelmente.

— Pensei que estava melhor — disse ela, a culpa chocando com a dor na sua voz. — Eu me esforcei *tanto*, Jenks. Pensei que, por fim... Ela não queria... ela não conseguia lidar com o sexo, por isso tentei separá-lo do sangue. Eu queria *qualquer* coisa dela. E ela era capaz de me dar o sangue. Eu... eu perdi o controle da sede, mais uma vez. Maldição, quase a matei.

Fixando os olhos em mim, Jenks largou-lhe o braço. Este caiu ao chão com um baque surdo. Ivy assumiu lentamente uma posição mais confortável.

— Não separou o sangue do sexo, privou ela de amor — disse Jenks e eu estremei, a pulsação batendo violentamente. *O que é que lhe pedi que fizesse?* — Se tira isso, tudo o que fica é a sede.

Comecei a respirar em arranques curtos, enquanto lutava por permanecer sentada. Será que todos sabiam mais sobre vampiros do que eu? Jenks era um *pixy* e ele sabia mais sobre vampiros do que eu.

— Tentei — sussurrou Ivy — Ela não quer que a toque assim — ela inspirou, estremecendo, devastada.

Jenks olhou de relance para mim, vendo a minha expressão fria e compreendendo que ela estava dizendo a verdade. Lentamente, deslizou de cima dela e Ivy voltou a se



endireitar, os joelhos encostados na testa, os braços envolvendo as pernas. Inspirou, arquejante, e susteve a respiração.

— A Rachel não achou que era errado, não é? — insistiu Jenks.

— Ela disse que lamentava ter esperado tanto tempo — sussurrou Ivy, como se não acreditasse nisso. — Mas viu a sede, Jenks. Viu a sede crua e eu a machuquei com ela. A Rachel não vai voltar a querer ter nada a ver comigo... conhecendo aquilo.

Era uma voz muito fraca, vulnerável e temerosa, mas Jenks tocou em mim, não nela.

— Porque é que está tentando esconder o que é? — perguntou, calmamente, as suas palavras dirigidas às duas. — Acha que ter visto a sua sede a chocou? Acha que ela é tão superficial que te condenará por isso? Que não sabia que uma tal coisa vivia em você e te amava mesmo assim?

Ivy estremeceu, a cabeça pousada nos joelhos, e as lágrimas escaparam de mim. A minha cabeça doía e o meu pescoço latejava, mas não era nada comparado com o aperto do meu coração.

— Ela te ama, Ivy. Só Deus sabe porquê. Cometeu um erro ao pedir que separasse o amor da sede e você cometeu um erro ao achar que podia.

— Queria o que ela podia me dar — disse Ivy, enrolada sobre si mesma. — Só isso teria sido suficiente. Nunca mais — disse ela. — Nunca, nunca, Jenks. Ela está em segurança. Tem razão. Destruo tudo aquilo em que toco.

Lutei para não desmaiar. Ela não era um monstro.

— Ivy?

A cabeça dela ergueu-se, em um movimento súbito. O rosto estava branco e manchado pelas lágrimas.

— Pensei que estava inconsciente — disse, erguendo-se atrapalhada e limpando o rosto.

Pestanejando, estremei, sentada. A culpa me cobria em uma camada espessa e Jenks estava sentado, de pernas cruzadas, perto da porta aberta, sob um raio de Sol, um sorriso tênue e triste no rosto.

Ivy deixou-se ficar, imóvel e hesitante.

— Tudo bem? — perguntou, sendo óbvio que queria correr até mim, mas que temia fazê-lo. Entre a perda de sangue e o absurdo da pergunta, quase ri.

— Hum, hum — disse, desistindo de tentar conceder algum sentido à situação. — Posso beber um pouco de água? — sussurrei, depois tombei para o lado.

O pescoço lançou uma punhalada de dor que me chocou e eu não conseguia respirar; o meu rosto estava enterrado nos cobertores. Tentei gritar, mas foi inútil. Maldição, nem mesmo os meus braços funcionavam.

— Oh, Deus — disse Ivy, as mãos frias quando me endireitou.

Inspirei, agradecida, tentando me concentrar através da dor. Jenks estava aos meus pés e puxou-os para baixo até eu estar deitada de costas, a olhar para eles de olhos muito abertos balançando, mais uma vez, no limite do inconsciente agora que a adrenalina tinha desaparecido. Um alívio idiota por ter rapado as pernas ergueu-se através de mim e desapareceu.

— Toma, pai — ofereceu Jax, o canudo vermelho agarrando com as duas mãos.

Jenks agarrou um copo de água absurdamente pequeno, sem nunca o entornar, enquanto o transportava desde a mesinha de cabeceira.

— Ela está sangrando outra vez — disse ele, a voz e o rosto sombrios. — Jogue o pó.

— Ainda não dê a água — Ivy era um borrão confuso quando a tentei fitar. — Tenho algo para pôr nela.

Lutando para não desmaiar, observei enquanto ela agarrava na bolsa e vasculhava o seu interior. O meu estômago apertou-se quando ela tirou do seu interior um frasquinho pequeno.

— Enxofre? — choraminguei, esperando pelos protestos de Jenks.

Mas tudo o que ouvi foi a sua voz suave, dizendo:

— Não use muito, desta vez.

O rosto oval de Ivy, enrugou-se de raiva, enquanto abria a tampa.

— Eu sei o que estou fazendo.

Jenks olhou fixamente para ela.

— Está muito fraca para o que costuma dar. Não conseguirá comer o suficiente para suportar o metabolismo elevado com todo o sangue que tirou.

— E você sabe tudo sobre isso, não é, *pixy*? — disse ela, em tom sarcástico.

Lá se vai a simpatia. Cansada, deixei que os meus olhos se fechassem enquanto eles discutiam, esperando não morrer entretanto, tornando o problema inexistente. Eu nunca ia receber a minha água. Nunca.

— Rachel?

O chamamento foi próximo e direto. Sobressaltada, abri os olhos. Jenks estava ajoelhado ao lado da cama com o copo e a palhinha na mão. Ivy estava atrás dele, os braços cruzados sobre o peito, as faces manchadas de vermelho. A raiva e a preocupação guerreavam no seu rosto. Tinha perdido qualquer coisa.

— Sem Enxofre — disse eu, com a voz arrastada, erguendo as mãos para afastar o copo. Senti a garganta apertada enquanto as minhas emoções se agitavam de um extremo ao outro. Eles estavam tão preocupados comigo.

Jenks franziu a sobancelha, uma expressão muito severa para alguém tão jovem.

— Não seja idiota, Rachel — disse, me agarrando nos braços e me obrigando a baixá-los. — Ou bebe a água com Enxofre ou o seu traseiro vai ficar agarrado a uma cama durante quatro semanas.

Jenks estava praguejando. Eu sabia que devia estar melhor. Podia sentir o cheiro da água. Consequia mover os braços sob a sua mão que os prendia gentilmente. *Porque é que estão me obrigando a fazer isto?*

Olhei para o canudo e, tomando o meu gesto como um sim, Jenks a fez deslizar por entre os meus dedos. Sustendo a respiração, chupei, pensando que a água ferruginosa sabia melhor do que a última cerveja fresca que tinha bebido. As lágrimas começaram a escorrer, as minhas emoções completamente fora de controle. Pensei em Ivy a me fazer o mesmo, a sangrar por completo, com aquele mesmo gosto metálico na boca.

Comecei a chorar, me engasgando com a água. *Maldição, que raio havia de errado comigo?*

— Já chega — disse Ivy baixinho. Por entre as lágrimas, vi ela se aproximar, preocupada, a mão tocando no ombro de Jenks. Ele saltou e Ivy afastou-se, o rosto cheio de uma dor interior.

Ivy pensava que era um monstro. Pensava que não podia tocar em ninguém sem destruir essa pessoa e eu provei que ela tinha razão.

A enorme tristeza que era a sua vida abateu-se sobre mim e comecei a tremer.

— Ela está entrando em choque — disse Ivy, ignorando o verdadeiro motivo. Eu tinha magoado ela. Eu pensava que era suficientemente forte para sobreviver e, ao falhar, tinha magoado ela.

Jenks pousou o copo e levantou-se.

— Vou buscar um cobertor.

— Eu trato disso — respondeu Ivy, já longe.

Mexi as mãos e percebi que estava enchendo a cama de sangue pegajoso. Eles estavam tentando ajudar, mas eu não merecia. Desejei que nada daquilo tivesse acontecido. Eu tinha cometido um erro e eles mostravam-se tão simpáticos comigo.

Um novo tremor agitou o meu corpo. Tentei me enrolar sobre eu mesma para aquecer. Com os olhos verdes apertados, Jenks me endireitou, deitando-se na cama ao meu lado. Me envolvendo com os seus braços, me impediu de tremer até me desconjuntar.

Ivy não gostou.

— O que está fazendo? — perguntou do outro lado do quarto, os lábios apertados enquanto agitava um cobertor de motel marrom.

— Estou mantendo ela quente.

Jenks cheirava a coisas verdes. Os seus braços me envolviam e o seu tronco fazia pressão contra as minhas costas. Tinha a cabeça rodando e o meu pescoço era uma dor lancinante. Sabia que não devia estar sentada assim, mas não me lembrava como se dizia “para baixo”. Acho que ainda estava chorando, já que o meu rosto estava úmido e os ruídos ao fundo pareciam soar como a minha voz.

Ivy suspirou, depois aproximou-se.

— Ela vai desmaiar se ficar com a cabeça levantada — murmurou enquanto nos envolvia com o cobertor.

— O pó de *pixy* só consegue estancar o sangue durante algum tempo — disse Jenks baixinho. — E não quero que o Jax tenha que se debater com o fluxo sanguíneo gravitacional quando a estiver costurando.

Os meus olhos abriram-se de repente. *Costurar? Droga, outra vez não. Tinha acabado de me livrar das minhas cicatrizes.*

— Esperem — disse, o pânico me deixando rígida quando pensei no que iria sentir, agora que o efeito da saliva de Ivy desapareceu. — Não quero levar pontos. Quero o meu amuleto contra as dores.

Eles não pareceram me compreender. Ivy aproximou-se, fitando os meus olhos, não o meu rosto.

— Podíamos leva-la na emergência.

Atrás de mim, Jenks abanou a cabeça.

— Os animalomens nos seguiriam a partir de lá. Estou surpreso com o fato de ainda não terem nos encontrado. Nem acredito que a mordeu. Temos quatro matilhas de animalomens atrás do nosso sangue e achou que *agora* era uma boa altura para mudarem a natureza da relação de vocês?

— Cala a boca de uma vez, Jenks.

O meu estômago agitou-se. Queria o meu amuleto contra as dores. Eu não era uma pessoa corajosa. Tinha visto um filme em que costuravam com arame, sem anestesia. Era doloroso.

— Onde está o meu amuleto? — supliquei com o coração batendo violentamente. — Onde está o Keasley? Quero o Keasley.

Ivy afastou-se.

— Ela está ficando incoerente — tinha a sobrancelha franzida, enrugando o rosto normalmente pacífico. — Rachel? — perguntou em voz alta e com uma lentidão exagerada. — Me ouve. Devia ser costurada. São só quatro pontos pequeninos. Não irei te rasgar. Vai ficar bem.

— Não! — exclamei, enquanto a visão escurecia. — Não tenho o meu amuleto contra as dores.

Ivy me agarrou o ombro por cima do cobertor. Os seus olhos estavam carregados de compaixão.

— Não se preocupe. Com a cabeça assim levantada, vai desmaiar dentro de três segundos.

Tinha razão.



CAPÍTULO 24

— Jenks, para de mexer em tudo, antes que quebre alguma coisa — disse, afastando de seguida a mão de um dos objetos de cerâmica cuidadosamente alinhados nas prateleiras da loja. Era uma abóbora com um gatinho ao lado e fazia eu pensar em *Rex*.

— O que foi? — sorrindo, Jenks atirou ao ar três sinos de cerâmica, fazendo malabarismos com eles.

Apontei para o cartaz escrito à mão “*quebre, pague*”. Estava cansada, com fome e os meus pontos novos, escondidos sob a gola alta da camisa, doíam porque eu era idiota e merecia sofrer. Ainda assim, a última coisa de que precisava era pagar mercadoria quebrada.

Jenks analisou o meu estado de espírito e o seu sorriso malandro desapareceu. Laçando os três objetos bem alto, em direção ao segundo piso aberto, apanhou-os um a um, com um ar sério, e colocou eles no seu devido lugar.

— Desculpa — disse, resignado.

Expeli o ar e toquei no seu ombro, para lhe dizer que estava tudo bem. Entre a perda de sangue e o fato de Ivy me obrigar a ingerir Enxofre, estava terrivelmente cansada. Com as mãos atrás das costas, Jenks continuou a analisar as prateleiras em busca

de um pedaço de osso. Não tinha conseguido encontrar nada no dia anterior e eu precisava dele para terminar aquele trabalho e voltar para casa.

Sob o efeito do amuleto de disfarce, Jenks parecia muito diferente, com cabelo preto e um tom de pele mais escuro. Tinha vestido o seu casaco de aviador por cima de uma T-shirt que comprou na loja anterior, fazendo dele um pedaço de *pixy*, sensual e de pernas compridas, envolto em jeans. Não era de admirar que tivesse cinquenta e quatro filhos e Matalina sorrisse como a Mona Lisa.

É um pixy casado, disse a eu mesma, obrigando os meus olhos a regressarem aos animais de cerâmica. *Cinquenta e quatro filhos. Uma mulher linda, doce como o açúcar, que me mataria enquanto eu estivesse dormindo, pedindo desculpas ao mesmo tempo.*

Jenks não estava feliz com o fato de eu andar por ali, mas, quando acordei a umas três da tarde e descobri que Ivy e Nick tinham apanhado o ônibus para ir ao outro lado do estreito buscar a *pickup* dele, tive que sair. Como de costume, o Enxofre me deixou com fome e indisposta, me enchendo de uma idiotice rude que eu tinha a certeza ter a sua origem na sensação que tornava o Enxofre tão popular nas ruas. Aparentemente, se tomasse uma quantidade suficiente de Enxofre de qualidade medicinal, também se sentia o feito. *Muitíssimo obrigada, Ivy.*

Era culpa dela que eu estava inquieta; me mover parecia ajudar. Embora soubesse que Ivy discordaria, pensei ser pouco provável que os animalomens procurassem por nós ali, quando o mais lógico era que tivessemos voltado a Cincinnati. Mas eu não ia voltar para casa até tudo aquilo estar terminado. Não ia levar uma guerra para as minhas ruas, para perto dos meus vizinhos.

— Oh, uau — murmurou Jenks. — Rachel, olha para isto!

Me virei, vendo ele erguer-se na minha frente, orgulhoso, com um chapéu de riscas vermelhas e pretas na cabeça. A coisa devia ter uns trinta centímetros de altura, como uma cartola bizarra.

— É engraçado, Jenks — disse.

— Vou levá-lo — respondeu ele, sorrindo.



Inspirei, me preparando para protestar, mas depois libertei o ar. Estava em promoção. Cinco dólares. Porque não?

Os meus dedos tremeram, enquanto eu percorria uma exposição de contas, tentando perceber se eram feitas de osso. Já andava às compras com Jenks há uma hora e, embora ele estivesse carregado de *fudge*, T-shirts e tralhas inúteis que só um miúdo de doze anos ou um *pixy* poderia gostar, ainda não encontrou nada adequado. Sabia que não era muito inteligente andar por ali, mas eu era uma detetive, inferno, e podia tomar conta de mim... pelo menos, desde que tivesse o apoio de Jenks. Isso e a minha arma de bolas explosivas, guardada na bolsa que trazia ao ombro e carregada de encantamentos “hora de dormir”.

Um sorriso estremeceu no canto dos meus lábios enquanto observava Jenks de olhos postos em uma prateleira repleta de dinossauros de plástico. Ainda estava de chapéu, mas com aquele aspecto podia usar o que quisesse. Sentindo a minha atenção sobre ele, ergueu o olhar e afastou. Claro, ficava pasmo a olhar para as coisas de má qualidade, mas os seus olhos não paravam, analisando a área com mais atenção do que um dono de loja de doces com a casa cheia de miúdos da primária.

Eu sabia que ele queria que Jax estivesse conosco para fazer de batedor, mas o *pixy* tinha ido com Ivy e Nick. Ivy estava determinada a manter Nick debaixo de olho desde que Jenks o encontrou na Ponta do Esquilo tentando afogar as mágoas. Se até então não o odiava, agora sim, já que ele tinha posto tudo em risco para emborcar uns copos na companhia de outros humanos.

— Rachel — Jenks encontrava-se de súbito ao meu lado. — Vem ver o que eu descobri. É feito de osso. Acho que é perfeito. Vamos comprá-lo e sair daqui.

A testa dele estava franzida de preocupação devido à minha crescente fadiga e, concluindo que já tinha abusado da sorte, me arrastei atrás dele. Estava cansada e a perda de sangue começava a vencer os biscoitos de Enxofre de Ivy. Puxando a bolsa mais para cima, sobre o ombro, parei junto a uma caixa repleta de objetos feitos por nativos americanos: machados de guerra, pequenos tambores, animais talhados em madeira, fios de contas e penas. Incluía algumas turquesas e, compreendendo pela etiqueta do preço

que não se tratava de besteiras para turistas, mas de verdadeiras obras de arte, me inclinei para frente. Os índios não esculpiam coisas em osso?

— Olha para aquele colar — disse Jenks, orgulhoso, apontando através do vidro. — Tem um osso como pingente. Podia levar aquilo. Passava para lá a maldição e pum! Não só tinha uma nova estátua, como uma espantosa joia nativa americana.

Me curvando sobre a vitrina, fitei ele desconfiada.

— Oh! — exclamou, e eu segui o seu olhar para um animal talhado em madeira horrendo, enfiado a um canto como que por desculpa. — Olha para aquilo! Aquilo ia ficar espetacular na minha sala de estar!

Exalei lentamente, fitando ele desconfiada. O objeto tinha cerca de dez centímetros de altura e os animais nele representados eram de tal forma estilizados que eu não conseguia perceber se eram castores, veados, lobos ou ursos. Dentes quadrados e olhos grandes. Era feio, mas de uma irregularidade que parecia adequada.

— Vou levá-lo para a Matalina — disse ele, com orgulho, e os meus olhos se abriram quando tentei imaginar aquilo que para um *pixy* equivaleria a ter um animal talhado em madeira de um metro e noventa no meio da sala de estar de Matalina. Não fazia ideia dos gostos dos *pixys* em termos de decoração, mas não conseguia imaginar que a pobre mulher ficasse satisfeita.

— Minha senhora? — chamou, a sua postura direita e ansiosa. — Quanto custa?

Me encostei pesadamente ao balcão enquanto a mulher terminava o que estava fazendo na caixa registradora e se aproximava. Ignorando-a e a Jenks, que discutia sobre preço, fitei o colar. Excedia os valores que eu tinha definido, mas ao seu lado estava uma estátua de um lobo. Também era cara mas, se não funcionasse, podia sempre devolvê-la.

Chegando a uma decisão, me endireitei.

— Posso ver aquela estátua de um lobo? — perguntei, interrompendo Jenks que tentava convencer a mulher a fazer-lhe um desconto para a terceira idade. Ela não acreditava que ele tivesse filhos e uma hipoteca para pagar. Não podia culpa-la. Ele mais parecia um aluno do ensino médio, com aquele chapéu bizarro.

De sobrancelhas erguidas e uma expressão desconfiada, a mulher abriu o mostruário e pousou a estátua na minha mão.

— É de osso, certo? — perguntei, virando-a e me deparando com um autocolante que dizia **made in china**. *Afinal não era assim tão autêntico, mas eu não ia me queixar.*

— Osso de boi — disse a mulher desconfiada. — Não existe nenhuma lei contra a importação de osso de boi.

Acenei, pousando ele no balcão. Era caro, mas eu queria ir para casa. Ou, pelo menos, para o meu quarto no motel.

— Nos faz um desconto, se levarmos duas peças? — perguntei, e um sorriso satisfeito abriu-se no rosto da mulher.

Encantado, Jenks assumiu o controle, observando enquanto ela embrulhava as duas peças e as colocava em caixas separadas. Sentindo a pulsação lenta e preguiçosa, vasculhei a bolsa em busca da carteira.

— Eu pago — disse Jenks, as feições jovens parecendo inocentes e excitadas. — Vai até à porta ou algo assim.

Ele pagava ele? Ia sair tudo do mesmo lugar. De sobrancelhas erguidas, tentei olhar para lá dele, mas ele se atravessou na minha frente, tirando o chapéu e usando-o para esconder qualquer coisa que fez deslizar para cima do balcão. Consegui um vislumbre de um frasquinho de verniz capaz de mudar de cor, depois sorri e me afastei. Talvez a prenda do próximo Solstício?

— Espero lá fora — disse, vendo um banco vazio no átrio central do centro comercial a céu aberto. Jenks balbuciou qualquer coisa e eu me encostei na porta de vidro, sentindo feliz por esta me mover com facilidade. O ar cheirava a *fudge* e água e, com passos lentos, avancei em linha reta para o banco antes que uma família jovem, com sorvetes na mão, conseguisse chegar até ele.

Exalei enquanto me instalava no banco de madeira. O vento era ligeiro na área protegida e o sol quente. Inspirei profundamente, sentindo o cheiro dos malmequeres³⁹

³⁹ Malmequeres: Botânica. Nome comum a algumas plantas da família das compostas.

atrás de mim. Estávamos no início do período em que se podiam semear plantas anuais, mas ficariam protegidas do frio, já que estavam rodeadas por tanta pedra.

Embora, oficialmente, a época alta ainda não tivesse começado, já havia muita gente. Pessoas de sacos coloridos vagavam sem destino, em um padrão satisfeito de diversão ociosa que era reconfortante de ver; eram, na sua maioria, humanos, com a ocasional bruxa, ou bruxo, afirmando-se através do seu vestido. De outra forma, era difícil dizer quem era quem, a menos que nos aproximássemos o suficiente para sentir o seu cheiro.

O som de asas de *pixies* invisíveis era calmo, quase não passando de um zumbido subliminar. As minhas mãos ergueram-se para o meu amuleto para disfarçar o odor, me assegurando de que estava tocando na minha pele. Eu sabia que não devia estar ali sozinha, mas me encontrava sob um duplo disfarce. Quais seriam as hipóteses dos animalomens me localizarem ali? E, mesmo que localizassem, não me reconheceriam.

Olhei de relance quando a porta da rua se abriu e Jenks saiu, semicerrando os olhos sob a luz mais forte, até ter posto os óculos de sol. O alto da cartola espreitava do saco que ele levava na mão e eu sorri. A cabeça dele virou-se para o fundo do centro comercial onde tínhamos estacionado o *Corvette* de Kisten. Era óbvio que ele queria me levar depressa para casa mas, quando me viu dobrada pelo cansaço, aproximou-se silenciosamente. Devagar, ergui a cabeça.

— Está... — começou Jenks.

— Estou ótima — menti, desejando afastar a gola alta dos pontos. Jax tinha usado fio dentário, mas ainda assim eles se prendiam no tecido. — O sofá me deixou rígida, mais nada.

Jenks sorriu, sentando-se de pernas cruzadas no banco como se este fosse um cogumelo. Jenks passou a noite anterior no fugão para que nem Ivy nem eu tivéssemos de fazer. Inferno, eu nem sequer queria voltar a andar nele... e talvez tivesse sido também por isso que Ivy apanhou um táxi para o outro lado do estreito quando foram buscar a *pickup* de Nick.

— Eu ia te perguntar se estava com fome e queria um hambúrguer — disse ele, me olhando de lado —, mas prefiro a sua ideia. Também podia participar de uma briga. Para relaxar. Pôr o sangue para circular.

Detestava me sentir fraca. Inspirando, cansada, me endireitei.

— Jenks, senta como um homem. Isso era engraçado quando tinhas dez centímetros de altura, mas agora parece afetado.

Ele pôs os pés no chão imediatamente, os joelhos juntos e uma expressão preocupada. Soprando o cabelo para longe dos olhos, desisti e baixei a gola da camisa. Tinha sido mordida por um vampiro, e depois? Acontecia a muita gente.

— Isso não parece muito melhor — disse eu.

— Bem, como raio é suposto me sentar? — exclamou.

Entrelaçando os dedos por cima da cabeça, me espreguicei cuidadosamente, sentindo os pontos repuxando. A pulseira de Kisten deslizou até ao cotovelo, o seu metal frio contra a minha pele.

— Alguma vez viu o Kisten recostado na cozinha?

Com uma lentidão hesitante que quase podia ser considerada provocadora, Jenks esticou as pernas. Esguio, nos jeans justos, deixou-se deslizar até ficar com o pescoço pousado nas costas do banco. Esticou os braços, pousando-os ao longo da madeira gasta e abriu os pés sugestivamente.

Oh... meu... Deus. Corando, me endireitei.

— Sim — disse, com a voz fraca. — Está melhor.

Cinquenta e quatro filhos. Cinquenta e quatro filhos. E onde estava a tal câmara que ele disse que me ia comprar?

— Me dê um minuto para recuperar o fôlego — disse, espreitando para ele de vez em quando. — Depois, podemos voltar para o carro. Preciso de mais algumas coisas para fazer o feitiço demoníaco, mas estou muito cansada para fazer agora — detestava admitir, mas era bastante óbvio.

Jenks sentou-se com um pequeno gemido, vasculhando um bolso do casaco e retirando do seu interior um guardanapo dobrado.



— Toma — disse ele, me entregando. — A Ivy disse que podia ser suficientemente idiota para sair do motel e que se o fizesse te devia dar isto.

Senti a irritação crescer dentro de mim e desembulhei o guardanapo, descobrindo um dos seus biscoitos de Enxofre.

— Droga, Jenks! — silvei, voltando a dobrar o guardanapo e fitando as pessoas de passagem. — Queres me ver presa?

Jenks sorriu.

— Então, come e livra se das provas. A Sininho é uma prostituta da Disney, Rachel, é pior do que os meus filhos. Precisa disso. É medicinal. Come a porcaria do biscoito.

Senti o seu peso leve na minha mão, pensando que não era tão fácil quanto ele queria fazer parecer. Afinal, só estava ali porque a dose que tinha tomado antes de dormir me fez acordar nervosa. Pelo menos, era a isso que atribuía as culpas. Contudo, me sentia uma porcaria, por isso abri o guardanapo e mordisquei um canto.

A postura de Jenks relaxou logo. Segui o seu olhar para o outro lado da praça apinhada, para as plantas penduradas, descobrindo, por fim, os *pixies*. Estavam escorraçando um beija-flor, me surpreendendo com a sua ferocidade. Ainda era muito cedo para a volta das fadas do México e, com um pouco de prática, os *pixies* talvez conseguissem manter o controle da praça, mesmo depois da sua migração para norte.

O silêncio cresceu enquanto dava mais uma segunda mordida no biscoito de Ivy e o comia, me sentindo culpada. Odiava estar sob o efeito do Enxofre, mas ainda gostava menos de estar de cama. *Tinha que haver outra solução*, pensei. Mas aquilo reduziria a minha fadiga de três semanas a três dias. Não era magia, mas estava perto. Conseguia mesmo sentir a droga a apoderar-se de mim, tornando a pulsação mais rápida e fazendo desaparecer o ligeiro tremor dos meus dedos. Não era de admirar que aquilo fosse ilegal.

Jenks estava em silêncio, observando os viajantes com interesse, enquanto esperava que as minhas forças voltassem. Não tinha um pai com quem conversar e a minha mãe estava muito distante. Jenks era um importante terço da nossa empresa; o que ele pensava era importante. Inspirei, preocupada com o que ele pudesse dizer quando eu lhe revelasse o que é que me levou de fato até ali, fugindo dos meus pensamentos.

Durante a manhã tinha pensado um pouco, dobrada sobre a pia e a olhar de soslaio para o espelho embaçado pela água do banho, enquanto tentava inspecionar os pontos novos e o rosto arranhado. Os cortes eram pequenos e de aspecto inofensivo, nada como os rasgões selvagens que Al me fez — mas me obrigaram a perguntar há quanto tempo andava provocando Ivy para que ela me mordesse —, porque aquilo não tinha saído do nada. Assim, enquanto a água do chuveiro corria, perdendo o seu calor, me deixei ficar sentada na beira da banheira, com uma toalha à minha volta, tremendo e quase doente fisicamente, pensando, ao mesmo tempo, que Ivy tinha razão pelo menos em relação a uma parte. Tudo aquilo que precisava foi de um encontro imediato com a morte para admitir.

Então, talvez eu já *quisesse* que ela me mordesse mesmo antes de ter ido viver com ela. Isso significava que eu necessitava de uma sensação subliminar de medo para me apaixonar. Ninguém era assim tão louco.

— Obrigada por me ajudar — disse, tentando ganhar coragem para dizer o que queria. — Com a Ivy.

Jenks encolheu os ombros. Mudando de posição, endireitou-se e fitou os *pixies* com um interesse profissional.

— Que mais havia de fazer? Virar as costas?

Fitei o biscoito meio comido. Nick talvez o tivesse feito. Nick quase o fez a primeira vez que levei Ivy a tentar me morder. Até eu ter dito não e ela ter insistido. Só nesse momento interveio. Olhando para trás, parecia óbvio que eu estava desejando uma mordida.

— Desculpa — disse, pensando no quão delicada tornei a situação. — Não estava pensando.

Com um fungar rude, Jenks cruzou as pernas.

— Me diga, princesa bruxinha — disse ele. — A Ivy estava lidando com a situação e você decide ficar curiosa, quase a levando a te matar. Que diabo! Quando é que vai parar de ter medo de você mesma?

Dei mais uma mordida no biscoito, desta vez maior.



— Tenho medo — disse, depois de ter me obrigado a engoli, a seco.

— Estamos ótimos — disse Jenks, em voz alta, os olhos ainda fixos nas flores penduradas e, obviamente, sem conhecer a natureza dos meus pensamentos. — Estamos todos bem. A Ivy diz que não vai voltar a te morder. Quando chegarmos em casa, vamos todos ao Piscary comer uma pizza e tudo vai voltar ao normal. Estão mais seguras agora do que na primeira noite que passaram sob o mesmo teto.

Meti na boca o que restava do biscoito envolvendo, nervosa, as migalhas com o guardanapo. Jenks talvez tivesse razão em relação ao fato da Ivy nunca mais iniciar uma mordida entre nós. Mas ela também não iniciou a primeira. Acontece que eu não queria que as coisas voltassem ao normal.

Jenks inclinou-se para olhar para mim.

— Hum, está muito assustada para deixar que ela te morda outra vez, certo?

Deixei o ar escapar por entre os meus lábios, lentamente, e a adrenalina correu através de mim, empurrada pelo medo. Sentia que começava a perceber. *Não precisava do medo para sentir paixão. Não precisava.*

— Que me caguem nas margaridas — suspirou Jenks. — Não está. Rachel...

Assustada, me mexi para pousar os cotovelos nos joelhos, erguendo o guardanapo e semicerrando os olhos como se fosse uma questão de vergonha.

— Estou em problemas — sussurrei. — Ela não me prendeu a ela, mas é como se tivesse feito.

— Rachel... — a sua voz era suave e pensativa, me deixando irritada.

— Me ouve, pode ser? — gritei, depois me deixei cair para trás, semicerrando os olhos por causa do Sol, enquanto fitava o nada. Sentia a garganta apertada e enfiei o guardanapo no bolso.

— Eu... aprendi algo sobre mim. E temo que me mate se o ignorar. É que... Deus! Como pude ser tão cega em relação a eu mesma?

— Pode ser dos feromônios vampíricos — tentou Jenks. — Não se sente necessariamente atraída por mulheres só porque quer dormir com a Ivy.



Os meus olhos se abriram muito e me virei para Jenks, me surpreendendo com o fato dele ainda estar usando o disfarce e só os olhos parecerem seus.

— Não quero dormir com a Ivy! — disse, agitada. — Sou hetero. Eu... — inspirei fundo, temendo admiti-lo em voz alta. — Quero tentar encontrar com ela um equilíbrio de sangue.

— Você o quê? — disse Jenks, de repente, e o meu olhar saltou para as pessoas que nos rodeavam, em uma tentativa de lhe recordar que não estávamos sós. — Ela podia ter te matado! — disse ele, a voz mais baixa, mas não menos intensa.

— Só porque eu lhe pedi que ignorasse os seus sentimentos por mim — perturbada, prendi atrás da orelha uma mecha extraviada. — Só porque permiti que ela me mordesse sem o tampão emocional que ela usa para controlar a sua sede.

Jenks inclinou-se para mais perto, os caracóis brilhando louros sob o Sol, por instantes, quando o amuleto de disfarce oscilou.

— Mas você é hetero — disse ele. — Acabou de dizer que era.

Corando, puxei para mais perto o saco onde estava o *fudge*. A fome apertava o meu estômago — graças ao Enxofre — e procurei a pequena caixa branca.

— Sim — disse, me sentindo desconfortável ao recordar o seu toque gentil, tornando-se mais íntimo quando ela interpretou mal os meus sinais.

— Mas depois do que aconteceu ontem, tornou-se bastante claro que ela *é capaz* de partilhar sangue sem sexo.

O meu olhar saltou para ele, ao mesmo tempo que um arrepio se erguia em mim, imparável, diante da recordação do quão bem soube.

— E quase te matou ao tentar — protestou Jenks. — Rachel, ela ainda está em mau estado e isto é muito, mesmo para você. Ela não é capaz. Você não é física ou mentalmente forte o suficiente para a manter sob controle se ela voltar a perder.

Me dobrei sobre eu mesma, preocupada, escondendo a minha preocupação na tentativa de abrir a caixa fechada com fita adesiva.

— Então, avançamos devagar — disse, puxando inutilmente pelo cartão branco. — Talvez possamos ir avançando até lá chegar.



— Porquê? — questionou Jenks baixinho, a testa franzida de preocupação. — Porquê arriscar?

Diante da tal pergunta, fechei os olhos em um lento pestanejar triste. Raios. Talvez Ivy tivesse razão. Talvez fosse apenas mais uma forma de encher a minha vida de excitação e paixão. Mas, depois, recordei o momento em que as nossas auras se misturaram, o desespero em que a sua alma deslizava e como eu acalmei a sua dor, mesmo que só por um instante.

— Soube bem, Jenks — sussurrei, chocada por descobrir a minha visão turvada pelas lágrimas que ainda não tinham começado a cair. — Não estou falando do êxtase do sangue. Estou falando de ter sido capaz de encher o vazio emocional dela. Conhece-la tão bem como eu, talvez até melhor. Ela sofre. Precisa tanto de ser aceite pelo que é. E eu fui capaz de fazer. Sabe como isso, soube bem? Ser capaz de mostrar a alguém que, sim, essa pessoa merece o nosso sacrifício? Que gostamos dela pelas suas falhas e que a respeitamos por ser capaz de se erguer acima delas.

Jenks me fitava e eu funguei para reprimir as lágrimas.

— Raios — sussurrei, subitamente aterrorizada. — Talvez seja amor.

Estendendo lentamente um braço, Jenks tirou a caixa de *fudge* das minhas mãos. Contorcendo-se para alcançar o bolso, abriu uma faca e cortou a fita adesiva. Ainda em silêncio, me entregou a caixa aberta e guardou a faca.

— Tem certeza em relação a isso? — perguntou, preocupado.

Acenei, cortando um pedaço de *fudge* com a tola faquinha de plástico que tinham colocado dentro da caixa.

— Deus me ajude se estiver errada, mas confio nela. Confio que ela vai descobrir uma forma de tornar isto possível e de não me matar no processo. Quero que isto funcione.

Jenks estremeceu.

— Já considerou que pode se tratar de uma reação automática por causa do Nick? — perguntou. — Não está confiando na Ivy, agora, porque o Nick te machucou e quer confiar em alguém?

Exalei lentamente. Já tinha considerado essa possibilidade, testando e abandonando.

— Não me parece — disse, baixinho.

Jenks encostou-se ao banco, pensativo. Embrenhada nos meus próprios pensamentos, levei à boca um pedaço de *fudge* e deixei que se dissolvesse. Era de *butterscotch*, em homenagem à nova “alergia” de Ivy, mas quase não senti o seu gosto. Em silêncio, entreguei a Jenks a caixa do doce.

— Bem — disse ele, ignorando a faca e partindo um pedaço. — Pelo menos, não o está fazendo devido à sua tão querida necessidade de misturar perigo e paixão. Ou é melhor que não esteja, caso contrário te *pixarei* até ao dia da sua morte por usar a Ivy.

Necessidade tão querida... Senti o pescoço latejar quando me endireitei, me engasgando ao engolir.

— Desculpa?

Jenks olhava para mim, as sobrancelhas erguidas e o Sol brilhando no cabelo enegrecido pelo amuleto de disfarce.

— Faz as coisas mais estranhas para te excitar. A maior parte das pessoas contenta-se com sexo no elevador, mas você não. Não, tem que ter a certeza que é com um vampiro que você está enroscando.

O calor correu através de mim, impelido pela raiva e pelo embaraço. Ivy disse a mesma coisa.

— Não faço nada!

— Rachel — censurou ele, sentando-se de forma que imitasse a minha postura. — Olha para você. É viciada em adrenalina. Não precisa só de perigo na cama, precisa dele para aguentar o seu dia a dia.

— Cala a boca! — gritei, batendo nele com as costas da mão no ombro. — Gosto de aventura, mais nada.

Mas ele riu, os olhos dançando de alegria enquanto arrancava mais um pedaço de *fudge*.

— Aventura? — perguntou, com a boca cheia. — Está constantemente tomando decisões idiotas que meterão você em problemas suficientes para que haja uma possibilidade de que você não consiga se livrar deles. Ser a sua rede de segurança tem sido mais divertido do que todos os anos que passei na SI.

— Não estou nada! — voltei a protestar.

— Olha para você— disse ele, a cabeça inclinada de novo sobre a caixa de *fudge*. — Olha para você agora mesmo. Está meio morta devido à perda de sangue e anda fazendo compras. Estes disfarces são ótimos, mas não são mais do que isso: finos lençóis que talvez se entremontem entre você e os problemas.

— É o Enxofre — protestei, tirando da mão dele a caixa de *fudge* e fechando ela. — Faz com que uma pessoa se sinta indestrutível. Faz com que uma pessoa faça coisas idiotas.

Jenks olhou de relance para a caixa branca e para mim.

— O Enxofre não trouxe você para cá— disse. — Foram os seus padrões recorrentes de más decisões que te trouxeram para cá. Viver em uma igreja com uma vampira, Rachel? Namorar com um cara que invoca demônios? Dar umas cambalhotas com um vampiro? As capas que Kisten usa não significarão nada se ele perder o controle e você sabe disso. Anda brincando com a ideia de ser mordida há um ano, se colocando em situação após situação em que isso poderia acontecer e a primeira vez que consegue arrancar Ivy da influência de Piscary, o que é que faz? Manipula ela para que o faça. É viciada em adrenalina, mas pelo menos ganha dinheiro com isso.

— Hei! — exclamei, baixando a voz quando duas mulheres que iam a passar olharam para nós. — A Ivy também teve alguma influência no que aconteceu ontem.

Jenks encolheu os ombros, esticando as pernas e entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

— Sim. Ela veio até aqui atrás de você. Claro que acho que parte disso talvez fosse o seu conhecimento de que era capaz de aproveitar a oportunidade, depois que ter andado aos saltos no moletom do Kisten. Não foi preciso muito para a convencer ela te morder, não é? Não, estava pronta e à espera e ela sabia.



Maldição, ele estava zombando de mim. De testa franzida, voltei a enfiar o *fudge* no saco, fora do seu alcance. Eu não era assim tão idiota. Eu *não* passava a vida tentando me meter em confusão só para passar um bom momento na cama.

— Há sempre um bom motivo para as coisas que faço — disse irritada. — E as minhas decisões não dependem do que trará mais excitação à minha vida. Mas desde que saí da SI, nunca mais tive a oportunidade de tomar boas decisões... estou sempre tentando me manter viva. Acha que não gostava de ter uma loja de feitiços? Um marido e dois filhos? Uma casa normal, com uma vedação e um cão que cava buracos no quintal do vizinho e afugenta o gato para cima de uma árvore?

O olhar de Jenks estava sereno e calmo, sábio e até um pouco triste. O vento agitou o seu cabelo e o som dos *pixies* tornou-se óbvio.

— Não — disse. — Não acho. — Fitei ele de olhos muito abertos e ele acrescentou. — Acho que te mataria mais depressa do que uma visita ao Piscary com uma fita de renda à volta do pescoço. Acho que tentar encontrar um equilíbrio de sangue com a Ivy será a única forma de conseguir sobreviver. Além disso... — sorriu, endiabrado. — ...ninguém a não ser a Ivy está disposto a lidar com as suas necessidades ou a aturar as suas besteiras.

— Muito obrigadinha — murmurei, deslizando no banco, os braços cruzados por cima do peito. Deprimida, fitei os *pixies*, voltando a olhar para eles, com mais atenção, quando percebi que tinham matado o beija-flor e estavam a recolher as suas penas. *Raios, os pixies eram diabólicos quando ameaçados.* — Não é assim tão difícil viver comigo.

Jenks riu, alto, e eu olhei para ele, atraída pelo som diferente.

— Então, e o que dizer do fato de estar se preparando para exigir que você seja permitida dormir com quem quiser, enquanto partilham sangue, sabendo bem que a Ivy preferiria que dormisses com ela? — perguntou.

— Cala a boca — disse, envergonhada pelo fato de esse ser um dos itens na lista de coisas que queria falar com Ivy. — Ela sabe que nunca vou dormir com ela.

O homem que ia passar por nós virou-se, depois sussurrou qualquer coisa à namorada que, em seguida, me fitou também. Sorri para eles, feliz por estar usando um disfarce.

— É preciso uma pessoa extremamente forte para virar as costas a alguém que ama — disse Jenks, erguendo dois dedos como se estivesse fazendo uma lista. — Em especial, sabendo que podem fazer algo idiota, como ir às compras quando o hemograma apresenta resultados tão fracos que ela devia estar no hospital. Devia dar-lhe algum crédito pelo respeito que ela tem por você.

— Hei — exclamei, irritada. — Você disse que ela não ia se importar.

Sorrindo, deslizou alguns centímetros.

— Na verdade, disse que o que ela não sabe, não pode machucar você — ergueu um terceiro dedo. — Deixa as janelas abertas quando o aquecimento está ligado.

Uma família com três filhos passou, as crianças como degraus de uma escada e cheios de vida ruidosa. Observei enquanto passavam, pensando que eles eram o futuro pelo qual eu tanto trabalhava e que me estava virar as costas e deixar para trás. *Qual era o problema?*

— Gosto do ar fresco — protestei, pegando nas minhas coisas. Era hora de irmos.

— Também é chorona — disse Jenks. — Nunca vi *ninguém* tão patético como você quando está doente. “Onde está o meu amuleto contra as dores? Onde está o meu café?” Deus do céu, pensei que eu era mau.

Me levantei, me sentindo revigorada graças ao Enxofre. Era uma falsa força mas não deixava de ser uma força.

— Baixa os dedos, Jenks, ou vou partir eles e enfiá-los em um lugar que eu bem sei.

Jenks também se levantou, endireitando o casaco de aviador.

— Leva para casa familiares de demônios. “Oh, não é querida?” — disse em um falsete agudo. — “Podemos ficar com ela?”

Puxei a bolsa mais para cima, sobre o ombro, sentindo o peso confortável da arma de bolas explosivas no seu interior.

— Está dizendo que devia ter deixado que o Al matasse a Ceri? — disse, secamente.

Rindo, Jenks reuniu os vários sacos, reduzindo-os a dois.

— Não. Estou dizendo que é preciso uma pessoa muito forte para permitir que *você* seja *você*. Não consigo pensar em ninguém melhor do que a Ivy.



Deixei escapar a respiração em um sopro ruidoso.

— Bem, fico contente por termos a sua bênção.

Jenks fungou, o seu olhar erguendo-se sobre as cabeças dos turistas, até à arcada e ao estacionamento onde se encontrava o carro.

— Sim, tem a minha bênção e também o meu aviso.

Olhei para ele, mas ele não estava me dando qualquer atenção, analisando a área, agora que estávamos de novo em movimento.

— Se acha que viver com a Ivy e tentar não ser mordida era difícil, espera até tentar viver com ela enquanto procuram um bom equilíbrio de sangue. Não é um caminho mais fácil, Rachel — disse ele, o olhar distante, sem se perceber da preocupação que estava gerando em mim. — É mais difícil. E vai sofrer o tempo todo.



CAPÍTULO 25

O vento agitava as bandeiras decorativas na arcada para estacionamento e eu pestanejei, fitando-as fascinada. Tinha em uma mão o resto de um hambúrguer e na outra uma bebida com gás. Jenks tinha insistido para que eu ingerisse proteína rica em ferro para empurrar o Enxofre, mas eu desconfiava que não passava de uma desculpa para me arranjar uma bebida na qual colocou ainda mais Enxofre. Por que outro motivo poderia estar me sentindo assim tão bem quando a minha vida estava na valeta? E eu estava a me sentir bastante bem, como se um peso tivesse sido erguido dos meus ombros e o Sol tivesse começado a brilhar.

Ivy regressaria em breve e, embora eu tivesse feito passar por durona ao sair, me parecia prudente voltar antes que ela soubesse que eu o tinha feito. A acreditar nela e em Jenks, eu organizava a minha vida de forma que a tornasse tão horrenda quanto possível para depois me divertir na cama, mas ter Ivy furiosa comigo talvez se revelasse muito, até mesmo para mim, naquele momento.

— Que horas são? — perguntei, semicerrando os olhos na brisa fresca e procurando o carro. As pessoas, perturbadas pelo nosso passo lento, nos ultrapassavam, mas eu estava apreciando o vento e a vista do estreito.

Jenks riu, sendo óbvio que tinha calculado a direção que os meus pensamentos tinham tomado. Chutou uma garrafa de *Mountain Dew* de meio litro e estremeceu durante uns bons trinta segundos, nervoso e de olhos brilhantes, fazendo com que me perguntasse qual de nós seria uma melhor aposta para conduzir o carro. Equilibrando os sacos, olhou para o pulso, sorrindo.

— Quatro e quarenta e seis — disse. — Desta vez, só falhei por um minuto.

— Quando estiver habituado estaremos a caminho de casa — disse, recomeçando a andar. — Quando é que arranjou um relógio?

— Ontem, com o Jax — respondeu, esticando-se para conseguir ver o parque de campismo por cima da cabeça das pessoas que nos rodeavam.

— Também comprei uma câmara para você e a faca para mim. Não gosto de ser assim grande.

Eu não ia lhe dizer que era ilegal andar com uma faca escondida. Além disso, ele era um *pixy*. A lei não se aplicava. Sorri ao ver a forma como o Sol brilhava no seu cabelo, mesmo quando estava preto.

— Os grandes lobos maus — disse, depois bebi mais um gole, cambaleando na calçada quando chegámos ao seu limite. — Vamos soprar até deitar a casa deles abaixo.

Com movimentos quase impercetíveis, Jenks tirou a minha bebida da mão e jogou no lixo mais próximo.

— Tudo bem?

— Oh, sim — disse eu, entusiasmada. Entreguei o que restava do hambúrguer, que ele também jogou fora. — Devia saber. Não para de pôr coisas na comida.

Me dirigindo um olhar de soslaio, Jenks me tomou galantemente o braço. Deixei escapar um risinho diante da sua ajuda e fiquei chocada. Maldição, aquilo não era justo. Se me viciassem em Enxofre, ia ficar muito fodida... se conseguisse recordar me porque é que estava zangada com eles, claro.

Ainda rindo, ergui a cabeça, gelando com um pulsar de medo. Encostados ao *Corvette* de Kisten estavam Brett e Walter Vincent, o primeiro fitava os rostos das pessoas que saíam do centro comercial, o segundo fazia o mesmo, mas com uma intensidade

assassina. Compreendi imediatamente o que tinha acontecido e agradei a Deus por não nos encontrarmos no motel, encurralados em um pequeno quarto fechado. Jenks e eu estávamos disfarçados, mas eles tinham descoberto o carro de Kisten; o mais certo era que cheirasse a *pixy*, dado que Jenks o tinha conduzido no dia anterior. Tinham nos descoberto.

— Oh, merda — sussurrei, me apoiando no braço de Jenks. Com uma velocidade espantosa, tinha passado de exuberante para em pânico, com o Enxofre a apoderar-se do meu estado de espírito. — Você tem alguma coisa mais letal do que essa faca? — perguntei.

— Não. Porquê? — O seu avanço quase não suavizou, quando ele ergueu os olhos dos meus pés. — Oh — disse ele, baixinho, os dedos me apertando mais o braço por um instante. — Tudo bem.

Não fiquei surpreendida quando ele virou, abruptamente, e nos conduziu de volta ao centro comercial. Aproximando-se mais, Jenks lançou sobre mim o aroma dos campos secos.

— Os nossos disfarces estão funcionando — sussurrou. — Finge que nos esquecemos de qualquer coisa e que temos que ir buscar.

Dei por mim acenando, fitando os rostos satisfeitos que me rodeavam, procurando qualquer sinal de raiva nas pessoas de férias. A minha pulsação corria veloz e a minha pele formigava. Pam estava morta; viriam atrás de mim, quanto mais não fosse por isso. Os animalomens eram tímidos, com exceção do alfa e dos primeiros na hierarquia logo seguindo a ele e, como o círculo tinha sido quebrado, se manteriam afastados e a nossa disputa permaneceria privada. Ficaríamos bem desde que não nos metêssemos em um beco sem saída. E em Mackinaw City, não havia muitos.

— Vou ligar para a Ivy — disse, puxando a bolsa para a frente e abrindo-a.

Com o corpo tenso, Jenks me parou e me encostou a uma parede de tijolo, colocando-se parcialmente à minha frente. Era uma loja de doces — o que não era uma grande surpresa — e o meu estômago roncou enquanto eu carregava no botão de discagem rápida.

— Vá lá, vá lá — me lamurieei enquanto esperava pela ligação.

Ouvi o estalo da chamada sendo atendida e a voz de Ivy chegou até mim.

— Rachel?

— Sim, sou eu — disse, os ombros relaxando de alívio. — Onde está?

— Na ponte, a caminho de volta. Porquê? — ela hesitou e eu ouvi o som único da *pickup* de Nick. — Porque é que estou ouvindo pessoas? — acrescentou, desconfiada.

Jenks encolheu-se e eu semicerrei os olhos por causa do Sol, recuando até o piso superior lançar a sua sombra sobre mim.

— Hum, eu e o Jenks saímos em uma missão de aquisição.

— Foram às compras? — gritou ela. — Rachel! Inferno, será que não pode ficar quieta durante algumas horas?

Pensei no Enxofre que corria louco através de mim, concluindo que não, não conseguia.

Jenks pôs a cabeça para trás e eu segui o seu olhar até um casal de turistas vestidos elegantemente. Tinham sacos de compras, mas pareciam um pouco atentos demais. Virando lhes as costas, Jenks colocou-se de forma que não conseguissem me ver. *Porra, isto estava ficando complicado.* A minha pulsação acelerou e eu curvei-me sobre o telefone.

— Ouve, estive a pensar e tens razão — espreitei em redor de Jenks, depois me encostei de novo. — Quanto tempo demora para chegar ao centro comercial a céu aberto?

— Estive pensando? — disse Ivy baixinho, soando vulnerável.

Jenks percorreu a praça com os olhos.

— Tiquetaque, Rachel.

Ansiosa, devolvi a atenção ao telefone.

— Sim. Preciso começar a tomar decisões mais inteligentes. Mas estamos no centro comercial e o Brett e o Walter estão encostados ao carro — a sensação agradável que o Enxofre que tinha instalado em mim, se transformou em medo e eu tentei travar o pânico crescente. O Enxofre era, no fundo, um intensificador. Se estava feliz, estava-se mesmo feliz. Se estava triste, ficava-se suicida. Neste momento, estava aterrorizada. Até passar o efeito ia estar em uma montanha-russa de emoções. *Maldição, não tinha tempo para isto!*

Ivy rosnou qualquer coisa a Nick e ouvi o som de uma buzina.

— Quantos? — perguntou ela, com a voz tensa.

Olhei além de Jenks, vendo as flores iluminadas pelo Sol e as vitrines alegres.

— Até agora, quatro, mas eles têm telefones. Estamos disfarçados, por isso o mais certo é que não percebam que somos nós.

Tem calma, Rachel, disse a eu mesma, tentando usar a droga a meu favor. *Pensa*.

— Eu sabia que isto ia acontecer. Eu sabia! — gritou Ivy.

— Bem, prefiro me cruzar com eles aqui do que no motel — disse, tentando teimosamente transformar as emoções de medo em invencibilidade. Não estava funcionando, continuava assustada.

— A ponte continua a só ter uma faixa para cada lado — rosnou Ivy. — Não consigo ultrapassar este cara. Passa o telefone ao Jenks. Quero falar com ele.

Jenks empalideceu e abanou a cabeça.

— Jenks! — exclamou ela. — Sei que pode me ouvir. Não posso acreditar que tenhas deixado que ela te convencesse a fazer isso. Eu disse-te que ela ia precisar, pelo menos, de mais uma virada de Enxofre, antes de poder trabalhar na cozinha, quanto mais sair!

— Não estou assim tão fraca — retruquei, indignada, mas Jenks adiantou-se, tirou o telefone da minha mão, segurando-o de forma que ambos pudéssemos ouvir.

— Ela comeu a última bolacha, Ivy — disse ele, obviamente ofendido. — E acabei de lhe dar mais uma dose dessa coisa. Está com o depósito cheio. Não sou idiota.

— Eu sabia! — disse, olhando de relance para as pessoas que passavam por nós, do outro lado de Jenks. — Colocou qualquer coisa na bebida!

Seguiu-se um breve silêncio e Ivy disse baixinho.

— Foi comprar mais Enxofre?

Os olhos de Jenks se fixaram nos meus.

— Sim. E não se preocupe. Paguei em dinheiro. Não ficou no cartão.

— Onde é que foi buscar o dinheiro, Jenks? — perguntou Ivy, a ameaça clara na sua voz.



— Não foi assim tão caro — disse ele, mas percebi pelo seu súbito ar preocupado que começava a acreditar ter feito algo de errado.

— Seu idiota! — disse Ivy. — Tira ela daí! Comprou produto de rua, *pixy* idiota! Ela está nas nuvens!

A boca de Jenks mexeu-se, mas não emitiu qualquer som.

— Hum, Ivy? — gemeu. — Temos de ir.

— Não desligue! — gritou ela. — Passa à Rachel. Jenks, passa o telefone à Rachel!

Jenks preparava-se para desligar a chamada, mas eu arranquei o telefone das mãos. Estava sob o efeito de Enxofre de rua? Maravilha. Uma verdadeira maravilha. Pensei que estava me afetando com um pouco mais de força. Conseguia ouvir Ivy a contar a Nick, apanhando as palavras “invencível” e “a ver se se mata”. Jenks virou-se para analisar a zona, a sua postura tensa e o olhar culpado.

— Hei, Ivy — disse eu, o meu estado de espírito saltando rapidamente para a raiva.

— A próxima vez que você e o Jenks quiserem brincar de médicos, podem enfiar o Enxofre pelo traseiro acima, está bem? Os dois. Não sou a boneca de vocês, porra.

— Estou a caminho — disse Ivy, me ignorando. — Rachel se limite a... sentar em qualquer lado. Consegue fazer isso? Eu te tiro daí.

Me encostei à parede de tijolo, sentindo todas as saliências contra a camisa.

— Demora o tempo que quiser — disse, irreverente, aborrecida e irritada ao mesmo tempo. A adrenalina corria e o Enxofre me provocava um formigamento na pele. — Eu e o Jenks vamos recorrer ao plano B.

— Plano B? — perguntou Ivy. — Qual é o plano B?

Jenks ficou vermelho.

— Agarrar no peixe e correr como o inferno — murmurou ele e eu quase ri.

— Vamos sair daqui — disse, concluindo que preferia me sentir invencível do que assustada — e apanhar o elétrico de volta ao hotel. E se alguém tentar me parar, leva um pontapé... na... bunda.

— Rachel — disse Ivy lentamente —, é o Enxofre. Não está pensando. Fica quieta!

Os meus olhos semicerraram-se.



— Posso cuidar de mim — disse, começando a me sentir-me bem o bastante. Não era o Enxofre. Não, eu vivia pela excitação! Tomava decisões tendo em conta o que fodia mais a minha vida! Eu era uma bruxa idiota, fodida e louca, que tinha que misturar o perigo com a sua vida sexual para se excitar e ia viver uma vida muito curta e entusiasmante. Me preparei para desligar a chamada, depois hesitei. — Hei, quer que mantenha o telefone ligado?

— Sim — disse ela, baixinho. — Não. Sim.

Fiquei séria diante da perturbação na sua voz.

— Tudo bem.

O sangue formigava através de mim e guardei o telefone na bolsa de prender na cintura, de pernas para o ar, para que o microfone ficasse exposto, não abafado pelos jeans. Olhei para Jenks, vendo a sua preocupação e tensão.

— Então? — perguntei, me afastando da parede. — O que é que você acha?

— Acho que a Ivy vai me matar — sussurrou. — Rachel. Desculpa. Não sabia.

Inspirei, exalando em seguida, longa e lentamente. Estava feito. Quanto muito, tinha que lhe agradecer; estava de pé e andando; seria capaz de correr ainda que, mais tarde, tivesse que pagar por isso.

— Não se preocupe — disse, tocando lhe no ombro. — Mas para de tomar decisões por mim, tudo bem?

Os meus olhos caíram no banco onde tínhamos estado sentados. Fiquei de boca seca e tentei engolir. Brett estava de pé, ao lado dele, os braços cruzados e os olhos fixos em mim. Estava sorrindo. Para mim.

— Merda — murmurei. — Jenks, eles sabem que somos nós.

Jenks acenou, o rosto jovem assumindo uma expressão séria.

— Apareceu há alguns minutos. Estão outros seis perto da saída atrás de nós e quatro na curva do outro lado.

— E deixou que continuasse falando com a Ivy? — disse, incrédula.

Um encolher de ombros agitou-o.

— São animalomens. Não vão fazer uma cena.



Normalmente, teria concordado com ele. Com o coração batendo, olhei de relance para os seis animalomens perto da saída. Tinham imensas joias e vestiam roupas coloridas, o que significava que eram da matilha de rua. Erguendo a minha segunda visão, senti que o último resto de coragem se desvanecia. As suas auras estavam de novo envoltas em marrom. Como é que Walter conseguiu voltar a uni-los daquela forma?

— Hum, Jenks? — disse, sabendo que Ivy estava ouvindo. — Estão unidos em um círculo. Não vão ficar quietos. Temos que partir antes que cheguem os restantes.

Jenks olhou para mim, para os animalomens e de novo para mim. O seu olhar saltou para o telhado. Provavelmente, desejava ser capaz de voar.

— Só há um piso de lojas — disse, de súbito. — Vamos.

Me agarrando pelo braço, me puxou para o interior da loja de *fudge*.

Tropeçando, segui ele, inalando profundamente o rico perfume do chocolate. Havia uma pequena fila ao balcão, mas Jenks avançou até à frente, no meio de um coro de protestos indignados.

— Desculpe. Com licença — disse, ultrapassando a barreira entre a frente da loja e os fundos.

— Hei! — exclamou uma mulher grande, o avental preso com o cuidado de um uniforme. — Não podem vir aqui a trás.

— Estamos só de passagem! — disse Jenks, alegremente. Os sacos que segurava abanaram e, largando o meu braço por um instante, mergulhou um dedo em uma poça de *fudge* esfriando em cima de uma mesa de mármore. — Precisa de mais amêndoa — disse, provando-o. — E está cozinhando meio grau a mais.

A boca da mulher abriu-se, em sinal de surpresa, e ele passou por ela, entrando na cozinha.

— Ali — disse, e os olhos de Jenks saltaram para a porta dos fundos, rodeada de caixas empilhadas. A porta de segurança estava aberta para permitir que o ar quente saísse através da porta de rede de aspecto banal. Para lá dela, encontravam-se os carros dos empregados, estacionados em uma viela de mau aspecto e, para lá dela, a estrada principal. Ao longe, o estreito cintilava, parecendo tão grande como um lago.

— Pronta? — perguntou Jenks.

Saquei a arma de bolas explosivas da bolsa.

— Sim. Vamos.

— O que diabo vocês estão fazendo aqui? — perguntou uma voz masculina.

Me virei e os olhos do homem se abriram diante da minha arma vermelho-cereja, assumindo de seguida uma expressão furiosa. — Isto é o meu negócio! — gritou. — Não é um estádio de *paintball*! Saiam! Saiam!

— Desculpe — balbuciei, depois corri para a porta, quando ele avançou de braços esticados. Jenks e eu mergulhámos através dela, deslizando para a viela em uma corrente de adrenalina. O estrondo da porta pesada se fechando correu através de mim.

— Oh, olha, Jenks — disse, enquanto abrandávamos para nos situarmos. — Um beco sem saída.

O vento estava frio, soprando para cima e contra os fundos da loja e, com o sangue zumbindo e os passos rápidos, me lancei para a rua e o passeio estalado. Os animalomens iam demorar algum tempo para descobrir o caminho que lhes permitiria contornar a loja, a não ser que passassem através da loja de *fudge*. Mas não pensei que fossem fazer isso. Como os seus supostos parentes afastados e selvagens, os animalomens não eram agressivos a menos que estivessem defendendo os seus. Mas estavam unidos em um círculo, por isso quem sabe o que fariam.

— Ivy — disse, sem fôlego, enquanto corríamos para a estrada, sabendo que ela seria capaz de me ouvir. — Estamos no exterior, entre o centro comercial e o... Merda! — explodi, deslizando até parar, quando, o som do cascalho sendo pisado, um trio de animalomens escorregou dobrando a esquina.

Vestiam calças caqui e poios a combinando, o que fazia com que parecessem estar de uniforme. Pior ainda, um deles deixou cair um saco de ginásio e, depois de tê-lo aberto, começou a lançar aos companheiros armas de aspecto feroz. Parei, gelada. Estavam doidos? Aquilo era muito mais do que uma demonstração pública de força. Droga, nem os vampiros faziam aquilo! Pelo menos, não em plena luz do dia e na rua, onde qualquer humano que passasse poderia vê-los.

Alguém engatilhou a arma e Jenks me puxou para trás. Ainda estava de boca aberta quando caí contra um carro quatro portas enferrujado pelo sal, a parte da frente repleta de sacos amassados de *fastfood*.

Brett contornou a esquina, os passos rápidos e os olhos saltando para todos os lados. Me vendo, sorriu.

— Já os apanhámos, senhor — disse, para o microfone pendurado no ouvido, suavizando para parar atrás de três animalomens de postura agressiva. — Atrás da loja de *fudge*. Está tudo terminado, só falta uivar.

Com o coração batendo violentamente, olhei para a estrada e o trânsito casual. A recordação de descobrir Nick preso à parede ergueu-se do meu subconsciente. Um arrepio purgou tudo de mim, com exceção de uma feroz determinação. Não tinha forças suficientes para sobreviver a tal coisa. Não podia permitir que me levassem.

— Quer que eu erga um círculo e espere pela Ivy, ou quer abrir caminho e fugir, Jenks? — perguntei, agarrando com maior firmeza a arma de bolas explosivas.

Com um deslizar metálico, Jenks puxou uma barra de metal oca do lixo mais próximo, agitando ela algumas vezes. Os três animalomens armados assumiram uma posição ainda mais agressiva.

— Acha que precisamos da Ivy? — perguntou Jenks.

— Só estava confirmando — respondi, depois me virei para os animalomens, sentindo os braços tremendo. — Porém. Como se fossem disparar contra nós? — provoquei. — Se morrermos, não poderão nos espantar até revelarmos a localização do Nick.

Brett cerrou o maxilar. Do outro lado, outros três animalomens saltaram para o nosso campo visual, o que somava sete. Tinha catorze poções “hora de dormir”. Tinha que agir e agir depressa.

— Nos domine — disse Brett, os olhos semicerrados por causa do Sol. Irritado, arrancou a arma ao homem mais próximo. — Usem os punhos. São mais do que eles e não quero que chamem a SI por terem sido disparados tiros.

A adrenalina explodiu, fazendo com que me sentisse fraca, não forte. Ao meu lado, Jenks gritou, depois saltou para frente. Metade dos animalomens correram na sua direção, a sua velocidade e ferocidade chocantes.

Fui atingida pelo pânico. Apontando, derrubei um com encantamento. Depois outro. Queria ajudar Jenks, mas eles estavam atacando muito depressa. Um passou por ele e eu arquejei, me deixando cair sobre um joelho.

— Hoje não, seu filho de uma cadela! — exclamei, dando-lhe um tiro. Ele deslizou e caiu a pouco menos de um metro de mim. Apontei a arma ao seguinte. Conseguiu avançar mais três passos do que o outro. — Jenks! Retirar! — gritei, recuando, enquanto a arma fazia *puf-puf-puf*.

Caíram outros três. Frenética, afastei o cabelo do rosto. Estavam ali muito mais do que sete animalomens. Tinha derrubado pelo menos outros tantos. Onde raio estava Ivy?

— Rachel! — gritou Jenks, em sinal de aviso. — Atrás de você!

Girei. Um animalomem vestido de couro corria na minha direção. Atrás dele, a porta da cozinha estava escancarada e repleta de animalomens de ar rude em roupas de rua.

Cambaleei para trás. Tinham atravessado a loja? Maldição! Temia que fizessem isso. Não estavam agindo normalmente!

— Rachel! — Jenks voltou a gritar, quando o animalomem sorriu, mostrando os seus lindos dentes e fechou os dedos manchados de óleo ao redor do meu pulso. Grande erro.

Rosnando, contorci o braço, para agarrar no espesso pulso dele. Ergui o pé direito e enfiei-lhe o tênis nos rins. Me virando para o outro lado usei o seu próprio peso para lança-lo ao chão, ao mesmo tempo que eu caía sobre um joelho, puxando o seu cotovelo de forma que batesse com ele no joelho que mantive erguido, dobrando-o ao contrário e fazendo-o partir. Ele gemeu quando o cotovelo se estilhaçou.

Bufando de satisfação, larguei-o e me levantei. *Onde raios estava a minha arma de bolas explosivas?*

Vendo ela sozinha, no chão, corri para ela.



— Hei! — gritei, quando um pé foi puxado de debaixo de mim.

Agitando os braços para coloca-los entre o meu rosto e o chão que se aproximava, bati contra o concreto. Chocada, me torci para descobrir que o animalomem que tinha derrubado não se estava se contorcendo de dor e segurando o braço partido, mas antes o estava usando!

— Maldito sacana! — gritei, arremecendo um pontapé no rosto dele. — Me larga!

Mas ele não o fez, continuando me agarrando com as mãos sujas. O pânico deslizou sobre mim quando compreendi que estavam usando todo o potencial do círculo e que alguém estava bloqueando a sua dor. Ele ignorou por completo o nariz quebrado e eu voltei a chuta-lo. O sangue jorrou e ele me largou finalmente, mas não antes de ter prendido uma daquelas malditas abraçadeiras ao redor do pé.

— Sacana miserável! — gritei, lutando para agarrar a arma e lhe dei um tiro no rosto. Furiosa, me virei para os dois animalomens que o seguiam e disparei também sobre eles.

Caíram os três e tremendo, me ergui, mantendo outros três ao longe, os braços tremendo enquanto fazia a mira saltar de um para outro.

— Jenks! — gritei e, de súbito, ele estava atrás de mim. Bruxa idiota, idiota. Até tirar aquela porcaria, não seria capaz de erguer um círculo. Tudo o que tinha eram os quatro encantamentos na arma e Jenks, cujas costas faziam pressão contra as minhas.

Podia sentir o cheiro do suor dele, me fazendo recordar o perfume dos prados. Tinha perdido o amuleto de disfarce, a certa altura, e os seus caracóis louros estavam despenteados. O corte na testa sangrava de novo e o vermelho manchava as suas mãos. O meu rosto ficou pálido quando percebi que não era dele, mas dos cinco animalomens que ele espancou até á inconsciência com aquele tubo.

Brett erguia-se com Walter, atrás de dois animalomens militares, as armas engatilhadas e prontas a disparar contra nós se não nos conseguissem subjugar de outra forma. Para lá deles, o trânsito fluía e os espectadores curiosos eram acalmados por animalomens de ar profissional, vestidos de terno e gravata, que, provavelmente, lhes explicavam que se tratava da rodagem de um filme ou algo semelhante. Atrás de nós, os

animalomens de rua esperavam, mantendo-se afastados, mas prontos para atacar se alguém emitisse a ordem.

Engoli em seco. Com a força de quatro alfas nas mãos, Walter tinha levado eles a um pico de agressividade e, sem sentirem dor, não havia nada que os pudesse parar. A simples ideia de se apoderarem da estátua tinha sido suficiente para fazê-los reagrupar.

Incrível, pensei, apertando a arma de bolas explosivas, enquanto tentava perceber como é que quatro feitiços iam nos ajudar. O que aconteceria caso colocassem efetivamente as mãos na estátua era um pesadelo à espera de se tornar realidade. Todos os animalomens iam querer um pouco da sua força. Os alfas afluíam e, em breve, todas as principais cidades se envolveriam em pequenas guerras territoriais, quando os vampiros comessem atacá-los, depois de concluírem que não gostavam de animalomens agressivos que não sentiam dor e podiam se transformar tão depressa como se estivessem usando magia. Com a estátua por trás, o círculo jamais se quebraria.

Não era de admirar que os vampiros tivessem escondido aquela coisa horrorosa.

— Jenks — arquejei, sabendo que Ivy me podia ouvir. — Me prenderam a uma daquelas malditas abraçadeiras. Não posso erguer um círculo para mantê-los longe. Não podemos permitir que coloquem a mão na estátua. E não sou suficientemente forte para manter a boca fechada se me apanharem.

Jenks olhou de relance para mim, depois afastou o olhar. Apertou o tubo ensanguentado com mais força.

— Alguma ideia?

— Não — arquejei, movendo os pés. — A menos que os consiga mantê-los afastados tempo suficiente para arrancar esta maldita abraçadeira do pé.

Jenks sacou da faca, me entregando. Estava manchada de sangue e me senti doente.

— Eu mantenho eles longe de você — disse, o rosto ficando negro.

Devolvi a faca, sabendo que ele seria mais eficaz com ela do que eu.

— São feitas para serem resistentes. Vai ser preciso um alicate.

Jenks passou o seu equilíbrio para os dedos dos pés.

— Então, lutamos até a Ivy chegar.

— Sim — concordei, sentindo o medo instalar-se no fundo de mim. Aquilo estava mau. Aquilo estava mesmo mau.

O meu olhar saltou para Brett, que deslizava os pés sobre o chão. Walter se juntou a ele, com um brilho selvagem nos olhos, nascido da dor. Atrás de mim, erguia-se o som dos animalomens do gangue de rua a puxar as correntes que lhes envolviam a cintura e o estalar das facas sendo abertas.

O diabo com tudo aquilo e que se foda. Não queria morrer assim.

— Minha senhora? — disse Brett, com a sua pronúncia arrastada, chamando a minha atenção para ele. — Pouparia muito trabalho todos se entregasse a sua arma e viesse conosco.

— Trabalho? — gritei, libertando parte da frustração que mantive escondida. — A quem? — O meu olhar percorreu os animalomens. Continuavam chegando, nos rodeando. Agora, se encontravam ali cinco alfas. Os animalomens da gangue de rua estavam atrás de nós, os animalomens de aspecto militar à frente e os animalomens possuidores de cartões de crédito mantinham-se ao longe, se assegurando de que tudo estava calmo e que os peões continuavam circulando.

Senti o estômago apertado quando compreendi que três dos animalomens atrás do container do lixo não estavam feridos, mas se transformando. Estavam se transformando em plena luz do dia. Em uma rua pública. Determinados a me fazer em farrapos. E estavam fazendo muito depressa.

— Minha senhora — voltou a tentar Brett, fazendo o papel de bom polícia ou ganhando tempo para os animalomens se transformarem. — Largue a arma e venha na minha direção.

— Vai para o inferno, Brett — disse, em tom pavoroso. — Já vi como tratam os seus convidados. Agora, já sei o que é e vocês não vão lhe colocar a mão. Além disso, isto não é uma arma, é uma *pistola*!

Furiosa e assustada, apontei para ele e disparei.

Uma mancha se colocou entre nós. Um dos seus homens levou o tiro em vez dele. O animalomem caiu no chão e deslizou até parar, paralisado antes de ter caído ao chão. Brett



pareceu chocado com o fato de eu ter realmente disparado contra ele e eu encolhi os ombros. Ao longe, pessoas idiotas que passavam batiam palmas. Não conseguia acreditar naquilo. Ia ser feita em pedaços ao som de aplausos.

Brett olhou de relance para eles, depois franziu a sobrancelha.

— Dê-lhe um tiro — disse, baixinho. — Mas acertem em uma perna.

— Boa, Rachel — murmurou Jenks.

Ouvi o som das patilhas de segurança sendo destravadas. Me virei. Me restavam três encantamentos e eu queria pôr aqueles idiotas de quatro patas para dormir antes que acabassem de vestir as suas roupas de lobo. Ignorando o caos, coloquei eles calmamente para dormir.

Os animalomens da gangue, que os rodeavam, explodiram de raiva. Recuei quando eles me atacaram.

— Não! — gritou Brett, o rosto vermelho enquanto gesticulava. — Saiam do caminho.

Jenks era um borrão em movimento, o som do tubo chocando com os corpos me deixou maldisposta. O repicar ocasional, de metal contra metal, ressoava quando alguém lançava uma corrente para a confusão. O meu primeiro pensamento foi que íamos morrer, mas isso deu lugar a um alívio irônico. Enquanto os animalomens da gangue de rua nos rodeassem, a facção militar não podia disparar.

Um dos animalomens rompeu através das defesas de Jenks e eu saltei para a frente. Agarrando o braço peludo que alguém, convenientemente, me emprestava, torci e empurrei. O animalomem cambaleou para longe, uivando de dor diante do ombro deslocado. Um sorriso maldoso abriu-se no meu rosto. Ele sentiu aquilo. A união estava se quebrando. Estavam agindo de forma independente e o círculo estava se desfazendo!

Um estalo sonoro ressoou através de mim e eu saltei. Estavam disparando, mesmo assim!

Um disparo mais próximo me fez girar. Os animalomens recuaram, a sua agressividade diminuindo à medida que as matilhas iam se separando. Com o coração na garganta, vi Jenks, de arma apontada ao céu e uma expressão selvagem estampada no



rosto. A facção militar, mais disciplinada, mantinha-se firme, mas os animalomens da gangue entraram em pânico. Em um instante, tinham desaparecido, passando correndo por Jenks e por mim, arrastando com eles os companheiros caídos, estivessem envoltos em pelo, couro ou poliéster.

— Mantenham-se juntos! — gritou Walter atrás de uma fila de homens, mas era tarde demais. — Malditos sejam! — praguejou. — Mantenham-se juntos! Ele não vai disparar contra vocês!

Tênue no ar frio de primavera, erguia-se o som de sirenes.

— Pelo diafragma da Sininho, já não era sem tempo — praguejou Jenks.

Os animalomens que ainda se encontravam ali também ouviram e começaram a trocar olhares enquanto arquejavam. A multidão que observava começou a dispersar, os passos rápidos e os rostos pálidos quando compreenderam que havia sangue de verdade no chão.

— Sabem quem eu sou? — gritou Jenks, coberto de sangue, mas invencível. — O meu nome é Jenks! — Suspirou, sorrindo. — Bu!

Vários dos animalomens bem vestidos saltaram e alguns dos animalomens militares tocaram nas tatuagens como se procurassem sorte ou força.

Walter avançou para frente.

— Mantenham-se juntos! — gritou, enquanto o controle sobre a segunda matilha desaparecia. — Me juraram fidelidade. Juraram, maldição!

O macho alfa de terno dirigiu-lhe um olhar sinistro. Não dizendo mais uma palavra, virou costas e afastou-se. A esposa deslizou o braço no dele, agarrando em um gesto quase impercetível um saco de compras e avançando para a saída da viela larga. Já não havia ninguém assistindo e eles desapareceram imediatamente por entre os turistas em movimento.

Arquejando e arfando, observei incrédula, enquanto o anel de animalomens de colarinho branco dispersava. Sorri docemente para Walter, tomando o peso da minha arma de bolas explosivas. Estava vazia, mas ele não sabia. As sirenes aproximaram-se. Se tivessem mantido unidos durante mais cinco minutos teriam nos apanhado. Não tinham



sido as sirenes, tinha sido a sua incapacidade de se manterem unidos. Sem a estátua, não conseguiam manter-se juntos quando as coisas se complicavam.

Irritado, Walter gesticulou para Brett.

— Rachel! — gritou Jenks.

Pelo menos doze armas voltaram-se para nós. Só havia uma coisa a fazer e fiz.

Rosnando, saltei sobre Brett. Apanhei ele de surpresa e, embora as suas capacidades militares fossem muito superiores, consegui deitá-lo no chão atacando, não como uma profissional, mas como uma garotinha, envolvendo-lhe os joelhos com os braços. Caímos os dois no chão e eu lutei por agarrá-lo melhor.

O meu braço envolveu o seu pescoço e puxei-lhe um braço, dolorosamente. Ainda que não tivesse sentido dor se ainda se encontrassem em um círculo, agora podia sem dúvida sentir.

— Diza eles para recuarem! — gritei.

Brett começou a rir, o som desaparecendo quando eu puxei.

— Au — disse, como se lhe estivesse dobrando um dedo e não prestes a deslocar-lhe um ombro. — Menina Morgan. O que porra acha que está fazendo, minha senhora?

Podia ouvir a *pickup* de Nick.

— A me colocando para fora daqui — disse, cambaleando, quando Jenks me ajudou a levantar sem o largar. Foi uma saída tão atrapalhada como qualquer outra, mas conseguimos. Continuávamos rodeados por armas apontadas. Jenks tomou o meu lugar, o rosto desfigurado quando dobrou o braço e encostou uma faca à garganta de Brett.

— Alguma vez viu um campo de batalha *pixy*? — sussurrou ao ouvido do animalomem e Brett perdeu qualquer traço de humor. De rosto pálido, tornou-se passivo. O que era, só de si, assustador.

A mancha azul da *pickup* passou veloz.

— Muito longe, Ivy! — gritou Jenks e ouviu-se o guinchar de pneus, seguido pelo som de pneus e o estouro de um motor.

Olhei para o cinto e para o telefone. Uma necessidade insana de rir ergueu-se de mim. Esperava sinceramente que não estivéssemos a andar sem destino.

Um novo guincho de pneus e a *pickup* azul de Nick parou na entrada da viela.

— A mãe chegou para nos vir buscar, Jenks — brinquei, mancando até a calçada. — Vou buscar os sacos.

Agarrei nos nossos quatro sacos, já que estes estavam no caminho e ajudavam à farsa. A minha arma de bolas explosivas nunca se desviou de Walter, embora este se encontrasse atrás de duas filas de homens. O covarde.

— Olá, Ivy — disse cansada, atirando a bolsa para a parte de trás da *pickup* e saltando atrás dela. Sim, era ilegal circular na parte de trás mas, tendo em conta que tínhamos acabado de derrotar três matilhas de animalomens, não ia me preocupar com isso. — Obrigada pela carona.

Nick estava no banco da frente, pálido. Me passou um alicate através da janela.

— Hei, obrigada — disse, depois me sobressaltei quando Brett caiu ao meu lado, como uma saca de batatas. O animalomem estava inconsciente e eu olhei para Jenks, inquisitiva, quando este o seguiu, de forma muitíssimo mais graciosa, devo admiti-lo. — Não quero um refém — disse. Depois me perguntei quando é que Jenks o deixou inconsciente. Não estava morto, não é?

De rosto cerrado, Jenks gritou:

— O que é que está esperando, Ivy? Que Deus te diga para andar?

A *pickup* deu um solavanco e eu me segurei ao comprido baú prateado que Nick soldou no interior da caixa aberta. O meu suor gelava ao vento e, pensando que tínhamos escapado, afastei o cabelo dos olhos e sorri para Jenks. O meu sorriso desvaneceu-se.

Enquanto nos lançávamos para o trânsito ele usava uma corda plástica para prender Brett com uma selvajaria dolorosa. Recordei o dia em que vi os seus filhos destruindo a toca das fadas, no jardim. Aquele era um lado dele que eu nunca vi antes, já que a diferença de tamanho me isolu dele.

Do interior da *pickup*, ergueu-se a voz aterrorizada de Nick.

— Mais depressa, Ivy! Eles vêm atrás de nós!

Deslizando para um canto, afastei o cabelo dos olhos e pestanejei. Estava à espera de ver *Jeeps* e *Hummers*. O que descobri foram três animalomens em pele de lobo, correndo



através das ruas atrás de nós. E eram rápidos. Muito rápidos. Além disso, não paravam nos sinais vermelhos.

— Filho de uma prostituta Disney — praguejou Jenks. — Rachel, tem mais encantamentos nessa arma?

Abanei a cabeça, procurando uma saída para aquela situação. Os meus olhos saltaram para o meu tornozelo.

— Jenks, me tira esta coisa.

Brett estava acordando e, quando tentou se endireitar, Jenks atacou, o esmurrando selvagemmente atrás da orelha. Os olhos de Brett se reviraram e ele desmaiou.

— Segurem-se! — gritou Nick. — Curva à direita!

Atirando a arma de bolas explosivas para a parte da frente, me agarrei ao lado da *pickup*. Os pneus deslizaram e saltaram, mas Ivy conseguiu nos manter na estrada. Nick gritou uma obscenidade e um trailer passou por nós, os pneus guinchando. Não queria saber quão próximo tínhamos estado de nos transformarmos em enfeite de capô.

Sentia o coração batendo violentamente e o meu olhar desceu para um pé, perante o toque do aço frio contra a pele. Os músculos dos ombros de Jenks tornaram-se e, ao mesmo tempo que passávamos por um buraco, a tira de plástico e prata encantada partiu-se.

Frenética, deslizei os olhos para trás de nós. Ah, merda, estavam mesmo ali!

— Ivy! — gritei, com o estômago apertado. — Quando eu disser, pisa no acelerador.

— Está louca! — gritou ela, olhando de relance para mim, o curto cabelo preto a envolvendo o rosto e lhe metendo nos olhos.

— Faça! — exigi, acedendo a uma linha. A energia da linha me encheu, quente e dourada. Não queria saber se estava manchada de preto, era meu. Inspirei. Isto ia doer se não o fizesse como deve ser. *Um grande círculo. Um grande círculo.* — Agora! — gritei.

O acelerador guincharam. Abanei, chocada ao descobrir o braço de Jenks entre a minha cabeça e a cabina metálica. Brett deslizou para frente e gemeu.

— *Rhombus!* — gritei, a palavra erguendo-se de mim com uma violência suficiente para arranhar a minha garganta.



Quente e forte, a energia da linha fluiu através de mim, erguendo-se a partir do círculo que imaginei desenhado no chão. Não era suficientemente forte para sustentar um demônio, mas se manteria erguido durante o tempo suficiente para o que eu queria. Ou assim esperava.

Afastei o cabelo dos olhos antes da *pickup* parar de se agitar. Uma sensação de elevação me encheu quando os animalomens que nos perseguiam chocaram com o círculo.

— Boa! — gritei, depois me virei diante do som de metal esmagado e gritos. Não tínhamos sido nós. Nós estávamos parados! Inspirei ruidosamente quando compreendi que um carro que seguia em sentido contrário tinha chocado com o outro lado do meu círculo, âmbar e negro sob a luz do Sol. Oh, merda! Tinha me esquecido da outra faixa da pista.

Soaram buzinas e o carro que chocou com o meu círculo foi batido por trás.

— Oh, foi lindo! — disse Jenks, admirado. Os seus olhos estavam presos nos animalomens que se agitavam, dolorosamente, no chão. Aparentemente, chocar com uma parede doía quando não havia um círculo de alfas a absorver a dor.

As pessoas começavam a sair dos carros, atordoadas e excitadas.

— Desculpem! — gritei, me encolhendo. Quebrando a ligação com a linha, deixei cair o círculo.

Ao longe, ouviam-se sirenes e podia ver as luzes piscando. Jenks bateu na janela e Ivy acelerou lentamente, virando na primeira à esquerda e voltando para trás na rua a seguir, tentando colocar tanta distância entre nós e as sirenes quanto possível. Exalei, me deixando cair contra o baú de ferramentas. Passei uma mão pela janela, encontrando o ombro de Ivy. Ela saltou e eu lhe sussurrei um “obrigada” antes de voltar a puxar a mão. Tínhamos conseguido. Estávamos vivos e juntos. E tínhamos um refém.

— Para a Viragem com tudo isto! — praguejou Jenks.

Nick virou-se para olhar para nós e eu toquei no pé de Jenks. Estava vasculhando no saco e parecia irritado.

— O que é, Jenks? — murmurei, enquanto avançávamos, cansada, tão cansada.

— Perdi o meu *fudge*! — praguejou. — Aquela mulher levou o meu *fudge*!





CAPÍTULO 26

A casa de hambúrgueres estava cheia de garotos, mães e adolescentes pararam depois das aulas, o que me dizia, de forma mais clara do que um relatório demográfico, que a população residente era, sem dúvida, tendencialmente humana. Me afundei ainda mais na cadeira de plástico moldado, os lábios contorcidos quando descobri a mesa pegajosa por causa do refrigerante. Brett riu e eu lhe fiz uma careta. O animalomem desafiador estava sentado à minha frente, preso com as suas próprias algemas ao pé de apoio da mesa, aparafusado ao chão. O orgulho fazia com que escondesse esse fato e ninguém prestava atenção em nos. Não passávamos de duas pessoas bebendo café. Pelo menos, seríamos, quando Jenks voltasse com as bebidas.

O efeito do Enxofre passou, em algum lugar entre o confronto com os animalomens e o momento em que Ivy e Nick nos deixaram ali, e a fadiga começava a infiltrar-se através de mim como água através da lama. Ivy tinha a certeza de que sabiam como localizar Brett através do celular e os dois iam arrastar os animalomens em uma caça que não dará em nada, enquanto nós pensávamos o que fazer com ele.

O fato de termos feito um refém tornava aquele dia, já em si fantástico, ainda pior. Jenks, Ivy e eu já tínhamos discutido a questão. Nick escutou, de olhos muito abertos,

enquanto Jenks argumentava, determinado, que deveríamos mante-lo conosco para matarmos ele a sangue-frio como forma de aviso, se os animalomens se aproximassem muito. O mais assustador era o fato do Jenks estar pronto para fazer.

Aquele era o lado chocante e implacável de Jenks, raramente visto e facilmente ignorado graças à sua aparência descontraída: o lado que mantinha a família alimentada e as cabeças debaixo do solo quando a neve chegava. Para ele, levar Brett refém era tão natural como respirar e eu acreditava, realmente, que estava disposto a matar o animalomem sem grandes considerações. Embora fosse relaxado e um dos melhores amigos que já tive, Jenks era um selvagem que gostava de falar ao celular e entendia de computadores, sem os limites impostos pela lei e refreados apenas pelo seu próprio sentido de moral. Agradei a Deus por me enquadrar em tudo aquilo que era importante para ele.

Era a primeira vez que Jenks e eu discordávamos em relação à melhor forma de lidar com um trabalho. Diabos, era a primeira vez que ele exprimia a sua opinião. Creio que o fato de ter levado Brett refém desencadeou algo na sua matriz *pixy*. Tinha certeza de que a discussão ainda não chegou ao fim, mas eu não queria um refém.

Por outro lado, também não tinha querido que a Ivy nos largasse em uma hamburgueria, pensei amargamente, me dobrando ainda mais sob o casaco de aviador de Jenks, que ele estava me deixando usar. Eu quis ir para a Ponta do Esquilo, onde podia beber uma cerveja e tremer silenciosamente em um canto. Os clientes teriam se limitado a rir e a dar cotoveladas uns aos outros ao ver as algemas. Mas Ivy recusou, parando a *pickup* de Nick no Burger-rama, dizendo que a Ponta do Esquilo tinha o nosso cheiro e que só as práticas sanitárias das casas de *fastfood* esconderiam o fato de termos estado lá e anularia o rasto.

Como queiram. Eu estava exausta, dolorida da briga de rua e sedenta o suficiente para beber sozinha uma garrafa de dois litros de Coca-Cola. E por que diabos não tinha eu *trazido*, pelo menos, um amuleto contra as dores? Tinha sido uma idiotíce sair assim. Deus me ajude, mas se os animalomens não me matassem, o mais certo era que eu o fizesse.

Tanto Brett como eu saltámos diante do grito agudo de um garoto que se erguia em cima do escorregador atrás dele e os nossos olhos cruzaram-se por breves instantes. O



equipamento pintado em cores primárias estava literalmente repleto de garotos que só gritavam e chorões, com os casacos de inverno abertos, atirando uns aos outros os brinquedos que acompanhavam o menu infantil.

A minha pulsação suavizou e, enquanto Jenks encantava as mulheres atrás do balcão, deixando elas coradas, tentei parecer calma e profissional entre os brinquedos de plástico e os chapéus de papel. Isso não ia ser possível, por isso tentei parecer perigosa. Acho que consegui parecer maldisposta quando várias crianças ficaram de olhos abertos e silenciosas, depois de passar pela minha mesa. Ergui a mão para esconder o arranhão no rosto que fiz ao bater no chão e voltei a tentar sacudir a terra da viela das minhas calças. Talvez estivesse com um aspecto pior do que eu pensava.

Brett estava com ótimo aspecto, tendo se mantido de lado durante quase todo o confronto. O cheiro fresco do *aftershave* de madeira erguia-se dele e a luz brilhava no prateado do seu cabelo curto. Embora pequeno, parecia capaz de correr dali até à fronteira estadual, sem parar, não foi pelas algemas.

Senti o cheiro quente a prado de Jenks antes de o ver e me endireitei, deslizando para o lado para lhe dar espaço. Jenks pousou o tabuleiro de cartão com dois cafés quente e um pequeno copo de água quente com um estranho tom rosado. *Chá de infusão?* Pensei, reclamando para mim um café. Desde quando é que Jenks gostava de chá?

Ergui os olhos do copo cuja tampa estava tentando abrir quando Jenks o tirou das minhas mãos.

— Hei! — exclamei e ele pousou o copo de água rosada à minha frente. — Não quero chá — reclamei indignada. — Quero café.

— É diurético — Jenks sentou-se ao lado de Brett. — Ia te fazer mais mal do que bem. Bebe o seu chá descafeinado.

Recordando a nossa discussão e pensando que se tratava de uma forma de vingança, fechei um pouco os olhos.

— Quase morri lá atrás — disse, furiosa. — Se quero uma porcaria de um café, vou beber uma porcaria de um café — desafiando ele a protestar, agarrei no café com uma repulsa.



Brett observou a troca de palavras com interesse. De sobrancelhas erguidas, estendeu uma mão ao segundo café, mas Jenks adiantou-se a ele. O animalomem hesitou, depois afundou-se no assento de plástico sem levar nada com ele.

— O que é que vão fazer comigo, minha senhora? — perguntou, o ligeiro sotaque na sua voz óbvio por entre as pronúncias do centro oeste que nos rodeavam.

Como inferno haveria eu de saber?

— Oh, tenho grandes planos para você — menti, surpreendida pelo “minha senhora”. — Jenks quer te pendurar como um exemplo. Estou quase disposta a deixar que ele cumpra o seu desejo — me recostei, cansada. — Funciona muito bem quando ele mata fadas de jardim.

Brett olhou desconfiado para Jenks — que acenava, zeloso — e eu senti uma cansaço apoderar-se de mim. Porra. Porque é que o efeito do Enxofre tinha que passar agora? Um arrepio correu através de mim, seguindo de perto a ideia de que tomar aquela droga para me aguentar durante a semana talvez não fosse muito uma má ideia.

Os olhos do animalomem me percorreram, hesitando na gola alta rasgada antes de subirem ao meu rosto. Se fixando aí, não se afastaram mais, ainda que a sua concentração fosse se alterando constantemente, enquanto vigiava a sala através dos sons atrás de si. Me deixou arrepiada.

Ergui as sobrancelhas — voltando a desejar ser capaz de fazer aquela coisa só com uma —, rasgando descontraidamente três pacotes de açúcar ao mesmo tempo e deitando-os no café, não porque gostasse, mas porque o café cheirava a muito velho.

— Sei onde está — disse, descontraidamente.

O fato de Brett não ter se movido, dizia muita coisa. Jenks franziu a sobrancelha, sendo óbvio que não gostava do que eu estava fazendo, mas eu não queria um refém. Queria mandar Brett de volta com uma mensagem que me desse algum tempo e algum espaço. Agora que os animalomens da ilha sabiam que ainda estávamos em Mackinaw, continuariam à nossa procura até nos encontrarem. O fato de termos Brett como refém não os ia impedir — ele tinha feito asneira da grande e, ao contrário das fadas com que Jenks costumava lidar, acreditava que os animalomens preferiam vê-lo morto —, mas talvez

uma demonstração de boa vontade e uma grande e gorda mentira nos desse tempo suficiente para colocar em ação o nosso plano.

Esperava eu.

— O Sparagmos te disse onde está — disse Brett, a sua incredulidade óbvia.

— Claro que disse — interveio Jenks, quebrando o silêncio. — Nós o temos e vocês não.

Na, na, na, na-a-a-a, na.

— Posso colocar a estátua na mão — continuei, tocando no pé de Jenks. *Cala a boca, Jenks.* Gostava mais dele calado. Aquela era a última vez que fazíamos um refém.

Brett parecia relaxado, ainda que tivesse uma mão algemada por baixo da mesa. Atrás dele, as crianças lutavam, machucando os meus ouvidos.

— Me entregue — disse ele. — Levarei ao Sr. Vincent e tentarei convencê-lo a deixar vocês em paz.

Jenks moveu-se, de repente, lançando-se para Brett. O animalomem bloqueou o movimento. Alguém bateu em um copo de café que caiu. Arquejando, me levantei quando ameaçou pingar no meu colo.

— Maldição, Jenks! — praguejei, atraindo todos os olhares. — Que raio está fazendo?

O restaurante silenciou-se de súbito. Um “ooooh” em uníssono ergueu-se do fosso das bolas e eu corei. Límpida no silêncio, a voz da pessoa que falava ao microfone perguntava se podia substituir o refrigerante por água engarrafada. Estremeci, apologeticamente, fitando as mãos ofendidas que falavam com as suas amigas, também elas mãos.

— Desculpem — balbuciei. Me sentei e o nível de ruído voltou a subir. *Raios. Tinha sido o meu café.*

— Não está em posição de negociar ou fazer exigências — disse Jenks, em um tom desagradável, enquanto as pessoas nos viravam as costas. — E se você ou um dos seus cachorros sarnentos tocarem nela, um dia acordarão para descobrir todos os que são queridos para vocês, estarão mortos.

O rosto de Brett ficou vermelho.

— Parem — disse, pensando que aquela não era a melhor forma de organizar um cessar-fogo. Mas a reação dele me dizia que tinha razão em relação ao fato de Brett precisar de qualquer coisa para acalmar Walter e permitir a sua volta à matilha. Brett estava em apuros; não era apenas Jenks quem o queria matar.

A expressão do homem pequeno tornou-se amarga e ele recostou-se, obviamente mais cuidadoso agora que sabia a velocidade a que Jenks podia se mover. Inferno, eu fiquei impressionada.

— Escuta — disse, tirando um molho de guardanapos do dispensador e limpando o café derramado. Não pude deixar de pensar se Jenks não o teria feito intencionalmente. — Tudo o que quero é libertar o Nick de quaisquer represálias. Por mim, pode levar a merda da estátua ao Walter.

Os olhos escuros de Brett tornaram-se desconfiados.

— Continua querendo que eu acredite que não está trabalhando para ninguém e que arriscou a vida por... por ele?

Os meus lábios se abriram em um sorriso amarelo.

— Não me chame de idiota — avisei. Jenks empurrou o chá na minha direção e eu ignorei-o. — Preciso de um dia para trazer a estátua para cá — menti. — Um dia para trazê-la e atar uma linda fitinha à sua volta.

O suave repenicar das algemas fez estremecer os olhos de Brett.

— Vai me entregar — disse ele, monótono.

Envolvi o copo de espuma com os dedos para esconder o tremor.

— Sim. E a ideia foi sua.

Jenks olhou para mim, confuso, e eu sorri.

— Quero que se afastem. Todos — acrescentei, espremendo o saquinho de chá e fazendo cair uma chuva vermelha sobre o copo. Estava com sede e, se tentasse agarrar o segundo café, o mais certo era que Jenks também o virasse. — Não preciso sair da cidade. Posso tê-lo comigo antes do pôr-do-sol de amanhã. Nos sigam, se quiserem, mas se vierem cheirar muito perto, a troca é cancelada e nós vamos embora — me inclinei sobre o chá. —

O Jenks e eu chutámos os seus traseiros com um tubo e uma mão cheia de tolos encantamentos “hora de dormir”. Preferem arriscar-se a descobrir do que somos realmente capazes quando tudo o que têm que fazer é esperar umas míseras trinta e seis horas?

— Uma troca? — troçou Brett e Jenks emitiu um som estranho, me fazendo pensar que os *pixies* eram capazes de rosnar. — Para mim parece mais um pagamento por deixarmos vocês em paz.

Em um movimento lento e sem pressa, Jenks estendeu um braço e deu-lhe um tapa.

— Para mim parece que devia tirar o cérebro do traseiro.

— Jenks! — exclamei, olhando de relance para o restaurante envidraçado, tentando perceber se alguém o tinha visto.

— Não passa de um lobo morto! — protestou Jenks, gesticulando. — Podia abri-lo e deixá-lo aqui para ser comido pelas larvas e ele acha que tem margem de manobra.

Os meus olhos se semicerraram.

— Mas não vamos fazer isso. Para de lhe bater.

— Foi o que fizeram ao Nick — disse ele, recomeçando a nossa discussão. — Porque é que está dando mais consideração do que merece o pedaço de carne em que ele se transformou quando permitiu que o levassem como refém?

Sob a mesa, os meus joelhos tremiam.

— Porque é assim que trabalhamos quanto temos mais de metro e meio, a menos que sejamos animais ignorantes brincando no bosque.

Jenks recostou-se com o café na mão e uma expressão amuada.

Os dentes de Brett estavam cerrados diante da minha nada simpática indireta à sua matilha. Recordando o que tinham feito a Nick, não era difícil considerar a hipótese de deixar que Jenks levasse adiante. Frustrada, tentei esconder o tremor dos dedos bebendo um gole de chá, enquanto Jenks continuava a despejar pacotes de açúcar no café. Podia sentir o cheiro da sua raiva sobre o cheiro a batatas fritas e café de má qualidade; cheirava a milho queimado.

— Vou entregar ao Walter a estátua que não foram capazes de recuperar depois de uma semana de tortura — disse. — Em troca, vai convencer o Walter a me entregar a vida de Nick e a não me responsabilizar pela morte da Pam. Vão nos deixar a todos em paz e não procurarão qualquer vingança. Nunca — ergui as sobrancelhas. — Se o fizerem, virei aqui e levarei de volta.

As tênues rugas de Brett uniram-se.

— Porque haveria de fazer isso?

— Porque a ideia foi sua — disse, calmamente. — E é a única coisa que vai te manter vivo. Assim que a minha carona chegar vou embora— inspirei lentamente, rezando que não estivesse cometendo um erro. — Ligo para o Walter e lhe digo onde está, aproveitando para lhe dar os parabéns por ter um segundo oficial tão maravilhoso, capaz de me convencer a entregar a estátua. Haverá alguém te vigiando. Se o Walter aceitar as minhas condições, pega você e se afasta. Se não, pode te deixar amarrado à mesa e tornar você responsabilidade do Jenks.

Jenks endireitou-se e começou a sorrir.

— A meu ver — disse, fitando o vazio através das enormes janelas de vidro —, o seu alfa é, neste momento, um cachorrinho puto com você, não só por ter nos deixado escapar por entre os dedos, mas também por ter sido suficientemente descuidado para ser levado como refém, deixando-o em uma posição desconfortável.

Me inclinei mais, de tal forma que as minhas palavras se tornaram uma expressão palpável da minha vontade contra o seu rosto.

— Se não conseguir convencer ele de que somos uma ameaça suficientemente grande, para que ele aceite os meus termos e se mantenha afastado durante trinta e seis horas, e que graças às tuas extraordinárias capacidades de negociação eu a entregarei a você e só a você, ele não terá qualquer razão para manter o seu corpo preso à sua alma. Vai te matar, a menos que consiga se redimir. Pode não ser já, mas vai fazer. Um suave deslizar na hierarquia, dando a todos uma oportunidade de te atacar durante a sua descida. Por isso, acho que deve me agradecer por te garantir uma forma segura de cair nas suas boas graças.



Os olhos castanhos de Brett estavam vazios, voltando a me dizer que ele estava em grandes problemas.

— Sugiro — disse, vendo Ivy e Nick estacionar a *pickup* —, que se esforce bastante para garantir que o Walter veja as coisas de acordo com o nosso ponto de vista. A menos que lhe entregue a estátua, será uma constante recordação do erro que ele cometeu ao te enviar atrás de um inimigo superior sem saber exatamente o que estavam enfrentando. Podemos parecer uns idiotas incompetentes, mas já sobrevivemos a demônios — tremendo por dentro, me afastei. — Estou te dando uma oportunidade para salvar a própria pele. Aproveite.

Os olhos do animalomem seguiram os meus até o furgão.

— Minha senhora — disse ele, lentamente. — É uma negociadora dos diabos.

Sorri e, tanto eu como Jenks, nos levantamos antes que Ivy pudesse entrar.

— Trinta e seis horas — disse, pegando no meu chá. Tentei parecer confiante e controlada, mas duvido que tenha conseguido.

Brett inclinou a cabeça.

— Não vão me dar. Só estão tentando ganhar tempo.

Jenks me pegou pelo cotovelo, antes que eu caísse, e eu obriguei o meu rosto a não revelar a angústia que sentia.

— Talvez, mas de qualquer forma ele vai te matar — arqueei as sobrancelhas e tentei parecer dura. — Afinal de contas, qual é a sua dívida com o Walter?

O animalomem baixou os olhos. Me virei, tremendo; ele tinha me reconhecido como sua superior. Maldição.

— Deus me ajude, Jenks — sussurrei, enquanto avançava para a porta. — Espero que ele o faça.

— Fará — Jenks olhou por cima do ombro para Brett. — O Walter vai acabar com ele lentamente — os olhos verdes dele cruzaram-se com os meus. — Foi bem feito. Onde é que aprendeu tanto sobre animalomens?

— Quando se é espancado por eles duas vezes em uma semana, começamos a perceber umas coisas — disse, me apoiando fortemente nele.



Jenks manteve-se em silêncio, depois:

— Quer que diga à Ivy para ligar ao amigo vampiro?

Acenando, deitei o copo de chá na lata de lixo, a caminho da saída. Me sentia como se estivessem apertando ainda mais a corda ao redor do meu pescoço, mas não via qualquer outra opção. A minha mente já começou a elaborar uma lista: ligar para a Ceri e pedir às receitas que queria, mas ainda não tinha; procurar nas páginas amarelas uma loja de feitiços que vendesse matérias-primas. Em algum lugar pelo meio, teria que dormir e arranjar um plano.

Talvez, pensei enquanto Jenks abria a porta e eu entrava, sob o sol do fim da tarde, tivesse sorte e sonhasse com um.



CAPÍTULO 27

Tratava-se de um dos armazéns de encantamentos mais estranhos em que alguma vez estive, nada que se parecesse com os odores ricos das lojas de magia da terra que normalmente frequentava, fortemente iluminado e espaçoso, com um pequeno espaço, na frente da loja, onde podíamos nos sentar em cadeiras fofas e provar o maravilhoso café que a dona fazia. As prateleiras eram de vidro e a parafernália de magia das linhas Ley estava organizada como se fossem bugigangas. Jenks teria tido um orgasmo de prazer.

A secção de encantamentos da terra era pequena e o odor tradicional a pau-brasil estava em grande medida afogado pelo aroma de gengibre que se erguia da cafeteira da proprietária. Me senti estranhamente deslocada, pensando que nas bandeiras com dragões e feiticeiros de barba branca ao lado dos cadinhos⁴⁰ faziam com que tudo parecesse tolo. Uma bruxa da terra teria zombado de quase todos os artigos ritualistas presentes ali, mas talvez fosse aquilo que a magia das linhas Ley usava. Mas havia algo errado com os artigos. Não cheiravam bem. Literalmente.

⁴⁰ Cadinhos: é um recipiente em forma de pote, normalmente com características refractárias, resistente a temperaturas elevadas, onde se fundem materiais a altas temperaturas.

Ivy se afastou para o outro lado da loja, com o meu cesto das compras, depois de eu ter lhe rosnado que estava bem e que devia parar de andar à minha volta. Agora, lamentava, mas ela estava agindo de forma estranha desde que tinha ido buscar, eu e o Jenks, no centro comercial — quase deprimida, me evitando, mas sempre por perto — e isso estava me deixando irritada. O fato de estar me sentindo vulnerável não ajudava, os joelhos tremiam por causa da perda de sangue, agora que o efeito do Enxofre de rua que Jenks me deu passou por completo.

Tinha encontrado a loja nas páginas amarelas e, depois de ter tomado banho e devorado uma caixa inteira de macarrão com queijo, Ivy me levou lá. Tinha insistido, dizendo que os animalomens saberiam mal eu pusesse um pé na rua. Tinham sabido e tínhamos sido seguidas por dois *street racers* cujos carros brilhavam com luzes de néon azuis e verdes instaladas sob os chassis. Era preocupante, mas, entre a trégua de trinta e seis horas, a minha magia e a presença de Ivy, o mais certo era que nos deixassem sozinhas.

Como esperava, Walter tinha recuado. Jax disse que o trio de animalomens em fraldas que foram buscar Brett era rude, mas a mentira de que foi Brett quem me convenceu a entregar a estátua, ainda que só mantive ele vivo. Não sei porque é que isso me importava. Não sei, mesmo.

Creio que Walter estava aproveitando o tempo, tal como eu: fortificando as defesas e colocando todos a postos para um último ataque, caso eu renegasse o nosso acordo. Eu estava, mas, se fizesse tudo bem, ele nunca perceberia que essa tinha sido a minha intenção desde o início. As matilhas não podiam ficar com o foco. Aquela coisa tinha sido feita por um demônio e qualquer poder obtido através dela era artificial e conduziria à sua condenação, provavelmente arrastando consigo a maior parte dos Inderlanders.

Tinha o telefone encostado ao ouvido, enquanto falava com Ceri, a oitocentos quilômetros de distância, na minha cozinha com Kisten. Ivy tinha lhe pedido que tomasse conta da cozinha e atendesse os telefonemas e eu nem queria saber qual seria o aspecto da minha cozinha, sem nada entre ela e o caos *pixy* além de um vampiro. Ceri tinha se afastado para verificar um ponto qualquer do encantamento e podia ouvir Kisten falando



com os filhos de Jenks. Os sons familiares, ainda que abafados, eram simultaneamente reconfortantes e deprimentes.

Peguei numa grande garrafa de vidro fosco com fixante genérico que podia usar na maldição demoníaca de transferência, ficando branca quando vi o preço. *Ah, inferno.* Talvez me pudesse contentar com uma garrafa mais pequena. Inclinei a garrafa de vidro fosco e semicerrei os olhos, fitando o líquido. Era suposto ter cânfora, mas eu só sentia o cheiro da lavanda. Não gostava de comprar coisas já feitas, mas estava com pouco tempo.

Me vendo com a garrafa na mão, Ivy dirigiu-se para mim com o cesto, parando quando eu voltei a colocar na prateleira e franzi a sobrancelha. Deus a ajudasse, mas eu não estava assim tão fraca. Podia segurar uma maldita garrafa de fixante sem o impulso do Enxofre.

Tinha feito o meu próprio almoço, depois de um sanduíche que Ivy me deu, ter me deixado com um formigamento nos dedos. Não sei como é que ela conseguia meter Enxofre em tudo sem que eu percebesse, mas ainda estava furiosa por terem andado me drogando sem o meu conhecimento, mesmo que a sensação dada pelo Enxofre que Jenks me deu significaria que eu ia dormir esta noite.

Pegando na garrafa mais pequena de fixante, suspirei, sentindo os joelhos tremendo. Talvez devesse aceitar o Enxofre que Ivy queria que eu tomasse e esquecer o assunto. Estava cansada só de andar de um lado para o outro. Ivy recusava-se a me dizer quanto sangue tinha tirado e Jenks não era grande ajuda, já que ele achava que uma unha partida e sangrando era motivo para pânico.

Tonalidades de cinzento, pensei, sabendo que estava deslizando para áreas onde jurava não penetrar. Maldição, eu costumava ser capaz de ver as coisas em preto e branco, mas tudo se tornou difuso mais ou menos na mesma altura em que me deparei com o meu último cheque da SI amaldiçoado.

O meu olhar deslizou para a janela, negra da noite e funcionando como um espelho. Vendo o meu reflexo ajustei o colarinho do meu pequeno casaco vermelho. Ficava muito bem com a T-shirt preta com a palavra STAFF, que recebi no último concerto de Takata. Graças ao meu derradeiro amuleto contras as dores, não estava em sofrimento, mas,

fitando a minha postura encurvada, concluí que não parecia cansada, parecia doente. Senti o estômago apertado quando compreendi que parecia o espectro de um vampiro, bem vestida, magra, sofisticada... e doente.

Com a pulsação batendo acelerada, virei às costas ao vidro. *Acabou-se o Enxofre*, pensei. *Para sempre. Há preto. Há branco. O cinzento não passa de uma desculpa covarde para misturar os desejos com as necessidades.* Mas já não tinha a certeza de ser capaz de acreditar nisso, enquanto me erguia naquela loja de feitiços, a comprar materiais para fazer uma maldição negra. *Só esta vez*, pensei. *Só esta vez e nunca mais.*

Mantendo o telefone encostado à orelha, pousei o fixante. Teria desligado o telefone e ligado mais tarde, mas estava gostando de ouvir os sons da normalidade, suaves e distantes, a oitocentos quilômetros. Parecia mais longe. Relaxando, estendi o braço para uma caixa de madeira, elaboradamente enfeitada. Era linda e a curiosidade, aliada ao meu amor por obras delicadas, me levou a abri-la, tendo descoberto giz magnético no seu interior. Era terrivelmente caro e a sua presença realçava a minha crença de que havia nas redondezas uma população de bruxas das linhas Ley praticante.

De súbito, compreendi que a proprietária me fitava por cima da caneca de café e continuei, propositalmente, mexendo no giz, inspecionando os selos como se estivesse interessada em comprá-lo. Detestava quando me observavam como se eu pudesse roubar qualquer coisa. Como se o feitiço ilegal por cima da porta, que provocaria borbulhas, não fosse suficientemente desencorajador?

Tecnicamente, um feitiço negro, pensei. Então, porque é que eu não a entregava?

— Giz magnético? — perguntou Ivy ao meu lado e eu saltei, quase deixando cair o telefone que tinha preso entre a orelha e o ombro.

— Não preciso dele — disse, tentando esconder a minha surpresa. — Em especial, em uma caixa como esta. O sal funciona igualmente bem e basta aspirar no fim.

Com relutância, os meus dedos deslizaram do belo recipiente trabalhado. Era entalhado, o único metal incluído nas dobradiças, no fecho e nos cantos reforçados era o ouro negro. Uma vez gasto o giz, seria um excelente local para guardar qualquer objeto que necessitasse de precauções extras. A meu ver, era o melhor objeto da loja.

As minhas sobrancelhas se ergueram diante da embalagem de ervas que não foi eu que a coloquei no cesto.

— Isso é nêveda? — perguntei, vendo que o celofane tinha impressa pequenas patinhas pretas.

— Pensei que a *Rex* podia deixar o Jax em paz se tivesse outra coisa para fazer — com os olhos castanhos parecendo embaraçados, ela recuou um passo. — Tudo bem? Quer se sentar?

Era a terceira vez que ela me fazia aquela pergunta desde que deixamos o motel e eu fiquei rígida.

— Estou ótima — respondi. *Mentirosa*, pensei. Estava cansada; fatigada de corpo e coração.

O suave toque do telefone a ser levantado fez-se ouvir junto ao meu ouvido.

— Ceri — disse, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. — De quanto fixante é que eu preciso para a maldição de transferência?

O som de *pixies* a guinchar diminuiu e calculei que Ceri tivesse ido para a sala de estar.

— Um polegar — disse ela e eu peguei, agradecida, na garrafa mais pequena.

— O meu polegar? — me queixei. — O que é isso, cerca de uma colher de chá? Porque é que não podem usar medidas normais?

— É uma maldição muito antiga — disse Ceri, irritada. — Não havia colheres de chá nessa altura.

— Desculpa — disse, os meus olhos cruzando-se com os de Ivy, enquanto colocava o fixante no cesto. Ceri era uma das pessoas mais doces e dadas que eu conhecia, mas tinha um temperamento.

— Tem um lápis? — me perguntou educadamente o elfo escondido, mas eu conseguia ouvir na sua voz a irritação face à minha impertinência. — Quero que aponte isto. Sei que tem a maldição para reduzir a inércia em um dos livros que levou com você, mas não quero que traduza mal o latim.

Olhei de relance para a proprietária — que começava a fitar Ivy que andava de um lado para o outro — e virei-lhe as costas.

— Talvez me pudesses indicar apenas os ingredientes.

As coisas no meu cesto já eram suficientemente estranhas. Se a proprietária valesse o seu sal, seria capaz de ver que eu estava preparando um feitiço de disfarce. A única diferença entre os meus feitiços de disfarce legais e os feitiços de duplo ilegais não passava de um detalhe legal, uns quantos passos extras e uma amostra celular da pessoa que se pretendia copiar. Creio que não seria capaz de perceber que eu também ia fazer uma maldição demoníaca destinada a mover o poder da estátua para outro objeto. O que iria pensar dos ingredientes da maldição para redução da inércia só podia ser adivinhado. Ceri disse que era uma maldição alegre mas que funcionaria.

Uma maldição para pregar partidas, pensei amargamente. Não deixava de ser negra. Se eu fosse apanhada seria rotulada como bruxa negra e magicamente castrada. Não enganava eu mesma dizendo que isto não era errado. Não havia besteiras de “é para salvar o mundo”. Aquilo era errado.

Só esta vez, ecoou nos meus pensamentos e franzi a sobrancelha, pensando em Nick. Falar ao Al sobre mim tinha, muito provavelmente, começado apenas com uma pequena informação inofensiva.

Ceri suspirou.

— Tudo o que precisa para fazer a maldição alegre é pó do interior de um relógio e velas pretas feitas a partir da gordura do feto. O resto são encantamentos e rituais.

— O feto? — disse, horrorizada, num sussurro abafado. — Ceri, você disse que não era mau.

— A gordura de um feto de porco — reiterou ela, soando zangada. — Sinceramente, Rachel.

Franzi a sobrancelha. Tudo bem, era fetal de um porco, a mesma coisa que os estudantes de biologia dissecavam, mas soava muito próximo daquele tipo de magia que exigia que se degolassem cabras na cave. A maldição de transferência parecia inofensiva com exceção da mancha que acrescentaria à minha alma e o encantamento de disfarce era



branco; ilegal, mas branco. A maldição para reduzir a inércia era a pior parte — mas era a que manteria Jenks vivo —, uma maldição alegre. *Só desta vez.*

Eu era tão idiota!

Sentindo o estômago dar voltas, os meus pensamentos saltaram para Trent e os seus laboratórios ilegais, onde salvava pessoas que depois chantageava para que vissem as coisas de acordo com o seu ponto de vista. Ele, pelo menos, não fingia ser outra coisa além do que era. As coisas tinham sido muito mais fáceis quando eu não tinha que pensar. Mas o que haveria de fazer? Virar as costas e deixar que o mundo se autodestruísse? Revelar o que estava se passando à SI só pioraria as coisas e entregar a estátua ao DFI não passava de uma piada.

Furiosa e indisposta por dentro, contornei Ivy para chegar às velas. Já lá tinha estado a escolher as velas coloridas que utilizaria na maldição de transferência. Atrás dos castelos gravados e dos coloridos “ovos de dragão”, estavam as coisas boas, organizadas por cores e tamanhos, no fundo das quais estava inscrita a origem da gordura ou o local onde tinha sido acesa pela primeira vez. A seleção da mulher era surpreendentemente boa, mas o porquê de estarem escondidas atrás de tanta tralha, me ultrapassava.

— Afunilada ou cilíndrica? — perguntei a Ceri, me agachando para chegar a uma que dizia PORCO. Não se pode acender uma vela no interior de um porco, pelo que podia apostar que a palavra definia a origem da gordura. Nunca tinha visto uma loja de encantamentos das linhas Ley com exceção da universidade e essa não contava, pois vendia apenas as coisas necessárias para as aulas. Talvez houvesse algum feitiço que utilizasse “ovos de dragão”, mas achei que eles tinham um ar foleiro.

— Não importa — respondeu Ceri e, com a vela afunilada mais pequena na mão, me virei e levantei, quase chocando com Ivy. Ela estremeceu e recuou.

— Estou ótima — murmurei, pousando a vela no cesto. — Viu por aí pó embalado?

Ivy abanou a cabeça, as pontas do cabelo preto agitando-se junto ao lóbulo das orelhas. Havia um expositor de “pó de *pixy*” junto à caixa registadora, que não passava de pó brilhante. Jenks teria rido das bandeiras despregadas. Talvez as coisas verdadeiras estivessem atrás, como no caso das velas.



— Parece cansada, Rachel — disse Ceri, a questão pesando na sua voz enquanto eu avançava para o expositor.

— Estou ótima. — Ceri não disse nada e eu acrescentei — É o stress — *só esta vez*.

— Quero que fale com o Kisten — disse ela com firmeza, como se estivesse me fazendo um favor.

Oh, Deus, Kisten! O que diria ele se soubesse que Ivy tinha me mordido? “Eu avisei”, talvez “Agora é a minha vez!”

— Ceri — protestei, mas era tarde demais e, enquanto Ivy analisava uma exposição de garrafas âmbar muito boas para guardar poções de base oleosa, a voz masculina de Kisten chegou até mim.

— Rachel... Como vai a minha garota?

Pestanejei rapidamente, chocada pelas lágrimas que ameaçavam escorrer. *De onde é que elas vieram?*

— Hum, estou ótima — disse, sentindo imensas saudades dele. Tinham acontecido coisas más e eu tinha transportado a dor comigo desde então. Precisava falar com ele, mas não quando estava no meio de uma loja de encantamentos, com Ivy ouvindo.

Ivy ficara rígida diante da súbita emoção na minha voz e eu lhe virei as costas, me perguntando se lhe devia dizer que o recipiente de vidro com a forma de uma lua cheia que ela tinha na mão era, por regra, utilizado para guardar poções afrodisíacas.

— Ainda bem — disse ele, a voz me trespassando. — Posso falar com a Ivy?

Surpreendida, me virei para ela, mas Ivy o ouviu e abanava a cabeça.

— Hum... — gaguejei, me perguntando se ela tinha medo do que ele poderia dizer caso soubesse o que tinha acontecido. Estávamos as duas amedrontadas, mas ficaríamos amedrontadas em conjunto.

— Ivy, eu sei que consegue me ouvir — disse Kisten, em voz alta. — Tem um grande problema à sua espera quando voltar das suas férias. Todos sabem que está fora da cidade. Você é que é o delfim dele, não eu. Não posso enfrentar sequer os mortos-vivos mais jovens. A única coisa que está mantendo a situação sob controle é o fato de eles serem meus clientes e saberem que, se fizerem alguma, eu lhes fecho a porta.



Ivy afastou-se, as botas ruidosas no chão de madeira. A sua resposta passiva me surpreendeu. Havia, sem dúvida algo que estava perturbando ela.

— Ela foi embora — disse eu, me sentindo terrivelmente culpada por Ivy ter ido me ajudar.

O suspiro de Kisten foi pesado.

— Diz a ela que houve um motim no centro comercial da baixa, a noite passada? Foi às quatro da manhã, pelo que a maior parte dos envolvidos foram vampiros vivos, graças a Deus, e alguns animalomens. A SI tratou da questão, mas vai ficar pior. Não quero um novo mestre vampiro na cidade e mais ninguém o quer.

Estava em frente ao expositor de pó de *pixy* e ia percorrendo os frasquinhos pendurados, lendo os cartões minúsculos presos aos mesmos. Se Piscary perdesse o controle da cidade, Trent teria rédea solta. Mas não acreditava que se tratasse de uma tentativa de tomar o poder da parte de um vampiro morto-vivo qualquer ou de Trent. O mais provável é que o motim tivesse sido provocado por animalomens de Mackinaw à minha procura. Não era de admitir que Walter tivesse concordado com a trégua de trinta e seis horas. Tinha que voltar a reunir a sua matilha.

Cansada, deixei que os frasquinhos deslizassem por entre os meus dedos.

— Lamento, Kisten. Ainda temos pela frente mais alguns dias, antes de podermos dar o assunto por terminado. Depende do quão depressa serei capaz de terminar o trabalho de preparação.

Kisten assimilou a informação silenciosamente e eu pude ouvir Ceri a cantar com os *pixies* ao fundo.

— Posso ajudar? — perguntou ele e a minha garganta ficou apertada diante da preocupação na sua voz, ainda que eu tivesse ouvido a sua relutância em deixar Cincinnati. Mas não havia nada que ele pudesse fazer. De uma forma ou de outra, tudo ficaria terminado na noite do dia seguinte.

— Não — respondi, suavemente. — Mas se não te ligar até amanhã à meia-noite, estamos em problemas.

— E eu apanho um avião e chego aí em duas horas — me garantiu. — Tem certeza de que não há nada que possa fazer? Alguém a quem possa ligar? Qualquer coisa?

Abanando a cabeça, toquei em um livro sobre como atar encantamentos de amor a partir de cabelos. Aquelas coisas eram ilegais. As cidades pequenas não tinham grande forma de policiar as bruxas, mas, depois, percebi que era um artigo falso, um artigo apresentado como novidade.

— Temos tudo sob controle — disse eu. — Se importa de dar comida ao Sr. Peixe por mim?

— Claro. A Ivy já me tinha dito.

— Ele só precisa de quatro grãos — acrescentei, apressada. — Mais e pode matá-lo.

— Não se preocupe. Já tive peixes antes.

— E fica longe do meu quarto — acrescentei.

Kisten começou a imitar o silvo de um rádio, assobiando e dando estalos com a língua.

— Rachel? Estou perdendo a ligação — disse, ouvindo. — Acho que estou te perdendo.

Um sorriso, o primeiro em vários dias, abriu-se no meu rosto.

— Também te amo — disse, e ele parou.

Kisten hesitou, desconfiado.

— Tudo bem? — perguntou.

Um arrepio de preocupação deslizou através de mim. Ele estava começando a prestar atenção.

— Porquê? — perguntei, percebendo que tinha erguido a mão para tapar o pescoço.

— Hum, então — reiterei, pensando que tinha soado culpada. — Estou apenas stressada. O Nick... — hesitei. Não lhe podia dizer que o Nick tinha andado contando segredos de quatro paredes. Era embaraçoso ter sido tão idiota. — Disse ao Nick para dar uma volta e isso me incomodou — disse. *Não era exatamente uma mentira. Não exatamente.*

Kisten ficou em silêncio, depois disse:

— Tudo bem. Posso falar com a Ivy?



Aliviada, exalei para o microfone.

— Claro.

Passei o telefone a Ivy — que se tinha aproximado por trás de mim, presumo que para ouvir a conversa —, mas ela fechou o telefone e me devolveu.

— Ele pode aguentar as coisas mais alguns dias — disse ela, virando-se para o balcão. — Já tem tudo? Está ficando tarde.

A tensão impregnava-lhe a voz. Estava tentando esconder o seu estado de espírito, mas não estava tendo grande sucesso. Preocupada, tirei o cesto das suas mãos.

— Tudo exceto o pó. Talvez tenha algum atrás do balcão. Deus, estou cansada — terminei sem pensar.

Ivy não disse nada e eu pousei o cesto no balcão, fitando a garrafa afrodisíaca que Ivy tinha colocado junto da nêveda.

— O que foi? — perguntou Ivy, vendo que eu o fitava.

— Nada. Porque é que não junta as suas coisas com as minhas?

Ivy abanou a cabeça.

— Vou pedir mais uma coisa; de qualquer forma obrigada.

A mulher atrás do balcão pousou o café na base elétrica manchada, os dedos estendendo-se para retirar os artigos do meu cesto.

— É tudo, minhas senhoras? — perguntou, escondendo a desconfiança que sentia em relação a Ivy atrás do seu profissionalismo.

— Por acaso, não tem pó de relógio? — perguntei, sentindo que era uma causa perdida.

Logo perdeu o seu toque de nervosismo.

— De um relógio parado? Claro que sim. De quanto precisa?

— Graças à Viragem — disse, me apoiando ao balcão, enquanto os meus músculos começavam a sentir o peso de estar de pé há muito tempo. — Não queria ter que ir ao Art Van para limpar o pó aos seus artigos de exposição. Só preciso de uma, hum, pitada.

Pitada, cheirinho, toque. Pois, medidas muito exatas. A magia das linhas Ley era uma droga.

A mulher olhou de relance para a porta da frente.

— É só um segundo — disse; depois, levando o fixante, dirigiu-se para uma sala dos fundos. Fitei Ivy.

— Ela levou as minhas coisas — disse, espantada.

Ivy encolheu os ombros.

— Talvez pense que vai fugir com elas porta fora.

Pareceu uma eternidade, mas a mulher voltou, os passos sonoros um aviso.

— Aqui tem — disse ela, pousando cuidadosamente um envelope negro, juntamente com o fixante. A garrafa tinha agora uma etiqueta, presa com corda, onde constava o prazo de validade. Peguei nela, sentindo a diferença no seu peso.

— Isto não é a mesma garrafa — disse, desconfiada, e a mulher sorriu.

— Esse é o produto verdadeiro — explicou ela. — Não temos por aqui bruxas das linhas Ley suficientes para sustentar a loja, por isso misturo berloques para turistas com as coisas verdadeiras. Porquê vender fixante de verdade a um *fudgie* quando a única coisa que vai fazer é pô-lo em uma prateleira e fingir que sabe o que fazer com ele?

Acenei, compreendendo o que tinha me perturbado.

— É tudo falso? Nada é real?

— A maior parte das coisas é — disse ela, os dedos repletos de anéis, carregando nos botões da máquina registadora com uma firmeza rígida.

— Mas não os artigos raros — Fitou a minha pilha. — Deixe me ver, vai fazer um feitiço da terra para disfarce, um feitiço de inércia das linhas Ley e... — hesitou. — Para que diabo precisa do fixante? Não vendo muito disso.

— Para fixar qualquer coisa — disse, defensiva. Raios, e se os animalomens descobrissem? Podiam compreender que eu ia transferi o poder do artefato antes de o mandarmos pelos ares. Se lhe pedisse que guardasse segredo, o mais certo era que o espalhasse aos quatro ventos. — É para uma brincadeira — acrescentei.

Os olhos dela saltaram para Ivy e ela sorriu.

— Silêncio é a palavra de ordem — disse ela. — É para aquele pedaço de mau caminho que anda com vocês? Os santos nos guardem, é lindo. Adorava lhe pregar uma brincadeira.

A mulher riu e eu consegui lhe dirigir um sorriso fraco. Será que já toda a cidade sabia de Jenks? Ivy recuou um passo, irritada, e a mulher acabou de embrulhar a vela preta em papel da mesma cor, colocando tudo em um saco de papel. Sem parar de sorrir, fez a conta.

— São oitenta e cinco dólares e trinta e três centavos, já com IVA — disse, obviamente satisfeita.

Reprimi um suspiro e puxei a bolsa para frente, me lançando em busca da carteira. Era por isto que tinha um jardim e um clã de *pixies* para tomar conta dele. A magia das linhas Ley não só era idiota como cara, se não se fizesse criação de fetos de porco para fazer velas. Só esta vez.

Ivy empurrou para frente os seus dois artigos e, fitando a proprietária, disse com clareza:

— Ponha na minha conta. Preciso de oitenta e cinco gramas de Especial K. Qualidade medicinal, por favor.

Os meus lábios afastaram-se e corei. Especial K? Tratava-se da gíria de Cincinnati para Enxofre, dizendo, claro, que o K significava Kalamack.

Mas a mulher só hesitou por breves instantes.

— Não são da SI, não é? — perguntou, desconfiada.

— Já não — murmurou Ivy e, atrapalhada, lhe virei-lhe as costas. Ivy não via nada de errado com uma droga ilegal que manteve a sociedade vampírica saudável e intacta durante inúmeros anos, mas comprá-lo à minha frente me deixava realmente tocada.

— Ivy — protestei, quando a mulher voltou a desaparecer na sala dos fundos. — Do Trent?

Ivy olhou para mim de lado, as sobrancelhas erguidas.

— É a única marca que compro. Preciso me reabastecer. Usei tudo.

— Não vou tomar mais — silvei, me endireitando quando a mulher regressou, segurando uma embalagem do tamanho da palma da mão envolta em fita de papel.

— Medicinal? — perguntou a mulher, olhando de relance para a garrafa afrodisíaca. — Se guarda-lo ali, patinho sortudo, será a menina precisando de atenção médica.

O rosto de Ivy ficou pálido de surpresa e eu arrastei o meu saco do balcão, pronta para fugir.

— É uma garrafa afrodisíaca — disse. — Não agarre em nada a menos que saiba o que é... Alexia.

Ivy parecia tão inocente como um cachorrinho, ao guardar a embalagem na bolsa aberta.

A mulher sorriu e Ivy contou treze notas de cem dólares e lhe entregou, friamente.

Pestanejei. Porra! A versão medicinal de Kalamack custava cinco vezes mais que a variedade vendidas nas ruas.

— Fique com o troco — disse Ivy, pegando em mim pelo cotovelo e dirigindo-se para a porta.

Mil e duzentos dólares? Eu tinha virado mil e duzentos dólares de drogas em menos de vinte e quatro horas? E isso sem falar no contributo de Jenks.

— Não me sinto bem — disse, levando a mão ao estômago.

— Só precisa de um pouco de ar.

Ivy me conduziu através da loja e tirou o saco das minhas mãos. Ouvi o tilintar da porta abrindo e senti um sopro gelado. Estava escuro e frio na rua, o que combinava com o meu estado de espírito. Atrás de nós, ergueu-se o som de uma tranca bem oleada e o sinal de FECHADO acendeu-se, tremeluzindo. O horário da loja afixado indicava que a mesma se encontrava aberta do meio-dia à meia-noite mas, depois de uma venda daquelas, merecia ir para casa mais cedo.

Com algum esforço, pousei uma mão no banco sob uma parada trolebus azul e branco e me sentei. Não queria arriscar vomitar no *Corvette* de Kisten. Era a única coisa que podíamos conduzir através da cidade, agora que tínhamos sido vistos fugindo do local de um acidente com a *pickup* e nem eu nem Ivy queríamos entrar no furgão.

Merda. Os meus companheiros de casa estavam me transforma em uma viciada em Enxofre.

Ivy dobrou-se em um gesto gracioso, para se sentar ao meu lado, sem parar de percorrer a rua com o olhar.

— O Enxofre de qualidade medicinal é processado seis vezes — disse ela —, para o libertar dos estimulantes de endorfina, dos compostos alucinogénicos e da maioria dos estimulantes neurológicos, de forma que deixe apenas o suplemento metabólico. Em termos técnicos, a estrutura química é tão diferente, que nem sequer se trata de Enxofre.

— Não está ajudando — disse, pousando a cabeça entre os joelhos. Havia chicletes colados na calçada e eu lhe toquei com a biqueira, descobrindo que tinha enrijecido, devido ao frio. *Inspira: um, dois, três. Expira: Um, dois, três, quatro.*

— Que tal o fato de que, se não o tivesse tomado, por esta altura ainda estaria deitada na cama, precisando da ajuda de Jenks para ir ao banheiro?

Ergui a cabeça e inspirei.

— Isso ajuda. Mas, ainda assim, não vou tomar mais.

Ivy me dirigiu um breve sorriso de lábios apertados e eu observei enquanto o seu rosto ficava tão vazio como a rua escura. Não queria me levantar ainda. Estava cansada e aquela era a primeira vez que estávamos sozinhas desde... desde a mordida. Voltar ao quarto de motel, com Jenks, Jax, a gatinha e Nick, para fazer os meus lindos feitiços ilegais e maldições negras tinha o apelo de comer favas ⁴¹frias.

Uma *station* passou por nós, o silenciador cuspiendo um fumo azul que, em Cincinnati, teria garantido ao condutor uma multa. Estava com frio e me dobrei sob o casaco. Eram apenas onze e meia, mas pareciam quatro da manhã.

— Tudo bem? — perguntou Ivy, sendo óbvio que me viu tremer.

— Frio — disse, me sentindo como uma hipocondríaca.

Ivy cruzou as pernas pelos joelhos.

— Lamento — sussurrou.

⁴¹ Favas: Planta anual da família das leguminosas, semelhante ao feijão e cultivada por causa de seu grão comestível.

Ergui os olhos, descobrindo a sua expressão perdida nas sombras do poste de rua atrás dela.

— Não tem culpa de eu não ter trazido o casaco de inverno.

— Ter te mordido — disse ela, em voz baixa. Os seus olhos se fixaram nos meus pontos, depois desceram para a calçada.

Surpreendida, me esforcei por pôr em ordem os meus pensamentos. Tinha pensado que seria eu a abordar o assunto. O nosso padrão sempre foi: Ivy faz qualquer coisa que me assusta; Ivy me diz o que fiz de errado; prometo a Ivy não voltar a fazer; nunca mais falamos na questão. Agora ela queria falar?

— Bem, eu não — acabei por dizer.

Ivy ergueu a cabeça. O choque brilhou nos seus olhos escuros, cru e visível.

— Disse ao telefone que tinhas estado pensando — gaguejou ela. — Que ia passar a tomar decisões mais inteligentes. Vai deixar a firma, não vai? Assim que este trabalho chegar ao fim?

De súbito, vi a sua depressão sob uma luz completamente nova e quase ri de alívio, compreendendo que se tratava de um mal-entendido.

— Não vou deixar a firma! — disse. — Estava me referindo a decisões mais inteligentes em relação às pessoas em quem confiar. Não quero ir embora. Quero tentar encontrar um equilíbrio de sangue com você.

Os lábios de Ivy afastaram-se. Virada para mim, como estava, a luz do poste brilhou nos seus dentes perfeitos e ela fechou a boca com um estalo.

— Surpresa — disse, com a voz fraca e a pulsação veloz. Aquela era a coisa mais assustadora que tinha feito em algum tempo... e isso incluía enfrentar três matilhas de animalomens.

Durante o tempo que o meu coração demorou a bater seis vezes, Ivy ficou olhando para mim. Depois, abanou a cabeça.

— Não — disse com firmeza, alterando a sua posição, de forma que ficasse virada para a frente, o rosto oculto nas sombras. — Não compreende. Perdi o controle. Se Jenks não tivesse interferido, teria te matado. O Jenks tem razão. Sou um perigo para todos os



que me são queridos. Não faz ideia como é difícil encontrar e manter uma relação de sangue. Em especial, se não te ligar a mim — a voz dela parecia calma, mas eu conseguia ouvir o pânico escondido nela. — E, por *Deus*, não te vou ligar a mim só para tornar as coisas mais fáceis. Se o fizesse, só interessaria o que eu quero, não o que *nós* queremos.

Pensei no aviso de Jenks e tive dúvidas, depois recordei o que Kisten me contou sobre o passado dela e senti um toque de medo. Mas a recordação dos seus soluços enquanto jazia enroscada no chão me encheram, o desespero nos seus olhos quando Jenks lhe disse que ela tinha destruído tudo o que lhe era querido. Não, ele disse que ela destruía tudo o que amava. E, vendo esse mesmo desespero escondido nas suas palavras iradas, me senti tomada pela determinação. Não podia permitir que ela acreditasse nisso.

— Disse que eu precisava confiar nas pessoas certas — continuei, baixinho. O coração batendo veloz, hesitei. — Confio em você.

Ivy ergueu as mãos em um gesto de desespero e virou-se para olhar para mim.

— Deus, Rachel, podia ter te matado! Do tipo, deixar você morta! Sabe o que isso significa? Morta? Eu sei!

A minha própria ira se incendiou e eu me endireitei.

— Sim? Bem... posso ter um pouco mais de cabeça — disse beligerante. — Posso assumir parte da responsabilidade por manter as coisas sob controle, me manter um pouco mais consciente do que está se passando e não deixar que se perca... assim. Para a próxima, correrá melhor.

— Não *haverá* uma próxima — inabalável, Ivy mantinha-se absolutamente imóvel. A luz do poste brilhava no seu cabelo curto e ela fitava o chão coberto de sombras, intermitentemente iluminado graças aos bolbos amarelos. De súbito, virou-se para mim. — Diz que quer encontrar um equilíbrio de sangue, mas se recusa a tomar mais Enxofre. Não pode ter o bolo e comê-lo, bruxa. Quer o êxtase de sangue? Precisa do Enxofre para continuar viva.

Ela pensava que era por causa do êxtase? Me sentindo insultada por ela me julgar tão superficial, os meus lábios apertaram-se.



— Isto não tem nada a ver com o fato de ser a menina Sabe Bem e me encher com aquela... euforia — disse furiosa. — Isso posso conseguir com qualquer vampiro à beira-rio. Tem a ver com o fato de ser sua amiga!

A emoção jorrou sobre o rosto de Ivy.

— Deixou bem claro que não quer ser esse tipo de amiga! — disse ela em voz alta. — E se não for, não há como fazer isto! Tentei me curar, mas não consigo. Agora, a única forma de não matar uma pessoa é unir a sede ao amor, inferno! E você não deixa que te toque assim!

Nunca a tinha visto mostrar os seus sentimentos daquela maneira, mas não ia recuar; mesmo que ela estivesse começando a me assustar.

— Oh, deixa disso, Ivy — disse eu, me afastando dela alguns centímetros. — É óbvio, depois do dia de ontem, que consegue partilhar sangue sem dormir com a pessoa — ela me fitou de boca aberta e eu corei. — Tudo bem, admito: não acabou lá muito bem, mas por Deus! Apanhou nós duas de surpresa. Só precisamos ir mais devagar. Não precisa de sexo para te sentir próxima de alguém e compreender essa pessoa. Deus sabe que me sinto assim em relação a você. Usa isso para parar a sede — o meu rosto corou no frio ar noturno. — O amor não é isso?

Ivy continuava olhando para mim, voltando a esconder as emoções atrás dos seus olhos negros.

— Quase me matou, e depois? — continuei. — Eu deixei que o fizesse! A questão é que te vi. Por um instante, foi a pessoa que quer ser, forte e confortável com quem é e o que precisa, sem culpa e em paz com você mesma!

Ivy ficou pálida sob a luz da rua. Aterrorizada. Envergonhada, afastei o olhar, dando-lhe tempo para esconder as suas emoções.

— Gostei de ser capaz de te levar até aí — disse calmamente. — É uma sensação extraordinária. Muito melhor do que a euforia. Quero te levar de novo até aí. Eu... gostei de te ver assim.

Ivy me fitava, a sua esperança tão frágil que doía só de ver. Os seus olhos brilhavam devido à humidade e ela não disse nada, limitando-se a permanecer sentada, em uma postura rígida e assustada.

— Não sei se sou capaz — admiti, falando porque ela mantinha o silêncio. — Mas não quero fingir que não aconteceu. Pode concordar que aconteceu e prosseguir, um dia de cada vez?

Inspirando, Ivy quebrou o seu silêncio.

— Aconteceu — disse, com a voz tremendo. — Não vai voltar a acontecer — me inclinei para frente para protestar, mas ela me interrompeu com uma pergunta rápida — Porque não usa a magia para me impedir?

Surpreendida, me recostei:

— Eu... eu não queria te machucar.

Pestanejou rapidamente e eu soube que ela estava tentando não chorar.

— Confiou que não te mataria, nem mesmo por acidente? — perguntou ela. O seu rosto perfeito estava de novo vazio de qualquer emoção, mas eu sabia que era a única forma de proteger a si mesma.

Recordando o que Kisten disse, certa vez, sobre o fato dos vampiros vivos almejarem a confiança mais do que o sangue, acenei. Mas a recordação foi seguida pelo medo. Ele também disse que Piscary a tornou alguém capaz de matar inconscientemente alguém que amava, para poder se aproveitar do desespero dela, quando ela ia falar com ele, envergonhada e destruída. Mas ela não era a mesma pessoa. Não mais.

— Confiei em você — sussurrei. — Ainda confio.

Um furgão aproximava-se, os faróis brilhando sobre o seu rosto e revelando um risco brilhante de humidade.

— É por isso que não podemos fazer isto, Rachel — disse ela, e eu temi que Piscary ainda pudesse ser o seu dono.

O furgão sem janelas passou por nós muito devagar. Uma centelha de aviso me fez ficar imóvel e observei-a sem o demonstrar, inspirando profundamente o ar frio da noite cheirando a gasolina. O furgão travou muito e mostrou-se hesitante ao fazer a curva.





CAPÍTULO 28

Quando viramos para o estacionamento do motel vimos, ao lado da *pickup* amolgada de Nick, um carro estranho. Ivy ia a conduzir e eu observei enquanto os seus olhos deslizavam por todo o estacionamento, antes de ter virado o volante e estacionado em um lugar vazio. Tratava-se de um BMW preto com um autocolante de aluguel. Pelo menos, parecia preto; era difícil ter a certeza sob a luz dos postes de rua. Com o motor ainda ligado, Ivy fitou-o, o seu olhar nada revelando. Pensando que Walter tinha mudado de ideia, me preparei para sair.

— Espera — disse Ivy, e fiquei tensa.

A partir do nosso quarto, jorrou um feixe de luz de uma cortina sendo afastada. O rosto comprido de Nick espreitou e, quando nos viu, deixou cair o tecido. Ivy desligou o motor, o seu ronco baixo morrendo e deixando para trás a recordação do seu eco.

— Muito bem — disse ela. — Agora pode sair.

Teria saído mesmo que fosse Walter, mas, aliviada, abri a porta e deslizei pelo assento de couro. A nossa conversa interrompida, na trolebus, tinha me deixado perturbada. Deixaria que ela pensasse que bastava dizer não e que tudo ficava resolvido,

mas ela ia rever aquela conversa, mentalmente, durante dias. E quando chegasse a altura certa, voltaria a abordar a questão. Talvez sobre uma caixa de *take-out*⁴² de caril vermelho.

Tirei os sacos da parte de trás, o som suave dos objetos no seu interior misturando-se com o ronco agressivo da escolta de *street racers* que nos tinha acompanhado até ao motel.

— Odeio plástico — disse Ivy, tirando os sacos das minhas mãos e enrolando-os para que parassem de chocalhar.

A porta para o nosso quarto estava aberta e eu semicerrei os olhos perante a luz. *Então, era por isso que Ivy usava malas de lona.* Não se devia a uma especial atenção às questões ecológicas. Eram silenciosos.

A luz foi bloqueada, quando Nick saiu e fechou a porta, silenciosamente, atrás de si. Os animalomens no estacionamento do outro lado da rua, aceleraram sem sair do lugar e eu acenei-lhes, num gesto sarcástico. Eles não me responderam, mas vi a luz de um isqueiro, quando acenderam um cigarro e se instalaram.

Nick parecia mais do que ligeiramente preocupado quando veio falar com a gente, os olhos fixos nos animalomens. A sua estatura alta e magra ainda não estava completamente direita e ele apoiava-se, sobretudo, no pé esquerdo.

— Os seus amigos vampiros já chegaram — disse, afastando a atenção dos animalomens e fixando-a no BMW preto. — Voaram de Chicago em um jato privado mal o Sol se pôs.

A minha atenção saltou para a porta do quarto de hotel e parei de andar. *Maravilha. E eu que parecia cocô requentado.*

— O que é que eles já estão fazendo aqui? — perguntei, sem me dirigir a alguém em particular. — Não era suposto chegarem se não amanhã perto do nascer do Sol. Ainda não tenho nenhum dos meus feitiços prontos.

Ivy também parecia perturbada.

⁴² Take-out: um serviço dos restaurantes que permite que você leve a comida em recipientes próprios para poder comer em casa.

— Ao que parece queriam algum tempo para se instalar antes do nascer do Sol — disse ela, passando as mãos pelas calças de couro e endireitando o casaco.

Batendo rudemente no ombro de Nick, passou por ele. Me coloquei logo atrás, ignorando Nick que tentava chamar a minha atenção. Jenks tinha estado impedindo, dizendo a Nick que o meu cansaço se devia ao esforço de tantos feitiços e ao confronto com os animalomens. Ele não sabia que Ivy e eu tínhamos tido um encontro sangrento e, embora estivesse me danando para aquilo que o sacana pensava, sentia uma felicidade culpada por o colarinho do meu casaco, dificultar a visão dos pontos minúsculos.

Ivy entrou sem mais delongas, pousando os sacos logo à entrada e avançando para as três pessoas sentadas à mesa junto à janela coberta por uma cortina. Pareciam terrivelmente deslocadas na divisão de teto baixo repleta de camas e malas. Teria sido óbvio quem mandava mesmo que Ivy não tivesse parado em frente ao mais velho, executando uma permissão graciosa que fazia recordar a reverência de um estudante de artes marciais perante o seu instrutor. Ele sorriu, mostrando os dentes, mas sem qualquer calor.

Inspirei lentamente. Isto talvez fosse um pouco complicado.

DeLavine era um dos mais importantes mestres vampiros de Chicago e era precisamente isso que parecia, vestindo calças escuras e uma camisa de linho. O cabelo curto e penteado era da cor da areia, o rosto jovem e a barba rala davam-lhe um ar místico. O mais certo era que estivesse a utilizar um feitiço para manter a aparência de um homem de trinta e pouco.

O mais provável era que estivesse enrugado e retorcido. Os vampiros gastavam, por norma, todos os centésimos que tinham feito na sua primeira vida para comprar uma poção de efeito anual que permitia que parecessem tão jovens quanto desejavam.

Os olhos dele eram escuros, mostrando um ligeiro aumento das pupilas. Senti um formigamento no pescoço, quando o seu olhar me percorreu, leve, num gesto de rejeição. A sua atenção regressou a Ivy, me deixando simultaneamente aliviada e irritada; ele pensava que eu era o espectro dela. Que simpático, não?

DeLavine deixou-se ficar sentando, como um rei na sua corte, um copo de água pousado na mesa riscada ao seu lado e as pernas cruzadas num gesto confiante. Sobre as costas de uma cadeira vazia estava um casaco de caxemira, comprido, cuidadosamente dobrado; todos os outros tinham os seus casacos vestidos. Tinha o ar de uma pessoa que teve que arranjar uma aberta na sua agenda complicada para levar pessoalmente o filho ao médico e esperava para saber como este seria capaz de ajudar o filho a ultrapassar a crise de varicela.

Embora apreensivo, não estava preocupado. Fazia eu me lembrar Trent, embora Trent fosse movido pela lógica, ao passo que DeLavine era movido pela sede e por um esquecido sentido de responsabilidade. *Rex* estava sentada no meio do chão, na frente dele, a cabeça inclinada enquanto tentava perceber o que é que ele era.

Partilho do seu sentimento, gata.

De pé, atrás de DeLavine, estava um vampiro vivo. A mulher estava nervosa, uma emoção inusitada em uma vampira de sangue superior. Parecia magra e graciosa, o que podia ser enganador já que ela era bastante volumosa, em cima, e tinha quadris largos. O cabelo direito e descuidado começava a ficar cinzento, embora ela não parecesse mais velha do que eu. Não foi pela sua preocupação, teria sido bela. De aspecto assustado, os seus olhos estavam sempre em movimento, pousando em mim com alguma frequência. Era óbvio que não se sentia confortável com aquilo. As suas mãos estavam pousadas nas costas de um segundo vampiro que permanecia sentado. *Peter?*

Era óbvio que ele estava doente, sentado como se tentasse manter direito, mas incapaz de o fazer. Os seus olhos de um azul vivo eram surpreendentes contra o cabelo preto e a pele escura. A dor era revelada pela tensão na sua expressão agradável e podia sentir o cheiro de uma erva que só devia ser vendida sob receita médica, mas que não o era porque os humanos não sabiam que, misturada com fermento, funcionava como um poderoso analgésico.

Os jeans largos e a camisa simples tinham um ar tão dispendioso como as do seu mentor, mas estas, tal como o casaco, caíam sobre o seu corpo como se ele tivesse perdido muito peso. Parecia estar em pleno controle das suas capacidades, apesar do analgésico, e

o olhar que cruzou, com o medo, parecia-se com o de alguém que acabou de encontrar o seu salvador.

Não gostei daquilo. Se as coisas corressem como planejado ia matá-lo. *Tons de cinzento. Só desta vez. Tenho de salvar o mundo e tudo isso.*

Nick deslizou por trás de mim, deslocando-se furtivamente para a cozinha, onde se encostou a pia, de braços cruzados, a luz por cima do fogão tornando as suas feições ainda mais magras. Imaginei que desejasse passar despercebido, mas de qualquer forma ninguém queria reconhecer a sua presença.

Entre Nick e os vampiros, Jenks se sentou de pernas cruzadas no sofá, ao lado do artefato. Tinha deixado a seu cargo aquela coisa horrenda e ele levou a tarefa muito a sério. Ficava estranho sentado daquela forma, mas a expressão dura nos seus olhos equilibrava a postura de garoto mimado. A espada de Ivy, pousada sobre os joelhos, também ajudava. Os vampiros o ignoravam. Se eu tivesse sorte, também seria ignorada.

— DeLavine — disse Ivy, em tom respeitoso, pousando o casaco na cama e inclinando a cabeça. Tinha o ar de um mensageiro preferido que devia ser bem tratado. O vampiro morto-vivo ergueu uma mão em saudação e ela virou-se para Peter. — Peter — disse num tom mais casual, fazendo um gesto para que permanecesse sentado e lhe apertando a mão.

— Ivy Tamwood — disse o vampiro doente com um tom agradável, a voz era forte para o corpo estreito e emagrecido pela doença. — Ouvi muito sobre as suas boas obras. Obrigado por me receber.

Boas obras? Pensei, depois recordei as pessoas desaparecidas que tinham enchido a sua agenda durante os primeiros três meses de existência da nossa firma.

— É um prazer conhece-lo — continuou ele, soltando-lhe a mão. — Pode imaginar a confusão que gerou em minha casa quando ligou. — Ele sorriu, mas detetei um toque de medo.

— Pronto — censurou o vampiro morto-vivo, sentindo e lhe tocando no joelho. — É um momento de dor. Nada com que não tenha vivido durante toda a sua vida — foi a

primeira vez que falou e a sua voz tinha um sotaque tão ligeiro que só o suave prolongamento das vogais o revelava.

Peter baixou os olhos, um movimento acompanhado pela cabeça. Pensei que ia me sentir mal. Aquilo era errado. Não queria fazer aquilo, não o queria fazer desde o início. Podíamos descobrir outra forma.

— DeLavine, Peter — disse Ivy, fazendo um gesto para que eu me aproximasse. — Esta é a minha parceira, Rachel Morgan. Serão os feitiços dela a tornar isto possível.

Não pude deixar de reparar que a mulher que se erguia atrás deles estava sendo ignorada e não parecia ter qualquer problema com isso. Me sentindo como uma mula premiada, tirei o boné e avancei, consciente do cabelo amassado, das calças desbotadas e da T-shirt a dizer STAFF. Pelo menos, estava lavada.

— É um prazer conhecê-lo, senhor — disse, não oferecendo a mão a DeLavine. Nem pensar. — Peter — acrescentei, apertando a dele.

Peter sorriu, me mostrando os dentes, a mão fria ao tocar na minha. Havia alguma força no seu aperto, mas pude ver o medo nos seus olhos. *Não podia fazer isto.*

— Rachel Morgan — disse o vampiro doente, o olhar pousando-se no meu pescoço e erguendo-se, educadamente, até aos meus olhos. — Gostava de falar contigo sobre a razão por que...

— Rachel — interrompeu suavemente DeLavine e eu saltei. — Quero te ver. Vem cá.

O meu olhar saltou para Ivy e a minha pulsação acelerou. O rosto dela estava vazio de qualquer emoção e, com esse pensamento reconfortante, me virei para ele. Quando lidamos com um vampiro que não conhecemos, é sempre melhor reconhecer a sua existência e falar com os subordinados, a menos que eles mostrem algum interesse. *Oh, Deus, eu não quero ser interessante.*

— Então, é você quem vai libertar o meu Peter da sua dor mortal — disse ele, a voz descendo até ao fundo dos meus pulmões e tornando difícil para eu respirar.

— Sim, senhor — olhei-o nos olhos e lutei contra o formigamento familiar.



DeLavine me fitou também, mais do que um aparente teste de sedução no abrir das suas pupilas. Atrás de mim, Ivy avançou e, pelo canto do olho, vi que Jenks descruzava lentamente as pernas e pousava os pés no chão. Senti a tensão correr através de mim e, embora os olhos de DeLavine não tivessem se afastado de mim, percebi que ele começava a ficar consciente de que eu não era algo a ser usado de forma casual e descartado, apesar da minha aparência.

O homem refinado ergueu-se em um ruído suave e eu recuei um passo, o senso comum sobrepondo-se ao meu desejo de parecer corajosa. Também *Rex* se levantou, espreguiçando-se antes de se ir esfregar nos pés do vampiro. Me obriguei a respirar, enquanto a presença de Ivy atrás de mim me transmitia uma sensação de segurança que eu sabia que era falsa. As minhas pernas pareciam instáveis e as pupilas dele abriram-se quando o sentiu. *Não tenho medo*, menti a mim mesma. Bem, não mais do que o suficiente para continuar viva.

— Conheço você — disse DeLavine, e eu me preparei para enfrentar as feromônios que ele estava a libertar. O vampiro estendeu um braço e eu refreei um salto quando ele alisou uma mecha do meu cabelo selvagem.

— A sua juventude me distraiu. Quase não percebia, já que está praticamente ignorante de você mesma. É a bruxa do Kalamack.

— Não lhe pertenço. Não trabalho para ele. Muito — protestei, com pouca convicção, depois fiquei rígida, quando ele praticamente empurrou Ivy do caminho e me contornou. Ouvi ela tombar para trás, recuperando o equilíbrio, mas sem se queixar. Na cozinha, Nick ficou pálido. Jenks levantou-se, a espada apertada nas mãos. Peter parecia perturbado e a mulher tensa. DeLavine estava consciente de todos, mas só se concentrava em mim.

— É uma mulher espantosa — disse o vampiro morto-vivo atrás do meu ombro. Não havia formigamento, qualquer sinal de paixão, mas chegaria lá. Podia senti-lo fervilhando sob a sua voz sedosa. — E a sua pele... tão perfeita, nem uma marca do Sol. Mas, abençoada seja a sua alma — disse, com uma lentidão trocista. — Alguém... te mordeu.

DeLavine exalou e os meus olhos fecharam-se quando uma onda de prazer renovado se ergueu da minha nova ferida, derretendo o meu medo como se fosse açúcar. Ele estava me enfeitiçando. Eu sabia. Não podia lutar contra isso. E, Deus me ajudasse, queria fazê-lo. Tudo o que consegui foi emitir um pequeno som de protesto quando os seus dedos afastaram o colarinho do meu casaco de couro.

— Não — sussurrou Ivy, com medo na voz. Os meus olhos se abriram, mas foram apanhados pelos de DeLavine. Ele encontrava-se agora à minha frente, uma mão erguida para silenciar Ivy que se encontrava atrás de mim. Rex esfregou-se nos meus pés, ronronando. *Não era suposto isto acontecer. Não era suposto isto acontecer!*

O rosto de Jenks estava tenso. Tinha lhe sido dito que não interferisse, que isso só pioraria as coisas. Atrás dele, Nick estava imóvel de terror. Não creio que fosse por causa de DeLavine. Acho que foi por ver os novos pontos no meu pescoço e por compreender o que significavam. Ivy tinha me mordido e o meu rosto ficou vermelho diante da sua acusação silenciosa. Ele pensava que eu tinha me perdido, que tinha permitido que as minhas paixões me governassem e deixado que Ivy se aproveitasse disso.

Cerrei o maxilar e ergui o queixo. Nick não tinha nada que ver com o que eu fazia nem com quem. E eu não cedi ao prazer; eu tentei compreendê-la ou talvez me compreender.

Mas DeLavine encarou o meu gesto com um desafio e acariciou, gentilmente, os limites doloridos da mordida.

A adrenalina correu através de mim. A minha pulsação fraca tentou absorvê-la, mas não foi capaz. Arquejei quando a sensação correu do seu toque suave contra a ferida ainda por sarar, jorrando através de mim, simultaneamente familiar e estranha, pois vinha de um vampiro que eu não conhecia. A diferença tocou algo em mim que eu não sabia existir e a minha visão escureceu quando a perda de sangue tornou impossível para eu lidar com aquela nova exigência.

Jenks avançou. Pelo canto do olho, vi Ivy chocar com ele.

— Desculpa — resmungou ela, transformando as mãos em um martelo, cobrindo um pulso fechado com o outro e batendo-lhe na cabeça.



De boca aberta, Nick erguia-se na cozinha, observando enquanto os olhos do *pixy* se reviravam e ele caía com uma pedra, inconsciente. O humano recuou até não poder mais. Pensou que Ivy me tinha dado a DeLavine. O que ela fez foi salvar a vida de Jenks e, talvez, a de todos os outros, já que um combate deixaria DeLavine louco. Assim, só eu morreria.

— Me permite... — sussurrou DeLavine só para mim e me contornou, com *Rex* correndo alegremente atrás dele, o vampiro cheirando tudo, equilibrando, calculando.

A minha respiração silvou e eu a segurei. Tranquei as articulações dos joelhos para me manter direita. Ivy não podia fazer nada e eu conseguia ouvir a frustração na sua respiração enquanto ela se obrigava a não interferir. Não podia vencer DeLavine. Não sem recorrer à força de Piscary e encontrava-se fora da sua influência. DeLavine sabia. Que o tivéssemos convidado apenas para salvar Peter de pouco importava.

— Mordida, mas não ligada — disse o vampiro morto-vivo e um arrepio correu através de mim. — Livre para quem a quiser. Sinto duas marcas demoníacas em você. Sinto duas mordidas, mas só uma tocou a sua alma e com tanto cuidado... tão cuidadosa que ela foi, um beijo tão suave, quase um sopro. E alguém... alguém pôs a sua marca nas suas... células. Reclamada por muitos, pertence de nenhum. Quem me procuraria para te recuperar?

— Ninguém — arquejei e os seus olhos fixaram-se nos meus, roubando as palavras seguintes. Me mantinha de pé, sob o seu controle, e teria caído se a sua vontade não me sustentasse.

— Por favor — suspirou Ivy, erguendo-se ao lado de Jenks, caído no chão. — Peço um favor.

Com um leve interesse, DeLavine tocou no lado do pescoço que não tinha qualquer cicatriz.

— O quê? — perguntou.

— Deixe-a para mim — a tez pálida de Ivy fazia com que os seus olhos parecessem ainda mais escuros. — Peço-lhe, como agradecimento por ajudarmos Peter — ela lambeu os lábios e manteve os braços baixos. — Por favor.

DeLavine afastou de mim o olhar e eu pestanejei, sentindo que um pouco da minha força de vontade voltando.

— Isto — disse o vampiro, erguendo o meu queixo com um dedo — devia pertencer a um mestre vampiro, não a você. O Piscary te mimou muito. Não passa de uma criança mimada, Ivy, e devia ser castigada por sair da influência do seu mestre. Tomá-la para mim, irritará Kalamack e me fará cair nas boas graças de Piscary.

Os olhos de Ivy saltaram para mim, depois se afastaram. Quase podia sentir os seus pensamentos a realinharem-se e a minha pulsação acelerou quando a sua postura perdeu a tensão e se tornou sedutora.

Deus nos ajude. Ela ia dar-lhe o que ele queria, para que ele me deixasse em paz. Não podia deixar que ela o fizesse. Não podia deixar que ela se entregasse à imundice por mim. Mas, enquanto os arrepios corriam através de mim confundindo a minha mente, não pude fazer mais do que observar.

— Um tão doce trago — disse DeLavine, de costas para Ivy. Havia um novo brilho no seu olhar, fazendo com que eu não tivesse a certeza se estava falando de mim ou de Ivy. — Um lobo em pele de cordeiro, fedendo a Enxofre, mas ainda muito fraca — disse ele. — Posso te matar por engano, bruxa. Mas ia gostar — ele inspirou, analisando a minha vontade. Quando exalou o seu bafo por baixo da minha orelha lançou um relâmpago de desejo até ao centro do meu ser. — Quer isto? — murmurou.

— Não — sussurrei. Foi fácil. Ivy me tinha dado o medo que me permitia encontrar a força para o dizer.

Mas DeLavine ficou maravilhado.

— Não! — exclamou, as pupilas muito abertas e dilatadas, erguendo os lábios vermelhos de luxúria. — Cada vez mais curioso — os dedos dele traçaram uma linha ao longo do meu ombro e eu soube que ele queria me espetar as unhas, enterrá-las de forma que provocasse dor e um delicioso caminho de sangue até ao meu pescoço que a sua boca poderia seguir.

De olhos fixos em mim, sorriu revelando os caninos compridos. A ideia de que se enterrassem em mim arrancou um arrepio às profundezas da minha alma. Sabia qual seria

a sensação e o medo de que o meu sangue fosse arrancado de mim pela força misturou-se com a recordação das sensações de prazer. Fechei os olhos, começando a hiperventilar, lutando contra ele, perdendo para ele. DeLavine aproximou-se mais, quase me tocando. Podia sentir o seu desejo de esmagar a minha vontade a tornar-se mais forte. Ele não queria saber de Peter. Já não. Eu era muito interessante.

— Uma vontade tão forte — disse ele. — Podia arrancar a consciência da sua alma como se fosse pedra.

O vampiro moveu-se e vi Ivy que, atrás dele, tentava ganhar coragem.

Não implorei silenciosamente, mas o medo que sentia por mim era mais forte do que o medo que sentia por si mesma. Culpa, vergonha e alívio me mantiveram em silêncio quando, avançando com um suspiro para revelar onde estava, tocou no ombro de DeLavine.

Observei, horrorizada e fascinada, enquanto a perna comprida de Ivy deslizava por entre as dele. Ela passou um braço sinuoso em redor do seu peito, de tal forma que as pontas dos seus dedos brincavam com a base do pescoço dele. Inclinando a cabeça, tocou com os lábios na orelha dele. E, enquanto DeLavine me fitava, Ivy acordava por inteiro a sua fome e sussurrava-lhe:

— Por favor?

O meu sangue palpitou quando ela encostou os dentes à orelha dele e puxou.

— Gosto dela... — acrescentou. — Quero mantê-la como está.

DeLavine afastou os olhos de mim e eu senti que as lágrimas começavam a correr, ainda que os feromônios vampíricos e o fato de estar o vendo brincar levassem a minha libido a novas alturas. *Isto é tão errado.*

Ivy contornou-o de forma que se intrometesse entre nós. Erguendo-se, com as pernas afastadas, deslizou as mãos pelo peito dele, entre terno e a camisa. Lançou a cabeça para trás e uma gargalhada de prazer ergueu-se dela, me chocando.

— Posso sentir as suas cicatrizes! — riu, transformando o final do riso em um som cruel suave e repleto de desejo. Aquela era Ivy, mas não era. Brincalhona, sensual e

dominante, aquele era um lado dela que nunca queria me mostrar. Aquela era a Ivy fazendo o que fazia melhor.

Simultaneamente cativada e repelida, não consegui afastar os olhos enquanto ela levava os lábios ao pescoço dele e o vampiro fechava os olhos. Ele exalou, as mãos tremendo quando lhe agarrou nos pulsos e os baixou.

— Esta noite? — sussurrou Ivy, suficientemente alto para que eu a ouvisse. E DeLavine abriu os olhos, sorrindo diabólico quando o seu olhar se fixou no meu.

— Traz ela.

— Sozinhos — contrapôs Ivy, arrancado as suas mãos das dele para poder explorar o interior das coxas do vampiro. — O que eu quero fazer iria matá-la — ela riu, terminando o riso com um gemido ansioso. O som brincalhão de desejo apertou o meu estômago. Era provavelmente assim que ela tinha sido naqueles anos de que não falava e estava voltando a eles para me manter em segurança.

Deus, como é que cheguei a ponto de ver os meus amigos se venderem para que eu possa ficar viva?

Ivy mexeu-se, fazendo algo que não consegui ver, mas que levou DeLavine a abrir ainda mais os olhos. Peter silvou e não foi com surpresa que descobri uma expressão ciumenta e amuada no seu rosto. A mulher atrás dele deslizava os dedos sobre ele para distraí-lo, mas não parecia estar ajudando.

— A inocência pode ser excitante — murmurou Ivy. — Mas a experiência...? Há uma razão para Piscary fazer as minhas vontades — disse ela, as sílabas tão certas e quentes como a chuva de verão, acelerando a minha pulsação. — Gostaria de saber... porquê? Poucos sabem.

DeLavine sorriu.

— Piscary não ficará contente.

— Piscary está preso — disse ela, fazendo beicinho. — E eu estou só.

As feromônios que eles estavam a emitir lançavam arrepios de paixão pelo meu corpo. Estava prestes a atingir o clímax ou a vomitar. Ivy tinha deixado Skimmer e tinha me seguido até ali para fugir do seu passado e agora voltava a ele para salvar a minha

vida. Eu ia matá-la, involuntariamente. Eu fiz com que ela me mordesse e agora estava a se prostituir para me manter em segurança. Ela pensava que eu ia salva-la, mas eu ia matá-la.

Quase esquecido, Peter moveu-se.

— Por favor, DeLavine — disse, com uma voz séria, e eu me senti desesperada perante a imundície em que me encontrava, o sistema em que Ivy trabalhou toda a sua vida. — Ela conhece os feitiços — continuou Peter. — Sofro tanto.

DeLavine libertou a minha vontade. A minha pulsação caía veloz e, arrancado o seu apoio, os meus músculos tiveram um espasmo gigantesco e eu fiquei mole. Quase inconsciente, caí.

— Por você, Peter — ouvi-o dizer sobre mim, enquanto deslizava os braços por baixo do corpo, para conseguir tirar o rosto do chão. Tonta, me arrastei até ficar sentada. O vampiro morto-vivo estava me ignorando, o seu olhar percorrendo o perímetro da divisão. Ivy o largou e estava de pé, junto à janela coberta pela cortina, a cabeça baixa enquanto tentava se acalmar. Fui atingida pela culpa e suspirei no que foi quase um grito.

— Há algumas coisas que quero — dizia DeLavine, aparentemente esquecendo o fato de que eu estava deitada no chão. — O Peter quer que a última coisa que veja seja o pôr-do-sol.

— Certo, pode ser considerado — disse Ivy baixinho. A sua voz ainda estava rouca e eu ignorei a recordação de te-la ouvido sussurrar ao meu ouvido.

De cabeça baixa, gatinhei até Jenks, verificando a sua pulsação e afastando as pálpebras para ver os olhos de pupilas dilatadas. Ele estava bem e eu me deixei cair contra a frente do sofá, me contentando em ficar no chão. Ivy não olhava para mim e, com toda a franqueza, não queria que ela olhasse. Como é que eu podia... como é que eu podia lhe pagar aquilo?

— Considerado? — DeLavine pegou em *Rex* e fitou os seus olhos verdes. A gatinha afastou os olhos primeiro. — Não há nada a considerar. Fará.

— Sim, DeLavine — Ivy virou-se e eu parei um estremecimento diante da finura do aro castanho dos seus olhos. As suas pupilas estavam quase totalmente dilatadas e só pelo

fato de se encontrar ali, de pé e a respirar, parecia prestes a deitar alguém ao chão e a beber o seu sangue.

Peter parecia irritado por ver Ivy tomar algo que queria do seu mentor e a futura delfim de Peter parecia assustada ao ver o seu futuro, transformada em nada mais do que uma fonte de sangue e recordações. Quando Peter morresse, tudo o que ficaria seria a concha do homem por quem se apaixonou. Ela sabia, mas mesmo assim o desejava.

— Estou preocupado com a possibilidade de danos na sua estrutura facial — disse DeLavine, voltando a pousar *Rex* e aproximando-se de Peter. Não revelava o mais pequeno indício de sede de sangue, mas eu podia senti-la a ferver na sua voz. — Os acidentes de automóvel podem ser terrivelmente desfigurantes e o Peter já sofreu muitas indignidades.

Do chão, observei enquanto DeLavine deslizava um dedo pelo maxilar de Peter, o toque simultaneamente possessivo e distante. Me dava náuseas. O mau humor de Peter diminuiu, os seus modos tornaram-se mais suaves.

— Sim, DeLavine — disse Ivy. — Os encantamentos minimizarão o efeito.

Oh, sim. Tinha sido por isso que tinham ido ao motel.

— Eu, hum... — saltei quando os olhos de todos caíram sobre mim. — Preciso de um esfregaço da boca de Peter para poder tornar o encantamento de disfarce sensível a ele.

A sede de Ivy era arrepiante. Reconhecendo o meu medo ela moveu-se, se dirigindo à cozinha e aos meus objetos de feitiçaria espalhados por todo o lado. Nick recuou para sair do seu caminho. De cabeça baixa, ela vasculhou por todo o lado, voltou a Peter com um cotonete envolto em celofane. Eu gostaria de ter, no mínimo, assistido, para ter a certeza de que Peter fornecia uma amostra suficiente, mas DeLavine estava de novo em movimento.

Me enrolei em uma bola quando ele se dirigiu a mim. Com dedos bruscos, agarrei a espada de Ivy, puxando-a desajeitadamente do local onde Jenks a deixou cair. *Isto era errado, tão errado.*

DeLavine me dirigiu um olhar de sobrancelha erguida, depois me ignorou e agarrou no artefato, sozinho e vulnerável na mesinha de cabeceira. Tinha olhado para mim, mas fez de forma diferente. Me viu, calculou o risco e me ignorou; contudo, desta vez, Me fitou como uma possível ameaça, não como um saco de sangue ambulante. Me perguntei o que teria mudado.

— É isto? — murmurou, afastando-se casualmente do alcance da espada.

Os meus dedos apertaram o cabo, mas não pensei que fosse a espada o que fazia com que ele me observasse, embora parecesse não o fazer.

Ivy aproximou-se, o cotonete no celofane aberto na mão. Parecia ter recuperado o controle, só sendo perceptível um resquício da sua sede descontrolada nos movimentos mais sutis.

— Será destruído com Peter — disse ela, mas DeLavine não estava ouvindo, absolutamente concentrado na feia estátua empoleirada na ponta dos dedos.

— Uma tão grande maravilha — considerou em voz alta. — Tantas vidas para sempre terminadas por causa dela. Devia ter sido destruída quando foi desenterrada, mas alguém foi ganancioso... e agora está morto. Eu sou... mais sensato do que isso. Se a posso ter, ninguém a terá — DeLavine ergueu o polegar da mão livre e arranhou a ponta do dedo indicador. — Peter?

— Sim, DeLavine?

Segurei a respiração quando uma gota de sangue se formou. Com uma atenção cuidadosa, o vampiro morto-vivo espalhou a gota sobre a estátua. Senti um arrepio quando o sangue foi absorvido ficando apenas uma mancha escura.

— Se assegura — disse DeLavine calmamente — de que é destruído — ele olhou para mim e sorriu, mostrando os longos dentes caninos.

— Sim, DeLavine.

Com uma satisfação confiante, DeLavine pousou a estátua marcada. Os meus lábios curvaram-se em uma careta quando reparei que a dor gravada no rosto da figura parecia ainda mais profunda. Virando-se com uma lentidão exagerada, o vampiro morto-vivo lançou o olhar através da divisão, pousando-o em Nick, encolhido no canto da cozinha.

— Isto é repulsivo — disse, e, de súbito o quarto parecia-o — Um buraco apertado e sujo que fede a emoções. Vamos ficar em outro lugar. Peter, vamos embora. Audrey tratará de tudo para que esteja onde precisa estar quando o Sol se puser.

Audrey, pensei, olhando de relance para a mulher. Então, ela tinha um nome. Afastei os pés para que ele não os pisasse e ele avançou calmamente até à porta. Peter levantou-se, devagar, enquanto Audrey o ajudava, agarrando-o de forma profissional para não machucar as próprias costas.

Os olhos do vampiro doente cruzaram-se com os meus, sendo óbvio que queria falar comigo, mas DeLavine pegou no seu outro braço, em uma demonstração de preocupação nascida da memória, não do amor, e acompanhou-o à porta.

Ivy abriu a porta para que saíssem e DeLavine hesitou, enquanto Peter e Audrey saíam.

Apertei ainda mais o cabo, mas não pude fazer nada quando o vampiro se dobrou para sussurrar ao ouvido de Ivy, a mão envolvendo possessivamente a cintura dela. A minha pulsação acelerou quando ela olhou para o chão. Maldição, isto não era certo. Ela acenou e eu me senti como se a tivesse vendido.

A porta foi fechada e os ombros dela afundaram-se.



CAPÍTULO 29

— Ivy...

— Cala a boca.

Larguei a espada e puxei os joelhos até ao queixo para lhe dar espaço para se ajoelhar ao lado de Jenks. Com a sua força de vampiro, ela agarrou nele e o encostou ao sofá, dando lhe um safanão.

— Jenks! — chamou. — Abre os olhos. Não te bati assim com tanta força.

Jenks não respondeu, a cabeça tombando e o cabelo caindo em redor das suas feições angulares.

— Ivy, desculpa — disse eu, a pulsação acelerada pela culpa. — Você... Oh, Deus, diz a ele que mudou de ideia. Podemos pensar em outra coisa.

Perto de mim, Ivy me dirigiu um olhar insondável, as mãos nos ombros de Jenks, o rosto vazio de emoção.

— Não o teria oferecido se não estivesse preparada para fazer.

— Ivy...

— Cala a boca! — gritou ela, me sobressaltando. — Quero fazer, tudo bem? Não posso tocar em *nada* sem o matar, por isso vou voltar às coisas que *já estão mortas*! Estou fazendo isto por mim, não por você! Vou me divertir, por isso *cala a boca de uma vez, Rachel!*

De rosto quente, a minha boca abriu-se. Não tinha me ocorrido que ela talvez o quisesse fazer.

— Eu... eu pensei que só partilhava sangue com pessoas que...

— Pois, já tentei, não já? Não funcionou. Se não posso ter você, mais vale voltar ao que era. Cala a boca.

Eu me calei. Não sabia o que pensar. Ela estaria dizendo aquilo para que eu me sentisse menos culpada ou estaria falando sério? Parecia, sem dúvida, saber o que estava fazendo, envolvendo DeLavine daquela maneira. Não podia acreditar que ela estivesse falando mesmo a sério. Não depois da sua confissão há apenas uma hora. Aparentemente, nos dirigíamos ambas para locais para onde não queríamos ir: eu para frente e ela para trás.

— Ivy? — perguntei, mas ela recusava-se a olhar para mim.

— Jenks — disse ela, manchas de cor visíveis no rosto. — Acorda.

A respiração dele tornou-se mais rápida e não fiquei surpreendida quando vi as suas feições enrugarem-se em uma expressão de dor. De olhos fechados, levou a mão à cabeça. Nick tinha saído da cozinha, se deixando ficar ao lado de televisão como um empecilho, os braços cruzados sobre a T-shirt desbotada. *Rex* estava tendo o melhor dia da sua vida, ronronado e esfregando-se em todos, obviamente feliz por estarmos ao seu nível.

— Au — disse Jenks, quando as pontas dos dedos tocaram no galo e os seus olhos se abriram de súbito. — Você e bateu! — gritou, e Ivy o largou. Jenks encostou-se contra o sofá, a raiva brilhando nos olhos verdes, até ter me visto sentada ao seu lado, provavelmente com tão mau aspecto como me sentia. O seu olhar saltou para a mesa vazia, depois percorreu o quarto até ter encontrado a estátua. — Ah, inferno, o que é que perdi? — perguntou.

— Desculpa — Ivy levantou-se e lhe ofereceu uma mão para ajudá-lo a se erguer. — Ele teria te matado.

Por isso, ela lhe bateu, correndo o risco de lhe provocar um traumatismo craniano? Sim, isso fazia sentido.

O olhar de Jenks saltou para mim e fiquei sem fôlego diante do medo que vi nele.



— Tudo bem? Ele te tocou?

— Claro que me tocou — disse eu, me levantando e oscilando até recuperar o equilíbrio. — Ele é um vampiro morto-vivo. Esses caras não conseguem ver sem tocar. Não conseguem não tocar. Sou uma porcaria de um pirulito vampírico e todos querem dar uma lambida.

— Para o diabo com tudo isto! — Jenks levantou-se, tocando na parte de trás da cabeça quando esta, de certo, protestou diante da rapidez do movimento. — *Pixy* estúpido. *Pixy* estúpido, verde, ranhoso, com o dedo no traseiro! Me deixou inconsciente, Ivy!

— Jenks — objetei —, deixa ela em paz.

Mas ele não estava zangado com ela, estava zangado consigo mesmo.

— Apanhado por uma vampirinha piegas — disse ele, gesticulando. — Rachel, pega nessa espada e espeta em mim. Vá, espeta. Não passo de um apoio retardado, de asas amarfanhadas, coberto de pó e orvalho. Tão inútil como um preservativo *pixy*. Derrubado pela minha própria parceira. Me fechem o traseiro com fita adesiva e deixem que eu peide pela boca.

Pestanejei, impressionada. *Rex* serpenteava ao redor dos meus pés e, precisando de algum conforto, peguei nela. Imediatamente, ela saltou para o sofá e lançou-se contra Jenks, arranhando-lhe a perna. O *pixy* guinchou quando ela lhe afiou as unhas e a gatinha deslizou para debaixo da cama.

— Olha! Ela fez sangrar. Rachel! A sua maldita gata cor de laranja me arranhou. Estou sangrando!

— *Rex*! — gritou Jax, saindo detrás do alto da cortina. — Pai, a assustastou! *Rex*, tudo bem? — lançou-se para debaixo da cama.

— Isto é tão inseguro — murmurei. Cansada, bamboleei até à cozinha, para escapar de Jenks, que se tinha deixado cair em cima da cama e segurava a perna como se *Rex* tivesse acertado na veia femoral. Parei antes de chocar contra Nick.

— Olá, Nick. — murmurei, marcando o “k” com uma força excessiva. — Sai do meu caminho. Tenho muito que fazer antes de matar o Peter e de a Ivy sair para o seu *grande encontro*.



Com o rosto longo preocupado, Nick inspirou para dizer qualquer coisa. Eu não ia ouvir. Não lhe devia nada. Me sentindo como se tivesse oitenta anos, contornei ele.

— Posso ajudar — disse ele, e eu me deixei cair em uma daquelas horrendas cadeiras de cozinha, pousei os cotovelos na mesa e me inclinei para frente. Estava cansada, com fome e irritada. Tinha perdido por completo o controle sobre a minha vida. Já não se tratava de uma simples operação de resgate e fuga. Não, agora tinha que salvar o mundo do meu antigo namorado e a minha companheira de casa de si mesma. *Que diabo. Porque não?*

Ivy tinha ido buscar os meus sacos ao local onde os tinha pousado, junto à porta. Silenciosa e claramente envergonhada, colocou eles sobre a mesa, pousando o esfregaço de Peter à minha frente com gestos exagerados. Jenks tinha, ao que parece, concluído que não ia sangrar até à morte e, com a sua absoluta falta de movimento, atraiu a minha atenção.

Levantando-se, olhou primeiro para o artefato, deslizando depois o olhar até Nick. Acenei, compreendendo. Com uma lentidão casual, Jenks pegou no artefato e cambaleou até nós. Os meus olhos estavam fixos em Nick, fitando-o através da cortina feita pelos meus caracóis.

Senti o estômago ceder quando Nick observou Jenks, sem parecer fazê-lo. Nick queria o artefato. Queria roubá-lo e vendê-lo a quem pagasse mais, mesmo que isso significasse que eu teria que me esconder para impedir que os animalomens me encontrassem e matassem por isso. Se o ia fazer ou não era ainda uma incógnita, mas ele estava considerando a possibilidade. *Filho da puta.*

O artefato manchado com o sangue de um vampiro foi pousado com um baque surdo à minha frente e Jenks puxou os sacos para mais perto de si, dando largas à sua curiosidade *pixy*.

— Nêveda? — perguntou, tirando a embalagem do saco e abrindo-a.

— É para a *Rex* — afirmou Ivy, soando subitamente tímida, imagine-se.

Um sorriso brilhou no rosto de Jenks e ele emitiu um assobio suave. Rapidamente, Jax saiu a zumbir de debaixo da cama.

— Nêveda! — gritou o pequeno *pixy*, agarrando em uma mão-cheia e voando para longe.

— Oh, ena! *Fudge*! — exclamou Jenks, descobrindo a caixa de duzentas e vinte e cinco gramas que eu tinha trazido para substituir a que ele tinha perdido. — É para mim? — perguntou, os olhos verdes brilhantes.

Acenei, tentando controlar a raiva em relação a Nick. Jenks encostou-se ao balcão, entusiasmado, e abriu a caixa. Ignorando a faca de plástico, partiu cerca de um terço do *fudge* e deu uma enorme mordida. Ivy observou, chocada, e eu encolhi os ombros. Mastigando e cantarolando ao mesmo tempo, Jenks acabou de tirar as coisas dos sacos. Eu estava meio morta, Ivy estava a se prostituir para me manter em segurança, mas Jenks estava bem desde que tivesse chocolate.

Começava a me sentir apertada na cozinha minúscula, mas não queria que nenhum deles se fosse embora. Me sentia gelada e vulnerável e a sua proximidade estava me ajudando a lidar com o avanço que DeLavine fez sobre mim. Por dentro, o que Ivy estava a fazer por mim — aquilo para onde estava a cair de novo — me fazia tremer e, se eles saíssem, os meus dedos começariam a revelá-lo.

— Rachel? — disse Nick a partir dos limites da cozinha. — Posso ajudar?

Ivy indignou-se, mas eu parei por cima da mesa e lhe passei um cotonete.

— Preciso de uma amostra — disse. — É um encantamento ilegal, mas não pensei que se importasse.

Com o rosto tenso de frustração, Nick pegou no cotonete, virando-se enquanto passava a ponta pelo interior da boca. Me lembrei do que DeLavine disse sobre o fato de tantas pessoas terem deixado em mim a sua marca e esmaguei um sentimento de vergonha. Não pertencia a ninguém. Mas vendo Nick incapaz de entrar no conforto que eu sentia entre os meus amigos, senti as minhas raízes Inderlanders fortes e resistentes.

Nick não compreendia. Jamais compreenderia. Tinha sido uma idiota ao pensar que poderia encontrar algo duradouro ao seu lado e ele provou ao vender pedaços de mim a Al.

Me recusei a olhar para Nick quando ele me passou o cotonete, envolto na segurança do pacote de celofane. Moveu-se como se estivesse preparando para falar e perguntei de repente a Ivy:

— O Piscary não vai se importar com o fato de estar ajudando o Peter, não é?

De olhos baixos, apontei o nome de Nick na embalagem, com um grande e guinchante marcador preto.

— Não — o som de água correndo para a cafeteira distorceu-lhe a voz. — O Piscary não quer saber se o ajudamos ou não. O Peter não é importante para ele. Nem para mais ninguém. Pelo menos, para qualquer pessoa que não a sua delfim. O mais certo é que desapareça da consciência de DeLavine quando este se vir distraído com coisas mais excitantes.

Como você? Pensei, mas não disse em voz alta.

Ivy virou-se, o cabelo preto agitando-se e revelando os brincos.

— Vou fazer café — disse. — Quer um pouco?

Não se tivesse um toque de Enxofre. Que grande droga, estava cansada.

— Por favor — disse, sentindo o olhar de Nick pesado sobre mim.

— Jenks? — ofereceu ela, tirando do armário descoberto uma minúscula caneca de hotel.

Jenks fitou atentamente a caixa de *fudge*, hesitando antes de a fechar e afastar.

— Não, obrigado — respondeu, começando a remexer nos artigos para os feitiços.

— Rachel — voltou a tentar Nick. — Posso desenhar um pentagrama para você ou algo assim?

Ivy ergueu a cabeça e eu agitei os dedos, lhe fazendo sinal de que era capaz de lidar com aquilo.

— Não — me limitei a dizer, aproximando de mim o livro demoníaco e abrindo-o. Os meus olhos ergueram-se para o artefato, me perguntando se Nick teria tido a oportunidade de o trocar por um objeto falso, mas não me pareceu. Além disso, era impossível que existissem duas coisas igualmente horrorosas.

— Ray-ray... — voltou a tentar Nick e Ivy fechou violentamente a porta de um armário.

— Que raio é que você quer? — perguntou, de forma mordaz, os olhos castanhos fixos nele.

— Quero ajudar a Rachel — respondeu ele, tenso e ligeiramente temeroso.

Jenks fungou, amassando o saco vazio e deitando-o fora.

— Pode ajudar a Rachel caindo morto.

— Isso ainda é uma opção — disse Ivy.

Eu não tinha nem tempo nem energia para lidar com aquilo.

— Preciso de silêncio — disse, sentindo uma subida na pressão sanguínea. — É tudo o que preciso. Apenas isso. Apenas silêncio.

Nick recuou, cruzando os braços sobre a camisa desbotada e parecendo só.

— Tudo bem. Vou... — hesitou, o seu olhar saltando para Ivy e Jenks ao meu lado, ocupando todo o espaço para que ele não pudesse entrar. A respiração que esteve a sustentando deslizou dele lentamente e, sem terminar a sua ideia, afastou-se, os movimentos repletos de frustração. Afundando-se na cadeira onde Peter esteve sentado, esticou as pernas compridas e passou a mão pelo cabelo, fitando o vazio.

Não ia me sentir mal por ele. Nick tinha me vendido. A única razão por que não tinha virado as costas a tudo aquilo era o fato de os animalomens não desistirem de me caçar se não vissem aquela coisa sendo destruída e, para isso, precisava de Nick. E precisava que se mantivesse cooperante.

Jenks puxou uma cadeira de debaixo da mesa da cozinha e sentou-se ao meu lado. Pestanejei surpreendida quando vi que ele tinha organizado corretamente os artigos em três pilhas.

— Precisa de ajuda? — perguntou, e Ivy deu uma risada.

— Ajuda de um *pixy*? — troçou e Jenks eriçou-se.

— Na verdade — disse antes que ele começasse a praguejar —, podem levar o Nick daqui? — não queria que ele visse a maldição de transferência. Só Deus sabe a quem a

venderia. Não a poderia invocar sem o meu sangue ou o de um demônio, mas o mais certo era que Al lhe desse algum em troca do tamanho da minha roupa interior.

Os lábios de Jenks curvaram-se em um sorriso maldoso, mas foi Ivy quem, pousando a palma da mão na mesa, em um gesto agressivo, disse:

— Eu trato disso. Quero falar com ele.

Ergui os olhos, inquisitiva, mas ela já me tinha virado as costas.

— Vamos, idiota — disse ela, agarrando na bolsa de passagem e dirigindo-se para a porta. — A Rachel esqueceu-se de uma coisa e, como eu não percebo nada de magia das linhas Ley, você vem comigo para garantir que trago o artigo certo. Mais alguém quer alguma coisa enquanto estou fora?

O rosto de Nick assumiu uma expressão de desafio e eu fiz um sorriso afetado, sabendo que era mesquinho, mas incapaz de me conter.

— Tenham cuidado com os animalomens — disse. Talvez isso fosse mau, mas eu era má. E só perguntar aos garotos que estou constantemente expulsando do cemitério. Podem muito bem jogar às escondidas em outro lugar.

— Acabaram as escovas de dentes — disse Jenks, indo mexer na cafeteira.

Ivy esperou que Nick se enfiasse no casaco de tecido que tinha estado escondido na *pickup*.

— Pode usá-las mais do que uma vez — disse ela, tal como eu já fiz, e Jenks estremeceu.

Claramente consciente de que estávamos querendo nos ver livre dele, Nick abriu a porta de repente e saiu. Ivy me dirigiu um sorriso maldoso, de lábios apertados e seguiu ele.

— Não tenho medo de você — disse Nick enquanto a porta se fechava e os meus níveis de stress desciam cerca de seis graus.

— Toma o teu café — disse Jenks, pousando-o à minha frente.

O Jenks me fez um café? Olhei para a caneca, depois para ele.

— Tem Enxofre?

Jenks instalou-se na cadeira ao meu lado.

— A Ivy me disse que pusesse, mas achei que estava suficientemente bem para decidir sozinha.

A minha pressão sanguínea voltou a subir e, recordando o meu reflexo na vitrine da loja, hesitei, me perguntando se estava a ser sensata ou idiota. O Enxofre ajudaria a me manter alerta durante horas, enquanto fazia todos os encantamentos que precisava, ajudando o meu sangue a atingir níveis próximos do normal. Adormeceria e acordaria refrescada, esfomeada e me sentindo quase tão bem como antes de ter sido mordida. Sem ele, faria os feitiços cansada. As minhas pernas tremeriam de cada vez que me levantasse e o meu sono terminaria comigo a acordar e me sentindo uma porcaria.

Mas, usar magia negra ou drogas ilegais só para tornar a minha vida mais fácil era uma mentira de conveniência, algo que me iludia, me levando a acreditar que tinha o direito de ignorar as regras, que vivia acima delas. *Não me transformarei em um Trent.*

Exalei um longo suspiro.

— Não vou tomá-lo — disse e Jenks acenou, os olhos verdes enrugados de preocupação. Embora fosse óbvio o seu desacordo, aceitou a minha decisão, o que fez com que eu me sentisse logo melhor. Eu estava ao leme da minha vida. Eu. *Ce-e-e-erto.*

— Qual dos feitiços quer fazer primeiro? — perguntou Jenks, estendendo uma mão para Jax, quando o *pixy* esvoaçou até nós. Tinha uma asa dobrada e estava a perder pó, mas nem eu nem Jenks dissemos nada. Era agradável ver o pequeno *pixy* interessar-se pelas coisas que o pai considerava importante, mesmo que só se encontrasse ali porque *Rex* o tinha atacado.

Bati com os dedos nas páginas, nervosa.

— Não perdeu a estátua de osso juntamente com o *fudge*, não é?

Um sorriso abriu-se no rosto de Jenks.

— Não.

Jax ergueu-se até à luz que pendia do teto enquanto o pai se dirigia à sua própria pilha de sacos, cada vez maior, ao lado da televisão. Nunca tinha conhecido um homem capaz de me vencer nas compras, mas Jenks era um mestre. Tentei não o observar enquanto ele se dobrava para mexer nos sacos, voltou rapidamente à cozinha com duas

caixas iguais. Colocou elas na mesa e pó de *pixy* caiu sobre nós quando ele as abriu. O primeiro era aquele animal esculpido horrendo e, tendo deixado olhando para mim, abriu o segundo.

— Nem um arranhão — disse, os olhos verdes revelando a sua satisfação.

Peguei na estátua de lobo, sentindo o peso e a frieza do osso. Não era uma má escolha para colocar a maldição dos animalomens. Com os olhos desfocados recordei a ganância de Nick e os meus olhos pousaram-se no animal esculpido.

— Hei, esta estátua é mesmo legal — disse, pousando o lobo e pegando no animal esculpido. — A Matalina vai adorar. Devia ter comprado uma. Ficava muito legal no aquário do Sr. Peixe.

Jenks deixou que a cadeira caísse sobre os quatro pés.

— O aquário do Sr. Peixe? — disse, estranhando, e eu olhei de relance para a porta do quarto do motel. A expressão de Jenks tornou-se cúmplice, depois zangada; ele podia não perceber muito de decoração de interiores, mas não era idiota. — Está preocupada com...

Fiz um pequeno ruído, não querendo dizer em voz alta que estava preocupada com a possibilidade de Nick me roubar a pequena estátua de lobo, que era, tão obviamente, a melhor escolha para a maldição demoníaca. Mas eram ambas feitas de osso, portanto...

— Sim — disse Jenks de súbito, tirando o animal esculpido das minhas mãos e pousando-o no meio da mesa. — Vou comprar um para você quando voltar a sair.

Só havia um na loja mas, vendo que compreendeu, inspirei lentamente e levei a mão à receita. De lápis na mão, curvei a cabeça e preendi um caracol atrás da orelha. Se me enganam uma vez, que a vergonha caia sobre essa pessoa. Se me enganam duas vezes, podem dizer adeus ao traseiro.



CAPÍTULO 30

Com movimentos firmes, massajei o indicador para tentar recolher o sangue necessário para a invocação dos últimos feitiços para reduzir a inércia. O meu dedo já começava a doer, depois de invocar tantos encantamentos. Não podia, propriamente, tirar um frasquinho do meu sangue e deitá-lo a conta-gotas sobre os amuletos. Se o sangue não viesse diretamente do corpo, as enzimas que ativavam o feitiço se fragmentariam e o feitiço não seria invocado. Encontravam-se vários feitiços sobre a mesa, sendo aquele par de feitiços para reduzir a inércia uma última adição, rápida e culpada.

O sangue não estava saindo, pelo que apertei dolorosamente o dedo até ter se formado uma pequena conta vermelha. Esta pingou para a primeira metade do encantamento, depois voltei a espremer o dedo até uma gota cair no segundo amuleto. O sangue ensopou o com uma rapidez fantasmagórica, libertando o cheiro a âmbar queimado que se fundiu com o odor velho do quarto de motel. O que eu não daria por uma janela que se abrisse.

Âmbar queimado, não pau-brasil, prova de que se trata de magia demoníaca. *Deus, o que é que eu estava fazendo?*

Olhei de relance para a sala silenciosa e envolta em sombras, a luz que se infiltrava através das cortinas fechadas me dizia que era quase meio-dia. Com exceção de uma soneca por volta da meia-noite, tinha estado acordada toda a manhã. Era óbvio que alguém me tinha dado Enxofre. *Malditos companheiros de quarto.*

Esfregando o polegar e o indicador, limpei o sangue, depois me espreguicei e coloquei os amuletos iguais, já invocados, ao lado de Jenks. O pixy estava sentado à minha frente, a cabeça pousada sobre a mesa enquanto dormia. Um encantamento de duplo para o Peter, um encantamento de duplo para o Nick, um feitiço normal de disfarce para Jenks. *E dois conjuntos de amuletos para diminuir a inércia*, pensei, colocando o mais recente junto dos outros. Depois do encontro com Peter, ia mudar o plano. Ninguém o sabia além de mim.

O balançar dos amuletos não acordou Jenks e eu me recostei, expirando longa e lentamente. Estava exausta, mas ainda não tinha terminado. Faltava fazer a maldição.

Me endireitando, levei a mão à minha bolsa, movendo-a cuidadosamente para não perturbar Jenks. Ele tinha ficado sentado, a vigiar o meu sono, abdicando da sua normal soneca à meia-noite, e estava esgotado. *Rex* ronronava no seu colo, debaixo da mesa, e a mão macia e estendida de Jenks quase tocava no pequeno tanque, do tamanho de uma caneca, com água salgada, onde se encontravam as artémias⁴³ que ele comprou em algum lugar. “São animais domésticos perfeitos, Rachel”, me disse, os olhos brilhando de antecipação enquanto pensava no que os seus filhos diriam e eu esperei viver o suficiente para me preocupar com a melhor forma de os levar para casa.

Sorri diante do seu rosto juvenil, travesso e inocente, enquanto dormia. Jenks era uma mistura tão estranha: jovem, mas um pai experiente e sincero, o sustento e o protetor da família... e quase no fim da sua vida.

Senti a garganta apertada e pestanejei repetidamente. Ia sentir a sua falta. Jax jamais poderia tomar o seu lugar. Se houvesse um encantamento ou feitiço capaz de prolongar a sua vida, iria usá-lo, fossem quais fossem os custos. Estendi a mão para afastar o cabelo

⁴³ Artémias: são pequenos crustáceos da ordem Anostraca, têm tamanhos e coloração variadas - que vão do rosa pálido ao avermelhado, branco ou esverdeado, dependendo do tipo de alimento que elas consumirem.

dos olhos dele, parando antes de lhe tocar. Todos morrem. Os que ficam vivos encontram uma forma de aliviar a sua partida e seguir em frente.

Deprimida, libertei algum espaço na mesa. Com o sal marinho extra que Jenks comprou juntamente com os seus novos bichinhos, tracei, cuidadosamente, três círculos do tamanho de um prato, entrelaçando-os de forma a criar sete espaços distintos, formados pelos três arcos de cada círculo. Olhei de relance para a sala escura antes de retirar a estátua da minha bolsa, que mantive aos meus pés, fora do alcance de Nick.

Jenks estava dormir na mesa, Ivy no quarto dos fundos, tendo voltado do seu “encontro” pouco depois do nascer do Sol, Nick e Jax estavam no exterior assegurando-se de que o *airbag* não rebentaria quando Jenks o batesse com o caminhão. E o NOS⁴⁴. Não nos esqueçamos do NOS que Nick instalou na sua *terrível* pickup, que podia ser alterado para explodir com o impacto. Não havia melhor altura do que agora para fazer isto. Gostava de poder dizer que tinha esperado tanto tempo na esperança de que as coisas estivessem mais calmas e pudesse trabalhar sossegada. Mas a verdade é que eu tinha medo. O poder da estátua teve a sua origem em uma maldição demoníaca e seria preciso uma maldição demoníaca para o transferir. Uma maldição demoníaca. *O que diria o meu pai?*

— Que diabo — sussurrei, com uma careta. Eu ia matar Peter. O que era um pequeno desequilíbrio provocado por uma maldição demoníaca quando comparado com isso?

Com o estômago cheio de nós, pousei a estátua no primeiro círculo, restando um arrepio e limpando os dedos da sensação viscosa do osso antigo. Jenks tinha observado enquanto eu fazia aquilo, antes, por isso eu sabia o que vinha a seguir, mas, sem que ninguém soubesse a não ser ele, tinha-se tratado apenas de um ensaio usando a estátua do lobo. Tinha acendido as velas, mas não invoquei a maldição. O pequeno lobo, com a sua maldição falsa, tinha estado pousado sobre a mesa toda a noite, com Nick tendo o cuidado de evitar olhar para ele.

⁴⁴ NOS: Sistema de óxido nítrico usado para carros de alta performance.

Mais uma olhadela, de relance, para a luz que entrava através das cortinas e me ergui, avançando até às coisas de Jenks empilhadas descuidadamente perto da televisão. Retirei o animal esculpido do meio dos seus pertences me sentindo culpada, embora já lhe tivesse pedido para usá-lo. Nervosa, coloquei o animal esculpido gravado com o lobo estilizado sobre o segundo círculo. No terceiro coloquei uma mecha do meu cabelo, retorcida e atada.

Senti um aperto do estômago. Quantas vezes é que o meu pai me disse para não atar o cabelo, nem mesmo por diversão? Era mau. Atar nós no cabelo provocava uma ligação muito forte com a pessoa, em especial quando se atavam nós no próprio cabelo. O que acontecesse ao pedaço de cabelo que coloquei no terceiro círculo, aconteceria a mim. Da mesma forma, o que eu dizia ou fazia refletia-se no círculo. Não se tratava de um símbolo da minha vontade, era a minha vontade. O fato de se encontrar no centro de um círculo para fazer uma maldição fazia com que me sentisse doente.

Embora isso também possa ser do Enxofre, pensei, não descartando a hipótese de ter sido Jenks, ainda que ele tivesse concordado com a minha decisão de parar de tomá-lo. Pelo menos, desta vez, era de qualidade medicinal e eu não tinha que lidar com a montanha-russa de emoções.

— Muito bem — sussurrei, puxando a cadeira para mais perto da mesa. Olhei de relance para Jenks, depois tirei as velas coloridas do saco, o suave restolhar do papel da mesma cor em que estavam enroladas era calmante. Tinha usado velas brancas da primeira vez, que Ivy tinha trazido depois de ir “às compras” com Nick, um pequeno toque de honestidade na mentira em que se tinham transformado as nossas vidas.

Coloquei elas e limpei as palmas das mãos nos jeans, nervosa. Só tinha acendido velas usando o poder da vontade uma vez — na verdade, há apenas algumas horas —, mas como a minha lareira — o piloto do forno da cozinha — estava a cerca de oitocentos quilômetros de distância, teria que usar a força de vontade.

Os meus pensamentos saltaram para o Grande Al, de pé, na minha cozinha, me dando uma lição sobre como dispor as velas com os seus respetivos nomes. Tinha usado uma vela afunilada, vermelha, acesa na sua lareira e era provável que lhe agradasse o fato



de eu ter aprendido a acender velas usando energia das linhas Ley. Tinha que agradecer a Ceri por isso, já que se tratava, em grande medida, de uma modificação do feitiço das linhas Ley usado para aquecer a água. Acendê-las com a força da vontade não permitia reunir nelas tanto poder quanto a utilização do fogo do lar, mas estava perto.

— Linhas Ley — sussurrei, a minha visão desfocada quando procurei a linha que encontrei quase do outro lado da cidade. Era diferente da linha no meu quintal, mais selvagem, com um pulsar firme e lento e com a fluidez característica da água.

O influxo de energia jorrou através de mim e eu fechei os olhos, os meus pés tremendo a única indicação da corrente de energia que enchia o meu *chi*. Bastou meio segundo, que pareceu uma eternidade, mas quando as forças se equilibraram, me senti muito cheia, desconfortável.

Com maxilar cerrado, afastei dos olhos o meu cabelo ruivo e frisado e raspei um pedaço de cera do fundo da vela branca, encostando-a na parte de trás dos dentes com a língua.

— *In fidem recipere* — disse, para prender a vela ao espaço estreito onde o círculo que continha o animal esculpido e o círculo que continha a mecha do meu cabelo se impediam. Apertei o pavio com o polegar e o indicador, afastando lentamente os dedos, usando a minha vontade para gerar entre eles uma fonte de calor, ao mesmo tempo que pensava nas palavras *consimilis calefacio*, desencadeando um complexo encantamento branco das linhas Ley para aquecer água.

Sim, o que fazia era aquecer a humidade entre os meus dedos até o pavio se incendiar, mas funcionava. E a cera que eu raspei e coloquei na boca funcionava como objeto focal, para que não incendiasse a cozinha. A minha atenção saltou para a pequena marca de queimado na mesa. Pois, ainda estava aprendendo.

Fitei, fascinada, quando o pavio brilhou, primeiro, incendiando-se em seguida enquanto a cera derretia ao redor do pavio virgem e a chama pegava. *Uma já está, faltam duas.*

Seguia-se a vela preta e, depois de ter raspado a cera branca dos dentes, substituí-a com um pedaço da vela preta, antes de colocá-la no espaço que ligava os círculos do animal esculpido e da estátua.

— *Traiectio* — sussurrei, acendendo também aquela.

A terceira vela era dourada, a cor da minha aura, e coloquei-a no espaço entre a estátua e o nó do meu cabelo.

— *Onsignare* — disse, acendendo a vela com um pensamento cuidado.

A minha pulsação acelerou. De manhã, sob o olhar de Jenks, só tinha ido até ali. Ergui a cabeça vendo a sua respiração agitando o cabelo em redor do nariz pequeno. Deus, como ele tinha um nariz pequeno e as orelhas eram tão bonitas.

Para, Rachel, me censurei. Queria terminar aquilo antes do alarme de incêndio disparar. Tirei da bolsa uma pequena vela cinzenta, pousando-a no centro dos três círculos, no ponto onde todos se intercetavam. Aquela era a que mais me assustava. A primeira vela tinha sido colocada com proteção, a segunda com a palavra para transferência e a terceira com a palavra que selaria a maldição para que não se pudesse libertar. Se a vela cinzenta se acendesse sozinha, no fim, isso significava que eu tinha realizado com sucesso a maldição e que era, oficialmente, uma praticante intencional de artes negras.

Deus, por favor, me perdoa. Era por um bom motivo.

Sob o brilho das três velas, massajei o dedo, forçando o sangue a sair. O meu dedo sangrando desenhou um símbolo cujo significado não compreendia, depois limpei o restante da vela. Me senti como se a minha força de vontade tivesse me abandonado com aquela solitária gota de sangue, esborratada no laminado claro diante do pilar cinzento de cera que traduzia a minha intenção.

Tremendo, afastei as mãos dos três círculos. Afastei a cadeira, fazendo-a deslizar, e me ergui de forma que, quando os círculos se formassem, não os quebrasse por ter as pernas sob as suas metades inferiores. Dirigi um último olhar às três velas acesas e à que estava marcada com o meu sangue. A mesa brilhava sob a luz das velas e eu limpei as mãos aos jeans.

— *Rhombus* — sussurrei, depois toquei com o dedo no círculo mais próximo para fechar os três.

Saltei quando a eternidade jorrou de mim e uma névoa de aura negra se ergueu para envolver as velas, o animal esculpido, a estátua e o nó do meu cabelo. Nunca antes ergui círculos que se interligavam e, no local onde existiam em conjunto, o dourado da minha aura era mais nítido, traçando arcos dourados entre a fuligem negra. Embora pequenos, os círculos não podiam ser penetrados por nada a não ser eu, já que tinha sido eu a erguê-los. Mas enfiar o dedo no círculo para influenciar o que se encontrava no seu interior quebraria o círculo e, se o fizesse suficientemente grande para caber no seu interior, a minha alma correria o perigo de ser transferida juntamente com a maldição original.

Era o nó do meu cabelo que o tornava possível. Era a minha ponte para o interior. A vela negra se apagaria quando o poder fosse transferido da estátua para o animal esculpido; a vela branca ia se apagar para proteger e evitar que qualquer parte de mim fosse sugada para o novo artefato juntamente com o poder do antigo artefato que eu estava canalizando; e a vela dourada se apagaria quando a transferência estivesse terminada, selando-a para que não se pudesse libertar.

O meu corpo ressoava com o poder da linha estranha. Não era nada agradável e eu desejei que o fosse. Com uma careta, apelei à minha força de vontade.

— *Animum recipere.*

Segurei a respiração para fazer frente ao aumento da força e ao gosto da cinza que fluía de mim para a estátua, esmagando qualquer sentido de mim mesma até eu ser o que ele era. Fiquei com a visão desfocada e vacilei. Não conseguia ver, embora os meus olhos estivessem abertos.

A estátua cantava para mim, me atraía, me enchendo como se contorcesse os meus ossos e músculos. Me transformaria em qualquer coisa que eu quisesse, tudo o que era prometido, mas que eu negava constantemente a eu mesma. Senti o vento no rosto e a terra debaixo das patas. O som da terra girando encheu os meus ouvidos e o odor cintilante do tempo cobria o meu nariz. Corria através de mim em uma corrente muito



rápida para ser compreendida. Era o que constituía um animalomem e doía. Doía na minha alma o fato de não poder ser livre.

Dobrada sobre eu mesma, lutei por continuar respirando, nem que fosse para não acordar Jenks. Podia ser qualquer coisa, desde que o aceitasse por inteiro, que o recebesse em mim por inteiro. E fazia promessas, fazendo com que o desejasse. Se restavam quaisquer dúvidas em relação à possibilidade de Nick ter feito a troca, elas desapareceram naquele momento.

Mas eu não era um animalomem. Podia compreender a atração, pois já tinha corrido como um lobo, lutado como um lobo e existido, por um breve instante, com o vento me trazendo mensagens. Mas não era um lobo. Era uma bruxa e a atração não era suficiente para me fazer quebrar o círculo e torná-lo meu para sempre, me destruindo no processo.

— *Negare* — sussurrei, me engasgando quando a palavra saiu de mim. Tencionei dizer não. Tencionei dizer não! Mas tinha me saído em latim. *Maldição, o que é que me estava acontecendo?*

Com o coração batendo veloz e me sentindo descontrolada, vi a vela branca apagar-se. Fiquei rígida quando senti tudo o que tinha jorrando para o pedaço de osso barato. Me agarrei a eu mesma, me mantendo intacta enquanto a maldição demoníaca me deixava, levando consigo a dor e a atração. A vela branca de proteção, extinta, me mantinha intacta, me segurando para que apenas a maldição me deixasse, nada mais, nada menos.

A vela preta apagou-se e eu saltei. Sem respirar observei os três círculos, sabendo que a transferência estava completa e a maldição quase terminada. Podia sentir a energia no animal esculpido, girando, procurando um enfraquecimento da minha vontade que lhe permitisse soltar-se e ser livre. Fixei os olhos na vela dourada, rezando.

Apagou-se ao mesmo tempo em que a vela cinzenta se acendia e eu me afundei sobre eu mesma, aliviada. Estava feito.

Fechando os olhos, procurei as costas da cadeira. Tinha conseguido. Para o melhor ou para o pior, eu era a primeira praticante de magia demoníaca deste lado das linhas Ley. Bem, havia Ceri, mas ela não podia invocar os feitiços.



Com os dedos tremendo, desmanchei o círculo de sal para o quebrar. A minha aura tocou-lhe e a energia das linhas fluiu do círculo para mim. Soltei a linha e baixei a cabeça. Tinha apenas três segundos antes que a realidade se equilibrasse, me dando uma valente estalada.

Cerrei os dentes para não arquejar. Cambaleando para trás, levei a mão à parede, batendo nos armários e deslizando para o chão por não o ter feito com rapidez suficiente. O pânico me agitou. Eu sabia que aquilo ia acontecer, já estava esperando. Ia sobreviver.

Não conseguia respirar, baixei a cabeça e fingi que estava tudo bem, enquanto a escuridão era absorvida, me cobrindo com mais uma camada, moldando a forma como via a eu mesma e alterando-a. As minhas marcas demoníacas latejaram e eu fechei os olhos com força, ouvindo o ressoar fortemente da minha pulsação. *Aceito isto*, pensei, e o aperto em redor do meu coração aliviou um pouco. Inspirei com dificuldade no que soou como um soluço.

Com as lágrimas correndo, percebi que alguém agarrava meu ombro, enquanto eu ficava ali sentada, as costas encostadas nos armários.

— Jenks? — balbuciei.

Tive um momento de desespero ao concluir que, desta vez, não doía tanto. Estava me habituando. Maldição, não queria que aquilo se tornasse fácil. Devia doer. Devia me assustar de tal forma que eu não voltasse a querer fazer aquilo.

— Tudo bem? — perguntou e eu acenei, sem erguer os olhos dos seus joelhos, pelo que ele se agachou à minha frente. Ele tinha uns joelhos bonitos. — Tem a certeza? — voltou a perguntar e eu abanei a cabeça negativamente.

Jenks inspirou e expirou e eu não me mexi, tentando repor os meus pensamentos. Eu era uma praticante de maldições demoníacas. Eu lidava com as artes negras. Não queria fazê-lo. Não queria aquilo.

Ergui a cabeça. Senti o alívio correr através de mim quando vi no seu rosto sério apenas preocupação e não nojo. Puxei os joelhos até ao peito e segurei-os, respirando lentamente. A mão dele ainda estava no meu ombro e eu limpei os olhos.



— Obrigada — disse, me preparando para levantar. — Acho que já estou bem. Me bateu com força, mais nada.

Os olhos verdes de Jenks semicerraram-se, preocupados.

— O desequilíbrio?

Fitei-o, depois concluí que ele devia ter ouvido na noite em que Ceri me explicou.

— Sim.

Jenks levantou-se e estendeu a mão para me ajudar a levantar.

— Não senti nada quando fiquei grande.

Senti um aperto de coração e afastei a minha mão da sua mão quente quando me levantei.

— Talvez sinta quando eu desfizer a maldição e voltar a ficar pequeno — menti.

Os lábios de Jenks estavam apertados de raiva.

— Também te machucou assim quando você se transformou em lobo. Eu te disse que ficaria com a escuridão por me ter tornado grande. É minha.

— Não sei como te dar — disse, deprimida. — E, mesmo que soubesse, não o faria.

— Rachel, isso não é justo — disse Jenks, levantando a voz.

— Cala a boca de uma vez e diz obrigado — disse-lhe, me recordando que ele me disse exatamente a mesma coisa quando concordou em tornar-se grande para que os vampiros malandros não me mordessem.

— Obrigado — disse ele, sabendo exatamente ao que me referia. Nós Ajudávamos um ao outro. Estar constantemente registrando quem tinha salvo o traseiro de quem era uma perda de tempo.

Deprimida, me aproximei da mesa, pensando que os círculos e as velas apagadas — todas, exceto a cinzenta — pareciam algo que se veria sobre a cómoda de uma bruxa adolescente. Com a pulsação mais lenta, tirei as velas apagadas do local onde se encontravam, enrolando-as nos respetivos papéis branco, preto e dourado antes de as prender com um elástico e colocar dentro da bolsa. A pequena caixa com o giz magnético teria sido um belo local para as guardar.

Enquanto Jenks fingia estar interessado nas artémias, deitei o cabelo com nós para um pires e encostei-lhe a vela cinzenta ainda acesa. O anel de cabelo incendiou-se, enrolou-se sobre si mesmo e morreu. Me sentindo mais segura, apaguei a vela, depois contornei Jenks para despejar a cinza na pia. Queria todas as provas do acontecido desaparecidas o mais depressa possível.

— Desculpa ter te acordado — disse. Levando a mão ao sal, limpei o símbolo traçado com sangue na mesa com uma mão-cheia dele.

Jenks endireitou-se, depois de ter estado inclinado sobre os seus novos bichinhos. Os seus olhos estavam preocupados.

— Sabe que fica mesmo assustadora quando faz magia das linhas Ley?

Um relampejo de medo apoderou-se de mim.

— Como? — perguntei, consciente das minhas duas marcas demoníacas, que pesavam fortemente no pulso e na parte de baixo do meu pé.

Baixando os olhos, Jenks encolheu os ombros.

— Parece cansada, mais velha. Como se já tivesses feito isto muitas vezes e já não se importasse. É quase como se tivesse uma segunda aura e, ao fazer magia das linhas Ley, ela se tornasse dominante.

Os meus lábios curvaram para baixo e fui lavar os dedos.

— Uma segunda aura?

Isso soava absolutamente fabuloso. Talvez se devesse ao fato de ser a minha própria familiar?

Jenks acenou.

— Os *pixies* são sensíveis às auras. Esta última maldição provocou alguns danos sérios — Jenks inspirou fundo. — Odeio o Nick. Está se machucando para ajuda-lo e ele nem sequer se preocupa. Ele te vendeu. Rachel, se ele voltar a te magoar...

— Jenks, eu... — tentei dizer. Pousei uma mão no ombro dele e, desta feita, ele não se encolheu. — Se quero poder sair desta, tenho de fazer. Isto é para mim, não para ele.

Jenks afastou-se, fitando a sala vazia.

— Sim, eu sei.

Me senti estranha quando ele se aproximou da mesa e fitou os resquícios da maldição demoníaca.

— Esse é o verdadeiro? — perguntou, sem lhe tocar.

Me obrigando a mexer, peguei no animal entalhado. Parecia mais pesado, embora eu soubesse que não passava de uma ilusão.

— A Matalina vai adorá-lo — disse, entregando. — Obrigada por me emprestar. Já não preciso dele.

Os olhos de Jenks abriram-se muito, quando a sua mão envolveu o animal esculpido.

— Quer que seja eu a cuidar do verdadeiro?

— Ele vai tentar roubá-lo — disse, pensando como tinha sido idiota em confiar em Nick inicialmente. — Se ficar com ele, vai roubar o objeto errado.

Deprimida, senti o peso da velha estátua. Parecia morta por dentro, como um pedaço de plástico.

— Vou guardar ela junto da estátua do lobo — disse, deitando a estátua na minha bolsa.

A porta da frente abriu-se, banhando de luz as camas desfeitas. Jenks virou-se lentamente para a porta, mas eu saltei quando Nick entrou, sujo e cheirando a óleo. Jax estava pousado no ombro dele, largando-o prontamente para ver como estavam os seus novos bichinhos de estimação.

A minha mão deslizou sobre a mesa, arrastando o sal para a outra e deitando-o para a pia. Me perguntei qual seria a intensidade do cheiro a vela apagada, cabelo e âmbar queimado.

Ouvi bater a porta do quarto dos fundos e Ivy emergiu do seu interior, em roupão de banho, o cabelo em desalinho e dobrada sobre si mesma como um trol das pontes. Rosnando a Nick por causa do barulho e com uma mão tapando a cara, cambaleou para lá de Jenks e desapareceu no banheiro. O chuveiro começou logo a correr. O odor fresco de laranja deslizou por baixo da porta com o vapor. Não queria saber o que é que ela tinha feito na noite anterior para estar mancando. Não queria.

Me sentindo culpada e cansada, me sentei à mesa. Jax descobriu a embalagem de vinte e cinco gramas de comida para as artémias, mas Jenks impediu de continuar, dizendo que não os podia alimentar porque ainda não tinham saído do ovo. Jax apontou beligerante para dois saltitões, chamando-lhes Jin e Jen. O pequeno *pixy* começou a brilhar o que atraiu a atenção das artémias e Jax quase teve um ataque de prazer quando eles saltitaram para mais perto. Não pude deixar de sorrir. Um sorriso que ainda pairava no meu rosto quando me virei, descobrindo Nick desajeitadamente à minha espera. O meu sorriso desapareceu e ele cerrou o maxilar.

— A pickup está pronta, Ray-ray — disse ele, com uma falsa alegria. — Vai parecer um defeito quando o *airbag* não abrir — encolheu-se. — Eu, hum, não seria capaz de permitir que um caminhão chocasse comigo... mesmo que soubesse que ia acordar vivo.

— A diferença entre você e os Inderlanders está na confiança — disse Jenks em tom audível, abrindo a tampa da comida para as artémias. Jax agarrou uma mão-cheia, do tamanho da cabeça de um alfinete, e deitou-a no tanque, com palavras encorajadoras, atraindo Jin e Jen até à superfície com um forte brilho. Era um animal de estimação muito mais seguro para um *pixy* do que um gatinho e eu me perguntei se teria sido por isso que Jenks as comprou.

Reprimi um suspiro, transformando-o no bocejo. Sabia que a ideia de transformar a sua pickup no veículo sacrificial não agradava muito a Nick, mas ele não poderia voltar a conduzi-la. Ia se fazer de morto até ao fim da sua vida. *O covarde.*

— Obrigada, Nick — disse, me inclinando para trás, de braços cruzados e me preparando para uma briga. — Agora pode ir lá fora, ligá-lo outra vez? Vou no carro com o Peter. Se vou mata-lo, não vou deixar que o pobre coitado morra sozinho.



CAPÍTULO 31

Ivy erguia-se à porta do banheiro, envolta em uma toalha branca do motel, o cabelo curto pingando em mechas finas.

— Não vai no carro com o Peter, Rachel. Nem pense em uma merda dessa!

Apertei os lábios e lutei para não recuar. *Está bem, ela praguejava, mas só quando estava muito irritada.*

Jenks tinha se retirado para a sala de estar, com cara de quem preferia não ter interrompido o banho de Ivy, aterrorizado a ponto de ir dar com a língua nos dentes, quando lhe disse que ia chocar não só contra Peter, mas também contra mim. Nick erguia-se ao seu lado, com o macacão manchado de óleo. Pareciam dois rapazes que tinham saltado para o riacho, com a roupa que ia ver a Deus, cinco minutos antes de o pai celar o cavalo.

— Nick — disse eu e ele sobressaltou-se. — Temos quatro horas antes de irmos falar com a Audrey e o Peter — *quatro horas. Talvez conseguisse dormir um pouco.* — Consegue arranjar o *airbag* até lá? Me sentiria melhor se ele estivesse funcional como suplemento à maldição para diminuir a inércia.

— A Ivy tem razão — disse ele, e eu franzi a sobancelha. — Não há qualquer razão para arriscar a vida.

Ivy riu, amargamente.

— Ela não o vai fazer. Rachel, você não vai se meter na pickup do Nick.

Me virei para os meus feitiços sobre a mesa, a pulsação acelerada.

As pupilas de Ivy estavam dilatadas, mas era de raiva e não de fome. Já sabia como era discutir com um vampiro.

— Está tudo pronto — disse eu. — Fiz um segundo par de amuletos para diminuir a inércia que poderei usar, pelo que não haverá problema.

Ivy apontou, sem perceber que eu podia ver o novo arranhão comprido que deslizava pelo interior do braço, do pulso ao cotovelo.

— *Não vai acontecer, Rachel!*

— Vai funcionar — disse. — É apenas um feitiço alegre.

Na verdade, uma maldição, mas porquê falar nisso?

Jenks estava sentado na beira da cama, o rosto pálido.

— Não me peça para fazer isto.

Nick remexeu-se, nervoso, parecendo-se com um mecânico com aquele macacão azul. Frustrada, esfreguei as têmporas.

— Os animalomens não vão acreditar que deixei o Nick fugir com ele e que estamos tentando apanhar — disse. — Em especial, se houver um acidente. Eu não sou estúpida o suficiente para deixar que Nick me roube o artefato e eles sabem.

Tinha sentido uma ponta de prazer ao dizer aquilo. Nick recordaria aquele momento quando tudo tivesse terminado, e perceberia que eu me estava referindo a ele. Mas o nervosismo voltou quando olhei para Ivy. Pegando em Rex ao colo, me sentei em uma cadeira da cozinha.

— Não é nada de especial — disse, os dedos movendo-se para a convencer a ficar. — Os amuletos me manterão em segurança. Podem me seguir no furgão, assim podemos dizer que íamos a caminho do local de entrega em dois carros. Dizer-lhes que Nick fugiu

só faria com que os animalomens fossem pessoalmente atrás deles. Poderiam apanhá-lo — *não que eu estivesse preocupada.*

Ivy abanou a cabeça.

— É uma burrice. Já tenho tudo planejado. O Peter e o idiota trocam de lugares. Dizemos aos animalomens que o Nick fugiu com o amuleto e que o Jenks entrou em modo *pixy*-selvagem para recupera-lo. O Jax se senta no teu ombro e, disfarçado, Jenks choca com o caminhão contra Peter por “acidente”, enquanto tentamos apanha-lo. A pickup explode. A estátua falsa é destruída. O Peter é levado para a morgue ou para o hospital, onde poderemos desligar as máquinas se for caso disso. Os animalomens vão embora e nós vamos beber umas cervejas. Passei horas pensando neste plano. Porque é que está a dar cabo dele, Rachel?

Rex saltou do meu colo, as unhas das patas traseiras saídas enquanto ela derrapava para se esconder atrás dos tornozelos de Jenks. Me levantei, zangada.

— Não vou dar cabo de nada! Eu vou no carro com o Peter! Não vou deixar que morra sozinho — disse, revelando o que estava realmente me preocupando.

Ivy bufou, apertando a toalha ainda mais ao redor do seu corpo.

— Estamos sempre sozinhos quando morremos, mesmo que rodeados por centenas de pessoas.

O braço dela sangrava, manchando a toalha branca e, só agora percebendo isso, Ivy corou. Furiosa, me virei contra ela.

— Alguma vez estive com uma pessoa quando ela está morrendo? — perguntei, tremendo. — Alguma vez segurou a mão de alguém enquanto a força deixa o seu corpo? Alguma vez sentiste a gratidão no toque de alguém, pelo fato de estar presente quando deixa de respirar? Alguma vez?!

O rosto de Ivy ficou branco.

— Eu vou *matá-lo*, Ivy! A decisão é minha. E vou estar lá para que compreenda o seu significado — recuperei o fôlego, me odiando quando senti que os meus olhos se enchiam de lágrimas. — Tenho que estar lá para saber se foi algo bom, quando tudo estiver terminado.



Ivy aquietou-se quando uma piedade nascida da compreensão lhe chegou ao seu olhar.

— Rachel, lamento...

Envolvendo o meu corpo com os braços, baixei a cabeça de forma que não visse ninguém. Ivy erguia-se no centro da sala, envolta na toalha, fazendo uma poça no chão enquanto pingava. O cheiro do shampoo de citrinos que ela usava tornou-se mais forte e o silêncio cresceu até se revelar inquietante.

Do outro lado da sala, Nick mexeu-se e inspirou.

— Cala a boca— rosnou Ivy, puxando a toalha mais para cima. — Isto não te diz respeito — o olhar dela pousou-se nos meus pontos e eu ergui o queixo. Não estava ligada a ela, podia fazer o que me desejasse.

Jenks estava pálido.

— Não consigo fazê-lo — dizia, a partir da cama. — Não consigo chocar contra você com um caminhão.

— Vê? — disse Ivy, agarrando a toalha ao gesticular. — Ele não vai fazer. Eu não quero fazer. Você não o vai fazer! — ela arrancou em direção ao quarto, Nick desviando-se do seu caminho.

— Este é um plano melhor! — exclamei, seguindo-a. — Eu vou ficar bem!

— Bem? — Ivy parou de repente e girou sobre os calcanhares. — Aquele caminhão vai passar por cima do pequeno Ford azul de Nick como se fosse um bolo! E você não vai estar no seu interior. Vamos cancelar tudo.

— Não vamos cancelar nada! É assim que vamos fazer as coisas!

Ivy virou-se. Os olhos dela estavam completamente negros. Um arrepio de medo apoderou-se de mim, me fazendo parar. Mas eu não ia deixar que Peter morresse sozinho. Reuni a minha coragem e Nick avançou.

— Eu faço — disse ele, os seus olhos saltando de Ivy para mim. — Eu conduzo o caminhão.

A raiva de Ivy diminuiu ligeiramente e os meus olhos saltaram para ele, surpreendida.

— Não — disse ela, em tom monótono. — De maneira nenhuma. Vai com a Audrey e vai ficar fora disto. Não confio em você.

Nick cerrou as mãos, depois abriu.

— A Rachel tem razão. Este é um plano melhor. Eles não vão estar observando o quarto da Audrey. Depois que o Peter trocar de lugar comigo, posso sair com um disfarce normal, atravessar a ponte, me meter no caminhão. Inferno, o caminhão é do DeLavine. A Audrey até me pode dar a chave.

— Não! — gritou Ivy. — Não vou deixar que o idiota passe por cima de você. Isto não vai acontecer!

Esfreguei as têmporas, pensando que, na verdade, aquilo era muito mais fácil do que o que eu tinha planejado inicialmente.

— Ivy...

— Não!

Nick emitiu um som frustrado, gesticulando no vazio.

— Não vou matar a Rachel! — exclamou. — Eu amo ela, mas se a única forma de a deixar em segurança é passar por cima dela com um caminhão, por Deus, vou ser eu a fazê-lo!

Ivy olhou para ele como se tivesse comido um monte de cocô... ou talvez estivesse olhando para ele como se ele fosse o monte de cocô.

— Não sabe o que significa o amor... Nick.

Eu estava tremendo por dentro. Ser Nick chocar contra mim em vez de Jenks não era o que eu tinha planejado, mas funcionaria. Engolindo, voltei à cozinha. Ele podia usar o feitiço de disfarce normal que eu já tinha feito. *Oh, Deus, o que é que eu estava fazendo?*

Ivy inspirou fiando.

— Rachel. Não confio nele.

— Alguma vez confiou? — me sentei na mesa, antes que todos compreendessem que estava tremendo. — Vou ficar bem. Viajar ao lado de Peter garantirá que acreditam que a estátua ardeu no interior da pickup. É o nosso melhor plano. Não quero ter que fazer isto outra vez se eles perceberem que a estátua não foi destruída.



Nick passou o peso de um pé para o outro e deslizou a mão pela barba que começava a despontar.

— Vou arranjar o *airbag* — disse, concluindo, aparentemente, que eu ia conseguir o que queria. — E o NOS — acrescentou.

De súbito, me senti muito mais nervosa.

— Eles estão vendo? — perguntei, me referindo aos animalomens do outro lado da rua.

Jenks emituiu um suave assobio e Jax saiu correndo do seu esconderijo e aterrou-lhe no ombro.

— Sim — disse Nick de cabeça baixa. — Mas pela conversa que o Jax conseguiu acompanhar, acham que estou modificando os tanques de NOS para o caso de ter de sair apressadamente — engoliu em seco, fazendo mexer a sua maçã de Adão. — Preparei-os para explodir com o impacto, mas vou desligar essa parte. Vou preparar um botão que possa usar depois de sair.

Jenks fitou Ivy, depois levantou-se, dirigindo-se para a porta.

— Temos quatro horas. Garantirei que ele não vai explodir até que o queira — disse.

A expressão de Nick tornou-se nublada.

— Eu sei o que estou fazendo.

— Jax? — de ombros baixos, Jenks nunca parou a caminho da porta. — Anda. Deve aprender a alterar um sinal de rádio.

Me senti melhor sabendo que Jenks também percebia de explosivos. Nick oscilou sobre os pés, parecendo querer me dar um abraço, mas sabendo que não devia fazê-lo, depois seguiu Jenks para o exterior. A porta abriu-se e eu vi três animalomens do gangue de rua, do outro lado da estrada, bocejando encostados aos carros alterados, com copos de café nas mãos. A manhã foi fria, mas pareciam suficientemente quentes agora que o Sol estava alto, o mesmo Sol que brilhava sobre os seus ombros nus e as suas múltiplas tatuagens.

Ivy franziu-lhes a sobancelha antes de fitar as costas de Nick que se afastavam.

— Se a Rachel se machucar, não terá que se preocupar com a possibilidade de os animalomens te matarem porque serei eu a te encontrar primeiro, ladrãozinho.

Senti o estômago apertado. Ela aceitava o plano. Estava feito. Eu ia estar com Peter quando Jenks nos batesse.

— Vou ficar bem — disse, sentindo a pulsação mais rápida. — Entre o *airbag* e o amuleto, será como um passeio nos braços de Deus.

A porta fechou-se atrás de Nick, Jenks e Jax, indo para a tarde de sol desaparecendo como se nunca tivesse existido. Ivy virou-se, os pés nus silenciosos enquanto deslizava para o seu quarto.

— E se Deus te quiser em casa mais cedo?



CAPÍTULO 32

Uma bruxa, um vampiro e um pixy entram em um bar, pensei enquanto abria caminho até ao interior da Ponta do Esquilo. Era cedo e o Sol ainda não tinha se posto quando a porta se fechou atrás de Jenks, nos encerrando o ar quente com um tênue cheiro a fumo. De seguida, Nick puxou a porta e entrou atrás de nós. E eis o fim.

Os lábios de Ivy estavam cerrados com força, enquanto ela averiguava a sala de teto baixo, em busca de Audrey e Peter. Era sexta-feira à noite e o estabelecimento já estava cheio. Do outro lado da divisão, Becky, que nos tinha atendido da ultima vez, nos reconheceu e acenou. Ivy respondeu com um olhar vazio, deixando a mulher na incerteza.

— Ali — disse Ivy, acenando para uma mesa vazia no canto mais escuro.

Abri o casaco e abanei o braço para fazer deslizar a pulseira que Kisten me ofereceu.

— É uma embaixadora Inderlander — disse. — Faz um esforço.

Ivy virou-se para mim com as sobrancelhas bem definidas levantadas. Jenks riu, enquanto ela obrigava os cantos dos lábios a se erguerem. Tinha se maquiado, já que se tratava de uma espécie de última ceia e parecia mais predatória do que nunca, com as calças de couro, a camisa justa e as botas. Ivy e Jenks tinham chegado no *Corvette* de Kisten já que ela se recusava a entrar no furgão comigo. A vampira deslizou uma mão pelo cabelo

curto, assegurando-se de que todas as mechas estavam no lugar. Duas gotas de ouro brilhavam nos lóbulos das suas orelhas e eu me perguntei porque é que os estaria usando.

Era óbvio que o fato de ser Nick a conduzir o caminhão que me bateria não a deixava feliz, mas a lógica dizia-lhe que as minhas alterações, ainda que carregadas de emoção, tornariam a situação não só mais credível como logisticamente mais fácil. Depender de Nick nos deixou a ambas preocupadas, mas por vezes a intuição tinha que ser ignorada. Normalmente, era nessas alturas que eu me metia em brigas.

— Eles ainda não chegaram — disse Ivy, revelando o quão preocupada estava ao afirmar o óbvio.

Jenks ajustou o colarinho do casaco, escondendo a tensão com um gesto suave e casual.

— Chegamos cedo — disse. Ao contrário de Ivy, estava lidando bem com o stress. Sorriu às mulheres que se viraram para olhar para ele e foram muitas as trocas de cotoveladas e os dedos apontados ao *pixy*. Percorrendo Jenks com o olhar, podia perceber por que.

Jenks continuava a ser um metro e noventa e três de mau caminho, em especial agora que começava a agir de acordo com o seu tamanho. Trazia vestido o casaco de aviador e, de óculos de sol e um dos bonés dos animalomens virado do avesso, estava com aspecto muito bom... aspecto muito bom mesmo, de um forma individualista e inocente.

— Hum, porque é que não vamos nos sentar? — sugeri, me sentindo desconfortável com os risinhos. *Whoo-hoo! Os ninfomaníacos Inderlander chegaram! Quem trouxe a mousse de pistache?*

Voltámos a andar e Ivy pegou no cotovelo de Nick

— Vai buscar água para a Rachel e um suco de laranja para mim — disse, os dedos brancos agarrando-o com mais força do que ditavam a boa educação ou a necessidade. — Só suco de laranja. Não quero nada lá dentro. Percebeu?

Nick sacudiu o braço para se libertar. Jamais o teria conseguido se ela não o tivesse deixado. Franzindo a sobrancelha, tirou o casaco de pano com uma sacudida e dirigiu-se para o bar. Ele sabia que nós estávamos nos querendo ver livre dele.

Nick enquadrava-se bem naquele espaço e não era apenas uma questão de seres humanos VS Inderlanders. O bar estava cheio de mulheres magras com roupas reduzidas, mulheres roliças em roupas reduzidas, mulheres que nunca deixavam que o copo pousasse na mesa e que pareciam velhas antes do tempo em roupas reduzidas e homens de camisa flanela e jeans que pareciam desesperados. Os pelos faciais eram opcionais. *Oh, sim, aquele era um lugar excelente para comer antes de morder o pó.*

Talvez eu estivesse algo deprimida.

Uma mulher com um vestido vermelho muito curto para o tamanho dos seus quadris acenou a Jenks. Estava de pé, ao lado da máquina de karaoke, e eu revirei os olhos quando ela começou a tocar *American Woman*. Jenks sorriu, avançando nessa direção até Ivy o ter arrastado em direção à mesa.

A mulher junto à máquina fez beicinho. Ivy fixou nela o olhar, o que deixou a mulher pálida. A amiga dela assustou-se e a puxou para o bar, como se Ivy as fosse secar às duas. Irritada diante da sua ignorância, puxei a bolsa mais para cima no ombro e avancei atrás de Ivy e Jenks.

Os meus dedos estavam começando a suar, mas eu não conseguia largar a bolsa. No seu interior, encontravam-se a estátua defunto e a estátua do lobo. A verdadeira estátua estava ensanduichada entre os boxers de seda de Jenks, no motel, ainda que só eu e Jenks o soubéssemos. Teria dito a Ivy, mas deixá-lo desprotegido não se adequava ao seu plano e não me desejava discutir com ela. Nick queria a estátua. Tinha que acreditar que ele iria roubar o que quer que fosse que eu estava protegendo. *Deus, por favor, faz com que eu esteja errada!*

Na minha bolsa, junto dos dois artefatos falsos, estava a minha metade da maldição para diminuir a inércia. Nick tinha a outra metade e iria colocá-la na grelha do caminhão. Quando se aproximassem fariam efeito e abrandariam os meus movimentos. Nick tinha o seu próprio amuleto para diminuir a inércia, bem como um amuleto de disfarce normal e dois feitiços ilegais, para fazer com que ele se parecesse com o Peter e vice-versa. Não me atreveria a usá-lo em Cincinnati, onde os seguranças usavam, por norma, amuletos para verificar a existência de feitiços, mas ali podia fazê-lo sem ser apanhada. A vida nas

pequenas cidades tinha, sem dúvida, as suas vantagens, mas ter que educar os locais seria entediante.

Ivy foi a primeira a chegar à mesa, sentando-se com as costas para a parede, como seria de prever. Jenks ocupou o lugar a seu lado e eu me sentei, relutantemente, de costas para a sala, puxando a cadeira para frente com um baque inaudível por causa da música. Deprimida, fitei a parede atrás de Ivy. *Maravilha. Ia ficar a noite toda olhando para um vison empalhado e pendurado na parede.*

Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram e eu me virei quando os olhos de Ivy saltaram para a porta. A nossa escolta de animalomens tinha chegado, parecendo mais deslocada do que nunca. Me perguntei durante quanto tempo Walter seria capaz de manter as três matilhas juntas, depois de destruído a “estátua”. Segundos, talvez? Brett estava com eles, ferido e lento no andar. Walter devia-o ter despachado para a matilha da gangue de rua como castigo. Era óbvio que se encontravam no fundo da hierarquia social e sofrendo muitos abusos. *A culpa não era minha*, pensei. Pelo menos, está vivo.

Eles se instalaram ao balcão e eu dirigi a Brett um sarcástico gesto de orelhas de coelho e beijinhos, antes de me virar para frente e sentar como deve ser. Observando os humanos à sua volta a ficarem tensos e a murmurarem entre si, me senti feliz por o meu pequeno grupo de bizarros alegres sexuais já ter sido aceito.

A atenção casual que Jenks dedicava a alguém que se aproximava atrás de mim me serviu de aviso e eu me inclinei para o lado quando Becky se aproximou. Manteve-se um passo mais longe do que o normal, mas, depois da espantosa entrada de Ivy, não podia culpá-la. Estava muito barulho e eu desejei que baixassem a música. Não conseguia ouvir nada no meio da música pop eletrônica. Devia ser a noite retro na Ponta do Esquilo.

— Bem-vindos mais uma vez — disse ela, parecendo sincera ainda que nervosa. — O que é que posso trazer para vocês? Por vinte e cinco euros recebem uma pulseira e toda a cerveja à pressão que conseguirem beber.

Maldição. Ou a cerveja era mesmo muito boa ou os locais bebiam bem.



Ivy não estava ouvindo e Jenks estava a fazer olhinhos a uma das mulheres a jogar *snooker*. Parecia-se com Matalina, o taco em uma mão e uma pequena saia de tecido fino que quase não lhe tampava o traseiro quando se inclinava sobre a mesa para jogar. Enojada, dei-lhe um pontapé em uma canela. *Qual era o problema dos homens?*

Jenks saltou e eu sorri-lhe docemente.

— Pode nos trazer um prato de batatas fritas? — perguntei, achando que pedir que as fizessem acompanhadas de chili faria com que fôssemos expulsos.

— Pode crer. Mais alguma coisa?

Olhando para ela por cima dos óculos, Jenks transformou-se em uma encarnação do sexo.

— O que há para sobremesa, Becky? Preciso de algo... doce.

Ivy ergueu uma sobrancelha e virou, lentamente, a sua atenção para ele. Trocamos olhares quando a mulher já de alguma idade ficou atrapalhada, não pelo que ele tinha dito, mas pela forma como disse.

— *Cobbler* de pêssago? — encorajou Becky — Fiz ontem e a parte de cima ainda está crocante.

Jenks deslizou cuidadosamente um braço por trás de Ivy. Sem mostrar qualquer emoção, ela agarrou-lhe no pulso e pousou sobre a mesa.

— Junta sorvete e caramelo e podemos fazer negócio — ofereceu, e Ivy lhe dirigiu um ar irritado. — O que foi? — disse ele com um sorriso rasgado. — Vou precisar de todo o açúcar que conseguir ingerir para conseguir acompanhar vocês esta noite.

As sobrancelhas depiladas de Becky se levantaram ainda mais.

— Mais alguma coisa?

— Que tal uma daquelas bebidas com as cerejas espetadas em pequenas espadas? — perguntou Jenks. — Gosto das espadas. Pode trazer uma cereja espetada na espada para cada um de nós? — O sorriso dele tornou-se mais sedutor e ele inclinou-se na direção de Becky, escondendo o pulso. Acho que a Ivy o tinha machucado. — Gosto de partilhar — disse. — E se estas duas não estiverem contentes quando o Sol se levantar, sou um homem morto.

Os olhos da mulher saltaram para Ivy e para mim. Os lábios de Ivy estremeceram uma vez, depois as suas feições aquietaram-se em um vazio sério. Entrando no jogo, fiz estalar os nós dos dedos em tom de aviso.

— Ooooooh, me bate, querida — disse Jenks, movendo-se sugestivamente na cadeira.

— Esse é o meu trabalho, querido — ronronou Ivy, aproximando-se mais e pousando a cabeça no espaço entre o ombro e a orelha de Jenks. A mão era uma garra tensa sobre o pescoço impecável dele e vi um tremer de preocupação nos olhos de Jenks antes de ele ter percebido que Ivy estava brincando e nem por sombras perto de perder o controle. — Desta vez, eu sou a vampira má — ronronou. — E ela é a bruxa boa.

Ivy afastou a mão, para lhe bater no rosto de forma provocante, mas Jenks foi mais rápido, lhe agarrando o pulso. Com um olhar apaixonado, ele lhe beijou as pontas dos dedos.

— Hum — disse Ivy, as pestanas escuras agitando-se contra as faces pálidas e os lábios entreabertos. — Sabe o que gosto, pozinho *pixy*.

O rosto de Becky ficou vermelho.

— É só o *cobbler*? — gaguejou. — E a bebida?

Ivy acenou, a mão livre a envolver a de Jenks e a língua a tocar nos dedos dele. Jenks ficou imóvel, verdadeiramente surpreendido. A mulher inspirou fundo e afastou-se, os passos inaudíveis sob o ruído. Ótimo. Agora, o mais certo era não receber as minhas batatas fritas.

Jenks reclamou a sua mão, o rosto ligeiramente corado.

— Quatro colheres! — gritou ainda.

Soltei a respiração em um assobio.

— Vocês dois são terríveis! — disse, franzindo o sobrelance a Ivy, enquanto ela se afastava de Jenks, um sorriso felino e satisfeito no rosto.

— Talvez — concordou Ivy —, mas os animalomens estavam olhando para nós, não para a Audrey e o Peter.

Fiquei rígida, fitando Ivy enquanto esta marcava mentalmente o segundo item da sua lista. Nos estávamos aproximando do final e comecei a sentir as primeiras borboletas dentro de mim.

— Jenks sabe ao que cheiram as folhas de carvalho — disse Ivy, ignorando a atrapalhão dele, enquanto batia na mesa ao ritmo da música emitida pela máquina de karaoke.

Jenks sorriu, fazendo jus aos seus dezoito anos.

— Não contem à Matalina, tudo bem?

Ivy não disse nada e eu obriguei o meu corpo a recostar-se na cadeira. O que estaria demorando Nick? Talvez tivesse visto a nossa simpática demonstração de vileza Inderlander e decidido ficar ao balcão. Ou, talvez, não quisesse atravessar a sala e atrair sobre si a atenção dos animalomens. Fosse como fosse, a água estava me fazendo falta.

Lentamente, a tensão de Ivy começou a voltar, o que era inusitado. Apesar de todo o nosso nervosismo, Jenks e eu estávamos lidando melhor com a situação do que ela e podia perceber por que. Todas as minhas missões eram pessoais. Ivy, por outro lado, não estava habituada a que o resultado final fosse tão importante para ela. Não tinha padrões de comportamento que lhe servissem de referência e isso era visível nos seus olhos.

— Vou ficar bem — disse, refreando o impulso de me esticar por cima da mesa e lhe dar uma palmadinha na mão. A recordação dos seus dedos na minha cintura, a excitação dos seus dentes em mim, invadiu os meus pensamentos e tive de esconder um arrepio de adrenalina.

— O que foi? — perguntou Ivy, em tom beligerante, os olhos brilhando negros.

— Vai resultar — disse, colocando a mão debaixo da mesa, para não tocar nos pontos.

Ivy franziu a sobrancelha, o anel castanho crescendo em redor das pupilas.

— Um caminhão conduzido pelo seu ex-namorado vai te bater e você diz que vai correr tudo bem?

Bem, quando ela punha as coisas daquela maneira...

Jenks fungou, afastando a cadeira um pouco mais de Ivy.

— O idiota está de volta.

Me virei na cadeira, quase contente por ver Nick. Tinha na mão um copo de água com uma rodela de limão e duas bebidas de diferentes tons de cor de laranja. Uma tinha uma cenoura e a outra foi pousada em frente a Ivy, antes de Nick deslizar para a sua cadeira ao meu lado. Voltei a pousar a bolsa no colo e tentei fingir que não estava preocupada com ela.

Ivy envolveu a bebida com os dedos.

— É bom que isso não tenha álcool — disse, fitando a bebida de Nick. Jenks estendeu uma mão para ela e Nick puxou-a, quase a entornando.

— Não vai beber nada, se de seguida vai apontar um caminhão à Rachel — disse o *pixy* grande.

Perturbada, agarrei no copo e levei-o ao nariz. Antes que Nick pudesse protestar, bebi um gole, quase cuspiendo a bebida.

— O que raio é isto? — exclamei, percorrendo o interior da boca com a língua. Era farinhento, mas doce.

— É um *Virgin Bloody Rabbit*. — Taciturno, Nick puxou o copo para mais perto de si.
— Não tem álcool.

Um *Bloody Rabbitt* era um *Virgin Bloody Mary* com suco de cenoura.

— São melhores quando são feitos com suco de tomate — disse, e Nick ficou branco.

Jenks bateu com os dedos na mesa, sorrindo quando Becky se aproximou de nós e pousou um prato de gelado e bolo, juntamente com a sua bebida com quatro cerejas e o número de colheres pedido. Nada de batatas fritas. Que grande surpresa.

— Obrigado, Becky — disse Jenks erguendo a voz por cima da música e o pescoço dela ficou vermelho.

Ivy pegou uma das colheres e tirou delicadamente um pedaço de sorvete, colocando-o rapidamente na boca. De seguida, empurrou o prato, como se já tivesse terminado.

— O Peter está no banheiro.



O meu coração saltou. *Confirmado.*

Nick inspirou, trémulo. Eu me recusava a olhar para ele, fingindo estar interessada em retirar a cereja de caule mais comprido da bebida de Jenks. Nick levantou-se e Ivy estendeu a mão sobre a mesa para lhe agarrar o pulso. Ele parou e os meus olhos saltaram dos seus dedos masculinos e inchados para o rosto de Ivy. Os olhos dela estavam negros, uma forte raiva brilhando no seu interior.

— Se não aparecer naquela ponte — disse ela, quase sem mover os lábios. — Juro que te encontro. E se a machucar, te tornarei o meu espetro, fazendo com que me supliques que beba o seu sangue todas as noites até ao fim da sua vida patética — parecendo-se com uma aparição, ela inspirou, roubando o calor da sala. — Acredita.

Ergui os olhos para a camisa de flanela desbotada e descobri-o pálido e assustado. Pela primeira vez, ele tinha medo. Eu também. Raios, até Jenks se afastou dela.

Nick libertou-se dela. Obviamente abalado, afastou-se do seu alcance.

— Rachel...

— Adeus, Nick — disse, em tom monótono, sentindo um aumento na minha pressão sanguínea. Ainda não compreendia como é que ele podia achar que vender informações sobre mim a Al, por muito inofensivas que fossem, não representava uma traição a tudo o que tínhamos partilhado.

Não o vi partir. De olhos baixos, agarrei numa cereja trespassada por uma espada. A carne doce parecia não ter qualquer sabor. Engolindo, pousei a espada de plástico vermelho ao lado de Jenks, para que ele a pudesse levar para os filhos.

— Estou farta disto — sussurrei, mas não me pareceu que alguém tivesse ouvido.

Jenks comeu uma colherada de *cobbler*, me observando com os olhos verdes e determinados.

— Vai ficar bem? — perguntou com a boca cheia.

Pegando uma colher, segurei o prato para conseguir tirar uma colherada ainda maior de sorvete.

— Impecável.

Porque é que eu estava comendo? Não tinha fome.



A música chegou finalmente ao fim e, no som renovado das conversas, Ivy levou um guardanapo à boca e murmurou.

— Não gosto disto. Não gosto nada disto. Não gosto do Nick. Não confio no Nick. E se ele não aparecer com o caminhão para cumprir a sua parte, vou matá-lo.

— Eu ajudo — ofereceu Jenks, cortando cuidadosamente o que restava do sorvete em dois e reclamando para si a parte maior.

— Tudo bem, cometi um erro ao confiar nele. Podemos avançar para outro assunto?

— perguntei, raspando para o meu lado do prato a porção de leão do caramelo. *Deus me ajude, mas tinha sido idiota. Ficou pela sua espécie, Rachel. Não que as coisas tenham corrido muito melhor nesse campo.*

— Mas confio na sua ganância — acrescentei, e Jenks ergueu as sobrancelhas.

Reprimindo um arrepio, toquei na bolsa que tinha sobre o colo.

— Ele quer a estátua. Vai aparecer, nem que seja para tentar roubar depois de tudo terminado.

Ivy cruzou os braços à frente do corpo e ferveu.

Jenks inclinou a cabeça, pensativo, e comeu mais um pouco do *cobbler*.

— Quer que peça ao Jax que o siga? — perguntou e eu abanei a cabeça.

— Pode estar demasiado frio — disse. — Ele pode ficar de fora desta vez.

— O Jax está se saindo bem nas suas saídas a baixas temperaturas — disse Jenks, com a boca cheia, engolindo de seguida. — Estou orgulhoso dele — um sorriso satisfeito pairou-lhe nos olhos. — Já sabe ler — acrescentou baixinho. — Tem estado trabalhando com afinco. Está determinado a seguir os passos do seu velhote.

O meu sorriso vacilou face aos motivos por detrás das aulas. Jenks já não iria travar muitas batalhas. Ivy controlou-se, sendo visível o seu esforço por parecer alegre.

— É ótimo — disse, mas podia ouvir o stress na sua voz. — Em que nível é que ele está?

Jenks afastou o prato.

— Pelos peitos da Sininho, não sei. O suficiente para se safar.

A minha atenção saltou para a porta do banheiro quando Nick saiu, a cabeça baixa e uma expressão preocupada. Exalei num suspiro lento, me encostando na cadeira.

— Oh, que maravilha — disse, irritada. — Algo correu mal com os encantamentos.

Com uma expressão preocupada no rosto triangular, Jenks seguiu o meu olhar, sem nada dizer. Ivy nem sequer olhou e esperou que Nick se sentasse em frente ao *Virgin Bloody Rabbit* e bebesse um gole.

— Os sapatos estão muitos apertados — sussurrou, com os dedos tremendo.

De boca aberta, fitei-o. Não era a voz de Nick.

— Peter? — sussurrei, chocada. Os meus olhos saltaram dele para Ivy e Jenks. — Meu Deus. Sei cozinhar ou não sei cozinhar?!

A respiração de Ivy deslizou dela em um som lento. *Confirmado*, pensei, vendo-a assinalar mentalmente mais um ponto na lista.

Sorrindo, Jenks voltou a comer, desta feita dedicando-se à minha metade do sorvete.

Tentei não olhar para Peter, mas era difícil não o fazer. O vampiro estava sentado ao meu lado, os braços pousados na mesa como se estivesse cansado, um ligeiro tremor nos dedos, que eram um pouco mais curtos que os de Nick e magros, nada inchados. Os dois homens tinham trocado as roupas juntamente com as identidades e era assustador o quão completa se mostrava a mudança. Só nos olhos era possível ver uma clara diferença. Peter tinha uma névoa devido ao analgésico que tomou para ser capaz de se manter de pé. Ainda bem que era eu quem ia conduzir.

— Não é de admirar que essas coisas sejam ilegais — disse Ivy, escondendo as palavras atrás do copo de sumo.

A minha preocupação aumentou quando Jenks disse:

— A aura é a mesma.

— Merda — sussurrei, sentindo um nó no estômago. — Me esqueci disso.

Jenks terminou o sorvete e afastou o prato com um pequeno suspiro.

— Eu não me preocuparia com isso — disse. — Os animalomens não são capazes de usar a eternidade. Não conseguem ver as auras.

Envergonhada, me dobrei sobre o meu copo.

— Você consegue vê-las, mas não consegue usar a eternidade.

Jenks sorriu.

— Isso é porque os *pixies* são eternidade. Somos magia, querida. Basta perguntar à Matalina.

Ivy riu. Tirou uma cereja e Jenks pousou a espada dela junto à minha, quando Ivy lhe entregou em um gesto relaxado.

— Sabe — disse eu —, pode comprar uma caixa disso por um dólar e cinquenta em qualquer mercearia.

Jenks encolheu os ombros.

— Onde é que está a piada?

Observando a discussão, Peter sorriu, me causando um aperto no coração quando me lembrei de Nick a me olhou assim.

— Gostava de ter tido a oportunidade de conhecer vocês antes de tudo isto — disse baixinho. — Ficam bem juntos. Como uma camarilha de vampiros, mas sem os ciúmes e as questões políticas. Uma família a sério.

O meu bom humor desapareceu. Jenks brincava com o garfo, tentando equilibrá-lo sobre os dentes e Ivy ficou de súbito muito interessada nos animalomens encostados ao balcão.

Peter pestanejou rapidamente, uma reação nervosa que eu nunca vi em Nick.

— Desculpem — ofereceu. — Disse alguma coisa...

Ivy interrompeu-o.

— Peter, temos cerca de uma hora antes de o Nick tomar o seu lugar no trânsito da ponte. Quer comer alguma coisa?

Me preparei para procurar Becky, dando um pequeno grito, quando Jenks me jutou por baixo da mesa. Fitei-o de olhos muito abertos até ele ter dito:

— Você não gosta do Nick. O Nick pode pedir a sua própria comida.

Me sentindo idiota, afundei na cadeira.

— Certo.

Assim, tentei não me mexer, enquanto Nick passava os cinco minutos seguintes tentando chamar a atenção de Becky. Pelo canto do olho, vi Nick sair do banheiro, parecendo-se com o vampiro doente sentado ao meu lado, tentando atrair a atenção de qualquer pessoa que passasse de avental. Raios, o Nick até andava como o Peter, lenta e dolorosamente. Era assustador. Ele era mesmo bom naquilo.

Ladrão profissional, recordei eu mesma enquanto agarrava a bolsa para ter a certeza de que ainda se encontrava na minha posse. Como é que eu pude ser tão cega? No entanto, sabia que a minha ignorância tinha nascido da necessidade que sentia por aquela maldita aceitação, algo por que ansiava quase tanto como Ivy ansiava por sangue. Vista bem as coisas, não éramos tão diferentes quanto poderia parecer.

Comecei a ficar nervosa quando Nick deixou o meu campo visual. Nessa altura, virei a minha atenção para Ivy, lendo a sua movimentação através do estabelecimento pela direção tomada pelos olhos dela.

— Ele é bom — disse Ivy, bebendo um gole do sumo. — A Audrey não o reconheceu até ele ter aberto a boca e dito olá.

— Os animalomens sentiram o cheiro dele? — perguntei, e ela abanou a cabeça.

Ao meu lado, Peter cerrou os dentes e eu me senti feliz por ele ter tido uma oportunidade para se despedir convenientemente de Audrey. Ele era uma boa pessoa. Aquilo não era justo. Talvez ele pudesse levar a recordação do sofrimento e da compaixão para a sua existência como morto-vivo, mas eu duvidava. Isso nunca acontecia.

Ivy bateu com os dedos na mesa e Jenks suspirou.

— Foram embora — disse Ivy.

Pousei o antebraço na mesa, obrigando o meu pé a não estremecer. Só nos restava esperar pelo telefonema de Nick dizendo que estava a postos.

Confirmado.



CAPÍTULO 33

Então esta é a sensação de ser um assassino, pensei, agarrando com mais força o volante da pickup de Nick e semicerrando os olhos devido ao Sol baixo. Estava nervosa, suando, tremendo e desejando vomitar. Oh, sim. Consigo perceber porque é que há pessoas que gostam disto.

Ao meu lado, vestindo os jeans e o casaco de tecido de Nick, Peter olhava pela janela, enquanto atravessávamos a ponte, com metade da maldição para diminuir a inércia de Nick presa ao para-choque. A mão esquerda de Peter segurava na estátua defunta com a mancha do sangue de DeLavine. A mão direita, parecendo ligeiramente menor que a de Nick, segurava a maçaneta da porta. Estava realmente certa de que era uma questão de nervos, já que ele não sabia que a porta tendia a abrir-se quando passávamos por buracos maiores.

A pickup de Nick era velha. Chocalhava quando agitada. Os solavancos eram fortes, mas os freios excelentes. E, com o NOS, podia andar espantosamente depressa. Precisamente aquilo que qualquer ladrão de sucesso precisa.

Em silêncio, suportamos o para e anda até à ponte, a minha atenção fixa tanto em Ivy e Jenks que seguiam atrás de nós, quanto nos carros que, à nossa frente, avançavam

para a ponte. Tinha sido ideia de Ivy fazer aquilo na ponte. O vento forte interferiria com o olfato dos animalomens e a ponte em si impediria a utilização de um helicóptero de emergência médica e abrandaria as coisas. Mas, acima de tudo, precisávamos de vários quilômetros sem margem para minimizar a interferência dos animalomens depois do acidente. A ponte de oito quilômetros nos permitia isso mesmo, durante um espaço suficientemente grande para nos dar alguma margem de manobra em relação ao momento do choque. O objetivo era o centro da ponte, mas um quilômetro e meio em cada direção era aceitável.

Os meus olhos saltaram para o retrovisor, mas não me senti melhor ao ver Ivy e Jenks, no *Corvette* de Kisten, funcionando como um tampão entre nós e os animalomens que tinham estado no café.

— Põe o cinto — disse.

Achei que era estúpido, como andar com a sela atrás quando se sai à procura do cavalo que fugiu do celeiro em chamas, mas não queria que me mandassem encostar por não estar com cinto, trazendo a ruína ao plano quando o agente percebesse que o fugão acabado de pintar de Nick era a mesma que tinha fugido do local de um acidente no dia anterior.

O clique ressoou na cabine quando Peter apertou o cinto. Íamos ser chocados por um caminhão. Não me pareceu que fizesse alguma diferença se ele tinha ou não o cinto.

Oh, Deus. O que é que eu estava fazendo?

O semáforo passou, por fim, a verde e eu entrei na ponte, me dirigindo para St. Ignace, do outro lado do estreito. Agarrei o volante com mais força, sentindo o estômago apertado. A ponte estava uma confusão. As duas faixas para norte estavam fechadas, reduzindo a circulação às duas faixas para sul. A meio caminho, estava a maquinaria pesada e luzes poderosas que transformariam a noite que se aproximava em dia, enquanto os trabalhadores tentavam cumprir o seu prazo pré-turistas. Tinham falhado. Cones vermelhos separavam as duas faixas permitindo ao trânsito passar facilmente para a faixa do lado, se necessário. A ponte tinha uns espantosos oito quilômetros de comprimento e cada metro dela foi reparado.

Peter expirou enquanto acelerávamos a uns firmes oitenta quilômetros por hora, os veículos que circulavam em sentido oposto fazendo o mesmo a uns enervantes dois metros e meio de distância. Para lá das faixas para norte e das espessas proteções, podia ver as ilhas, cinzentas e desfocadas à distância. Estávamos mesmo muito alto e eu senti um instante de medo, rapidamente abafado. Ao contrário do que diziam as histórias, as bruxas não voavam. Pelo menos, não sem um bastão de pau-brasil encantado que custava mais do que o Concorde⁴⁵.

— Peter? — perguntei, não gostando do silêncio.

— Estou ótimo — disse ele, agarrando a estátua com mais força. A sua voz estava irritada, não soando nada como a de Nick. Não consegui evitar um desajeitado sorriso de compreensão, me lembrando do quanto Ivy me importunou com aquela mesma pergunta. O meu estômago deu um salto.

— Não ia te perguntar como está — disse, mexendo nos dois amuletos que tinha ao pescoço. Um era para a dor, ainda que não fosse capaz de cobrir aquela que eu sentiria no momento do impacto, o outro para impedir que a minha cabeça batesse no painel. Peter recusou ambos.

Os meus olhos saltaram para o espelho retrovisor, para ver se Ivy e Jenks ainda estavam atrás de nós.

— Quer que acenda a luz? — perguntei.

Esse era o sinal que tínhamos combinado para abortar o plano. Queria que ele dissesse que sim. Não queria fazer aquilo. Naquele momento, a estátua não importava. Apenas Peter. Podíamos encontrar outra forma.

— Não.

O Sol punha-se do outro lado dele e eu semicerrei os olhos para o fitar.

— Peter...

— Já ouvi tudo — disse com a voz rouca enquanto mantinha a mesma posição rígida. — Por favor, não diga nada. Tudo se resume a uma coisa. Estou morrendo. Já estou

⁴⁵ Concorde: foi um dos dois aviões supersônicos de passageiros que operaram na história da aviação comercial, sendo o outro o soviético Tupolev Tu-144. Possuía uma velocidade de cruzeiro de Mach 2.04 (entre 2.346 e 2.652 km/h), e um teto operacional de 17.700 metros de altura (aproximadamente 58.070 pés).

fazendo há algum tempo e dói. Parei de viver há três anos, quando os remédios e os encantamentos deixaram de funcionar e a dor apagou tudo o resto. Não me resta nada a não ser a dor. Lutei durante dois anos, pensando que era um covarde por querer pôr um fim à dor, mas não resta nada.

Olhei de relance para ele, em choque quando vi Nick ali sentado, o maxilar cerrado e os olhos castanhos e duros. Soava como uma história contada muitas vezes. Enquanto o observava, os seus ombros relaxaram e ele largou a porta.

— Esta demora não é justa para a Audrey — disse ele. — Ela merece alguém forte, alguém capaz de ficar ao seu lado, de corresponder, mordida por mordida, à paixão que anseia por me mostrar.

Não podia deixar passar aquilo sem dizer qualquer coisa.

— E se transformar um morto-vivo é justo para ela? — perguntei, fazendo com que o seu maxilar se cerrasse mais uma vez. — Peter, já vi os mortos-vivos. Não será você!

— Eu sei! — exclamou ele, prosseguindo mais calmamente. — Eu sei, mas é tudo o que me resta para lhe dar.

O remoinho de vento sob os pneus ergueu-se acima do ruído do motor quando percorremos a primeira das grades concebidas para aliviar o peso da ponte.

— Ela sabe que não serei eu — disse Peter, com a voz calma. — Ela me prometeu que seria feliz. Costumava ser capaz de dançar com ela com uma tal paixão que a deixava louca. Quero voltar a dançar com ela. Me lembrarei dela. Me lembrarei do amor.

— Mas não o sentirá — sussurrei.

— Mas ela me amará pelos dois — disse Peter, com firmeza, os olhos percorrendo os trabalhos na ponte. — E, com o tempo, serei capaz de o fingir por ela.

Isto não ia acontecer.

— Peter... — estendi o braço para acender as luzes e ele me impediu, segurando o meu pulso com uma mão trémula.

— Não faça isso — disse. — Já estou morto. Só me está me ajudando a seguir em frente.

Não podia acreditar naquilo. Não *queria* acreditar naquilo.



— Peter, há tanto que ainda não fez. Tanto que poderia fazer. Há novos medicamentos todos os dias. Conheço alguém que te pode ajudar.

O Trent podia ajuda-lo, pensei, me amaldiçoando em seguida. Que raio eu estava pensando?

— Já tomei todos os medicamentos — disse Peter baixinho. — Legais e outros. Já ouvi as promessas, acreditei nas mentiras, mas não há mais nada em que acreditar se não na morte. Andam comigo de um lado para o outro como se fosse uma luminária de mesa, Rachel — a voz lhe falhou. — Não compreende porque ainda não acabou de viver. Mas eu já acabei e quando acabar... irá saber.

As luzes dos freios do carro à nossa frente acenderam-se e eu tirei o pé do acelerador.

— Mas uma luminária consegue iluminar uma sala — objetei, sentindo a minha força de vontade fraquejar.

— Não quando a lâmpada está partida — Peter tinha apoiado o cotovelo na porta e colocou a cabeça na mão em concha. O Sol que se punha brilhava sobre ele em relampejos, cortado pela estrutura que sustentava o arco da ponte. — Talvez ao morrer, possa ser arranjado — disse ele, sobre o ruído de um furgão que passava por nós. — Talvez possa fazer algum bem quando estiver morto. Vivo não sirvo para nada.

Engoli em seco. Ele nada faria depois de morto, a não ser que isso suprisse as suas necessidades.

— Vai ficar tudo bem — disse Peter. — Não tenho medo da morte. Tenho medo de morrer. Não de morrer, mas de como morro — riu, mas o seu riso estava manchado pela amargura. — DeLavine me disse que nascer e morrer são as únicas coisas que fazemos na perfeição. Temos uma taxa de sucesso de cem por cento. Não há como errar.

— É engraçado vindo de um homem morto — disse, segurando a respiração, quando um caminhão passou por nós, fazendo abanar a grade por cima da qual circulávamos. *Isto era errado. Isto era tão errado.*

Peter afastou o cotovelo da janela e olhou para mim.



— Ele disse que a forma como me sinto ao morrer é a única coisa que posso controlar. Posso fazê-lo com medo ou de forma corajosa. Quero fazê-lo com bravura... mesmo que doa. Estou cansado da dor, mas posso aguentar mais um pouco.

Eu estava começando a tremer embora o ar, aquecido pelo Sol que se punha, fosse quente e a minha janela estivesse descida. A alma dele desapareceria para sempre. A centelha de criatividade e compaixão... perdidas.

— Posso... posso te perguntar uma coisa? — arrisquei. O trânsito em sentido contrário tinha se tornado mais fraco e eu rezei que não tivessem encerrado a faixa sul por uma razão qualquer. O mais certo era ser Nick que conduzia devagar para que nos pudéssemos encontrar em algum lugar a meio, como planejado.

— O quê?

A voz dele soava cansada e abatida e a ausência de esperança que detetei nela me apertou ainda mais o estômago.

— Quando a Ivy me mordeu — disse, olhando para ele de relance —, parte da minha aura foi para ela. Ela estava ingerindo a minha aura, juntamente com o meu sangue. Não a minha alma, apenas a minha aura. O vírus precisa de sangue para se manter ativo, mas é mais do que isso, não é?

A expressão de Peter era insondável e eu me apressei a dizer o resto, enquanto ainda tinha tempo.

— Talvez a mente precise de uma aura para se proteger — disse. — Talvez a mente, ainda viva, precise da ilusão de uma mente, caso contrário começa a tentar levar o corpo a se matar para que alma, mente e corpo possam estar de novo em equilíbrio.

Peter me fitou através do rosto de Nick e eu vi pelo que era: um homem assustado que se preparava para entrar em um mundo novo sem rede de segurança, imensamente poderoso e tragicamente frágil ao mesmo tempo, confiando em outra pessoa para manter a mente e o corpo unidos depois da partida da alma.

Não disse nada, me dando a entender que eu tinha razão. Senti que a pulsação acelerava e lambi os lábios. Os vampiros tomavam as auras como suas para enganar a mente, fazendo-a pensar que ainda era banhada por uma alma. Isso explicaria o porquê de



o pai de Ivy arriscar a própria vida para alimentar a mãe dela com o seu sangue e apenas o seu. Ele banhava a mente dela na sua própria aura, na sua alma, com a esperança de que ela recordasse o que era o amor. E talvez, no momento do ato, assim fosse.

Por fim, compreendi. Entusiasmada, fitei a rua à minha frente, sem a ver. O meu coração batia veloz e sentia a minha cabeça zozna.

— É por isso que a Audrey insiste em ser o meu delfim — disse ele suavemente —, mesmo que isso seja muito duro para ela.

Queria parar. Queria parar ali mesmo, no meio da porcaria da ponte, e compreender aquilo. Peter parecia infelicíssimo e eu me perguntei durante quanto tempo agonizou perante a decisão de permanecer como estava e causar dor a Audrey ou transformar-se em um morto-vivo e causar lhe dor de outra forma.

— A Ivy sabe? — perguntei. — Sobre as auras?

Peter acenou, os olhos pousando-se por breves instantes nos meus pontos.

— Claro.

— Peter, isso é... é... — disse eu, maravilhada. — Porque é que o escondem de todas?

O vampiro passou uma mão pelo rosto, o gesto irado tão semelhante ao de Nick que me chocou.

— Teria permitido que a Ivy bebesse o seu sangue se soubesse que ela também iria tomar a sua aura, a luz da sua alma? — perguntou ele, de súbito, os seus olhos veementemente fixos nos meus.

Olhei para a estrada, dizendo de rompante:

— Sim. Sim, teria. Peter, é lindo. Transmitem algo de certo.

A expressão dele passou da raiva a surpresa e ele disse:

— A Ivy é uma mulher de sorte.

Sentindo o peito apertado, pestanejei rapidamente. Não ia chorar. Me sentia frustrada e confusa. Ia matar Peter dentro de menos de cinco quilômetros. Seguiu a bordo de um comboio que não podia parar. Eu não precisava chorar, precisava compreender.

— Nem todos veem as coisas dessa maneira — disse, as sombras das vigas caindo sobre ele. — É verdadeiramente estranha, Rachel Morgan. Não te compreendo de todo. Quem me dera ter tempo para fazê-lo. Talvez depois de morto. Te levarei para dançar e poderemos conversar. Prometo não te morder.

Não conseguia fazer isto.

— Vou acender as luzes — de maxilar cerrado, levei a mão ao botão. Ele ainda não tinha acabado. Havia mais para aprender. Havia mais que me poderia dizer antes de abandonar para sempre o fio da consciência.

Peter não se moveu quando puxei o botão. Me inclinei no assento, o rosto gelado quando o painel permaneceu banhado na escuridão. Apertei o botão e voltei a puxá-lo.

— Não estão funcionando — disse, enquanto um carro passava por nós. Empurrei e voltei a tentar. — Porque é que não estão funcionando?

— Pedi ao Jenks que as desligasse.

— Filho da mãe! — gritei, batendo no painel e machucando a mão apesar do amuleto contra a dor. — Maldito filho da mãe! — as lágrimas começaram a cair e eu me contorci no acento, desesperada por pôr um fim àquilo.

Peter me agarrou no ombro, me beliscando.

— Rachel! — exclamou, os olhos paralisado pela culpa me fitando partir do rosto de Nick e me dilacerando. — Por favor — implorou. — Quero terminar assim, porque sei que estou ajudando alguém. Espero que, por estar te ajudando, Deus me aceite mesmo sem a alma. Por favor... não pare.

Agora estava chorando. Não o conseguia evitar. Mantive o pé no acelerador, mantendo os mesmos quatro metros e meio entre mim e o carro da frente. Ele queria morrer e eu ia ajudá-lo quer estivesse de acordo ou não.

— Não funciona assim, Peter — disse eu, com a voz aguda. — Fizeram um estudo sobre isso. Sem a mente para guiar, a alma não tem nada que a segure e desintegra-se. Peter, não restará nada. Será como se nunca tivesses existido...

Peter olhou para a estrada. O rosto pálido sob a luminosidade âmbar.

— Oh, Deus! Ali vem ele.



Inspirei e sustive a respiração.

— Peter — disse, desesperada. Não podia voltar para trás. Não podia abrandar. Tinha de fazer aquilo. As sombras das vigas pareciam passar ainda mais depressa. — Peter!

— Tenho medo.

Olhei para lá dos carros, para a carrinha branca que se dirigia para nós. Podia ver Nick, o disfarce de duplo de Peter desaparecido e um legal no seu lugar. Agitando a mão, encontrei a de Peter. Estava húmida de suor e ele agarrou-a com a força de uma criança assustada.

— Estarei aqui — disse, sem fôlego, incapaz de afastar os olhos do caminhão que se aproximava. *O que é que estava fazendo?*

— Por favor, não deixe que arda, quando o tanque explodir? Por favor, Rachel?

Doía a minha cabeça. Não conseguia respirar.

— Não te deixarei arder — disse, as lágrimas deixando o meu rosto frio. — Ficarei contigo, Peter. Prometo. Segurarei a sua mão. Ficarei até partir, ficarei com você quando partir para que não seja esquecido — estava falando sem parar. Não queria saber. — Não te esquecerei, Peter. Recordarei de você.

— Diz à Audrey que a amo, mesmo que já não me lembre porquê.

O último carro entre nós desapareceu. Inspirei e segurei a respiração. Tinha os olhos fixos nos pneus do caminhão. Estes viraram-se.

— Peter!

Aconteceu tão depressa.

O caminhão guinou para a faixa temporária. Os meus pés carregaram nos freios quando o instinto de autopreservação assumiu o controle. O meu braço ficou rígido, agarrando o volante e a mão de Peter ao mesmo tempo.

O caminhão de Nick guinou ainda mais. Aproximava-se de nós, o liso painel lateral ocupando todo o mundo. Ele estava tentando passar completamente para a faixa do lado e não me acertar. Virei o volante, os dentes cerrados e aterrorizada. Ele estava tentando não me acertar. Estava tentando acertar apenas do lado do passageiro.

O caminhão chocou contra nós como uma bola demolidora. A minha cabeça foi impelida para a frente e eu gritei antes da maldição para diminuir a inércia se apoderar de mim. Não conseguia respirar quando o airbag chocou contra o meu rosto, como uma almofada molhada, me machucando. O alívio me encheu, depois a culpa por estar em segurança, enquanto Peter... *Oh, Deus, Peter...*

Com o coração a bater veloz, me sentia como se estivesse envolta em algodão. Não conseguia me mexer. Não conseguia ver. Mas conseguia ouvir. O som dos pneus guinchando foi engolido pelo gemido aterrorizante do metal a contorcer-se. Consegui respirar, o ar arranhando a minha garganta. Com um aperto no estômago, vi o mundo girar quando o impulso nos virou ao contrário.

Empurrando o plástico cheirando a óleo, afastei-o. Ainda estávamos girando e senti o terror correr através de mim, quando o caminhão ultrapassou o separador da faixa temporária e entrou nas faixas para norte. O nosso veículo tremeu ao bater em qualquer coisa e parou, lançando uma chicotada sobre as nossas costas.

Fiz pressão sobre o *airbag*, lutando contra ele, tremendo, pestanejando na ausência de som. Estava manchado de vermelho e fitei as mãos. Estavam vermelhas. Eu estava sangrando. O sangue cobria-as no local onde as minhas unhas tinham cortado a pele das palmas das mãos. *Sim*, pensei entorpecida, vendo o céu cinzento e a água escura. *Deve ser esta a aparência das mãos de uma assassina.*

O calor do motor jorrou sobre mim, incitado pela brisa da ponte. O vidro de segurança cobria o assento e o meu corpo. Pestanejando, olhei através do vidro da frente, estilhaçado. O lado da pickup onde Peter seguia estava completamente esmagado. Não havia como tirá-lo por esse lado. Tínhamos sido lançados para uma das faixas vazias que seguiam para norte. Podia ver as ilhas para lá de Peter e das grades de proteção que estavam reparando. Algo... algo arrancou o capô da pickup azul de Nick. Podia ver o motor, a fumegar e contorcido. Merda, estava quase comigo no banco da frente, juntamente com o vidro.

Um homem gritava. Podia ouvir vozes e as portas dos carros fechando. Me virei para Peter. *Oh, raios!*



Tentei me mover, chocada quando o meu pé se recusou, entrei em pânico até ter concluído que este não se movia por estar preso, não por se ter partido. Estava enfiado entre o painel e o banco da frente. Os meus jeans estavam ficando escuros e húmidos, da canela para baixo.

Acho que tinha um corte em algum lugar. Os meus olhos deslizaram, entorpecidos, pela perna. Era a canela. Acho que tinha um corte na canela.

— Minha senhora! — disse um homem que correu para a minha janela, agarrando a armação vazia com uma mão espessa, em um dos dedos trazia uma aliança. — Minha senhora, está bem?

Ótima, pensei, pestanejando. Tentei dizer qualquer coisa, mas não conseguia mover a boca. Emiti um som horrível, arrepiante.

— Não se mexa. Já chamei uma ambulância. Acho que é suposto não se mexer — os olhos dele pousaram em Peter ao meu lado e me virou as costas. Ouvi o som de vomitos.

— Peter — sussurrei, sentindo uma dor no peito.

Não conseguia inspirar fundo, pelo que mantive a respiração curta, lutei com o cinto de segurança. Este abriu-se e enquanto as pessoas gritavam e se juntavam, como formigas sobre uma lagarta, libertei o pé. Ainda nada me doía. Tinha a certeza de que isso ia mudar.

— Peter — repeti, tocando-lhe no rosto.

Os seus olhos estavam fechados, mas respirava. O sangue corria de um corte irregular sobre o olho. Abri-lhe o cinto e as pálpebras dele agitaram-se.

— Rachel? — perguntou, o rosto contorcido pela dor. — Já estou morto?

— Não, querido — disse, tocando-lhe no rosto.

Por vezes, a transição de vivo para morto ocorre em um bater de coração, mas não com tantos danos e não com o Sol ainda no horizonte. Ele ia dormir uma longa soneca e acordaria esfomeado e inteiro. Consegui lhe sorrir, tirei o meu amuleto contra as dores e coloquei-o nele. Doía o meu peito, mas não senti nada, dormente por dentro e por fora.

Peter parecia tão branco, o sangue formando uma poça sobre o seu colo.

— Escuta — disse eu, ajustando o casaco dele com os meus dedos vermelhos para que ele não visse os danos no peito. As suas pernas parecem bem, tal como os seus braços. Tens um corte por cima do olho. Acho que esmagou o peito. Dentro de uma semana já pode me levar para dançar.

— Sai — sussurrou ele. — Sai e explode a pickup. Raios, nem sequer consigo morrer como deve ser. Não queria morrer queimado — começou a chorar, as lágrimas abrindo um caminho limpo no rosto ensanguentado. — Não queria ter que morrer queimado...

Não me pareceu que ele fosse sobreviver, mesmo que a ambulância ali chegasse a tempo.

— Não te vou deixar arder. Prometo.

Vou ficar maldisposta. E é tudo.

— Tenho medo — choramingou ele, a respiração gorgolejante, enquanto os pulmões se enchiam de sangue. Rezei para que ele não começasse a tossir.

Por entre os estilhaços de vidro que deslizavam, me aproximei mais, apoiando contra mim o seu corpo partido.

— O Sol está brilhando — disse, fechando os olhos, enquanto as recordações do meu pai me enchiam. — Tal como você queria. Consegue senti-lo? Não falta muito. Eu estou aqui.

— Obrigado — disse ele, as palavras aterrorizantemente líquidas. — Obrigado por ter tentado acender as luzes. Faz com que sinta que merecia ser salvo.

A minha garganta se apertou.

— Merece ser salvo — disse, as lágrimas a escorrer enquanto eu o embalava gentilmente. Ele tentava respirar, o som horrível. Era como se tivessem dado voz à dor e o som cortou através de mim. O corpo dele tremeu e eu o segurei com mais força, embora tivesse a certeza de que lhe doía. As lágrimas caíam, quentes quando aterravam no meu braço. Havia barulho à nossa volta, mas ninguém nos tocava. Estávamos para sempre separados do mundo.

O corpo dele compreendeu de súbito que estava morrendo e, com uma força nascida da adrenalina, lutou para permanecer vivo. Apertando a sua cabeça contra o meu

peito, segurei-o com firmeza, consciente do estremecimento enorme que sabia estar próximo. Solucei, quando o agitou como se estivesse tentando arrancar o corpo à alma. *Odiava aquilo. Odiava-o. Já o tinha vivido antes. Porque é que tinha de o viver de novo?*

Peter parou de se mexer e caiu em silêncio.

Embalando ele, agora apenas por mim e não por ele, estremeci com soluços que machucavam as minhas costelas. *Por favor, por favor, Deus permita que tenha sido a coisa certa a fazer.*

Mas não parecia certo.



CAPÍTULO 34

— Rachel! — Gritou Jenks, e eu compreendi que ele estava ao meu lado. As suas mãos eram quentes e limpas, não pegajosas como as minhas e, depois de ter lutado contra a porta da pickup, meteu a mão por dentro para destranca-la. Soltei Peter quando ela se abriu. A minha perna, contorcida atrás de mim, parecia fria e fitei-a, me sentindo tonta. Havia uma mancha escura e úmida nas calças e os meus novos sapatos de corrida tinham um risco vermelho. *Talvez a minha perna estivesse pior do que eu pensava?*

— Tira o Peter dali — sussurrei. — Au. Au, hei! — exclamei quando Jenks me arrastou através do assento e para longe de Peter. Os braços dele me envolveram e, enquanto eu o sujava com o sangue de Peter, ele me levava para um espaço vazio no pavimento frio.

— De pé — sussurrei, me sentindo fria e zozza. — Não me deite. Não aperte o botão antes de tirar ele de lá. Me ouviu Jenks. Tire ele de lá!

Jenks acenou e eu perguntei:

— Onde está o motorista do caminhão? — me lembrando de não lhe chamar Nick.

— Uma senhora de jaleco está tratando dele.

Com alguma dificuldade, tirei a minha metade do encantamento para diminuir a inércia do local onde se encontrava, à volta do meu pescoço. Entreguei a Jenks e ele me

deu o controle que incendiaria o NOS. Escondendo na palma da mão observei, enquanto Jenks deitava o amuleto pelos buracos na grade no chão, destruindo metade das provas de que estávamos cometendo fraude nos seguros. *David teria um ataque.*

— Espera que eu volte antes de apertar o botão, pode ser? — murmurou, os olhos saltando para o meu punho fechado. Sem esperar por uma resposta, saltou para a pickup gritando a dois homens que o ajudassem e uma mulher aproximou-se de mim.

— Saia! — exclamei, empurrando e a mulher de rosto estreito e jaleco roxo se irritou. *Como é que ela tinha chegado ali tão depressa? Ainda nem sequer era possível ouvir a ambulância.*

— Sou a Dr. Lynch — disse ela, com a voz tensa, franzindo a sobrancelha, perante o sangue que eu deixava na sua bata. — Era mesmo disto que eu precisava. Parece uma doente CCT ainda pior do que eu.

— CCT? — perguntei, tentando lhe bater quando ela me agarrou pelos ombros e tentou me deitar.

A mulher afastou-se, franzido a sobrancelha.

— Chata como tudo — explicou. — Preciso medir a pressão arterial e a pulsação, mas, depois, por mim, pode ficar sentada até desmaiar.

Tentei ver Jenks além dela, mas ele estava dentro do carro com Nick.

— De acordo — respondi.

Os olhos dela saltaram para a minha perna, molhada da canela para baixo.

— Acha que consegue exercer pressão sobre isso?

Acenei, começando a me sentir mal. Isto ia doer. Segurando a respiração contra a onda de dor, deixei que ela me segurasse pelos ombros e deitasse. Com o joelho dobrado, pressionei com a mão a parte da perna que mais me doía, fazendo com que a dor aumentasse ainda mais. Enquanto ela demorava uma eternidade, escutei os sons de pânico e fitei o céu que escurecia por entre os cabos da ponte, segurando as costelas e tentando dar a impressão de que não doíam, não fosse ela querendo mexer nelas também. Pensei no meu amuleto contra a dor, esperando que ele tivesse acalmado Peter, quando mais nada o fizesse. Eu merecia sofrer.

A mulher resmungou que estivesse quieta, quando virei à cabeça para os carros que passavam. Um conversível preto estava estacionado no limite das faixas para norte encerradas. *Dela?*

Saltei perante o feio som do tecido sendo rasgando e a súbita aparência na perna.

— Hei! — gritei, encostando as palmas das mãos feridas ao chão e me erguendo. Segurei a respiração, quando a minha visão ficou cinzenta de dor, depois fiquei furiosa quando percebi que ela me tinha cortado as calças, pela costura até ao joelho. — Maldição, isso me custou cinquenta dólares! — exclamei e ela me dirigiu um olhar frio.

— Bem me pareceu que isso te faria levantar — disse ela, deslocando a mão ensanguentada de volta para a perna e medindo a pressão arterial e a pulsação pela segunda vez.

Podia perceber que se tratava de uma vampira viva de sangue superior, apesar de ela tentar esconder à moda antiga, e me senti segura perto dela. A sua sede de sangue seria cuidadosamente controlada enquanto estivesse tratando de mim. Os vampiros vivos eram assim. As crianças e os feridos eram sagrados.

Ainda furiosa por causa dos jeans, inspirei superficialmente, fitando o caos iluminado pelo brilho amarelo alaranjado do Sol que se punha.

— Vejamos — disse e eu soltei a perna.

Preocupada, espreitei. Não parecia muito mau, de um ponto de vista da possibilidade de sangrar até à morte — apenas um pequeno sangramento e o que parecia ser uma enorme mancha negra prestes a ganhar cor —, mas doía terrivelmente. Sem dizer nada, a Dra. Lynch abriu a sua caixa extensível e quebrou o selo de uma pequena garrafa.

— Calma, é água — disse ela, quando eu fiquei rígida perante a sua tentativa de jogar o conteúdo sobre a minha perna.

A mulher segurava a minha perna com firmeza, enquanto mexia e remexia limpando a ferida ao mesmo tempo que murmurava qualquer coisa sobre arteríolas⁴⁶ rasgadas e o fato de serem uma droga para estancar, mas acrescentando que eu sobreviveria. A minha vacina contra o tétano, já com três anos, pareceu deixá-la satisfeita,

⁴⁶ Arteríolas: são vasos sanguíneos de dimensão pequena que resultam de ramificações das artérias.

mas o meu estômago estava dando voltas quando ela decidiu, por fim, que eu já tinha sido torturada o suficiente e colocou sobre a perna uma gaze de pressão.

Alguém orientava o trânsito para tentar manter os curiosos circulando e a ponte para funcionar. Os dois carros de animalomens tinham parado para “ajudar”, o que me deixava preocupada. Queria que eles vissem a estátua rolando no chão da pickup, mas tê-los assim tão perto era uma faca de dois cortes.

Lentamente, escondi o comando para rebentar o NOS debaixo da perna boa e longe dos olhares de estranhos. O vento que soprava através do estreito, me afastava o cabelo dos olhos e, enquanto fitava os rostos encostados às janelas dos carros que passavam, comecei a rir, machucando as costelas.

— Estou bem — disse, quando a mulher me dirigiu um olhar sério. — Não vou entrar em choque. Estou viva.

— E parece que assim vai continuar — disse ela, pegando em minhas mãos e pousando elas de forma que ficassem penduradas para lá da prateleira formada pelo meu colo. — Que sortuda, não?

A mulher jogou um pouco de água em minhas mãos, para se ver livre da sujeira, depois pousou-as, de palmas viradas para cima, no meu colo, deixando uma mancha úmida. Maldisposta, observei enquanto ela tirava da caixa extensível uma segunda embalagem e a abria. O cheiro a antisséptico ergueu-se no ar, arrastado pelo vento. Mais uma vez, saltei e gritei, enquanto ela limpava a terra e o vidro das minhas mãos, merecendo mais um olhar de censura da parte dela.

Tinham parado mais pessoas e a alteração na pintura da pickup de Nick era visível nos locais onde o metal se tinha amolgado. Jenks estava no seu interior, com Peter. Estavam tentando tirá-lo da pickup. Os animalomens tinham-se reunido nos limites do acidente, uns em jipes, outros em carros topo de gama e outros ainda nos seus carros de corrida. Senti o controle por baixo da perna, desejando usá-lo e terminar aquele trabalho. Queria ir para casa.

Nick.

— Onde está o cara que nos bateu? — perguntei, fitando os rostos e não o vendo.



— Ele não tem nada além do joelho machucado — disse ela, enquanto terminava e eu puxei as mãos para mais perto, fitando as pequenas luas que as minhas unhas tinham desenhado ao cortar a pele. — Pode precisar de cirurgia, mais cedo ou mais tarde, mas sobreviverá — os seus olhos profundamente castanhos saltaram para os pontos feitos com fio dentário. — A sua gnómon está com ele — concluiu e eu pestanejei. *Gnómon? Que raio era isso?*

— Ela está mantendo ele ocupado, até a SI chegar para recolher o seu depoimento — acrescentou e os meus olhos abriram-se.

Estava falando de Ivy. Ela pensava que eu era a delfim de Ivy e o gnómon era o outro lado do relacionamento. Fazia sentido, sendo o gnómon aquela coisa dos relógios de sol que lançam a sua sombra. Ia lhe dizer que a Ivy não era a minha gnómon, mas não fiz. Não queria saber o que ela pensava.

— A SI? — disse com um suspiro, começando a me preocupar agora que parecia certo que eu ia sobreviver.

Com movimentos rápidos, ela colocou um grande penso nas palmas das minhas mãos. Não me esquecera da SI mas, se a pickup de Nick não estivesse a arder antes de eles chegarem, ia ser muito mais difícil ver-me livre da estátua defunta.

A sua atenção seguiu a minha até à pickup, os ombros tensos quando Jenks e os dois homens retiraram do seu interior o corpo partido de Peter. Esperei que ela ficasse furiosa por estarem mexendo nele, me surpreendendo que ela estivesse de volta dos vivos e não tivesse ido até ele, obviamente o que se encontrava em pior estado, até ela se ter aproximado de mim, com a sua pequena caneta de luz e a ter feito brilhar sobre os meus olhos, dizendo:

— Chorou pelo Peter. Nunca ninguém chora por nós.

Fugi das suas mãos, chocada.

— Sabe...

Ela moveu-se e eu entrei em pânico. Com a rapidez de um vampiro, ela saltou para cima de mim, um joelho de cada lado das minhas coxas, me prendendo contra os rails⁴⁷. Uma das suas mãos segurava o meu pescoço, enquanto a outra erguia a luz como se fosse um punhal apontado ao meu olho. Estava a centímetros de distância, a sua proximidade ignorada ou considerada normal devido ao jaleco de aspecto oficial.

— Estou aqui porque DeLavine me disse para vir. Ele queria garantir que sobreviveria.

Inspirei uma vez, depois outra. Ela estava tão perto, podia ver as suaves imperfeições do seu rosto e do pescoço, muito próximo de forma profissional. Não me mexi, desejando não ser tão interessante para os mortos-vivos. Afinal qual era o problema deles?

— Dizia para ele que te deixasse em paz — disse ela, a respiração perdida no vento —, porque acho que seria capaz de mata-lo se ele tentasse te machucar, mas isso só o deixaria ainda mais interessado e não apenas... preocupado.

— Obrigada — disse, com o coração martelando. *Deus me ajude, nunca entenderei os vampiros.*

Lentamente, ela baixou a caneta de luz e afastou-se.

— Bons reflexos. Não tem nenhum traumatismo craniano. Os seus pulmões soam limpos. Não deixe que te arrastem para a urgência. Não precisa e vai fazer disparar o seu seguro — disse ela, passando de vampira assustadora a profissional de saúde em uma questão de segundos. — Já terminei. Quer um amuleto contra as dores?

Abanei a cabeça, sentindo a culpa por estar viva jorrando em cascata sobre mim, enquanto Jenks e outros dois homens pousavam Peter no chão, longe de todos. Jenks baixou-se para lhe fechar os olhos e os outros dois homens afastaram-se, temerosos e respeitosos. O rosto da mulher ficou vazio.

— Eu não estive aqui, tudo bem? — disse ela. — Você é que colocou a gaze na sua própria perna. Não quero ser intimada. Não estive aqui.

— Sem problemas.

⁴⁷ Rails: muretas de proteção

E ela desapareceu, o jaleco roxo flutuando ao redor das pernas, enquanto se perdia no ruído do crescente tumulto que rodeava o único ponto de quietude que era Peter, sozinho no chão, quebrado e ensanguentado.

Sentindo a adrenalina desaparecendo, cruzei o meu olhar com o de Jenks. Ele deixou-se cair no chão ao meu lado, de forma que visse Peter pelo canto do olho. Respeito pelos mortos. Me entregou a bolsa e eu coloquei no colo, escondendo o comando para rebentar os tanques de NOS.

— Aperta o botão — disse ele.

Ao longe, se ouviam as sirenes. Não estavam aproximando muito depressa, mas isso mudaria quando entrassem na ponte e comesçassem a usar as faixas fechadas ao trânsito. A pickup de Nick estava atrás de Jenks um monte de metal retorcido com rodas e sem capô. Era difícil acreditar que eu tinha sobrevivido àquilo.

Os animalomens começavam a aproximar-se, sendo óbvio que queriam colocar a mão à estátua. Ninguém se aproximou daquele círculo dourado de cerca de seis metros entre o furgão e a segurança questionável dos rails provisórios para evitar uma queda. Jenks inclinou-se para mim e, com ele protegendo o meu rosto com o seu corpo, fechei os olhos e apertei o botão.

Não aconteceu nada.

Abri um olho e fitei Jenks. A sua expressão era de horror e voltei a apertar o botão.

— Me deixa tentar — disse ele, arrancando o comando das minhas mãos e apertando o botão. O pequeno pedaço de plástico emitiu um clique-clique, mas não se lhe seguiu nenhum catrapum.

— Jenks! — exclamei, pouco mais do que um sussurro. — Também *arranjou* isto?

— A culpa não é minha! — disse ele, abrindo muito os olhos verdes. — Eu próprio o artilhei. O NOS devia ter explodido. Maldito comando de merda. Devia ter pedido ao Jax que o fizesse. Não consigo soldar com a porcaria de ferro que o Nick tinha. Devo ter fundido essa merda de fada.

— Jenks! — censurei, pensando que aquela era a pior coisa que alguma vez o tinha ouvido dizer. Começando a ter uma daquelas sensações “Oh, raios!”, olhei para os

animalomens. Assim que os agentes comesçassem a meter o nariz, a estátua desapareceria e a minha vida com ela, assim que compreendessem que era falsa. — Consegue arranjá-lo? — perguntei, com um aperto no estômago.

— São só cinco minutos com um ferro que não tenho, em um local reservado que não existe em uma ponte cento e oitenta e dois metros acima da água e rodeado por duzentos bons samaritanos que não sabem de nada. Claro. Pode crer. Diabo, talvez seja só a bateria.

Isto não era bom. Me deixei ficar sentada, a ferver, enquanto Jenks tirava a bateria e dava um choque na própria língua. Enquanto ele praguejava e se agitava devido ao pequeno choque, eu puxei os joelhos até ao peito, me encolhendo perante o latejar da perna. Ivy e Nick ainda estavam ao lado do painel liso do caminhão, Nick não se parecendo nada consigo mesmo, sob o encantamento de disfarce legal. O vento que se erguia através da grade sobre a qual se erguiam agitava o cabelo de Ivy. Ela me fez um pequeno gesto e eu lhe dirigi um olhar perdido. Com os lábios apertados, ela contornou Nick.

Nick tinha a cabeça baixa e assim ficou enquanto ela pousava as mãos nos quadris e lhe disparava questões que eu não conseguia ouvir. O sangue lhe ensopava as pernas das calças e ele parecia pálido. O fato dele estar ferido tornava mais fácil ser levado para o hospital onde nos esperava um médico vampiro, pronto para o dar como morto devido a uma complicação, perder os papéis e mandá-los a ambos pela porta dos fundos e para fora da minha vida para sempre. Peter seria levado para a ala vampírica, no subsolo, até o corpo se reparar. Tudo estava para correr na perfeição. Só que a maldita pickup não explodia.

— Quais são as nossas opções? — perguntei a Jenks, pegando no controle remoto e colocando-o na minha bolsa.

— Pode ser o botão nos tanques — disse ele. — Se o Jax estivesse aqui...

— Não está.

Jenks me segurou pelo cotovelo quando eu oscilei.

— Não a consegue fazer explodir com a magia das linhas Ley?



— Como se estivesse acendendo velas? — puxando a bolsa mais para cima sobre o ombro, abanei a cabeça. — Não consigo aceder as linhas sobre a água. E não tenho nenhum familiar através do qual possa aceder a uma linha da terra.

A minha mente saltou para *Rex*. *Talvez deva remediar isto. Está se tornando cansativo.*

— O Nick talvez consiga.

Senti um arrepio, me lembrando de ter canalizado a capacidade de Trent para aceder a uma linha para formar um círculo protetor. Tinha-o magoado. Naquele momento, a possibilidade de magoar Nick não me preocupava — tudo o que eu queria era terminar o trabalho —, mas a questão talvez fosse acadêmica; eu não sabia se o Nick *tinha* um familiar.

— Vamos perguntar — disse, avançando.

Doía o meu peito e, envolvendo-o com os braços, me obriguei a inspirar lentamente e tentei forçar o corpo a endireitar-se. O esforço necessário para parecer que não tinha dores não compensava, por isso desisti, me curvando e respirando debilmente. O vento que soprava através do estreito era gelado e o Sol que se punha se perdeu atrás das nuvens. Ia ficar muito frio, muito depressa. Ter relegado Jax aos seus deveres de baba da gata, no hotel, tinha sido uma boa ideia.

Ivy ouvi os meus passos sobre a grade e virou-se com um franzir de sobrancelha que estava me reservado, uma mescla de raiva e preocupação. Estava irritada. Mas que grande surpresa.

— Rachel — murmurou Nick, estendendo os braços, como se eu os pudesse aceitar. Parei e as suas mãos caíram.

— Não tocaria assim em um estranho — disse, lhe recordando que ainda estava sob um disfarce. — Em especial, um estranho que tivesse acabado de me bater.

Os seus olhos saltaram para os meus pontos, costurados com fio dentário e senti o rosto ficando quente. Ele viu que eu fiquei tensa e obrigou o rosto a suavizar-se. Embora não se parecesse nada consigo, eu o reconhecia. Não só tinha a mesma voz, como eu conseguia ver Nick nos pequenos maneirismos que só uma ex-amante poderia reconhecer: o estremecer de um músculo, a curva de um dedo, o brilho da irritação nos seus olhos.

— Meu Deus — repetiu ele, mais baixo. — Foi a coisa mais difícil que alguma vez tive que fazer. Está bem? Tem a certeza de que não está machucada?

A coisa mais difícil que ele teve que fazer? Pensei, amargamente, sentindo todo o lado direito do meu corpo pegajoso do sangue de Peter. Tudo o que fez foi me bater com o caminhão. Eu é que segurei Peter enquanto ele morria, sabendo que estava errado, mas que era a única coisa que podia estar certa.

— O comando não funciona, Nick — disse, secamente, observando-o, em busca de sinais reveladores. — Sabe alguma coisa sobre isso?

Os olhos dele se abriram em uma emoção que eu não consegui ler, fitou a minha bolsa, o que me fez perceber que sabia que eu tinha guardado o comando no seu interior.

— Como assim, não funciona? Tem que funcionar!

Nick estendeu a mão para a bolsa e eu gemi quando Jenks me puxou para trás. Os meus tênis escorregaram, procurando tração na rede metálica. Em um piscar de olhos Ivy, estava entre nós. As pessoas que nos rodeavam começavam a ficar nervosas — pensando que íamos fazer justiça pelas próprias mãos — e os animalomens nos observavam, tentando perceber se tratava de um esquema ou se o acidente fora real. O corpo de Peter estava deitado no chão, parecendo-se com Nick. Alguém o tinha tampado com um casaco e uma parte de mim vergou-se sobre si mesma e chorou.

— Não me toque — quase silvei, sentindo dores, mas quase pronta para bater em Nick — Foi você quem fez isto, não foi? Acha que vai colocar as mãos àquele artefato vazio e vendê-lo. Você vai estar escondido, por isso será atrás de mim que eles virão quando descobrirem que não é real. Isso não vai acontecer. Não permitirei. É a *minha* vida que está estragando, não apenas a sua.

Nick abanou a cabeça.

— Não é isso. Tem que acreditar em mim, Ray-ray.

Tremendo devido à adrenalina, me virei de lado. Não gostava de estar de costas viradas para a pickup com a estátua vazia no seu interior. Ivy tinha estado a observá-lo — tal como Nick —, mas havia muitos animalomens passeando por ali, como testemunhas do acidente, para o meu gosto.



— Tem uma boa vida, Nick — disse. — Não me inclua nela. — Ivy e Jenks me cercaram e nos afastámos. *O que é que eu ia fazer?*

— Espero que seja feliz como espectro da Ivy — disse ele, alto e bom som, a voz carregada de um ódio corrosivo, cuja existência ele devia estar negando desde que Ivy me pediu pela primeira vez para ser o seu delfim.

Me virei, a mão ligada sobre o pescoço, escondendo os pontos.

— Nós não somos... eu não sou...

Nick tinha acabado de nos desmascarar. Filho da mãe...

Três carros de aspecto oficial se aproximaram usando a faixa para norte, encerrada ao trânsito, as luzes nos vidros traseiros brilhavam a vermelho e azul: dois carros do DFI, um da SI. A pickup ainda não estava queimando. *Que grande merda, será que isto ainda pode ficar pior?*

Parecendo-se consigo mesmo, apesar do disfarce, Nick encostou-se ao caminhão branco e segurou o joelho que sangrava. O seu olhar brincalhão saltou para os carros atrás de nós, cujas portas batiam e cujos ocupantes berravam ordens sonoras para que os veículos fossem guardados e os curiosos afastados. Três oficiais se dirigiram para nós.

— Não passa de mijo de rato — disse Jenks a Nick, subitamente. — Não, é o cara que junta mijo de rato aos cereais no pequeno-almoço. Salvamos esse seu inútil traseiro humano e é assim que lhe agradece? Se alguma vez voltar, eu mesmo te matarei. É uma pilha malcheirosa de merda de fada, que não solidifica.

O rosto de Nick assumiu uma expressão horrível.

— Eu roubei uma estátua — disse. — Ela matou alguém e usou uma maldição demoníaca para esconder o fato de que ainda a tem. Eu diria que sempre sou melhor do que uma bruxa miserável marcada por um demônio.

Fiquei abismada, a minha pulsação acelerou ao mesmo tempo em que sentia a cabeça ficando zozza. *Maldito seja!*

Ivy lançou-se sobre Nick. Jenks puxou-a para trás, usando a alteração do movimento dela para se atirar sobre Nick. Com as mãos fechadas, Jenks deu um soco valente no maxilar dele.



Arquejei e os tipos do SI transformaram o seu andar em uma corrida. Furiosa, mas com uma pitada de domínio quando comparada com Jenks, me aproximei de Nick.

— Sacana infeliz! — gritei, cuspendo o cabelo da boca. — *Você* é que chocou o caminhão contra *nós*!

Queria dizer mais, mas Nick atirou-se a mim. Jenks ainda o estava segurando e caímos os três. Por instinto, ergui as mãos à frente da cara e as gazes foram à única coisa a proteger a minha pele. A dor correu pelas minhas costelas quando as mãos bateram na grade. O metal era frio contra minha perna, no local onde as calças tinham sido rasgadas.

— Sai de cima dela! — rosnou Ivy. Ela puxou Nick para cima e para longe; de súbito eu era capaz de respirar outra vez e ainda ergui os olhos a tempo de o ver girar contra Jenks. Como uma dança coreografada, Jenks ergueu um punho e, desta vez, bateu lhe mesmo por baixo do queixo. Os olhos de Nick reviraram-se e ele caiu.

— Porra, soube bem — disse o *pixy*, abanando a mão, enquanto um corpulento agente da SI lhe agarrava os ombros. — Sabe há quanto tempo desejava fazer isto? — disse, deixando que os homens o arrastassem para longe. — Ser grande é bom.

Tremendo tanto que temi cair em pedaços, me levantei, abanando a cabeça às perguntas do agente do DFI que não estava ouvindo e seguindo obedientemente na direção que ele me indicava, mas perdi a postura quando uma mão me tocou no ombro.

— Rachel, não! — gritou Ivy e eu transformei a minha meia-volta e pontapé em uma meia-volta e sacudir de cabelo. A adrenalina clareou os meus pensamentos e eu inspirei fundo, ainda que dolorosamente.

O homem me soltou, sabendo que eu quase lhe tinha batido. O bigode ficou tenso e as sobrancelhas se ergueram, interrogativas, ao mesmo tempo que me fitava com novos olhos.

— Ele o matou! — gritei, para benefício dos animalomens que nos observavam e comecei a chorar com uma namorada desfeita. — Ele o matou! Está morto!

A triste realidade é que as lágrimas que corriam não eram assim tão difíceis de gerar. Como é que Nick podia me dizer aquilo, mesmo que em um momento de raiva?



Uma bruxa miserável marcada por um demônio. A sensação de traição aumentou ainda mais, cimentando a raiva.

Jenks escapou às mãos dos dois homens que o seguravam e, enquanto eles gritavam e corriam atrás dele, lançou-se para a minha bolsa que jazia no chão. Sorrindo, enfiou o celular e a carteira lá para dentro antes de abanar para que os restantes objetos descessem para o fundo. Não tinha a certeza, mas me pareceu que o comando tinha caído pelo meio da grade e pude respirar com mais calma.

Um agente do SI agarrou nele, algemando-o antes de voltar a empurrar para junto do nosso pequeno grupo. O homem revistou a bolsa antes de me devolver. Achei preferível permitir que o cara de rosto sério fizesse o que queria em vez de referir os meus direitos.

— Obrigada — murmurei a Jenks, sentido uma dor nas costelas, quando passei a alça da bolsa por cima do ombro. Olhei para o furgão desfeito de Nick enquanto passávamos por ela. O artefato ainda lá estava, graças a um cara do DFI excitado, de terno marrom, que mantinha toda a gente ao longe.

— O prazer foi meu — disse ele, mancando.

— Estava me referindo ao fato de lhe ter batido.

— Eu também.

O agente do SI ao meu lado franziu o sobrelance mas, quando viu o corpo tampado, pareceu se acalmar. Jenks tinha esmurrado Nick, não fez nada permanente. *Como matá-lo.*

— Minha senhora — disse o agente. — Tenho que lhe pedir que se mantenha longe da outra parte até que isto esteja resolvido.

Parte. Sim, éramos todos parte de um mesmo todo.

— Sim, senhor — disse, ficando tensa quando ele me colocou uma daquelas abraçadeiras de prata encantada envolta em plástico no pulso e a apertou com um movimento ágil.

Para o inferno com tudo isto.

— Hei! — protestei, me sentindo violentada, enquanto Jenks e Ivy trocavam olhares cansados. — Estou bem! Não vou machucar ninguém! Nem sequer faço magia das linhas Ley — *pelo menos não nesta ponte*. O agente abanou a cabeça e eu me senti encurralada, o peso da pulseira de Kisten preso entre a pele e a abraçadeira. — Posso me sentar junto... junto do meu namorado? — consegui dizer com a voz afetada e o homem corpulento pousou uma mão reconfortante no meu ombro.

— Sim, minha senhora — disse, com a voz mais calma. — Vão levá-lo para o hospital para declarar o óbito. Pode ir com ele se quiser. Lamento. Parecia um cara muito simpático.

Plano A para tirar a bruxa louca do local do acidente. Diretamente do manual.

— Obrigada — disse, limpando os olhos.

— Era a condutora, minha senhora? — perguntou enquanto andávamos e, quando eu acenei, acrescentou. — Posso ver a sua carta de condução?

Oh, merda!

— Sim, senhor — respondi, vasculhando a bolsa à sua procura.

Dentro de cinco minutos, o departamento da SI de Cincinnati ia lhe contar tudo sobre mim. Parámos junto à traseira de um *Chevrolet Blazer* preto, o porta-malas aberto revelando um canil vazio. *Anda por aí um cão?* Atrás de mim, ouvi Ivy e Jenks dizerem aos agentes que partilhavam uma casa comigo. *Oh, Deus. O Enxofre de Ivy. Provavelmente, eu cheirava como uma drogada. Acidente. Pontos na carta. E se me tirassem a carta de motorista?*

O agente à minha frente semicerrou os olhos para ler a carta na luz que desaparecia, sorrindo ao erguer os olhos.

— Trago lhe isto de volta em um instante, menina Morgan. Depois poderá acompanhar o seu namorado e pedir a alguém que a veja — de sobrancelhas erguidas, olhou de relance para as mãos ligadas e para a perna das calças rasgada, antes de acenar a Jenks e Ivy e trotar para longe, nos deixando com outros dois oficiais.

— Obrigada — disse, sem falar com ninguém em especial. Exausta, me encostei ao SUV. Jenks tinha sido algemado ao veículo e dois caras do DFI deixaram-se ficar a curta distância, suficientemente perto para intervirem, mas deixando claro que estavam à espera

da chegada de mais pessoal da SI para conduzir o interrogatório. Segurando os cotovelos com as mãos arranhadas observei, enquanto a minha vida ia pelo cano abaixo.

Os curiosos passavam com uma lentidão irritante, os rostos contra as janelas enquanto se esforçavam para ver na cada vez maior escuridão. Os meus jeans estavam rasgados quase até ao joelho. A pickup recusava-se a arder. Uma quarta matilha de animalomens, todos eles em uniformes militares, juntara-se às três já presentes, mantendo-se, todos eles, nas proximidades dos agentes do DFI e da SI que os repeliam. Tinha me esquecido de alguma coisa? Oh, sim! Matei alguém e isso ia acabar por se virar contra mim. Não queria ir presa. Ao contrário de Takata, ficava horrível de cor de laranja.

— Maldição — disse Ivy, lambendo o polegar e tentando apagar um novo vinco nas calças de couro. — Este é o meu par preferido.

O meu olhar saltou para a pickup. O nó no meu estômago apertou-se ainda mais. Me encostei à traseira do Blazer e fervei em silêncio, enquanto separava os Inderlanders que iam chegando por profissão, a partir das posições que ocupavam.

A bruxa loura e esbelta devia ser a sua especialista em extração de informações, capaz não só de obtê-las junto das vítimas destroçadas que confortava, como dos garanhões carregados de testosterona que não estavam dispostos a falar com ninguém, a menos que isso lhes pudesse garantir uma noite na cama com ela. Depois, havia o cara muito gordo para fazer qualquer trabalho de rua sério, mas que usava bigode; por isso tinha de ser importante. Seria bom a afastar pessoas furiosas e me diria que era capaz de arranjar um acordo se eu estivesse disposta a confessar. A equipa canina estava junto ao caminhão, já que tinha sido ele a atravessar o traço contínuo, mas eu tinha a certeza de que passaria em breve para a pickup, fazendo-nos provavelmente uma visita em seguida.

Procurei, e acabei por encontrar, o agente ligeiramente desenquadrado, que levava o trabalho muito a sério para ser seguro. Aquele era o cara em que ninguém confiava e de quem ainda menos gostavam, normalmente um bruxo ou animalomem, muito jovem para ser um cara gordo de bigode, mas de gatilho muito leve para ser um recoletor de dados. Estava contornando a pickup destruída, puxando o cinto com a arma mais para cima e fitando os rails como se aí, pudesse encontrar um atirador furtivo pronto a matar a todos.

E não esqueçamos o detetive da SI, pensei. Ainda não tinha visto nenhum mas, como morreu alguém, iria aparecer em breve.

Os agentes do DFI estavam por todo o lado, tirando medidas e fotografias. Vê-los a controlar o local do acidente me deixou algo surpreendida mas, recordando os dados minuciosos que o DFI de Cincinnati tinha partilhado comigo durante a investigação de um homicídio, talvez não devesse ter me sentido assim.

Ivy encostou-se ao lado do veículo da SI, os braços cruzados e profundamente irritada. Fitava a ambulância onde Nick se encontrava como se pudesse mata-lo com o olhar. Eu? Estava mais preocupada com o que podíamos fazer para rebentar com aquela pickup. Começava a ter a sensação de que nada disso ia acontecer. Um pesado reboque começava a aproximar-se do local, os pneus rolando com uma lentidão sedada. Aparentemente, queria tirar tudo da ponte antes que chegassem as televisões.

Libertando-se das algemas, Jenks foi sentar-se ao meu lado na traseira, emitindo um gemido de dor.

— Tudo bem? — perguntei, embora fosse óbvio que não estava.

— Dolorido — disse, os olhos fixos na pickup de Nick. Com um apito irritante, o reboque aproximou-se dela de marcha-ré.

— Toma — disse, puxando a bolsa para frente e começando a vasculhar o seu interior. — Tenho um amuleto. A Ivy nunca aceita os meus amuletos e não estou habituada a que seja suficientemente grande para os usar.

— Porque é que não o está usando? — perguntou, esticando o ombro com uma expressão de dor.

— Não tenho o direito de fazer — disse, sentindo a garganta apertada ao olhar para Peter.

Fiquei feliz por Jenks não me tentar convencer do contrário e quase não senti a picada no dedo destinada a tirar o sangue para invoca-lo. Ivy mexeu-se, me dizendo que tinha reparado no sangue fresco, apesar do vento, mas ela era a última vampira com que eu tinha que me preocupar. Normalmente.

— Obrigado — disse ele, enquanto o passava por cima da cabeça em um óbvio alívio. — Será que há alguma forma de fazer amuletos pequeninos? Vou sentir a falta deles.

— Vale a pena tentar — disse, pensando que, a menos que aquela pickup entrasse em combustão espontânea devido ao olhar de Ivy, teria cerca de uma semana para descobrir. Assim que os animalomens percebessem que o artefato era falso, viriam bater na minha porta. Partindo do princípio que não ia parar à cadeia. Me sentia como se fôssemos três crianças à espera na porta do diretor da escola. Não que eu tivesse alguma experiência nessa área. Ou muita.

A pickup de Nick foi içada pelo reboque no meio de um ruído horrendo de guinchos gemendo e maquinaria hidráulica ganindo. O cara da garagem mexia-se devagar, o macacão azul e o boné puxado para baixo, mexendo em manivelas e botões de forma aparentemente aleatória. O agente da SI excessivamente zeloso estava a lhe dizer que se despachasse e tirasse o veículo do caminho antes da chegada das equipes de filmagens.

O motorista do reboque avançava, mancando, quase despercebido no meio dos agentes do DFI e da SI e eu pensei o como eram mal-educados por obrigarem o velhote a mover-se mais depressa do que lhe era possível fazer de forma confortável.

Alguém desviou uma das gigantescas luzes de construção que estavam iluminando a área e, enquanto os distantes geradores roncavam para a vida, a cerca de quatrocentos metros, um suave brilho aumentou até se transformar em um foco rude, afastando o cinzento do Sol que acabava de se pôr. Lentamente, fui deixando de ouvir os ruídos de fundo. Com a mente em busca de uma ideia, deitei a lanceta gasta para o interior da bolsa e suspirei.

Parei, percorrendo com os dedos os objetos familiares no interior da minha bolsa. Faltava mais alguma coisa, além do controle remoto. Chocada, olhei para o interior da bolsa de tecido preto, inclinando-a de forma que a luz iluminasse o conteúdo, dentro do possível. A minha mente recordou a imagem das minhas coisas espalhadas pelo gradeamento quando Nick me deu um encontro.

— Desapareceu — disse, me sentindo surreal. Ergui os olhos, fitando primeiro os olhos de Jenks, depois os inquisitivos olhos de Ivy enquanto esta se afastava do veículo. — A estátua do lobo desapareceu! — disse, tentando decidir se devia rir ou praguejar pelo fato de ter tido razão em não confiar em Nick. — O sacana levou ela! Me Atirou ao chão e a levou! — tive razão em deixar o animal esculpido escondido entre a roupa interior de seda de Jenks e a sua dúzia de escovas de dentes. Maldição, desta vez teria ficado mais feliz se estivesse errada.

— Que mijem nas margaridas... — disse Jenks. — Foi por isso que ele começou aquela discussão.

O rosto perplexo de Ivy começou a abrir-se em uma expressão de compreensão. Pelo menos, ela acreditava ter compreendido.

— Com licença — disse ela, afastando-se do veículo da SI.

— Ivy, espera — chamei, desejando poder lhe dizer o que fiz, ainda que não pudesse propriamente lhe gritar que o Nick levou um artefato falso. Me afastei da traseira. A dor correu através de mim, me recordando que tinha sido chocada contra um caminhão. — Ivy! — gritei e um tipo da SI correu atrás dela.

— Não demoro nada! — gritou ela por cima do ombro.

Correu ao longo das faixas encerradas ao trânsito, os agentes aproximando-se de todas as direções. Me preparei para a seguir, descobrindo imediatamente o cotovelo preso por um dos caras de bigode. Imagens de sessões de tribunal e celas de prisão me mantiveram imóvel, enquanto o primeiro homem a tocar em Ivy era derrubado por um ataque de braço esticado contra o maxilar.

Foi feita uma chamada e eu observei, com uma sensação de afundamento, recordando quando ela e Jenks tinham derrubado todo um piso de agentes do DFI. Mas, desta vez, eram agentes da SI.

— Talvez deveríamos ter dito a ela — disse, e Jenks sorriu, esfregando o pulso no local onde tinham estado as algemas.

— Ela precisa libertar algum vapor — disse, depois sussurrou. — Ai, merda. Olha.

Os seus olhos verdes brilhavam sob a luz mercurial que caía sobre nós e fiquei de maxilar caído, enquanto seguia o seu olhar até ao reboque. A luz mais forte tornou óbvio o que as sombras tinham até aí escondido. As mãos do cara da garagem estavam impecavelmente limpas e a mancha escura no joelho do macacão azul estava muito molhado para ser óleo.

— Nick — murmurei, não sabendo como é que ele tinha conseguido pôr o cabelo branco tão depressa. Ainda envergava o meu amuleto de disfarce mas, com o macacão e o boné, estava irreconhecível.

Jenks erguia-se ao meu lado, sussurrando.

— Pelo jardim do pecado da Sininho, o que é que ele pensa que está fazendo?

Abanei a cabeça, vendo que os animalomens também o fitavam. *Dupla maldição, acho que perceberam que é ele.*

— Ele pensa que tem a estátua — disse. — Está tentando colocar também as mãos ao original.

— Deixando a batata quente para nós? — terminou Jenks enjoado.

— Que traseiro de lesma. Se ele não for para o hospital e morrer no papel, teremos que explicar o vampiro morto e seremos acusados de fraude nos seguros. Rachel, sou muito bonito para ir preso!

Com o rosto gelado, me virei para Jenks, o estômago em nós.

— Temos de impedi-lo.

Jenks acenou e eu levei as mãos em concha à boca.

— Ivy! — gritei. — O reboque!

Não foi a coisa mais inteligente a fazer, mas consegui resultados. Ivy olhou para o reboque e compreendeu que era Nick. Gritando, bateu no derradeiro agente da S.I. e começou a correr, apenas para ser derrubada por um agente que já tinha sido deitado ao chão e que teve a sorte de agarrá-la. Ela caiu de pernas e braços abertos e as algemas lhe foram colocadas em dois segundos.

Jenks começou a mexer-se, distraindo os agentes do DFI que nos rodeavam. Pensando como aquilo ia ficar bem no meu currículo, contornei eles e corri para o reboque.

As pessoas gritavam e, de certo, alguém sacou da arma, porque eu ouvi gritar "Pare ou usarei da força!"

Força, o inferno, pensei. Se me dessem um tiro, processava os seus queridos distintivos daqui até à Viragem. Não tinha comigo nada mais forte do que um amuleto contra as dores. Tinha sido revistada e eles sabiam-no.

Foi mais ou menos nessa altura que Nick percebeu que eu ia a correr na sua direção. Claramente assustado, abriu a porta com um movimento repentino. Ouviu-se um grito quando o motor acelerou, sonoro apesar dos geradores. Ouviu-se um assobio penetrante e o líder da desconhecida matilha militar, agitou uma mão por cima da cabeça como se estivesse a dar direções. Começaram a soar buzinas, quando três Street racers pararam no meio do trânsito e os animalomens saíram dos carros. De rosto sombrio, aproximaram-se. Não estavam contentes. Nem eu.

— Parem ele! — ouvi ladrar em um tom exigente e eu acelerei. Ia chegar primeiro a Nick ou quem quer que chegue lá primeiro ia levar um pontapé no estômago. Ele tinha me magoado e traído, me deixando sozinha para limpar o caos por ele gerado e arcar com as culpas. Duas vezes. Desta vez, não seria assim.

O meu olhar fixou-se no reboque quando este arrancou, quase indo abaixo, mas um relampejo de pó de *pixy me* fez parar.

— Jax!? — exclamei, chocada.

— Menina Morgan — disse o *pixy* adolescente pairando à frente do meu nariz, com um amuleto tão grande como ele, os seus olhos estavam brilhantes e as asas vermelhas de excitação. — O Nick queria que eu lhe dissesse que lamenta e que a ama. Ama mesmo.

— Jax! — disse, pestanejando, enquanto as centelhas do seu pó se desvaneciam. Os meus olhos saltaram para o reboque. As rodas fumegavam, enquanto Nick tentava pôr o pesado veículo em movimento. Com um safanão, as rodas encontraram tração. O meu rosto gelou quando percebi que ele vinha mesmo na minha direção. Observei enquanto ele lutava com o volante enorme, os braços rígidos e medo nos olhos, lutando por virar.

— Rachel, sai do caminho! — gritou Ivy, fazendo-se ouvir sobre o ruído do motor.



Parei quando as rodas viraram, não me acertando, os pneus que recebiam o peso comprimindo-se perigosamente. Jenks chocou contra mim, me afastando ainda mais do caminho. Suprimindo um grito, caí no chão, pela *terceira* vez durante a última hora. O reboque rugiu para lá de mim, no meio do ruído assustado e de uma brisa de gases. Um estalo seguido por um estrondo agitou as minhas entranhas; o som me fez rolar e ficar de costas como uma onda. Jenks mantinha a minha cabeça baixa e um segundo estrondo seguiu-se ao primeiro.

Que diabo era aquilo? Com o coração batendo, veloz, empurrei Jenks de cima de mim e ergui a cabeça. O reboque estava descontrolado, os pneus tinham rebentado. Alguém disparara contra os pneus?

Lutei para me levantar quando o reboque, arrastando a pickup de Nick guinou rapidamente para evitar as equipes noticiosas que corriam por todo o lado. Com os pneus guinchando e as mudanças a ranger, os freios exalaram fumaça quando ele pisou neles a fundo. O impulso manteve o veículo em movimento, levando-o em direção aos rails temporários.

— Nick! — gritei, quando o reboque os atravessou como se não fossem nada. Com um silêncio chocante, desapareceu.

Sentindo o coração preso na garganta, avancei até ao limite da ponte, muito machucada para me manter direita. Jenks estava atrás de mim e me puxou quando me aproximei muito do limite desfeito. O vento erguia-se da água distante, afastando o cabelo dos meus olhos. Olhei para baixo, tonta.

Levando a mão ao estômago comecei a hiperventilar. A minha visão estava cinzenta e afastei Jenks de mim.

— Estou bem — balbuciei, mas não havia nada para ver. Cento e oitenta e dois metros fazem com que até o reboque pareça pequeno.

Nick estava no seu interior. *Deus me ajude.*

— Calma, Rachel — disse Jenks, me puxando para trás e me obrigando a sentar.

— Nick — balbuciei, obrigando os olhos a abrirem-se quando o meu traseiro entrou em contato com o chão frio. Eu não ia desmaiar. Maldição, não ia! Olhei para o limite da

ponte, o chão rachado, revelando o metal nele ensopado, ameaçando ceder no local onde o peso do caminhão mais incidira sobre ele. Sapatos brilhantes reuniram-se à minha volta, espreitando para baixo. Nos limites da multidão excitada, encontravam-se os animalomens. Vestindo casacos de couro e uniformes militares, mas a expressão nos seus rostos era igual. Descrença e choque. Tinha desaparecido.

O estalar de um rádio interrompeu o silêncio; pertencia a um dos agentes da SI que praguejava baixinho enquanto espreitava para o fundo.

— Daqui Ralph — respondeu, carregando com o polegar no botão. — Temos dois caminhões caídos da ponte e um corpo na água. Sorriam. Vamos aparecer nas notícias.

Não percebi o que lhe foi respondido, a voz perdida entre os silvos da má recepção e o trovejar do meu coração, enquanto eu tentava assimilar o acontecido. *Ele caiu da ponte. O Nick caiu da ponte.*

— Sim — disse o homem. — Confirma-se que um veículo comercial rebocando uma pickup caiu da ponte e está um corpo na água. É melhor chamarem um barco. Alguém tem o número do Marshal?

O agente ouviu a resposta, depois prendeu o rádio ao cinto. Com as mãos nos quadris, olhava para baixo. Suaves palavras praguejadas deslizavam dele como fumaça cinzenta do cigarro, misturando-se com o suave odor do incenso. Ralph era um vampiro vivo, o primeiro que eu via no local, sem contar com a que tinha ligado a minha perna. Perguntei que pescoço não teria mordido para acabar naquela função, tão longe do motim da cidade que lhes dava vida.

Ergui a cabeça.

— Será que ele vai ficar bem? — perguntei, e Ralph olhou para mim, surpreso.

— Minha senhora — disse, reparando em mim —, o cara morreu de ataque cardíaco antes de ter chegado à água. E se isso não deu conta dele, morreu no impacto. A esta altura, é como bater contra uma parede de concreto.

Pestanejei, tentando assimilar o que aconteceu. *Uma parede de concreto.* Seria a segunda parede com que Nick chocava hoje. Os meus olhos desfocaram-se, enquanto a imagem de Jax segurando um amuleto enchia a minha mente. E se...



— O corpo? — insisti e ele virou-se impaciente. — Quando é que podem recuperar o corpo?

— Nunca vão encontrar — disse. — A corrente vai levá-lo, transportá-lo para o lago Huron mais depressa do que um turista consegue acabar uma espiga de milho. Desapareceu. A única forma de sobreviver era já estar morto. Raios, ainda bem que não serei eu a falar com os parentes mais próximos. Aposto que tem três filhos e uma esposa.

Dobrei sobre eu mesma, enquanto aceitava a realidade do que tinha acontecido. Deus o abençoe, eu era duplamente tola. Nick não tinha morrido na queda. Ele estava trabalhando em um esquema desde que eu lhe disse que ele não podia ficar com a estátua... e eu caí que nem uma patinha.

— O nome dele era Nick — sussurrei e o agente do SI virou as costas ao local da queda, a surpresa no rosto marcado pela idade. Ivy e Jenks ficaram rígidos. Eu estava revelando o nosso disfarce, mas seríamos questionados em breve e eu queria que as nossas histórias fossem iguais. — Nick Sparagmos — acrescentei, pensando rapidamente. — Ele estava nos ajudando com uma obra de arte que fui contratada para recuperar. Sou uma detetive particular de Cincinnati e isto era um trabalho.

A verdade é boa.

— Ele não deveria estar aqui — continuei, enquanto a tensão que Ivy sentia lhe enrijecia os ombros. — Mas quando aquele cara nos bateu e matou o Peter... — inspirei fundo, a dor de cabeça era real. — O Peter só deveria garantir que a obra chegava às mãos das pessoas certas. Não era suposto se machucar. As pessoas de quem a recuperamos... acho que o acidente foi uma tentativa de lhe colocar a mão antes de a entregarmos. O Nick veio com o reboque para ter a certeza de que eles não iam nos tirar. O artefato ainda estava na pickup. Ele ia sair daqui, mas alguém disparou contra os pneus. Oh, Deus, ele caiu da ponte.

E uma pequena mentira, misturada com a verdade, garante que continuo tomando banho sozinha.

Jenks pousou uma mão no meu ombro e apertou-o ligeiramente, me dando a entender que compreendia. Peter morreu na pickup, no decurso de um acidente, o que

satisfazia a companhia de seguros. Nick morreu caindo da ponte, o que satisfazia os animalomens. Que Nick também era o condutor do caminhão nem sequer seria levado em consideração, sendo a ausência do condutor atribuída à fuga do local. Se aparecesse algum cara curioso e descobrisse que o caminhão pertencia a DeLavine, seria ele a ser processado por antecipação ilegal do término por parte da companhia, não eu.

Me soava bem. Ia manter aquela versão.

Quase conseguia sentir a preocupação deixando Jenks, mas Ivy ainda tinha um nó de tensão, não sabendo que Nick tinha escapado absolutamente ileso.

O agente da SI que tinha levado a minha carta de condução aproximou-se do homem à minha frente.

— Hei, Ralph. Chegou aqui depressa — ele virou-se para mim, uma expressão de camaradagem nos seus olhos de bruxo, enquanto me devolvia a carta. — Menina Morgan, o que é que anda fazendo tão longe de Hollows?

— Cincinnati? — Ralph olhou para mim, surpreso. — Rachel Morgan? — O seu olhar saltou para Ivy. — É a garota do Piscary. O que raio estão fazendo tão a norte?

— Arranjando maneira de matarem o namorado da minha parceira — disse ela e o homem tomou a sua expressão feia como humor negro. O agente Ralph já tinha agarrado na chave das algemas e estava para libertá-la, franzindo a sobrancelhas quando reparou que Jenks já não estava usando as suas.

Eu ergui o pulso com a abraçadeira preta e ele a cortou com um par especial de tesouras que tinha no porta-chaves. Queria umas daquelas.

— Onde é que estão alojados? — perguntou Ralph, enquanto Ivy esfregava os pulsos libertos. — Vou querer falar com vocês antes de voltarem para casa.

Ivy explicou enquanto eu fitava a água. Nick não estava morto e o choque de o ter visto caindo começava lentamente a transformar-se em uma sensação maldosa de satisfação. Eu o tinha vencido. Eu tinha vencido Nick no seu próprio jogo. Com os joelhos tremendo, cambaleei para longe. Ivy apressou-se a terminar a conversa com Ralph e, com ela de um lado e Jenks do outro, comecei a rir. Não sabia como íamos voltar para o quarto. Não cabíamos os três lá muito bem no *Corvette* do Kisten.

— Pelas margaridas da Sininho — sussurrou Jenks a Ivy, por trás das minhas costas. — Perdeu a cabeça.

— Estou ótima — disse, praguejando contra mim e rindo. — Ele está ótimo. O sacana maluco está ótimo.

Jenks trocou um olhar infeliz com Ivy.

— Rachel — disse, baixinho. — Você ouviu o que o homem disse. Eu li a informação sobre as pessoas que morreram durante a construção da ponte. Ele não sobreviveu à queda na água. Mesmo que tivesse sobrevivido, ficaria inconsciente e se afogaria. O Nick desapareceu.

Passámos pelas equipes de televisão e eu inspirei ligeiramente, encontrando algum conforto no fato de doerem as minhas costelas. Estava viva e ia ficar assim.

— O Nick também sabia disso — admiti sob a luz mais fraca. — E sim, ele desapareceu, mas não está morto.

Jenks inspirou fundo para protestar, mas eu interrompi-o.

— O Jax estava aqui — disse, e Jenks nos puxou, nos fazendo parar no meio da faixa para norte, encerrada ao trânsito. As pessoas se atarefavam à nossa volta, mas fomos esquecidos.

— Jax! — exclamou Jenks, obrigado a silenciar-se por um puxão de Ivy.

— Cala a boca — rosnou ela.

— Tinha consigo um amuleto para diminuir a inércia — disse, e o rosto de Jenks perdeu a expressão, assumindo uma expressão de entendimento capaz de partir o coração.

— O Jax estava aqui para leva-lo até à água antes que o caminhão lhe tocasse.

— E o NOS — continuei, enquanto Jenks empalidecia. — Não explodiu. Ele usou as cargas para arrebentar os pneus, sabendo que o reboque era suficientemente pesado para rebentar os rails temporários.

O rosto de Ivy ficou vazio, mas os seus olhos começavam a ficar negros de raiva.

Abanando a cabeça, afastei o olhar antes que ela me assustasse.

— Posso dar um telefonema ao Marshal, mas aposto que lhe falta algum equipamento. Nunca cheguei a ver o que é que o Nick tinha naquele baú dele. Ele vai escapar a nado e o Jax está com ele.

O som sofrido ergueu-se de Jenks e desejei poder dizer que não era verdade. Sentindo a sua dor, fixei o meu olhar no dele. Os seus olhos mostravam uma profunda sensação de traição sobre a qual ele jamaisalaria. Jenks ensinou a Jax tudo o que podia durante os últimos dias, pensando que o *pixy* poderia tomar o seu lugar. E Jax o usou para nos queimar. Com Nick.

— Lamento, Jenks — disse, mas ele me virou as costas, os ombros tensos e parecendo muito velho.

Ivy tentou prender uma mecha do seu cabelo, muito curto, atrás da orelha.

— Também lamento, Jenks, mas temos um grande problema. Assim que o Nick se encontrar em segurança, instalado como uma não entidade, vai vender aquela coisa e será o caos entre os vampiros e os animalomens.

Algo dentro de mim ficou duro e o que restava dos meus sentimentos por Nick morreu. Sorri para Ivy sem mostrar os dentes, puxando a bolsa mais para cima, sobre o ombro dolorido.

— Ele não a vai vender.

— Porque não? — perguntou ela, um tom desagradável.

— Porque não tem a verdadeira — procurei o *Corvette* de Kisten, encontrando-o parado ao lado de um pórtico. Talvez pudéssemos fazer uma loucura e ir passar a noite ao *Holiday Inn*. Saberíamos um banho quente de imersão. — Não passei a maldição para a estátua do lobo — acrescentei, me recordando que estava à meio de um pensamento. — Passei ela para o animal entalhado que o Jenks ia dar a Matalina.

Ivy nos fitou, lendo na ausência de resposta de Jenks que era a única a não saber. O *pixy* fitava o vazio, a dor ainda marcada na sua postura, por o filho ter jogado fora tudo aquilo que era importante para ele.

— Quando é que iam me dizer? — perguntou Ivy, em tom acusatório, as faces rosadas. Ficava bela quando se zangava e eu sorri. Desta vez, tratava-se de um sorriso verdadeiro.

— O que foi? — inquiri. — E arriscar a passar os próximos dois dias a te convencer a não mudar o plano? — ela bufou e eu toquei-lhe no braço.

— Tentei te dizer — acrescentei —, mas saiu disparada como se fosse um anjo vingador.

Ivy fitou os meus dedos, pousados no seu braço, e eu os afastei, hesitando apenas um instante.

— O Nick é um idiota — disse. — Mas é esperto. Se eu tivesse te contado, teria agido de forma diferente e ele teria percebido.

— Mas contou ao Jenks — disse ela.

— O animal entalhado está escondido no meio das cuecas dele! — disse, exasperada, não querendo continuar a falar daquilo. — Deus, Ivy. Não vou mexer na roupa íntima do Jenks, sem que ele saiba.

Ivy fez beicinho. A sensual vampira de um metro e oitenta e três, vestindo umas calças de couro arranhadas, cruzou os braços à frente do peito e fez beicinho.

— O mais certo é ter que fazer mais serviço comunitário por ter agredido aqueles agentes da SI — resmungou ela. — MUITÍSSIMO obrigada.

Relaxe, ouvindo o perdão nas suas palavras.

— Pelo menos, ele não lhe prendeu as suas mãos — alvitrei e Ivy ergueu uma mão, tentando parecer irritada, mas eu percebi que estava aliviada.

Jenks conseguiu um ligeiro sorriso, enquanto o olhar pousava no *Corvette* de Kisten.

— Posso conduzir? — perguntou.

De lábios apertados, Ivy franziu a sobrancelha.

— Não vamos caber todos ali. Talvez possamos pedir uma carona ao Ralph. Me dê um instante, está bem?

— Cabemos — disse Jenks. — Eu fico no banco para trás e a Rachel pode ir ao meu colo.

Ivy foi para um lado e Jenks para o outro. Os meus protestos morreram quando descobri um ponto de quietude no caótico turbilhão de repórteres, agentes e curiosos. Os meus lábios afastaram-se. Era Brett, erguendo-se sobre uma barreira de cimento para poder espreitar por cima da multidão. Estava me observando e, quando os nossos olhos se cruzaram, ele tocou na pala do boné em uma saudação. Havia um rasgão no local onde o emblema tinha sido removido e, com um movimento determinado, tirou-o e deixou-o cair. Me virando as costas, começou a andar em direção ao fim da ponte, em Mackinaw City. E desapareceu.

Compreendi que ele pensava que tinha sido eu e gelei. Pensou que eu tinha rebentado os pneus do reboque e matado o Nick por ter tentado me enganar. Raios. Não sabia se aquele tipo de reputação salvaria a minha vida ou faria com que fosse morta.

— Rachel? — Jenks virou-se para mim, depois de ter empurrado o banco do lado do passageiro o mais para trás possível. — O que foi?

Levei uma mão ao meu rosto frio e fixei o seu olhar preocupado.

— Nada.

Determinada a pensar nisso mais tarde, fixei os meus pensamentos no banho que ia tomar. Tinha derrotado Nick no seu próprio jogo. A pergunta era, seria capaz de sobreviver a isso?



CAPÍTULO 35

O salto da minha bota deslizou na calçada desnivelada e o som emitido do pelos meus passos enquanto tentava recuperar o equilíbrio foi audível no ar pesado devido à forte chuva. O suave pulsar da minha perna me recordou que ainda não estava completamente curada. O Sol já se tinha posto há muito e as nuvens tornavam a noite ainda mais escura do que deveria ser, pesada e quente. Chapinhei através de uma poça, muito bem humorada para me preocupar com a possibilidade de molhar os tornozelos. A massa de pizza estava a fermentando na minha cozinha e eu tinha na mão um saco de compras repleto de ingredientes.

Íamos almoçar mais cedo, esta noite: Ivy tinha trabalho e Kisten ia me levar ao cinema e eu não queria me encher de pipocas. Ao passar por baixo de um *ácer*⁴⁸, iluminado por um poste e manchado da poluição, ergui um braço para lhe tocar nas folhas, ao passar, sorrindo quando a sua suavidade verde tocou na minha pele. As folhas estavam úmidas e eu deixei que a mão ficasse molhada e fria no ar da noite. A rua estava silenciosa. A única família humana que ali residia estava em casa vendo televisão e todos

⁴⁸ *Ácer*: de árvores e arbustos da família das *Aceráceas*, com folhas simples ou compostas, flores polígamas ou dióicas e frutos alados, a que pertence o bordo.

os outros estavam no trabalho ou na escola. O zumbido de Cincinnati era abafado e distante, o roncar de leões adormecidos.

Ajustei a alça do meu novo saco de compras de lona, pensando que durante a nossa ausência à primavera avançou a fundo. Já se passou quase um ano desde que abandonei a SI.

— E estou viva — sussurrei para o mundo. Estava viva e bem. Não, ótima.

Um suave limpar de garganta, rasgou através de mim, mas consegui não saltar nem alterar o passo. Tinha vindo do outro lado da rua e procurei nas sombras até ter descoberto um animalomem musculoso, de jeans e camisa. Passou a semana toda atrás de mim. Era Brett.

Obriguei o maxilar a permanecer fechado e lhe dirigi um aceno respeitoso, recebendo em troca uma continência rápida. Agitando o braço livre, prossegui rua abaixo, atravessando as poças no meu caminho. Brett não me incomodaria. Me ocorreu a possibilidade de estar à procura da estátua — fosse por desejo de confirmar que tinha desaparecido realmente, fosse para tentar comprar a sua volta para boas graças de Walter —, mas não me parecia que fosse isso. Parecia ter optado por se tornar um lobo solitário quando abandonou o boné na ponte de Mackinac e se afastou. Mas, agora, limitava-se a observar. David fez o mesmo durante meses antes de, finalmente, dar a conhecer a sua presença. Quando não se sentiam certos da sua posição hierárquica, os animalomens eram pacientes e desconfiados. Ele viria falar comigo quando estivesse pronto.

E eu me sentia muito bem-humorada para me preocupar com isso. Estava tão contente por estar em casa! Os meus pontos já tinham saído e as cicatrizes eram linhas finas, fáceis de esconder. Os meus passos mancando começavam a desaparecer e, graças à maldição que usei para me transformar em lobo, não tinha qualquer sardas. O ar suave deslizava facilmente para o interior e o exterior dos meus pulmões enquanto andava e me senti atrevida. Atrevida e dura, com as minhas botas feitas por vampiros e o casaco de aviador de Jenks. Tinha na cabeça o boné que Jenks roubei os animalomens da ilha e isso acrescentava um pouco de impertinência. O cara atrás do balcão, na loja da esquina, tinha achado que eu era engraçada.



Passei pelo meu carro, tampado, na garagem aberta e o meu bom humor vacilou. A SI tinha suspenso a minha carta de motorista. Não era justo. Tinha poupado a eles um monte de problemas políticos e será que recebia um obrigado? Não. Tiravam a minha carta de motorista.

Não querendo perder o bom humor, obriguei a testa a se suavizar. A SI tinha anunciado publicamente, na última página da Secção de Anúncios do jornal, que eu estava livre de qualquer suspeita de infração à lei no que dizia respeito às mortes acidentais que tinham ocorrido na ponte. Mas, à porta fechada, um vampiro morto-vivo qualquer tinha me dado um sermão por ter tentado tratar sozinha um artefato assim tão poderoso em vez de entregá-lo à SI. E não recuou até Jenks ter ameaçado lhe cortar as bolas e entregá-los para fazer uma boleadeira⁴⁹ mágica. Temos que adorar amigos destes.

O vampiro morto-vivo não conseguiu que eu confessasse que tinha matado o Peter de propósito e isso deixou-o terrivelmente irritado. Era um cara perigosamente belo, de cabelo branco como a neve e feições aguçadas e, ainda que tivesse andado me rondando a ponto de eu estar pronta para ter um filho dele, não conseguiu me assustar o suficiente para me fazer esquecer que tinha direitos; não depois de ter sobrevivido a Piscary... que não queria saber deles. Toda a rede nacional da SI estava puta comigo, acreditando que a estátua tinha caído da ponte com Nick em vez de lhes ser entregue.

Durante vinte e quatro horas, sem parar, o artefato foi procurado no fundo do estreito. Os locais acharam que eles estavam sendo idiotas, porque a corrente já o teria lançado para o lago Huron pouco depois do reboque cair à água e eu pensei que eram idiotas porque o verdadeiro artefato estava escondido na sala de estar de Jenks. Com a sua posição oficial sendo o que era, a SI não podia me prender mais, com as penalizações acrescentadas devido ao acidente de Peter, podiam me suspender a carta de motorista. As minhas escolhas estavam reduzidas a andar de ônibus durante seis meses ou cerrar os dentes e fazer aulas de motorista. Deus, não. Seria a mais velha da turma.

⁴⁹ Boleadeira: Era lançada nos pés do animal enquanto ele corria, causando-lhe assim a queda e possibilitando ao caçador ir ao local dessa queda e matar o animal.

Com o meu bom humor manchado, subi os degraus para a igreja dois a dois e senti a perna protestar. Abri a pesada porta, deslizei para o interior e inspirei profundamente, apreciando o cheiro da polpa de tomate e do bacon. A massa de pizza já devia estar pronta e o molho de Kisten tinha estado fervendo durante a maior parte do dia. Ele tinha me feito companhia na cozinha, a tarde toda, enquanto eu repunha o stock no armário de amuletos. Até me ajudou a limpar.

Fechei a porta quase sem barulho. Todas as janelas da igreja estavam abertas permitindo a entrada da humidade da noite. Mal podia esperar por ir para o jardim, no dia seguinte, e até tinha algumas sementes que queria experimentar. Ivy tinha rido de mim e da pilha de catálogos de sementes que, apesar da mudança de endereço, tinham descoberto o caminho até mim, mas eu vira ela olhando para um.

Prendendo um caracol perdido atrás da orelha, me perguntei se poderia cometer uma loucura e comprar a embalagem de dez dólares de sementes de orquídeas negras que ela tinha estado namorando. Eram terrivelmente difíceis de encontrar e ainda mais difíceis de cuidar mas, com a ajuda de Jenks, quem sabe?

Tirando as botas molhadas e o casaco, deixei-os junto à porta e avancei em meias através do calmo santuário. O som abafado de um carro passando chegou até mim através das altas janelas de bandeira⁵⁰ por cima dos vitrais. Os *pixies* tinham passado horas limpando a tinta velha e a olear as dobradiças para que eu as pudesse abrir com o pau comprido que encontrei nas escadas para o campanário. Não havia redes, razão pela qual as luzes estavam apagadas. Também não havia *pixies*. A minha mesa de secretária era, uma vez mais, a minha mesa de secretária. *Graças a tudo o que há de mais sagrado.*

A minha atenção pousou-se nos vasos que Jenks deixou em cima da minha mesa de secretária e parei ao descobrir um par de olhos verdes a me fitando de debaixo da cadeira, refletindo a luz. Lentamente, soltei a respiração.

— Maldita gata — sussurrei, pensando que *Rex* ia me matar de susto se não me partisse o coração antes. Me agachei para tentar convencê-la a vir até mim, mas *Rex* não se mexeu, não pestanejou, nem sequer agitou a linda cauda.

⁵⁰ Bandeira: Peça para diminuir a intensidade da luz ou para a desviar para outro plano.

A *Rex* não gostava muito de mim. Gostava da Ivy. Adorava o jardim, o cemitério e os *pixies* que viviam nele, mas não de mim. A pequena bola de pelo cor de laranja dormia na cama de Ivy, ronronava debaixo da sua cadeira durante o pequeno-almoço, para ganhar algumas migalhas, e sentava-se no colo dela, mas limitava-se a me fitar com aqueles olhos grandes que pareciam nunca pestanejar. Não podia deixar de me sentir magoada. Acho que ela ainda estava à espera que eu me transformasse em lobo. O som das vozes de Kisten e Ivy cortou o jazz lento. Puxando o saco de lona mais para cima, me aproximei desajeitadamente de *Rex*, com uma mão estendida.

Ivy e eu estávamos em casa há uma semana e continuávamos todos em um limbo emocional. Três segundos depois da Ivy e eu termos entrado pela porta, Kisten viu os pontos de fio dentário, inspirou fundo e soube o que tinha acontecido. Em um instante, Ivy passou de feliz por estar em casa, para deprimida. O rosto repleto de um vazio doloroso, largou os sacos e saiu de moto, para lhe dar uma “revisão”.

Tanto melhor. Kisten e eu tivemos uma longa e difícil conversa, durante a qual ele lamentou e admirou as minhas novas cicatrizes. Sabia bem que poderia confessar a alguém que Ivy tinha me assustado como o inferno e ainda melhor quando ele concordou que, com o tempo, talvez ela pudesse esquecer o seu próprio medo e tentar encontrar um equilíbrio de sangue comigo.

Desde então, ele voltou à normalidade. Mais ou menos. Havia agora uma ligeira hesitação no seu toque, como se estivesse se contendo para ver se eu pretendia mudar a nossa relação. O infeliz resultado foi o desaparecimento daquela mistura de segurança e perigo que eu tanto amava. Não querendo interferir com algo que Ivy e eu pudéssemos encontrar, ele tinha me deixado encarregada do avanço do nosso relacionamento.

Não gostava de estar encarregada. Gostava da excitação emocionante de ser levada a tomar decisões capazes de se virarem contra mim. Compreender isso mesmo era deprimente. Parecia que Ivy e Jenks tinham razão sobre o fato de eu ser, não só viciada em adrenalina, mas de precisar de uma sensação de perigo para me sentir excitada.

Ao pensar em tal coisa, o meu estado de espírito tornou-se verdadeiramente sombrio; me baixei, ao lado da secretária, de braço estendido para tentar chamar a mim a



gata idiota. Ela esticou o pescoço e cheirou os meus dedos, mas não pôs a cabeça debaixo da minha mão como teria feito com Ivy. Desistindo, me levantei e segui para os fundos da igreja, seguindo o som da voz masculina de Kisten. Inspirei fundo para os chamar e dizer que estava aqui, mas os meus pés imobilizaram-se quando compreendi que estavam falando de mim.

— Bem, você a mordeu — disse Kisten, a voz um misto de ligeira acusação e incitamento.

— Mordi ela — admitiu Ivy, a voz apenas um sussurro.

— E não a ligou a você — continuou.

— Não.

Ouvi a cadeira dela a gemer quando ela mudou de posição, impelida pela culpa.

— Ela quer saber o que se segue — disse Kisten, com uma gargalhada rude. — Raios, eu também quero saber.

— Nada — limitou-se Ivy a dizer. — Não vai voltar a acontecer.

Lambi os lábios, pensando que devia deixar o corredor e voltar a entrar, fazendo mais barulho, mas não consegui me mexer, fitando a madeira gasta da passagem para a sala de estar.

Kisten suspirou.

— Não é justo. Andou atrás dela até ela querer ver as suas cartas; agora se recusa a avançar e ela não pode recuar. Olha para ela — disse, e eu o imaginei apontando para o vazio. — Ela quer encontrar um equilíbrio de sangue. Deus, Ivy, não era isso que queria?

A respiração de Ivy foi rouca.

— Podia ter matado ela! — exclamou, e eu saltei. — Perdi o controle, como sempre, e quase a matei. Ela deixou que o fizesse por confiar em mim — as suas palavras eram agora abafadas. — Compreendeu tudo e não tentou me parar.

— Tem medo — acusou Kisten e os meus olhos abriram-se perante o seu descaramento.

Mas Ivy o aceitou bem e riu sarcasticamente.

— Acha?



— Não — insisti —, você tem medo. Tem medo de encontrar um equilíbrio com o qual ambas possam viver, porque se tentar e falhar, ela pode partir e ficam as duas sem nada.

— Não é isso — disse ela, em um tom monótono e eu acenei. Isso era uma parte, mas não era tudo.

Kisten inclinou-se para frente; ouvi o ranger da cadeira.

— Acha que não merece nada de bom — disse ele e o meu rosto gelou, enquanto eu perguntava se não havia mais na questão do que o que eu pensava. — Tem medo de destruir todas as coisas boas que recebe, por isso vai ficar por esta merda de meia relação em vez de ver até onde pode ir.

— Não é uma meia relação — objetou Ivy.

Ele tocou na verdade, pensei. Mas não é isso o que a mantém em silêncio.

— Comparado com o que poderiam ter, é — disse ele e eu ouvi alguém levantar-se e afastar-se. — Ela é hetero e você não — acrescentou Kisten, e a minha pulsação acelerou. A voz dele chegava agora perto de Ivy. — Ela vê você em um profundo relacionamento platônico e você sabe que mesmo que comece assim, acabará por te iludir e acreditar que é mais profundo. Ela será sua amiga, quando o que quer é uma amante. E, em uma noite qualquer, em um momento de paixão induzida pelo sangue, vai cometer um erro muito concreto e ela vai partir.

— Cala a boca! — gritou ela, e eu ouvi um estalo ou talvez o som da mão de alguém a ser agarrada.

Kisten riu suavemente, terminando a gargalhada com um suspiro de compreensão.

— Desta vez, acertei.

A sua voz líquida, cinzenta com a verdade, me fez arrepiar. *Volta para trás*, disse a eu mesma. *Volta para trás e vai brincar com a gata*. Podia ouvir meu coração batendo no silêncio. Na aparelhagem, a música chegou ao fim.

— Vai voltar a partilhar sangue com ela?

Era uma pergunta suave e hesitante e Ivy inspirou ruidosamente.

— Não posso.



— Se importa que eu o faça?

Oh, Deus. Desta vez, me movi, puxando o saco de lona para próximo de mim. Kisten já tinha o meu corpo. Se partilhássemos o sangue, seria muito para o orgulho de Ivy. Algo se partiria.

— Sacana — disse Ivy, fazendo com que interrompesse a minha retirada.

— Sabe o que sinto por ela — disse ele. — Não me vou afastar por causa dos seus complexos idiotas em relação ao sangue.

Os meus lábios se afastaram perante a sua acusação amarga e a respiração de Ivy silvou.

— Complexos? — disse ela, com veemência. — Misturar o sexo e o consumo de sangue é a única forma que me impedi de perder o controle com alguém que amo, Kisten! Pensei que estava melhor, mas *é óbvio* que não!

O tom da sua voz era amargo e acusatório, mas a voz de Kisten estava rouca com a sua própria frustração.

— Não compreendo, Ivy — disse ele e ouvi-o afastar-se dela. — Nunca compreendi. Sangue é sangue. Amor é amor. Não é uma prostituta se tomar o sangue de alguém de quem não gosta e não é uma prostituta se quiser que alguém que não ama tome o seu sangue.

— É neste ponto que me encontro, Kisten — disse ela. — Não vou tocar nela e você também não.

A minha pulsação martelava e eu ouvi na sua respiração pesada o som de uma antiga discussão que não tinha solução.

— Vale a pena lutar pela Rachel — disse ele suavemente. — Se ela me pedir, não recusarei.

Fechei os olhos, vendo para onde seguia a conversa.

— E porque é um homem — disse Ivy amargamente —, ela não terá qualquer problema quando o sangue se juntar ao sexo, não é?

— Provavelmente, não — a sua voz era confiante e os meus olhos se abriram.

— Maldito seja — sussurrou ela, parecendo desfeita. — Te odeio.

Kisten manteve-se em silêncio durante algum tempo e depois ouvi o som suave de um beijo.

— Me ama.

Com a boca seca, me deixei ficar de pé no corredor, temendo me mover no silêncio que o fim da última música tinha deixado.

— Ivy? — insistiu Kisten. — Não a vou atrair de você, mas também não vou ficar sentado, a fazer de conta que sou uma pedra. Fala com ela. Ela sabe quais são os seus sentimentos e ainda dorme no quarto ao lado do seu, não em um apartamento do outro lado da cidade. Talvez...

Fechei os olhos, no turbilhão de sentimentos conflituosos. A imagem de Ivy e eu a partilharmos um quarto deslizou através de mim, me chocando. A imagem do meu corpo a deslizar entre os lençóis de seda e a me encostar às suas costas, a cheirar o seu cabelo, a senti-la virar-se e a ver o seu sorriso a poucos centímetros do meu. Sabia como os seus olhos estariam meio fechados e pesados do sono, o som suave de boas-vindas com que ela me receberia. *Que diabo estava eu fazendo?*

— Ela é perigosa — disse Kisten —, ousada e a pessoa mais gentil que alguma vez conheci. Ela me disse o que aconteceu, mas não pensa menos de você, ou dela, ainda que as coisas tenham corrido mal.

— Cala a boca — sussurrou Ivy, a dor e a autocensura pesando na sua voz.

— Você abriu a porta — acusou, obrigando-a a enfrentar o que tínhamos feito. — E se não a ajudar a atravessar, ela encontrará quem o faça. Não tenho que te pedir autorização. E, a menos que me diga agora mesmo que um dia vai tentar encontrar um equilíbrio de sangue com ela, eu farei se ela me pedir.

Estremeci, saltando quando um suave roçar na perna me assustou. Era *Rex*, mas eu representei pouco mais para ela do que algo contra o qual se coçar enquanto avançava para a sala de estar, seguindo o som do nervosismo de Ivy.

— Não posso! — exclamou Ivy e eu saltei. — O Piscary... — ela inspirou, roucamente. — O Piscary interferirá e fará com que eu a machuque, até mesmo com que a mate.



— *Isso é uma desculpa — devolveu-lhe. — A verdade é que tem medo.*

Me deixei ficar no corredor, tremendo, sentindo a tensão subindo na divisão que não conseguia ver. Mas a voz de Kisten era mais gentil, agora que a tinha levado a admitir os seus sentimentos.

— Devia lhe dizer isso — continuou ele, suavemente.

Ivy ficou rígida, em parte devido ao medo, em parte devido a uma amarga sensação de diversão.

— Acabei de o fazer. Ela está no corredor.

Inspirei de repente e me endireitei.

— Merda — disse Kisten, a voz assustada. — Rachel?

Endireitando os ombros, levantei o queixo e entrei na cozinha. Kisten correu para o corredor, parando de repente, e a tensão abateu-se sobre mim. A sua estatura esguia, os ombros largos e a minha camisa de seda vermelha preferida enchiam a entrada. Estava de botas e elas ficavam bem a espreitar por baixo dos seus jeans. Senti o peso da pulseira que ele me deu e mexi nela me perguntando se a devia tirar.

— Rachel, não sabia que estavas aí — disse ele, o rosto fechado. — Desculpa. Não é um brinquedo que eu tenha que pedir a Ivy autorização para brincar.

Me deixei ficar de costas para ele, os ombros rígidos enquanto abria o saco de lona e tirava as coisas do seu interior. Deixando o queijo, os cogumelos e o abacaxi onde os coloquei. Me dirigi para a despensa, pendurando o saco de compras em um gancho que preguei no dia anterior. Imagens do confortável quarto de Ivy, do rosto de Kisten, do seu corpo, do toque da sua pele sob os meus dedos, da forma como ele me fazia sentir, tudo correu pela minha mente. Com um andar afetado, me dirigi ao fogão e tirei a tampa do molho. O vapor ergueu-se, o odor do tomate agitando as pontas do meu cabelo. Mexi sem ver, enquanto ele se aproximava de mim, por trás.

— Rachel?

Libertei o ar que tinha nos pulmões e segurei a inspiração seguinte. Eu estava tão confusa.

Suavemente — quase como se não estivesse lá —, Kisten pousou uma mão no meu ombro. A tensão escapou de mim e, sentindo-o, encostou o corpo às minhas costas. Os seus braços me envolveram, me prendendo, e os meus movimentos para mexer a panela cessaram.

— Ela soube assim que eu entrei — disse.

— Provavelmente — sussurrou ele ao meu ouvido.

Me perguntei onde estaria Ivy, se teria ficado na sala de estar ou fugido da igreja, envergonhada por ter necessidades e medos como os restantes. Kisten tirou a colher das minhas mãos, pousando ela entre os bicos do fogão antes de me fazer virar. Ergui os olhos para os dele, nada surpreendida por os ver meio fechados de preocupação. O brilho da luz no teto cintilou na barba de um dia e eu toquei nela porque podia. Os seus braços envolviam a minha cintura e ele me puxou, me encostando mais a ele.

— O que não consegue dizer cara a cara, diz quando sabe que está ouvindo — disse. — É um péssimo hábito que ela ganhou quando fez terapia.

Já tinha percebido isso e acenei com a cabeça.

— Isto é uma confusão — disse, me sentindo infeliz ao olhar por cima do ombro dele para a entrada da cozinha. — Nunca deveria...

As minhas palavras foram interrompidas quando Kisten me puxou para mais perto. Com os braços à volta da cintura dele, pousei a cabeça no peito dele e inspirei profundamente o cheiro a couro e seda, relaxando.

— Sim — sussurrou ele. — Devia — ele me afastou até conseguir ver os meus olhos. — Não te pedirei — disse, com honestidade. — Mas, se acontecer, aconteceu. Gosto das coisas como estão — a sua expressão tornou-se matreira. — Gostaria mais se as coisas mudassem mas, quando a mudança é muito rápida, os fortes quebram.

Com os olhos presos na entrada, me deixei ficar de pé, o abraçando, sem o querer largar. Podia ouvir Ivy na sala de estar, tentando encontrar forma de fazer uma entrada elegante. O calor do corpo dele era calmante e segurei a respiração ao pensar nos seus dentes a afundarem-se em mim. Eu sabia exatamente como isso saberia bem. *O que é que eu ia fazer em relação a isso?*

A cabeça de Kisten ergueu-se, um instante antes do repenicar da campainha ecoar através da igreja.

— Eu vou! — gritou Ivy e Kisten e eu nos afastámos antes das botas dela deslizarem suavemente pelo corredor. A luz do corredor acendeu-se e eu ouvi o início de uma conversa abafada. Os cogumelos precisavam ser cortados e Kisten juntou-se a mim, enquanto eu lavava as mãos. Lutámos pelo espaço em frente a pia, chocando com os quadris, enquanto ele me empurrava de novo para um melhor estado de espírito.

— Corte eles em ângulo — disse ele, quando eu levei a mão à tábua de corte. Ele enfiou as mãos no saco da farinha, depois bateu-as uma vez por cima da pia, antes de seguir para o balcão central e pegar na bola de massa que tinha deixado crescendo debaixo de um pano de linho.

— Faz alguma diferença? — ainda melancólica, levei as coisas para o outro lado do balcão, de forma que pudesse olhar para ele. — David? — gritei, comendo a primeira fatia do cogumelo. O mais certo era ser ele, já que lhe pedi que viesse.

Kisten emitiu um som abafado e eu sorri. Gostava de o ver ali. Um toque de farinha manchava-lhe a camisa e ele tinha enrolado as mangas, mostrando os braços ligeiramente bronzeados. Vendo ele a lidar suavemente com a massa e a me observar ao mesmo tempo, compreendi que a excitação estava de volta... aquele perigo delicioso. Ele disse a Ivy que não ia me virar as costas; eu estava em terreno perigoso. Outra vez.

Deus me salve. Pensei, irritada. *Será que eu poderia ser ainda mais idiota?* A minha vida era uma enorme confusão. Como é que eu podia estar ali, cortando cogumelos como se tudo estivesse normal? No entanto, comparado com a semana anterior, tudo *estava* normal.

A minha atenção foi desviada quando David entrou na cozinha à frente de Ivy, a sua estatura magra parecendo entroncada perante a elegância esguia dela.

— Olá, David — disse eu, tentando clarear a mente. — Temos lua cheia esta noite.

David acenou, dizendo nada enquanto fitava Kisten que esticava calmamente a massa formando com ela um círculo.

— Não posso ficar — disse, compreendendo que estávamos fazendo o almoço. — Tenho alguns compromissos, mas disse que era urgente? — Ele sorriu a Kisten. — Olá, Kisten. Como vai o barco?

— Ainda flutua — respondeu ele, erguendo as sobrancelhas e fitando o terno caro de David. Este estava trabalhando e vestido para o papel, apesar da sombra de barba que a lua cheia tornava pior.

— Não vai demorar muito — disse eu, cortando o último cogumelo. — Há uma coisa que queria que visse. Encontrei-a durante as férias e queria a sua opinião.

Os olhos dele tornaram-se inquisitivos, mas ele desabotoou o comprido casaco de couro.

— Agora?

— Lua cheia — disse eu, de forma críptica, deslizando os cogumelos cortados para o meu caldeirão para feitiços mais pequeno e afastando a tênue preocupação gerada pelo fato de estar quebrando a segunda regra dos feitiços, ao misturar a preparação de alimentos com a preparação de feitiços, mas aqueles caldeirões tinham o tamanho exato para guardar os ingredientes da pizza. Ivy dirigiu-se silenciosamente ao frigorífico, retirando do seu interior o queijo, o hambúrguer cozinhado e o bacon que tinham sobrado do pequeno-almoço. Tentei cruzar o meu olhar com o dela, para lhe dizer que estava tudo bem, mas ela recusava-se a olhar para mim.

Zangada, pousei rudemente a faca, tendo o cuidado de manter os dedos fora do caminho. *Vampirinha idiota, com medo dos seus sentimentos.*

Kisten suspirou, os olhos presos no disco de massa que tinha lançado ao ar de forma profissional.

— Um dia deste, ainda vou juntar você às duas.

— Não faço trios — disse eu, maliciosa.

David saltou, mas os olhos de Kisten tornaram-se malandros e sonhadores, quando ele apanhou a massa.

— Não era disso que eu estava falando, mas tudo bem.

As faces de Ivy estavam vermelhas e David ficou imóvel percebendo da súbita tensão.

— Hum — disse o animalomem, com o casaco meio despido. — Talvez não seja uma boa hora.

Consegui lhe dirigir um sorriso.

— Não — disse. — Isto são só besteiras normais do dia-a-dia. Já estamos habituados.

David acabou de tirar o casaco, franzindo a sobrancelha.

— Eu não estou — murmurou.

Me dirigi a pia e me inclinei à janela, pensando que David era um bocado puritano.

— Jenks! — gritei para o jardim escuro, repleto de crianças *pixies* que atormentavam as traças. Era lindo e eu quase me perdi nos riscos cintilantes de cor.

O matraquear das asas foi o meu único aviso e eu me afastei quando Jenks atravessou o buraco para *pixies* na rede que cobria a janela.

— David! — chamou, ficando muito bem nas suas roupas de jardinagem, verdes e pretas. Pairando à altura dos olhos, levava para a cozinha o cheiro da terra úmida. — Graças aos sapatinhos vermelhos da Sininho que está aqui — disse ele, erguendo-se mais meio metro quando *Rex* apareceu na entrada, os olhos muito abertos e as orelhas levantadas. — A Matalina está capaz de me arrancar as asas. Tem de tirar aquela coisa da minha sala de estar. Os meus filhos não param de lhe tocar. Fazendo-a se mexer.

Me senti ficando pálida.

— Agora se mexe?

Ivy e Kisten trocaram olhares preocupados e David suspirou, enfiando as mãos nos bolsos como se estivesse tentando divorciar do que estava por vir. Ele não era muito mais velho do que eu mas, naquele momento, parecia o único adulto em uma sala repleta de adolescentes.

— O que é, Rachel? — perguntou, parecendo cansado.

Me sentindo subitamente nervosa, inspirei fundo para lhe dizer, depois mudei de ideia.

— Pode... pode dar uma olhada? — perguntei, me encolhendo.

Jenks posou no parapeito e encostou-se descontraidamente à moldura da janela. Parecia o Brad Pitt transformado em agricultor sexy. Há duas semanas atrás, teria se erguido com as mãos nos quadris. Assim estava melhor e podia explicar o estado de felicidade em que Matalina se encontrava ultimamente.

— Vou pedir aos rapazes que a tragam — disse Jenks, tirando o cabelo dos olhos. — Fiz uma fisga para ela. Não demora senão um instante, David.

Jenks voltou a sair pela janela e, enquanto David fitava o relógio e saltava de um lado para o outro, levantei a janela toda, lutando contra a madeira inchada da chuva. A rede soltou-se com um estalido e o ar ficou, de súbito, muito mais fresco.

— Isto não tem nada que ver com aquela sentinela animalomem ao fundo do quarteirão, não é? — perguntou David, em tom irónico.

Ups. Me virei, os olhos saltando para Ivy, sentada à frente do computador. Eu não lhe disse que Brett andava me seguindo, sabendo que ela teria um ataque. *Como se eu não fosse capaz de lidar com um animalomem que tinha medo de mim?* Certo e trapaceiro, ela estava de sobrancelha franzida.

— Viu ele, hã? — disse eu, virando-lhe as costas e levando o molho a Kisten.

David passou o peso para o outro pé e olhou de relance para Kisten que espalhava uma fina camada de molho sobre a massa, com um ar despreocupado.

— Vi — disse David. — Cheirei ele e quase deixei cair o celular em uma sarjeta quando peguei nele para te ligar e perguntar se queria que eu, hum, lhe pedisse que ele se fosse embora e ele... hum...

Esperei no novo silêncio, interrompido apenas pelos gritos dos *pixies* no jardim. O rosto de David estava vermelho quando ele inclinou a cabeça para trás e passou a mão pela barba rala.

— O quê? — perguntei, desconfiada.

David parecia desconcertado.

— Ele, hum... — depois de um rápido olhar de relance para Ivy, disse de repente — Ele me fez o gesto das orelhas de coelho do outro lado da rua.

Os lábios de Ivy afastaram-se. De olhos muito abertos, pousou o olhar em Kisten, depois em mim.

— Desculpa?

— Vocês sabem — fez o sinal da paz e dobrou os dedos duas vezes em rápida sucessão. — Beijo, beijo? Isso não é uma coisa... de vampiros?

Kisten riu, o som suave fazendo com que me sentisse muito melhor.

— Rachel — disse, espalhando o queijo por cima do molho. — O que é que lhe fez para levá-lo a deixar a matilha e vir atrás de você até aqui? Me parece que ele está tentando se insinuar na sua matilha.

— O Brett não veio embora. Acho que o expulsaram — disse, depois hesitei. — Também sabia que ele estava aí? — perguntei, e ele encolheu os ombros, comendo um pedaço de bacon. Comi também um pedaço, pensando que talvez Brett estivesse à procura de uma nova matilha. Eu tinha lhe salvado a vida. Mais ou menos.

Jenks entrou pela janela aberta, voando em círculos à volta de *Rex* até a gata miar de irritação. Rindo, Jenks conduziu-a para o corredor, enquanto cinco dos seus filhos pairavam sobre o parapeito, segurando o que parecia um par de cuequinhas de renda pretas, no interior das quais estava a estátua.

— Isso é meu! — guinchou Ivy, levantando-se e correndo para a pia. — Jenks!

Os *pixies* espalharam-se. A estátua envolta em seda preta lhe caiu nas mãos.

— Isto é meu! — repetiu, vermelha de raiva e embaraço, enquanto as libertava da estátua e metia no bolso. — Raios, Jenks! Fica longe do meu quarto!

Jenks voou para a cozinha, logo abaixo do teto. *Rex* avançava mesmo por baixo dele, os seus passos leves e os olhos brilhantes.

— Ai, caramba! — exclamou, voando em círculos à volta de Ivy e envolvendo-a em uma fita de ouro cintilante. — Como é que as suas calcinhas foram para na minha sala de estar?

Matalina entrou voando, o seu vestido de seda verde esvoaçante e os olhos apologeticos. Jenks juntou-se a ela imediatamente. Não sei se seria a alegria de voltar para Matalina ou o tempo que passou com tamanho de gente, mas estava muito mais rápido.

Com ela estava Jhan, um *pixy* sério e introvertido, que tinha sido recentemente libertado dos seus deveres de sentinela para aprender a ler. Eu nem queria pensar no porquê.

Ivy pousou a nova estátua no balcão ao lado da pizz, claramente ofendida quando recuou e se foi sentar, amuada, na cadeira, as botas sobre a mesa e os tornozelos cruzados. David aproximou-se e, desta vez, não fui capaz de evitar um estremecimento. Jenks tinha razão. Tinha-se mexido outra vez.

— Deus do céu — disse David, dobrando-se para colocar os olhos ao nível da estátua. — O que é isto?

Dobrei os joelhos, me agachando para ficar à altura dele, a estátua entre ambos. Não parecia o mesmo animal esculpido que eu guardei na mala de Jenks. Quanto mais nos aproximávamos da lua cheia, mais se parecia com a estátua original, até que, agora, estava idêntica com exceção do brilho de mercúrio que pairava logo acima da superfície, como uma aura.

Ivy estava limpando os dedos às calças e parou quando se percebeu da minha atenção sobre eles. Não a podia culpar. Aquela coisa me dava arrepios.

Kisten acrescentou o que restava da carne, afastando a pizza e pousando os cotovelos no balcão, uma expressão estranha estampada no rosto enquanto a fitava pela primeira vez.

— Tem de ser a coisa mais horrível em toda a criação — disse, tocando no lóbulo rasgado, em uma demonstração inconsciente de desconforto.

Matalina acenou, uma expressão melancólica no rosto belo.

— Isso não vai voltar a entrar na minha casa — disse, a voz límpida e determinada. — Não vai. Jenks, te amo, mas se isso voltar lá para casa, me mudo para a secretária e pode ir dormir com a sua libelinha.

Jenks dobrou-se sobre si mesmo, emitindo sons que deveriam servir para a acalmar e eu respondi ao olhar da pequena mulher com um sorriso. Se tudo corresse bem, David ia tirar aquilo das nossas mãos.

— David — disse, me endireitando.

— Hum, hum... — murmurou, sem afastar os olhos da estátua.

— Já ouviu falar na estátua?

Diante daquelas palavras, uma expressão de medo passou pelas suas feições rudes, me deixando preocupada. Avançando um passo, deslizei a pedra com a pizza de cima do balcão.

— Não podia entregá-la — disse, abrindo a porta do forno e semicerrando os olhos perante o calor que me fez esvoaçar o cabelo. — Os vampiros iam mata-la. Que tipo de agente seria eu, se permitisse que fossem aniquilados dessa maneira?

— Por isso, trouxe para cá? — gaguejou ele. — A estátua? Para Cincinnati?!

Deslizei a pedra para o forno e fechei, me inclinando de forma que aproveitasse o calor que se escapava através da porta fechada. A respiração de David era fraca e o cheiro almiscarado aumentou de intensidade.

— Rachel — disse ele, de olhos fixos na estátua. — Sabe o que isto é, certo? Quer dizer... Meu Deus, é real — com a tensão a repuxar o seu corpo pequeno, ele endireitou-se. A sua atenção saltou para Kisten, sério atrás do balcão, para Jenks ao lado de Matalina, para Ivy, que fazia estalar uma unha no rebite das botas. — Você é que a tem? — disse ele, parecendo estar em pânico. — É sua?

Enfiando os dedos pelo meio do cabelo na nuca, acenei.

— Eu, hum, suponho que sim.

Kisten lançou-se para frente.

— Ups — disse, esticando os braços. — Ele vai cair!

— David! — exclamei, quando os joelhos do homem baixo cederam.

Me lancei na sua direção, mas Kisten já tinha passado um braço por baixo dos ombros dele. Enquanto Ivy mexia no rebite da bota com a unha em um gesto de fingida despreocupação, Kisten sentou-o em uma cadeira. Eu desviei o vampiro do caminho e me ajoelhei.

— David? — perguntei, lhe dando umas palmadinhas no rosto. — David?

Os olhos dele pestanejaram de seguida.

— Eu estou bem — disse ele, me afastando, mesmo antes de recuperar por inteiro a consciência. — Eu estou bem! — inspirando fundo, abriu os olhos. Tinha os lábios



apertados e era óbvio que se sentia descontente consigo mesmo. — Onde... é que a arranjou? — perguntou, a cabeça baixa.

— As histórias dizem que está amaldiçoada. Se não tiver sido um presente, está amaldiçoada.

— Não acredito em maldições... dessas — disse Ivy.

O medo deslizou através de mim. Eu acreditava em maldições; o Nick tinha a roubado: o Nick caiu da ponte de Mackinac. *Não, ele saltou.*

— Me foi enviada — disse. — Todos os que o sabiam pensam que caiu da ponte. Ninguém sabe que a tenho.

Dito aquilo, David endireitou-se.

— Só aquele solitário lá fora — disse, mudando a posição dos pés, mas permanecendo sentado. Olhou de relance para Kisten, que estava junto a pia, lavando os caldeirões como se tudo aquilo fosse normal.

— Ele não sabe — disse eu, me encolhendo quando Ivy se levantou para acertar o temporizador do forno. *Raios, tinha me esquecido, outra vez.*

— Acho que o Kisten tem razão ao dizer que ele deve estar tentando entrar na nossa matilha, já que lhe dei uma tarefa.

Franzi a sobrelance, não acreditando que estivesse tentando sacar informação e que voltasse para o Walter depois do insulto que representou ser relegado para a matilha da gangue de rua.

Acenando, o olhar de David voltou a estátua.

— Fui notificado de que ganhou mais um desafio alfa — disse, sendo óbvio que estava distraído. — Tudo bem?

Jenks ergueu-se da mesa, largando centelhas luminosas à minha volta e atraindo Rex para os meus pés, quando pousou no meu ombro.

— Ela se saiu lindamente! — disse, ignorando a pequena gata. — Devias tê-la visto. A Rachel usou o encantamento para se transformar. Ficou com o tamanho de um lobo normal, mas com pelo como o de um setter — ergueu-se no ar, dirigindo-se para Ivy. —

Era um *cachorrinho tão fofo* — cantarolou, na segurança do ombro de Ivy. — Orelhas macias e peludas... pequenas patas pretas.

— Cala a boca, Jenks.

— E a cauda mais *fofa* que alguma vez se viu em uma bruxa!

— Fecha a matraca! — disse, me lançando a ele. Lutar com Pam não tinha sido uma prova justa e eu me perguntei quem teria inscrito a minha vitória no registo animalomem. Talvez o Brett?

Rindo, Jenks ergueu-se no ar, para fora do meu alcance. Ivy sorriu ligeiramente, não se movendo se não para pousar os pés no chão onde pertenciam. Ela parecia sentir orgulho em mim, pensei eu.

— Um lobo vermelho — murmurou David, como se fosse curioso, mas não importante. Tinha puxado a cadeira até à mesa e levava a mão à estátua. Sustendo a respiração, tocou-lhe e o osso gravado cedeu sob a pressão como um balão. Prontamente, David recuou, emitindo um som estranho.

Nervosa, me sentei no canto da mesa, a estátua entre nós.

— Quando transferi a maldição para ela, parecia-se com um animal esculpido, mas a cada dia que passava foi ficando mais parecida com o artefato que eu encontrei e agora é este o seu aspecto. Outra vez.

David lambeu os lábios, afastando a atenção da estátua para os meus olhos, por um breve segundo, e fixando-a de novo na estátua. Algo tinha mudado nele. O medo tinha desaparecido. Não era avareza o que via no seu olhar, mas espanto. Os seus dedos pairaram junto à estátua, a poucos centímetros de lhe tocar e ele tremeu.

Aquilo era o suficiente para mim. Olhei para Ivy e, quando ela acenou, fitei Jenks. Este erguia-se ao lado do Sr. Peixe e do seu tanque de artémias no parapeito da janela, os calcanhares cruzados e os braços sobre o peito, mas eu continuava a vê-lo com um metro e noventa e três. Sentindo o meu olhar sobre ele, acenou.

— Toma conta dela por mim? — perguntei.

David afastou a mão, em um gesto repentino, e virou-se na cadeira.

— Eu? Porquê eu?

Jenks ergueu-se suavemente no ar, em um matraquear de asas, e aterrou ao lado da estátua.

— Porque se eu não tiro essa porcaria da minha sala de estar, a Matalina vai me deixar.

Ergui as sobrancelhas e Ivy riu. Matalina quase tinha prendido Jenks contra a lata da farinha quando regressámos a casa, chorando e rindo por o ter de novo em casa. Tinha sido tão difícil para ela, tão difícil. Nunca mais lhe pediria para viajar.

— É o único animalomem em quem confio para guarda-lo — disse. — Pelas santas alminhas, David, sou a sua alfa. A quem mais o haveria de dar?

David olhou para a estátua, depois para mim.

— Rachel, não posso. É muito.

Enervada, puxei a cadeira para junto da dele.

— Não é um presente. É um fardo — reunindo a coragem, puxei a estátua para mais perto. — Uma coisa assim tão poderosa não pode voltar a desaparecer uma vez revelada — disse, fitando as suas feias curvas. Pensei ter visto uma lágrima no seu olho, mas não tive certeza. — Mesmo que o fato de o aceitar signifique que tudo aquilo que me é querido pode ir pelo cano abaixo. Se o ignorarmos vai acabar por nos dar uma mordida no traseiro; por outro lado, se o enfrentarmos talvez possamos acabar melhor do que quando começamos.

Kisten riu e, à frente do computador, Ivy ficou gelada. Pela sua expressão, subitamente séria, compreendi que o que tinha dito também se podia aplicar a nós as duas. Tentei cruzar o meu olhar com o dela, mas ela recusava-se a levantar os olhos do computador, mexendo no mesmo rebite das botas. Pelo canto do olho, vi as asas de Jenks baixarem, enquanto ele nos observava.

Ignorando tudo aquilo, David fitava a estátua.

— Tudo bem — disse, sem lhe tocar. — Eu... eu fico com ela, mas é sua — tinha os olhos castanhos muito abertos e os ombros tensos. — Não é minha.

— Combinado.

Feliz por me ter visto livre da estátua, inspirei de contentamento. Também Jenks suspirou. Matalina não tinha ficado nada feliz com a ideia de a guardar na sala de estar. Era como trazer um peixe espada empalhado das férias. Ou talvez a cabeça de um alce.

A pizza estava fazendo uma bolha no meio e Kisten abriu o fogão para espetar um palito na massa e libertar o ar quente que estava se formando por baixo. O odor do molho de tomate e do pepperoni jorrou para o exterior, cheirando a segurança e felicidade. A minha tensão suavizou-se e David pegou na estátua.

— Eu, hum, acho que vou levar isto para casa, antes de terminar os meus afazeres — disse ele, sentindo o seu peso. — Parece... Raios, é como se eu pudesse fazer qualquer coisa.

Ivy pousou os pés no chão e levantou-se.

— Desde que não comece uma guerra — resmungou, dirigindo-se para o corredor. — Tenho uma caixa onde a pode guardar.

David voltou a pousar a estátua na mesa.

— Obrigado.

Com o rosto tenso de preocupação, puxou a estátua para mais perto, em uma demonstração de posse; não de ganância, mas de proteção. Um sorriso abriu-se no rosto de Kisten, que viu o mesmo.

— Você, hum, tem a certeza de que os vampiros não vêm atrás disto? — perguntou o homem baixo e Kisten agarrou em uma cadeira, sentando-se nela ao contrário.

— Ninguém sabe que a tem e, desde que não comece a reunir animalomens à sua volta, ninguém saberá — disse o vampiro, pousando os braços nas costas da cadeira. — O único que poderia ficar sabendo alguma coisa é Piscary — olhou de relance para o corredor vazio. — Através da Ivy — disse baixinho. — Mas ela é muito reservada com os seus pensamentos. Ele teria de vasculhar a sua mente — o olhar de Kisten ficou preocupado.

— Ele não tem qualquer razão para pensar que reapareceu, mas as notícias espalham-se.

David enfiou as mãos nos bolsos.

— Talvez o deva guardar na areia do gato.

— Tem um gato? — perguntei. — Te imaginava mais um amante de cães.

O olhar dele percorreu a cozinha quando Ivy entrou e pousou uma pequena caixa de cartão sobre a mesa. Jenks aterrou sobre ela e começou a puxar a fita que a segurava.

— Pertencia a uma antiga namorada — disse David. — Quer?

Ivy afastou Jenks, para ser ela a abrir a caixa, depois mudou de ideia.

— Não — disse, enquanto se sentava e obrigava as mãos a pousarem-se no colo. — Quer a nossa?

— Hei! — gritou Jenks, ao mesmo tempo que a fita cedia e ele era lançado para trás por causa do impulso. — A *Rex* é a minha gata. Parem de tentar dar ela.

— Sua? — disse David, surpreendido. — Pensei que era da Rachel.

Envergonhada, encolhi apenas um ombro.

— Ela não gosta de mim — disse, fingindo verificar como estava a pizza.

Jenks aterrou no meu ombro numa suave demonstração de apoio.

— Acho que ela está à espera que te volte a se transformar em lobo, Rachel — brincou.

Me preparei para o enxotar, depois parei. A memória da forma como ele me tratou quando era grande deslizou por mim e eu me limite a emitir um suave “Hum”.

— Já viu como é que ela olha para mim? — perguntei, me virando e vendo que ela estava fazendo nesse preciso momento. — Vê? — disse, apontando para ela, junto à entrada, as orelhas erguidas e uma expressão curiosa e assustada no seu doce focinho de gatinha.

David puxou o lenço que estava preso no colarinho do casaco comprido e envolveu nele a estátua.

— Devia tomá-la como sua familiar — disse. — Depois, passa a gostar de você.

— Nem mais uma ideia de fada! — gritou Jenks, as asas, um borrão enquanto segurava a caixa aberta para David. — A Rachel não vai puxar a eternidade através da *Rex*. Fritava-lhe o pequeno cérebro de gatinha.



Talvez fosse uma melhoria, pensei amargamente.

— Não é assim que funciona. Ela tem que me escolher. Além disso, ele tem razão. O mais certo era fritar-lhe o pequeno cérebro de gatinha. Fritei o do Nick.

David estremeceu. Toda a cozinha pareceu ficar imóvel e eu fitei Ivy e Kisten, preocupada.

— Tudo bem? — perguntei quando eles me responderam com um olhar igualmente vazio.

— A lua acabou de nascer — disse David, passando a mão pela rala barba escura.

— Está cheia. Desculpa. Às vezes, é difícil. Estou bem.

Olhei-o de cima a baixo, pensando que parecia diferente. Tinha uma graça mais suave, uma nova tensão, como se pudesse ouvir o relógio antes dele bater. Abri com um gesto repentino a gaveta em busca do cortador de pizza, vasculhando por entre os utensílios.

— Tem certeza de que não quer ficar para almoçar? — perguntei.

Ouvi o deslizar das unhas da gata no linóleo, depois David arquejou.

— Oh, meu Deus — murmurou ao mesmo tempo que libertava o ar.

— Olhem para isto!

— Ai, caramba! — exclamou Jenks e Ivy inspirou de forma audível

Me virei de cortador de pizza na mão. As minhas sobrancelhas ergueram-se e eu pestanejei.

— Uau!

O objeto amaldiçoado tinha ficado todo ele prateado, maleável como se fosse líquido. Agora, parecia-se inteiramente com um lobo, os lábios afastados do focinho e a saliva prateada pingando, fundindo-se com o pelo na base. E era ela. De alguma forma, eu soube. Fui percorrida por um arrepio quando pensei que talvez estivesse ouvindo qualquer coisa, mas sem ter a certeza.

— Sabe que mais? — disse, a voz tremendo enquanto olhava para o objeto, dentro da caixa, amparado pelo lenço de David. — Pode ficar com ele. Não o quero de volta. É sério.

David engoliu em seco.

— Rachel, somos amigos e tudo isso, mas não. Nem pense que vou levar essa coisa para o meu apartamento.

— Isso não vai voltar para a minha casa! — disse Jenks. — Nem pensar! Ouçam-no! Me faz doer os dentes. Já tenho de passar pelo inferno uma vez por mês com vinte e três mulheres, não vou aturar isso de uma estátua animalomem esquisita a cada lua cheia. Rachel, tampa isso ou assim. Pelos tampões da Sininho, não conseguem ouvir isso?

Peguei na caixa e senti os pelos dos braços eriçarem-se. Controlando um arrepio, abri o congelador e enfiei-a entre as waffles queimadas pelo frio e um pão de banana que sabia a aspargos, que a minha mãe me ofereceu. O freezer era de aço inoxidável. Talvez ajudasse.

O telefone tocou e Ivy levantou-se de um salto, dirigindo-se para a sala de estar, enquanto Jenks pairava por cima da pia, soltando centelhas vermelhas.

— Melhor? — perguntei quando fechei o freezer e ele espirrou, acenando enquanto as últimas centelhas caíam.

Ivy apareceu na entrada com o telefone na mão, os olhos negros e obviamente irritada tendo em consideração a postura tensa.

— O que é que quer, idiota?

Nick.

Jenks subiu quase um metro no ar. Eu tinha a certeza de que os meus olhos estavam cheios de pena, mas Jenks abanou a cabeça não querendo falar com o filho. O fato de Nick ter convencido o filho dele a dedicar-se a uma vida de crime era muito pior do que qualquer coisa que alguma vez me tivesse feito.

Sem saber o que estava sentindo, estendi a mão. Ivy hesitou e eu semicerrei os olhos. Sorrindo, ela bateu com o telefone na palma da minha mão.

— Se ele vier aqui, eu o mato — murmurou. — Estou falando sério. Levo ele até Mackinaw e o atiro da ponte, é sério.

— Tira uma senha — disse, quando ela se sentou no seu lugar à frente do computador. Limpando a garganta, encostei o telefone ao ouvido. — Olá-á-á-á, Nick —

disse eu, carregando no “k”. — É o maior idiota do mundo pelo que fez ao Jax. Se alguma vez voltar a mostrar esse rosto magro em Cincinnati, vou te enfiar um cabo de vassoura no traseiro e pegar-lhe fogo. Percebeu?

— Rachel — disse ele, soando aterrorizado. — Não é verdade!

Olhei de relance para o freezer tampando o receptor do telefone com a mão.

— Ele diz que ficou com o falso — disse, rindo. Kisten fungou e, me sentindo de súbito arrogante, voltei de novo à atenção para Nick. — O que foi? — disse, com a voz leve e floreada. — A sua estátua não ficou prateada, Nick, queri-i-i-i-ido?

— Sabe muito bem que não — disse, com voz rouca. — Não se meta comigo, Rachel. Preciso dela. *Mereço-a*. Prometi...

— Nick — disse, calmamente, mas ele continuava a falar. — Nick! — disse mais alto. — Me escuta.

Por fim, se fez silêncio, com exceção dos silvos e zumbidos da linha. Olhei para a cozinha, quente com o cheiro da pizza e a companhia dos meus amigos. A nova fotografia, minha e de Jenks, que eu preendi no freezer me chamou a atenção. Ele tinha o braço por cima do meu ombro e ambos tínhamos os olhos semicerrados por causa do sol. Ivy não estava nela, mas a tinha tirado e a sua presença era tão forte como a da ponte atrás de nós. A fotografia parecia dizer tudo.

Eu vivia em uma igreja com *pixies* e uma vampira que queria me morder, mas tinha medo de fazê-lo. Namorava com o seu antigo namorado que, muito provavelmente, ia passar todo o seu tempo livre tentando me convencer que ele era uma melhor escolha, quando não estava tentando nos envolver em um *ménage à trois*. E sim, eu era a alfa de uma matilha; a única maldição que permitia me transformar em animalomem era negra, mas isso não significava que eu a fosse usar. Ninguém sabia que eu tinha um artefato no freezer capaz de desencadear uma guerra de poder entre vampiros e animalomens. A minha alma estava coberta de escuridão por ter salvado o mundo, mas eu tinha cem anos para me ver livre dela. Nick até podia ser mais esperto do que eu, e depois? Eu tinha amigos. Bons amigos.

— Apanhado, querido — disse para o receptor do telefone. — Perdeu.



Apertei o botão para desligar a chamada no meio dos seus protestos. Lançando o telefone para Ivy, sorri.

Fim

A série The Hollows continua em... FOR A FEW DEMONS MORE



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



☺ *All Creatures of the night get together After dark* ☺